

O ARCHIVO

O ARCHIVO; JORNAL SCIENTÍFICO E LITTERÁRIO. MARANHÃO, TYPOGRAPHIA
MARANHENSE, 1846.

VOL. I - 28 FEV. - DEZ. 1846 - Ns. 1-9

A COLEÇÃO INCLUI:

- ÍNDICE (VOL. I - NS. 1-9)

OBSERVAÇÃO:

- O ORIGINAL APRESENTA PÁGINAS MUTILADAS, MANCHADAS E/OU ILEGÍVEIS.
- O ÍNDICE FOI MICROFILMADO TAMBÉM À FRENTE DO ORIGINAL PARA FACILITAR A PESQUISA.

INDICE.

LITTERATURA.

Introdução.	Pag. 4
Uma Carta d'Uma amante.	2
Agapito. (Fragmentos d'um romance inedito).	3
Um Trecho da Historia do Consulado e do Imperto.	6
M. de Lamartine.	7
Canção de Bug-Jargal (Poesia).	8
A Doida.	9
Revista Dramatica.—A Torre de Nesle.	11
A Empada d'Arenques.	13
Bulletim Bibliographico.	15

SCIENCIAS.

Novos Trabalhos de M. Milne-Edwards.	17
Theoria da visão por M. Sturm.	19
Revista Therapeutica.	19 20
Telegrapho-Elctrico.	21
Variedades.	23

INDICE.

Os seus olhos — (Poesia)	Pag 25
A Filha da Rainha.	26
M. de Lamartine.	36
Agapito.	38
Influencia da Lua	40
A Minha Vida — (Poesia)	42
Revista Dramatica — (D. João de Marana)	42
Variedades.	48

INDICE.

A Escrava (Poesia).....	Pag	49
O Irmão e a irmã.....	.	50
Pensamentos da manhã (Poesia).....	.	53
M. de Lamartine.....	.	55
Emprestimos Publicos.....	.	58
A Torre de Verdum.....	.	61
Variedades.....	.	67

INDICE.

O Irmão e a irmã.....	Pg.	69
Os tumulos—Meditação (Poesia).....	.	75
Emprestimos publicos.....	.	76
Retrato (Poesia).....	.	79
Ao Rouxinol—VI Harmonia (Poesia).....	.	80
A Torre de Verdum.....	.	81
M. de Lamartine.....	.	85
Variedades.....	.	88

INDICE.

Litteratura contemporanea—Russia.....	Pg.	89
Amor e Saudade (Poesia).....	•	91
A pobreza.....	•	92
O somnambulo (Poesia).....	•	94
O atheo e o homem religioso.....	•	95
A Breschelle.....	•	98
Biographia—M. A. Thierry.....	•	101
Odessa.....	•	104
O Lago da fada.....	•	105
Variedades.....	•	108

INDICE.

Te-Deum (Poesia).....	Pag.	109
Litteratura Contemporanea—Russia.....	”	”
O papel que fez a Grecia no desenvolvimento da humanidade.....	”	111
Recordações (Poesia).....	”	114
Tres victimas d'uma imprudencia.....	”	115
A maior ou menor sabida dos productos &.....	”	117
Os tumulos campestres (Poesia).....	”	119
Nisita.....	”	121
Catalogo dos Capitães-Móres &.....	”	125



ERRATA.

Apesar do cuidado e vigilancia, que sempre temos empregado para que o nosso jornal saia puro de erros, não nos tem sido possível; pela pouca importancia das erratas, e confiados na illustração dos nossos leitores temo-nos omitido do trabalho de accusal-as; porém como algumas mais importantes, e que podem por ventura alterar o sentido da oração, appareceram no n.º 5, aqui as apresentamos.

Pag.	Colun.	Linh.	Erros.	Emendas.
99	2	11	Unicamente	nimiamente
100	1	33	valor	salão
101	1	26	com mi—	com miaba
”	2	18	conralecêdes	convalecerdes.
”	2	50	monstruosas	monotonas
102	1	9	exaurido	exaurida
”	”	29	alma	grande alma.
”	2	13	erma	uma
103	”	42	susceptibilidade	sensibilidade.
104	1	2	M. Ampera	M. Ampère.
”	”	31 e 35	meu	seu
”	”	54	entes	entes inuteis.
”	2	8	sciencia, historias,	sciencias, historia, poesia
”	”	”	poesias	”

INDICE.

Destino das cidades.....	Pag. 129
A salvação de uma mãe ou a ultima hora de Fort-Royal.....	„ 131
Meditação—A saudade (Poesia).....	„ 136
Um episodio da Historia da Inquisição.....	„ 137
Recordações da Infancia (Poesia).....	„ 145
Ella (Poesia).....	„ 146
Biographia—Mr. Agostinho Thierry.....	„ 147
Variedades.....	„ 148

INDICE.

Destino das Cidades.	Pag. 149
Memorias d'Agapito.	„ 151
O Amor hymno (Poesia)	„ 155
Nisida	„ 157
Biographia—M. de Chateaubriand.	„ 161
Tyro.	„ 164
Costumes corsegos.	„ 166
Variedades	„ 168



INDICE.

Nisida. ... <i>(esta concluiu)</i>	Pag.	169
O outono. Meditação de Lamartine (Poesia)	"	176
Desenvolvimento litterario	"	177
Itamirim e Zilia. Ballada (Poesia)	"	179
Velleda	"	182
Costumes Corsegos	"	185
Biographia. Mr. Agostinho Thierry .. <i>(esta concluiu)</i>	"	186
Variedades	"	188



Por inconvenientes da Typographia não pôde o n.º 9 sahir no devido tempo, pelo que esperamos desculpa dos nossos assignantes:



*W. ... collega Domingos ...
Henriques Leal*



O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

FEVEREIRO 28—1846.—VOLUME 1.º—N. 1.



COLLABORADORES.

Illms. Snrs.

- Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
- A. Curcino Benjamin.
- Dr. A. Carneiro H. de Sauto Maior.
- Dr. A. Gonçalves Dias.
- A. Henriques Leal.
- A. R. de Torres Bandeira.
- Dr. Antonio Rego.
- A. C. dos Reis Raiol.
- A. Frederico Colin.

Illms. Snrs.

- Dr. F. José Corrêa.
- Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
- J. Tell Ferrão.
- J. J. Ferreira Valle.
- L. A. Vieira da Silva.
- M. Benicio Fontenelle.
- Dr. F. A. de Carvalho Reis.
- Dr. R. J. Faria de Mattos.
- R. Augusto Colin.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO, CASA N.º 40.

IMPRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

*Para o volume no n.º 92
(a ser o volume de ... e as biografias
de ... e Chateaubriand.)*

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros funcionarios.

Presidente—Ilm. Sr. Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.

Secretario— " " Augusto Frederico Colin.

" " Luiz Antonio Vieira da Silva.

Commissão Revisora } " " Augusto Cesar dos Reis Raiol.

" " Antonio Henriques Leal.

Thesoureiro " " Joze Tell Ferrão.

Editor " " Roberto Augusto Colin.

Membros effectivos.

Ilm. Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Ilm. Sr. Dr. Antonio Rego.

Membros Honorarios.

Ilms. Srs.

Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.

Dr. Antonio Carneiro Homem de Sento Maior.

Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreo.

Dr. Ayres de Vasconcellos Cardoso, Homem.

Tenente Coronel Fernando Luz Ferreira.

Dr. Francisco Joze Furtado.

Dr. Frederico Joze Correa.

Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.

Dr. Isidoro Emilio Baptista.

Ilms. Srs.

Dezembargador João Canhido de Deus e Silva.

Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.

Dr. Joze Ricardo Jandret.

Geney Luiz Barroso de Bastos.

Dr. Manuel Jansen Pereira.

Dr. Pedro Nunes Leal.

Dr. Raymundo Joze Faria de Maltos.

Dr. Tiberio Cesar de Lemos.

Membros Correspondentes.

Ilms. Srs.

Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

Alvaro Duarte Godinho.

André Carcino Benjamin.

Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.

Antonio Bangel de Torres Bandeira.

Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova.

Cypriano Fénelon Guedes Alcanforado.

Estevão d'Abuquerque e Mello Monteuegro.

Joze Pedro dos Santos.

Ilms. Srs.

Joaquim Correia de Magalhães.

Joze Joaquim Ferreira Valle.

Padre Manuel Altino Barbosa.

Padre Manuel José da Motta.

Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogéa.

Dr. Pedro Joze d'Abreo.

Raymundo Joze de Souza Gayoso.

Thomaz Ferreira Guterres.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros funcionarios.

Presidente—	Ilm. Snr. Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.
Secretario—	„ „ Augusto Frederico Colin.
Commissão Revisora	„ „ Luiz Antonio Vieira da Silva.
	„ „ Augusto Cesar dos Reis Roló.
	„ „ Antonio Henriques Leal.
Thesoureiro	„ „ Joze Tel Ferrão.
Editor	„ „ Roberto Augusto Colin.

Membros effectivos.

Ilm. Snr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Ilm. Snr. Dr. Antonio Rego.

Membros Honorarios.

Ilms. Snrs.

Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.
Dr. Antonio Carneiro Homem de Sento Maior.
Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreo.
Dr. Avres de Vasconcellos Cardoso, Homem.
Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira.
Dr. Francisco Joze Furtado.
Dr. Frederico Joze Correa.
Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.
Dr. Isidoro Emilio Baptista.

Ilms. Snrs.

Dezembargador João Canhido de Deus e Silva.
Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
Dr. Joze Ricardo Jauffret.
Coneg. Luiz Barroso de Bastos.
Dr. Manuel Jansen Pereira.
Dr. Pedro Nunes Leal.
Dr. Raymundo Joze Faria de Maltos.
Dr. Tiberio Cesar de Lemes.

Membros Correspondentes.

Ilms. Snrs.

Capitão Alexandre d'Araujo Costa.
Alvaro Duarte Godinho.
André Curcio Benjamin.
Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.
Antonio Bangel de Torres Bandeira.
Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova.
Cypriano Fénelon Guedes Alcanforado.
Estevão d'Albuquerque e Mello Montenegro.
João Pedro dos Santos.

Ilms. Snrs.

Joaquim Correa de Magalhães.
Joze Joaquim Ferreira Valle.
Padre Manuel Altino Barbosa.
Padre Manuel José da Motta.
Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogéa.
Dr. Pedro Joze d'Abreo.
Raymundo Joze de Souza Gayoso.
Thomaz Ferreira Guterres.



PARANÁ

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

PUBLICADO PELA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

N.º 1.

28 de Fevereiro.

1.º Vol.

INTRODUÇÃO.

— A ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE— esta empresa de alguns mancebos corajosos, que affrontando obstaculos e difficuldades, tentáram espalhar pela massa dos seus comprouvianos — não a instrucção, porém o desejo de instruir-se; não a sciencia, porém o amor d'ella— conta em fim um anno de vida. Um anno de vida!... é muito; é por ventura mais do que nos atreveremos a esperar: é muito no albor da idade, que de cada novo sol, que nasce, enthesoura um novo principio de vida, — é muito para mancebos que em tal senda se aventuráram sem outro norte do que seus bons desejos, — é muito para uma obra, que, desde o seu começo, parecia de uma duração tam ephemera, e de uma existencia tam precaria.

A idéa que presidio á redacção deste Jornal foi util e foi grande; por isso tem ella careado os votos de todos os homens de boa vontade; — por isso tem ella prosperado; porque semelhante ás nossas arvores patrias, que para desenvolverem-se, carecem apenas de ar que as afague, de sol que as restaure — e de espaço por onde possam livremente derramar seus ramos; ella também carecia apenas de abrigo e de protecção: ora protecção tem ella encontrado em todos, e abrigo em toda a parte. Seja-nos pois licito augurar-lhe um longo futuro, e esperar, que o arbusto verdejante de hoje possa ainda tornar-se arvore magestosa e arrogante, que dê flores e fructos, e possa sombrear a gleba fertil, que a vio nascer.

O nosso horisonte de hoje é mais vasto e mais variado; alguns preconceitos, talvez anteriores á esta empresa, emmudeceram e esperam; e nós que sentimos todo o peso da responsabilidade, que a opinião publica tem

suspensa sobre as nossas cabeças — preencheremos as promessas, que já lhe fizemos, e que agora lhe renovamos; — porque em falta de sciencia, sobra-nos a boa vontade — e em falta de genio, marcharemos seguros pelos caminhos da nossa consciencia: — e porque o publico, cada vez mais benevolo e sympathico, nos tem escutado attentamente, e as vezes applaudido aos nossos debeis ensaios — empregaremos todas as nossas forças em lhe captivarmos a attenção — e nos esforçaremos por lhe merecer seus auxilios, senão seus louvores.

Ficis ao nosso primeiro programma, o nosso fim continua a ser—A INSTRUÇÃO E O RECREIO—sómente forcejaremos para offerecer aos nossos leitores instrucção mais solida e recreio mais variado. Augmentámos o volume da nossa folha litteraria — e de ora avante haverá logar nas nossas columnas para todos os artigos de sciencias, quer sejam philosophicas — quer positivas, quer abstractas. — Não faremos dissertações profundas — não faremos descobertas maravilhosas — não nos entranharemos no dedalo das sciencias para lhes desnudarmos os nervos com o escalpello da critica — não innovaremos em uma palavra, porém as nossas ideas serão simplices, as nossas palavras expressivas — e os nossos artigos accommodados a todas as capacidades; — porque, nós o repetimos, nosso fim não é aperfeçoar as sciencias (longe de nós tal arroj) é sim propagar o amor della—o amor do estudo—o amor da instrucção.

E quando chegarmos á este resultado, que oxalá possamos alcançar, cederemos o campo a homens mais atilados — mais instruidos — mais creadores — e descansaremos, da nossa tarefa, porque então se terá realisado o nosso mais ardente desejo.

A. Gonçalves Dias.

LITTERATURA.

UMA CARTA D'UMA AMANTE.

FRAGMENTO.

.... Tudo annunciava a maior miseria no interior d'esta choupana; estavam negras as paredes e em alguns pontos ameaçavam ruína; pendia do tecto uma lampada de ferro que projectava uma luz bassa; eram quatro os que estavam assentados em torno d'um *braseiro* coberto de mato. Cobriam suas cabeças chapéos andaluses e por debaixo dos lenços encarnados que as cingiam, viam-se compridas tranças de cabellos negros; as jalecas justas que trasiã vestidas desenhavam perfeitamente a robustez athletica de que eram dotados; a facha que os cingia mal cobria uma comprida facha metida em sua bainha; e pelas paredes estavam encostadas formidaveis clavinas.

Por S. Procò, Pepé, disse um tirando da boca por um momento o charuto que fumava, está uma noite medonha... que trovões! Santa Carmen, tende compaixão de nós! e ajoelharam-se todos quatro... a profunda inclinação de suas cabeças, e o movimento de seus labios annunciavam que oravam com fervor.

Foi-se afastando pouco a pouco a trovoadã, e pouco depois já se não ouvia mais do que o som longiquo dos trovões repetido pelo echo das montanhas.

Noite medonha, repetio Pepé, os galgos de la Sierra começaram muito cedo a caçar, e nada descobriram por ora... pois pela Virgem, não entra em conta esse *commuero* que degolamos.... Por Nossa Senhora del Pilar! vistes Juan?... como tinha o ar espantado quando Frei Pablo lhe fez beijar o crucifixo em brasa? parece que inda estou ouvindo o som rouco dos seus membros que rangiam com o movimento das nossas serras, e as gargalhadas do frade, pois inda não o tinha ouvido rir tanto depois do ultimo auto de fé... Pela alma do Salvador, nunca igual taboa foi serrada por carapina algum da ilha de Leon!—e grandes gargalhadas retumbaram pela choupana....

Mas neste momento euvem-se na porta duas grandes punhadas... os quatro homens olharam uns para os outros, e um d'elles caminhou para uma janella em quanto

os outros tomavam as armas. Silencio!—Abri á um Francez que se acha perdido.—Está só...—Francez! disse Pepé sorrindo-se; eia por São Duncar! os galgos de la Sierra terãõ esta noite um bom quinhão.

Abriu-se a porta e entrou um Francez com uma malla debaixo do braço: Ave Maria, disse elle; —Purissima mater Dei, responderam persignando-se os que estavam na choupana.

Aproximou-se o estrangeiro do *braseiro*, mecheo o fogo quasi apagado com a ponta da sua espada, tirou o seu capote, poz a malla sobre os joelhos, e encarou com os que o cercavam... Era elle moço e bello, e dizia-lhe bem o uniforme francez que trasia; seu exterior inspirava franquesa e confiança, porém nunca largou a malla, e por isso Pepé olhava para ella com particular attenção.

Daes-me agasalho por esta noite, não é verdade camaradas? ia de Carolina á Pena; porém perdi-me nestas montanhas... á manhã, ao romper d'aurora, metto-me outra vez a caminho.

Ficai descansado, disse Pepé, estais com gente honrada; ha lá em cima um sotão onde achareis coiros de boi; dormi socegado, Senhor, e que Deus seja convosco... Mas que! levaes tãobem a malla? acaso desconfiaes?... —De mo lo algum, meus amigos... porém en nunca a deixo; serve-me sempre de travesseiro, pois contém ella o que possuo de mais precioso... o que eu estimo sobre todas as cousas neste mundo, disse sorrindo-se o bello moço; e embelleceo-lhe o rosto uma expressã d'amor e felicidade, que fazia um espantoso contraste com as feições grosseiras e medouhas dos habitantes da cabana.

Subio depois para o sotão, assentou-se, pegou na malla com cuidado, collocou-a debaixo da cabeça e adormeceu balbuciando o nome de Rosita.

Por S. Jacques! disse Pepé, elle ama a sua malla com um *pavo* os seus filhinhos... e disse-nos que era muito preciosa... Que crianca!—Mas esperemos que seja tempo, fechemos a porta e ceemos. Que nos dás tu, Andrecito? — Isto. — O que! disse um persignando-se, carne... á sexta-feira! em dia em que temos de commetter um assassinato!... duas indulgencias a obter no mes-

mo dia... é de mais... dá-me antes esses *garbanços*, e dá ao demonio essa comida de herejes.

Começou pouco depois a circular entre os convivas um odre de coiro já negro e avinhado; Pepé limpou a boca, pegou da faca, experimentou a ponta nas costas da mão, deu um signal aos companheiros, e d'um pulo galgaram todos o sotão onde dormia o estrangeiro....

Ao enterrar da faca sabio da ferida uma onda de sangue vermelho, e o aço do instrumento vergou e estalou. — "Pela alma do Salvador! disse Pepé, fálhou o golpe!..." e o Francez, dando um grito horrivel, contrahio-se convulsivamente, porém estavam seus membros presos por mãos de ferro.—Indecizos, os saltadores, olharam uns para es outros em silencio, e o Francez já não gritava, tinha os olhos bassos, e os labios espumantes;..... estremeceo depois de repente, tornaram-se líctos os seus membros, e seus olhos brilharam de raiva... porém só durou um momento este ultimo espasmo da dor, pois cahio logo depois aniquilado. "E mister acabarmos com isto," disse Pepé, enlaçando o cabo da faca em um cordão de cabellos que o estrangeiro tinha ao pescoço... e por um movimento de rotação dado á faca apertou-se o cordão... e produzio um som rouco.

Collocaram a malla sobre o cadaver, que foi arroubada e saqueada por oito mãos ensanguentadas: havia nella... cartas. "Maldicção" exclamou Pepé, e ficaram estampados sobre o papel fino e perfumado os seus dedos tintos de sangue. "Cartas de namoro!!! que se encarregue o diabo da alma do amante... demos um passo errado... foi uma indulgencia perdida!..."

E todos quatro ajoelharam-se, repetindo por muitas vezes com grande contricção *mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa*....

A. Rego.

CAPITULO. (1)

FRAGMENTOS

DE UM ROMANCE INEDITO.

CAP. XI.

Lasciate ogni speranza,
Dante.

Os negocios que Esteves tinha de tra-

(1) Publicaremos apenas alguns capitulos

tar na Hespanha, tratou-os elle com muita brevidade, de maneira que dentro de quatro mezes vinha de volta.

Bem apessoado, e ainda na flôr da mocidade tinha Esteves boas esperanças de ser extremosamente amado por sua mulher—que elle já amava; pois, dizia elle, era força viver com ella por ventura uma longa vida.

Durante a jornada lhe batia o coração cheio de amor—fabricava na sua imaginação projectos de felicidade —e descortinava diante da sua vida um futuro aprazivel e risinho, colorido com as mais lisonjeiras côres da esperança. Como não amaria elle sua mulher! Como não seria para com ella amoroso e brando, cheio de carinhos e de ternura? Como não se excederia em mimos e affectos para com sua familia, quando a tivesse!!

E schismando com deleite no seu futuro tam avantajado—e enriquecido de esperanças, elle anceava o momento de rever sua patria, onde ella o aguardava, cheia de esperança como elle, chorando como elle pelo momento de o ver—de lidar com elle, de o amar, com o amor de esposa—constante—eterno:—profundo e ardente como o amor de namorados.

Longa lhe parecia a viagem—e muitas noites passou elle encostado a um mastro, engolfado nestes pensamentos, em quanto que a lua com um doce movimento se embalava no azul claro das nuvens—e em quanto que o mar soluçava queixoso em roda do seu navio, que, tam preguiçoso! o conduzia para a terra desejada.

E depois quando pensava que o furor das vagas, que um pegão de vento—ou que uma taboa miseravel mal firme nas cavernas do navio podiam de um para outro momento afundar e desfazer tantas esperanças, maldizia o tempo tam mal gasto em que a não tinha amado,—em que sua alma fechada ao alumiar ardente e profundo do amor, não concebia vida melhor que a vida de mancebo—que vai caminho da vida—sem se dar do futuro—e sem recordar-se do passado.—

E o navio, como cedendo aos rogos do

deste Romance:—não só por não caber o seu volume nas proporções de um jornal como este—como porque ainda o não corrigimos para ser definitivamente sugeitado ás provas publicas.

Os trechos que publicarmos (e não serãõ muitos) poderão ser lidos independente da obra, de que elles fazem parte.

insensato passageiro, aportou felizmente á Lisboa;—e alguns mezes depois estava Esteves em caza de seu sogro—e dois mezes depois sua mulher dava á luz um filho.

Quiz Deus, que o amante se convertesse em marido apaixonado; e o marido soffrêo dôres e torturas infernaes —

Seis mezes se tinham passado depois do seu casamento, — e Barroso—o medico de que já tivemos occasião de fallar—contou habilmente neste espaço sete luas decorridas. E o mundo se callou—bem que ao principio estivesse disposto a zombar do marido cobardemente trahido.

Algumas horas depois do parto, Esteves entrou no quarto de sua mulher.

Josephina estava pallida e abatida—porém quando vio entrar seu marido á passos lentos e com os olhos fixos nos olhos della assumio aquella côr cadaverica e livida que nos figura a côr amarelenta da cêra.

—Como vos achais?—lhe perguntou elle como pezando cada uma de suas palavras, e com a vóz mais branda que pôde.

Joséphina não pôde responder.

Elle então sentando-se n'uma cadeira, sempre com os olhos n'ella, proseguio com a mesma vóz pausada:

—Não me ouvis, Joséphina?—Como vos achais?

Ella, fazendo um esforço sobre si, lhe respondeu:

—Melhor do que eu quizera estar, senhor.

—Joséphina, que querem dizer taes pensamentos em dias, como o de hoje, depois d'um successo tam feliz para nós ambos?

E continuou depois d'alguns momentos de silencio, em que esperou ser interrompido:

—Com effeito seria por extremo penoso e desagradavel para todos nós—que vos conhecemos—que vos adoramos, perder-vos assim na flôr da mocidade com tantos dotes da natureza.—Que idade tendes?

—Desoito annos, respondeo ella machinalmente:

—Desoito annos! é uma idade de flôres e de esperanças—principalmente, quando juncto com ella, nos podemos gabar de um semblante tam formoso, como o vosso, e de uma alma como a vossa tam leal e virtuosa—Deus foi prodigo em mimosear-vos; tendes belleza para ser invejada pelas mais bellas, e pureza para igualmente osrdes das mais puras—E se assim não fôra, Joséphina, como vos amaria eu tam loucamente como vos amo?

Algumas gotas de suor cresciam e escoregavam pela testa de Joséphina, que a linguagem séria de seu marido contrastava com o seu character jovial e desleixado.

Elle proseguio:

—E como não amar-vos? Não sois vós a mãe de meu filho? É mais um titulo que tendes ao meu amor, e de que ainda me não pedistes agradecimentos.

—Senhor! senhor!

—Vamos—por favor tamanho—o que me pedireis vós, que eu vo-lo não faça?... Choraes?! Que creancice!... Mas chorai—que assim pareceis formosa—e mesmo alguém juraria ser pejo a leve côr cramesim que tam graciosamente vos enfeita as faces.

—Bem mereço que me trateis assim!

—Dar-se-ha acaso que eu vos haja involuntariamente offendido? Talvez que assim fosse, nescio que eu sou!—Todavia tenho para mim que perdoareis ao vosso esposo. Sim?—Todos nós commettemos um ou outro pequeno erro, de que, é força nos relevem. Não tereis tambem vós algum pequeno estravio, que eu vos deva perdoar?

—Oh! perdão! perdão! disse a desgraçada queirndo alevantar-se sobre a cama, e com os olhos arrasados de lagrimas.

Esteves levantou-se precipitadamente, e soltou um grito agudo e contrafeito, que parecia sair da garganta espedaçado.

Joséphina já sem força e atemorizada pelo movimento brusco e rapido de seu marido, cahio na cama esmorecida—cobrindo o rosto com as mãos.

Esteves aproximou-se della—e pegando-lhe nos pulsos, lhe descobrio as faces.

—Ao menos, deixai-me ver os vossos olhos que são tam arteiros, e tam brilhantes, e que fazem nascer tam travessos auidres na alma dos que os vêem—Mas—continuou elle cobrando imperio sobre si—dizei-me o vosso erro, para que vos eu possa perdoar.

E a triste mulher crendo ver fusilar uma ameaça nos olhos do marido—temeo pelo que mais caro tinha sobre a terra.

—Não mateis meu filho; clamou ella.

—Deus me defenda de em tal pensar—continuou elle com a mesma vóz pausada, com que agora lhe fallava—temendo exceder-se de outra maneira:

—E demais não é elle meu filho? dizei, Josephina, não é elle meu filho?

E freneticamente apertava os pulsos da mulher, que não pôde soffrear um grito.

Esteves impallideceo; —alquebrado de

tanto soffrer—que mais e mais se avivava com tal fingimento—sentio faltar-lhe as forças, e cahio no solho ajoelhado; e prendendo nas suas as mãos della, lhe dizia:

—Josephina! Josephina! dizei-me o nome desse homem:

Josephina se debruçou para elle e sentio algumas lagrimas ardentes sobre as suas mãos quasi geladas.—E compreendendo por aquellas lagrimas quanto era amada pelo homem que alli estava de joelhos—e ao qual ella fora obrigada a offender tam cruamente—debulhava-se em lagrimas e soluçava pensosamente.

Minha mãe!! minha mãe!

E este nome tam doce de ser ouvido e pronunciado—soava nos labios della, como o nome do assassino nos labios do assassinado agonizante.

—O seu nome, Josephina!—Teu filho será meu filho—tu serás sempre minha mulher—e eu te amarei sempre, como agora... depois de o ter morto.

Josephina poz a mão sobre o coração, e soltou um grito fraco e penetrante.

Esteves levantou-se, e fallou com vóz rouca e breve.

—Dizei-me esse nome, senhora!

—Não posso, não posso.

—Não podeis?! Bem sabia eu que ereis habil em occultar um segredo, a quem mais importa sabel-o—E eu que chorei deante della como se fora uma debil creança!—orgulhosa! que talvez se ria interiormente do marido escarnecido! Ora pois, senhora, basta já de traicões e de fingimentos! Eu vos dei a minha confiança, e a minha honra intacta e pura, e vós m'a infamastes—á minha honra—e trahistes a minha confiança. Eu vos dei os meus bens e o meu nome na sociedade; e vós á face da mesma sociedade me entregaes um filho de estranho—um filho bastardo—a quem pertence o meu nome desde hoje—e a quem caberãd meus bens um dia!—E quando me quero esquecer de tudo para me vingar só delle:—quando me quero persuadir que fostes enganada—seduzida—violada, com vos ficasse menos deshonroso—tendes o arrojo de me dizer—não posso!—Não podeis, senhora, não podeis!

—Dizei-me, não o podeis—como tambem não podieis vir ter comigo—antes que para sempre me tivesse ligado comvosco—e dizer-me francamente:—Eu sou uma mulher perdida—deshonrada—machada no que a mulher tem de mais inviolavel, e não mereço a

confiança de um homem honrado, e virtuoso:—Dizei-me Senhora, é assim que o não podeis?

—Oh! tendes razão—tendes razão—dizia ella com a cara escondida sob os travesseiros, e chorando amargamente.

—Vejamos—Dir-me-heis gualments esse nome maldicto?

—Não—não—dizia ella precipitadamente como querendo vencer-se a si mesma.

—Não! repetio elle fôra de si, veremos se não.—Esqueceis que tendes um filho—que esse filho não é meu—e que pára em meu poder?

—Oh! não mateis meu filho! Por Deus, senhor, piedade!

E assim dizendo ajunctava as mãos com ancia, n'uma postura d'angustia, e de supplica fervente.

—O nome!

A cabeça da triste mulher caio sobre o peito.

—O nome!

—Não me tenteis, senhor!

—E o vosso filho?!

—Ah! disse ella soltando um grito do fundo das entranhas—matai-me antes a mim, senhor!—E vencendo a fraqueza, que succede ao parto—caio no chão—quasi nua—ajoelhada—e subjugada por tamanha afflicção.

—Matar-vos! Seu eu algum miseravel assassino, que queira manchar as mãos no sangue de uma mulher! Esqueceis que fallais comigo, senhora?

—Tendes razão!—tendes razão!—Dizei-me vós mesmo o dia, o instante, em que me quereis morta, e eu deixarei a vida, já que sou indigna de viver. Mas viva meu filho.

—Morrer! é uma cousa momentanea—e até suave para o que soffre—sim—eu conheço que ha instantes na vida em que seria melhor para o homem morrer do que viver.—Quereis assim remir a vossa culpa?!

—Vossa reputação está salva, e o mundo vos crê virtuosa!—a morte lastimada vos offerece attractivos?—não, senhora?!

—Meu Deus! meu Deus!

—Dizei-me esse nome!

—Não—não—não—

Esteves voltando a cara para a não ver, e com gesto de desprezo, e com vóz rouca e breve, murmurou:

—Já não tendes filho!

Josephina cahio sem sentidos—O marido cruzou os braços para a ver estendida a seus pés;—e para que a não vissem por terra

deitou-a na cama:—e sahindo—tocou a campainha para que a viessem acudir.

Continúa.

A. Gonçalves Dias.

UM TRECHO DA HISTORIA DO CONSULADO E DO IMPERIO POR M. THIERS.

—Toda a sociedade humana precisa d'uma crença religiosa, precisa d'um culto. O homem lançado no meio do universo, sem saber donde vem nem para onde vai; porque soffre, e ainda mesmo porque existe; quaes as penas e recompensas que devem receber as longas agitações da vida: cercado das contradicções dos seus semelhantes, dos quaes uns lhe dizem que existe um Deus, auctor profundo e consequente de todas as causas; e outros que não existe Deus; uns que existe o bem e o mal, para norma da vida, outros que não ha nem bem nem mal, e que estas ideas não passam de pura invenção interesseira dos grandes da terra: o homem pois no meio destas contradicções, sente uma necessidade imperiosa, irresistivel de crear para si uma crença definitiva sobre taes cousas: crença verdadeira ou falsa, sublime ou ridicula; porem necessaria. Por toda a parte, em todos os tempos, em todos os climas, assim na antiguidade, como nos tempos modernos, quer civilizado, quer selvagem, o homem é encontrado ao pé do altar: altar veneravel o de uns, ignobil e sanguinario o de outros. Quando não reina uma crença estabelecida, mil seitas obstinadas em controversias como na America, mil supersticções vergonhosas como na China, agitam ou pervertem o espirito humano. Ou se como na França em 1793 uma commoção passageira arrebatava a antiga religião do Paiz, o homem que ainda ha pouco havia feito voto de nada crer, em poucos dias se desmente, levantando ao lado do cadafalso o templo da deusa Razão; por este modo demonstrando que aquelle voto tinha tanto de vão, quanto de impio.

A julgarmos pois pelo proceder ordinario e constante do homem, elle tem necessidade d'uma crença religiosa. E á vista disto o que podemos desejar de melhor para uma sociedade civilizada, do que uma religião nacional, fundada nos verdadeiros sentimentos do coração humano, conforme as regras de uma moral para. consagrada pelo tempo, e que sem intolerancia e sem per-

seguição, reuna, se não a totalidade, ao menos, a maioria dos cidadãos aos pés de altar antigo e respeitado?

Crença tal, não poderá ser improvisada, quando ja não exista ha seculos. Os philosophos, ainda os mais sublimes, podem crear uma philosophia, pôr em movimento por meio da sciencia o seculo que illustram: fazem pensar; mas não fazem crer. Um guerreiro coberto de gloria pôde fundar um imperio; mas não saberia fundar uma religião. Viram-se nos tempos antigos sabios e herões domiaar o espirito dos povos, e impor-lhes crenças, inculcando-se mensageiros do ceo; mas nos tempos modernos o creador de uma religião passaria por mero impostor, e quer cercado de terror como Robespierre, quer de gloria como Napoleão só poderia alcançar o ridiculo.

Nada se podia inventar em 1800, pois existia essa crença pura, moral e antiga, a religião de Christo, obra de Deus para uns, e dos homens para outros; mas para todos obra profunda d'um reformador sublime: reformador comentado durante 18 seculos pelos Concilios, vastas assembleas dos espiritos eminentes de cada epocha, os quaes discutiam, sob o titulo de heresias, todos os systemas de philosophia, e adoptavam sobre cada um dos problemas do systema humano as opiniões mais plausiveis, mais sociaes, opiniões, por assim dizer, adoptados pela maioria do genero humano, das quaes se formou esse corpo de doutrina invariavel que se denomina Unidade catholica, á cujos pés Bossuet e Leibnitz, depois de haverem ponderado o parecer de todos os philosophos, vieram submeter o seu genio soberbo! Existia essa religião, que tinha submettido debaixo do seu dominio todos os povos civilizados, que tinha formado os seus costumes, inspirado seus cantos, subministrado assumpto á suas poezias, aos seus quadros, ás suas estatuas: que tinha imprimido o seu cunho em todas as recordações nacionaes, e assignalado as suas bandeiras, quer vencidas, quer victoriosas. Ella desaparecera, por um momento em uma grande tempestade do espirito humano: mas passada a tormenta, restaurada a necessidade de crer, achava-se de novo no seio das almas como a crença natural e indispensavel da França e da Europa.....

M. DE LAMARTINE.

Aimer, prier, chanter, violá toute ma vie!
Lamartine. —1820.

Le labour social est le travail quotidien et obligatoire de tout homme qui participe aux perils et aux bénéfices de la société.
Lamartine. —1839.

—Se lançardes os olhos sobre os ultimos annos do XVIII.º seculo em França, no meio dessa phalange gloriosa de oradores arrebatados e eloquentes, de sabios de primeira ordem, de intrepidos soldados, que fazem cortejo ao seculo espirante, em balde buscareis verdadeiros poetas; exceptuando André Chenier, cuja voz foi pelo carrasco tam asperamente cortada, não encontrareis um só.

E entretanto que epocha foi mais abundante de poesia no genero bello, e no genero terrivel! No interior que inexgotavel manancial de dramas sanguinarios e horriveis! um throno, o mais brilhante do mundo, que desaparece como fulminado pelo raio; uma nação inteiramente revoltada bramindo terrivel, que despedaça instituições de dez seculos; o mundo antigo debatendo-se nas afflicções de uma convulsa agonia; e no exterior que grandes poemas epicos! Moreau, que transforma em heões aldeões esfarrapados; Pichegru, que apresiona armadas á bayoneta callada, e Bonaparte, que representa Annibal, menos em Capua.

Aturdida de todo esse arruido de armas, de cavallos, de canhões, de nações que combatem nações, de edificios que se desmoronam sob os esforços dos demolidores: em volta em um vapor de sangue, que do solo se elevava, ea suffocava, a poesia permanecção muda, porque a poesia precisava de ar, retiro e silencio, porque a poesia é menos o reflexo do presente, do que a evocação do passado, e a divinização do futuro, porque a poesia não é o sino, que toca durante a tempestade, mas sim o echo de gritos lastimosos que a annuncia, em o iris que a segue.

O primogenito e o maior dos poetas da nossa idade, Chateaubriand, obscuro e ignorado, occulto em um arrabalde de Londres, escreveu seu *Ensaio sobre as revoluções* ao estrondo da mais horivel de todas; e Mme. de Staël, cisne viajante lançado pela tempestade longe das plagas nataes, andou por toda a parte em demanda de um abigo solitario aonde podesse dar á luz *Corinna*.

As mesmas nações estrangeiras, como feridas de espanto, deixavam incompleta a par-

te do sulco que lhes era imposto no campo da intelligencia, para com um olhar de espanto vir contemplar essa torrente que se despenhara envolvendo em suas espumosas ondas todos os destroços do passado. Alfieri, esse velho Romano da Italia degenerada, ainda fazia ouvir de vez em quando sua voz forte; porem essa voz morria isolada—sem echo. Walter-Scott, criança, brincava nas urzes da Escocia, e Byron, no berço, tinha uma roquinha naquella mão que devia para o futuro escrever Child—Harold. No fundo da Saxonia, em um pequeno canto da Allemanha, os velhos carvalhos de Weimar com sua sombra protegiam uma ninhada de poetas; o ruido porem dos combattes abafava seus melodiosos gorgeios, e a Europa esquecia Goethe, Schiller, Wieland e Herder, para seguir com os olhos a Moreau e ao archiduque Carlos, que se mediam sobre o Reno; Bonaparte e Wurmsen que disputavam entre si a Italia.

A poesia jazia pois muda—mas não morta, porque a poesia não morre; emanada de Deus, é tam immortal como elle. Deixai passar a tempestade, e ouvi eis assomar nos ceos o mais bello coro de vozes harmoniosas que jamais encantaram ouvidos humanos. Poesia d'alma, poesia dos sentidos, poesia de imaginação—Renato, Atala, os Martyres, Corinna, Werther, Wallenstein, Obéron, D. João—tereis tudo isto, e finalmente a poesia intima, a poesia do coração, que surgirá pallida e triste, porem bella como uma flor nascida em ruinas. No momento em que o doce Chenier deixava cabir a lyra, um nobre menino de cabellos louros crescia nas margens do Saône; este menino empunhará a lyra grega de Chenier: ajuntar-lhe-ha uma corda christã, e o mundo admirado, e encantado por tal melodia repetirá com amor o nome de Lamartine.

Afonso de Lamartine nasceo em Macon em 21 de Outubro de 1790; seu nome de familia é *de Prat*; tomou depois o nome de um avô materno. Seu pae era major de um regimento de cavallaria no reinado de Luiz XVI, e sua mãe era filha de Mme. des Rois, aia dos principes de Orleans; ligada por esta forma á antiga ordem de cousas, sua familia foi ferida pela revolução, e suas mais antigas recordações datam de uma sombria casa de prisão, onde o levavam a vizitar seu pae. Os peiores dias do terror passaram, e a familia de M. de Lamartine retirou-se para uma terra obscura, em Milly, onde tranquilllos se escoaram seus verdes annos. A lembrança

ça daquella serenidade domestica de seus primeiros dias jamais se apagou de sua alma; e muitas vezes depois, em sua vida de viajante e poeta, foi-lhe grato o recordar as suaves imagens do seu humilde castello de Milly com suas sete tilias, de seu velho páe, de sua mãe de presença grave e serena, de suas irmas, a quem amamentou o mesmo seio de mulher, dessas grandes arvores carregadas de sombra, desses campos, dessas montanhas, desses vales, mudas testemunhas dos jogos de uma infancia feliz e livre!

Minha mãe, disse elle em uma obra, recebo de sua mãe, no leito da morte, uma bella Biblia de Royaumont, na qual me ensinava a ler quando era criança. Esta Biblia tinha gravuras dos assumptos sagrados em todas as paginas. Quando recitava bem minha lição, e tinha lido pouco mais ou menos meia pagina, sem errar, da *Historia sancta*, minha mãe descobria a gravura, e pondo o livro aberto sobre seus joelhos m'a fazia contemplar, explicando-m'a, como para recompensa minha... O som argentino, affectuoso, solenne e apaixonado de sua voz, dava a tudo o que dizia um accento de força, de encanto e de amor, que ainda hoje resôa com doçura aos meus ouvidos,—ah! depois de seis annos de silencio. Vedes daqui esse bello menino dos grandes olhos azues, que será Lamartine? vede-o reclinado aos joelhos de sua mãe, attento ás suas palavras, abrindo sua alma de criança á todas as harmonias da natureza oriental, e bebendo no livro dos livros seus primeiros instinctos de poesia!

Em breve o filho teve de deixar o lar paterno; enviaram-n'o para acabar sua educação a Belley, no collegio dos Padres da Fé. Os germens religiosos que bebera de sua mãe desenvolveram-se poderosamente nessa melancolica solidão do claustro; o bello episodio de Jocelyn está cheio de remeniscencias dessa vida austera e pacifica da sancta casa.

Depois de sua sahida do collegio, M. de Lamartine passou algum tempo em Lyon, fez uma breve e primeira viagem á Italia, foi a Paris nos primeiros dias do imperio. Educado no odio do governo imperial, M. de Lamartine fez sua entrada no mundo sem saber para que parte caminharia; longe das vistas maternas, esquecido algumas vezes dos severos preceitos arreigados em sua alma, o mancebo se entregava um pouco, dizem, as instigações da vida; dividindo suas horas entre o estudo e as distracções de sua idade, indo divertir-se, diz Sainte-Beuve, com Jus-

sieu no bosque de Vincennes, e fazer assobios das cascas do carvalho, sonhando já com a gloria litteraria, e principalmente com a dramatica, e bem acolhido por Talma que gostava de o ouvir declamar com sua vibrante e melancolica voz os fragmentos ineditos de uma tragedia de Saül.

Em 1813 o poeta tornou a ver a Italia; a maior parte das *Meditações* foram inspiradas por aquelle bello céu, e aquella deliciosa pagina das *Harmonias*, intitulada *o primeiro Amor*, far-nos-hia pensar em algum doce e primeiro mysterio do coração sepultado tambem sob a lagea de uma campa. Por occasião da queda do Imperio, o joven gentilhomen foi offerecer seus serviços á velha familia, que sempre teve o sangue e o amor de seus paes, e entrou em uma companhia de guardas da pessoa.

Depois dos Cem-dias, M. de Lamartine deixou o serviço; uma paixão absorvia-o completamente; esta paixão fez a sua gloria. O amor veio acordar a fonte de poesia que lhe dormia no fundo d'alma; fê-lhe mister dar passagem a onda que borbulhava. O objecto dessa paixão mysteriosa, essa Elvira amante e amada, arrancada de seus braços pela morte, viverá immortal em seus versos: Lamartine cantará para lhe eternisar o nome, e a França lhe deverá um Poeta!

(Continúa.)

POESIA.

CANÇÃO

DE

BUG-JARGAL

TRADUZIDO DE VICTOR-HUGO.

Maria, porque me foges?
Porque me foges, donzella?
Minha voz! — O que tem ella
Que te faz estremecer?
Tam temivel sou acaso?!
Sei amar, cantar, soffrer.

E quando, áo travêz dos troncos,
Percebo, d'alto coqueiro,
Juncto ás margens do ribeiro
A sombra tua á vagar,
Julgo vêr passar um anjo,
Que os meus olhos faz cegar.

E dos labios teus se escuto
Deslizar-se a voz — Maria, —
Cheio de extranha harmonia
Pulsa o peito meu queixoso
Que mixtura aos teus accentsos
Tenue — suspiro — affanoso.

E tua voz? eu quero ouvir-t'a
Mais do que as aves cantando,
Que vem da terra voando
Onde eu a vida provei —
Da terra, onde eu era livre,
Da terra, em que eu era rei.

Liberdade e Realeza
Heide perder da lembrança...
Familia — dever — vingança...
Tè da vingança me esquece;
Fructo amargo e delectoso,
Que tam tarde amadurece!

Ès, Maria, — qual palmeira,
Altiva, — e bella — e engraçada
No tronco seu balançada
Por leve — briza fagueira,
No teu amante a rever-te,
Como na fonte, a palmeira.

Mas não sabes? — do deserto
A tempestade valente,
Corre as vezes de repente
Por acabar — apressada, —
Com seu halito de fogo,
A palmeira — a fonte amada.

E a fonte, ja mais não corre;
Sente a verdura sumir-se
A palmeira, — e contrahir-se
A palma sua em redor,
Que de cabellos dava ares,
De c'roa tendo o esplendor

De Hespaniola — ó branca filha, —
Treme por teu coração,
Treme — a força do volcão,
Que vai breve rebentar,
E depois — amplo deserto
Só poderás conter-plar.

Talvez, que então te arrependas.
De me haveres desdenhado,
Porque houveras encontrado
Salvação — no meu amor. —
Como o Kathá leva a fonte
O sedento viajor.

Porque assim tu me desdenhes
— Não, Maria, não o sei;
Que d'entre as frentes humanas
Levanto a frente; — sou rei.

Sou negro sim; — tu és branca; —
Mas que importa? juncto ao dia,
A noite o poente cria,
E cria a aurora tambem,
Que mais dôces — mas brilhantes
Bellezas — do que elles têm.

A. Gonçalves Dias.

A DOIDA,

SOLÃO.

TRIBUTO DE VERDADEIRA AMISADE

AO ILLM. SR. DR.

ALEXANDRE THEOPHILO DE CARVALHO LEAL.

Sobre uma rocha escarpada,
Que á borda do mar pendia,
Linda virgem pesarosa,
Pallido rosto se via,
Eos bellos olhos sem tino
Para os ceos e ao mar volvia.

Os cabellos desgrenhados
O seu semblante formoso
Agitados, açoitavam,
Pelo noto farioso,
Os vestidos em desordem
E o seio nú tam mimoso;

E nos labios o sorriso,
E nos olhos a loucura
Mais tocante inda faziam
Tam perfeita formosura!
Rindo insensata ou chorando
Se carpia com tristura:

« Vem esposo
Rico altar prestes se acendo,
Grato aroma
Pelos ares já recente »

« Porque tardas
Ante as aras a vir ter?...
Vagas oiço
Só tristonhas a gemer »

• Ledo o bronze
Pelos ares repercuta
Gratos sons
Que n'alma praser incute.

• Mas que vejo!...
Pallida, sangrenta morte,
Vem terrível
Falminar funereo corte.

• Feio espectro
Já de mim vai se apossar....
Adeus vida.....
You no sepulchro acabar....



E desmaio mortal lhe cerra os olhos;
E a misera donzella
Sobre o solo exanime pendia
A fronte pura e bella,

Qual lyrio que na margem se debruça
De transparente rio,
Do sol crestado no zenith ardente
De caloroso estio....

Mas do somno levanta-se medrosa,
Julgando espectros ver,
Buscando a casa corre espavorida
Em sustos a tremer.

E o pae sobre a vereda em tardos passos
Encontra a caminhar;
Os braços cinge pelo annoso collo
E oppõe-se ao seu andar:

O indice nos labios pondo tremula.
• Silencio, lhe diz ella,
• O esposo vi ferido, ensanguentado
• Resvallando da sella,

• Que o cavallo exanime deixára
• No solo o estrebuchar...
• De sangue tincto o bruto furioso
• A casa vai parar;

• E os olhos seus fasilam luminosos
• E rincha, e cava iroso.
• E convida a que o sigam, —parte, corre,
• E vòta pressuroso...

• Seu rosto eu vi da morte repassado,
• Atro sangue a jorrar
• Do peito, que fendido se amostrava
• De manso palpitar....

• Não o vês? — Eil-o allí, sobre mim vibra
• Um foribunto olhar....
• Oh! não me olhes assim..oh! piedade!
• Não me queiras matar....

• O assassino não sei quem foi, perdôa
• Não fui quem te matei,
• Antes ultôra a morte do sicario
• Sobre as aras jurei....

Inconsolo o ancião de pranto banha
O rosto á malfadada,
Fracos hombros ao peso submettendo
De carga tam presada.



Em febre ardendo a misera insensata
Horrores padeceo,
Paixão que a tormentava tam violenta
Jamais alguem soffreo.



Amor, só puro amor, foi causa insonte
De tam duro penar;
A perda infausta do noivo seu querido
A fez desatinar.

Em vinganças ardendo o braço ardido
De zeloso rival
Do amante preferido o peito rasga
Com buido punhal.

Insensato, julgando os fortes laços
D'amor assim cortar,
E os affectos e as juras por tal modo
Cruel despedaçar!



Por tres dias no leito da morte
Aziagos momentos curtio,
Já nas ancias extremas jazia
Quando n'alma a rasão lhe acudio.

Para os ceos castos olhos volvendo
Compaixão para a alma implorou,
E perdão para o monstro malvado
Que o amante querido matou.

E depois que os deveres extremos
De Christã resignada cumprio,
Sobre o leito tranquilla expirando
Para o Empyreo ditosa subio,

E um anjo de mais entre os anjos
Ante a face suprema surgio,
E prazer que nos ceos se desfructa
No semblante da virgem luzio.



No outro dia a maré sobre a praia
Um cadaver humano engeitou,
Inda ao peito o punhal conservando,
Que a mão propria —suicida —cravou.

Apesar do disforme do rosto,
Que co'a morte medonho ficou,
O sicario feroz conheceo-se
Que a existencia a si proprio cortou.

E de corvos immundos um bando
Seus despojos mortaes devorou,
Mas su'alma perdida p'ra sempre
Nem repouso na morte encontrou.

Alta noite—medonho phantasma
Nos contornos se via a vagar,
E de raiva e ciumes ralado
Dos rochedos ao mar se arrojou.

F. A. Colin.

25 de Dezembro de 1845.

REVISTA DRAMATICA.

A TORRE DE NESLE.

—No dia 14 deste mez subio a scena no Theatro desta cidade o drama—a Torre de Nesle—que dizem ser de Mr. Gaillardet, mas que continúa a vir conjunctamente com as obras de Mr. Duupas.—A escolha foi bem feita, se attendermos que a multidão dos espectadores deixam-se arrastar pela viveza do dialogo e da acção;—a Torre de Nesle é, segundo o fôssio entender, um dos dramas de mais vida e movimento do Theatro moderno;—todavia contem elle scenas que desafiam a capacidade dos maiores Theatros, não diremos da Europa, porem ao menos do Brasil:—ha hi muitas scenas de homens do povo, e muitas outras de gentis-homens, tal como a da taberna de Orsini, no primeiro quadro, —e aquella, no terceiro quadro, dos cortesãos na camara da rainha que só poderão ser bem desempenhadas por actores de muita pericia—muito senhores da scena—e muito atildados para imitarem a linguagem rude—petulante—e quasi arrojada

dos honens do povo,—e as phrases perfumadas—atindadas—e doiradas dos cortesãos;—actores, dizemos nós, de uma capacidade vastissima para representarem n'um e n'outro caracter com a mesma propriedade—aptidão —e intilligencia. — Os Theatros não usam nem podem ter tantos actores de primeira ordem;—e estes mesmos talvez se não quisessem abaixar a executar *partes* que segundo a hierarchia theatral, (que tambem no Theatro as ha) pertencem por costume antigo á infima ordem dos actores:—no entanto é certo que, sem elles, o todo do poema dramatico não pode ser habilmente comprehendido, nem perfeitamente executado, como seria mister para a harmonia intica e completa de um drama, qualquer que elle seja.

Independente da acção, a Torre de Nesle encerra muitos caracteres;—e é este o seu primeiro e mais subido merecimento, como Poema—a sua primeira e maior difficuldade, como drama. Estes caracteres são variados,—opostos e salientes—mostram todas as suas modificações,—todos os seus accidentes,—e todas as suas faces;—são typos de uma classe,—de um individuo—e de huma paixão;—misturam-se,—confundem-se,—e luctam:—daqui nasce uma prodigiosa variedade de acontecimentos,—de peripecias;—daqui tambem a attracção, que liga tam estreitamente a attenção dos espectadores ao movimento rapido da scena,—e á vida da obra a vida do publico.

Assim por exemplo, o caracter de Philippe Daulnay tem tres faces distinctas;—é o amor fraterno, o amor de infelises, que juntos mendigaram o pão da caridade, que junctos amalgamaram a sorte,—e que ora são felises;—depois é o amor de amante, que ama extremosamente—loucamente—com toda a força da juventude—com toda a intensidade, com toda a illusão de um primeiro amor;—em fim é o orgulho do gentil-homem que servio de brinco aos caprixos—às exigencias de uma mulher, sem o saber, sem o comprehender,—mas que, sabendo-o, hade,—bom, n'ao grado seu—manietal-a ao seu carro triumphal, e mostral-a aos olhos de todos—não como senhora, porem como escrava.

Gualter ama extremosamente ao seu irmão, e é igualmente amado por elle. Quando Philippe lhe diz que Buridan lhe prestaria um serviço relevante, de que elle se lembrará por toda a vida—elle acha em seu

coração phrases sublimes para o agradecer;— é uma expansão de affectos—tam natural— e tam vehemente que os espectadores se deixam arrastar por ella e possuem-se da sua emoção.

— Cavalheiro mil vezes obrigado. Se alguma vez carecerdes de Gualter Daulnay, seja elle resando sobre a sepultura de sua mãe, que oxalá elle possa algum dia encontrar; seja elle de joelhos aos pés da sua amada, e Deus lhe conserve a sua vida, e se vos for mister sua vida ou seu sangue—pedi-lh'o, que a vida e o sangue delle, serão vossos.—

Gualter é verdadeiro—elle diz o que sente—elle cumprirá o que diz; este Buridan fronteiro a um exercito, elle pôr-se-há á par delle para morrerem juntos, porque Buridan salvou a vida de seu irmão—de seu irmão, que elle ama, talvez tanto como a sua vida; porém se a sua amante lhe disser uma palavra, elle o deixará morrer sosinho—porque elle ama á essa mulher tanto e mais do que ao seu irmão:—se o hálito ardente dessa mulher correr sobre a sua honra, a sua honra se tarvará,—se passar sobre a sua vida, a sua vida se extinguirá,—se passar sobre a sua alma, sua alma esquecerá seu irmão que elle ama, e muito—esquecerá sua mãe, que elle tem esperanças de encontrar, quando não seja senão no derradeiro instante da sua vida,—esquecerá tudo, porque essa mulher o domina; corpo e alma, pertencem-lhe—são della: diga ella—quere o teu corpo!—e elle lhe dará o seu corpo tão formoso, como a lamina da sua espada:—diga ella—quero a tua alma! e elle lhe dará sua alma, tão pura como o fio da sua espada:—diga ella—quero a tua espada! e elle lhe dará a sua espada tão fiel, como a sua alma,—tão formosa, como o seu corpo. Assim é que elle ama! Elle não ama a rainha, não tem as palavras seductoras, os gestos alindados, as phrases estudadas, os vestidos concertados de um Leicester, de um Fabiani, de um Monaldeschi; elle ama á uma mulher; ama-a excessivamente, exclusivamente, como um manecbo, como um poeta, como um louco.

Amor de mãe, de irmão, de amante, eis a sua vida, o seu caracter.

Margarida é muito mais variada nas suas perspectivas (perdoem-nos esta expressão.) É a mulher sensual, que ama como uma Bicchante, que dá orgias sumptuosas, que correerte a lugubre Torre de Nesle em uma sala

de festim e que remata os seus amores com uma punhalada, transformando a Torre em feretro, e o Sena em sepulchro

É a mulher essencialmente romantica, essencialmente espirital, que realisa os paradoxos de Platão sobre o amor, ella ama a Gualter com o amor de mãe para o filho, com o amor purissimo de uma alma virgem; ella ama seu Gualter sobre todos, sobre tudo, e talvez mais do que ama o praser.

É a mulher tímida e acobardada diante do homem, que a sabe dominar; que lhe arremessará aos pés com titulos, honrarias e favores, e com a vida de um homem, para salvar a sua honra, não dizemos bem, para salvar a sua reputação, e por ventura a sua vida.

É a mulher credula e tremula, que recua diante de um cigano, porque esse cigano lhe diz coisas horriveis, segredos factaes, que ella julgava aniquilados com os cataveres do Sena e com as cinzas de seu pae.—É a mulher que não sabe perdoar; que vai martyrisar o homem, que a fez tremor, e cuja cabeça ella esmagará debaixo dos seus pés de soberana: é a rainha beneyola e cortezã que se despede dos cavalleiros da sua cõrte, que ella não mais regerá, em fim a mãe terna, que fexa o drama.

Eis o que ella é, mulher impudicamente sensual, mulher amante extremosamente, mulher friamente criminosa, mulher horriavelmente vingativa, mulher traiçoira e cavillosa, rainha orgulhosa e prepotente, rainha boa, e bella e affavel; ao mesmo tempo, corajosa e fraca, astuciosa e franca, boa e tremula, mulher e rainha.

É bem difficil que um homem desempenhe *partes* de mulher, e mais difficil ainda que uma só e mesma actriz n'um só caracter desempenhe tantos caracteres.

Buridan oh! esse é um caracter ainda mais variado e mais caprixoso, e de mais difficil execução. Contai as vezes que elle entra em scena, e dizei afoitamente, que ha nelle alguma coisa nova, que ainda lhe não conhecíeis. Na taberna d'Orsini é um cavalleiro que procura fortuna; elle a espera conta com ella; porque ella é sua tam sua como o seu segredo.

Na Torre, é um homem medroso, que teme a morte, mas que tem esperanças de viver. No Louvre, homem mysterioso, disfarçado sob as roupas de um monge, para segurar a sua vida, e sob as roupas de um cigano para dar o primeiro passo no caminho

das suas esperanças: é bello o cigano no Louvre!—o cigano arrojado, o cigano que revela o que sabe ou o que intenta executar; o homem fatal, que fiz tremer a rainha perante a sua corte, que a faz descer do seu throno no meio dos seus cortesãos, e que a obriga a ir á deshoras e sem comitiva á uma taberna, ella, filha de um duque, mulher de um rei, e regente de um reino poderoso! É isto, que ninguém ousaria, que nem um rei poderia executar, elle o faz! elle, o cigano, escarnecido e mofado por todos esses gentis homens, que ali estavam que se persignaram ao vel-o, e que tremeram de o escutar.

Buridan é tambem ambicioso; para subir á um alto emprego elle terá a infamia de mandar um justo ao patibulo, porém com remorsos;—é o homem vingativo, que na hora da morte, só almeja vingarse;—é o pae que anda em busca de seu filho, e que em fim, já sem remorsos, o faz apunhalar.

Pôse-nos que o drama não acabe neste ponto! É verdadeiramente theatral aquella entrada de Gualter Daulnay—pallido e ensanguentado, que procura o amor, e encontra a morte—que procura a amante, e encontra a rainha,—que procura a mãe, e encontra a homicida; tudo o mais que depois disto se segue desbota a impressão fortissima, que causa a maldição do vassallo—do filho e do amante—para Margarida, sua rainha—sua amante—e sua mãe.

Não é nosso fim analysar a recita, porém o drama—; todavia diremos que o espectáculo não andou mal *para as forças* do nosso Theatro.—Os Srs. *Gomes* e *F...* executaram soffriavelmente as partes de Buridan e de Margarida, apesar de não desempenharem alguns dos seus lances—tal foi, entre outras a scena do carcere, que mais avulta, por ser a melhor d'entre ellas.—O Sr. *Ferreira* improvisou muito na parte de Landry—exagerou-se muitas vezes—e extragou muitos effeitos do drama. Gualter, o Sr. *Guimarães*, comprehendeo bem o papel, quando entrou em scena gritando vingança contra os assassinos de seu irmão;—tam fóra de si—tam louco—tam desesperado—elle achou no seu coração um grito bem pungente e bem alto, que de certo não morreo sem achar echo em toda Platéa

Houveram algumas inadvertencias nos trajes, e em algumas movimentos da scena: tal foi mandar a rainha abrir as salas do seu palacio por uma Camarista;—talvez

provenha o erro da má traducção. A rainha appareceo de vestido curto, mantelleta, e máscara veneziana; assim foi ella á Torre de Nesle, assim deo audiencia no seu Palacio do Louvre. Quando a vimos entrar em scena assim trajada, e apesar da mascara, que trasia, figurou-se-nos ver uma romeira, que vinha de visitar o Sancto Sepulchro, ida e vinda na retaguarda de algum troço de Paladinos; empunhasse ella o bordão de peregrina, adornasse o peito com algumas conchilhas, collidas á beira do mar, contasse historias de Sarracenos descommunados e mostrasse bullas de algum Sancto Padre, e a illusão seria completa. Um vestido de cauda poder-lhe-ia embargar os passos; e mesmo no Louvre tinha mais cabimento a murça de—Romeiro—do que um vestido apparatuso. Honra seja feita a quem entendeu, na sua consciencia que Margarida de Borgonha, quinhentos annos depois da sua vida, devia expiar seus crimes perante o publico maranhense, em vestes de romeira.

A. Gonçalves Dias.

A EMPADA D'ARENQUES.

PHANTASIA HOLANDEZA.

—Estavam em uma fria noite d'inverno em Amsterdam aquecendo-se ao calor d'um braceiro e fumando cada um o seu cachimbo o rico banqueiro Brounker e o seu intimo amigo Van Grote. A Senhora de Brounker e seus filhos haviam sabido á pouco para um baile de mascaras. Os dois amigos, certos que não seriam interrompidos, conversavam confidencialmente.

—Porque não approvaes, dizia Grote á Brounker, o casamento do vosso filho com a filha de Berkenrode?

—Não sou eu quem se oppõe á este casamento, meu caro; é minha mulher quem não quer ouvir fallar nelle.

—Que motivo terá ella para se oppor?

—Não posso dizel-o, respondeo Brounker em voz baixa.

—Um mysterio,—retrucou Grote. Sabeis que sou discreto;—dizei-m'o.

—Prometteis-me não dizel-o a pessoa alguma?

—Será mister que vol'o jure?

—Haverá vinte e seis annos que me casei, tinha então muitos ciúmes de minha mulher, confesso-o com franquesa. Obrigado

pela minha occupação a ter casa aberta, receava que algum dos muitos que me visitavam me roubasse o coração da minha Clotilde. Um d'elles principalmente, o bello coronel Berkenrode, causava-me immenso susto por isso mesmo que era elle reputado como o mais perigoso seductor. Não podia fechar-lhe a minha porta, porque não só era elle de familia mui distincta, como tambem porque o seu proceder inda me não auctorisava a isso. Neste entretimentos comprei esta casa e fiz construir contiguo a esta sala um gabinetinho onde posso ouvir, quando quero, tudo quanto se diz na sala ou de minha mulher recebe as suas visitas. Muito tempo levou Berkenrode a fazer protestações d'amor á minha mulher, ouvia-o ella sem nunca lhe dar resposta, até que um dia tornou-se elle mais exigente que de costume ameaçando-a de se suicidar á sua vista, caso não tivesse ella compaixão dos seus soffrimentos. Debulhou-se Clotilde em lagrimas a vista de tam grande prova d'amor.—Eu não sou livre, clamou ella com uma voz entrecortada de soluços.—Mas se fosses, lhe tornou o habil seductor.—Senhor! disse Clotilde.—Se ficardes viuva, tornou elle, jurai-me que me dareis a vossa mão.—Minha mulher só respondeo com lagrimas á esta proposta. Eu e minha mulher passamos essa noite bem desaqueçados; mas nada dissemos um ao outro do que havia succedido durante o dia.

Foi a agitação de Clotilde augmentada no dia seguinte por um incidente extraordinario. Em quanto almoçavamos veio um creado dizer-me ao ouvido que o meu cósineiro desejava fallar-me em particular.—Que entre, disse eu, não tenho segredos com minha mulher.—Entrou elle com effeito pallido como um morto e com as feições todas alteradas. Disse-me que havia recebido de manhã um embrulho com 300 florins, uma garrafinha e um bilhete em que se lhe pedia que deitasse o conteúdo da tal garrafinha na primeira empada d'arenques que fizesse para mim.—Ora vós bem sabeis que tenho uma paixão decidida por estas empadas de que minha mulher nem o cheiro póde supportar.—Promettia-se-lhe alem disso uma nova recompensa inda maior se tivesse bom exito o que se lhe encarregava. Receando alguma traição, quiz quanto antes entregar-me a garrafinha e os 300 florins. Peguei d'ella e deitei algumas gotas do liquido em um pouco d'assucar e dei-o a co-

mer a um cachorrinho de minha mulher. Foi o pobre animal acometido instantaneamente de violentas convulsões, expirando poucos minutos depois no meio de horriveis soffrimentos. Não havia que duvidar, haviam querido livrar-se de mim. Clotilde a vista do seu pobre cão morto veio lançar-se nos meus braços lavada em lagrimas.—Veneno! Um assassino! exclamou ella apertando-me em seus braços como que me queria proteger do perigo que me ameaçava.—Deus misericordioso, tende piedade de nós!—Consoltei-a dizendo-lhe que eu devia antes estar agradecido ao meu inimigo occulto porque assim ficava certo da dedicação de minha boa mulher. Veio Berkenrode nesse dia como de costume; mas ella não lhe appareceo, escrevendo-lhe uma carta em que lhe declarava que tudo confessaria a seu marido se elle ousasse apparecer novamente diante d'ella. Á vista d'esta carta decidiu-se elle a cazar. As nossas familias nunca tiveram a menor relação, porem meu filho ama a sua filha; e apesar que eu approve este casamento, minha mulher oppõe-se-lhe com todas as suas forças.

—E ella tem razão, exclamou Van Grote indignado. Nunca acreditaria que fuisse Berkenrode capaz de semelhante attentado.

—A! Ah! Ah! disse Brouker ás gargalhadas, tambem o accusaes?

—Quem pois seria o criminoso senão elle?

—Era eu, meu caro. Custou-me esta aventura os 300 florins que dei ao meu cósineiro. Não é barato, confesso, mas por esse preço vi-me livre d'um rival, e d'um cão, que igualmente detestava. Ah! Ah! Ah!

—No vosso caso tudo confessaria á minha mulher, pois é pessimo gracejo fazer conceituar um individuo, inda mesmo na opinião d'uma só pessoa, por um envenenador. Alem de que deveis lembrar-vos da felicidade de vosso filho.

—Pois bem! mas como havemos de declarar a Clotilde?

Nesse momento abriu-se a porta e appareceo a entrada a Senhora de Brouker.

—Julgava que estardes no baile, Clotilde, disse-lhe seu marido.

—Não, senti-me indisposta e vou-me deitar. Mauricio acompanhou suas irmãs. Vinha trazer-vos uma chave que achei no vosso quarto, e que não serve á nenhuma das fechaduras de casa. Deixai-a sem duvida algum dos vossos amigos por descuido.

Reconheceo Brouker a chave, e pegou nella envergonhado.

—Meu amigo, disse-lhe sua mulher, Mauricio obteve o meu consentimento para o seu casamento com a filha do Senhor Berkenrode.

—Agradeço-vos, Clotilde; é uma boa noticia.

—Senhor Grote ficai esta noite para ceiar com meu marido; temos uma empada d'a

renques que não está envenenada.

Dizendo estas palavras retirou-se. Quando se fechou a porta disse Van Grote a Brouker: —Meu amigo cabistes no proprio laço que armastes. Cabe no mesmo buraco, que cava, aquelle que o fez para o seu inimigo.

—É o mesmo, tornou Brouker, não tenho saudades nenhuma do cachorro de minha mulher.

A. Rego.

BULLETIM BIBLIOGRAPHICO.

Do Hachisch e da alienação mental. Estudos Psychologicos.

Por J. Moreau (de Tours).

—O Hachisch é uma planta que cresce no Oriente e que serve de base á certas preparações, que produzem a embriaguez muito uzadas no Egypto, na Syria e geralmente em todos os países orientaes. He o *cannabis indica* dos botanicos, mui semelhante ao canhamo europeu. Obtem-se d'elle um extracto fazendo ferver as flores e folhas d'esta planta juntado-lhe um pouco de manteiga fresca e levando-o depois pela evaporação á consistencia d'um xarope.

Não tem esta substancia um sabor muito agradável, porem produz uma especie de embriaguez em que se sente allucinações extravagantes, e as mais extraordinarias e aprasiveis sensações: O seu preço não é exorbitante, e o seu uso por muito tempo continuado destróe as mais robustas constituições, produzindo o marasmo e até mesmo a morte. Os seus effeitos são bem semelhantes aos do opio de que se faz na China um uso tão deploravel.

Mr. Moreau, de Tours, medico do Hospicio de Bicetre, observando no Oriente os effeitos physiologicos do hachisch, quiz experimentar em si mesmo a natureza d'esta embriaguez. Tomou e fez tomal-o a muitas pessoas, com especialidade á medicos, e depois de estar convencido da poderosa acção do canhamo indio sobre os centros nervosos, destinou-se a fazer a applicação d'estes conhecimentos á therapeutica das molestias mentaes.

É o resultado de suas observações e experiencias que o auctor publica na obra que annunciamos.

Notou Mr. Moreau com mais particularidade a identidade dos symptomas da alienação mental com os que produz o uso do hachisch. Perde temporariamente o uso da razão o individuo que tomar certa quantidade d'esta substancia, conservando entretanto o sentimento do eu, podendo por conseguinte reconhecer até certo ponto e por experiencia propria esse estado mysterioso a que se dá o nome de leucara. Na verdade quem com attenção observar um alienado e um tomador de hachisch reconherá facilmente que entre ambos existe a mesma excitação cerebral, o mesmo delirio, e as mesmas allucinações. É destinada uma grande parte da obra de Mr. Moreau a estabelecer proposições que nos levam a consequencias praticas cuja importancia passamos a analysar.

Um dos effeitos do hachisch que mais me impressionou, diz o auctor, foi na verdade aquelle de que mais se tem fallado, essa especie de excitação maniaca acompanhada sempre d'um sentimento d'alegria e felicidade de que só póde fazer idéa quem já a tiver experimentado. Considererei-o um meio bastante efficaç para combater as idéas fixas dos melancolicos, despedaçando a cadeia de suas idéas, e desviando a tensão exclusiva de sua attenção sobre tal ou tal objecto, não deixando tambem de produzir grandes vantagens a applicação desta preparação a fim de estimular a intelligencia adormecida dos alienados stupidos.

Guiado por estas idéas, á primeira vista tam rasoaveis, Mr. Moreau applicou em doses successivamente mais subidas o hachisch a dementes, melancolicos e a um alienado estúpido. Forão porem sem fructo os resultados physiologicos apezar de serem tão altas as dozes. Dois melancolicos, depois de cinco ou seis horas, experimentaram uma excitação mui viva com todos os caracteres de alegria e garrulice. Um d'elles principalmente, havia nove mezes que não proferia no dia mais de dez palavras, atormentado que estava por terrores imaginarios e idéas fixas, conversou, rio-se e fez doidices, (como se costuma dizer) constantemente em toda uma tarde; mas passada a excitação, tornou elle a cahir no seu estado anterior.

Nala tendo conseguido com esta especie d'alienação mental, tentou Mr. Moreau por meio do hachisch passar para o estado agudo o delirio que houvesse tomado a forma chronica sendo por conseguinte incuravel neste estado. Os factos citados pelo auctor são infelizmente bem poucos. Com quanto seja imperfeita esta experiencia, não merece por isso fixar menos a attenção dos practicos, por quanto em muitos casos mui graves foi seguida d'uma melhora sensivel a violenta excitação occasionada pela applicação do hachisch; e se o seu uso fosse continuado por mais tempo talvez que contasemos mais d'uma cura.

A. Rego.

SCIENCIAS.

NOVOS TRABALHOS DE M. MILNE-EDWARDS.

Tudo quanto vive está sujeito á lei geral d'assimilação. Os animaes sobretudo só podem existir com a condição de trocar continuamente sua propria substancia com a dos corpos de que se nutrem. Este movimento de destruição e reparação é mui rapido, e não é mister de muito tempo para que cada um de nós execute a reforma completa de todas as partes que nos compõe. A funcção de nutrição executa-se por meio d'estas duas forças oppostas que obram, uma eliminando continuamente os corpos organizados, e a outra reparando-os a cada instante associando-lhes materias recentemente elaboradas. Executão-se estas duas acções por meio d'um fluido nutritivo, resultado da digestão, que depois de ter sido fornecido pelos alimentos ha de mister ser pela respiração sustentado em suas qualidades vivificadoras. Assim a digestão, circulação e respiração são funcções que se devem suppor em todos os animaes inda os mais simples, e até mesmo naquelles que uma observação pouco scrupulosa faria classificar entre as plantas.

Nenhum ha que não tenha estomago, porém nem todos tem pulmões ou guelras para respirarem, nem todos tem taõbem vasos proprios a conter e a transportar o fluido nutritivo. Para sabermos o que ha de novo á este respeito, consultemos o resultado das indagações zoologicas por M. Milne-Edwards em uma viagem que fez ás costas da Sicilia. Este sabio Zoologo observou o facto da falta de vasos em certos molluscos, e o derramamento de sangue na cavidade visceral. Esta singular disposição que á primeira vista parece uma anomalia, e de terriveis resultados para a sciencia, segundo o dizer d'alguns naturalistas, foi collocada pelo auctor, por meio de considerações geraes e philosophicas, em um logar onde apresenta bastante interesse.

Se observarmos com attenção a serie animal em toda a sua extenção, notaremos que uma differença bem caracterizada distingue os entes que occupam os dois extremos da escala. Em uns, manifesta-se a vida por um

numero limitado de phenomenos, sendo mui circumscriita a esphera em que se exerce a actividade phisiologica. Em outros ao contrario multiplicam-se as facultades á um alto grão, tornando-se assim a vida mais complicada e exercendo-se todas as funcções com uma potencia e precizão admiraveis. Nota-se taõbem nos primeiros que todas as partes do corpo gosam d.as mesmas propriedades, sendo cada uma d'ellas ao mesmo tempo um instrumento de nutrição, de sensibilidade, de movimento e até mesmo de reproducção. É deste modo que nos Polypos, cada uma das partes do corpo possui tudo o que é necessario á sua maneira d'existir. Separae-a, como fez Trembley, e vereis que um quarto, um decimo d'animal é sufficiente a regenerar por si em pouco tempo um individuo completo. Se tentarmos o mesmo em um animal menos imperfeitamente organizado, teremos um resultado menos satisfatorio, e será inteiramente infructuosa a tentativa se a fizermos em um mamifero. Em um Polypo tudo é cerebro, tudo é pulmão, tudo é estomago. Em nós, pelo contrario, a mais insignificante parte do corpo contém em si ao mesmo tempo tres órgãos que participam das principaes funcções. Um simples cabello para se formar e crescer, exige o concurso, e acção simultanea d'uma arteria, d'uma veia e de um filete nervoso; se faltar qualquer d'elles deixará o cabello de crescer. Aham-se entre estes dois extremos todos os grãos intermediarios, não podendo deixar se de concluir que, *no reino animal, o aperfeiçoamento dos typos opera-se essencialmente por meio da divisão de trabalho que tem por séde a economia*, ou, o que vem a ser o mesmo, *que a degradação destes typos zoologicos depende essencialmente da accumulção progressiva de diversas funcções sobre o mesmo instrumento.*

Quando um animal pertence ás classes superiores onde se apresentam as diferentes funcções mais ou menos localizadas, já se não encontra nelle esse poder creador que de muitos pedaços pôde reconstruir outros tan-

tos indivíduos completos, po-ém conserva-se ainda em animaes bastante complicados esse poder de regenerar as partes destruidas. Quem ignora a facilidade com que se reproduz a cauda d'uma traóira, ou d'uma osga? A salamandra que por ser reptil é classificada entre os vertebrados em pouco tempo recupera qualquer membro que hajá perdido; muitos outros exemplos poderíamos apresentar que seria aqui longo o enumerar.

A par d'estes factos que cada dia se tornam menos notaveis, cumpre notar o *da divisão progressiva do trabalho physiologico*. A applicação deste principio ao desenvolvimento gradual do aparelho circulatorio, explica a organisação particular dos molluscos ditos *phlebotericados*. Entre o Polypo cuja nutrição se opera por uma inubibição uniforme de liquidos mal elaborados, e os Vertebrados que apresentam uma cavidade vascular, fechada de todos os lados, onde circula o sangue, ha disposições intermedias, cujo exame faz o objecto da memoria de M. Milne-Edwards, de que a pouco fallei. No primeiro grau, onde começa a existencia animal, só ha um sacco e uma abertura por onde entra a agua exterior e alguns fragmentos organicos que haõ de ir ser submettidos á digestão. Opera-se esta com promptidão no interior do sacco que constitue o animal, e no mesmo logar onde se faz a digestão é que o fluido nutritivo penetra na polpa absorvente para ahí soffrer a assimilação. Em typos mais superiores, encontra-se o orgão da digestão apresentando a fórma d'un canal intestinal suspenso em uma cavidade visceral, derramando-se o fluido nutritivo no espaço livre que deixam entre si. Já se distingue nestes o producto grosseiro da digestão, e já esta especie de sangue tem um receptaculo proprio; faltando porém ainda o orgão d'impulsaõ, e canaes propriamente ditos. São estes orgãos reservados para entes mais perfeitamente organizados. Logo que apparece o coração, apparecem também os primeiros vasos, ou porque ha simultaneidade na criação destas partes, ou porque os canaes sanguiferos tem origem e terminam só pela força do coração.

Abraça M. Milne-Edward esta ultima opinião, e inda nos animaes das classes mais elevadas encontra elle rasões em que a fundamentalmente. Quando o pinto se desenvolve no ovo nota-se que no seu blastoderme a rede vascular ha area venosa com iste primeiro em um systema de lacunas que parecem enter-

rar-se pelo tecido deste disco membranoso, communicando-se entre si mal irregularmente. Depois estas cavidades, que bem podemos comparar á um conjunto de laçs de diversos tamanhos, transformam-se, permitta-se-me a expressão, em rios, reunidas entre si por tubos tortuosos; canalizam-se depois pelo alargamento dos estreitos primitivos, e pela diminuição das maiores lacunas: pelo progresso do trabalho genésico bem depressa se transformam estes canaes em vasos propriamente ditos desenvolvendo-se para esse fim uma membrana tubal si em torno do liquido que esta em movimento internamente.

Tudo corre da mesma forma, quando se desenvolvem, em consequencia de um estado pathologico da economia, vasos sanguineos em uma pseudo-membrana; não são elles ternecidos pelos vasos já formados dos tecidos vizinhos, são sim espaços irregulares que penetram na substancia do novo tecido, communicando depois com as partes mais proximas do systema vascular, canalizando-se e transformando-se depois em verdadeiros vasos sanguineos. Deste modo poderíamos explicar a formação dos vasos pela influencia excitante da passagem d'un liquido por tecidos vivos: podendo daqui concluir que devemos sempre encontrar o primeiro trabalho de canalisação naquelles logares em que o sangue soffre maior impulsão. A este respeito fornece-nos a anatomia comparada factos que estão completamente d'acordo com as idéas do auctor. É exacto que os primeiros esboços de aparelho vascular se encontram nos animaes invertebrados, pelas proximidades do orgão d'impulsaõ. São perfectos nos crustaceos os vasos arteriaes, sendo pelo contrario bem imperfeitos os venozos. Nos molluscos acephalos é incompleto o systema arterial, sendo somente visivel nas proximidades do coração, reduzindo-se pouco a pouco as paredes que o compõe ao passo que se vão afastando, em um systema capilar imperfeito.

Resumindo em poucas palavras as idéas de M. Milne-Edwards sobre o modo de distribuição dos fluidos nutritivos na economia animal, e ponto de parte os animaes de simplicissima organisação em que se confundem os aparelhos circulatorio e digestivo, resta-nos para considerar a immensa quantidade d'animaes dotados de sangue proprio. Na classe inferior é este liquido simplesmente derramado na cavidade visceral

banhando a superficie exterior do tubo digestivo. Estende-se elle também aos intestinos que separam os diversos orgãos chegando até aos intersticios de seus tecidos, e circulando nos espaços irregulares que se chamam *lacunas*. Opera-se a circulação nestes animaes por influencia de forças desconhecidas e disseminadas por toda a parte. Transportem-nos agora as classes superiores, e veremos então ahí concentrarem-se estas forças em um orgão d'impulsaõ, o coração. Bomba aspirante e compressiva abre este adiante de si por esforços repetidos os primeiros canaes, as primeiras arterias; é aqui o logar competente para observar o systema circulatorio semi-vascular e semi-lacunar, que o auctor admite em grande parte dos molluscos. Não são fixas as proporções relativas dos canaes e das lacunas, porque ao passo que se vão aperfeçoando os animaes, assim vai predominando o systema vascular terminando d'uma maneira completa aos olhos do anatomico.

Digo aos olhos do anatomico porque o physiologista não considera fechado de todas as partes este reservatorio vascular. Bem longe está d'assim ser, porque são as paredes tecidos permeaveis por onde gira por assim dizer a maior parte do sangue; e se assim não fora como se poderia comprehender o trabalho emanado da assimilação? De que serviria ser um animal dotado d'un systema ramificado de tubes hermeticamente fechados, por onde giraria indistinctamente um fluido reparador, se este fluido não podesse extravazar-se nos tecidos circumvizinhos? Vê-se bem que o aparelho vascular não é mais que um intermediario entre os orgãos preparadores dos sucos nutritivos, e as partes onde vão ter e funcionar estes liquidos.

Do que levamos dicto, conclue-se que sendo pouco espaçozas as paredes membranas que contem o sangue deverá este chegar ao seu destino, porque assim nens se poderão escapar as particulas solidas e os globulos que nelle se acham suspensos.

—*Theoria da visão por M. Sturm.*—O mecanismo da visão e os processos que a natureza emprega para dar ao olho a faculdade de ver distinctamente os objectos collocados a diferentes distancias são ainda um objecto de contestação entre os physicos e os physiologistas. M. de Haldat provou

com judiciosas observações a invariabilidade da curvatura da cornea e a complicada estrutura do cristalino. Notou que o cristalino, separado das demais partes do olho empregado como o objectivo d'uma camara obscura, possui por si só a faculdade de reunir em um só ponto os raios luminosos partindo d'objectos collocados a diferentes distancias. M. Sturm prepoz-se a explicar a rasão d'esta acção tão notavel do cristalino e das outras partes do olho por considerações geometricas. Funda-se em um theorema de Malus, generalizado por M. Dupin e por outros muitos geometras cujo enunciado é o seguinte.

Quando os raios que partem d'un ponto luminoso soffrem refrações ao atravessar diferentes meios separados por quaesquer superficies, são estes raios, depois da sua ultima refração, sempre normaes a uma dada superficie. Propõe elle fondido neste principio uma theoria que com quanto não resolve completamente as difficuldades relativamente á disposição das diferentes partes do olho, tem ao menos a vantagem de as diminuir consideravelmente; por quanto cessa com ella a necessidade de suppor no olho movimentos internos e consideraveis mudanças de forma como exigem as outras theorias.

REVISTA THERAPEUTICA.

Alcool administrado em alta dose em um caso de tetanos traumático: facto observado pelo Dr. Stapleton, de Trowbridge.

Um rapaz tendo desasete annos d'idade foi acometido de tetanos em consequencia d'uma dilaceração estensa dos tegumentos da face palmar d'uma das mãos. No espaço das primeiras trinta e seis horas que se passaram depois do apparecimento d'esta terrivel molestia, foram empregados os anispasmodicos e os opiaes sem que d'elles se podesse colher a menor vantagem, antes parecia que o mal ia sempre em progresso. Nestas circumstancias lembrou-se o Dr. Stapleton, que uma forte intoxicação com o alcool poderia dar ao systema nervoso uma direcção inteiramente oposta á que lhe dava actualmente o spasmio tetanico, e fundado nesta hypothese, administrou d'uma só vez quatro onças d'alcool misturadas em igual pção d'agua. Um quarto d'ora depois foi applicada igual dose da mesma mistura e com esta applicação pôde o doente pela primeira vez no fim de cinco minutos

praticar o decubito lateral, e adormeceu profundamente e com socego, cessando completamente as dores e a tensão dos musculos; dissiparam-se as palpitações tumultuosas do coração, e o pulso decahiu de noventa a sessenta pulsações por minuto; tornou a apresentar a face a sua expressão normal, e o corpo cubrio-se d'uma abundante transpiração.

Nas desasete horas que durou este feliz resultado do alcool ingerido, tentou-se desembaraçar o ventre por meio do oleo de croton: porém receando-se algum máo resultado da intoxicação alcoolica sobre o encephalo, não se fez essa applicação. Infelizmente reapareceram as dores e os espasmos tetanicos quando o doente tornou a si, porém com menor intensidade que primitivamente. Foi novamente applicado o alcool, e pela segunda vez cederam os accidentes á sua acção.

Na tarde do dia seguinte tornaram os symptomas a apparecer, sendo nessa occasião mui precipitada a respiração. Entretanto respondia o doente ás perguntas que lhe eram dirigidas, e movia-se com facilidade na sua cama. Tornaram novamente a apparecer os espasmos clonicos, e quando iam cedendo expirou o doente.

Não ha duvida que o resultado d'esta medicação não pôde ser apresentada com uma segurança positiva, visto ter succumbido o enfermo; mas a vista das melhoras que apresentou o individuo por diversas vezes depois das diferentes applicações da mistura alcoolica, não deveremos suppor que se estas applicações fossem feitas d'esde o começo da molestia, e sem o receio da sua acção sobre o cerebro que poderiamos colher d'ellas os melhores resultados? Acreditamos que os resultados obtidos pelo Dr. Stapleton, com quanto sejam imperfeitos, devem excitar os praticos a que lancem mão dos mesmos meios todas vezes que tiverem occasião de o fazer; Ha alem disso um outro motivo não menos forte e vem ser a inefficacidae dos meios therapeuticos aconselhados e empregados até agora contra os accidentes tetanicos.

Tratamento das convulsões nas crianças pelas fricções com a essencia de terebenthina; pelo Dr. Close, de Manchester.

—É um facto bem conhecido quanto o predomínio do systema nervoso nas crianças os predispe ás convulsões, e com que promptidão se devem administrar os soccorros nas afecções d'este genero. O Dr. Close desco-

briu um novo methodo extremamente efficaaz contra estes accidentes.

A um individuo de oito annos d'idade acomettido de convulsões violentissimas, extrahio elle da jugular libra e meia a duas libras de sangue, tendo previamente applicado á este individuo um banho quente: não tirando d'esta applicação resultado algum satisfatorio, e lembrando-se este medico da actividade excito-motora do systema nervoso e da sua influencia nesta enfermidade, ensaiou fricções d'oleo volatil de terebenthina em toda a extensão da columna vertebral. Foram sem demora estas fricções praticadas com uma flanela embebida na essencia de que fallamos, e logo depois começou o menino a suspirar, e a respirar mais facilmente; o pulso que havia subido a ceato e quarenta pulsações por minuto, baixou extraordinariamente; a face foi adquirindo pouco a pouco a sua natural expressão, desaparecendo a espuma que havia na boca, e cedendo completamente as convulsões no fim de cinco minutos.

Em outro caso empregou o Dr. Close os mesmos meios obtendo o mesmo resultado, exceptuando porem a sangria; a unica differença que houve foi persistirem por mais algum tempo as convulsões clonicas dos membros, cessando instantaneamente o espasmo da larynge. Para obviar a irritação cerebral, e para prevenir o derramamento que poderia ter logar, prescreveo elle uma applicação de sanguesugas na cabeça.

A. Rego.

—Muitos homens, principalmente os que são destituídos de toda sciencia, ou que tendo-a mais ou menos, a falsificam por errados raciocinios, falta de justo criterio, pouco amor á verdade, ou systematico e estúpido pensar, creem, ou antes se exforçam por crêr que os que exercitam a divina arte do velho de Cos, a medicina, são por convicção materialistas, incredulos, faltos de fé, sem piedade, e incompatíveis com os sentimentos de humanidade. . . —que, movidos por interesse vil, elles fingem soffrer com os padecimentos de seus semelhantes, e muitas vezes, sem esperarem stipendio algum, lhes ministram cuidados, e meios para que possam recobrar sua saude, e mitigar seus males, ou cheios de palavras de consolação se revistam de sancta paciencia para haverem animo de levar ao cabo da vida aquella dor que não fôr sus-

ceptível de cura, ou de alivio—porém que tudo isto é assim feito para, por tal arte, se tornarem populares, mais conhecidos, e fallados, e chegarem depressa aos fins que leem vista.

Facil nos fôra, pelo que se passa mesmo entre nós, mostrar o contrario de tão louco arrazoar—nenhuma difficuldade encontraríamos em apontar innumerous medicos prestando mais do que os soccorros de sua arte, sem aguardarem remuneração alguma, e muitas vezes tendo certa a ingratição—Demonstração tal é desnecessaria aos de atilado siso, e aos outros, esta sua tão desvairada razão só é perdoavel, como filha de bronca estúpidez—Estes, e outros que taes, melhor é deixar-lhes ir como vão—nenhuma resposta merecem porque emperreados, e atados ao seu systema—em tudo, e para tudo elles forjam um systema; até submettem á elle as redeas do pensamento—se elle fosse ao menos fundado sempre em solida base. . . . —pouco mais enxergam do que o que se passa algumas pollegadas distante de seus olhos.

Alguns materialistas, bastantes mesmo, se contam entre os medicos, porém muitos varões se acham tambem entre elles, notaveis, e memoraveis, não só por seu profundo saber, mas por seu espirito humano crente, e religioso, que assaz honram a classe, e tem dado á Igreja grande numero de virtuosos, postos entre os Sanctos.

Para aqui treslado os nomes d'alguns, tirados por um auctor da Historia dos Sanctos, publicada em 1643 por G. Duval.

S. Lucas, d'Antiochia na Syria, medico,

exímio pintor, discipulo dos apostolos, e um dos quatro evangelistas.

S. Cosme e Damião, martyres.

S. Pantaleão, de Nicomedes, martyr.

S. Antiocho de Sebaste, martyr.

S. Samsen, sacerdote, medico dos pobres.

S. Otricianus, martyr.

S. Ursicino, de Liguria, martyr.

S. Alexandre, martyr.

S. Cyro, d'Alexandria, medico entre os Egypcios, e martyr.

S. Cesario, medico, e Senador de Byzancio.

S. Diniz, diacono.

S. Codratus, de Corintho, martyr.

S. Papius, diacono, e martyr.

S. Juvenal, bispo.

S. João Damasceno, medico, e grande doutor da Igreja.

S. Diomedes, de Tarso, medico na Sicilia.

S. Leoncio, e S. Carpophoro, medicos arabes, e martyres.

S. Gennadio, medico Grego.

S. Eusebio, medico Grego, soberano pontifice, e martyr.

S. Zenobio, d'Ega, medico, bispo, e martyr.

S. Oresto, martyr intrepido da Cappadocia.

S. Emilio, medico e martyr em Africa.

S. Antiocho, cavalleiro romano, sabio medico, e martyr.

R. Mattos.

TELEGRAPHO-ELETRICO.

—O vapor, os carros de ferro, e os telegraphos-electricos, são os tres, admiraveis agentes da civilização moderna que tem d'operar no mundo importantes mudanças. Todas estas tres invenções se devem á Inglaterra—o paiz industrial por excellencia. O apparelho electro-magnetico estabelecido na linha de ferro de Londres a Portsmouth, foi o primeiro que funcionou com os mais admiraveis resultados. Logo depois foi adoptado nos Estados-Unidos, e em França, não

tardou a fazer-se um ensaio na linha de Pariz a Ronen, com algumas modificações que ficaram adoptadas. Quasi ao mesmo tempo foram os telegraphos-electricos estabelecidos na Russia, na Allemanha, e pelas ultimas noticias da Prussia os vemos adoptados pelo governo nas linhas de Berlim a Colonia, e de Berlim a Postdam. O anno de 1844 ficará notavel por este novo descobrimento.

É bem natural que desde os mais remotos tempos se tenham usado signaes para

fazer conhecidas com grandes distancias, e promptamente, as noticias que se tornasse necessario transmittir. Sem recorrerem a columna de fogo que guiou os hebreos no deserto, sabe-se que Alexandre empregara este mesmo alvitre para regular a marcha das suas tropas, e que um Sidonio se lhe offerecera para descobrir um meio com o qual elle se poderia communicar com o mais longiquo ponto de seus dominios em apenas cinco dias. A proposta pareceo absurda e foi despresada: Eschylo e Homero fallam de meios similhantes empregados pelos gregos e troyanos; e além destes signaes de fogos, os gregos e romanos empregavam tambem os estandartes de differentes côres, e a variedade dos sons das trombetas. Mas o fogo é o uso mais geral: os chinas o empregaram, e assim os gallos, os arabes, &c.

Mas esses meios todos eram imperfeitos, ate que o inglez Hooke publicou em 1684 o seu processo telegraphico. Esta theoria porém só servio de desafiar varios escriptos e projectos mais ou menos sensatos, em quanto Chappe não apresentou á Convenção Nacional em França no anno de 1793, o seu telegrapho—modêlo, quasi como o que se usa hoje; e a primeira linha telegraphica foi estabelecida no mesmo anno, de Paris a Lille. Esta descoberta importante foi immediatamente adoptada por todos os paizes.

Com estações de tres em tres legoas, ordinariamente, as communicações telegraphicas, quando a atmosphera limpa o permite, ou por meio de luzes se ha nevoa ou é de noite, fazem-se em minutos entre pontos mui distantes. Mas a velocidade característica do nosso seculo não estava satisfeita. Uma communicação tam rapida como o pensamento, entre logares separados por muitas legoas, era na verdade indispensavel no dia d'hoje.

Franklin tinha se lembrado da applicação da electricidade á telegraphia. Lesage chegou a publicar em 1774 um theto para tornar realizavel esta idea, e diz-se que o seu systema ainda chegara a ser experimentado nos arredores de Madrid por um tal Betancourt. O francez Ampere e o allemão Soemmering tractaram tambem da applicação da corrente electrica ás communicações. Estava porém reservada á nação ingleza, a Mr. Wheatstone, professor em King's College, a gloria do estabelecimento dos telegraph electricos.

O primeiro telegrapho electrico foi es-

tabelecido na linha de Londres a Portsmouth. Este admiravel meio de communicação, sendo adoptado em França nos principios do corrente anno, foi modificado por Bréguet, segundo os desejos de Foy, a ministrador das linhas telegraphicas daquelle paiz e encarregado da sua execução, que teve a feliz idea de fazer os novos telegraphos similhantes aos telegraphos ordinarios. isto é: para fazer com que os desenhos do mostrador do telegrapho electrico representem as figuras do antigo telegrapho, com o que se conservará o mesmo valor do vocabulario em uso.

Procurarei agora explicar o que é um telegrapho electrico

Dois fios de cobre ou de ferro galvanizado, convenientemente isolalos e cobertos de gluten-marinho, sendo de cobre, para evitar a oxidação, são estendidos sobre pontaletes de altura de cinco metros collocados em todo o comprimento do carril de ferro. A electricidade vai por um destes fios e volta pelo outro; mas já se conheceo que um era bastante porque o outro pôde ser supprido pela terra mesmo como corpo conductor. Faz-se um poço ao pé de cada estação para transmittir a corrente, ou pelo intermedio dos dois fios de cobre, ou por um delles só e a terra, mediante um canudo de folha mettido dentro do poço. Por este ultimo meio perde-se metade menos da electricidade. Tambem em França se procura substituir os pontaletes, em razão da imperfeição do isolamento que dão ao fio de cobre

Duas pilhas, de natureza particular, postas em cada uma das extremidades da linha, ás quaes se prendem esses fios de cobre conductores, fazem circular nellas a electricidade. Em cada uma das estações se enrola o fio em um bocado de ferro, que fica magnetizado pela influencia da corrente, e influe por attracção sobre outro pedaço de ferro, que é uma especie d'alavanca destinada a fazer mover um ponteiro, com auxilio de certo mecanismo de fabrica de relogio, sobre um mostrador ou circulo graduado, de rotação, em que cada divisão representa, por exemplo, uma letra do alphabeto, analogo tambem a um mostrador de relogio.

Para pôr em movimento o telegrapho basta interromper a corrente electrica certo numero de vezes, do que resultará uma serie d'attracções successivas sobre a pequena alavanca, ou força intermittente, que fará girar o ponteiro com igual numero de saltos.

Dois aparelhos similhantes estão postor-

em cada uma das extremidades da linha tendo em seus mostradores letras, como acima se disse, syllabas, ou quaesquer outros signaes, como estão indicadas as horas nos mostradores dos relogios. Quando n'um destes aparelhos se colloca o ponteiro n'um dado signal destes, o ponteiro do aparelho da outra extremidade marca exactamente o mesmo lugar que lhe corresponde; e com a faculdade que tem estes aparelhos de interromperem ou restabelecerem a corrente electrica todas as vezes que um dos ponteiros fizer um salto, o que se indicará n'um mostrador será tambem indicado no outro *immédiatamente*, porque este telegrapho tem a velocidade do raio. E assim duas pessoas distantes 6000 legoas, por exemplo, uma da outra, poderão conversar tam seguido e facilmente como se estivessem junctas no mesmo quarto, precisando unicamente do tempo necessario para ajunctar as syllabas indicadas no mostrador, ou escrever as letras, para conhecer as palavras. Está calculado que se o fio de metal que transmitta a corrente electrica, tivesse 100000 legoas de comprimento a indicação feita n'uma das suas extremidades não gastaria mais de um

segundo a manifestar-se na outra: velocidade muito superior á da luz.

Mas a maravilhosa invenção dos telegraphos electricos não serve só para a transmissão de avisos, despachos &c, as suas applicações podem ser muitas, cada qual mais assombrosa. Para se fazer idea dellas bastará simplesmente citar esta hypothese: «Quando a capital de França estiver ligada com a da Gram-Bretanha por meio d'um conductor electrico (diz um jornal francez,) qualquer creança em Londres com o fragil esforço d'um dos seus dedinhos pôde fazer resoar em todo Paris o sino-grande da cathedral.» Já se vê pois que *uma vontade* que tenha á sua disposição um conductor electrico, preparados os meios, poderá em grandes distancias produzir efeitos espantosos.

O enthusiasmo com que os sabios consideram a invenção de Mr. Wheatstone, a propagação della por todo o mundo, a sua applicação a instrumentos physico-mathematicos já conhecidos ou novos, e muitas outras, admiravelmente importantes, de que ella é capaz, lhe conferem já um dos tres primeiros logares entre as descobertas modernas.

(Da Revista Universal Lisbonense.)

UNIDADES.

—Segundo os documentos compilados por M. Alison desde o principio das guerras da Revolução em França, se recrutaram mais de quatro milhões de soldados, tres milhões dos quaes pelo menos, morreram nas batalhas, nos hospitaes, e nos acampamentos. Ora, como é de suppor que os exercitos inimigos tivessem as suas fileiras igualmente numerosas, segue-se que em 20 annos morreram nunca menos de seis milhões d'homens, por causa da guerra, no seio da Europa e no seculo XIX. A estes devem-se ajunctar os que pelo mesmo motivo pereceram de fome e á mingoa, nos paizes devastados pelos exercitos &c.

—A imprensa jornalística em Hespanha vai aproximando-se á competencia com a da França. *O Español*, escripto expressamente para os seus folhetins vai agora publicar o romance d'Eugenio Sue—«Os sete-peccados-mortaes»—que aquelle jornal conseguiu do celebre romancista poder começar a publicar em hespanhol, antes que appareça em francez.

—Fimfim para se fazer idea da actividade que vai adquirindo a litteratura nesta celebre nação, e o quanto

os progressos d'illustração se avantajam alli aos de muitas nações, bastará dizer que se estão extraindo naquelle paiz 85000 exemplares do *Judéo-Errante*!

—A Hespanha faz de dia para dia progressos importantes em tudo que pode constituir a illustração e prosperidade de um paiz. Pelo que toca a caminhos de ferro, sommam 127 legoas as linhas e recortas por empreza. O seu custo está calculado em 5000 milhões de reales os principaes são: o que vai de Badajoz a Bayonna, passando por Madrid, Saragoça e Pamplona:—o que vem de S. Sebastião a Cadiz, passando por Burgos, Madrid e Cordova:—e o que parte d'Avila a Valencia passando por Leão, Valladolid, e Madrid. Já se vê que estes tres carris cortam a península hispanica em todas as direcções.

—Um corredor extraordinario—O periodico inglez *Standard* extrahio dos da Escocia um facto mui curioso da agiltade humana. Um individuo natural da Noruega, andarilho de profissão, formou o projecto de ir só, á pé, demandar a origem do Nilo Branco, e conta não

empregar nesta excursão mais de quatro meses, visto que vai pelo caminho mais curto, atravessando desertos, e passando rios a nado. Este individuo anda vinte e quatro a vinte e cinco leguas em doze horas, e pôde estar tres dias sem comer nem beber, tomando apenas duas ou tres gotas de um confortativo que leva consigo em uma garrafa. Este homem fez já a jornada de Constantinopla a Calcutá, sem gastar mais do que quatro dias em ida e volta. O Sultão deo-lhe 10,000 francos em premio de sua agilidade. Tambem andou treze dias o caminho que vai de Pariz a S. Petersburgo. Traz consigo certificados das auctoridades de Calcutá e de S. Petersburgo.

Theatros Estrangeiros—Lemos nos jornaes italianos a seguinte noticia que julgamos de bastante interesse para os verdadeiros *diletanti*; é a recente apparição, nos Theatros d'Italia, do excellente tenor Jacopo Foscari (Pietro di Unanue.)

« É este um tenor, diz um d'elles, que apparece pela primeira vez nos Theatros Italianos, depois de haver já sido victoriado por muitas vezes nos diversos paizes estrangeiros por onde tem andado. Começou a sua carreira pelas armas; e a Hespanha sua patria, o theatro onde por muitos annos servio, chegando a altos grãos, e merecendo as mais honorificas distincções, até que acontecimentos politicos e a sua vocação pela arte musical o determinaram o deixar as bandeiras de Marte para se alistar entre os adoradores d'Euterpe.

« É pasmoso e electrisa ouvir o timbre da sua voz a extensão, vigor e facilidade de que é ella dotada; enfim, o seu canto cheio de vida e expressão, auctorisam-nos a classificar-o entre os artistas a quem pouco ou nada resta para conquistar uma celebridade de primeira ordem. Como actor, conhece-se logo que teve distincta educação nos primeiros annos de sua vida, e de quanta intelligencia é elle dotado, tão nobres são as suas maneiras no desempenho de qualquer papel. Foi chamado fóra tres vezes depois da cavatina do primeiro acto, muito maior numero de vezes em companhia de seus collegas nos outros pedaços da opera, e com especialidade no fim, no meio dos mais vivos signaes de enthusiasmo.

O *Figaro de Milão* diz taõbem á seu respeito o seguinte

« *Bergamo* — Outras cartas fallando não sei se da primeira se da segunda representação dos *Dois Foscari*, verificam que o excellente tenor Pietro di Unanue foi chamado fóra cinco vezes depois da sua cavatina, e dezaete no fim da opera. Acrescenta a mesma correspondencia que o Senhor Unanue deve d'ed'hoje ser considerado como o primeiro tenor d'Italia, pois nenhum reune como elle em um grão tão elevado as qualidades tão oppostas do canto, da energia e do sentimento. Affirma-se que a celebre Pasta manifestou a maior admiração pelo talento d'este cantor. »

— Espera-se todos os dias de volta do Pará a companhia Italiana que já cá esteve, dizem que traz ella mais uma *prima dona* e um *basso*, e por noticias que tivemos de lá consta-nos que tem aquella uma vocalisação facil e agradável com quanto não seja de muita força, sendo soffrivel a sua eschola de canto; desempenhou no theatro da Cidade onde actualmente se acha a companhia, o papel de *Adalgisa* da Norma de modo que não desagradou, pelo que já a podem julgar aquellos que já tiverem ouvido bem desempenhar esta opera: quanto ao novo *basso* nada sabemos á seu respeito, guardamo-nos para dar o nosso juizo depois que aqui o tivermos ouvido, se por ventura vier como dizem: muito desejáramos que se verificasse a noticia que damos, pois já nos sobram saudades das bellissimas harmonias do Sr. Carlos Ricco, com a suavissima voz de tenor que tem.

Publicações Litterarias—Acham-se na imprensa para serem publicados—Os Primeiros Cantos—do nosso distincto poeta o Sr. Antonio Gonçalves Dias, natural d'esta Provincia, de idade de 21 annos! São os seus

propios versos o seu verdadeiro elogio, e não deverão os nossos leitores desconhecê-los visto ser elle um dos mais distinctos collaboradores d'este Jornal; ninguém melhor que nós pôde avaliar o genio e talento d'este nosso particular amigo e companheiro dos nossos trabalhos litterarios na Universidade de Coimbra, visto que com elle vivemos na maior intimidade nesta cidade, por espaço de cinco annos, onde tivemos immensas occasiões de admirar a fertilidade de sua imaginação e a summa facilidade de a metrificar; e nem taõ pouco é o que levamos dicto um documento da amizade que lhe consagramos, porque d'essa já elle tem sobejas provas; moveu-nos a escrever este annuncio a admiração que lhe tributamos por vêr em taõ verdes annos tantas disposições a ter um futuro brilhante e cheio de gloria, prasa a Deus que nenhum contratempo entorpeça uma carreira taõ bella, e que um dia vejamos o nome do nosso amigo entre os desses que tanto honram hoje a litteratura: são estes os nossos mais caros desejos, e teremos em vel-os cumpridos uma completa satisfação.

Revista Medica—Continúa a grassar nesta cidade a epidemia que nella tem reinado a tres mezes, tem se observado que é ella da natureza das *nevroses*, e por isso mais difficil de se conhecer a sua pathogenia e therapeutica; de todos os meios até hoje empregados inda de nenhum se pode colher resultado satisfatorio: ataca ella em especial a parte do cerebro, que preside á intellectualidade, sendo tambem affectados os nervos destinados ao movimento, não soffrendo alteração os do sentimento; a sua forma é, movimentos desordenados dos individuos affectados desta enfermidade logo que ouvem tocar em algum nstrumento uma musica intitulada *Polka*; cessando estes movimentos logo que pára de tocar o instremento: já se vê que deixa ella aos doentes intervalos lucidos em que tornam ao seu antigo estado physiologico: nota-se uma singularidade nesta enfermidade, e é a preferencia que dá aos individuos da alta classe da sociedade, e entre estes os do sexo feminino infelizmente já se vai ella introduzindo tambem pelas classes inferiores: esperamos que com a mudança da estação vá pouco e pouco desaparecendo tão terrivel epidemia; com quanto não seja ella mortal: os mestres d'arte dão lhe o nome de *Polko-mania*.

Sociedade Philomatica Maranhense.—Não pôde ter logar neste mez a sessão ordinaria do dia 1.º por se não reunir numero sufficiente de membros. Na do dia 16 fez-se á leitura da memoria apresentada pelo socio o Snr. Luiz Miguel Quadros sobre a utilidade da cultura, nesta Provincia, das plantas oleaginosas em geral, e em especial sobre a do ricino, *zerezim* e *mendubim*, que tanto se tem aqui despresado, e de que aliás podíamos ter tirado immensas vantagens, attento o grande consumo que tem hoje as substancias oleosas, e a facilidade com que aqui as poderíamos obter; e muito principalmente tendo decahido tanto o commercio d'algodão, nosso quasi unico genero d'exportação! Ficou decidido taõbem nesta sessão que se fossem já imprimindo as memorias que tem sido apresentadas e approvadas, assim como taõbem as prelecções sobre diversos ramos de sciencias naturaes applicadas ás artes que se tem feito todos os domingos nos cursos publicos dados por alguns membros da Associação.

Industria—Está finalmente montada e prompta para começar os seus trabalhos a fabrica de stearina e sabaõ do Sr. Luiz Bottentuit e C.º esperamos que não tenha este estabelecimento a mesma sorte de todos os outros estabelecimentos industriaes, que aqui tem apparecido, pois tudo devemos esperar do zelo, aptidão e actividade do Sr. Bottentuit, que deverá com a sua fabrica fazer importantes serviços á Provincia, visto consumir nella bastantes substancias de summa utilidade que tem sido por nós até hoje despresadas. Esperamos dar em um dos proximos numeros uma descripção circumstanciada d'este estabelecimento, mostrando ao mesmo tempo as suas immensas vantagens.

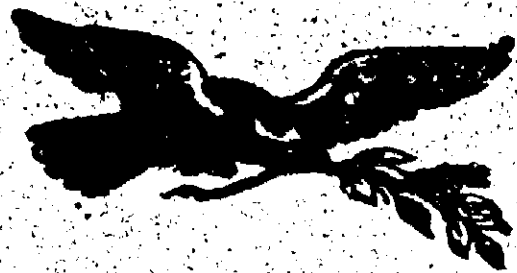
INDICE.

LITTERATURA.

Introdução.	Pag. 1
Uma Carta d'Uma amante.. . . .	2
Agapito. (Fragmentos d'um romance inedito).	3
Um Trecho da Historia do Consulado e do Imperio.. . . .	6
M. de Lamartine.	7
Canção de Bug-Jargal (Poesia)	8
A Doida.	9
Revista Dramatica,—A Torre de Nesle.	11
A Empada d'Arenques.	13
Bulletim Bibliographico.. . . .	15

SCIENCIAS.

Novos Trabalhos de M. Milne-Edwards.	17
Theoria da visão por M. Sturm.. . . .	19
Revista Therapeutica.. . . .	19 20
Telegrapho-Electrico.. . . .	21
Variedades.	23



AVISO.

—A publicação do *Archivo* será mensal; sahirá á luz no último dia de cada mez, constando de vinte a vinte quatro paginas de impressão cada numero; comprehenderá duas secções, uma de Litteratura, e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da Sociedade.

A Associação Litteraria Maranhense offerece as columnas do *Archivo* ás pessoas que nellas quizerem imprimir alguma obra respeitandó á instrucção, moral, e recreio, sendo approvada pela Comissão Revisora.

Subscreve-se para este Jornal, nesta Cidade em casa do Editor, Travessa do Sineiro n.º 1; e em casa dos membros correspondentes, em Alcantara Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupí, Padre Manuel Altino Barbosa, e Antonio Joze de Carvalho Pires Lima; no Mearim, Tenente-Coronel Manuel Lourenço Bogéa; no Codó, Raymundo Joze de Souza Gayoso; no Itapucurú-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova; em Pernambuco (Olinda) Joze Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Joze d'Abreó; no Pará, Joaquim Correia de Magalhães, e André Curcino Benjamin, em Bragança na mesma Provincia, Padre Manuel Joze da Matta; e no Piahy (Poty) Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

PREÇO.

Por anno, 12 numeros—4\$000 } pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.
Por semestre, 6 ditos—2\$400 }

Para o interior, e fora da Provincia 5\$000 por anno.



1 8 4 6

M A R Ç O = N. 2

O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

MARÇO 1—1846.—VOLUME 1.^o—N. 2.



COLLABORADORES.

Illms. Srs.

Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
A. Curcino Benjamin.
Dr. A. Carneiro H. de Seuto Maior.
Dr. A. Gonçalves Dias.
A. Henriques Leal.
A. R. de Torres Bandeira.
Dr. Antonio Rego.
A. C. dos Reis Raiol.
A. Frederico Colm.

Illms. Srs.

Dr. F. José Corrêa.
Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
J. Feil Ferrão.
J. J. Ferreira Valli.
L. A. Vieira da Silva.
M. Benício Fontenele.
Dr. F. A. de Carvalho Feig.
Dr. B. J. Faria de Mattos.
R. Augusto Colm.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO, CASA N. 10.

IMRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros funcionarios.

Presidente	—	Ilm. Sr. Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.
Secretario	—	» » Antonio Frederico Colla.
Commissão Revisora	»	» Luiz Antonio Vieira da Silva.
	»	» Amado Cesar dos Reis Rebel.
	»	» Antonio Henriques Leal.
Thesoureiro	»	» Joze Tel Ferrão.
Litterar	»	» Roberto Augusto Colla.

Membros effectivos.

Ilm. Sr. Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Ilm. Sr. Dr. Antonio Rego.

Membros Honorarios.

Ilms. Srs.

Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.
Dr. Antonio Carneiro Homem de Souto Maior.
Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu.
Dr. Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.
Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira.
Dr. Francisco Joze Furtado.
Dr. Frederico Joze Garcia.
Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.
Dr. Isidoro Emilio Baptista.

Ilms. Srs.

Dezembargador João Candido de Deus e Silva.
Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
Dr. Joze Ricardo Jauffret.
Conego Luiz Barroso de Bastos.
Dr. Manuel Jansen Pereira.
Dr. Pedro Nunes Leal.
Dr. Baymundo Joze Faria de Mattos.
Dr. Tiberio Cesar de Lemos.

Membros Correspondentes.

Ilms. Srs.

Capitão Alexandre d'Araujo Costa.
Alvaro Duarte Góelho.
André Curcio Penjunia.
Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.
Antonio Ranzel de Torres Bandeira.
Padre Camillo de Leães Henriques Pacova.
Cypriano Fidélis Guedes Albuquerque.
Estevão d'Albuquerque e Mello Montenegro.
João Pedro dos Santos.

Ilms. Srs.

Joaquim Corrêa de Magalhães.
Joze Joaquim Ferreira Valle.
Padre Manuel Altino Barbosa.
Padre Manuel José da Motta.
Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogéa.
Dr. Pedro Joze d'Abrêo.
Baymundo Joze de Souza Gayoso.
Thomaz Ferreira Guterres.

OS SEUS OLHOS.



Oh! rouvre tes grandes yeux dont la paupiere tremble,
Tes yeux pleins de langueur;
Leur regard est si beau quand nous sommes ensemble!
Rouvre-les; ce regard manque á ma vie, il semble
Que tu fermes ton coeur.
Turquety.

Seus olhos tão negros—tão bellos—tão puros,
De vivo lusir,
Estrellas incertas que as aguas dormentes
Do mar vão ferir,

Seus olhos tão negros—tão bellos—tão puros
Têm meiza expressão,
Mais doce que a brisa,—mais doce que o nauta
De noite cantando,—mais doce que a frauta.
Quebrando a solidão.

Seus olhos tão negros—tão bellos—tão puros,
De vivo lusir,
São meigos infantes, gentis, engraçados,
Brincando—á sorrir;

São doces infantes—brincando e saltando,
Em jogo infantil,
Inquietos, travessos; cauzando tormento,
Com beijos nos pagam a dôr de um momento,
Com modo gentil.

Seus olhos tão negros—tão bellos—tão puros,
Assim é que são;
As veses lusindo—serenos—tranquillos,
As veses volcão:

As veses, oh! sim, derramam tão fraco,
Tão frouxo brilhar,
Que a mim me parece que o ar lhe fallece,
E os olhos tão meigos, que o pranto humedece
Me fasem chorar;

Assim lindo infante, que dorme tranquillo,
Desperta a chorar;
E mudo e sizudo seismando mil coizas
Não pensa—á pensar.

Nas almas tão puras da virgem, do infante
As veses do céu
Cáe doce harmonia de uma harpa celeste,
Um vago desejo; e a mente se veste
De pranto co'um véo:

Quer sejam saudades, quer sejam desejos
De patria melhor,
Eu amo seus olhos, que choram sem causa
Um pranto sem dôr;

Eu amo seus olhos tão negros, tão puros,
De vivo fulgor,
Seus olhos, que exprimem tão doce harmonia,
Que fallam de amores com tanta magia,
Com tanto pudôr.

Seus olhos tão negros—tão bellos—tão puros,
Assim é que são;
Eu amo esses olhos, que fallam de amores
Com tanta paixão.

A. Gonçalves Dias.

HISTORIA CONTEMPORANEA.

A FILHA DA RAINHA.

—Lembrados estarão os nossos leitores de verem nos jornaes de Madrid, publicados nos ultimos mezes do anno passado, e apoz elles nos de França, a seguinte noticia.

•A joven rainha d' Hespanha, Isabel 2.^a, ao passar um dia pela rua d' Alcalá com a sua comitiva, encontrou o Santissimo Sacramento levado por um padre de Madrid a visitar um enfermo. Conformando-se S. M. com o costume immemorial dos Hespanhoes em taes casos, desceu da carruagem e ajoelhou-se na rua, tomando o seu lugar na sége o padre que levava o Sacramento, em quanto que ella o acompanhava a pé até á casa do doente. Era uma casa de modesta apparencia, situada na estreita rua de Zarza; quiz a rainha entrar com o ministro de Deus no interior d'essa casa. Viu S. M. no fundo d'um quarto, cujas paredes eram caiadas, ornado com algumas cadeiras de palhinha, deitada em um leito com cortinados de fazenda de linho uma moça que teria desaseis annos, d'encantadora belleza,

debilitada em extremo pela molestia que a definhava: estava junto de seu leito um homem de cincoenta annos d'aspecto nobre e marcial.

•Não foi menor a surpresa de Isabel que a da mesma moça quando a viu. Olharam uma para a outra com commoção tal que foi ella notada pelos circunstantes. Ajoelhando-se depois S. M. junto do leito de dor com os olhos arrasados de lagrimas sem desviar-os da doente, assim se conservou todo o tempo que durou a cerimonia. Ao despedir-se deixou-lhe a sua bolsa dizendo-lhe, *até á vista*. Foram logo os medicos do paço vêr a doente e affirmar-se tão bem que não deixou ella de ir *incognita* vel-a em pessoa. Mas não tardou que a moça e o homem que com ella estava desapparecessem de Madrid sem que alguém podesse explicar como. Ignora-se o seu nome, o seu nascimento e os seus antecedentes. Esconde este acontecimento o mais profundo segredo, acontecimento em que se perdem todos em conjecturas.

Na verdade, escondia este mysterio uma historia bem extraordinaria e bem pathetica que ficou até ha pouco tempo desconhecida do publico. Em outubro ou novembro do anno passado foi ella publicada em um dos jornaes de Paris, dizendo o seu redactor tel-a ouvido d'um official do exercito Hespanhol. Referimol-a aqui tal qual a lemos nesse jornal, e praza a Deus que possa ella impressicar tanto os nossos leitores, quanto fomos nós mesmos por ella impressionados.

Era o dia 12 de Agosto de 1836, memoravel pela revolta da Granja, que a favor dos ultra-liberaes derribou os absolutistas ou moderados. Sabe-se que os primeiros erão dirigidos por esse terrivel sargento Garcia, que se atreveu a lutar corpo a corpo com a regente, e que os segundos tinham por chefes os ministros Galiacio, Rivas, Isturitz e o general Quesada.

He a Granja uma residencia real, edificada pelo neto de Luiz 14.^o no meio d'um pinhal a dez ou doze leguas de Madrid, alem dos montes do Guadarama. Foi abi residir Christina esperando encontrar nella com sua filha, que então tinha seis annos, o socego que procurava; quando na noite do dia de que á pouco falámos, sublevou-se a sua guarda cantando o hymno de Riego (*); arrombarão as portas do seu quarto e rodearão-na com um circulo de bayonetas e espadas, intimando-a que demittisse o ministerio, e jurasse a constituição de 1812.

Não descoroçoou a corajosa regente em frente d'esta irrupção da força armada.

—Sabeis meus amigos, disse ella aos rebeldes, sabeis por acaso o que he a constituição de 1812?

—Á fé que não! respondeu Garcia; mas disseram-nos que era excellente, porque com ella receberemos soldo dobrado, e ficará o sal mais barato. *Carago!* he quanto queremos.

E a estas rasões ia o sargento juntar as coronhadas, se a rainha não houvesse assignado a promessa formal exigida por elles; ficando apesar d'isso guardada pelos soldados até ao dia seguinte, sendo prohibida a entrada em palacio aos ministros das nações estrangeiras.

Tinha lugar por essa occasião em outro quarto de palacio uma scena menos tumul-

(*) Soldados! la Patria.—(Os llama a la lide &. (Soldados a patria, vos chama ao combate.)

tuosa na verdade, porem mais terrivel ainda. Era esse quarto de que falamos, e que dava para o jardim, aquelle em que residia a menina rainha Isabel. Ignorando tudo quanto se passava a dois passos d'ella, só tinha em sua companhia duas aias que a despião para se deitar; e dessas duas ia uma de quarto em quarto d'hora a tremer e em ponta de pés escutar o que se passava onde dormia a regente.

Dissemos que Isabel tinha seis annos. Servia-lhe de brinco o seu sceptro nessa idade. Era por esse tempo a companheira dos seus jôgos uma menina da sua idade, chamada Felipa, de negros cabellos andaluses, e bella com o seu trajar nacional. Alcu-nhavam-na *A Filha da Rainha*.

Quem era essa menina? d'onde tinha ella vindo? He o que ninguem sabia na Granja. A senhora Montemoro, viuva d'um militar, quando morava na rua de Santo Ildefonso havia-a encontrado uma noite na sua porta com uma bolsa cheia d'ouro e uma carta que dizia:

• He uma menina proscripta no seu nascimento, que he quasi certo não ter já pae, e provavelmente terá amanhã perdido sua may. A rainha de Hespanha he segundo um antigo uso Hespanhol a may de todos os orphãos. Rogai-lhe que tenha piedade d'esta. Eu mesma irei implorar no Céu a Deus para que véle sobre vós e sobre ella.

Uma May.

P. S.

• Se contra tudo o que he de presumir, se apresentar um dia um homem que mostre uma medalha d'ouro igual a que pende do pescoço de Felipa, restitui a menina á esse homem; pois he seu pae.....

A medalha tinha d'um lado brasões completamente apagados, e d'outro uma ancora d'almirante de Hespanha com as letras C. V.

Por mais perigosa que pareceisse esta firma, identica a de D. Carlos (Carlos V), a senhora Montemoro recebeu a menina que Deus lhe enviava, e educou-a com ternura sob os auspicios d'Isabel, de quem foi bem depressa dama d'honor. D'então por diante era a orphã conhecida pelo nome de Filha da Rainha, e anjo familiar de palacio, era ella tanto mais estimada, por isso que havia entre ambas não só semelhança nas feições, como também conformidade nos annos.

Foi assim que Felipa se achou na noite

de 12 d'Agosto com sua may adoptiva, S. M. Isabel 2.^a Tendo esta ultima tirado de si todos os ornatos que formavão o seu real vestuario, lembrou-se de tomar os vestidos de Felipa, e vel-a vestida de rainha. Sabe-se que nada diverte tanto as crianças como as transformações. Queria Isabel fazer da orphã uma augusta boneca. Debalde se opposerão as aias a este capricho, foi mister annuirem

Digna foi esta scena de ser vista. Durante a troca do vestido pela *basquina*, do pente nacional pelo *bonnet* à francesa, da *peregrina* pela mantilha, dos chapins bordados pelos sapatos andaluzes, as duas meninas ficarão quasi nuas, apenas vestidas com a cassa transparente, escurecida pela alvura das suas formas arredondadas; e um raio da lua entre-abrindo as nuvens e passando ao través das cortinas vinha acariciar este grupo infantil nas suas mais graciosas posições. Houve depois sobre o leito amotinado, surrisos, brinquedos, hilaridade e familiaridades que inteiramente absorverão a magestade real.

E em quanto brincavão assim estas meninas com a coroa de Hespanha, andava a regente captiva para a sustentar a braços com os rebeldes, que atroavão a Granja com os seus gritos furiosos.

—Que motim será este? perguntou de repente Isabel, interrompendo uma gargalhada.

—He o despertar das sentinelas cantando o hymno de Riego, disserão assustadas e em voz baixa as camaristas.

Horrorisou-as porem tanto este contraste, que rogarão à rainha se deitasse.

Foi Felipa acometida d'um terrivel sentimento, ajoelhou-se quasi involuntariamente em quanto Isabel resava a sua oração do costume. Conservavão ainda ambas o seu disfarce.

Quando a rainha pediu a Deus que perdoasse aos seus inimigos, que conservasse os dias de sua may, e que vigiasse sobre o reino de Hespanha. . . . não poderão as duas damas d'honor occultar as lagrimas que lhe assomarão aos olhos.

Sobresaltou-as nessa occasião um novo motim. . . . Ouvio-se falar em voz baixa no jardim, mesmo debaixo das janellas do quarto onde estavam. . . . eis o que disião, e que infelizmente não pôde ser ouvido das aias.

—Conde de Terrido, vedes essa janella illuminada?

Terrido de los Valles y Montes &, era um dos mais nobres e dos mais temiveis ca-

pitães de D. Carlos, havia elle sido à muito tempo justicado em estatua.

—Haveis d'escalar essa janella com dois homens. Abril-a-heis quebrando o segundo vidro à esquerda. O fecho corre da esquerda para a direita. Encontrareis na camara uma menina de seis annos, entregue aos cuidados de duas mulheres. Traz essa menina um vestido de brocado branco, um *bonnet* com readas e chapins bordados d'oiro.

—Mas essa menina, Senhor. . . . he a rainha?

—Sio!

—Roubareis essa menina; por-lhe-heis uma mordaga se for precizo, e trar-no-la-heis ao fim do jardim. . . Terrido apertou estre-mecendo o braço de quem assim lhe falava.

—Não quereis. . . . mata-a Senhor?

—Que importa! isso só à nós diz respeito.

Olhou Terrido para a janella, tapou os olhos com uma mão, e exclamou resolvido: —É impossivel!

—Senhor, disse elle brandindo a sua espada, devo obedecer-vos, mas tenho sete gerações de nobresa. Dai-me um exercito para combater. uma fortaleza a tomar. vereis então se sei vencer ou morrer! Mas acometer duas mulheres! roubar uma criança! por-lhe uma mordaga!. Dirigi-vos ao algoz!

Hia Terrido retirar-se, quando o seu interlocutor lhe disse tres palavras ao ouvido, e encostou a escada na parede. Avançou para ella o capitão ja vencido, acompanhado de dois homens, pedindo perdão a Deus. Chegado ao ultimo degrão, ouviu elle a menina que resava, faltou-lhe o animo, e repetiu com voz abafada:—Jurai-me Senhor que nenhum mal succederá à essa criança! Responderão-lhe com um gesto imperioso. No mesmo instante quebrou-se com estampido o vidro. Ouvio-se um grito no quarto, e os tres homens entravão no de.

Imagine-se porem a surpresa de Terrido quando em vez d'uma achou duas meninas! Em quanto os outros retinhão as camaristas, corria elle como louco d'uma para outra menina, perguntando-lhes os seus nomes sem esperar pela resposta, deu um grito inexplicavel, e ajoelou-se de Felipa. . . . balbuciou mil perguntas sem attender ao que lhe respondi o; esteve para matar um dos seus companheiros que queria empregar a mordaga; deu ordem para que levassem esta, depois aquella; tudo quanto disia era ora

com alegria, ora com raiva, ora com dor; assim passou alguns minutos em uma perplexidade que lhe ia alterando a razão, até que sahiu com Felipa como um tigre carregando a sua presa.

Um quarto d'hora depois estava em poder dos chefes de Terrido a menina de vestido de seda, e de chapins bordados d'oiro; mas bem depressa souberão elles porque acaso se achava uma pobre orphã vestida com os vestidos da rainha Isabel!

Consolou-se a regente em companhia de sua filha de haver perdido a sua auctoridade, e nunca pôde descobrir os authores do attentado que feismente ficou sem effeito. Provou-se que este acontecimento era estranho à revolta dos liberaes, e espalhou-se que alguns carlistas, informados da revolta, havião querido pescar nas aguas turvas. Julgou-se prudente nada se publicar a este respeito, tomando conhecimento do facto somente o governo e a policia. Quanto a filha da rainha, forão baldadas as buscas que se fzerão, ninguém soube nunca dar noticias d'ella.

Sabe-se como da Granja se estendeu a insurreição à Madrid. Logo no dia seguinte toda a população em armas gritava na *Puerta del Sol*: «*Viva la Constitucion!* morrão os ministros! viva a rainha Isabel!» Debalde lutava sosinho o general Quesada contra a multidão, atropelando-a por espaço d'uma hora com o galope do seu cavallo de batalha, e sustendo assim o movimento revolucionario até a noite. Teve elle a sorte dos seus colegas, foi por seu turno esmagado pela população.

A 13 d'Agosto à noite tomava alguns refrescos na *posada* da Cruz Verde, nos arrebaldes de Madrid, um cavaleiro morto de fadiga e coberto de poeira, trasendo o rosto escondido em um vasto *sombrero*. Tinha sobre os joelhos um objecto cautelosamente envolvido no seu capote, cujas pregas desdobrava com dolorosa precaução. . . . Nessa occasião entrarão na mesma casa um troço de Guardas Nacionaes que voltavão *de la funcion* (revolução). Cantavão elles, dançando, estas horribéis palavras:

Que es lo que abaja, — Ta, ra, ra,
Por a quel cerro? Ta, ra, ra,
Son los huesos de Quesada,
Que los trae un perro. Ta, ra, ra,

Arranjaram-se todos em redor d'uma grande cafeteira, e gritou um d'elles de repente: *El panuelo! el panuelo!* (o lenço).

Entregarão-lhe um lenço azul que elle abriu; tirou d'elle uma mão ensanguentada e alguns dedos quebrados, que cada um molhou na sua chicara repetindo o estribillo: *Son los huesos de Quesada. Ta, ra, ra.* (*)

Reparou depois o chefe para o homem do *sombrero*, e offereceu-lhe uma das chcaras ensanguentadas.

—Festejæe commosco, *caballero*, a victoria nacional.

Mas o cavaleiro quebrou a chicara em mil pedaços, e declarou que não era antropophago. A esta palavra ião todos lançar-se sobre o espirito de Quesada, quando o desconhecido mostrou o seu nobre rosto marcado por uma grande cicatriz, e puchando da sua espada de Toledo, exclamou:

—Mastai-vos, tra cantes de constituições! Esta espada que vedes ja ferio cinco vezes a Quesada pela frente, não receia ella nenhuma das vossas catanas enferrujadas. . . . Recuaram es mais insolentes diante do movimento dado a arma terrivel, e o cavaleiro tomou tranquilamente o embrulho, d'onde partiu uma voz como que gemia. . . .

—Que levaeis ahí? perguntaram os Guardas Nacionaes, em quem o terror substituíra a surpresa.

—Trago uma victima d'outros como vós, respondeu o desconhecido, deixando ver uma criança cujo rico vestuario estava manchado de nodosas vermelhas. Os absolutistas e os constitucionaes deram as mãos, proseguiu elle com sombrio furor: uns bebem o sangue dos homens, e os outros o sangue das crianças. Oprobrio eterno sobre Hespanha e sobre os Hespanhóes! Aos homens d'honra so lhe cabe agora quebrarem as suas espadas.

Fazendo isto fez o cavaleiro saltar a sua em pedaços, entornou com o pé a bebida dos Guardas, sacudiu na porta o pó dos seus botins, e desapareceu do lado das montanhas montado em um cavallo que estava preso na rua.

Olharam por muito tempo os nacionaes uns para os outros em silencio; e pouco depois o commandante levantando os côpodes da espada exclamou:

—Eis aquí uma arma e uma firma que eu conheço. Esse homem he o Conde de Terrido, famoso *guerrillero* de D. Carlos!

Havia perto de dez annos que se tinha passado tudo isto; ja ninguém se lembrava

(*) Todas estas particularidades são rigorosamente historicas.

de Terrido, da filha da rainha, nem mesmo de D. Carlos, a senhora Montemor já não existia; a Hespanha havia mudado tres ou quatro vezes de constituição, e quinze ou vinte vezes de ministros; havia ellezado e derribado o regente Espartero, desterrado e tornado a chamar a regente Christina. — Quando teve lugar esse encontro com o S. Sacramento referido como se viu, pelos jornaes, e que fez com que fosse a rainha d'Hespanha a rua de la Zarza.

Em poucas palavras explicaremos agora a surpresa e emmoção de Isabel: havia ella acreditado, bem vagamente na verdade, mas com esse instincto da recordação que tão longe remonta na vida, havia ella julgado encontrar nessa moça moribunda a orphã da Granja!

Seria isso uma predição do coração, ou uma semelhança enganadora? Quiz a rainha certificar-se, antes de o communicar a outra pessoa. Soube dos nomes da doente e da pessoa que a acompanhava sob pretexto de generoso capricho. Chamava-se ella Dolores, e elle Antonio. Dizia-se que não erão parentes, mas que havia sido Dolores confiada por sua familia aos cuidados d'Antonio, que passava por um ex-medico do exercito. Era a sua enfermidade a tardia repercussão d'um grave acontecimento d'infancia. Nada mais se sabia a seu respeito. Havia um anno que habitavam a rua de la Zarza, a moça nunca sahia do seu quarto, e o doutor apenas sahia ao amanhecer a comprar o que havia de mister, ou aos domingos para ir a missa. Um novo ataque tendo na vespera assustado a doente, havia ella reclamado os socorros da religião, e os seus visinhos, assim como a rainha, entravam pela primeira vez na sua casa acompanhando o S. Sacramento.

Entretanto corria que um moço de bigodes louros tinha entrada muitas vezes em casa do Sr. Antonio. Era o bacharel Leon Diego, secretario do alcaide mór, o mais lindo *caballero* do bairro, e o mais pobre, por ser o decimo terceiro filho d'um *hidalgo* vagabundo, que se dizia chamar Dom Balthasar Diego de la Sagra, e que mendigava de noite nas portas das igrejas, vestido como um grande de Hespanha, com um manto todo roto. Quanto ao motivo das assiduidades de Leon, supunha-se com bastante fundamento que não festejava elle a Antonio pelos lindos olhos de S. Senhoria,

Eis tudo quanto pôde saber a rainha a respeito dos moradores da rua de la Zarza. Destruíam estas particularidades os seus pressentimentos, mas não lhe tiravam ellas de todo as esperanças. Imaginou um meio seguro de chegar a certeza. As repetidas visitas e prescrições dos medicos do paço haviam reanimado a doente no momento em que ella julgava finir-se. Na manhã do terceiro dia expandia-se ella ao calor do sol que brilhava em seu quarto, e nas esperanças que renasciam em sua alma, recostada em uma larga poltrona, o que já ha seis mezes inda não havia podido fazer.

Estava ainda mui fraca, as rosas das suas faces, já desbotadas pela molestia, começavam a tomar a sua antiga cor; o fogo de seus bellos olhos negros, e a faceirice, esse aprasivel symptoma de restabelecimento, haviam já reassumido os seus direitos na sua pessoa. havia ella passado uma hora inteira a pentear-se e a enfeitá-la diante d'um espelhinho de Veniza. Estava Antonio a sua direita, e Leon a sua esquerda contemplando-a ambos com sentimentos bem diferentes; o moço com uma doce alegria, que so era o reflexo da que sentia a moça; o doutor com uma secreta anxiedade, augmentada pelos beneficios da rainha. Foi o seu primeiro movimento rejeitar esses beneficios; dir-se-hia que assistia elle a sua propria perda, testemunhando as saudações a sua pupilla, e entretanto nunca se tinha elle dedicado a ella com maior ternura.

Eis terminadas todas as nossas desgraças! disse Dolores com indisivel expansão d'esperança. Meu Deus! quanto saõ felizes as rainhas que só com um olhar espalham tanta felicidade! O de S. Magestade fez-me erguer da sepultura. percorreu elle o meu corpo como se fora um balsamo milagroso, e a minha alma como uma luz divina. Já eu esperava por isso. Tive outra vez o meu bello sonho. Bem sabeis. Antonio? taõbem vós, Leon? aquelle anjo que me apparece ha tantos annos, em forma de menina com uma coroa na cabeça. como um amigo que eu perdi, e cujo nome não posso recitar-me? Pois bem! esse anjo visitou-me á noite passada. Disse-me: Venho enfim consolarte e curar-te, já te não deixarei mais. Levou-me depois em seus braços para um palacio cercado de jardins magnificos, onde eu recobrava as minhas forças correndo debaixo de grandes arvores. Era a Pro-

vilencia que me annunciava a chegada da rainha. Lhes escarnecer de mim; acreditareis que quando vi a S. Magestade, notei que ella se parecia com o meu anjo! Alegrei-vos taõbem senhor Antonio, e vós Leon! apparestes-me ambos no meu sonho. ... chamavas-me então vossa esposa!

Interrompeu-se Dolores córando, e cobriu os olhos com uma das suas mãos, em quanto Leon beijava a outra delirante. Mas como não ficou ella supprehendida quando ao levantar a cabeça, viu desenhado o receio no rosto do doutor, e deslizar-se uma lagrima pelas faces do bacharel!

— Santa virgem! que tendes meus amigos? perguntou ella angustiada. Estarei inda senhando? Porque choraes em dia como hoje? Occultaes-me algum desgosto. Vejamos, falai, repartamos as nossas magoas e alegrias.

Balbuçou Antonio uma desculpa vaga, e não pôde Leon esconder por mais tempo o seu segredo.

Já que raíou para vós o dia das graças, disse elle com voz suplicante, pedi mais uma a S. Magestade.

— Qual? não são por acaso meus, os vossos desejos?

— Oh! continuou Leon, abrem-me o ceu essas palavras, e inda posso esperar tudo. Ouvi-me Dolores; depois que me permitistes cantar á noite debaixo da vossa janella, e orar de manhã á cabeceira do vosso leito; depois que ambos nos amamos tão ternamente, e que o Sr. Antonio aprovou o nosso casamento, sabeis que nada tenho despresado para merecer tão grande felicidade. Só tinha de meu a minha capa e a minha espada; roubei a cem rivaes o emprego que nos ha de sustentar. Pedistes-me que esperasse pelo vosso restabelecimento. contribuirão em grande parte para elle os meus cuidados, e a minha ternura. Fes-me jurar o doutor que nunca o interrogaria acerca de vossa familia; sabe elle mui bem se cumpri ou não o meu juramento; contento-me somente em saber que me amaes. estive a ponto d'endouecer quando soube da vossa recabida d'antes d'hontem. crei com fervor em todas as igrejas, e prometi ir descalço a Sanct'Iago de Compostella. E quando a Providencia encaminha para aqui a rainha d'Hespanha, quando um milagre vos restitue a vida, e a mim a felicidade. quando cheio d'alegria vou declarar-me a meu pai, e confiar-

lhe os meus projectos, expulsa-me elle de sua casa.; declarando-me que nunca consentirá no nosso casamento!

E cahiu Leon de joelhos aos pés de Dolores, todo debulhado em lagrimas clamando: perdão! perdão!

Empalideceu a moça sem ter coragem para responder, voltou-se porem Antonio como um leão ferido pela retaguada.

— Que estaes dizendo? perguntou elle, cruzando os braços com magestade. Julgava que o Senhor Diego estava em circunstancias de não despresar alguém. Sobrecarregado de numerosa familia, que a sua ociosidade não permite sustentar, e, não querendo com isto offender-vos, ja por vezes lhe tenho dado esmola no portico de Santo Izidoro.

— É bem verdade o que dizeis! balbuçou Leon envergonhado, sustenta-se meu pae dos socorros que lhe presto, e dos da caridade publica. Não he isto para elle uma vergonha. Nenhum gentil-homem deve trabalhar, tal he o antigo prejuizo castelhano, e mais de um *hidalgo*, bem o sabeis, mendigão como elle. o pão que se lhe dá não altera o sangue dos nossos avós nas nossas veias; o que o alteraria sem remedio seria misturar com elle. um sangue. menos nobre. Alem disso diz elle que descendo d'onze gerações, contando entre os nossos antepassados almirantes, grandes de Hespanha &. pouco se lhe dá que a mulher que eu escolher possua um *acharo*, mas em compensação exige elle que ella conte quatro gerações de nobreza. Inda uma vez Dolores perdão para tal loucura! Deteste-a e despreso-a, mas não sei que remedio lhe hei dar.

Pelo corpo de christo! clamou o doutor fora de si, dizei a vosso pai que a *scnorita* Dolores.

Parou de repente, torceu os braços, e escondeu o rosto com ambas as mãos.

— Vosso pae tem razão, tornou elle com sombria desesperação. Em seu lugar diria outro tanto! Quereis um nome, uma familia, e Dolores nem uma nem outra cousa possui!

Olharam os dois moços um para o outro estremecendo. e nesse momento bateram á porta do quarto. Era um emissario do paço que vinha da parte da rainha. Prescrevião os medicos á doente o ar do campo sob-pena de recabida perigosa, e S. Magestade punha á disposi-

ção de Dolores o palacio da Granja. . . . Havião de chegar d'ahi a duas horas duas carruagens para a transportar. Antonio e Leon tinhão licença para acompanhá-la. . . .

A vista de tantos beneficios não puderão os moços suste as lagrimas, que erão de verdadeira gratidão. . . . O doutor emudeceu e ficou confundido. . . . Viu Leon reaparecer a esperança no rosto de Dolores, que balbuciu em uma especie d'extasi:

—Ainda o meu sonho e o meu anjo! . . . Os grandes jardins onde corriamos juntas! Bem vedes Leon que iuda seremos felises; não ha de ter vossò paé tanta força como a rainha!

Depois, sem consultar alguém, prometeu partir á hora indicada, em quanto Antonio, fazendo um movimento para a reter, voltava o rosto abafando um suspiro. . . .

Foi Dolores pernoitar nesse dia no palacio da Granja. . . . Antonio pretextando negocios a concluir para não partir com ella, havia-a abraçado com effusão, prometendo-lhe ir quanto antes: foram porem baldados os esforços de Leon para o tirar de Madrid.

—Não quereis a minha morte, não he verdade? disia elle ao moço, pois bem, se eu fosse a Granja, não voltaria de la vivo! O vosso amor destrairá Dolores da minha ausencia, e a vossa amizade fará com que me dêis noticias d'ella. Se algum dia me não encontrardes. . . esquecei-vos de mim . . . e sede felizes! . . .

Não podia Dolores resistir a força que a atrahia para a Granja, a ponto de não reparar na sombria tristeza d'Antonio, contentando-se em levar consigo somente uma caixinha coberta de coiro de Cordova, de que nunca se separava. . . . Todo o caminho foi para ella uma serie d'impressões confusas e deliciosas.

Nas proximidades do palacio, foram-se estas impressões tornando mais claras, e mais vivas. Ao percorrer dos jardins, batia-lhe o coração como se quisesa sahir do peito. . . . Foram os quartos vistos por ella atravez d'uma nuvem de lagrimas, e quando entrou no que lhe estava destinado, cahiu desmaiada. . . . Qual seria a causa d'estas emocções tão estranhas? . . . A mesma moça não o poderia explicar. Julgava ella que as creações de sua phantasia tomavam a forma material; parecia-lhe que haviam sido um somno os seus dias passados, e que d'elle despertava agora pouco a pouco para a vida.

Quando tornou a si sentiu-se com debradas forças como se tivera despertado de longo dormir. . . . Sentia ella um bem estar e um socego inexplicaveis. . . . Haviam-na deixado só os medicos e as damas que a serviam. . . . Julgando não ser vista por alguém percorreu com olhar de satisfação a janella aberta ao perfume das flores, os ricos moveis de veludo e madei-a dourada, dois bellos retratos da regente Christina e da rainha Isabel, e com particularidade uma caminha cor de rosa, cercada de brincos de criança. . . .

Ao voltar-se viu ella ao pé de si uma moça. . . . e esta moça era a rainha.

Senhora, disse ella, disei-me se ainda sonho, ou se estou acordada; se estou no céo, ou sobre a terra? e ia lançar-se-lhe aos pés, mas susteve-a a rainha pela mão.

—Estaes em casa de Isabel, a quem Deus incumbio o vosso restabelecimento e a vossa felicidade. . . .

—Ah! sim, agora me lembro, disse a doente, procurando recordar-se dos ultimes dias, e cobrindo de beijos as mãos da rainha. . . .

—Sabeis, continuou S. Magestade, que a rainha de Hespanha é a mãe dos orphãos; devo pois cuidar de vós como se fosseis minha filha. . . . accrescendo ter neste dever, que comvosco preencho, um grande praser. As rainhas d'agora nem sempre são felizes; carecem d'amigas. Tinha eu una que perdi. . . . ha já bem tempo. . . . haveis de substituí-la. . . . Quereis que vos conte como isso foi?

—Eu vol-o peço! disse a moça, que escutava com profunda attenção, e que sentia renascerem as suas visões. . . .

Assentou-se a rainha diante d'ella, tomou-lhe as mãos, e não tirando os olhos dos olhos d'ella, contou-lhe toda a historia de Felipa. Havia sido esta historia, ha dez annos, contada muitas vezes a Isabel, e por isso sabia-a ella com todas as particularidades.

A scena do mutuo disfarce e do roubo foi referida, entre todas, de tal modo, que Dolores deu um grito de mêdo, como se houvera ella sido a victima.

—E que foi feito, perguntou ella, da filha da rainha depois d'este dia fatal?

Ah! nunca mais ouvi fallar nella; mas inda se me não foram as saudades, que por ella tenho sofrido; conservo ainda uma lembrança d'ella.

Afastou Isabel os cortinados da caminha cor de rosa, e mostrou a sainha e os sapatos andaluzes, o pente de tartaruga e a mantilha de tafetá, que constituia o vestuario de Felipa no seu primitivo estado.

—Grande Deus! exclamou Dolores vendo isto, e que vestidos lhe destes em troca d'estes?

—Um vestido de brocado branco, uma coifa de rendas e chapins bordados d'ouro, Sei tudo isto, porque a minha bôa Montemoro m'o repetio muitas vezes antes de morrer.

Cahiu Dolores sobre a sua cama sem poder falar, e só teve forças para tirar do seio uma chavinha, que entregou á rainha, que estava como ella mui commovida, mostrando-lhe a sua caixinha coberta de coiro de Cordova.

Abriu-a Isabel n'um momento, e encontrou nella os seus vestidos d'infancia. . . .

Deram a orphã e a rainha um mesmo grito, lançando-se nos braços uma da outra, onde permaneceram debulhadas em lagrimas, e cobrindo-se de beijos. . . .

—Es tu pois, Felipa, que a Providencia me restitue!

—Sois vós pois, Senhora, quem eu via nos meus sonhos!

Completoou-se o reconhecimento com o exame da medalha, que tinha a firma C.V, que Dolores iuda trasia com a chave da caixinha.

Uniram-se depois os dois vestuaries, como estavam unidas as duas amigas. Empalideceu porém a rainha de repente, vendo nodos de sangue no vestido real. . . .

Contou entã Dolores, ou antes Felipa, que lhe haviã occultado os acontecimentos da sua infancia com disvello igual ao que tinham empregado em os referir á rainha. Ella nem conhecia o seu nome, nem o seu paiz, nem a sua familia; sabia somente que estivera quasi a ser victima em uma revolta, e que tinha sempre padecido por este motivo; que havia trasido uma occasião os vestidos ricos conservados por ella como um thesouro; que, recolhida pelo doutor Antonio, havia andado errante por toda a Hespanha até que adoeceu em Madrid, onde morreria abandonada, se não lhe houvera Deus deparado a rainha em soccorro. Tornou a contar todas as suas surpresas, todos os seus presentimentos, todas as suas esperanças, todas as emocções, desd'essa entrevista providencial até ao momento em que encontrou a sua real protectora.

Abraçaram-se ainda as duas amigas com

effusão, e ajoelharão-se ambas — Como já o haviam feito havia dez annos— para agradecerem ao Céo a sua reunião e jurarem pela sua alma de nunca mais se tornarem a separar. Depois d'isto entrou a rainha para a carruagem com sua filha, e reviu com ella todos os vestigios de sua infancia, nos jardins e bosques da Granja. Havia Dolores encontrado tudo quanto tinha sonhado até ali. Cada objecto lhe despertava uma lembrança; e descobrava-se a seus olhos a sua vida passada como por magia.

Por cumulo de felicidade encontrou ella, ao entrar para casa, a Leon que a esperava, promettendo-lhe a proxima chegada d'Antonio. . . . A rainha, antes de voltar para Madrid, deu aos medicos, ás camaristas, aos creados, e até aos aldeões ordens as mais minuciosas a fim de que nada faltasse á convalescente. Deixou-a enfim em companhia de sua creada e do seu noivo affiançando-lhe que ia ella occupar-se de sua felicidade, sem esquecer o doutor Antonio.

Assim estavam as cousas, e tudo parecia sorrir-se a Dolores, quando no dia seguinte voltou Leon á Granja, palido e desfigurado, annunciando a mais imprevisita de todas as desgraças. Tinham de manhã prendido a Antonio; e a mesma rainha o havia trahido sem o saber. O Bacharel tinha sabido tudo como secretario do alcaide-mór.

Quando a rainha entrou na vespera no Escorial, havia ella contado sinceramente aos seus ministros o encontro de Felipa—Dolores—recommendendo á sua protecção o senhor Antonio. Mas lembrando-se elles que ainda se não tinha podido descobrir os conjurados que haviam querido roubar a rainha, e pouco se importando de complicarem uma historia terrivel com o bello romance de S. Magestade, os ministros, gente sem misericordia, haviam-se apoderado da pessoa do doutor, a fim de encontrarem por meio d'elle o vestigio dos culpados. O misterio de que elle andava rodeado, o tornava ainda mais suspeito. Inda Antonio não se tinha aproximado bem dos magistrados, quando um d'elles, iniciado, havia pouco, na questão, exclamou:

—Eis o roubador da rainha! este supposto medico he o conde de Terrido, o capitão carlista executado em estatua, e julgado morto á muito tempo. Conheci-o quando eu era pequeno em Sevilha; e a ultima vez que o vi, foi justamente ás portas de Madrid, um dia depois da revolução da Granja.

Era eu então da Guarda Nacional. Voltava com meus camaradas de exterminar Quezada, e tomavamos café no botequim da *Cruz Verde*. O conde trasia envolta no seu capote uma menina desmaiada, vestida de seda branca, que elle julgava sem duvida ser a rainha, e que felizmente era Felipa. Recusou beber connosco saudando a Constituição, e deixou-nos quebrando a sua espada, de que conservei os côpos onde estava a sua firma, o que elle não poderá desconhecer. Ignorando como todos o roubo da Granja, nada suspeitei; mas hoje que tudo sei, desafio o Senhor de Terrido a desmentir-me.

E havia Antonio, com effeito, confessado tudo, resignando-se com altivez á morte, pedindo somente uma audiéncia á rainha.

Imagine-se o pasmo e a desesperação de Dolores com esta terrivel noticia. Depois d'uma hora de prostracção que fez recuar bastante da sua vida, recobrou as forças, e pediu que a levassem ao Escorial, ao galope dos melhores cavalos da rainha. Quando chegou á sua presença, estava Antonio com sua Magestade com o *alcaide* e com os ministros. Vendo ferros nas mãos que a tratavão havia dez annos, Felipa banhou-os de lagrimas e cahiu de joelhos clamando: Perdão! Isabel levantou-a chorando com ella, e não poderão os ministros occultar a sua emmoção.

—Senhores, interrompeu Terrido com ar sombrio, abreviemos uma scena que mata-ria esta menina. Sou vosso inimigo politico, e fiz-vos por espaço de doze annos uma guerra sem quartel. Vencido como o meu rei, e comdenado duas vezes, só espero de vós a morte d'um gentil homem. Mas he mister que a vossa rainha saiba o que me deve, para que pague a Felipa a sua divida.

Não sou o roubador de Isabel, mas sim o seu salvador.

E voltando-se com nobresa para sua Magestade:

—Sim, he a mim a quem deveis o throno e a vida, senhora, proseguio elle, fiz, para vol-os conservar, o maior sacrificio de que um homem he capaz. Levado na noite de 12 d'Agosto de 1836 para debaixo das janelas da Granja por um chefe a quem havia jurado obediéncia absoluta, ignorava que me era reservada uma missão indigna de mim. . . . Só consenti, depois d'uma luta terrivel, e por não violar o meu juramento, em roubar uma menina de quem me deião

os signaes sem me dizerem o seu nome. Sabia que essa menina ereis vós, e que vos esperava uma morte prompta e irremediavel. . . . Tal era então o furor dos partidos hespanhoes, furor que eu amaldicoava de todo o meu coração, e que o mesmo D. Carlos desaprovava altamente; mas como reter animaes feroces desenfreados? Não tardei a entrar, ralado de remorsos, no vosso quarto acompanhado de dois homens decididos. . . . Vede que ainda córo com tal lembrança, e juro-vos que me he menos penoso caminhar para o suplicio. . . . Entretanto, julgai da minha indicisão quando em vez d'uma encontrei duas meninas. Impaciente por acabar com um acto tão vergonhoso, aposso-mo d'aquella que trasia os vestidos que me havião dito. . . . Mas, apesar da minha perturbação, reconheço que não creis vós, e conheci o disfarce. Ides saber porque signal. . . . Deus me levará em conta na eternidade as torturas d'esse momento!!!

A estas palavras, enfraqueceu-se a voz do accusado, um suor frio inundou-lhe o rosto; e proseguio com esforço.

Não vos direi os tormentos que sofri. . . . Já la vão dez annos e inda se escandece a minha caheça. . . . Gritava-me a consciéncia: Rouba essa menina que se tomará pela rainha, e em vez de sacrificares a victima, tu a salvarás—sem faltares ao teu horrivel juramento.—Mas se matarem essa menina por engano ou por vingança! accrescentava outra voz, e que voz, meu Deus! Julguei que endoudecia. . . .

— Parece que ainda estou a vêr essa scena, continuou o conde fóra de si, olhando alternadamente para Isabel, e para Felipa. Estaveis la ambas, como aqui estaes! Ia, desorientado, d'uma para outra. . . . Teria querido livrar-vos a ambas á custa do meu sangue. Incitado em fim por meus companheiros, que procederião em meu logar, disse comigo: Salvemos sempre a minha honra e a rainha. Eu salvarei depois esta menina, se poder. Deixei-vos á vossa feliz mãy, senhora, e levei Felipa aos vossos iniugos. . . . E. . . . tres punhaladas. . . . — acabou Terrido succumbindo a sua emmoção. . . . —tres feridas de que ella inda não está curada, e que eu banho á dez annos com as minhas lagrimas. . . ., ferirão a pobre menina. . . . antes que eu podesse gritar aos algozes: HE MINHA FILHA!!!

—Vossa filha! exclamarão a rainha, o alcaide e os ministros, e lançou-se Felipa

nos braços d'Antonio, que cahiu abatido sobre os dos Soldados....

—Sim, minha filha! continuou elle soluçando.... Reconheci-a logo pela sua medalha de familia,—como podeis reconhecer seu pai pelo mesmo signal.... (E tirou do peito uma medalha semelhante á de Felipa tendo também a firma C. V. conde de Valles). Sua mãe, julgando-me morto, e estando também prestes a morrer, havia-a confiado, como sabeis, á protecção de Deus e á da senhora Montemor; confiando-a esta á rainha.... fez a Providencia o resto.... Comprehendeis agora o meu delirio, senhora, encontrando junto de vós na Granja minha filha que eu julgava perdida.... Comprehendeis a extensão do meu sacrificio entregando-a em vosso lugar aos assassinos! E longe de me vingar em vós d'esta desgraça, quebrei a minha espada logo no dia seguinte, para não combater mais contra aquella a quem minha filha havia dado o nome de Mãe. Suspeito desd'então pelos do meu partido, e condemnado pelo vosso, andei errante dez annos sem asilo e sem recursos, protegendo a Dolores com o nome d'Antonio, occultando a todos e á ella mesma o nobre nome de Terrido que fazia em outro tempo a sua gloria, assim como faria a sua desgraça nos nossos nefastos dias. Já que Deus, que em tudo isto mostrou o seu poder, vos restitue hoje Felipa separando-me d'ella, fazei feliz aquella que pagou com o seu sangue a vossa coroa e a vossa vida.... Educada como filha do Senhor Terrido, e não como filha de Terrido o proscripto, não seja ella castigada pelo segredo que me escapa, depois de o ter escondido dez annos!...

—Não haveis de ser castigados nem um nem outro! exclamou S. Magestade limpando as lagrimas. Conde de Terrido, restituo-vos os vossos titulos, as vossas honras e as vossas terras d'Andalusia; só não vos cedo de todo Felipa, que sempre será chamada a Filha da Rainha.

Cahiu Antonio aos pés d'Isabel e Dolores em seus braços; e d'esta vez, contra o costume, estiverão os ministros d'accordo com S. Magestade.

Uma hora depois entrava Leon de frente erguida em casa de seu pai. O illustre senhor Diego de la Sagra coberto com a sua capa de dentes de serra, rosto levantado, com a espada a cinta e o *sombrero* sobre a orelha, passeava cercado de vinte retratos da familia roídos dos vermes, fazendo re-

petir aos seus doze filhos a lista de seus avós,—desd'a conquista romana até aos Abencerrages,—e desd'os Abencerrages até elle, chefe da trigesima geração dos Diego. Nenhum dos seus filhos tinha que jantar, e no entanto lião com enthusiasmo essa genealogia, com todas as alianças, brasões, devisas &.

—Então, disse o hidalgo ao bacharel, a vossa presença aqui, indica-me que renunciastes desposar uma moça sem nome?

—Sim, meu pai, e a prova he que venho pedir o vosso consentimento para o meu casamento com a filha unica do Senhor Conde de Terrido de los Valles y Montes y Burgos &.... ex-camarista mor de Fernando 7.º, antigo capitão de D. Carlos, a quem S. Magestade acaba de restituir as honras da corte e os seus dominios d'Andalusia.

Ficou D. Diego offuscado. Passado um momento continuou elle torcendo o bigode: —o conde de Terrido tem como nós grandeza na sua familia?—Não sei; mas houve nella um almirante.—Quasi que anda uma pela outra, aprovo o teu casamento, meu filho, e dou-te a minha benção.

Depois de se ter perfeitamente restabelecido na Granja, he hoje a filha da rainha a senhora Diego. Leon governador da residencia a que se acha ligada a sua felicidade, anda com sua esposa da corte de Isabel para os dominios do conde de Terrido; esquecendo todos os desastrosos acontecimentos que agitarão a sua existencia.]

Quanto ao senhor de la Sagra, nenhuma duvida teve em mudar a sua pessoa vestida de novo, os retratos dos seus avoengos renovados, e os seus doze filhos, que jantão agora todos os dias—para a humilde casa da rua da Zarza, onde havia ido a rainha visitar a sua nora;—esta circumstancia fez com que fosse esta casa decorada com a *cadea*; privilegio envejado pelos mais nobres palacios, e o unico que faltava á dynastia dos Diego. Chama-se *cadea*, em Madrid, os grossos anneis de ferro scelados em forma de grinalda na entrada das poucas casas que tem tido a insigne honra de receber o rei ou a rainha. Nenhum official de justiça póde entrar na casa que tiver esta real egide. O velho hidalgo tinha immensas motivos para estimar esta inviolabilidade....

A. Rego.

M. DE LAMARTINE.

(CONTINUAÇÃO.)

Quando em 1820 versejadores mythologicos, discriptivos, e apurados da escola voltairiana, haviam de sobejo assassinado a poesia, de que já ninguem fazia caso, um mancebo, ainda apenas restabelecido de uma rigorosa molestia, com o semblante pallido pelo soffrimento, e coberto por um véo de tristeza, sobre o qual poder-se-hia ler a perda recente de um ente adorado, timidamente levava de livreiro a livreiro um pobre e pequeno caderno de versos regado de lagrimas.

Em toda a parte despediam civilmente a poesia e o poeta. Finalmente, um mercador de livros, pensando melhor, ou encantado talvez da graça infinita do mancebo, resolveo-se a aceitar o manuscrito por tantos regeitado: o feliz livreiro chamava-se, penso eu, Nicolle. Graças a vós, M. Nicolle! A prosteridade vos deve uma lembrança, e quem sabe? sem vós o poeta desacoroçoado talvez tivesse lançado ás chammas seu precioso thesouro, e o mundo nunca conhecesse Lamartine.

O livro foi pois impresso e lançado sem nome, sem apoio, sobre esse mar procelloso, que naquelle tempo, como ainda hoje, absorve tantos milhares de volumes. Lembrai-vos de um modesto in-8.º cahido talvez por acaso em vossas mãos quando tinheis quinze annos, de esperança n'alma, e d'amor no coração? Sem nome, sem prefacio, sem idyllio, sem a menor bucolica, sem assumptos guerreiros ou es'trondosos: unicamente *Meditações poeticas*? abrindo-o descuidosamente, encontrastes os dous primeiros versos:

Souvent sur la montagne, à l'ombre d'un vieux chêne,
Au coucher du soleil tristement je m'assieds;

Achastel-o soffrível, continuastes; chegastes a ultima estancia:

Quand la feuille des bois tombe dans la prairie,
Le vent du soir se leve et l'arrache aux vallons;
E moi je suis semblable à la feuille flétrie:
Emportez moi comme elle, orageux Aquilons!

Vossa alma ficou commovida; continuastes, vossa emoção se augmenta: chegastes ao fim; então lançastes um grito de admiração, chorastes, guardastes o livro debaixo de vosso travesseiro para tornal-o a ler; porque esse amor casto, melancolico, mysterioso, é o vosso amor; esse delirar doce e suave é o vosso delirar; esse pensamento, ora ri-

sonho, ora funebre, passando da desesperação á esperanza, do estado de abatimento ao do entusiasmo, do Creador á creatura—pensamento vago, incerto, fluctuante, é o vosso pensamento, é o de todos, é o pensamento dos seculos até ás profundezas d'alma, que finalmente encontrava uma linguagem, uma forma; e que forma! Um rhythmus de melodia celeste, um verso flexível, cadenciado e sonoro, que resôa docemente como uma harpa colia gemendo ao embate da doce briza da noite.

Tudo se tem dicto á respeito dessa primeira obra do poeta: todo o mundo sabe de côr a *Ode a Byron*, a *Noite*, o *Lago*, o *Outono* etc. Em quatro annos quarenta e cinco mil exemplares das *Meditações* se espalharam pelo mundo. No intervalo de vinte annos a voz sublime de Renato achava um echo harmonioso; e de um só jacto M. de Lamartine collocava-se sobre o mesmo pedestal, a par dos semideoses da epocha, Chateaubriand, Goethe e Byron.

Este feliz resultado litterario, o mais brillante do seculo, depois do *Genio de Christiamismo* abriu á M. de Lamartine a carreira diplomatica: addido á legação de Florença partio para a Toscana, e abi sobre esse solo de inspirações, no meio do esplendor de uma festa italiana, dizem que ouvira uma voz estranha, terna e melodiosa, murmurar a seus ouvidos estes versos das *Meditações*:

Peut-être l'avenir me gardait il encore
Un retour de bonheur dont l'espoir est perdu,
Peut-être dans la foule une âme que j'ignore
Aurait compris mon âme et m'aurait répondu!

A alma do poeta tinha sido comprehendida, achava uma segunda Elvira, e mezes depois achou-se o affortunado esposo de uma joven e rica Inglesa, que se agradára não só de sua pessoa como de sua gloria.

Desde essa epocha ate 1825 o poeta residio successivamente em Napoles como secretario da embaixada, algum tempo depois em Londres com o mesmo titulo, e finalmente voltou a Toscana em qualidade de encarregado de negocios. Por esse tempo, sua fortuna, já consideravel pe'o casamento que fez, ainda mais se augmentou pela herança de um thio muito rico: mas nem a diplomacia, nem o brilhantismo de uma existencia aristocratica, poderam arrancar M. de Lamartine ao culto da poesia.

As *segundas Meditações* appareceram em 1823; notamos nesta nova colleccão uma versificação mais correcta, mais perfeita, mais

precisa; o poeta acabava de sahir do dominio d'alma; grandes factos historicos nobres inspirações lhe forneceram: admiramos a *Ode a Bonaparte*, *Sapho*, os *Preludios*, e *Poeta moribundo*; este livro foi logo seguido do poema em esboço de *Socrates* e do *ultimo Canto* da perigrinação de Chiff Haroll. Nestes versos destinados a completar a epopeia de Byron, o poeta terminava por um trecho eloquente sobre a decadencia da Italia:

Je vais chercher ailleurs (pardonne, ombre romaine),
Des hommes et non pas de la poussière humaine.

Esta apostrophe pareceo offensiva a um Official napolitano, o coronel Pépé; em nome de seu paiz pediu uma satisfação a M. de Lamartine. O poeta com a espada em punho defendeo a poesia e recebeu uma ferida grave que por muito tempo poz em perigo seus dias; mas apenas restabelecido foi ter com o grão-duque, a fim de interceder por seu adversario.

Depois de ter, em 1825, publicado o *Canto da Sagração*, o poeta voltou á França em 1829 e no mez de Maio do mesmo anno appareceram as *Harmonias poeticas e religiosas*. Á essa obra, revelação intima de seu pensamento de cada dia, M. de Lamartine deo toda a extensão possivel. Desde esse hymno suave do *primeiro amor* até a essa gigantesca evocação de todas as dores humanas (*novissima verba*), o poeta percorreu a immensa escala poetica que vac do sonho, subir ao entusiasmo ou descer até a desesperação.

Menos accessiveis ao vulgo por causa de seu caracter de instituição psychologica, e ainda mais lançadas através de uma grande commoção politica, as *Harmonias* ficaram sendo o livro de certas almas escolhidas, livro que gostamos de folhear nas horas do silencio, quando nos reconcentramos para executar a voz interior.

Acabava M. de Lamartine de ser recebido na Academia, e ia partir para a Grecia em qualidade de Ministro plenipotenciario, quando rebentou a revolução de Julho. O novo governo quiz conservar-lhe o titulo, elle porém recusou-o, e ficou em França pa a fazer suas ultimas despedidas áquellas tres gerações de reis expulsos pela fatalidade para um novo exilio: como M. de Chateaubriand, o poeta tambem sonhava, após os tres dias, na alliança do passado e do futuro, sobre a cabeça de um menino; — de outra sorte porém aprove ao destino.

Pago uma vez esse tributo aos grandes infortunios, M. de Lamartine lançou-se francamente em a nova senda aberta aos espiritos pela revolução de Julho.

O passado, diz elle, não é mais que um sonho; podemos ter saudades d'elle, é mister porém não perdermos o dia a choral-o inutilmente. É sempre permittido, sempre honroso, tomar parte nas desditas dos outros, não é porém necessario tomal-a gratuitamente parte em uma falta que não foi commetida. . . . Cumpre entrar na classe dos cidadãos, pensar, fallar, obrar, combater com a familia das familias, com o paiz!

D'aquí começa a revelar-se em M. de Lamartine uma tendencia até então desapercibida: *Aimer, prier, chanter, vivre toute ma vie!* dizia o feliz amante de Elvira; ora eis que depois de nos ter arrebatado sobre seus passos no mysterioso sanctuario do coração, cujos segredos conhecia, tomar gosto pela vida exterior, aspirar ás procellas da tribuna, desce das alturas do empyreo para entrar no forum, e vac envergar a toga parlamentararia por sobre o manto de poeta.

Seus primeiros passos nes'a carreira foram marcados por uma desgraça; os electores de Toulon e de Dunkerque recusaram-lhe seus votos; não estão ainda esquecidos os versos descortezes que sobre este assumpto lhe endereçou o poeta Berthélemy. O publico ganhou com isto uma epistola cheia de bellasas, onde do cume de sua gloria M. de Lamartine fulminou o auctor da *Nemésis*.

Algum tempo depois, decidio-se a pôr em execução o projecto de toda a sua vida, e em 20 de Maio de 1832 achava-se em Marselha prestes a embarcar-se para a Asia. Não é um caso estranho esta impulsão irresistivel que parece impellir para o Oriente todos os grandes genios da nossa epocha: Napoleão, Chateaubriand, Byron, Lamartine; Goethe nunca vio o Oriente, porém quem leo o seu *Divan* sabe mui bem com que amor pensava nelle, e o phantasiava em seus sonhos. Esse magnifico berço da humanidade estará marcado para ser um dia o asylo de seus ultimos dias? Está escripto que o grande exercito da civilisação ira acampar-se debaixo das tendas do Arabe, e M. de Lamartine será um desses missionarios do futuro enviados do ceo para explorar o deserto e aplainar-lhe as sendas?

(Continúa.)

AGAPITO. (*)

FRAGMENTOS DE UM ROMANCE INEDITO

CAP. XII.

MARIDO E MULHER.

O Dio! Dio che mi serbi
In vita ancor, che um gran dover mi lasci
Dammi la forza per cumprilo.
—Manzoni.—

—Como é longa uma noite de sofrimento? Leitor, já passaste uma noite de insomnia, contando as horas por milhões de precipites pancadas no coração?— Já sentiste o corpo alquebrado de tanto lutar com a agitação, sem poder descansar se quer por um instante? Se já passaste uma dessas noites, que nos fazem comprehender o que é a vida eterna no inferno, sabereis sem duvida quanto é longa uma noite de sofrimento.

Esteves passeava á passos largos no seu aposento; tinha um só pensamento, um só desejo—a vingança; porem vingança terrivel, inexoravel, tão grande, quanto fora a sua dita! Mas quem lhe daria vingar-se?! Então sua alma phantasiava torturas, que lhe comprimião o coração, e mais e mais avivavão a cor sanguinea, que lhe tingia os olhos,—como que achasse praser em sentir outra dor, embora maior do que a sua real, porem sempre outra do que a que sentia. Por veses tentava dar azas á sua imaginação, e desta arte procurava esquecer-se de si mesmo: embalde!—tempo fora em que assim lhe acontecia; bastava que os seus olhos fitassem o céu para que sua alma se destacasse brandamente do seu corpo, para que embalada pelas virações subisse entre perfumes té perder-se n'um scismar doce e vago como o suspirar da brisa: agora embalde! Sua imaginação tinha perdido as longas azas de branco e d'oiro, que a equilibravão no seu vôo; seu pensamento inflexivel já não condescendia com a sua vontade!—somentes nesse vortice tumultuoso de ideas pavorosas, de desejos desordenados, de esperanças loucas e de orações ferventes, o pensamento da vingança sobrenadava sempre e apparecia em aspectos variados com a rapidez do movimento. Assim as ondas do oceano embalde tentão afundar o leve tóro de madeira, que bóia a superficie das suas aguas—embalde as vagas marulhasas assoberbão-no com o seu volume,—embalde enrolão-no em seu seio—embalde o sorvem como se o quisessem esconder

(*) Continuado de pag. 6.

nas suas profundezas.—A vaga rebenta em flor e passa; e o madeiro surge do fundo pega e vai de manso boiando a superficie das aguas.

Esteves não sentia nem somno, nem cansaço, senão a cabeça encandecida, que parecia querer estallar com dores, e o palpitar do coração e das arterias que lhe batião com força nos pulsos, e nas fontes. Terrivel combate de amor e de orgulho—de honra e de vingança lhe alvorotava o pensamento.

E Josephina, n'outro aposento, não passava a noite menos angustiada, cheia de terrores e de solicitude pela vida de seu filho, que ella tinha nos braços, que apertava contra o seio, que cobria de beijos, e que banhava de lagrimas. A mãe estremosa, curtindo funestos pensamentos, queria saciar-se de ver seu filho, queria amimal-o, acaricial-o por toda a vida, no tempo que lhe restava para viver vida tão incerta, e que ameaçava de ser tão breve. Oh! que em taes momentos, é que o amor de mãe se revela profundo e sancto! Porque não podia seu filho ter uma longa vida, cheia das felicidades e do socego, que á ella—sua mãe—faltava?!

Quando o primeiro albor do dia penetrou no seu aposento, ella pareceo cobrar animo, e mandou que lhe fossem chamar seu marido. A creada, indo executar o seu mandado, encontrou Esteves passeando, agitadoamente.

—¿ Que procuraes? —perguntou-lhe elle com rosto carregado.

—A senhora mandou vêr se estaveis levantado e perguntar-vos se lhe podieis fallar. —E assim disendo lançava um olhar perscrutador sobre a cama ainda feita, sobre os trastes desarranjados e sobre o desalinho do seu amo.

—Lá irei;—respondeo Esteves, e com a mão lhe indicou a porta para que sahisse.

E sosinho continuou a passear ainda irresoluto; depois abriu algumas portas, atra-

vessou alguns quartos e entrou no quarto de sua mulher.

Josephina estremeceo quando vio o vulto sombrio de seu marido—os olhos cõr de sangue—e o cabello irriçado, como que durante a noite houvesse sentido um espectro, assentar-se a seu lado e murmurar-lhe aos ouvidos palavras de terror; todo elle grave e compassado, com feições do que soffreo uma injuria pungente, ao mesmo tempo que recebeu um golpe mortal, era digno de lastima e medonho de ser visto.

—Que me quereis?—perguntou elle.

—Quero pedir-vos uma graça, Esteves!

Um tremor breve, quasi imperceptivel, mas instantaneo, mas violento passou de Esteves a Josephina, que enfraqueceo, como se uma descarga electrica lhe houvesse abalado os nervos.

—Ah! continuou ella—bem sei que não tenho direito de vos pedir coisa alguma, bem sei que não mereço ser chamada vossa mulher, e que nem vos deverei fallar; e assim mesmo, pensando que nada havia neste mundo igual aos meus tormentos a não ser a minha deshonra, quiz fallar-vos ainda uma vez para alcançar da vossa bondade, o que não pude da vossa justiça; porque vós sois bom e generoso, Esteves...

Uma voz cavernosa e profunda se fez ouvir; era a expressão acre que sae de labios offendidos, o som magestoso e solemne de um dobre de finados; era a voz de ironia pungente que se entranha pelo coração como um punhal agudo e penetrante.

—Enganai-vos, senhora; nem sou bom, nem generoso como vos apraz chamar-me. Deus me punio rigorosamente por vos haver amado, á vós que ereis minha esposa. Quem sabe o que me virá de um acto de leviana bondade.?

—Deus vos recompensará, Esteves, porque entregar um filho a sua mãe é uma acção religiosa, além de uma obra de caridade.—Esteves, se soubesseis o que eu soffri esta noite, certo que ao menos por piedade deixaríeis viver meu pobre filho, que não fez por onde perca a vida.

—E se soubesseis o que eu soffri esta noite, senhora, dir-me-hieis o nome desse homem maldicto, que me faz curtir dores do inferno.

—Esteves vós me amais...

Esteves pareceo querer sorrir. Oh! que de escarneo nesse subtil fransir dos labios!

—Vós mesmo m'o dissesteis, continuou ella, que o havia comprehendido; eu o creio;

creio firme, e religiosamente, porque vós sois um homem de verdade; deixai-me esta creença! Se soubesseis quanto ella me ennobrece aos meus proprios olhos... Oh! deixai-me crêr! Eu ensinarei meu filho a amar-vos, como eu vos amo; á respeitar-vos, como se respeita uma coisa pura, e sancta, como se respeita a Deus;—e elle será vosso escravo, como eu sou vossa escrava, senhor.

—Nada mais.—Tendes um remedio bem facil para o salvar.

—Oh! não... não... Senhor, sêde piedoso commigo! provai a desgraçada creatura, que infamemente vos ligou á sua deshonra e aviltamento, que valeis bem mais do que ella. Deixai que eu me retire com meu filho, como uma mendiga, que se retira satisfeita da porta da vossa casa; deixai que eu me vá sepultar n'um deserto, n'um recanto do mundo, para ali bemdiser o vosso nome do fundo do coração.

—Mas com elle—não, Josephina?

Josephina abaixou a cabeça e chorou.

—Insensata! não percebeis que me estais, dando exemplo para resistir!! Como se eu fôra o criminoso, ajoelhei-me diante de vós, senhora... Inferno! quando me lembro que tive baixeza para tal, tenho vontade de vos apunhalar para que não haja disto testemunha viva sobre a terra.—Mas é talvez por por isto que me chamais generoso e bom.

Pedi—suppliquei—chorei; e o que me respondestes vós?—o mesmo que eu respondo agora:—não.—

—Sois um homem implacavel, Esteves.

—Escutai-me, senhora. Se podesseis lêr em minha alma, ter-vos-hieis poupado a vós mesmo preces e lagrimas, porque teríeis a certeza de que o meu proposito é firme, e irrevogavel, como a morte. Qual elle seja, não vo-lo digo. Talvez despertando um dia o encontréis suffocado em vossos braços; talvez que no acto de o alimentardes sereis uma infantecida porque o alimento estará envenenado; talvez que elle desapareça, um dia, como a folha que o vento vai perder por longes terras; talvez que o deixe crescer até ser homem, e então em vez do pae matarei o filho. E... quem sabe? crimes ha que vão de paes a filhos como a maldição de Deus... neste caso, depois de o ter alimentado, creado, educado, o filho do crime matará ao seu bemfeitor, como a mãe matou o coração do seu marido, e lhe infamou o seu nome. Será saborosa uma vingança meditada tão de largo, e tão soffregamente

satisfeita. E depois do que me ouvistes, senhora, se alguma vez tremerdes pela vida do vosso filho, quando a alimentardes, se alguma vez sentirdes bater o vosso coração com força temendo acordar sem elle, ou despertar com um cadaver nos braços, podeis vir ter commigo, e quando me houverdes dito um nome—vosso filho será salvo.

—É horrivel! —horrivel! —disia ella de-rante.

Esteves deo um passo para sahir; ella bradou.—Senhor! senhor!

E Esteves voltou, esperando finalmente saber esse nome tão aborrecido.

A triste mãe levantando as mãos e os olhos ao ceo, disse com dolorosa e truncada.

—Meu Deus, vós me dareis força, para suportar a morte do meu filho!

E cahio sobre a cama sem sentidos.

A. Gonçalves Dias.

INFLUENCIA DA LUA.

—Corre desde os mais remotos tempos, que a mudança das phazes da lua exerce notavel influencia sobre os phenomenos atmosphericos, sobre a vegetação, sobre a saude do homem, dos animaes, e sobre a decomposição mais ou menos rapida das materias organicas:—somentemente a experiencia nos poderia esclarecer sobre este ponto, infelizmente porem as observações são ainda mui pouco numerosas para se decidir de um modo incontestavel se essa influencia universalmente attribuida á lua sobre phenomenos, que parecem ser-lhe á ella totalmente extranhos, he digna de merecer attenção dos homens da sciencia, ou ser regeitada como um prejuizo do vulgo: eis entretanto o que se sabe hoje sobre esta materia.

O povo acredita geralmente que a passagem da lua de uma para outra phaze, produz de necessidade mudança de tempo, e os Astronomos, Physicos, e Geologos sustentarão por muito tempo que a lua não podia de modo algum influir sobre o bom ou máo tempo; e a melhor razão destes era sem duvida o verem-se embaraçados na explicação dessa secreta influencia tão independente da acção que se conhece na lua a respeito do nosso globo:—mas deixam por ventura de ser verdadeiros os phenomenos porque ninguem os sabe explicar?—de annos á esta parte a opinião destes se tem tornado menos decidi-

da; e em quanto se não descobre a cauza do phenomeno, tenta-se ao menos rectificar-o.

Comparando os dias de chuva durante vinte e oito annos em Stuttgart, M. Schübler achou que erão sempre mais frequentes durante a lua crescente, isto é, no intervallo da lua nova á lua cheia, do que durante a lua mingoante, isto he, no intervallo da lua cheia á lua nova, sendo pouco mais ou menos na razão de cinco para seis, o numero dos dias chuvosos deste para o d'aquelle periodo.

O *maximum* do numero dos dias chuvosos tem logar em meados do quarto crescente á lua cheia, e o *minimum* entre o quarto mingoante e a lua nova—M. M. Schübler e Pilgram, em Vienna, acharão tambem que a probabilidade de chuva augmenta a porporção que a lua se aproxima da terra, de modo que quando chega ao perigeo de sua orbita (o mais perto da terra) os dias de chuva estão para os dias de chuva quando ella está no apogeo (o mais distante da terra) na razão de 1169 para 1096.

É geralmente sabido que ha grande correlação entre as variações do barometro, e a producção da chuva e do vento; de maneira que descendo a columna de mercurio é quazi sempre signal de haver chuva; subindo, pelo contrario, é pressagio de bom tempo: deve portanto a influencia das phazes da lua sobre a chuva e o vento fazer varias as alturas medias do barometro; e é o que na verdade tem a experiencia confirmado. As observações feitas durante vinte annos por M. Flangergues em Ardèche, e as de Howard em Inglaterra; as observações antigamente feitas em Padua, e discutidas por Toaldo, e por ultimo as do Observatorio de Paris á pouco discutidas por M. Bouvard concordão todas, e mostrão haver, um excesso de altura (pequeno, he verdade, mas incontestavel) na columna de mercurio, correspondendo ás quadraturas (quarto crescente e mingoante) sobre a que tem logar nos syzigios (lua nova e lua cheia); por este resultado deve o numero dos dias chuvosos ser maior nos syzigios do que nas quadraturas: o que na verdade combina com o resultado das obserções de M. Schübler, que achou estarem estes dons numeros entre si na razão de 643 para 609. As observações barometricas mostrão tambem que a altura media do mercurio no dia do apogeo, excede a altura media no do perigeo: deve por tanto o numero dos dias chuvosos ser maior quando a lua estiver no perigeo, do que quando estiver no apogeo; conforme ao que tambem havia a-

chido Schübler por observações directas. Parece pois demonstrado que a lua tem sobre a nossa atmosphera uma influencia sensivel: — pode-se entretanto objectar que as observações não comprehendem espaço de tempo assaz consideravel, para que se possa affirmar que os resultados de sua combinação não sejam obra do acaso; e que nova serie de observações não possam destruir as consequencias das primeiras; — que outros observadores em diversos tempos e logares differentes tendo se occupado da mesma questão, têm obtido resultados inteiramente oppostos: — e por fim que a influencia da lua sobre a atmosphera pôde produzir efeitos contrarios, neste ou n'aquelle ponto do globo. Consignamos estas objecções sem as admittir nem refuzar; — ao tempo e á novas observações meteorologicas cabe responder-lhes.

Attribue-se tambem á lua uma influencia directa sobre a vegetação. — Na Europa suppoem-se que a luz da lua, que começa em Abril e acaba em Maio, tem a propriedade de gelar ou crestar os renovos das plantas, ainda mesmo accuzando o thermometro uma temperatura de muitos graos acima do gelo: — este phenomeno só se dá, senão o tempo muito sereno; estando porem o ceo coberto de nuvens, que interceptem os raios da lua, deixa elle de ter logar, em circumstancias, em quanto ao mais, absolutamente semelhantes.

Por muito tempo rejeitarão os physicos essa crença popular como uma illusão, ou prejuizo: mas parece que hoje se explica satisfactoriamente este phenomeno, ligando-o á outros phenomenos physicos de incontestavel verdade. Tem se collido das observações de M. Wells que pode haver differenças notaveis entre a temperatura dos corpos terrestres, e a do ar que os cerca; as quaes só podem ser bem apreciadas estando o tempo perfeitamente sereno, mas desaparecem completamente carregando-se o tempo: a cauza destes phenomenos suppoem-se ser devida á propriedade que têm os corpos de equilibrarem suas temperaturas pelo irradiamento do calorico. — Sem aqui entrar na explicação do phenomeno, bastará consideral-o como um facto estabelecido para delle deduzir-se, sobre o crescimento das plantas, consequencias analogas ás attribuidas á influencia da lua de abril: posto isto, facilmente se concebe que, nas noites de abril e maio a temperatura da atmosphera sobindo apenas á 5 ou 6.º centigrados acima de zero, e perdendo as plantas 7 ou 8.º de sua temperatura pela

transmissão do calorico, podem estas ficar geladas ou crestadas quando o ceo está sereno, ou o que é o mesmo, quando estão expostas á luz da lua: se pelo contrario o tempo está turbado, os raios da lua não as tocam, e o phenomeno deixa de ter logar pois que o irradiamento cessa, e a temperatura das plantas equilibra-se com a da atmosphera.

A luz da lua por tanto não tem effectivamente influencia directa sobre a congelação dos renovos; a presença porem della indica um estado particular da atmosphera necessario para que possa dar-se o phenomeno.

A irradiação, que faz descer a temperatura das plantas abaixo da do ar atmosphérico, explica tambem a propriedade attribuida á lua de humedecer os corpos expostos á ella, e apressar a putrefacção das materias animaes. E na verdade, um corpo exposto ao ar em tempo sereno, torna se mais frio que o ambiente, e este depozita na superficie do corpo parte da sua humidade — deste modo se explica tambem a formação do orvalho: se ao corpo se sobre puzer uma cobertura que intercepte a luz dos astros e os raios da lua, o irradiamento fica frustrado; e as substancias animaes, que erão por elles tocadas, deixão de se empregar dessa humidade estranha, e obsta-se deste modo ao progresso da sua decomposição — consequencia inevitavel da humidade. A influencia da lua a este respeito não é pois absolutamente sem fundamento; havia porem engano em tomar-se por cauza do phenomeno a circumstancia que era apenas indicio delle. Quanto á influencia attribuida ás phazes lunares sobre a germinação das plantas, qualidade das colheitas, côrtes de madeiras, e sobre a saúde dos homens, e dos animaes, em uma palavra, sobre toda a organização animal e vegetal nada diremos, pois que as provas produzidas em abono desta opinião estando muito longe de ser decisivas, é inutil demorar-nos sobre a explicação de phenomenos cuja existencia é muito contestada. Terminaremos este artigo com a recente descoberta de M. Dagnieres que, contra a experiencia de Laplace e Arago, achou que os raios da lua não deixavão de ter influencia sobre substancias terrestres; pois que applicando á lua o seu engenhoso processo, que pela fixação dos raios huminosos reproduzira imagens de todos os objectos terrestres, elle conseguiu tambem obter imagens da lua.

A MINHA VIDA.

Saudoso e terno cantor,
Sabá—, na espessa mata,
Para abrandar sua dor,
Que soffre d'ausencia impia,
Por entre os bosques desata
Trinados de melodia.
Só eu, de noite e dia,
Gemo—, porque me maltrata
A lethal melancholia.

O Favonio bolicoso
Gosa suave prazer,
No verde prado cheirozo;
Da manhã quando no albor,
Ligeiras vejo bater
As azas de flor em flor—.
Só eu não sinto sabor
Neste meu triste viver,
Que é pesar, é magoa, é dor.

Sem ornatos d'alegria,
Se alguma vez vejo a Aurora,—
É sim isto—um—, outro dia—;
Pois de ordinario trajando
Gallas, com que se decóra,
Vem campinas alegrando:
E só eu sempre arquejando,
Dou mil ais em cada hora,
Que nos ares vão soando.

Engraçada e bella rosa,
Pela sêsta esvaecida
Quasi perde a côr mimosa;
Mas lá chega a manhã pura,
E lhe torna alento e vida
Della a suave frescura—.
Só na minha sorte dura,
De rigores revestida,
Eu não posso achar brandura.

Se geme a rama de dor,
Porque lhe roça outra rama,
D'Euro atrevido ao rigor—:
Passa o Euro, e de gemer
Tambem deixa—, e mais não clama
Contra o pungente soffrer—.
Só eu vivo—, oh Deus, sem ter
Isso, que alivio se chama,
A tanto meu padecer.

E só quando a sêa Morte
Contra mim a dextra alçar,
Da foice vibrando o corte;
Só quando assim desta vida
Tenue fio me cortar,
Me extinguir a dura lida—
Só então na campa fria
Deixarei de supportar
A lethal melancholia—
Março 12—1846—

A. C. R. Raioh.



REVISTA DRAMATICA.

D. JOÃO DE MARANA.

Misterio em 5 Actos—por M.^r Alex. Dumas.

—Havendo em nossas columnas um logar destinado para a revista dramatica analysaremos (todas as veses que nos parecer util) Dramas, cujas scenas ainda estejam gravadas na memoria dos nossos leitores, para que nos sigão com mais facilidade, e por si mesmos se convençam da justeza da nossa critica. Assim pois analysaremos agora o Drama D. João de Marana.

O nosso juizo será formulado em poucas palavras, porque não temos espaço para longas dissertações; tractando de desenvolver a acção concisamente, faremos notar as saliencias dos caracteres, as bellas do Drama, nas scenas em que ellas forem, e os seus defeitos, quando os houver; e isto não será dito com tanta concizão, que se torne um enigma para a intelligencia dos que nos le-

rem, nem tam pouco com tal desenvolvimento, que não dê logar ao trabalho da sua imaginação.

Intimamente convencidos da grandeza da nossa tarefa, e do peso, que tomamos sobre os nossos hombros—inda mal, tão fracos para tanto!—temos, antes que descâmos á analyse, de classificar o Drama de Mr. Dumas, e de ver se esta producção do afamado Dramaturgo, é um passo andado ou um passo retrogrado na scholla Romantico—Dramatica de hoje.

O Drama representa um povo ou um individuo—isto é—tem por fim a historia ou a physiologia; taes são as obras de Sophocles e de Euripides, rapsodias de Homero, sublimes como um Poema, e as de Shakspeare e de Sciller, chronicas magestosas como a Historia; e taes são para a physiologia, o amor e a Intriga—e a Noiva de Messina tambem de Sciller;—Antony e Kean do Dumas.

O Drama assim considerado é para os primeiros uma Epopéia, para os segundos um Romance. Autores porem ha que não fazem do Drama nem Epopéia, nem Romance, nem só Historia nem só physiologia—porem a reunião de tudo isto. Segundo elles, o Drama é a descripção de um individuo com todas as suas paixões, e com ella, a pintura de um povo com todas as suas idéas e prejuizos; em uma palavra, é a união da Historia com a Poesia—da imaginação com a verdade—do possível com o real.

D. João de Marana não é nem uma nem outra coisa; não é nem Tragedia, nem Drama, nem Comedia, nem Mystério, como quer o seu Autor; a producção de Mr. Dumas é uma extravagancia do genio, é um devaneio da imaginação, é a realisação do impossivel—É a virgem no céu segurando uma cadêa de anjos bons e maos, que descem a terra; os dois Anjos de Marana soldam esta cadêa que vai até ao inferno com elos de homens e de condemnados. Os cadaveres levantão-se do sepulcro—fallão estatuas de pedra—os mortos sentem, vivem e acionam; e neste Pandemonio tenebroso ou brilhante gyram phantasmas com voz humana—mortos com o fallar dos vivos—e espectros, que matam. O que é pois a obra de Mr. Dumas, senão é, como dissemos, a realisação do impossivel?

Considerada debaixo do ponto de vista artistico, esta producção, quando sobre ella se quisesse basear uma scholla, será pro-

gresso ou regresso para a arte Dramatica?

Sabem todos os nossos leitores, que a *Opera* tal como os Italianos a concertarão, é um resumo das bellas artes, que formam como um todo magico e embriagador; é a reunião da Poesia, Pintura, Musica e Dança. Porem a Pintura, com quanto seja por ventura a segunda das bellas artes, com quanto auxiliada por um maquinismo vario e brilhante pode satisfazer ao publico, que tem sede de sensações, e que procura achar a vida, quando lhe offerecem a representação de um Drama?—Não o cremos; no entanto eis o que fez Mr. Dumas, separou a pintura como a vemos nas *Operas* da companhia magica e prestigiosa das suas irmãs, e transplantou-a para o Theatro de declamação, e aqui tambem a separou do Drama para constituir-a fim principal do Espectaculo.

Este mysterio, admittido como principio de scholla, tende pois não a retrogradar no caminho Dramatico, porem simplesmente a aniquilar o Drama.

O seu primeiro e principal defeito é a falta de unidade na acção; encerra elle muitos personagens que só e de per si resumem e quasi que revelam um Drama. Estes personagens principião com a primeira scena, embora o Autor a chame segunda; entre elles distinguimos principalmente Victoria, amasia abandonada por Marana, e Carolina que principia a ser amada por elle; estes tres formam o embrião de um novo Drama, cuja idéa é o ciúme, cujo fexo é a morte da amante preferida pela amante abandonada.

Já que fallamos neste assassinato cumpramos notar o singular caprixo dos finados, que figuram neste Drama, querendo todos que D. João responda pela morte de cada um delles,—mortes de ordinario provenientes de causas extranhas á vontade do protogonista. Carolina apunhalada por Victoria chamará com os outros, mortos como ella, que D. João a assassinou. Esta falta de verdade só se pode explicar porque talvez o Autor a julgasse conveniente para alguns effeitos da sua obra. Tristes effeitos em verdade!

Alem destes personagens impertinentes ao desenvolvimento da acção, D. João de Marana tem tres partes distinctas—tres acções differentes—tres Dramas em um só Drama.

O Primeiro—é a luta de D. João com os seus bons e maos pensamentos—luta acerrima e tenaz que sempre precede ao primeiro acto criminoso—e que offerece ao

espectador interesse e variedade, e largo campo de observações ao Dramaturgo. D. João precisa da herança de seu pae, quer ser o representante da sua familia, e não hade alimentar-se das esmolas de seu irmão mais velho, que é um filho bastardo; e porque elle é libertino e prodigo e vicioso, precisa de fortuna para sustentar os vicios, que sam como filhos da sua educação, ou melhor, como condições da sua existência. Mortês, um velho e sancto Padre—amigo e companheiro do Velho Marana, condescendendo com a vontade deste, ministra-lhe os meios para que elle possa legitimar a D. Joze—seu filho primogenito. D. João assassina o Padre Mortês, e o Velho Marana morre sem desherdal-o. Eis o primeiro Drama—Drama terrível, cuja idéa é o orgulho e a cubica, cujo remate é o homicidio de um Sacerdote a cabeceira de um moribundo.

D. Joze, filho de uma casa poderosa, é frustrado da sua herança por D. João, seu irmão mais novo, que elle ama.

D. Joze ama a Theresina, sua noiva;—homem simples e virtuoso, não lhe importam riquezas, quando o deixem viver com o seu amor. D. João rouba-lhe Theresina.

D. Joze, não legitimado, é um servo dos dominios de D. João—D. João o faz açoitar como a um servo. D. Joze quer vingar-se; empregará meios terríveis para enobrecer-se, desafia seu irmão, injuria-o para o constranger a levar mão da espada, batem-se emfim—e elle cahe morto—Eis o segundo Drama—Drama terrível cuja idéa é a vingança, cujo desfecho é a morte de D. Joze, que acaba às mãos de seu irmão.

Soror Martha, creatura angelica e inoffensiva, que não conhece o mundo senão pela innocencia do seu coração e pela pureza da sua alma, é seduzida por D. João—enlouquece por muito amar, e torna a si para morrer com o seu amante—Eis o terceiro Drama, que poderia ser mais interessante do que a Francesca di Rimini. O Palacio de Lanciotto não tinha o silencio fundo e solemne de um templo; e a cella de uma Freira com o seu leito solitario contem de certo dores mais profundas—agonias mais pungentes—orações mais fervorosas, do que continha o leito de Francesca à par do seu esposo.

Que fez Dumas destes tres Dramas?—Embaciou as ideas que residem em cada um delles, e o Drama ficou sem idea principal, que sempre deve de haver neste ge-

nero de composições e aclaral-o em todas as suas partes; saltou por sobre a lei da unidade e atirou com a sua obra à face do publico como com um cartel de desafio. Fez mal;—a unidade da acção no Drama revela um genio saõ e profundo que ama a perfeição, em quanto que a falta della, que parece exigir mais força de comprehensão para reunir maior somma de materiaes, denuncia apenas a impotencia e a esterilidade do escriptor.

Passemos agora à acção e aos caracteres.

1.º Acto—Solar de Marana—Um grupo de dois anjos de madeira pintada occupam a scena e nos iniciam na lenda dessa familia. Um dos seus ascendentes, cuja vida pura tinha achado graça perante o Senhor, pediu a Deus que o anjo não podesse tentar a nem um dos seus descendentes, em quanto um delles não fosse levado, só por força da sua vontade, à commetter um crime. Assim se fez; o anjo bom dos Maranas subjuga o anjo máo dessa familia. Parece-nos que o anjo bom é como a consciencia, o máo como os instinctos—este é como o corpo, aquelle como a alma—o primeiro como o espirito, o segundo como a materia. Porem para representar-mos esta luta do homem entre o dever e a vontade, temos o Monologo; para que pois Mr. Dumas, para chegar ao mesmo resultado materialisou o que é de sua essencia immaterial? Não o sabemos, e tanto mais é de extranhar esta innovação, que o illustre Autor deve estar convencido que assim como sem moralidade não ha belleza artistica, assim tambem sem verdade não pôde haver interesse—é este o segredo das bellas artes como o principio das com. osições Dramaticas.

Scena 2.ª—D. João banqueteara os seus amigos e amasias delles; depois do festim praticam de amores, que fogem—de praseres, que enganao—e de vinhos, que embriagam: somente os afflige que o *Amphitrião* tinha ainda pae, que se agarra a vida com toda a tenacidade de um velho. D. João graceja com elles, e chega a ser impio. Em quanto dura esta scena cheia de rumor e de escandalo, o Velho Marana esta prestes a fallecer no aposento contiguo e manda chamar o Padre D. Mortês seu confessor. Os convivas despedem-se, e entra D. Mortês. Revestindo-se immediatamente de um caracter hypocrita, D. João quer, confessando-se por seu pae, persuadir ao Velho Sacerdote,

que D. Joze, filho de uma Gigana, Moura ou Bohemia, nem elle mesmo sabe de quem, não podia representar dignamente a familia dos Maranas—tão religiosos, que por amor da religião usara guerra aos Mouros e Mexicanos. O Filho de uma rica pagã não faria, como elle D. João, esmolos aos Conventos—dadas aos Sanctos—nem recompensaria o zelo e a piedade dos homens religiosos e prudentes, como era D. Mortês, e seria coisa muito para se vêr que um descendente dos Maranas—propagadores da fé—ardesse eternamente na infernal Gehena entre Guatmozim e Boabdil. D. Mortês porem que confia em D. Joze, não cede à vontade seductora de D. João—este enfurece-se com tal resistencia, e revela o seu verdadeiro caracter—a sua força indomivel, e a sua vontade de ferro. D. Mortês morre as mãos de D. João no instante em que hia passar ao Velho Marana o pergaminho, que legitimava o seu irmão, D. Joze. O grupo d'anjos desaparece porque nessa familia se havia commettido o primeiro crime. D. Joze, que vinha assistir à ultima hora de seu pae, é reido pela affabilidade de D. João, que o entretem amigavel e cordialmente, que o distrahe do chamado de seu pae com doces e graciosas recordações da infancia—interrompidas de quando em quando pela voz cavernosa do moribundo, que chama a D. Joze para junto do seu leito abandonado. D. Joze, facil de enganar como quem muito ama, derrama toda a sua alma no coração de seu irmão, conta-lhe seus amores com a bella Theresina, que o espera em Villa-Maior, Castello dos Maranas; porem quando emfim, máo grado o seu interlocutor, elle não pode duvidar que seu paé o chama, corre para o quarto do moribundo, a quem, diz D. João, resta apenas folego para morrer dos abraços do seu filho querido.

Neste acto é para notar-se a scena entre D. João e D. Mortês—scena de seducção habilmente empregada—bella e valente quando D. João, arrancando a mascara da hypocrisia revela-se todo inteiro aos olhos de D. Mortês; tambem é notavel a scena entre D. João, que odia seu irmão, e D. Joze que o ama, e que atheadido pela sua cordialidade confia-lhe os seus amores, em quanto que perto delles expira o derradeiro dos virtuosos Maranas.

Dado o primeiro passo na carreira do crime, D. João não retrocede nem para,

corre a Villa-Maior para seduzir a D. Theresina—e noiva de seu irmão;—da-lhe uma Serenata—compra-lhe a creada—e mimosêa-a com brilhantes—e Theresina rejete a scena de Catharina Howard arrojada de pedrarias, que se revê no seu espelho, e pasma de se ver tão bella. Somente, Catharina não tem um anjo máo que ao travéz do seu espelho lhe infiltre n'alma pensamentos de vaidade. As palavras do anjo máo cahem sobre o coração da pobre Theresina.—espantam-na,—amedrontam-na. D. João chama ella tresvariada, e D. João ap arece: promette-lhe joias, praseres, grandezas—vestidos novos todos os dias—pagens e varletes que a acompanhem—vassallos que a adorem—e carroças com armas de nobresa. Ella talvez ceda—fragnêa—vacilla... neste momento apparece D. Joze—ella se crê salva e D. João a crê sua. A scena do final do segundo Acto é a primeira que encontramos verdadeiramente Dramatica. D. Joze prudente e affectuoso escuta as palavras loucas, que sahem dos labios de seu irmão; D. João diz-lhe que elle ama a Theresina, que ella será sua, e que D. Joze é por demais assizado para brigar com um insensato; Theresina, que se fóra adornar para o noivado, entra, e encontra esses dois homens face a face; então D. João a provoitando-se da sua superioridade humilha a D. Joze aos olhos da mulher que elle ama, atira-lhe ao rosto com o pergaminho, que elle tirara a D. Mortês—o acto de legitimação de D. Joze, que seu pae máo tinha podido assignar—insulta-o como a um bastardo—desarma-o como Senhor e mais valente—e manda-o açoitar como a um servo. Theresina pertence-lhe.

D. Joze atinca vingar-se,—reco:da-se da antiga tradicção da sua casa, e invoca o anjo do mal, que ao travez da terra leva-o ao sepulcro do Velho Marana, que legitima a D. Joze.

Há tanta gente que falsifica uma assignatura, que nos admiramos da pouca sagacidade do Demonio.

Passemos ao terceiro acto, que nem uma ligação tem com as tres accções que indicamos, e que ja vimos quam fracamente estam ligadas entre si—O terceiro acto passa-se em uma Hospedaria de Madrid;—alguns Gents-Homens conversam sobre os homens notaveis daquelle tempo: uns dizem que só ha um homem em todas as Hespanhas, e que esse homem é Sandoval—outros dizem que assim é em verdade, porem que

esse homem por excellencia, chama-se D. João; todos teem rasão, porque uns não sabem quem é D. João, outros não conhecem a Sandoval—As duas reputações contrabalançam-se. Sandoval vem a Hospedaria escolhe um lugar para si e sabe para dar uma *Serenata* a D. Ignez, Condeça de Almeida, e sua namorada. Entra D. João, e senta-se no lugar que Sandoval assignalára; porque elle não quer nas Hespanhas outro nome que não seja o seu — nem outra fama que não seja a sua; porque elle inveja a D. João Tenorio, que em vida, foi aos infernos cejar com o Commendador, que elle matára depois de lhe ter deshonrado a filha. Sandoval não conhece mulher que lhe resista, nem homem que não trema de postar-se diante d'elle na arena do duello; só elles se podem affrontar: é pois necessário que um delles pereça pela mão do outro. Sandoval entra, e encontrando um homem sentado na sua cadeira, sabendo elle que essa cadeira era de Sandoval, diz que esse homem não pode deixar de ser D. João: só elle se atrevera á tanto. Segue-se o desafio—é esta uma scena bella e bem desenvolvida, é um lance verdadeiramente dramatico—é uma belleza verdadeiramente tal. Principia o duello pelo numero das amasias—D. João mostra a sua lista, dividida para maior claresa, diz elle, em duas columnas—das mulheres seduzidas e dos maridos enganados; na columna das mulheres falta uma Religiosa, na columna dos maridos falta Deus; é um pensamento impio, e que a não ser tam profano diríamos uma *Hespanholada*. Jogam—á dados e de um só lance para maior brevidade. D. João é feliz—ganha a bolça de Sandoval—o feixo do seu manto—seu Castello de Almonacil—e por fim a sua amada, D. Ignez, Condeça de Almeida. Sandoval perdeu tudo, e nesse tudo tambem a vida. D. Ignez que presenciou a morte do Cavalheiro desleal que a tinha trahido e aviltado, quer envenenando-se, envenenar tambem a D. João. D. João conhece-a, recusa o vinho que D. Ignez lhe offerece, e quando ella se envenena, ri-se elle do pouco tino dessa mulher que o quisera enganar, como se elle—D. João fosse algum pobre Estudante de Murviedro ou de Salamanca.

D. Ignez morre incumbindo-o de um recado para sua irmã—Soror Martha; incumbencia esta feita muito á proposito—quando D. João precisava de seduzir a uma Freira.—Fim do Acto.

Sandoval que desafiára a D. João, D. Ignez que o tinha querido envenenar, envenenando-se a si propria, segundo a maneira de pensar dos mortos que figuram neste Drama, lançam sobre D. João a culpa da sua morte. Pobre *Hidalgo!* commetteste bastantes crimes por tua conta, e bem escusavas todas essas mortes, de que os Mortos e o Autor tão graciosamente te sobre carregam.

4.º Acto. D. João precisa de seduzir a Soror Martha, para que em uma das columnas da sua lista se lêa o nome de uma Freira, e na outra o nome de Deus. A seducção é simples e facil para com uma alma innocente, candida e pura, como é a de Soror Martha, que não sabe o que é seducção, que apenas pode dobrar os agulhões da carne, como dizem os Sanctos Padres, com as macerações do Claustro. D. João faz raiar diante dos olhos da Freira o panorama variado do Mundo—essa phantasmagoria brilhante, que tanto se assemelha a vida e a felicidade; faz-lhe desejar outra vida que não a da penitencia e dos cilícios, e entrever o perdão e a benção nupcial do Pontifice, á cujos pés se irião lançar.

Martha cede, e depois das preces da tarde, ella virá aparelhada para a fuga, confia no amor do seu amante e no perdão do Sancto Padre.

D. João sosinho no templo mal aclarado pela alampada nocturna procura a campa de D. Ignez para agradecer-lhe o ingresso que lhe havia dado junto de sua irmã; então a Estatua, que corôa esse funebre moimento, segura-o pelos cabellos—suspende-o—e a força a vêr as lapides que se affastam para dar passagem aos cadaveres. Os cadaveres vêem um a um contar a D. João a sua vida e a sua morte;—é a scena do primeiro acto de *Lucrezia Borgia*—são victimas que atterram o sacrificador.

É o Velho Mortês assassinado por D. João; Vingança contra D. João! É Carolina assassinada por Victoria, e Victoria queimada pela Inquisição: Vingança contra D. João! É Theresina que se lançou ao Manzanares, e Sandoval que morreu no duello, que elle mesmo provocára: Vingança contra D. João! Em fim é a Estatua—D. Ignez de Almeida, que se envenenára e grita: Vingança! Vingança contra D. João! Aparece o Anjo do Juizo Final e dá a D. João uma hora para o arrependimento; neste interim chega Soror Martha—Soror Martha cheia de amor—Soror

Martha que o a lora, que por elle desprezou o pudor de virgem, e calçou seus juramentos de Freira.

Soror Martha. D. João, meu noivo, meu esposo, onde estais, meu senhor? Sou prestes a seguir-vos!

D. João. Já não sou D. João—o teu noivo, já não sou D. João—o teu esposo, sou Frei João o Trapista.—Soror Martha, attenta! que haveis de morrer!—Cabe o pano.

Amamos o que é natural; amamos D. João convertido, porem não queremos aparições de espectros. Talvez fosse melhor este acto assim desenvolvido. D. João, falando com Soror Martha que prantêa a morte de sua irmã, principiaria a sentir o que há de meigo e doce no coração da mulher, que ama, o que ha de grave e profundo na vida toda do pensamento—toda intima—toda a religião; o que ha de perfumes e de suavidade na virgem ingenua, candida e pura, que vive na terra vida de paz e de innocencia, acostumada que ella está a derramar-se toda aos pés de Deus. D. João, sosinho no templo, deveria sentir aquelle terror solemne e religioso, que parece absorver a alma do homem justo, e que ainda mais fortemente deve agrihoar a alma do homem criminoso. D. João vendo essa Donsella tão pura e tão bella, enthoando melancolicamente as orações da tarde, orando fervorosamente no meio das suas irmãs, curvada com o peso da vida, como um lyrio, cuja hastes despida pelo vento oscilla tristemente, sentiria remorsos de a ter querido seduzir—para abandonal-a depois, como uma folha aos ventos; remorsos de a ter querido espedaçar e manchar com a fatalidade do crime. Então aqotaria com a frente a campa de D. Ignez que lhe deixára esse como legado no seu leito de morte; e quando elle tranzido de derez arquejasse sobre esse funebre moimento, quando cahisse sobre elle, mais frio do que a estatua, que o corôava—mais miserando do que o corpo que sob ella dormia o somno eterno do que morre, o homem viria ler nesse espectáculo uma lição, sublime de moral e de verdade, e reconheceria a providencia na mão que havia dobrado uma vontade tão aspera—curvado um corpo tão robusto—e convertido uma alma tão perversa! E se elle acco-dasse aos ultimos sons do órgão exhalando doce mente a nota derradeira e perdendo-se na

amplidão do templo com a derradeira nota do mavioso cantar das Virgens, se elle arrependido e contristado clamasse ao Deus que elle tinha desprezado, mas cuja força então conhecia—Piedade!—Piedade!—poder-se-hia julgar que a misericordia divina o não tinha abandonado—e talvez que então vertesseis uma lagrima compaixão, que no correr disse longo Mysterio embalde procurareis derramar.

5.º Quadro.—D. João, Trapista, tem remorsos do que foi, e porque foi essencialmente mundano, não se pôde despegar inteiramente da sua vida passada. D. Sanches o consola—falla-lhe como um Sacerdote a um penitente, como um pae a um filho—falla-lhe longamente, docemente, eloquentemente; e suas palavras ao mesmo tempo graves e piedosas sam por ventura a pagina mais eloquente que mãos de homens escreverão sobre a instituição das ordens religiosas.

Depois vem Martha—a triste Religiosa, que enlouquecera porque amava muito—a pobre Donsella que na sua demencia só o vê a elle—D. João—seu noivo e seu esposo. Esta scena é melancolica e bella. Por fim vem D. José que incita e insulta a seu irmão, sem poder vencer a paciencia do Trapista; por ultimo D. João recebe uma bofetada, e a este insulto a que homem nenhum é insensível, reaparece o Gentil-Homem em toda a sua força, e D. José morre aos golpes da sua espada. É a terceira e ultima scena Dramatica deste Drama.

Acto 5.º—Soror Martha jaz no seu leito de morte, e um anjo vem murmurar lhe aos ouvidos palavras de amor e de commiserção, e com o seu halito alugar as derradeiras trevas que offuscavão seu espirito alucinado. Esta idéa é sublime. Uma virgem como Soror Martha tão boa—tão pura—tendo soffrido tanto, que viveo vida breve de amor e de alienação deve morrer assim aos sons de uma Harpa celeste que lhe resoa no coração—assim na companhia invisível de um anjo sympathico que a destaca do corpo tão brandamente, como o primeiro raiar do sol despega de sobre as agoas do rio as ondas da nebrina vaporosa. Soror Martha da mil annos da sua vida eterna para vêr D. João na hora terrível do seu passamento, o anjo do mal aceita a prop sta e a Freira expira.

Acaba a terceira accção—todavia o Autor continúa com o Drama. Martha, já fallecida, permanece sobre a terra dos vivos, e D. João vai roubar esse cadaver com feições da vida.

Um cavallo furioso em algumas horas o conduz a 150 legoas do Convento - a um Castello em ruínas—reapparecem os espectros—visões—phantasmas;—Carolina—Victoria Ignez—Theresina e Sandoval—em fim quasi todas as personagens do Drama; offerecem-lhe para mitigar-lhe a sede as lagrimas que elle fez chorar, e o sangue que elle deramou. Em fim Sandoval, que no sepulcro não perdeu a sua queda para o duello, desafia-o e mata-o.

Em resumo, D. João tem scenas que revellão o bello autor Dramatico que augmentou e por tantos annos sustenta o esplendor do Theatro Francez; tem muitas paginas que pertencem ao escriptor profundo, e ao romancista inexgotavel; tem muitos devaneios, muitos caprixos, muita extravagancia que justificam o titulo de um dos seus melhores Dramas—A extravagancia do genio (*)

A. Gonçalves Dias.

(*) Kean.

VARIÉDADES.

—NECROLOGIA.—Pelas dez horas da noite de 26 de Março, depois de quasi cinco meses de sofrimento, expirou o Sr. Estevão Raphael de Carvalho entre os braços de sua Esposa e filho, e rodeado de alguns dos seus amigos.

Passou elle os poucos annos que viveu combatendo palmo á palmo—sem recuar—e sempre—na dura arena da Politica, Lente de Calculo e de Escripção Mercantil no Lyceu Maranhense—Inspector do Theatro Publico Provincial—Ex Deputado á Assembléa Geral—e em quasi todas as legislaturas—Membro da Assembléa Provincial, havia elle cursado com muita distincção a Faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra, na qual, para ser Bacharel, apenas lhe faltava a cerimonia do Grão: ainda ha memoria nessa Universidade do genio superior, que o Sr. Raphael de Carvalho em tão verdes annos revelava.

Nós que com elle passámos horas dulcissimas daquella pratica intima e franca que tão espontanea lhe rebentava do coração, nós que tivemos a honra de ser dos seus amigos d'alma—nós o podemos estudar e comprehender—sua alma era nobre e pura, seu coração generoso e franco.

A immensa variedade dos seus conhecimentos, especialmente em Finanças, a facilidade do seu talento tão profundo que quasi adivinhava, o vigor da sua vontade tão forte que se não dobrava, sua incontestavel probidade e honra promettião-lhe nos negocios publicos da sua Patria um futuro brilhantissimo.

Seja-nos pois licito derramar algumas lagrimas de saudade sobre este nosso amigo, cuja existencia foi interrompida ainda tão vigorosa e tão cheia de esperanças!...

E sua Esposa e filho accettem este pequeno tributo á memoria de seu Pai e marido, como um protesto publico do profundo respeito da intima e verdadeira amizade, que consagramos ao Sr. Estevão Raphael de Carvalho. C. L.

—No dia 22 de Fevereiro do corrente anno, teve o Instituto Historico e Geographico do Brasil o profundo sentimento de perder um dos seus mais dignos membros fundadores, o seu 1.º Secretario perpetuo o Reverendissimo Sr. Conego Januario da Cunha Barbosa! Baixou elle á sepultura com 63 annos d'idade, deixando apoz si eternas saudades dos seus amigos e daquelles que, com quanto o não conhecessem pessoalmente, lhe tributavão os maiores respetos, digno que elle era d'elles, ja pelas qualidades moraes que o adornavão, e ja pelo profundo saber que tanto o distinguia. Com a sua morte soffreu não só a Associação de que era secretario perpetuo, e para cuja fundação tanto concorreu, mas também a Igreja como bom e santo ministro de Deus que era. Assim se partem os justos cá do mundo, deixando-nos aqui na terra descontentes!

No dia seguinte ao em que falleceu o Sr. Cunha Barbosa, foi o seu corpo sepultado pelas nove horas

da manhã na Igreja de S. Francisco de Paula, sendo a sua inhumação precedida por um discurso pronouncado em nome do Instituto pelo Sr. Manoel d'Araujo Porto-Alegre, que por muito extenso não o podemos aqui transcrever, onde o orador, com a eloquencia de que he dotado, lamenta com profundo sentimento a perda que soffrerão não só a Associação a que ambos pertencião, como também o Brasil todo.

Era o nome do Sr. Januario da Cunha Barbosa adornado com vinte e seis titulos honorificos, e era elle membro de dezoito corporações illustres! Bem poucos no fim da sua vida poderão, como elle, contar tantos titulos de verdadeira distincção como estes são. Ficou com a sua morte vago o lugar de 1.º secretario do Instituto; quem o preencherá de modo que não seja a sua falta demasiadamente sentida? dizia-se que havia elle de ser substituido pelo Sr. Desembargador Rodrigo de Souza da Silva Pontes, até ás ultimas noticias que tivemos, nada se havia ainda decidido á este respeito.

—Chegou finalmente a companhia Italiana tão desejada pelos verdadeiros amadores, traz ella ensaiadas e promptas para serem desempenhadas as duas operas muito conhecidas, e de que ja aqui se ouvirão alguns pedaços, Chiara de Rosemberg, do maestro Ricci—e o Elisir d'Amore de Donisetti—tencionão também levar a Norma inteira, para o que trouxerão consigo uma Dama, que executará o papel d'Adalgisa, que foi por ella desempenhado no Pará com geral acceitação. Não veio o novo *basso* que aqui se dizia vir com a companhia, porque era imaginaria a existencia d'esse artista no Pará, e agora rectificamos a noticia que a seu respeito demos no numero antecedente d'este jornal, porque estamos sobre isto melhor informados. Tencionava a companhia abrir por 10 representações uma assignatura entre os habitantes d'esta cidade; esperamos que o publico, que já tantas provas tem dado de praser em os ouvir, conjuve por esta forma a ar listas que só por milagre poderão aqui toraar a apparecer, tão grandes são as despesas necessarias para a sustentação d'um Theatro Italiano.

—PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.—O Sr. Alexandre Herculano acaba de publicar em Lisboa o 1.º vol: da Historia de Portugal; he mais um brilhante de não pequeno valor para a coroa litteraria portuguesa: basta para o credito da obra o nome do seu author, que tanto se tem distinguido em tudo quanto tem publicado. De grande numero d'exemplares que sahirão impressos apenas restão alguns, o que prova o alto apreço em que tem o povo portuguez as produções d'essa tão alta capacidade que tanta honra faz ao paiz que a viu nascer. Também se publicou na mesma cidade o Drama original portuguez—A Rainha e a Aventureira, pelo Sr. A. A. d'Almeida Corrêa Lacerda.

A. Rego.

INDICE.

Os seus olhos — (Poesia).....	Pag	25
A Filha da Rainha.....	•	26
M. de Lamartine.....	•	35
Agapito.....	•	38
Influencia da Lua.....	•	40
A Minha Vida — (Poesia).....	•	42
Revista Dramatica — (D. João de Marana).....	•	42
Variedades.....	•	48



AVISO.

—A publicação do *Archivo* será mensal; sahirá á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte a vinte quatro paginas de impressão cada numero; comprehenderá duas secções, uma de Litteratura, e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de *Varietades*, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da Sociedade.

A Associação Litteraria Maranhense offerece as columnas do *Archivo* ás pessoas que nellas quizerem imprimir alguma obra respeitandó á instrucção, moral, e recreio, sendo approvada pela Commissão Revisora.

Subscreve-se para este Jornal, nesta Cidade em casa do Editor, Travessa do Sineiro n.º 1; e em casa dos membros correspondentes, em A'cantara Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupí, Padre Manuel Altino Barbosa, e Antonio Joze de Carvalho Pires Lima; no Mearim, Tenente-Coronel Manuel Lourenço Bogéa; no Codó, Raymundo Joze de Souza Gayoso; no Itapucurú-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova; em Pernambuco (Olinda) Joze Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Joze d'Abreó; no Pari, Joaquim Correia de Magalhães, e André Curcino Benjamin, em Bragança na mesma Provincia, Padre M.nuel Joze da Matta; e no Piauhy (Poty) Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

PREÇO.

Por anno, 12 numeros—4\$000 }
Por semestre, 6 dictos—2\$400 } pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.

Para o interior, e fora da Provlucia 5\$000 por anno.



1 8 4 6

M A I O = N. 3



O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO,

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

MAYO 31—1846.—VOLUME I.^o—N. 3.



COLLABORADORES.

Illms. Srs.

- Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
- A. Curcino Benjamin.
- Dr. A. Carneiro H. de Scuto Maior.
- Dr. A. Gonçalves Dias.
- A. Henriques Leal.
- A. R. de Torres Bandeira.
- Dr. Antonio Rego.
- A. C. dos Reis Baiol.
- A. Frederico Colm.

Illms. Srs.

- Dr. P. José Corrêa.
- Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
- J. Tell Ferrão.
- J. J. Ferreira Valle.
- M. J. Pereira.
- M. Benicio Fontenelle.
- Dr. F. A. de Carvalho Reis.
- Dr. B. J. Faria de Mattos.
- R. Augusto Colm.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO, CASA N.º 19.

IMPRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros effectivos e funcionarios.

Presidente—	Ilm. Sr. Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.
Secretario—	» » Augusto Frederico Colla.
Commissão Revisora	» » Augusto Cesar dos Reis Raíol.
	» » Antonio Henriques Leal.
Thesoureiro	» » Joze Teófilo Faria.
Editor	» » Roberto Augusto Colla.
	» » Dr. Antonio Gonçalves Dias.
	» » Dr. Antonio Rego.
	» » Luiz Antonio Vieira da Silva.

Membros Honorarios.

Ilms. Srs.

Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.
Dr. Antonio Carneiro Homem de Souto Maior.
Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu.
Dr. Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.
Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira.
Dr. Francisco Joze Furtado.
Dr. Frederico Joze Correa.
Dr. Gregorio de Tavares e zorio Maciel da Costa.
Dr. Isidoro Emilio Baptista.

Ilms. Srs.

Dezembargador João Candido de Deus e Silva.
Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
Dr. Joze Ricardo Jauffret.
Genego Luiz Barroso de Bastos.
Dr. Manuel Jansen Pereira.
Dr. Pedro Nunes Leal.
Dr. Raymundo Joze Faria de Mattos.
Dr. Tiberio Cesar de Leiros.

Membros Correspondentes.

Ilms. Srs.

Capitão Alexandre d'Araujo Costa.
Alvaro Duarte Godinho.
André Curcio Benjuno.
Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.
Antonio Bezerra de Torres Barreira.
Padre Conrado de Lellis Henriques Pacova.
Cypriano Eneides Guedes Alcantarado.
Estevão d'Albuquerque e Meilo Montenegro.
Joze Pedro dos Santos.

Ilms. Srs.

Joaquim Correa de Magalhães.
Joze Joaquim Ferreira Valle.
Padre Manuel Antonio Barbosa.
Padre Manuel Jose da Motta.
Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogez.
Dr. Pedro Joze d'Almeida.
Raymundo Joze de Souza Gayoso.
Thomas Ferreira Gutierrez.

A ESCRAVA.

*O' bien qu'aucun bien ne peut rendre!
Patrie! doux nom que l'exil fait comprendre.
Marino Faliero.*

Ó doce paiz de Congo!
Doces terras d'além mar!
Ó dias de sol formoso!
Ó noites d'almo luar!

Desertos de rubra areia
De vasta—immensa extensão,
Onde livre folga a mente,
Livre bate o coração.

Onde a leda Caravana
Rasga o caminho passando,
Onde, bem longe, se escuta
As vozes que vão cantando.

Onde longe inla se avista
O turbante musulmano,
O yatagan recurvado
Preso a cinta do Africano;

Onde o sol na areia ardente
Se espelha, como no mar...
O doces terras de Congo
Doces terras d'além mar!

Quando a noite sobre a terra
Desenrolava o seu véo,
Quando se quer uma estrella
Não scintillava no céu;

Quando só se ouvia o sopro
De mansa briza fagueira,
Eu o aguardava—sentada
Debaixo da bananeira.

Um rochedo ao pé se erguia,
Delle á base uma corrente
Despenhada sobre pedras
Murmurava docemente,

E elle as vezes me dizia:
—Minha Alsgá não tenhas medo,
Vem conmigo, vem sentar-te
Sobre o cimo do rochedo.

E animoza eu respondia
—Irei contigo, onde fores;
E tremendo, e palpitante
Me cingia aos meus amores.

Elle depois me tornava
Sobre o rochedo—sorrindo:
—As aguas desta corrente
Não vês como vão fugindo?

—Tam depressa corre a vida,
Minha Alsgá, depois morrer
Só nos resta; pois a vida
Seja instantes de prazer.

Os olhos em torno volves,
Espantada! Ah! tambem
Arfa o teu peito anciado,
Acaso temes alguém?

Não recêes de ser vista,
Tudo agora jáz dormente,
Minhas vozes—lá se perdem
No fragor desta corrente.

Minha Alsgá, porque estremecês,
Porque me foges assim?
Não te partas, não me fojas,
Que a vida me foge á mim.

Outro beijo acaso temes,
Expressão de amor ardente?
Quem o ouviu? O som perdeo-se
No fragor desta corrente.

Assim praticando amigos
A aurora nos vinha achar!
Ó doces terras de Congo,
Doces terras d'alem mar!

Do rispido Senhor a voz irada
Rabida sôa,
Sem o pranto enxugar a triste escrava
Pavida vôa;

Mas era em móra por scismar na terra,
Onde nascera,
Onde vivera tam ditosa, e onde
Morrer devera.

Soffreo tormentos, porque tinha um peito,
Que inda sentia;
Misera escrava! no morrer cruento
Congo! dizia.

A. Gonçalves Dias.

O IRMÃO E A IRMÃ.

I.

—Pelos fins do anno de 1340, em uma fria noite de outono, ainda que bella, um cavalleiro seguia o estreito caminho que costea a margem esquerda do Rheno. Poder-se-hia crer, attenta a hora avançada e o passo rapido do seu cavallo, tão cansado da jornada já feita, que pelo menos iria demorar-se na pequena cidade de Oberwinter, na qual acabava de entrar; porem pelo contrario, continuou a caminhar no mesmo passo, e como pessoa a quem são familiares, pelo meio de ruas estreitas e tortuosas que podiam abreviar alguns minutos de caminho, e logo tornou a apparecer do outro lado da cidade, sahindo pela porta opposta áquella por onde entrara. Como no momento em que sobre elle se fechava a porta, a lua, até alli encoberta, tinha entrado em um espaço limpo e brilhante como um lago tranquillo, no meio desse mar de nuvens que vloviam no céu suas ondas phantasticas, aproveitaremos esse raio fugitivo para lançar um rapido olhar sobre o nocturno viajante.

Era um homem de quarenta e oito a cincoenta annos, de estatura mediana, porem de figura athletica e refeita, e tanto estavam seus movimentos em harmonia com os do cavallo, que parecia terem sido talhados do mesmo pedaço de rocha. Como se achava em paiz amigo, e por isso livre de qualquer perigo, tinha posto o elmo no arçao da sella, e para guardar a cabeça do ar humido da noite, apenas tinha um pequeno capello de malha, que, quando o elmo estava em sua posição ordinaria, formava uma ponta que cahia entre os dois hombros. E' verdade que cabellos compridos e espessos que já iam embranquecendo prestavam a seu dono o mesmo serviço que o melhor barrete, encerrando alem disso como em um caixilho natural, sua figura ao mesmo tempo magestosa e tranquilla como a de um leão: Quanto á sua qualidade, isso só teria sido um mysterio para as poucas pessoas, que nesse tempo ignoravam a linguagem heraldica, porque lançando os olhos para o elmo, via-se sahir, por entre uma coroa de conde, que formava a cimeira, um braço com uma espada desembainhada, enquanto do outro lado da sella, brilhavam sobre o fundo vermelho do escudo posto em frente, as tres estrellas de ouro

postas em forma de triangulo da casa de Homburgo, uma das mais antigas das Alemanha. Agora, se querem saber mais alguma coisa a respeito da personagem, que acabamos de pôr em scena, acrescentaremos que o conde Karl vinha de Flandres, para onde tinha ido, por ordem do imperador Luiz V de Baviera, prestar o socorro de sua valente espada a Duarte III de Inglaterra, nomeado, desoito meses antes, vigario geral do imperio, que, graças ás trevas de um anno, que acabava de assignar Philippe de Valois por intercessão da Senhora Joanna, irmã do rei de França, e mãe do conde de Hainaut, lhe tinha momentaneamente restituído a liberdade.

Tendo chegado á altura da pequena aldeia de Molhem, o viajante deixou a estrada que tinha seguido desde Coblenz, para tomar um caminho, que entrava directamente nas terras. Por um instante o cavallo e o cavalleiro penetraram por uma quebrada, mas logo tornaram a apparecer do outro lado seguindo na planicie um caminho, que ambos pareciam conhecer perfeitamente. Com effeito, depois de alguns minutos de marcha, o cavallo levantou a cabeça e finchou como para anunciar sua vinda, e desta vez, sem que fosse preciso á seu dono excital-o, nem com palavras nem com esporas, redobrou de ardor, de forma tal que d'ahi a pouco deixaram á esquerda, na sombra, a pequena aldeia de Godesberg, perdida no meio de espessas arvores, e deixando o caminho que vai de Rolandsec a Bone, tomando de novo á direita, encaminham-se directamente para o castello situado no cume de uma collina, e que tem o nome da cidade, quer della o tenha recebido, ou lh'o tenha dado.

Era desde então evidente que o castello de Godesberg era o termo da jornada do conde Karl; porem ainda era mais certo que elle ia chegar ao logar do seu destino no meio de uma festa. Á medida que transpunha o caminho em espiral, que partia da faldada da montanha, e terminava no portão, via todas as fachadas por seu turno lançar luz por todas as janellas; depois por detraz das tapeçarias vivamente illuminadas, moverem-se numerosas sombras representando grupos variados. Continuou a caminhar, posto que seria facil suppôr, pelo ligeiro fran-

zir das sobranceiras, que quierera antes chegar no meio da intimidade da familia do que no tumulto de um baile, de sorte que alguns minutos depois transpunha a porta do castello.

O pateo estava cheio de escudeiros, creados, cavallos, e liteiras, porque, como já dissemos, havia festa em Godesberg. Logo que apeou-se o conde Karl, apresentou-se uma chusma de creados para segurar o cavallo e leval-o para as cavalharças. Mas o cavalleiro, que com tanta facilidade não se separava de seu fiel companheiro, a ninguém quiz confiar-o, e tomando-o pela redea, elle mesmo o conduzio para uma estribaria isolada em que mettiam-se os proprios cavallos do landgrave de Godesberg. Os creados, posto que admirados dessaousadia, deixaram-no fazer, porque o cavalleiro com tanta segurança tinha obrado, que lhes havia inspirado a convicção de que tinha esse direito.

Logo que Hans, era o nome que o conde dava a seu cavallo, ficou preso a um dos logares desoccupados, e sua cama com bastante palha, a gamella cheia de aveia, e a mangedoura de feno, então o cavalleiro cuidou de si, e depois de ter feito algumas caricias ao nobre animal, que interrompeo a comida, já começada, para responder com um vincho, encaminhou-se para a grande escadaria, e apesar do impedimento formado por toda a parte pelos pagens e escudeiros, chegou até os aposentos, em que se achava reunida por um momento toda a nobresa das visinhanças.

O conde Karl parou um instante em uma das portas da sala principal para lançar um olhar sobre o grupo mais brilhante da festa. Estava animada e estrondosa, cheia de moços vestidos de veludo, e de nobres senhoras com vestidos brazonados; e entre todos, o mais bello mancebo era Othon, e a mais bella castella a senhora Emma, aquelle filho, e esta mulher do landgrave Ludwig de Godesberg, senhor do castello, e irmão d'armas do bom cavalleiro, que acabava de chegar.

A appareição deste tinha produzido o seu effeito; só no meio de todos os convivas, apresenta-se como Wilhelm a Leonor, ainda inteiramente coberto de armas de guerra, cujo aço sombrio fazia estranho contraste com as côres alegres e vivas do veludo e da seda. Voltaram-se logo todos os olhos para o logar em que estava, á excepção com

tudo do conde Ludwig, que, em pé na porta opposta, parecia engolphado em tam profunda preocupação, que suas vistas nem um só instante mudáram de direcção. Karl reconheceo seu velho amigo; sem inquietar-se muito com o que o preocupava, deu volta por todos os quartos visinhos, e depois de uma encarnçada, porém victoriosa lucta com a multidão, chegou a esse quarto afastado, á uma de cujas portas, entrando pela outra, avistou o conde Ludwig sem ainda ter mudado de attitude e sempre sombrio e estatico.

Karl parou ainda um momento para examinar esta estranha tristeza, mais estranha ainda por ser no proprio hospede, que parecia ter dado aos outros toda a alegria, e ter apenas guardado para si os cuidados; a final adiantou-se, e vendo que tinha chegado até ao pé de seu amigo sem que o rumor de seus passos tivesse podido tiral-o da preocupação, pôz-lhe a mão sobre o hombro.

O landgrave estremeceo e voltou-se. O seu espirito e pensamento estavam tam profundamente engolphados em uma ordem de idéas tam diferente da que acabava de o despertar, que observou por algum tempo e sem reconhecer com o resto reconhecido aquelle que outrora elle teria reconhecido com a viseira callada, no meio de toda a corte do imperador. Porém Karl pronunciou o nome de Ludwig e estendeu-lhe os braços; desic-se o encanto: Ludwig lançou-se ao peito de seu irmão d'armas antes como um homem que nelle procura um refugio contra uma grande dor, do que como um amigo alegre por tornar a ver o seu amigo.

Entretanto esta volta inesperada pareceo produzir sobre o desasocgado hospede desta alegre festa uma feliz distracção. Elle o arrebatou chegando-se á outra extremidade do quarto, e alli mandou que se assentasse em uma grande cadeira de carvalho corôada de um docel de estofos dourados, assentou-se ao pé d'elle; escondendo a cabeça na sombra e pegando-lhe na mão perguntou o que lhe havia acontecido durante essa longa ausencia de tres annos, que os havia separado um do outro.

Karl lhe referio tudo com a prolixidade guerreira de um velho soldado; como as tropas inglezas, brabantinas e imperiaes, commandadas pelo proprio Duarte III tinham vindo sitiá Cambraya, queimando e assolando tudo, como os dois exercitos se haviam

encontra-lo em Buironfosse sem se baterem, porque o na mensagem do rei da Sicilia, que era optimo astrologo, no momento de virem ás mãos, tinha vindo annunciar a Philippe de Valois, que qualquer batalha que desse aos Ingleses, e em que commandasse Duarte em pessoa lhe seria fatal (predicção que mais tarde se realisou em Crécy), e em fim como se tinham concluido as treguas de um anno entre os dois reis rivaes nas planicies de Esplechin, e isto como já dissemos, por petição e supplicas da senhora Joanna de Valois, irmã do rei de França.

O landgrave tinha escutado esta narração com um silencio que até certo ponto se podia tomar por attenção, ainda que de tempos em tempos se tivesse levantado, com visível inquietação, para ir lançar os olhos pela sala do baile; mas como de cada vez tinha volvido a tomar o seu lugar, o narrador, por um momento interrompido, não tinha continuado a narração, reconhecendo a necessidade em que se acha um dono de casa de seguir com os olhos a ordem da festa que dá, para nada faltar que possa tornar-se agradável aos convivas. Com tudo á vista da ultima interrupção, o landgrave, como se tivesse esquecido o seu amigo, não tornára a vir tomar o seu lugar ao pé delle, este levantou-se, chegou-se de novo á porta da sala, pela qual entrava nesse pequeno quarto retirado e sombrio uma onda de luz, e desta vez aquelle a quem vinha reunir-se o ouviu, porque levantou o braço sem desviar a cabeça. O conde Karl olhou para o lugar indicado por esse gesto, e o braço do landgrave tornou a cahir sobre o hombro de seu irmão d'armas, que o apertou convulsamente contra si.

Passava-se sem duvida uma lucta terrivel e secreta no coração deste homem, e todavia Karl lançava os olhos sobre essa multidão que volteava diante de si, e nada via que podesse indicar a causa de tal emmoção, entretanto ella era assaz visível, para que um amigo tam dedicado como o conde, della não se apercebesse e se inquietasse algum tanto. Com tudo, ficou mudo, comprehendendo que o primeiro dever da amisade é a religião do segredo para com o que ella quer occultar; mas tambem nos corações habituados a interpretar-se, existe um contacto sympathico, de sorte que o landgrave, comprehendendo este silencio intimo, observou o seu amigo, e passando a mão pela fronte, deu um suspiro, e então, de-

pois de um ultimo momento de hesitação:

—Karl, disse-lhe com uma voz surda e apontando-lhe com o dedo para seu filho, não achas que Othion assemelha-se notavelmente com esse mancebo que dança com sua mãe?

O conde Karl estremeceu por seu turno. Estas poucas palavras eram para elle o que é para o viajante perdido no deserto um relampago esclarecendo as trevas; á sua tempestuoso clarão, ainda que rapido, vira o precipicio, e com tudo por mais amisade que consagrasse ao landgrave, a similhaça do mancebo com o cavalleiro era tam notavel, que o conde não pôde deixar de lhe responder, ainda que advinhasse a importancia de sua resposta:

—É verdade, Ludwig, dir-se-hia que são dois irmãos.

Entretanto, apenas pronunciou estas palavras, sentindo um tremor percorrer todo o corpo daquelle a quem estava arrimado, apressou-se em acrescentar:

—E de mais, isso o que prova?

—Nada, respondeo o landgrave com uma voz surda, somente muito fozgaria que me desses o teu conselho a respeito disso. Agora vem contar-me o fim da tua campanha.

Tornou a levar-o para esse mesmo quarto, em que Karl começára a sua narração, narração que desta vez concluiu sem ser interrompido.

Apenas acabava de fallar, um homem appareceu na porta por onde Karl tinha entrado. Á sua vista o landgrave levantou-se precipitadamente e foi ter com elle. Os dois homens falláram um instante em voz baixa sem que Karl nada podesse ouvir do que diziam. Entretanto facilmente vio por seus gestos que tratava-se de uma communicação da mais alta importancia, e disse ainda mais convencido ficou, quando vio voltar-se para elle o landgrave com o semblante mais sombrio que d'antes.

—Karl, lhe disse, mas dessa vez sem sentar-se, deves, depois de tam longa jornada como a que hoje fizestes, ter mais necessidade de descanso do que de bailes e festas. Vou mandar-te conduzir ao teu aposento; bôa noite; amanhã uos tornaremos a ver.

Karl vio que seu amigo desejava estar só; levantou-se sem responder, apertou-lhe silenciosamente a mão, interrogando-o pela ultima vez com os olhos; porem o landgrave apenas lhe respondeo com um ridesses.

ses tristes que indicam ao coração, que ainda não chegou o momento de se lhe confiar o deposito sagrado que elle reclama. Karl indicou-lhe com um ultimo aperto de mão que a qualquer hora o encontraria, e retirou-se para o aposento que lhe haviam destinado, e até o qual, posto que afastado, ainda chegava o rumor da festa.

Deitou-se o conde com o espirito pejado de ideas tristes, e os ouvidos de sons alegres: por algum tempo a lucta deste estranho contraste dissipou-lhe o somno. Mas finalmente a fadiga venceu a inquietação, e o corpo a alma. Pouco a pouco os pensamentos e os objectos tornaram-se menos distinctos, entorpeceram-se-lhe os sentidos, e cerraram-se-lhe os olhos. Ainda houve entre este momento de somnolencia e o somno real um intervallo semelhante ao crepusculo, que separa o dia da noite, intervallo phantastico e indescriptivel durante o qual a realidade confunde-se com o sonho, de sorte que não ha nem sonho nem realidade; depois succedeo-lhe profundo repouso. Havia tanto tempo que o cavalleiro apenas dormia debaixo de uma teuda e em

seu arnez de guerra, que com tanto gosto cedeo ás doçuras de um bom leito, que apenas acordou, conheceo que alto já o dia. Mas logo um espectáculo inesperado, e que lhe recordava toda a scena da vespera offereceo-se-lhe aos olhos, e attrahio toda a sua attenção. O landgrave estava assentado em uma cadeira de braços, immovel, e com a cabeça reclinada sobre o peito, como se esperasse o despertar do seu amigo, e com tudo seu pensar era tam profundo, que nem tinha-se apercebido desse despertar. Por um momento o conde o observou silencioso, depois vendo deslisarem-se duas lagrimas pelas suas faces encovadas e pallidas, não pôde mais conter-se, e estendendo-lhe os braços:

—Ludwig, exclamou elle, em nome do ceo! o que é pois que te acontece?

—Ah! Ah! respondeo o landgrave, já não tenho nem mulher nem filho!

E a estas palavras, levantando-se com exforço, veio, como um homem ebrio, cahir nos braços que o conde abria para recebê-lo.

(*Continua.*)

PENSAMENTOS DA MANHÃ

OFFERECE AO ILLM. SNR. DR.

ALEXANDRE THEOPHILO DE CARVALHO LEAL.

EM TESTEMUNHO DE AMISADE.

Pour les coeurs corrompus l'amitié n'este point faite.
O divine amitié, félicité parfaite.
Sans toi, tout homme est seul; il peut par ton appui,
Multiplier son être, et vivre dans autrui.

Voltaire. Mel. de Poes.

Oh! Jeovah! quam admirabilia sunt opera tua.

Linneu.

Já a lua se occultou, e a nuvem negra
Com seu manto não cobre a terra, e os ares;
Das lucidas estrellas clarão foge,
E do repouso arranca aos enies todos
Do sol resplandecente a luz activa.

De purpura e saphyra o céu se adorna,
Desponta em risos rubicunda aurora;
E perante orvalhada, rosea face
Scintillante de luz, corre apressada
Das pallidas estrellas copia inhuda.

Lá mesmo do Oriente, aonde os astros
 Costumão figurar brilhante scena,
 Avança a luz, que regosija o mundo:
 Desce o sol ao horizonte, inclina o disco,
 De chammás rodeado a terra abrasa.
 Errantes nuvens de rubins se enfeitão,
 De lusente metal s'esmaltão os campos.
 Abrem-se as rosas, que balança o zephyro,
 Mirão-se á luz do sol do orvalho as per'las.
 Das tenras folhas superficie verde
 Do niveo liz vapor subtil e leve,
 Que ao ambar se assemelha, vivifica.

Cantando o lavrador volve ao trabalho,
 Alegre lança mão do duro arado:
 Enchem d'aves os bandos apressados,
 Mil cantigas tecendo, os ares, hosques.

Oh! Deus da criação, tudo que eu vejo,
 É de immenso poder a obra tua!
 És Pai da natureza, és Alma, és Vida.
 Aos planetas a marcha assignalada,
 O lume, que dos astros no Céu brilha,
 Do Sol força, e calor, são tuas obras
 Do teu poder signaes são evidentes.
 Tu accendes da Lua a tocha ardente,
 Que em gyro sempre igual nos esclarece;
 Prestas azas ao vento, á noite orvalho,
 Que a terra humedecendo, refrigera:
 Correndo a teu aceno os astros todos,
 Sabem qual é seu curso, e seu repouso.

O teu grande poder altas montanhas
 Formou d'argilla e pó: tu elevaste
 Também o Firmamento, que cobriste
 De bellas vestes, nuvens multi-cores.

Ao mudo nadador abriste as veias,
 Que liquido elemento de si lançou;
 Ao innocente castor industria deste,
 Como ao tigre feroz braveza, e força.
 Entre as aves o vôo, entre as serpentes
 Lethifero veneno repartiste.
 Animaste o elefante, massa enorme,
 Desforme corpo, com instincto raro
 Com penetrante esp'rito, que conhece
 Injurias, beneficio, amo, e tyrannos.
 Das familias dos entes numerosas,
 Sublime artista, o plano variaste.

Sobre o vacuo estendida a azul estrada
 O Mundo de riquezas croado,
 Foi tua voz potente, que do nada
 Os fez sahir, na criação fulgindo.

Terra, dize quem foi que nos teus hombros
 Soberbo manto de verdura, e flores
 Recamado lançou? Quem por cabellos
 Te deo sombrios hosques? Quem cingio
 Em torno ao corpo teu vasto oceano?

Homem, cujo poder arrancar pode
 Continentes ao mar, o raio ao Ceo,
 Tu que aos ares te elevas, tu que medes,
 Da terra os astros, que separa, o espaço;
 O seio do Oceano ousado rasgas,
 Delle posse tomando o fragil lenho,
 Arrancado por ti d'ermas florestas;
 As espheras celestes calculando
 Predizes com acerto a sua marcha,
 Elementos dissolves, tu diriges
 Do povo a opinião, leis lhe prescreves,
 Da sua sorte boa, ou má decides;
 Com vista perspicaz varios successos
 De se'los tão remotos comprehendes,
 Obras sobre o futuro... eia o problema
 Do teu ser, e existencia não resolves?
 Se incredulo tu és, deixa a incerteza,
 Pensa sobre ti mesmo, e reconhece
 • *Materia inerte, movimento, e vida*
 • *A ninguém pode dar, só Deus Eterno* •

Oh! Deus tres vezes grande! a alma creada
 É-cou-a mui pequena ás tuas obras:
 Quão immensas são ellas, que cantal-as,
 Só quem fór, como Tu, Eterno, póde!

Ente incomprehensivel! nos limites
 Traçados aos mortaes eu me suspendo.
 Divino Sol, que podes tanto, apagas
 A minha fraca luz?... E de que serve
 O cantico de um verme para Aquelle
 Que Homem, Bruto, Planta, Sol, Ceos, Terra,
 Do cáhos extrahio, deo ser, deo vida?

J. J. de Moura Magalhaens.

M. DE LAMARTINE.

(Continuação.)

Depois de uma viagem de deseseis me-
 zes, M. de Lamartine trouxe do Oriente
 grandes ideias, e um bello livro, thesouro
 que bem caro lhe custou!, porque foi alli
 que perdeu sua filha unica, sua loura Ju-
 lia, que aquelle nobre coração de pae e de
 poeta chorou como Rachel, *que não queria
 ser consolada*. O livro de M. de Lamar-
 tine só teve um resultado restricto; parece
 que a critica e o publico tomáram ao serio
 as modestas linhas do prefacio, em que o
 auctor faz bom mercado de sua obra; ora,

não desgostam ao publico, á critica, e á M. de Lamartine, essas paginas, que não nos parecem tam faltas de ornato, como o auctor diz, e pretende fazer-se crer. Pondo de parte a exactidão mais ou menos contestavel de suas vistas politicas, o certo é que se a riqueza do estylo, a elevação do pensamento, a frescura das imagens, e sobre tudo a rapida successão de scenas as mais ternas, se tudo isto constitue uma bella obra, a *Viagem ao Oriente* é um livro que nunca morrerá.

Religião, historia, philosophia, politica e drama, tudo existe naquelle livro. Façamos uma pequena analyse.—No principio temos um homem feliz pela gloria, pela riqueza, pelo coração, pelas sanctas affeições do lar domestico, pelas sympathias e admiração do publico, que se despede de tudo que ama, tomando pela mão sua mulher e sua filha, apparelha um navio e conta ás ondas *aquellas duas partes do coração*; e tudo isto porque quando era criança lia a Biblia sobre os joelhos de sua mãe, e porque uma voz imperiosa sem cessar lhe bradava: *Vae chorar sobre a montanha onde chorou Christo, vai dormir debaixo da palmeira onde dormio Jacob.* E depois quando a ancora se levanta, quando o vento enche as velas, como seguimos com anciedade o navio que conduz uma mulher nobre, uma engraçada menina, e a fortuna poetica da França! Como lemos com curiosidade todas as circumstancias das disposições interiores; como admiramos esses cuidados de esposo e de pae, essa equipagem de deseseis homens que pertencem em corpo e alma ao poeta, essa bibliotheca de quinhentos volumes, essa tenda preparada juncto do grande mastro, esse arsenal de espingardas, pistollas e sabres, e esses quatro canhões carregados de metralha. Tenho de defender duas vidas, que me são mais caras que a minha, dizia M. de Lamartine com um mixto de sollicitude e de altivez. Na passagem de Marsella a Beyruth o nosso viajante escreveu seu livro dia por dia no fundo do seu pequeno gabinete, ou á tarde sobre a coberta ao balanço do navio. É elle um mosaico variado, confuso, porem cheio de encantos, de reflexões moraes, lembranças do passado, discursos sobre o presente, e meditações sobre o futuro; tudo entremeadado de paisagens, cujo colorido faria inveja a Claudio Lorrain. O poeta não faz senão meditar, o navio vóa, as mar-

gens fogem, e por conseguinte os valles, as montanhas, os monumentos, os homens, o mar e o ceo, tudo isto foge rapido como o vôo da ave, e é descripto com um encanto inexprimivel. O interesse vae sempre em augmento; os episodios variados da vida maritima e da vida oriental accumulam-se, nada falta ao drama, nem mesmo a catastrophe. Porque todas as vezes que encontramos, sob a penna de M. de Lamartine, o nome ou a imagem de Julia, sentimos apertar-se-nos o coração, gememos ao accento apaixonado de um pae, que acaricia com um terno olhar sua liada filhinha, regosijando-se em descrevel-a: *Sobresahindo, no meio de todas essas figuras masculas e severas, seus cabellos livres e fluctuantes sobre um vestido branco, seu bello semblante cõr de rosa, feliz e alegre, coroado com um chapéo de palha de marinheiro atado debaixo do queixo, brincando com o gato branco do capitão, ou com uma ninhada de pombos marinhos apanhados na vespera, que descansam sobre a carreta de um canhão, em quanto esmigalha o pão para alimentar-os.*

Ah! eil-o já nas costas da Asia, eis aqui o Libano, eis aqui Beyruth, a cidade funesta, a cidade que verá morrer Julia! O viajante desembarca, compra uma bella casa para sua mulher e sua filha, deixa-as gosando de todas as magnificencias da vida oriental, e parte para Jerusalem, com uma escolta de vinte cavalleiros seus, montados em vinte cavallos tambem seus; os scheiks das tribus vem ao seu encontro, todas as cidades abrem-lhe as suas portas, e os governadores respondem pela sua segurança, responsabilizando as suas cabeças—porque assim o queria Ibrahim-Pachá. Lady Stanhop, essa Sémiramis em miniatura, melo sublime meio louca, augurou-lhe brilhantes destinos, e os Arabes, encantados da bella e magestosa figura, da estatura alta, desembaraçada, e das armas brilhantes desse homem, que passa a galope com seus vinte cavallos através do dezerto, curvam as fronteiras diante daquelle que chamam *emir frangi*, o principe francez; ora o emir é simplesmente aquelle pobre poeta, que ainda ha pouco embalde pedia aos mercadores de azeite e fabricantes de assucar de beterraba, que lhe abrissem as portas da casa.

Não acabariamos se nos quisessemos demorar em todas essas bellas paginas, das quaes cada uma de per si só é um painel. Haverá

no mundo scena mais graciosa, mais pietosa e mais nova, por exemplo, do que esta?—M. de Lamartine está assentado sobre os despeñadeiros perfumados do Carmelo, no meio das mais bella vegetação de mundo, ao lado de Lilla.—essa bella filha da Arabia de seio nú com seus compridos cabellos de um louro escuro, que lhe enastam a cabeça de mal traças, que lhe cahem sobre os hombros de euolta com uma infinidade de flores de sequis de ouro, e de perolas lançadas a descuido sobre aquella joven cabeça—derepente apparece, montado em uma ligeira egua, um dos mais celebres poetas da Arabia; que por costar-lhe, que por lá passava um irmão do Occidente, veio justar com elle: nosso poeta accitou o desafio. O filho da Azia e o da Europa disputam sobre qual delles achará cantos mais harmoniosos para celebrar a belleza de Lilla. A lingua mesquinha e fraca da França bate-se em campo cerrado com a lingua suave e harmoniosa, que fallavam Jacob e Antar, e entretanto graças a M. de Lamartine a França não ficou vencida.

Por entre taes enlevos é que o poeta nos arrasta após si pela Grecia, Syria, Judá, Turquia e Servia; os olhos ficam como deslumbrados por todas aquellas paisagens magicas, todas aquellas scenas de guerra, de paz, de tristeza, d'alegria, de repouso, d'amor, que elle via successivamente passar juncto de si. *Oitinerario* de M. de Chateaubriand é ao mesmo tempo o livro de um poeta, de um historiador e de um philosopho, que vá pesquisar os destroços dos seculos e interrogar as suas cinzas sobre o segredo dos tempos que ja passaram; o que sobresahe em relevo sempre no livro de M. de Lamartine, a seu pesar, é a poesia; sua obra é essencialmente a obra de um artista religioso e apaixonado, pesquisando o bello debaixo de todas as formas, interrogando á vida todas as suas sensações, á natureza todas as suas galas, e á arte todos os seus prestigios.

Em breve tempo o viajante cuidou em voltar para a Europa; os Dunkerqueses enviaram-lhe, através dos mares, um mandado legislativo: triste, e com o coração esmagado, preparou-se para a partida; porque esse mesmo navio, que tinha visto sua querida Julia correr sobre sua coberta risonda e alegre, ja atravessar o oceano, conduzindo a pobre menina fida e deitada no feretro. Para poupar a si e á mãe de sua filha a dôr de um contraste tam compungente, M. de Lamartine voltou para França em outra embarcação.

Em 4 de Janeiro de 1834 appareceu pela primeira vez na tribuna a discussão da lilla do throno. O que será elle? diziam—será legitimista ou radical? centro-direito ou centro-esquerdo, terceiro—partido ou justomeio?—Não foi nada disso; antes quiz ser M. de Lamartine. Fugindo a toda a classificação politica, discursou sobre a justiça, a moral, a tolerancia, a humanidade, com essa linguagem particular de que Deus dotou os poetas; os adeogados da Camara acharam-n'a um tanto vaga, os *esnechosos* o acharam diffuso, os homens de estado impalpavel, e entretanto todo o mundo o escutou com aquella emoção que faz nascer sempre uma nobre e harmoniosa linguagem quando emana do coração de um homem de bem.

Depois de sua entrada na Camara, M. de Lamartine não abandonou o culto de seus primeiros e mais gloriosos annos. Quiz conciliar as inspirações do poeta, e os deveres de deputado. Em 1825 publicou o poema de *Jocelyn*, magnifico quadro da paixão sacrificada ao dever. Pela primeira vez chamou em seu auxilio o genio dramatico, e a historia moderna, brilhantes auxiliares de que se soube servir com propriedade; a critica achou-lhe alguma incorrecção no estylo, e negligencia no contexto da obra; porem o publico reconheceu o seu poeta todo inteiro nessas bellas paginas, em que se reflectia a natureza aspera e selvagem das montanhas do Delphinado. Depois do *Jocelyn*, M. de Lamartine deu-nos a *Queda de um Anjo*, o segundo episodio dessa vasta epopea, que lhe inspirou o Oriente. Esse poema, a pesar de conter innumerables bellas, foi friamente acolhido; o leitor perde-se no meio dessa poesia, muitas vezes gigantesca e altiva, através desse chaos de scenas amentadas sobre o horrivel, e tambem chora por effeito d'essa versificação limpida e melodiosa, esse pensamento transparente e puro das Meitões e das Harmonias. *As recopilções poeticas*, recentemente publicadas, experimentaram a mesma sorte; uma epistola admiravel a um poeta holandez sobre morte de sua filha sobresahe no meio das poesias, que a cercam, com o a bella e suave figura de Julia no meio das faces trigueiras dos marinheiros provençaes.

(Continúa)

EMPRESTIMOS PUBLICOS.

— Esta questão, uma certamente das mais importantes que se podem ventilar no Paiz, merece que lhe consagremos algumas paginas, senão para derramar sobre a materia maior luz, do que a que lhe hão dado escriptores de grande nota, ao menos para desafiar os nossos Estadistas a que se occupem d'ella alguns instantes. São os Empréstimos Publicos invenção moderna, e delles tem lançado mão os Governos, quando exaurida a totalidade das contribuições decretadas pelo Poder Legislativo, sobrevem a necessidade de se recorrer a meios extraordinarios para se fazer face a despezas igualmente extraordinarias, a que se não poderia satisfazer pelo systema ordinario das contribuições. Assentão uns em que dado o caso de uma crise qualquer, como por ex: quando se ve a Nação obrigada a sustentar uma guerra, obraria o Governo mais prudentemente, se em vez de recorrer ao systema dos empréstimos, procurasse haver as sommas, de que carecesse, por meio de contribuições extraordinarias equivalentes aos gastos que occasionasse uma tal crise, impondo annualmente sobre a população a quota necessaria para se poder acudir as despezas que no decurso do anno se houvesse de fazer. Outros, ao contrario, tem para si, que o systema dos Empréstimos Publicos he preferivel, e chegam até a affirmar, exagerando as consequencias de tal systema, que uma divida publica he um estímulo poderoso do crescimento da riqueza nacional, uma fonte perenne e fecunda de prosperidade para o Paiz, onde ella existe. Outros em fim julgão que a adopção deste ou d'aquelle systema depende unicamente de certas circumstancias, sendo ora vantajoso recorrer-se aos empréstimos, ora ao augmento das contribuições, conforme a situação em que se acha a Nação. Quanto a esta ultima opinião deixaremos de apreciar-a separadamente, visto apenas limitar-se em nosso conceito á um simples enunciado, senão para declinar a difficuldade do assumpto, ao menos destituído de importancia pelo que respeita aos esclarecimentos que se desejão sobre a materia. A questão por tanto deve consistir unicamente no seguinte ponto—qual dos indicados meios deve prevalecer, se o emprés-

timo, se uma imposição equivalente a somma de que se precisa—Os que dão preferencia ao recurso da imposição, allegão contra o systema dos Empréstimos os seguintes inconvenientes—Os Empréstimos, dizem elles, favoreão as vistas ambiciosas dos Governos fornecendo-lhes promptos e indefinidos recursos para se envolverem em desastrosas guerras, quasi sempre oriundas de um caprixo, do deleixo ou inhabidade de uma Administração: agradão aos parasitas que costumão tomar parte nas prodigalidades das Cortes, aos quaes offerecem maior azo para os desperdícios: delles se aproveitão os altos funcionarios do Estado, a quem proporcionão meios facéis de se enriquecerem, porque informados com antecedencia de todos os acontecimentos que podem ter uma influencia decisiva sobre a alta ou baixa dos fundos publicos, vendem-nos quando estão certos da baixa, e comprão-nos quando não duvidão da alta dos mesmos fundos: lucrão igualmente os grandes capitalistas, por prestando seus capitães ao Governo não só auferem maiores interesses d'esse empréstimo, como gosão ainda a vantagem de possuirem uma renda livre de toda e qualquer imposição: prestão-se tambem aos projectos dos especuladores e traficantes, que em vez de trocas productivas e uteis a Sociedade so fazem compras e vendas ficticias, trafico tão nocivo á industria como contrario á moral, e com effeito privão a Sociedade de capitães que poderião ser empregados em produções uteis ao Paiz, e entretem nos individuos o desejo de elevarem rapidamente sua fortuna sem o menor trabalho: he em summa um jogo que arrasta consigo a ruina de um grande numero de productores e aparta de empresas uteis á Nação aquelles que a elle se entregão: merecem os applausos dos capitalistas ociosos, que não são credores do Estado, porque dando elles seus dinheiros á premio, quanto maior he a cifra do Empréstimo Nacional, tanto maior he o premio que recebem, e por conseguinte menos util se torna a produção: isentão do imposto os capitalistas, que prestão seus fundos ao Governo, e sem duvida hum dos mais graves inconvenientes deste systema é diminuir o

numero dos contribuintes, dispensando de concorrer para as despezas do Estado a riqueza que segundo o methodo mais razoavel das contribuições deveria de ser tributada com preferencia a qualquer outra: não são, como se pensa, menos onerosos á Nação, porque dado mesmo o caso de ser diminuto o interesse ou juro que se paga aos credores do Estado, o que tem de ser pago pelo Paiz he muito mais consideravel: não previnem nem diminuem, como affirmão seus partidarios, a necessidade do imposto, antes o perpetuão e tornão mais oneroso ferindo as classes pobres e arrancando-lhes por toda a vida suas pequenas economias: consomem capitães productivos e obstão a accumulção de novos capitães: alteão o preço dos productos nacionaes, e por conseguinte causão obstaculos a exportação e circulação da riqueza: aggravão a condição das gerações futuras sujeitando-as ao pagamento de impostos sem haverem ellas participado das despezas que os motivarão: embaraço a contabilidade das rendas publicas: tornão a Nação devedora tributaria da Nação credora todas as vezes que o empréstimo for contratado em Paiz estrangeiro e a taxa dos juros for mais elevada que a do mercado: concorrem finalmente para augmentar o interesse do dinheiro e por isso diminuir as utilidades do capital.

Os que porem advogão a causa do systema dos Empréstimos Publicos dizem que por este meio não são os capitalistas obrigados a fornecer ao Governo os fundos de que se precisa, como os contribuintes a respeito das sommas, que delles se exige por meio de impostos, as quaes sendo consideraveis podem trazer consigo o descontentamento, e até mesmo algumas vezes a alteração da ordem publica, e que por conseguinte o Governo para haver pelo empréstimo o dinheiro de que carece, dirige-se unicamente ás classes ricas da Sociedade, e não, como no imposto, indistinctamente a todas as classes pezando igualmente sobre os ricos e sobre os pobres, quer exista quer não abundancia de capitães: que os empréstimos apenas occasionão ao Governo diminutas despezas, o que não acontece com os impostos, de que uma grande parte é consumida na cobrança dos mesmos, e inteiramente fascinado pela excellencia de um tal systema chegam até a affirmar que são os empréstimos de summa utilidade para o Paiz que a elles recorre porque dando emprego a capitães que

dormem ociosos, a nada menos tendem do que a aguilhoar o desenvolvimento do riqueza publica e a elevar a Nação ao maior grão de esplendor e prosperidade, accrescendo que offerecem, ao menos quanto ao prezente, vantagens que se lhes não póde contestar derramando na circulação titulos de crença que são verdadeiros valores que se vão alistar entre as fortunas do Paiz, e para testemunho do que asseverão, citão a Inglaterra e a França. Dizem mais, que pelos empréstimos ha maior facilidade de se realisarem as sommas de que ha precisão: que repartindo-se elles por um grande numero de annos, não descarregão sobre os particulares todo o seu pezo, como o imposto, sujeitando-os unicamente á um onus equivalente a somma necessaria para satisfazer-se cada anno os juros dos capitães emprestados. Taes são as vantagens ou inconvenientes que commumente se encontrão nos escriptos dos apologistas ou adversarios do systema dos Empréstimos Publicos. Sem descer a analyse circumstanciada de cada uma das indicadas asserções, por não ser compativel com o acanhado espaço de uma folha, uma discussão ex-professo sobre a materia, diremos somente para emittirmos a nossa opinião, que assim como os particulares podem recorrer a empréstimos productivos nos diferentes ramos de industria á que se consagrão, e delles auferir consideraveis lucros obtendo em rezultado um augmento de produção e a multiplicação da riqueza que possuão, assim tambem a Nação pode muito lucrar contrahindo-os, uma vez que a totalidade das sommas por elles adquirida, seja destinada a um consummo util e productivo, qual por ex: na abertura de uma estrada ou de um canal que multiplicando as vias de communicação e habilitando ao mesmo tempo os Governos a exercer com maior presteza uma effizaz influencia sobre os diversos e extensos pontos de sua jurisdicção, não deixão de concorrer para o maior desenvolvimento da riqueza nacional e prosperidade dos Povos. Daquí deduziremos, que he sempre exagerada a opinião daquelles, que entendem dever-se em todos os casos recorrer aos empréstimos, como meio mais facil e economico de governar, e ate mesmo como fonte de prosperidade, da mesma sorte que o he a daquelles, que absolutamente rejeitão esse expediente, como sempre damnoso aos interesses publicos, como cancro roedor da So-

cielade na phrase do Conde Destutt de Tracy. Mas não senão usual entre os Governos recorrer-se aos empréstimos (ao menos he o que nos indica a historia, e o que temos colhido dos exemplos que nos tem oferecido os Governos contemporaneos) para emprezas uteis de que provenhão grandes resultados para o Paiz, porque não he a economia a virtude predominante dos Governos modernos, os quaes tem com tal imprevidencia e tão immoderadamente recorrido á esse meio governativo, que alguns Escriptores, como o Sr. Sismondi e outros, hão ja chgado a duvidar, se os Governos Representativos são os menos azados para os desperdícios, pode-se com fundamento estabelecer e sustentar a seguinte these — que os empréstimos acarretão ordinariamente graves embaraços aos progressos da riqueza publica sobrecarregando as fontes da produção. A questão pois, a unica de que em nossa opinião convem que se occupem os Estadistas, deve de ser outra — e he, dado o caso de se achar um Governo qualquer collocado na necessidade de fazer face a despezas extraordinarias, seja qual for a origem de que tenham ellas procedido, qual o melhor meio, qual o que em prezença dos principios mais sãos da Sciencia, oferece maiores vantagens para subtrahil-o aos embaraços que o cercão, se o expediente dos empréstimos, se o systema de uma unica contribuição prelevada sobre as massas da população. He só por este lado, e só de baixo deste ponto de vista que valie a pena ventilar-se o assumpto dos Empréstimos Publicos. Considerando por esta face a questão, não julgamos ponderosa a opinião de alguns Economistas, como David Ricardo, Florez — Estrada e outros, quando no caso a cima referido aconselhão aos Governos o recurso de uma contribuição paga de uma só vez pelos contribuintes equivalente a cifra dos dinheiros que se tem de despende. Alem da morosidade que deve de occasionar um tal systema com grande prejuizo do serviço publico, poderia acaso os diferentes ramos da produção nacional ja sujeitos alias ao onus das contribuições ordinarias, supportar ainda o prozo de uma tal imposição? não he o Governo por semelhante expediente sacrificar aos funestissimos resultados de uma imposição excessiva e oppressora a industria do Paiz? Ainda mais: semelhante contribuição traz sempre consigo o cunho da injustiça porque não

peza igualmente sobre todas as classes da Sociedade, e não podendo o Governo apreciar, nem ao menos aproximadamente, o computo da fortuna de cada um dos particulares por haver a maior facilidade em subtrahil-a ao conhecimento dos agentes publicos encarregados dessa commissão, viria ella a recahir quasi unicamente sobre a classe agricola, unica, cujos fundos estão a vista de todos, e podem ser avaliados pelo Governo com a maior aproximação possível, o que fora uma flagrante violação do principio da igualdade ainda mais odiosa em materias de contribuição publica. Não julgamos pois razoavel esse expediente nem ainda com o correctivo, que indicão alguns Economistas de haverem os individuos por meio de empréstimos particulares a quota respectiva, que cada hum dos contribuintes tivesse nesse caso de pagar para prehenhimento das sommas exigidas pelo Governo: por quanto o resultado he sempre o mesmo, quer o empréstimo seja contrahido pelo Governo, quer pelos particulares, com a differença porem de que estando admittido na praxe o contrahirem-se os empréstimos publicos a prazos muito mais longos para a amortisação da divida, do que os que ordinariamente se concedem aos particulares, he muito mais suave para estes concorrerem para a amortisação lenta e gradual da divida publica por meio de um franco imposto que annualmente vão pagando do que para a amortisação da divida que contrahirão particularmente cujo soluçào tendo de verificar-se em prazos mui curtos, reclama a reserva de maiores economias e por conseguinte muito maiores sacrificios da parte dos contribuintes, alem de que não me parece admissivel a supposiçào de que os particulares estejam em melhor posiçào de obterem por empréstimo capitales com maiores vantagens do que hum Governo illustrado economico e verdadeiramente dedicado aos interesses publicos. A condiçào essencial he que o Governo tenha credito, e o Governo só tem credito quando á frente da Administraçào do Paiz se achão Ministros habéis, zelosos e de precedentes taes que inspirem a maior confiança e excluão toda e qualquer suspeita de improbidade e dissipação. Similhante recurso em mãos de tal Governo pode, como diz muito bem o Sr. Blanqui, e tem ja muitas vezes acontecido adquirir grande importancia e produzir mui proveitosos resul-

tados. Entendemos por tanto que dada uma vez a necessidade de sommas extraordinarias para se acudirem a despezas igualmente extraordinarias, o systema dos Empréstimos Publicos he preferivel ao d'impostos, e ficando assim reduzida a estes termos a ques-

tão, tolo o cuidado, toda a attenção do Estadista deve convergir para a melhor maneira porque se hão de realizar esses empréstimos.

(Continúa.) M. Jansen Pereira.

A TORRE DE VERDUM.

(POR FREDERICO SOUZA.)

—Correndo o anno de 1320, a caterva de saiteadores, denominados então—os Zagalejos—tinha invadido aquella extremidade da França occupada pelos Albigenses. Se comparassemos esta invazão singular, com as outras, que em diversas epochas tinham sulcado as Galias, e que tinham depositado no seu solo enbrides de tantas raças feroceiras, que não deixarão á população franceza nem um typo particular de origem, se comparassemos, diziamos, esta invazão dos Zagalejos com as dos Godos, Wisigodos, Normandos e Mouros, poderiamos dizer destas que erão torrentes partidas violentamente de longes terras, e em massas poderosas derramadas sobre as nossas provincias—terriveis em quanto corrião sobre o mesmo leito, depois enfraquecidas quando se expraiavão por sobre as suas conquistas, e enfim absorvidas pela população, como as ondas pelos campos que ellas regão. E dos Zagalejos poderiamos dizer que erão bem como as fontes, que surdem repentinamente de sob a terra, abrindo mil fendas, crescem, sobem e acabão por assoberbar os campos tambem como as torrentes que de longe vierão.

Pastores e servos se tinham sublevado por familias—velhos—mancebos—crianças—e mulheres. E milhares dessas familias se levantarão em todos os angulos da França, por um desses maravilhosos instinctos que á mesma hora e sem communicação directa agita a uma população inteira com o mesmo pensamento com o mesmo desejo—ou antes, com a mesma necessidade.

Partidos da Aquitania os Zagalejos marchavão dois a dois sob o estandarte da Cruz, manifestando que era o seu fim libertar a Terra—Sancta, em quanto que paravão á cada passo para saquear e assolar as cidades que os acolhiao e aquellas que lhes não

podião resistir. Como, mesmo para as intelligencias as mais rudas, é preciso um pretexto para a perpetração de um crime qualquer, o furor dos Zagalejos tinha adoptado este grito, como uma senha de guerra: —Exterminação aos Judeus—infieis bem faeis de serem despojados e trucidados.

Por elles começava a obra, porem quando estavam ao saque ou destruição de uma cidade, quando, com a vista se lhes aviava a sede do sangue, quando a embriaguez dessas herroresas bacchanaes de incendio e de carnificina convertia-se em delirio, já nem o sangue, nem o giro dos Judeus lhes bastavão; e os Christãos entravão tambem para o açougue, como se forão presas desses homens carneiros. Este excessos chegou a tal ponto que Bernardo Guiónis—primeiro Inquizidor de Tolosa—e apesar de vehemente perseguidor dos Judeus, clamava do alto do seu pulpito, exhortando os burgueses a que não abandonassem os Infieis á furia dos Zagalejos. •Acautelai-vos, dizia elle, carne de cão lançada a tigris torna-os famintos de carne humana. •

Os Zagalejos no entanto continuavão a assassinar a todos os Judeus de Albi, a todos os de Tolosa, e ja ameaçavão aos de Narbona, Carcassona e Montpellier.

Estes mal-aventurados, como que votados á morte, buscavão a salvação na fuga, porem té mesmo a fuga lhes era impossivel; porque, como ja o dissemos, se milhares de Zagalejos marchavão em columna cerrada, outras muitos brotavão por todos os poros da terra de maneira que sabião de frente aos que tentavão fazer marchas, que em rasão da sua demora, podessem ser denunciadas ou indicadas. Os Judeus convencidos de que a evazão era impracticavel, tractavão de defender-se. Porem, notavel

coiza! numerosos como elles erão em toda a Provincia, não erão em nem huma parte della os superiores em numero. Não tinham cidade nem castello que lhes prestasse asylo, ou que fosse para elles um ponto de reunião, e elles mesmos não ousarião apposar-se á força de alguma praça importante, onde elles se podessem postar, porque então terião contra si não só os Zagalejos, porem tambem a população territorial sublevada contra elles.

Nestas circumstancias e com taes perigos e terrores o primeiro pensamento que se revelou a este povo proveio-lhes do seu caracter traficante. Proposerão a muitos Senhores de os receber em massa dentro das suas cidades, e de os defender, mediante sommas consideraveis pagas em dinheiro de contado;—como elles não acceitassem, os Judeus vião-se na cruel extremidade de soffrer em um ataque, que se tornava cada vez mais imminente e ameaçador sem meios de resistencia ou possibilidade de escapula. Então reunirão-se elles na sua Synagoga de Narbona, e sem que esperassem pelos mensageiros que tinham ido tentar a cubiça de alguns Senhores e ainda não erão de volta, consultavão entre si que deliberação tomarião para não morrerem todos de morte inevitavel.

A Assembléa era numerosa porem taciturna; o habito do silencio por elles contrahido, junto a idéa do perigo, que os ameaçava, os usos miseraveis prescriptos aos Judeus pelas ordenações de Felippe-o-Longo, seus rostos macilentos e attitudes de inquietação, o aspecto emfim da desgraça e da escravidão levado ao desespero, davão a este concilio um caracter sinistro. O seu grande Rabbóni Salomão-ben-Salomão entrou acompanhado de alguns dos circumcizos mais citados pela sua prudencia. Dolan-Belan, Medico famoso, Jacob de Lunel, Astrologo illustre, e muitos outros.

Entrarão, e tomando assento sobre um estrado elevado, Ben-Salomão lhes fez um discurso, em que lhes expunha o estado da *Judiaria* n'aquelle tempo.

• Filhos do verdadeiro Deus, disse elle, fostes vós que a estas nações barbaras da França e do Languedoc trouxestes o saber e as luzes, que os estorvão de se arrastarem pelo lodo, como porcos immundos; e eis como elles vos recompensão! Sem nós, nem hum dos Principes desta terra poderia ostentar nas suas festas impias os vestidos

bordados de oiro e de purpura que as nossas manufacturas lhes admicistão, e como em galardão elles nos obrigão a endessar vestes de burel. Sem a habilidade dos nossos fabricantes, nem huma das suas mulheres insolentes ornaria sua fronte e suas orelhas, seu collo e seus braços de magnificas joias esmaltadas, em quanto que obrigão as nossas a occultar a fronte e os cabellos debaixo de negros capuzes, e esconder as mãos dentro de longas mangas perdidas. Nossos navios lhes trazem as pelias avelludadas, com que elles se agasalhão durante o inverno, e nós não podemos uzar de um manto, que nos proteja do frio! Essa arte do Oriente que dá as suas espadas uma tempera tão forte, e que torna as suas coiraças tão impenetraveis, permanece entre nós, desconhecida pelos seus aprendizes miseraveis, cujas forjas fabricão a custo uma ferradura grosseira ou o ferro mal trabalhado de um arado. Essa arte ainda mais divina de curar enfermidades e de cicatrizar feridas—estupidos que elles são! lhes parece a elles obra de magicos e de feliceiros; e quando nós, aquem elles devem as suas armas para combater, e muitas vezes a vida para combater com essas armas—quando nós lhes pedimos que levem a mão das espadas, que nossas forão, para defenderem nossas vidas, eis que elles calam-se e nos abandonam!—Sera isto uma justa recompensa dos nossos trabalhos?—Um contracto leal lealmente observado?—Não; certo que não.— Salvemo-nos pois como podermos, e façamos de conta que elles são como se não fossem; não curemos dos males que a nossa defeza pode atrahir ás suas cabeças, porque a hora de fallar alto ja soou para todos. Quem tiver algum meio para nos propor levantar-se, e não se esqueça que nesta hora a lei suprema, a lei que nos deve derigir é a conservação, e que perante ella deve de ser mudadas leis communs da justiça humana. Hum homem despido e outro armado estavam no meio de uma floresta, e ouvirão o rugir de um leão. O homem armado repellio o homem despido que o exorava de o defender, e quiz affastar-se; então este arrou um laço no caminho que o outro seguia; o homem armado cahio nelle, e o leão o devorava em quanto que elle trabalhava por se desembaraçar, e em quanto que o homem despido se auzentava d'aquelles logares. Deveis de me ter comprehendido, filhos do verdadeiro Deus.

A estas palavras um mancebo de constituição franziua, cabellos espessos, olhos ne-

gros, e de rosto emmagrecido e macilento levantou-se e clamou:

Quem falla aqui de trahições infames e de fugas vergonhosas? Acaso a maldicção do ceo nunca se affastará de sobre as nossas cabeças, ou nunca a poderemos nos affastar de sobre ellas?—Certo—certo que bem fazem os Christãos quando nos assignalam com um signal de desprezo, quando nos escarrão no rosto, e quando nos dizem, como se foramos carneiros dos seus rebanhos, porque justamente o merecemos. Mais valera saber manejar a espada do que fabrical-as; mais valera saber ferir do que curar feridas. Já nos não basta o nome de escravos, e as maldicções que de todos os angulos da terra chovem sobre nós? Seremos sempre errantes e impellidos como folhas do Outono pelo halito dos Christãos, de valle em valle—ao travéz de montanhas e de planicies, e nunca havemos de ter um asylo sob e cuja porta esteja escripto: • Hum Judeu pôte aqui nascer e morrer? • Ora é já tempo que Jerusalem se exalte; e já tempo que o povo de Deus occupe um logar sobre a terra dos homens: arrojemo-nos a fixal-o nesta cidade, forte com as suas muralhas, e rica com a fertilidade dos seus campos. Ancião, maduramente has dicto que os Christãos nos excepcionarão das leis communs da Justiça, e que tudo podemos tentar para salvar-nos, porem a salvação não está em fugir, está em ficar. Já os nossos Irmãos de Carcassona, de Montpellier, de Nimes e de Uzes movem-se e demandam asylo. Acenemos-lhes desta cidade, que lhes apparecerá como um pharol em noite escura. E esta cidade seja ao principio como um redil, e nós como carneiros; porem breve os carneiros tornar-se-hão pastores, e os pastores se converterão em rebanho; os que ora governam, obdecerão, e o redil se transformará em fortaleza.

—Benjamin Esau, disse o Astrologo Jacob, fallaste como um ignorante que não sabe interpretar os livros sagrados, nem ler no curso dos astros. Ainda não chegou o tempo da resurreição do povo eleito, e por mil annos mais a sua dispersão está promettida ao espirito das trevas, em castigo de se haver destarado da outra parte de seus filhos para dar creença aos embustes do nazareno, como meninos que andando para a eschola se dispersam para colher os fructos, que pendem sobre a estrada. Acaso não diz a lei que os filhos pagarão as dividas dos pa-

es, e os irmãos a divida dos irmãos? Ora nós ainda não satisfizemos ao Senhor a divida que por nossos paes e irmãos nos foi legada. Curemos pois de salvar os desta cidade, que aos cutros Deus inspirará o que lhes for de mais vantagem. Oxalá que as tuas palavras insensatas não affastassem o seu espirito das nossas deliberações!

—Pois então salvemo-nos, clau ou Benjamin Esau, salvemo-nos—nós sós—porem com honra e por meio do combate.

—Quem falla aqui em combates?—principiou um velho de estatura elevada. Quem falla em combates na ausencia do mais valente d'entre todos os nossos mancebos!—na ausencia daquelle cuja cabeça, cujas mãos, só poderia conceber um plano de resistencia, e executal-o corajosamente mesmo com risco da sua vida? Presumpçosos!

—Gaspar, clamou Esau com violencia, interrompendo o velho, teu pensamento refere-se a Mathias, teu filho; e tratando delle julgas que é acertado ensejo de chamares aos mais presumpçosos! Porem existe por ventura entre os filhos do verdadeiro Deus, quem seja mais do que elle altivo em vozes e arrogante em acções? E nós todos aquem elle encara com desprezo não sabemos por ventura que d'entre todos nós é elle que vive mais intimamente com os Christãos? Com que artes se houve elle para que lhe fosse perdoado ser elle descendente de uma raça maldicta a ponto tal que os burgueses o acolhem como a um Cavalleiro, e os Nobres lhe franqueiam suas portas como a um sujeito de consideração? E, pois que devo dizer tudo, como alimenta elle a esperança infame de vir a ser espozto de uma Christã, se não por se ter obrigado a renegar a lei de seus paes, e talvez a trahir os seus durante a calamidade? Coragem, Gaspar; teu filho não morreo; se elle tarda, e sem duvida porque tracta agora com algum senhor de salvar-se e de perder-nos.

—Mentes—gritou-lhe o velho Mathias, morreo cu certo voltará.

—Mathias voltou, meu pãe, disse um mancebo de desses seis annos que estava juncto ao velho; elle passou diante da porta da Synagoga e disse-me: • Irmão, serei comvosco volta da oitava hora • e affastou-se, seguindo a direcção da Porta Romana.

—Certamente, disse Esau, procurando a caza do Senescal Bertrand de Nogaret, e de sua filha Constancia. O homem que alimenta em sua alma uma paixão tam in-

sensata como a de Mathias prefere a pratica de amores ás graves deliberações do povo.

—Esaú, disse o moço de desasseis annos, porque alevantas a tua voz contra meu irmão. Duas vezes te salvou elle dos Christãos, que tentavão matar-te, por delles haveres praticado mal. Huma vez, persuadindo-os com a sua voz eloquente, e outra, com a força do seu braço. É assim que te mostras agradecido!

—Obrigado, meu irmão, disse uma voz grave e sonora, Esaú não mentio quando suppoz que eu era com o Senhor Bertrand de Nogaret, e talvez não foi tambem mentido quando affirmou que as nossas graves discussões preferi eu o praticar de amores. Irmãos, quando deixamos a caza de nossos paes para nunca mais entrar-mos nella, he nos permitido voltar a cabeça para lhe dizer-mos o nosso ultimo adeus; quando nos exilamos das esperanças deste mundo, podemos tambem voltar a cabeça para der ramar-mos huma lagrima de saudade. Isto porem que vos importa, a vós? A minha vida pertence a todos, e as minhas dores a mim somente. Fallarei pois da commissão, de que me encarregastes. Irmãos, por amor de vós bati a muitas portas, e uma só se me abriu; foi a do Castello de Verdum sobre o Garona. Seu Senhor Isarn de Belharnois, cede-nos por seis mezes a sua torre principal pela quantia de dois mil soldos d'oiro na moeda de Tolosa.

Durante este tempo, alli poder-nos-hemos abrigar e defender, pois fica comprehendido nas clausulas do contracto o esboroamento dos muros, e mesmo o incendio da torre, no caso de ser-mos alli asediados pela turba dos Zagatejos. Seis mezes bastarão para o escoamento dessa torrente de assassinos, e no fim deste periodo, sahiremos do nosso asylo para de novo occupar-mos as nossas habitações, se ellas persistirem, ou para as reconstruir-mos, se forem assoladas.

O accento sereno e triste com que estas palavras foram pronunciadas atterrou a toda a assembléa, posto que com tal noticia lhe viesse um meio de salvacão com que nenhum delles contava. He porque se Mathias houvesse entrado com a fronte erguida e esperancosa, ainda trasendo a nova de hum desastre, todos esperarão com elle; porem elle era triste e esmorecido; assim, apesar da sua boa nova, todos esmorecerão.

—Mathias, perguntou-lhe o velho Rabboni, é essa a tua melhor esperanza?

—O futuro o dirá, respondeu Mathias com modo humilde.

—E tu que farás? perguntou-lhe Esaú como que o interpellava.

—O que fizerem meus irmãos.—respondeo Mathias friamente apesar da insolencia da pergunta.

—Irmão, disse-lhe em voz baixa o moço de desasseis annos, tu soffres muito.

—Irmão, respondeu-lhe Mathias no mesmo tom, ficarás tú para consolar ao nosso pae.

Depois retirou-se para um angulo do aposento, e affundou-se em huma distracção sombria, em quanto que os Judeus ajustavão o dia seguinte para a sua partida de Narbona para Verdum, com as suas mulheres e filhos, alfaias e riquezas.

Nessa mesma tarde era tudo alvoroço na rua grande da Judiaria. Carregavão carros, e sellavão mulas e rossins, porque não era licito aos Judeus montar cavallos de batalha; porem em parte alguma havia affan tão grande, como na caza do rico Gaspar. Elle mesmo ordenava e derigia tudo, auxiliado por seu filho Nathan, e á furto lançava de instante a instante um olhar triste sobre Mathias, que sentado em uma pedra permanecia callado, e com tanta immobillidade no meio de tam grande tumulto que parecia uma estatua.

—Mancebo, disse o velho aproximando-se d'elle, é essa a coragem que promettias?! Tu que eras tam altivo, tam valente e tam resolute assim te deixas vergar pelo primeiro sopro da desgraça!

—Meu pai—tornou-lhe o mancebo, hoje pela primeira vez a minha vida se me revelou toda inteira; eu sou um cobarde!

—Não, Mathias, tornou o velho recuando, tu és hum louco.

—Não, meu Pae, eu sou hum cobarde, porque curvo a cabeça, perante quem eu desprezo.

—Que dizes tu, Mathias? replicou Gaspar.

—Meu pae, tornou-lhe o mancebo, não me faças perguntas, porque eu blasphemaria; e eu ainda não sei blasphemar.

A estas palavras Mathias levantou-se para affastar-se de seu pae, porem estacou repentinamente vendo diante d'elle o Senhor Bertrand de Nogaret com a sua filha Constancia, Mathias empallideceo—e encarou fixamente o Senhor de Nogaret, clamando como um louco:

—Que me quereis, Senhor eu ja vos heideito que nao.

Gaspar, disse o Senhor de Nogaret, diz ao teu filho, que nos siga; tenho que vos fallar em segredo.

Entrarão em caza com Nathan, e o velho cavalleiro fallou desta maneira ao mercador judeu.

—Gaspar, esta manhã teu filho me foi pedir a mão de minha filha Constancia, promettendo-me respeitar a sua fé; eu o expulsei da minha presença cheio de cholera, porem a minha cholera durou apenas o tempo, em que d'elle affastei os olhos para os fixar em minha filha Constancia, que pallida, tremula e desesperada tinha cahido a meus pés, que ella abraçava. Então, Gaspar, chamei de novo a teu filho, porque a espoza que me deo Constancia estava tanto abaixo de mim como teu filho da minha filha; e eu arrotei a maldição de meus paes para unir-me com ella. Ora eu não sou nenhum velho esquecedor das paixões da mocidade; quando vi teu filho que se affastava de mim, e minha filha que chorava a meus pes, lembrei-me que tambem eu tinha derramado lagrimas daquellas e compadeci-me d'elles. Chamei pois a teu filho e disse-lhe: Mathias, deixa a religião de teus paes—baptisa-te e Constancia será tua espoza.

—Maldição sobre elle, exclamou Gaspar, maldição sobre os seus, se elle tal fizesse!

Bem vedes, Senhor, disse Mathias com amargo sorriso.

—Não o fez, disse o Senhor de Nogaret, elle ausentou-se.

—Bem, meu filho, disse Gaspar, a crença do Senhor é profunda no teu coração. Graças lhe sejam dadas.

—Não, meu pae, disse Mathias, eu já não creio—sou um cobarde.

—Que dizes tu? clamou Gaspar espantado.

—Eu t'o explico, disse o velho cavalleiro. O coração do teu filho despreza a lei do Deus de Israel, e todavia elle não quer abandonal-a, elle não teme a cholera do seu Deus, porem a do seu povo; elle desafia os trovões do vosso Jeovah, porem não o despreza dos seus.

Gaspar encarou seu filho com pasmo irritado com a sua deserção da fé patriarchal e tocado ao mesmo tempo da sua religião para com a auctoridade paterna.

—Eis, disse elle tristemente, eis para onde te arrastarão os conselhos dos Christãos!

—Dos Christãos! clamou Mathias,—e que me importa a sua fé ou a nossa? Não vos enganais, meu pae; eu não cheguei a aborrecer hum erro para loucamente me deixar cegar por outro. O Deus de Moysés ou o de S. Pedro pode tropejar impunemente sobre a minha cabeça, que ella, a nenhum delles se curvará.

Os dois velhos encaravão Mathias estupefactos: Constancia chorava.

—Mas tu, perguntou-lhe Gaspar com tristeza, em que tens crença?

—Ah! meu pae, eu acreditei em mim;—acreditei que eu poderia ser hum guerreiro de nomeada, que tivesse huma lança e huma espada; acreditei que eu seria hum objecto digno da admiracão dos homens—que tambem eu teria hum lugar entre os fortes e os poderosos da terra; e eis que sem esperanças de melhor sorte tenho de me sujeitar a maldição do meu nascimento. Queres-me renegado, Senhor de Nogaret! E não vês que abaixar-me eu para receber a agua do vosso baptismo, he merecer dois desprezos em vez de hum—o desprezo e a humilhação dos meus, que me chamarião Apostata—o desprezo dos teus que desdenhosamente chamarião seu irmão; e sobre tudo o desprezo de mim mesmo, que teria abandonado meus irmãos na hora do perigo!

—Abandonal-os, disse o Senhor de Nogaret, seria apenas nada fazer em seu favor, como o ultimo d'entre elles, em vez de obrar, como o primeiro, para os salvar.

—Se elles morrerem, tornou Mathias, eu morrerei tambem; nada mais me podem pedir. Se o acaso me dotou com hum braço forte, com uma intelligencia vasta, e com hum espirito ambicioso he desgraça minha, porém não será fortuna para elles. Não, meu pae, eu não farei para salvar nossos esforços, que elles recompensarão apenas com huma consideração esteril ou com inveja rancorosa.

—E que pretendes tu, meu filho?—

—Oh! exclamou Mathias, vós não me comprehendes? Eu quero ser o que me he impossivel—hum homem como todos os homens, a quem se não possa dizer, por brilhante que seja o seu nome he o nome de hum escravo ou de hum Apostata. Deixai-me, meu pae, eu quero morrer.

—Pois bem, disse o Senhor de Nogaret, venho offerrecer-te hum meio de lucrars hum lugar entre os Christãos com huma acção que

te valerá as bênçãos dos judeus, e que por ninguém será taxada de cobardia. Pedis-te-me que eu defendesse aos teus da furia dos Zagalejos — e eu t'o recusei; pois bem se queres ser baptisado, juro-te por minha alma, e à fé de cavalleiro que a cidade de Narbona tornar-se-ha o asylo dos teus irmãos, donde não sahirão elles como fugitivos. Eu os defenderei como a Christãos, porque o teu baptismo os escudará com a minha protecção. Não vos ireis errantes pelos campos procurando hum asylo precario e sempre duvidoso. A minha proposta te surpreheide! O teu orgulho não comprehende como desço eu tanto que quasi chego a implorar-te! Eu t'o explicarei em huma palavra, e se a não comprehenderes, teu pae a comprehenderá. Minha filha jurou-me que ella morreria com a tua partida.

Constancia, que até alli tinha permanecido immovel, lançou-se nos braços de seu pae, cujo rosto era cortado por lagrimas amargas.

Os tres Judeus não responderão.

—Abandonar a nossa fé! murmurou Gaspar pensativo.

—He para salvar-nos, meu pae, disse-lhe Nathan.

—Nathan! dar-se-ha acaso que eu te haja tambem perdido? Dar-se-ha acaso que tambem tu sejas trahidor, e que eu ao despedir-me da vida tenha de pronunciar duas maldições no mesmo dia?

—Não o vês, Christão? — disse Mathias. Ainda quando eu os salvar, serei por elles amaldiçoado, serei reputado trahidor.

—Gaspar, disse Nogaret, não te cabe decidir por ti só cousa de tam alta importancia. Diz ella respeito a salvação do teu povo; eu o quero consultar.

Havia já muito tempo que hum murmurio surdo annunciava que a multidão se tinha reunido á porta de Gaspar. A maior parte dos Judeus, advertidos por Esaú da presença de Nogaret nessa casa, excitados pelas suas palavras, e lembrados do abatimento de Mathias, acreditavão em trahição da parte deste, e vinhão para obstar-a ou punil-o. Já alguns clamores se alevantavão, quando Nogaret avançando para o meio desses homens tumultuosos, alçou a voz e disse-lhes solememente:

—Filhos de Israel, vós ides fugir, porem talvez que a morte vos colha em meio da fuga. Vós vos ides encerrar em huma fortaleza, porem talvez que ella não resista as

as artes dos Zagalejos, se ahí fordes asediados. Narbona he huma praça invencivel; e esta praça será o vosso asylo sob a condição que Mathias, vosso irmão, renunciará a sua fé para sujeitar-se ao baptismo. Cumprida a clausula, juro-vos a fé de cavalleiro que vos servirei como a irmão do meu filho, porque então Mathias será meu filho.

A estas palavras houve hum só grito de alegria: alguns disserão:

—E sem duvida Mathias accelta!

—Não, disse Gaspar intervindo repentinamente; Mathias refusa.

—Appella para a vossa decisão, disse Nogaret.

—E podereis vós, continuou Gaspar, condemnar hum dos vossos irmaos a commetter huma trahição?

E nós todos a quem elle vai salvar, disse tambem Mathias poderemos por ventura chamal-o trahidor, quando elle não he se não hum martyr.

—Sem duvida, continuou Esaú com acento ironico, será esse hum sacrificio bem cruel para a crença do nosso irmão, que so d'entre todos nós tem alma bastante forte para sujeitar-se à prova que lhe é reservada: porque, não o dissimulemos, a natureza dos homens é ingrata; talvez que alguém diga que Mathias sacrificia-se para satisfazer os seus amores com huma christã, que não para salvar-nos; em quanto que os Christãos terão para si que tal apostasia he hum subterfugio, huma cobardia para salvar-se a si e aos seus. Mathias porem desdenhará taes accusações, e a vida de seus irmãos dominará em seu coração calumnias tam faltas de fundamento.

—Bem, irmão, disse Mathias; acabaste de me dictar o meu dever.

Constancia apertou convulsa a mão de Nathan, que clamou tambem.

—Os vossos sabios o dirão; respondão elles, que são a quem cabe responder.

—E que respondão em voz alta, disse Mathias; hum depois do outro Salomão—Ben—Salomão, aconselhas-me de abandonar a minha fé para salvar o teu povo?

—Não darei a ninguem tal conselho, respondeo o grande Rabboni.

—E tu, Jacob?

—A tua consciencia que te responda.

—E tu, Samuel?

—A lei maldiz os Apostatas, e abençoá os Martyres.

Depois destes cada hum dos doze velhos, chamados os Sabios, interrogados um a um, responderão de huma maneira evasiva, que se não atrevião a aconselhar publicamente a apostasia, porem pesando-se em sua alma de Mathias a não ter abraçado.

—Assim, Irmãos, disse Mathias, nós partiremos. Não tenho alma tam forte, que possa supportar o peso de huma acção que ninguem ousa aconselhar-me. Adeus, Senhor de Nogaret; nasci judeu, e judeu hei de morrer. Nós morreremos, Irmãos! continuou elle com voz retumbante, e vós me bemd'reis, meu pae.

A turba retirou-se silenciosa e abatida, e Nogaret levou a sua filha, que teve tempo para dizer a Nathan em voz baixa:

—Preciso fallar-te.

Sobre a tarde, doze mensageiros secretos vindos da parte dos doze sabios da nação instavão com Mathias para que acceltasse o baptismo. Mathias, repellindo-os, dizia a seu pae:

—Vês tu, meu pae?! De bom grado comprarião elles a sua salvação com a minha deshonra, e denunciar-me-hião depois como hum cobarde! Oh! maldição sobre elles! maldição sobre os homens—Christãos e Judeus—raça infame e abjecta que elles são.

—Não he verdade, disse huma voz de mulher ao lado de Mathias; não he verdade que elles são de raça abjecta? E todavia para que sejas bem conceituado entre os dessa raça quebras o unico coração, que te he dedicado—para que te elles poupem em seus discursos, fazes callar a unica voz que te haveria consolado—para que o teu nome não seja a preta da calunnia de hums, e do escarneo de outros, tu lhes dás como em razão a tua vida, a tua felicidade, e o teu amor. Oh! miseria e cobardia!

Eu sou mais forte do que és Mathias; sou mulher—tive de escolher entre a maldição dos homens e o meu amor—entre o desprezo dos meus e a nossa felicidade—entre a desconfiança envenenada dos da tua raça e a tua estima—a tua só.—pois eis-me aqui, Mathias: sou Judia, sou tua escrava, sou prompta a seguir-te.

—Constancia. Constancia!—clamava Mathias descobrindo-a estupefacto disfarçada com os vestidos de Nathan és tu por ventura algum anjo—alguma das luses do ceo?!

—Não, Mathias—tornou-lhe Constancia—sou huma mulher que te ama.

(Continuar-se-ha)

A. Gonçalves Dias.

VARIÉDADES.

—Theatro Italiano.—Já lá vão sete representações da companhia italiana, e segundo nos consta breve ficarão os nossos *dilettanti* privados d'este prazer, se se verificar o que por alli dizem sobre a dissolução da companhia, quando findarem as dez recitas d'assignatura; nada ao certo por ora sabemos á este respeito, e prasa a Deus que tão cedo se não realice semelhante noticia, para que possamos assim gozar por mais algum tempo, o que tão breve por certo não gosaremos.

A Norma e o Barbeiro de Sevilha quasi que preencherão as cinco primeiras recitas da assignatura; em quanto á primeira d'estas duas operas, muito he para sentir que não esteja ella escripta para as forças d'esta companhia, por quanto a Sr.^{ta} Lemos e m quanto seja excellente artista, não pôde pela pouca extensão da sua voz executar, como deve, a parte de Norma que lhe foi distribuida, e nem he para admirar que assim seja, porque he esta uma musica que só poderá ser bem desempenhada pelas Trisi, Ferloti, Bocahadatti, Rosal-Cassia e outras artistas d'esta ordem; a Sr.^{ta} Lemos a não ser este unico d'feito que lhe notamos, ha de agradar sempre, porque tem o seu canto bastante expressão e sentimento, o que bem demonstrou no tercio de Lucrezia Borgia, que com tanta perfeição executou.

O Sr. Ricco será sempre um bello e optimo Tenor, pois tem uma *dolcissima* voz *di petto*, que com o tempo e estudo lhe dará inda um nome entre os artistas de primeira ordem; taobem se resente ella um pouco do defeito que acima notamos na Sr.^{ta} Lemos, porem estau os convencidos que exercitando-a elle em clima mais favoravel, para este effeito, que este em que actualmente vive, adquirirá ella toda a extensão e força de que actualmente carece.

O nome do Sr. Guizzoni difficilmente será esquecido do publico maranhense pelo bem que comprehendo e executou a parte de Figaro no Barbeiro de Sevilha, he um excellento actor, e muito he para sentir-se que a sua voz não seja um pouco mais *dolce*, o que nelle, segundo pensamos, não he d'feito irremediavel.

O Sr. Galetti, com quanto já tenha a voz bastante estragada, ha de sempre agradar, porque he um optimo actor, no genero comico, ninguem melhor que elle desempenhará o papel do Dr. Bartollo, do Barbeiro, nem tão pouco o de Dulcamara do Elixir: tem elle a propriedade de fazer ri quando quer, he este um dom que a bem poucos he concedido.

A Sr.^{ta} Barbara fez quanto em suas forças cabe para bem desempenhar os seus papéis, senão faz mais he porque não pode.

—Meio facil de extrahir corpos extranhos introduzidos nos olhos.—Mostrou a experiencia aos auctores de uma observação inserida em um dos numeros da *Gazette des Hospitaux*, que a gomma arabica em solução aquosa he de todos os meios o melhor, para se extrahir dos olhos os corpos extranhos que nelles se tenham introduzido.

Não se sente a menor sensação incommoda com a applicação d'este soluto; diminue elle pelo contrario instantaneamente as dores que o doente possa soffrer, envolvendo se em qualquer particula de pó ou argueiro, despegando e extrahindo-os para fora dos olhos, mas he mister para isto que estes corpos extranhos não estejam fixados na conjunctiva.

He provavel que a clara d'ovo, que se póde obter mais facilmente que a mucilagem arabica, produza os mesmos resultados.

Modo de applicação:—o doente terá a cabeça inclinada para traz, de forma tal que se possa deitar gota a gota uma grande quantidade de mucilagem de gomma entre as pálpebras; servindo-se para isto d'uma rama de penna de modo que esta nunca chegue a tocar os olhos.

—Processo para camphorar os emplastros vesicatorios—Em vez da camphora pulverizada que he tão difficil de se estender com igualdade sobre a superficie do emplastro, empregar-se ha uma solução saturada de camphora no ether que se deitará sobre o emplastro esfregando com o dedo. Quando o ether se tiver evaporado, fica uma camada de camphora muito igual.

—Emprego da camphora na moxibustão; pelo Dr. Chassaignac.—Muitas substancias se tem até hoje empregado mais ou menos combustiveis para se fazer os moxas; mas nenhuma d'ellas reune como a camphora maiores vantagens na pratica. A sua grande combustibilidade, e a facilidade com que toma todas as formas que se lhe quizer dar, podendo-se transportal-a d'um para outro ponto sem alguma difficuldade durante a combustão, faz que seja ella a mais adequada para esta operação cirurgical.

M. Chassaignac, que melhor apreciou todas estas vantagens, conseguiu por muitas vezes os melhores resultados da applicação que aqui mencionamos. O seu methodo consiste em fixar, entre as duas pontas d'uma pinça ordinaria, um fragmento de camphora de grandeza conveniente, collocando-o sobre o ponto que se hade cauterisar, incendiando-o depois de tudo isto: a camphora inflamma-se immediatamente, deve porem haver a cautella de preservar a chamma das agitações que lhe poderia causar qualquer corrente d'ar alim de que não sejam lesadas as partes vizinhas.

Comunica-se immediatamente á pelle o calor que se desenvolve, produzindo dores agudissimas: será conveniente que se não demore o moxa muito tempo no mesmo lugar, e se for preciso applicar mais d'um, poderá servir o mesmo fragmento inflammado transportando-o successivamente á diferentes pontos: por este modo, poder-se-ha applicar quatro a cinco moxas no espaço d'alguns minutos somente.

—Morte subita pela electricidade—Mr. Regnier refere um caso de morte repentina d'uma rapariga, produzida pela electricidade sem detonação.

Vinha esta rapariga de volta á sua casa quando uma nuvem bastantemente densa e negra caminhava do oeste. De repente cahê ella, forão a vela, e acharão a morta. Nenhuma lesão se descobriu pela autopsia, só se encontrarão chamuscados os pelos axillares. Foi lançado longe um barrete que trasia, e encontrou-se nelle um buraco.

Atibae Mr. Regnier esta morte á electricidade da terra que se transmittio ás nuvens servindo a rapariga de conductor.

—Conta-se entre os Quikers em Inglaterra 3 alienados entre 1000 individuos, em quanto que ao resto da população do reino-unido o numero dos alienados he de 1 sobre 1000.

Reputa se á religião a causa d'esta tão grande desproporção.

—Novo meio para fazer o gelo—Apparelho—O aparelho necessario compõe-se:

1.º D'uma caixa de madeira bem forte, tendo 13 polegadas e 6 linhas de comprimento, 3 de largura, e 6 de altura; todas estas medidas deverão ser tomadas na superficie inteira da caixa.

2.º De duas caixas de lata feitas da mesma maneira, tendo cada uma 12 polegadas de comprimento, 7 linhas de largura, e 6 polegadas e 6 linhas d'altura.

A caixa de madeira serve para conter a mixtura frigorifica; e as de lata para a agoa que se pertende converter em gelo.

A mixtura frigorica compõe-se de 3 libras d'acido sulfurico diluido por uma quantidade d'agoa tal que não exceda a 41 grãos no areometro ou pesa-acido. Caso faltasse este instrumento, chegar-se-hia ao mesmo resultado mixturando sete partes d'acido sulfurico do commercio, que marca em geral 66 grãos no areometro, com cinco partes d'agoa.

Processo—Julgamos indispensaveis algumas reflexões acerca d'esta primeira operação.

No momento em que se fizer a mixtura do acido e da agoa de que fallimos, manifestar-se-ha um grande desenvolvimento de calorico, e a temperatura do liquido elevar-se-ha consideravelmente. Serí por tanto mister evitar toda a precipitação, quando se derramar a agoa no acido, ou o acido na agoa, devendo empregar-se para esta operação um vaso bastantemente refractario.

Quando a temperatura da mixtura estiver igual a da atmosphera em que se trabalha, ou por outros termos, quando estiver arrefecida, poderá ser empregada para o uso a que se destina. Derramar se ha 3 libras d'ella na caixa de páo, e juntar se ha instantaneamente 4 libras de sulfato de soda bem pulverizado; mecher-se ha por um momento esta mixtura com uma varinha de páo ou de metal, e mergulhar-se ha depois as duas caixas de lata que deverão estar ja cheias d'agoa pura e limpida.

Estas duas caixas deverão ser collocadas de modo que deixem entre si e a caixa de páo um pequeno intervalo, para que a mixtura do acido e do sal circule livremente em roda das caixas de lata.

O abaixamento de temperatura d'esta mixtura he tal que no fim de dez minutos a agoa contida nas caixas de lata começa a turvar-se, apresentando ja alguns pontos gelados adherentes as paredes internas das caixas. Quinze minutos depois tanto a agoa como a mixtura terão um grão de calor igual ao da atmosphera, e então será conveniente renovar-se a mixtura para que se possa continuar com a operação. Uma segunda mixtura substituirá a primeira, introduzindo-se de novo nella as caixas de lata. Os pontos gelados que ja se distinguão com a primeira mixtura augmentarão de volume, continuando a ficar adherentes ás paredes interiores das caixas, e então será conveniente destacal-os com cautella. Faz se esta operação com summa facilidade, comprimindo com os dedos os lados maiores das caixas de lata a fim de os aproximar mais aos outros; por este meio, a agoa que ainda não estiver gelada por-se-ha directamente em contacto com as paredes de lata, e então o effeito das mixturas frigorificas será nella mais rapido. Esta circumstancia he de summa importancia, e d'ella quasi depende inteiramente o bom exito da operação.

Na maior parte dos casos depois de 40 a 50 minutos, está a agoa inteiramente convertida em gelo. Se não acontecer assim, contra tudo o que he de presumir, sera mister empregar terceira mixtura, e proceder da mesma maneira que para as duas primeiras. Cada uma das caixas de lata deverá conter um pedaço de gelo mui puro e mui solido, tendo de peso libra e meia.

Será conveniente para o bom resultado da operação que ella se faça em um lugar fresco, e que o sulfato de soda seja do melhor e do mais puro. A. Rego.

INDICE.

A Escrava (Poésia)	Pag 40
O Imagem a mim	43
Pensamentos de mulher (Poésia)	45
M de Lamartine	55
Empréstimos Públicos	58
A Torre de Verdim	61
Variedades	67



AVISO.

— A publicação do *Avizo* será mensal, salta á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte e cinco paginas de impressao, cada numero comprehenderá duas seções, uma de Literatura, e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da sociedade.

A Associação Littetaria Maranhense oferece as columnas do *Avizo* ás pessoas que nellas quizerem imprimir alguma obra, respeitandol-a instituição, moral, e recta, sendo approvada pela Commissão Leitura.

Subscryve-se para este jornal, nesta Cidade em casa do Editor, Travessa do Curato n.º 1, e em casa dos membros correspondentes, em Acajutuba Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Curupiti, Padre Manuel Alino Barbosa, e Antonio Joze de Carvalho Pires Lima; no Mearim, Tenente Coronel Manuel Lourenço Begão; no Codó, Raymundo Joze de Souza Gayoso; no Itapucurú-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Facova; em Pernambuco (Olinda) Joze Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Joze d'Abreu; no Pará, Joaquim Correia de Magalhães, e André Curcio Benjamin, em Bragança na mesma Provincia, Padre Manuel Joze da Matta; e no Piahy (Poy) Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

PREÇO.

Por anno, 12 numeros— 4\$000)

pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.

Por semestre, 6 ditos— 2\$000

Para o interior, e fora da Provincia 5\$000 por anno.

ADVERTENCIA.

Como, em consequencia dos trabalhos da Typographia, não nos tem sido possível por em dia o *ARCHIVO*, publicando os seus respectivos numeros nas datas competentes, sae o presente numero (3) com data de 31 de Maio, ficando por esta fôrma supprido o do mez de Abril, advertindo porém aos nossos illustres assignantes de que esta suppressão nada influe para que se não publiquem os doze numeros por anno na conformidade do nosso plano.

O Editor.

1 8 4 6

J U N H O = N . 4

O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

JUNHO 30—1846.—VOLUME 1.º—N. 4.

IVLPCUATI



COLLABORADORES.

Illms. Srs.

Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
A. Curcino Benjamin.
Dr. A. Carneiro H. de Sauto Maior.
Dr. A. Gonçalves Dias.
A. Henriques Leal.
A. B. de Torres Bandeira.
Dr. Antonio Rego.
A. C. dos Reis Rafol.
A. Frederico Colln.

Illms. Snrs.

Dr. F. José Corrêa.
Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
J. Tell Ferrão.
J. J. Ferreira Valle.
M. J. Pereira.
M. Benicio Fontenelle.
Dr. F. A. de Carvalho Reis.
Dr. R. J. Faria de Mattos.
R. Augusto Colln.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO. CASA N.º 10.

IMPRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros effectivos e funcionarios.

Presidente—	Ilm. Sr. Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.
Secretario—	» » Augusto Frederico Colin.
Commissão Revisora	» » Augusto Cesar dos Reis Raiol.
	» » Antonio Henriques Leal.
Thesoureiro	» » Joze Tell Ferrão.
Editor	» » Roberto Augusto Colin.
	» » Dr. Antonio Gonçalves Dias.
	» » Dr. Antonio Rego.
	» » Luiz Antonio Vieira da Silva.

Membros Honorarios.

Ilms. Snrs.	Ilms. Snrs.
Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.	Dezembargador João Candido de Deus e Silva.
Dr. Antonio Carneiro Homem de Souto Maior.	Dr. Joze Hermenigildo Xavier de Moraes.
Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreo.	Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
Dr. Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.	Dr. Joze Ricardo Jauffret.
Dr. Domingos Joze Gonçalves de Magalhães.	Conego Luiz Barroso de Bastos.
Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira.	Dr. Manuel Jansen Pereira.
Dr. Francisco Joze Furtado.	Dr. Pedro Nunes Leal.
Dr. Frederico Joze Corrêa.	Dr. Raymundo Joze Faria de Mattos.
Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.	Dr. Tiberio Cesar de Lemos.
Dr. Isidoro Emilio Baptista.	

Membros Correspondentes.

Ilms. Snrs.	Ilms. Snrs.
Capitão Alexandre d'Araujo Costa.	Joaquim Corrêa de Magalhães.
Alvaro Duarte Godinho.	Joze Joaquim Ferreira Valle.
André Carcino Benjamin.	Padre Manuel Altino Barbosa.
Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.	Padre Manuel José da Motta.
Antonio Rangel de Torres Bandeira.	Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogéa.
Padre Camillo de Lellis Henriques Paçova.	Dr. Pedro Joze d'Abrêo.
Cypriano Fénelon Guedes Alcanforado.	Raymundo Joze de Souza Gayoso.
Estevão d'Albuquerque e Mello Montenegro.	Thomaz Ferreira Gutierrez.
João Pedro dos Santos.	

O IRMÃO E A IRMÃ.

II.

(Conclusão.)

Para intelligencia dos factos, que se vão seguir, convem que os nossos leitores consintam em rementar connosco ao passado.

Havia desesseis annos que o landgrave era casado; havia esposado a filha do conde de Ronsdorf, que tinha morrido em 1316, durante as guerras entre Luiz de Baveira, de quem era partidario, e Frederico-o-Bello de Austria, cujas propriedades estavam situadas na margem direita do Rheno, da parte ulterior e ao pé dessa cordilheira chamada — os Sete Montes. A viuva de Ronsdorf, mulher de grandes virtudes e reputação intacta, ficara então com sua filha unica da idade de cinco annos; mas como era descendente de príncipes, havia sustentado durante sua viuvez, o primitivo esplendor de sua casa, de sorte que a sua comitiva continuou a ser uma das mais elegantes dos castellos circumvisinhos.

Algun tempo depois da morte do conde, augmentou se a casa da viuva de Ronsdorf com um joven pagem, filho, segundo ella dizia, de uma de suas amigas, morta sem fortuna alguma. Era um bello menino, a penas mais velho do que Emma tres ou quatro annos; e nesta occasião a condessa não desmentio sua reputação de generosa bondade. O orphaõzinho foi por ella recebido como filho, educado ao pé de sua filha, e com ella teve parte nas caricias da viuva, e isto com tanta igualdade, que seria difficil descriminar qual delles era o fructo de suas entranhas ou o filho adoptivo.

Assim cresceram um juncto do outro e ambos muito se amavam, quando com grande admiración da nobresa das margens do Rheno, o joven conde Ludwig de Godesberg, então de desoito annos, foi prometido em casamento a pequena Emma de Ronsdorf, que apenas contava dez; o velho margrave e a viuva só concordaram em que os noivos ainda haviam de esperar cinco annos para serem esposos.

Entretanto Emma e Alberto cresciam, este tornava-se um bello cavalleiro, e aquella uma engraçada donzella. De mais a

condessa tinha vigiado com extremoso cuidado os progressos da sua amisade, e com praser reconheceo que apesar de ser mui viva a sua afficção, não tinha algum dos caracteres do amor. Entretanto Emma tinha treze annos e Alberto desoito; seus corações como uma rosa em botão tinham desabrochado ao primeiro sopro da adolescencia; era o momento que para elles receiava a condessa. Infelizmente nesse mesmo momento acoceco; esperou se por algum tempo que o vigor da mocidade (a condessa viuva tinha apenas trinta e quatro annos) triumpharia da gravidade da molestia. Enganavam-se—era ella mortal. Ella mesmo o sentio, mandou chamar seu medico e o enterrogou com tanta instancia e firmeza, que elle não pôde deixar de declarar-lhe que não era bastante a sciencia dos homens, e que ella só devia esperar pelos soccorros do ceo. A condessa recebeu essa nova como christã, mandou vir Alberto e Emma, ordenou-lhes que se ajoelhassem diante de seu leito, e em voz baixa, sem outra testemunha alem de Deus, lhes revelou um segredo que ninguem ouvio. Somente repararam com admiración que na hora da agonia, em vez de ser a moribunda, que abençoou os filhos, foram elles que a abençoaram, e que pareciam perdoar-lhe sobre a terra um erro cuja absolvição sem duvida ella iria receber no ceo. No mesmo dia em que esta confidencia fora feita, a condessa morreo sanctamente, e Emma que ainda devia esperar um anno para casar se, foi passar esse anno no convento de Nonenwerth, situado no meio Rheno, na ilha do mesmo nome, fronteira a pequena villa de Honnef. Quanto a Alberto, ficou em Ronsdorf, e a dor que mostrou pela perda de sua bemfeitôra foi igual á que elle teria experimentado se ella fosse sua mãe.

Passou se o tempo fixado, Emma tinha completado quinze annos, e continuára a floriscer, no meio das lagrimas, em sua ilha sancta, como uma dessas frescas rosas das aguas que fluctuam na superticie dos lagos, e que o orvalho torna tam brilhantes.

Ludwig lembrou ao velho landgrave o



contracto feito pela viuva, e ratificado por sua filha: porque havia um anno que o mancebo tinha constantemente dirigido seus passos para Rolandwerth, linda collina que domina o rio, e de cujo cume vê-se abaixo de si, cortando a corrente como o faria a prôa de um navio, a linda ilha, em meio da qual ainda hoje se eleva o mosteiro convertido em um albergue.

Alli passava elle horas inteiras com os olhos fitos no claustro, porque muitas vezes uma donzella que elle conhecia pelo habito de noviça, que bem cedo deveria largar, vinha sentar-se debaixo das arvores que bordam o Rheno, e alli ficava muitas horas immovel e engolphada em meditações que talvez tivessem por motivo o mesmo objecto que atrahia Ludwig. Não era pois de admirar que o mancebo fosse quem primeiro se lembrasse que se tinha acabado o lucto, e fizesse ver ao landgrave que, por um acaso favoravel, essa epocha correspondia com a que se tinha fixado para celebrar-se o seu casamento.

Por uma especie de convenção tacita, todos consideravam como tutor de Emma a Alberto, que então tinha apenas vinte annos, mas que sempre se tinha feito notar por uma gravidade superior á sua idade; foi pois a elle que o landgrave lembrou que era chegado o tempo de substituir os vestidos de lucto pelos de festa. Alberto foi ao convento, prevenio Emma de que o joven Ludwig reclamava a promessa feita por sua mãe. Emma còrou, e estendeu a mão a Alberto respondendo que estava prompta á segui-lo a qualquer parte que elle a levasse. Não era longa a viagem, apenas tinham de atravessar o Rheno, e fazer duas leguas pelas suas margens; não era pois o trajecto que devia demorar o momento tam almejado pelo joven conde. Tambem, tres dias depois de findos os quinze annos, Emma, seguida de uma comitiva digna da herdeira de Ronsdorf, e conduzida por Alberto, foi confiada ao seu senhor o conde Ludwig de Godesberg.

Passaram-se em completa felicidade dois annos, durante os quaes a joven condessa deo á luz um filho que foi chamado Othon. Alberto que tinha achado uma nova familia, tinha passado esses dois annos, ora em Ronsdorf, ora em Godesberg, e durante esse tempo tinha chegado á idade em que um homem de familia nobre deve fazer suas primeiras façanhas. Por consequente tinha entrado em

serviço como escudeiro nas tropas de João de Luxemburgo, rei da Bohemia, um dos mais bravos cavalleiros do seu tempo, e o tinha seguido ao sitio de Cassel, para onde tinha ido prestar socorros ao rei Philippe de Valois, que emprehendera restabelecer Luiz de Crey em seus estados, donde tinha sido expulso pela nobresa de Flandres. Tinha se pois achado na batalha, em que estes foram derrotados debaixo dos muros de Cassel, e para ensaiar-se tinha feito tal mortandade, que João de Luxemburgo o nomeára cavalleiro no campo da batalha. Alem disso, a victoria tinha sido tam decisiva, que de uma vez terminára a campanha, e a Flandres se achava em paz. Alberto tinha voltado para o castello de Godesberg, orgulhoso como estava de mostrar a Emma sua cadeia e esporas de ouro.

Achou o conde ausente, por estar em serviço do imperador; os Turcos tinham invadido a Hungria, e ao convite de Luiz V. Ludwig partira com seu irmão d'armas, o conde Karl de Homburgo; nem por isso deixou de ser bem recebido no castello de Godesberg, onde demorou-se quasi seis mezes. Findo este tempo, cansado de sua inacção e vendo os soberanos da Europa assaz tranquilos entre si, partira para pelear contra os Sarracenos da Hespanha, a quem Alfonso XI, rei de Castella e de Leão fazia guerra. Alli fizera prodigios de valor combatendo contra Mulei-Muhamud; tendo sido gravemente ferido diante de Granada, pela segunda vez voltára a Godesberg, onde trouou a achar o marido de Emma, que acabava de tomar posse dos titulos e bens do velho landgrave, que morrera no principio do anno de 1332.

O joven Othon crescia, era um bello rapaz de cinco annos, de cabellos pardos, faces rosadas e olhos asues. A volta de Alberto foi uma festa para toda a familia, e principalmente para o menino que muito o amava. Alberto e Ludwig tornaram a ver-se com praser, ambos acabavam de combatter contra os infieis, um ao sul e outro ao norte, ambas tinham sido vencedores, e trasiam numerosas narrações para os compridos serões de inverno; assim passou-se um anno como se fosse um dia; porem findo este anno o caracter aventureiro de Alberto de novo o arrebatou. Visitou as cortes de França e de Inglaterra, seguiu o rei Duarte em sua campanha contra a Escocia, rompeo uma lança com James Dou-

glas, depois voltando-se contra a França, viera tomar a ilha de Gadsand com Gauthier de Mauny; então toruando a achar-se no continente, disse se aproveitou para fazer uma visita a seus antigos amigos, e pela terceira vez entrara no castello de Godesberg, onde achou um novo hospede.

Era este um dos parentes do landgrave, chamado Godofredo, que nada tendo a esperar da fortuna paterna, tentara adquirir uma nas armas. Fora tambem combatter contra os infieis, noem na Terra-Santa. Os laços de parentesco, o renome que tinha adquirido na Crusada, um certo luxo, que annunciava ter sua fé levado antes o caracter de exaltação que o de desinteresse, lhe tinham aberto as portas ao castello de Godesberg como a um hospede distincto, logo depois Homburgo e Alberto tendo-se afastado, tinha conseguido tornar sua companhia quasi indispensavel ao landgrave Ludwig, que o tinha demorado quando quiz retirar-se. Já estava pois Godofredo estabelecido no castello, não como hospede, porem como comensal.

Assim como o amor, a amizade tem seu ciume; seja prevenção ou realidade. Alberto suppoz ver que Ludwig o tratava com mais frieza do que costumava; queixou-se disso a Emma, que lhe disse que tambem se apercebia de alguma mudança nas maneiras de seu marido para com elle. Demorou-se Alberto quinze dias em Godesberg, depois debaixo do pretexto de que Ronsdorf reclamava sua presença para reparações indispensaveis, atravessou o rio e a pequena garganta de montanha, unica causa que separava um dominio do outro, e deixou o castello.

Passados quinze dias, recebeu novas de Emma. Ella nada comprehendia do caracter de seu marido; porem de agradável e affectuoso, como sempre o tinha conhecido, se tornára desconfiado e taciturno. Até o joven Othon não estava isento de sua asperesa, até então desconhecida, e isto era tanto mais sensível á mãe e ao filho, porque até então tinham sido sempre para o landgrave os objectos da mais viva e profunda afeição. Enfim, á medida que esta afeição diminuia, acrescentava Emma, Godofredo parecia fazer extraordinarios progressos na confiança do landgrave, como se herdasse essa parte de sentimentos, que este roubava á sua mulher e a seu filho, para consagrarlos a um homem que lhe era quasi extranho.

Alberto lastimou sinceramente esse odio de si mesmo, que faz com que o homem feliz, como se fôsse atormentado por sua propria felicidade, procure por todos os meios moderar ou extinguir a, como o faria a um fogo violento receiando vê-lo consumir-lhe o coração. Tinha a este ponto chegado as cousas, quando recebeuo, bem como toda a nobresa dos arredores, um convite para comparecer no castello de Godesberg, dando o landgrave um banquete pelo aniversario do nascimento de Othon, que entrava nos deseseis annos.

Esta festa, no fim da qual introduzimos nossos leitores no castello, produzia, como dissemos, singular contrasse com a tristesa daquelle que a dava, porque desde o principio do baile Godofredo tinha feito o landgrave observar, como uma cousa em que pela primeira vez reparava, a similitude de Othon com Alberto. Com effeito, á não ser essa flor da mocidade que brilhava no semblante do mancebo, e que no homem o sol da Hespanha havia crestado, eram os mesmos cabellos pardos, os mesmos olhos asues, e observando-se com attenção, não se poderia deixar de notar entre elles até certas expressões de physionomia cuja similitude indica o mesmo sangue.

Esta revelação tinha sido uma punhalada para o landgrave. Havia muito tempo, graças a Godofredo, desconfiava da pureza das relações de Emma e de Alberto; mas a idéa de que estas culpadas relações existiam antes de seu casamento, idéa ainda mais pungente, e á qual essa singular similitude ainda dava mais força, de que Othon, que tanto tinha amado, era o filho do adulterio, dilacerava-lhe o coração e quasi o toruava louco; foi neste momento, como já dissemos, que chegou o conde Karl, e vimos que levado pela verdade, ainda augmentára mais a dôr de seu desditoso amigo, confessando que essa similitude de Alberto com Othon era incontestavel; entretanto, como ja vimos, tinha-se elle retirado sem dar á tristesa de Ludwig toda a importancia que realmente tinha adquirido.

Esse homem, que tam mysteriosamente tinha vindo fallar ao landgrave, na camarasiua em que este se havia retirado com Karl, era esse mesmo Godofredo cuja presença tinha feito nascer nesta ditosa familia a primeira inquietação, que obscurecia sua felicidade.

Vinha dizer-lhe que julgava estar cer-

to, por algumas palavras que tinha ouvido, de que Emma tinha concedido uma entrevista a Alberto, que devia partir nessa mesma noite para a Italia, onde ia commandar um corpo de tropas que para alli enviava o imperador; alem do que a certeza dessa traição era facil de adquirir; a entrevista devia ter logar em uma das portas do castello, e Emma atravessaria todo o jardim para lá ir ter.

Entrados que sejamos uma vez no caminho da suspeita, não mais paramos; tambem o landgrave querendo por qualquer preço adquirir uma certeza, soffocou esse sentimento generoso e instinctivo, que faz com que todo o homem de bem repugne aviltar-se com o officio de espião; entrou em seu gabinete com Godofredo, e entreabrindo a janella que dava para o jardim, esperou ansiosamente esta ultima prova que devia dar-lhe uma decisão ainda incerta. Godofredo não o tinha enganado; pelas quatro horas da manhã Emma desceo o patamar da escada, atravessou furtivamente o jardim, e embrenhou se em um arvoredor que encobria a porta. Esta desaparição durou pouco mais ou menos dez minutos, depois voltou para o patamar acompanhada de Alberto, a cujo braço estava arrimada. A claridade da lua o landgrave os vio abraçarem-se, e até lhe pareceo distinguir no semblante transtornado da esposa as lagrimas, que lhe fazia derramar a partida do seu amante.

Desde então não houveram mais suspeitas para Lutwig, e resolveo immediatamente afastar de si a esposa culpada e o filho do adulterio. Uma carta dada a Godofredo ordenava a Emma que o acompanhasse; deo-se ordem ao commandante da guarda para prender Othon ao amanhecer, e conduzil o á abbadia de Kirberg, perto de Colonia, onde trocaria o brilhante futuro de cavalleiro pela cella de um monge. Acabava-se de executar esta ordem, e Emma e Othon havia uma hora que tinham deixado o castello, aquella para ir para o mosteiro de Nonenwérth, e este para a abbadia de Kirberg, quando acordou o conde Karl, e como nós o referimos, achou ao pé de si seu velho amigo, semelhante a um carvalho ao qual o vento arrebatou as folhas, e o raio decepou os ramos.

Homburgo escutou com grave e affectuosa attenção a narração que Ludwig lhe fez de tudo quanto se tinha passado. Depois, sem procurar consolar nem o pai, nem o esposo:

— Tudo o que eu fizer será bem feito, não? lhe disse elle.

— Sim, respondeo o landgrave; mas o que pódes fazer?

— Isso me pertence, replicou o conde Karl, e abraçando seu amigo, vestiu-se, cingiu a espada, sahio do gabinete, desceo ás cavalharias, selou elle mesmo seu fiel Hans, e tomou a tomar lentamente, mas com licas bem diferentes, o caminho em espiral que na vespera tinha transposto com tanta rapidez, e com tam doces esperanças.

Tendo chegado á falda da collina, o conde Karl tomou o caminho de Rolandsec o qual seguiu lentamente e engolphado em profundas meditações, deixando a seu cavallo inteira liberdade de o levar lenta ou rapidamente; entretanto tendo chegado a uma quebrada no fundo da qual havia uma capellinha em que um padre orava, observou ao redor de si, e vendo provavelmente que o logar era tal qual elle podia desejar, parou. Neste momento o padre que sem duvida tinha concluido sua oração, levantava-se, e ia partir; porem elle o deteveo, perguntando-lhe se não havia outro caminho para ir do convento ao castello; e por sua resposta negativa rogou-lhe que passasse, visto que provavelmente dentro de pouco tempo, um homem havia de necessitar do seu ministério. O padre comprehendeo pela voz tranquilla do velho cavalleiro que elle dizia a verdade, e sem perguntar quem era o condemnado, orou pelo que ia morrer.

O conde Karl era um desses typos de antiga cavallaria que já no seculo XV começavam a desaparecer, e que Froissart descreve com todo o amor que consagra a uns restos dos tempos passados. Para elle tudo dependia da espada e de Deus, e em sua consciencia, o homem estava certo de não errar, confiando todas as cousas a seu juizo. Ora a relação do landgrave lhe tinha inspirado, sobre os intentos de Godofredo, duvidas que a reflexão quasi tinha transformado em certeza: mais ninguem, senão este conselheiro funesto, havia posto em duvida o amor e fidelidade de Emma para com seu esposo. Era amigo do conde de Rosdorf e do landgrave de Godesberg. A honra de ambos fazia parte da sua, era pois de seu dever restituir-lhe esse esplendor por um momento manchado por um calumniador: em consequencia desta resolução, tinha tomado, sem nada dizer a ninguem o partido de vir esperal-o no caminho, que

devia seguir, e ahi, fazer-lhe confessar sua traição, ou perder a alma, se fosse mister dar fim a essa desusada empresa.

Então abaixou a viseira do capacete, fez parar Hans no meio da estrada, e o cavalleiro e o cavallo ficaram por uma hora imóveis como uma estatua equestre. Passado pouco tempo viu apparecer no fim da quebrada um cavalleiro completamente armado. Este parou por um instante vendo o transitio cortado; mas tendo-se certificado de que quem o cortava e tava só, contentou-se com firmar-se nos arções, e assegurar-se de que sua espada sahia facilmente da bainha, e continuou o caminho. Chegando a alguns passos distante do conde, e vendo que este não parecia disposto a arredar-se, parou por seu turno.

— Senhor cavalleiro, disse-lhe, sóis vós senhor da estrada, e é vosso intento cortar o transitio a todos os que passam?

— A todos não, respondeo Karl, mas a um só, e esse é um cobarde, um traidor, quem tenho de pedir contas de sua traição e baixesa.

— Não podendo isso então me dizer respeito, continuou Godofredo, peço-vos que colloqueis vosso cavallo á direita ou a esquerda, para que haja, no meio da estrada, logar para dois homens da mesma classe.

— Enganais-vos, senhor, respondeo o conde Karl com a mesma tranquillidade, e isto, pelo contrario, só a vós respeito: quanto a partilhar o meio da estrada com um miseravel calumniador é o que nunca fará um nobre e leal cavalleiro.

O padre lançou-se entre elles dois.

— Irmãos, lhes disse elle, quereis matar-vos?

— Enganais-vos, meu padre, respondeo o conde, este homem não é meu irmão, e não me importa absolutamente que elle morra. Confesse elle ter calumniado a condessa de Godesberg, e deixal-o-hei ir fazer penitencia onde quizer.

— Só lhe faltava, em prova de innocencia, disse Godofredo a rir, que tomava o cavalleiro por Alberto, ter em seu amante tam bom defensor.

— Enganais-vos, disse o cavalleiro sacudindo a cabeça coberta de ferro, não sou quem julgais, sou o conde Karl de Homburgo. Só tenho pois contra vos o odio que voto a todos os traidores, e o desprezo que consagro aos calumniadores. Confessai que mentistes, e estais livre.

— Isso, respondeo Godofredo rindo, é negocio que só diz respeito a mim e a Deus.

— Pois julgue-o Deus! exclamou o conde Karl, preparando se para o combate.

— Assim seja, murmurou Godofredo, abaixando com uma das mãos a viseira, e com a outra desembainhando a espada.

O padre poz-se a orar.

Godofredo era bravo, e de sua coragem mais de uma prova tinha dado na Palestina; mas então combatia por Deus, em vez de combatter contra Deus. Tambem, ainda que o combate fosse longo e encarniçado, ainda que combatesse como habil e intrepido cavalleiro, não pôde resistir á força que dava ao conde Karl a consciencia do seu direito; cahio ferido d'uma estocada que tinha traspassado a couraça e penetrara profundamente no peito. Quanto ao seu cavallo, aterrado pela sua queda, voltou pelo caminho por onde tinha vindo, e bem depressa desapareceo por detraz da quebrada.

— Meu padre, disse tranquillamente o conde Karl ao sacerdote tremulo de medo, julgo que não tendes tempo a perder para cumprir vossa sancta missa. E esta a confissão que vos prometti; apressai-vos em recebê-la.

E tornando a embainhar a espada, tornou a tomar sua monumental immobidade.

Chegou-se o sacerdote ao moribundo, que se tornara a levantar sobre seu joelho e uma das mãos, mas que não tinha podido fazer mais nada. Tirou-lhe o elmo; tinha o resto pallido e os beiços cheios de sangue. Karl por um instante suppoz que elle não poderia fallar; porem enganava-se. Godofredo sentou-se, e o sacerdote, ajoelhado ao pé delle, escutou a confissão que lhe fez em voz baixa e interrompida. As ultimas palavras o ferido conheceo que seu fim estava proximo, e ajudado pelo padre, tendo-se posto de joelhos, levantou ambas as mãos para o ceo dizendo por tres vezes: " Senhor, Senhor, perdoai-me! Porem a terceira deo um profundo suspiro e tornou a cair sem movimento. Estava morto.

— Meu padre, disse então o conde Karl, não estais auctorizado a revelar a confissão que acaba de ser-vos feita?

— Sim, respondi o padre, porem a uma só pessoa, ao landgrave de Godesberg.

— Pois então murti no meu cavallo, continuou o cavalleiro apeando-se, e vamos ter com elle.

— Que fazeis, meu irmão? disse o padre

acostumado a viajar de uma maneira mais humilde.

—Montai, montai, meu padre, disse o cavalleiro; assim não se dirá que um pobre peccador como eu anda a cavallo, em quanto que o homem de Deus vai a pé.

E a estas palavras, ajudou-o a montar-se, e por mais que a isso se opposesse o humilde cavalleiro, conduziu pelas redeas o cavallo até o castello de Godesberg. Chegando ahi, contra seu costume, entregou Hans aos creados; levou o padre á presença do landgrave, que tornou a achar no mesmo quarto, no mesmo lugar, e assentado na mesma cadeira, posto que se tivessem passado sete horas depois que tinha sahido do castello. Sentindo passos, o landgrave ergueo a fronte pallida e observou-os admirado.

—Aqui tens, irmão, disse-lhe Karl, eis aqui um digno servo de Deus, que tem uma confissão *in extremis* a revelar-te.

—Então quem morreo? exclamou o conde Karl fazendo-se ainda mais pallido.

—Godofredo, respondeo o cavalleiro.

—E quem o matou? murmurou a landgrave.

—Eu, disse Karl, e retirou-se tranquillo fechando a porta sobre si, e deixando a landgrave a sós com o padre.

Ora, eis aqui o que contou o padre ao landgrave:

• Godofredo conhecêra na Palestina um cavalleiro allemão dos arredores de Colonia, que chamava-se Ernesto de Hünigen; era um homem grave e severo, que tinha eu trado havia quinze annos na ordem de Malta, e que se tinha feito celebre por sua fé, lealdade e coragem.

• Godofredo e Ernesto combattiam um ao pé do outro em S. João-d'Acre, quando Ernesto foi ferido mortalmente.

Godofredo o vio cahir; fez levá-lo para fora do campo e voltou a combatter.

• Acabada a batalha, entrou na sua tenda para mudar de vestidos; porem apenas alli chegou, vieram dizer-lhe que o Senhor Ernesto de Hünigen estava muito mal e desejava vê-lo antes de morrer.

• Fez-lhe a vontade, e achou o ferido com uma febre ardente, que em pouco tempo devia consumi-lhe o resto da vida. Como conhecia perfeitamente o seu estado, explicou-lhe em poucas palavras o serviço que delle esperava.

• Quando tinha vinte annos Ernesto

amava uma donzella, e era della amado; porem, sendo o mais moço da familia, sem titulos, e sem fortuna, não tinha podido obtel-a. Os amantes, na desesperação esqueceram-se de que nunca poderiam ser esposos, e nasceu um filho que nem d'um nem d'outro podia receber o nome.

• Algum tempo depois, a moça vica-se obrigada por seus paes a casar com um nobre e rico senhor. Ernesto partira; tinha-se demorado em Malta para pronunciar os seus votos, e desde esse tempo combattia na Palestina. Deus tinha recompensado sua coragem. Depois de ter vivido sanctamente, morreo martyr.

• Ernesto apresentou um papel a Godofredo; era a doação de tudo quanto possuía a seu filho Alberto: sessenta mil florins pouco mais ou menos. Quanto á mãe, como era morta havia seis annos; julgava poder revelar-lhe o seu nome, para que este nome o guiasse em suas pesquisas.

Era a condessa de Ronsdorf.

• Godofredo voltára para a Alemanha na intenção de cumprir as ultimas vontades do seu amigo. Mas chegando em casa de seu parente, o landgrave, e conhecendo o estado das cousas, vio logo o partido que podia tirar do segredo que possuía.

O landgrave só tinha um filho; e afastados que fossem Othon e Emma, Godofredo ficava sendo o unico herdeiro do conde.

Vimos como elle tinha posto este projecto em execução, quando encontrou na quebrada de Rolandwerth o conde Karl de Homburgo.

—Karl! Karl! exclamou o landgrave arremecendo-se como um insentado no corredor, onde o esperava seu irmão d'armas; Karl! não era seu amante, era seu irmão!

E no mesmo instante ordenou que tornassem a traser para Godesberg Emma, e Othon. Os dois mensageiros partiram, um subindo, e o outro descendo o Rheno.

Durante a noite voltou o primeiro. Emma, havia muito tempo infeliz, e offendida da vespera, pedía que a deixasse acabar a vida no mosteiro em que se tinha passado sua moridade, e mandava responder que no caso de necessidade invocaria a inviolabilidade do lugar.

Ao amanhecer, voltou o segundo mensageiro; estava acompanhado dos homens de armas que deviam conduzir Othon a Kirberg; porem Othon não se achava entre elles.

Na occasião em que desciam o Rheno de

noite, Othon, que sabia para onde o conduziam, tinha escolhido a occasião em que toda a equipagem estava occupada em dirigir a barca para uma corrente rapida; havia-se ar-

remeçado no lugar mais profundo do rio e tinha desaparecido.

R. A. C.

MEDITAÇÃO.

OS TUMULOS.

Ilis furent ce qui nous sommes,
Poussiere, jouet du vent!
Fragiles comme des hommes,
Faibles comme le néant!

Lanart. Harm.

Minha fiel companheira,
Amiga melancholia.
Agora que no occidente
Sumio-se o astro do dia.

Vamos ás campas dos mortos
Procurar meditações,
Que inspirar coem taes sitios
A magoados corações.

Aqui jaz uma donzella,
Fresca, risonha e formosa,
Que ceifou a morte fera
Na bella quadra mimosa.

O solo que lhe resguarda
O tenro corpo gellado,
De boninas e de goivos
Ainda se vê juncado.

Pelo amante inconsolavel
Ahi foram collocados,
Cujos signaes dos joelhos
Inda no chão estão gravados.

Alli o marmor esconde
Um velho pae venerando,
Lá um filho respeitoso
Se encontra ás veses orando.

Um mão filho d'outra parte
Sobre o terreno passeia,
Que as cinzas cobre paternas,
E nem remorsos recceia;

E nem uma só lembrança
O coração lhe commove.
Parece que sob seus passos
A fria terra se move.

Lá uma campa exhalou
Um suspiro magoad,
Que sahia dos despojos
De um mancebo infornado.

A propria morte não pôde
Os pesares mitigar,
Que lhe pungem no imo peito
D'uma ingrata o atraçoar.

Apenas sobre o sepulchro
A joven fronte inclinou,
A infida amente por outro
Jurada fé quebrantou.

Nem no remanso do tumulo
Acha abrigo o desgraçado,
Lá mesmo o persegue iroso
Um cruel adverso fado.

Por debaixo desta campa
Eu sinto os ossos ranger
De um malvado, que parece
Querer o marmore erguer.

As maldições que lhe pesam
Dos crimes que commetteo,
Mesmo no tum'lo o perseguem
Aonde o Eterno o escondeo.

Alli dorme o somno eterno
Socegado em seu jasigo
Um que os crimes na existencia
Jamais abrigou comsigo.

Em su'alma bemfazeja
Jamais maldade adejou.
Por isso a vida que teve
Toda o céo abençoou.

E hoje jaz repoisando
Na mansão celestial,
Despido do fragil barro,
E em figura angelical.

Innocentinha menina
Qual bonina aqui desceo,
Mal a vida começava
No sepulchro se escondeo.

Mas quem sabe se a bondade
De Deus aprouve rouba-la
A desastres e infortunios,
Que deviam de cereal-a.

Igualmente a pó se tornam
Aqui todos os viventes;
Negros vermes do sepulchro
Consumem todos os entes!

A. F. Colla.

EMPRESTIMOS PUBLICOS.

(Conclusão.)

Há tres meios de nos libertarmos de uma divida que contrahimos, 1.º reduzirmos as nossas despezas e irmos operando o pagamento do que devemos por meio das nossas economias, 2.º melhorarmos o nosso reddito, augmentando o nosso trabalho, 3.º em fim alienarmos o nosso capital. Achando-se determinadas as despezas ordinarias de um paiz pela sua posição, suas relações com os paizes estrangeiros, e seus costumes, habitos e uzanças, a redução das despezas ordinarias seria para o Governo um meio quasi impraticavel, e quando mesmo fosse possivel essa redução não seria talvez ella sufficiente para operar a extincção da divida publica dos Estados modernos. O mesmo acontece a respeito do melhoramento do reddito publico: poderosos recursos poderia n'elle achar um Governo e ainda mais efficazes do que na redução das despezas ordinarias. Mas depende esse expediente de uma tal infinidade de circumstancias, que por isso os Governos tem deixado igualmente de adopt-lo. Para o melhoramento do reddito nacional fora mister, por ex, que se promovesse com o maior zelo possivel a educação das classes laboriosas e industriaes, que se estabelecesse a liberdade da obra e do trabalhador, que se facilitasse o mais possivel a circulação dos homens e das couzas, que se lhes assegurasse a maior protecção dentro e fóra do paiz, que em fim se tornasse uma re-

alidade o principio da igualdade, da justiça das recompensas e das honras entre todos os cidadãos: mas com quanto seja esta a obrigação de um Governo, ninguém de certo desconhecerá, que obra do tempo semelhante melhoramento, não offerece as vantagens que se poderia colher de qualquer outro expediente, que habilitasse um Estado a se poder libertar promptamente dos apuros em que se acha e da divida que o sobrecarrega. Pelo que respeita finalmente ao 3.º meio, não passa elle de um recurso mui fraco e limitado, não podendo sempre os Governos lançar mão de tal expediente por não haverem sempre fundos desponiveis para esse fim, nem ser facil o acharem-se compradores.

A que meios pois se tem recorrido á vista da impraticabilidade ou insufficiencia dos indicados para se obstar aos progressos de uma divida publica e chegar-se mesmo á sua solução? Iremos ve-lo. A principio julgou-se vantajoso o expediente de reembolçar-se o credor em prazos fixos mais ou menos remotos, mas logo reconheceu-se que sendo mui precaria a situação politica de um paiz, não era possivel que os Governos por mais economicos e regulares que fossem, tivessem sempre a certeza de fizerem honra a seus pagamentos e que assim, podendo acontecer que a elles tivessem de faltar, o resultado seria a ruina do cre-

dito publico e ficar o Estado exposto ás maiores calamidades. Deixou-se pois este meio e recorreo-se então ás annidades a prazos curtos e longos, meio pelo qual se prometia embolçar o juro e uma parte do capital emprestado: reconheceo-se igualmente a illusão deste expediente, porque todo o reembolso, por mais fraco que seja, excede as forças da renda publica; e o Estado que não tinha outros recursos a offercer a seus credores, achou-se collocado entre o perigo de impôr aos contribuintes um onus insupportavel ou de operar a ruina daquelles: abandonou-se tambem logo este systema e passou-se ao reembolso d-baixo de forma de renda vitalicia, ao qual do mesmo modo se deo de mão porque reconheceo-se, que a renda vitalicia aggrava prodigiosamente a condição do Estado devedor. Recorreo-se enfim a perpetuidade do pagamento dos juros da divida, mas a experiencia demonstrou que se não tiravão daqui os resultados vantajosos que se esperavão: a divida publica engrassava-se cada anno, e dentro em pouco absorvia uma tão grande porção da renda do Estado que o restante ja não bastava para se acudir ás necessidades indispensaveis do serviço ordinario. Nesta conjunctura o que fizeram os Governos? inventou-se o systema de amortisação, invenção sublime, devida ao genio e talentos abalisados do celebre Ministro Ingloz William Pitt. Com uma fraca somma consagrada ao resgate da divida podia-se facilmente obstar ao seu crescimento indefinido, e ate mesmo extinguil-a dentro de um certo prazo. He este em minha opinião o meio mais proficuo de que se pode lançar mão para se libertar um Estado do flacello de uma divida publica, e ao mesmo tempo o mais digno de um Governo extremoso pelo seu credito e verdadeiramente empenhado na prosperidade nacional. E de certo ninguem lhe contestará a primasia; pelos systemas de reembolso extingui-se a divida ao par, e pelo da amortisação é ella reunida pelo preço do mercado abaixo do par, e por conseguinte com menor desembolço amortiza-se maior somma da divida: alem de que feito o reembolso, tudo se consomme, e pela amortisação a divida resgatada continua a produzir juros que reunidos ao capital engrassão o capital pelos juros e os juros pela amortisação do capital. Por esse meio pois estabelecido uma vez os fundos da amortisação ainda que para isso seja necessario um sa-

crificio, e comprando-se sempre a baixo do par as porções de divida existentes no mercado, pode um Governo remir uma parte consideravel da divida publica, e ajuntando este ganho ao fundo da amortisação entretido a juro composto, chegar a extincção da mesma divida em um certo prazo, cuja duração está na razão da massa de capital consagrada á amortisação relativamente a da divida, e da differença que se der entre o par e a taxa porque o Governo comprar as porções de renda postas a venda pelos credores. Por tanto a vista das considerações expendidas, não ha duvida em que dado o caso de se ver um Governo na precisão de occorrer a d'spezas extraordinarias, o expediente de Empréstimos Publicos he absolutamente preferivel ao de uma imposição sobre os contribuintes equivalente a somma necessaria para taes despezas, uma vez que pela amortisação se procure minorar as desvantagens, que quasi sempre resultão do Empréstimo contrahido por um Governo qualquer. Resta porem saber-se como hade ser constituido para esse fim o fundo da amortisação.

Pitt, sedusido pelas apparencias enganadoras do systema que havia imaginado, deixou-se embalar no sonho lisongeiro de que uma divida publica podia ser amortizada por meio de outra divida. Eis o seu erro, eis a origem das fataes consequencias, com que ainda luta hoje a Inglaterra pelo que respeita á sua divida, e da funesta calamidade que a ameaça, apezar dos brilhantes progressos que obteve a riqueza n'esse Paiz, logo que appareceo, e foi adoptado, o systema d'aquelle Ministro. Huma divida jamais traz consigo a solução de si mesma: é esta uma verdade reconhecida hoje geralmente, e a Inglaterra ainda o pode attestar. Pitt, em vez de formar o fundo da amortisação para extincção da divida publica prelevando por meio de impostos a somma necessaria para esse fim, não o fez, tomou por empréstimo um por cento da divida contrahida, e se persuadiu de que com tal fundo podia extingui-la, sem advertir que era isso uma operação interminavel, que era sempre tomar emprestado para solver outro empréstimo, que era perpetuo em vez de extingui-lo. E em logar pois das operações a que esse Ministro recorreo, devia formar com impostos o seu fundo de amortisação, e então o Paiz não se acharia por certo collocado nos embaraços que o opprimem ae-

tualmente, porque o systema de amortização assim concebido repousa em uma verdade mathematica. Hum por cento de um emprestimo entretido a juros compostos amortisa o mesmo emprestimo em 37 ou 45 annos, mas para se conseguir vantagens reais he necessario que esse hum por cento seja deduzido não de outro emprestimo, mas unicamente da renda do Paiz. Alem de que sendo o emprestimo contrahido por ex: a 5 por cento, não ficará privado o contribuinte se não de hum 1/37 do que teria exigido delle a contribuição, e será muito mais vantajoso pagar em 37 annos, e a 1/37 cada anno, o que teria de pagar em totalidade no espaço de um só anno. O pagamento total o esmagaria, e lhe seria talvez impossivel quando o pagamento parcial só lhe importaria um pequeno sacrificio a que poderia fazer face com mais economia e trabalho. Por tanto huma vez conseguido o fundo da amortização pela maneira indicada exigindo-se do Paiz uma contribuição equivalente a 1 por cento da somma emprestada, não podemos descobrir no recurso dos Emprestitos Publicos esses males, essas calamidades, que tanto se tem exagerado, e que tem dado logar ás violentas declamações de alguns Escriptores, alias de grande pezo na sciencia. Não devem com tudo nossos leitores concluir daqui, que preferindo nos o meio do Emprestimo ao systema de uma unica imposição, reconheceremos a superioridade desse expediente por maneira tal que o julgemos um manancial de prosperidade para o Estado que o adoptar. Não: em todas as cousas ha certos limites naturaes que não nos he dado transpor, sob pena de nos precipitarmos em alguma calamidade. He innegavel ate certo ponto a influencia benefica de uma divida publica sobre o desenvolvimento da riqueza: os factos ahi estão para demonstra-la a despeito de quantos raciocinios em contrario tem feito os impugnadores do systema dos Emprestitos Publicos. Em França por ex: ha cincoenta annos pouco mais ou menos, o crescimento gradual da riqueza foi sempre na razão directa do crescimento gradual do Emprestimo e do Imposto, e não só as riquezas, como diz o Sr. Elias Regnault, se augmentarão nas mesmas proporções, que a divida, como ainda por um phenomeno que parece extranho, quanto mais emprestitos contrahio o Estado, tanto maior facilidade achou em contrahi-los; e assim devia ser porque

os emprestitos convertendo as economias em capitães activos, devião necessariamente augmentar as forças da produção. O mesmo aconteceu em Inglaterra: pela confiança que se depositou no systema preconizado por Pitt, e pelos consummos extraordinarios a que deo logar o Governo, empregando os capitães que tomou por emprestimo e dormião inactivos, a Inglaterra chegou ao maior grao de esplendor e prosperidade. Mas depois o erro do Ministro, e o abuso que se fez do seu systema neutralisarão os beneficos effectos que a divida publica havia produzido, e collocarão o Paiz no estado deploravel e verdadeiramente calamitoso, em que hoje se acha, sem poder extinguir a enorme divida que sobre elle peza. Já se vê pois que não exageramos as consequencias do systema dos Emprestitos Publicos, a ponto de offerecermos como vantajosa a perpetuação da divida publica. Os mais calidos partidarios dos Emprestitos preferião o systema da imposição quando achavão que era menos oneroso para o contribuinte. Ha porem uma seria objecção, que se ha feito ao systema dos Emprestitos contrahidos pelos Governos, e he, que tendo suas consequencias de recahir tambem sobre as gerações futuras, não ha razão para que estas venhão a partilhar os sacrificios occasionados pela geração prezente.

O Senhor Elias Regnault, para illudir talvez a força dessa objecção, recorre (veja-se o Diccionario Politico de Garnier Pages e outros Publicistas artigo Emprestitos Publicos) a uma distincção entre emprestitos productivos e improductivos. No primeiro caso prefere o systema da imposição, e no segundo julga que se deve recorrer ao emprestimo. Similhante distincção porem não me parece judiciosa: ella ao menos não rezolve satisfactoriamente a questão. Ha despezas improductivas que reclamão o emprego de sommas consideraveis, as quaes só se podem obter com vantagem por meio de emprestitos. O citado Escriptor isto mesmo reconhece, quando em uma nota ao referido artigo assim se exprime. É evidente contudo, que se tivessesmos de exigir sommas ainda muito maiores, ver-nos-hiamos na precisão de recorrer ao emprestimo, porque então nos achariamos em circumstancias extraordinarias e de tal sorte excepçionaes, que não se lhes poderia applicar as regras geraes da economia politica. Entre tanto não he tão forte a objecção de

que se trata, que se lhe não possa dar uma solução satisfactoria. Não he justo que as gerações futuras, aquem as gerações passadas legão um sem numero de vantagens reais, entrem na posse dellas abstrahindo das condições onerosas que as devem acompanhar. Se as gerações futuras querem desfructar os commodos bens provenientes da riqueza e civilização, que lhes deixão as gerações precedentes, exige a razão e a justiça que se sujeitem igualmente as consequencias dos sacrificios, que tenha sido necessario fazer-se para que o Paiz attinja um tal estado de prosperidade: quanto mais, se taes sacrificios fossem feitos para se manter a honra e a independencia da Nação, ou mesmo para o fim de elevar o Paiz ao maior grao de riqueza e esplendor, como diz o Sr. Duteus, por meio de estabelecimentos uteis e indispensaveis. He verdade que as gerações vindouras tem todo o direito de deplorar a necessidade de carregarem com os onus de Emprestitos, devidos a impericia ou leviandade das gerações passadas: mas não he menos certo, que o credito pu-

blico, que todos os Governos devem se esforçar por conservar illeso, e á justiça a que nunca se deve faltar, exige imperiosamente que se satisfação a esses encargos, e se não deixe nunca de pagar a importancia dos capitães que em boa fé se emprestarão a Nação. Contrahidos pois os Emprestitos pela maneira, que deixamos referida, e não praticando os Governos a odiosa excepção de izentarem do pagamento de impostos a classe dos credores do Estado, porque não ha fundamento algum para que os capitalistas que emprestão dinheiros a Nação, exercendo uma industria como as que exerce qualquer das outras classes industriaes existentes no Paiz, deixem de concorrer como estas para as despesas publicas, entendemos que o systema de Emprestitos he preferivel a qualquer outro meio de que possa lançar mão hum Governo para subtrahir-se aos embaraços em que por ventura se veja collocado, sem recursos com que promptamente possa acudir as urgencias do Estado em uma crise qualquer.

M. Jansen Pereira.

RETRATO.

Minha Musa, inflamma o estro,
Me inspira;
Na lyra
Retratar meu Anjo eu quero:
A belleza, que a natura
Dotou-lhe,
Traç u-lhe
Com extreme e puro esmero.

Na gentil, mimosa face
Tão meiga,
Se arriga
O mais nitido candor:
Essa mesma face bella
E'onde
Se esconde
Singelissimo pudor.

De seus olhos buliçosos
A luz
Sedas

No volver brando, innocente:
E pois nelles ha ternura
Assaz,
Que faz
Gerar doce amor ardente—!

O seu niveo e lindo côlo
Com graça
Enlaza
Mil encantos seductores:
Nos anneis das tranças negras
Voando,
Brincando
Estão mil ternos amores.

Os seus dentes são da côr
De neve,
Na breve
Breve boca graciosa,
Dos seus labios nacarados
Derrama,

Que inflamma
A carícia melindrosa.

Nas suas nevadas mãos
Mimosas,
De rosas
Um longe a cor se mistura;
Melindres ellas esparzem
Em quem
Só tem
De lhes tocar a ventura!

Que cintura delicada,
E fina!
Divina,
Porque só do Céu parece!
Onde o mais completo garbo
Se ostenta,
E augmenta
Doce amor, que o peito aquece!

Seus lindos pés pequeninos,
Movendo,
Acidendo
Logo fica o peito meu:
E que geito ao corpo esbelto,
Que absorta
Transporta
A minha alma ate o Céu!

Anjo tão puro—, tão lindo,
Tão bello!
Ao vê-lo
Com mil encantos sem pares—;
Deixar de jurar-lhe amor
Podia,
Devia
De Amor nos sacros altares?!

Fevereiro 24—1846—

A. C. R. Raiol.

VI. HARMONIA

DE

MR. DE LAMARTINE.

(TOMO IV.)

AO ROUXINOL. (*)

Quando sóltas a voz pura e celeste
No silencio da noite,
Alado cantador do meu desterro,
Não sabes que eu te sigo?!

Ignoras que, aos teus doces accentos
Eu de todo rendido,
Contemplando tam altas maravilhas
Nas florestas m'enredo?

Ignoras que o halito da vida
Os labios meus não roça?
Que com timido pé a folha pizo,
Medroso de murchal-a?

E que um vate, que a lyra não consagra
Á sublimes mysteries,
Teu hymno nocturnal inveja—e o manda
Ás sagradas florestas?!—

Mas se o astro da noite se debruça
Sobre os montes a ouvir-te,
Pelos ramos saltando, então te occultas
Ao pharol que lampeja:

Se a veia de crystal, longe expellindo
Os humildes seixinhos
Sobre o musgo ou a tura, então te turbas,
E ao silencio te votas.

(*) Esta traducção é concebida de um modo assáz livre, e por isto talvez merecesse com mais propriedade o nome de—*Paraphrase*—& ; porque tem um pensamento identico ao do original, mas debaixo de diversa forma, e desenvolvido como melho r podemos.—

A tua voz tocante e magestosa
Aqui quanto é divina!
É a doce harmonia, o claro instincto,
Que a Jehovah remonta!

Teus festejos, teu canto, o teu murmúrio
São um mixto singello
Dos clamores de toda a natureza,
Dos suspiros angelicos.

Esta voz que tu tens, que mal conhecem,
É do azul firmamento,
É da arvore gentil, do antro canoro,
Do valle que descança:

Esses sons não são teus—são d'aureas ondas,
Que contentes se embatem,
Dos sussurros das folhas, e dos brados
Que altisonos echôam:

São d'agua, que, jorrando, inunda a rocha
No vaso que a rodea,
E que sóa debaixo do seu arco,
Desenhando-lhe o seio:

São das tenras plantinhas que, de noite,
Dos ramos se despegam;
Do bramido das ondas sobre as margens,
Sobre os frageis canhões.

E de tam gratos sons, que ao teu se unem
Instincto milagroso,
Se formou tua voz, oh Philomela!
Á noite um hymno cantas.

Ah! essas tristes, ineffaveis scenas,
Pios cantos da tarde,
Essas flores, que as urnas suas curvam,
Como um vaso de incenso;

Essas filhas que lagrimas orvalham,
Frescas brisas dos bosques,
Deviam, Natureza! ter linguagem,
Pois que tem attractivos.

Esta sublime voz, que eu, que os Archanjos
Escutamos attentos;
Este meigo suspiro d'alta noite,
É teu, ave mimosa:

Oh!... mixtura com a tua a voz do vate!
Os mesmos nos escutam...
Ellas do ceo, que o espera, o rogo sóbe
Nas azas dos favonios:

É o echo da mesma natureza,
Em amor convertido,
O murmúrio suave—o som divino—,
Almo hymno do estio;

Nós, porém, com esta voz enfranquecida,
Que o coração desata,
Terno pranto perenne já fizemos,
Crúa dôr já sentimos.

Agosto, 15—1845.

A. R. de Torres Bandeira.

A TORRE DE VERDUM.

(CONTINUADO DE PAG. 67.)

Durante a noite todos os Judeus da Cidade de Nabu partiram á pressa; e alguns dias depois, protegidos pela rapidez da sua fuga, entriochearam-se na Torre de Verdum sobre a Garona em numero de mais de mil, tanto homens como mulheres, tanto velhos como crianças. Constancia, até então escndida na sua liteira de viagem, foi alli apresentada aos Judeus, como esposa de Mathias; e o Grande Rabbini Salomão—Ben—Salomão a admittio com toda a solemnidade

de em o numero dos filhos do verdadeiro Deus. No entanto os Zagalejos, avisados desta marcha, e pretextando que os Judeus tinham sacrilegamente arrabatado uma Christã, derigiam-se a cidadella de Verdum e começaram o assedio. Porém Mathias tinha readquirido toda a sua coragem primeira, e para defender a sua esposa tinha se feito, o que elle não tinha ousado ser para conquistar a—o Libertador do seu Povo. Debalde os Zagalejos constituam machinas po-

derosas, e teimavam em derrocar os muros da fortaleza; Mathias acudia a todos os pontos, repellido os, regeitando-os na fossa, e perseguindo-os na planície, que elle ensanguentava com o sangue delles. Depois d'elle era Esaú quem fazia prova de coragem mais terrível, e cujo parecer era em segundo logar escutado no Concelho. Todavia os Zagalejos não se desacorçoavam nem mudavam de proposito: todos os dias, com a mira nas prodigiosas riquezas que a fortaleza encerrava, novos reforços vinham condensar as suas fileiras rareadas pelos combates.

Os assaltos multiplicavam se, e a limentados pela affluencia incessante de salteadores que de todas as partes concorriam para esse ponto, não davam trogoa aos assediados. Os Senhores dos contornos, cujas terras os depredadores arrasavam para alimentarem se, em vão representavam aos seus Caudilhos a inutilidade do circo. Estes lhes respondiam insolentemente que era bem de ver o pouco que elles faziam da fé de Christo, para quererem uma Christã em poder dos filhos de Sanaaz. Os senhores, com o receio de que esta accusação de tibieza na fé se não convertesse contra elles em pretexto que autorisasse aos Zagalejos a accometterem-nos, retiraram-se, e prudentemente se entrincheiraram nos seus Castellos. O rumor da pretenção dos Zagalejos chegou por alguns prisioneiros aos ouvidos dos Judeus assediados. Desde então pôde Mathias observar, que com quanto o tractassem com respeito e differencia, era sua esposa um objecto de odio para todos; e poder-se hia conjecturar das suas maneiras que a sentença da sua prescripção uad tardaria muito a ser lavrada. Em fim em um dia em que o assalto tinha sido mais carniceiro que de costume, um Concelho foi convocado por Esaú, em quanto Mathias tratava de restabelecer a ordem nas torres damnificadas.

—Irmãos, disse elle, é com pesar que eu levanto a minha voz contra o mais valente dos nossos guerreiros, contra aquelle que a emmette como um relampago e resiste como um rochedo; porem todas as nossas desgraças delle nos provêm. Elle pôde salvar-nos, e não o quiz; elle desistiu de servir-se de um fingimento, que todos nós teriamos equiparado ao martyrio dos Machabeos, e ao sancto embuste de Judith: porem a nosso reconhecimento e gratidão não pôde fazer com que elle soffresse o escarneo

de alguns Christãos, porque o conceito dos filhos de Israel é menos a seus olhos do que o desprezo dos Nazarenos. Para aqui nos arrastou, e se elle nos auxilia com a sua força, fechou também connosco um perigo maior do que ella. Se a filha de Nogaret não fosse entre nós, de ha muito que os Zagalejos se teriam partido destes arredores, e nós estaríamos salvos. Restituamos-lhes esta Christã, e nada mais teremos que arreceiar.

—Ella é Judia—disse Gaspar.

—Pois bem, se ella é Judia, dedique-se a salvação de todos, e saia da fortaleza, se ella é verdadeiramente nossa irmã, não recurrará fazel-o. Propõe este sacrificio a qual quer das nossas mulheres e nem huma hesitará em trocar a sua vida pela vida de todos; porque essas é que são as verdadeiras filhas de Israel, e não fingem religião que não tem.

—E se ella recusar, perguntou Gaspar.

—Então, respondeo Esaú, nos conheceremos que a sua fé é mentida, e ser-nos-há permitido regeitarmol-a d'entre nós.

—E' justo, disseram os velhos.

—E Gaspar foi incumbido de annunciar a sua filha a resolução da Assembleia, que a guardava a sua resposta. Ao entrar na camara, que ella habitava com a sua familia, vio Mathias dormindo e Constançia decaensada na palha que lhe servia de leito, contemplando o dormir de seu esposo.

—Minha filha, disse-lhe o Velho, bendito seja o Senhor por estar Mathias dormindo, que eu tinha para te dizer coisas que, se elle as podesse escutar, tornal-o-hião furioso como um leão faminto.

—Já as sei, meu pai; Nathan acaba de m'as revelar. Admirado de haver Esaú convocado um Concelho, de que Mathias parecia excluido, julgou, e com razão, que fosse alguma trama do seu odio contra mim; surpreheendo pois o segredo das vossas deliberações.

—E que farás tu, minha filha, perguntou-lhe o velho.

—Eu o direi ao Concelho dos Sabios—lhe respondeo Constançia—para onde vos seguirei.

Então levantou-se, deo um ultimo beijo na testa do seu esposo, e caminhou para a sala do Concelho. Os velhos olharam-se uns aos outros ao aspecto de Constançia—tanto as suas maneiras revelavaõ altivez e resolução. Internou-se por ent e elles, e nenhum ousou interrogal-a. Esaú somente a

fitava com olhos scintillantes de ferocidade.

—Meus Padres, começou ella, a vossa ordem me foi intimada; eu a comprirei.

Esaú sorria ferozmente; porem Salomão bem—Salomão—impressionado de uma dedicação tão sublime, entre todos esses velhos multos de surpresa, disse-lhe brandamente:

—Elles te pouparão, porque também és uma das suas filhas.

—Não, respondeo Constançia, eu sou Judia, e não irei mentir a fé que foi por mim adoptada. Eu lhes direi: Eis uma Christã renegada; e cuspirei na cruz e na imagem de Christo.

—Porem elles te mataráõ, clamou Esaú impallidecendo por effeito de inexplicavel terror; elles te mataráõ, e tú não nos salvarás.

—E por que viverei eu? disse Constançia com soberano desprezo—Para te salvar a ti Esaú homem tão forte na tua crença?! Queres tú que eu para te salvar abjure a minha fé? Oh! tu te enganaste quando disseste que os meus juramentos não eram sinceros e que só para satisfazer ao meu amor, tinha eu abraçado o teu Deus. Elle penetrou nas profundezas do meu coração. E os Zagalejos tem de derramar a derradeira gota do meu sangue antes que o arranquem da minha alma. Vem, tú mesmo me levaras para elles.

Os sabios emmudeceram e alguns deramavam lagrimas; Esaú anciado com um horrivel despeito, fitando Constançia com olhos scintillantes, já de raiva, já de um ardor fúesto, acabou por clamar:

—O sacrificio é então inutil; julguei eu que elle nos poderia salvar.

—Não, replicou Constançia, nós morreremos todos.

—Vai, lhe disse Salomão—Ben—Salomão, o Senhor te abençoe, e aceite a tua propheta. Tu viveras ou morreras connosco, por que és nossa filha e nossa irmã, antes de todas as nossas irmãs e de todas as nossas filhas.

—Seja!—tornou Esaú—morrámos todos.

Quando ao despertar, Mathias soube o que se havia passado, empunhou a sua larga espada e quiz de uma vez acabar com Esaú.

—Mathias, lhe disse então Constançia, os homens não sabem dominar a sua cholera, e quebram-se a si mesmos com o seu furor; só as mulheres sabem como se devem haver para governar os homens. Eu estava certa que Esaú me differencia.

—Logo elle te ama, disse-lhe Nathan em voz baixa.

—Calla-te-lhe tornou Constançia.

Depois ella tranquillizou Mathias e fez-lhe jurar que elle nada tentaria contra Esaú. Desde este dia Constançia foi considerada como a inspirado do Senhor; os velhos não passavam por diante della sem a comprimentarem, nem os meninos sem lhe pedirem a sua benção.

—E o cerco durava sempre; já os guerreiros que tinham entrado para a fortaleza não sobravam de cincoenta, e os velhos e os meninos e as mulheres eram em numero de tresentos. Já escaçava o bastecimento tanto de vitualhas como de petrechos; muitos cofres com dinheiro haviam sido lançados sobre os a-sediadores em occasião de ataque, e muitas mãos enlonquecidas e desesperadas com a fome arremeçavam seus filhos sobre as alabarcas dos Zagalejos. Em uma sortida tentada em vão pelos Judeus, deixaram estes em poder dos inimigos alguns prisioneiros, que foraõ suppliciados aos olhos de seus irmãos e quasi contra os muros da Fortaleza. A sua morte foi barbaramente prolongada com torturas inauditas—infames—horrosas de serem vistas, impossiveis de serem descriptas. Dois dias duravam os prisioneiros no meio das tenases e dos punhaes abrasiadados dos Zagalejos. A torre estava desmantellada, e talvez não resistisse a mais um assalto. Esaú bradou com raiva:

—E' pois assim que havemos de morrer nós todos!

—Eu to disse, interrompeu a Constançia, nós morreremos todos, porem não devemos morrer assim.—Depois tirando um punhal do seio, acrescentou—Quanto a mim, não é assim que eu heide morrer.

—Olha-a Esaú por muito tempo a ella que se afastava, e permaneceu no mesmo logar ainda por muito tempo depois da sua partida. No dia seguinte os Judeus viram do alto dos seus parapetos machinas immensas construidas pelos Zagalejos e entre outras uma que elles chamavaõ o Gato—sob a qual muitos homens se escondiam conduzindo montões de lenha para incendiar a porta principal. Os cangirões de azite inflammado que os assediados costumavam lançar sobre as machinas para as queimar já de nem huma utilidade lhes era agora, porque seria isso atear o incendio que os devia perder, e nem elles tinhaõ objectos de peso com que as espedaçar. Todavia dispuhaõ para este effeito cofres cheios de ouro e de preciosidades, quando Esaú lhes apparecia, dizendo:

—Irmaos, é loucura esperar defender-nos por mais tempo, sempre é certo que temos de morrer aqui; senão sôr hoje, será amanhã, e morreremos depois de ter fartado os Zagalejos com as nossas riquezas. Pois que devemos morrer, pereçam os nossos thesouros como osco. Afoitemo-nos a dar-nos tranquillamente a morte, que estes salteadores nos reservam com todas as torturas dos seus carrascos, e entregar as chammas os nossos thesouros malfadados: não encontrem aqui os nossos inimigos senão cadaveres e cinza!

Talvez que os exemplos famosos de crueldade, para a qual a fome e o desespero impelleram aos homens certos de uma morte cruel, fação comprehender aos nossos leitores como esta proposição foi acolhida com gritos de alegria. Precisamos com tudo do testemunho da historia para reputarmos verdadeira a maneira porque se effectou esta obra de exterminio. Decidio-se que os nomes dos assediados seriam depositados em uma urna, e que todos infileirados e de Joelhos soffreriam a morte uns depois dos outros, segundo a designação do sorteio. Era Esaú quem devia tirar os nomes da urna; o primeiro que sahio foi o de Mathias, o segundo o de Nathan, e o de Constançia o derradeiro. Um sorriso imperceptivel errou sobre os seus labios, e ella perguntou:

—E quem será o executor?

—Eu, respondeo-lhe Esaú.

Esaú! Esaú! bradaram algumas voses, ciosas até do direito de escolher um exterminador:

—Tu! replicou Constançia. O teu braço não póde com tantas victimas. Eu peço que o mais valente d'entre vós seja o escolhido para esta obra de exterminio; que não devemos substituir as torturas da fagueira pelas da agonia.

—Seja, disse Esaú, lançando os olhos sobre Mathias, que aniquilado e estúpido não se inquietava com o que em sua presença se fazia; e acrescentou em voz baixa:

—Mathias, não me escaparas.

Trouxeram immediatamente uma acha pesada, e collocaram um madeiro enorme sobre dois cavalletes. Alguns ensaiaram as suas forças e fiseram a acha penetrar a uma profundidade mais ou menos consideravel; porem Esaú empunhando-a pela sua vez calou com tanta força um fendente sobre o madeiro, que a ponta que elle tinha mirado apenas por alguns filamentos se segurava ao resto do tórso.

—E Esaú! é Esaú! gritaram alguns,

—Ainda não, disse Mathias, eu ainda não provei essa acha.

E vibrando-a, cortou cerce o madeiro de uma só cutillada, como se fora a ponta de uma frexa. Mathias foi aclamado como um libertador, e toda multidão postou-se religiosamente de joelhos no lugar que a sorte lhes havia designado. Durante este tempo tinha-se feito um montão de todos os thesouros dos Judeus, na qual poserao fogo. Os assediadores admirados de não achar resistencia aos seus projectos, tinhao acamado a lenha contra a porta e nada mais esperavao para accendel-a; porem quando elles viram o incendio que brilhava no alto da torre, descobriao entao que os Judeus lhes subtrahiraõ as riquezas por amor das quaes tantas fadigas haviaõ elles supportado. Era um espectáculo medonho ver todo esse acampamento amotinado e furioso, soltando imprecações terriveis contra os desgraçados que iaõ morrer. Ameaçavaõ-nos com soffrimentos atrosos, se elles não extinguissem o incendio—promettiaõ-lhes a vida, se elles o apagassem; e ao mesmo tempo aticavaõ a fogueira. Os clamores dos Zagalejos tornaraõ-se terriveis, quando elles viraõ a espantosa carnificina, que na torre começava. De feito Mathias tinha despido as suas armas, e nu até a cintura, só, em pé no meio da turba dos seus, ajoelhado, elle contava as tresentas victimas que tinha de sacrificar. Emfim, disse elle voltando-se para Esaú:

—Esaú, eu tomei o teu lugar, e tu sem duvida aceitarás o meu... e alevantou a acha sobre elle.

—Aceito-o, sim, disse Esaú, porem não gastarei a tua força commigo para que mais te sóbre para a tua ultima victima.

E ferindo-se a si mesmo com um punhal, cahio aos pés de Mathias, que o regeitou com o pé. A sua morte foi o signal; as trezentas voses dos Judeus rebentaraõ á uma para celebrar o povo de Moisés.

Mathias quiz começar; era seu irmão o primeiro a quem elle devia ferir—turbou-se-lhe a vista, vacillou e tornou-se mais fraco do que o mais fraco dos meninos.

—Fere, fere, dizia Nathan, na cabeça—será menos doloroso o golpe.

O cantico saou de novo com exaltação. Mathias! Mathias! clamavam alguns. E os Zagalejos soltaram um grito de contentamento porque a porta meio consumida pelo fogo ameaçava cahir. Mathias voltou a cabeça, e a acha desceo sobre Nathan; o desgraçado

menino dobrou-se todo como um ramo partido, e cahio murmurando.

—Obrigado, meu irmão—

Entao Mathias ferio—continuou a ferir, ferio sem descanso: dava um passo—levantava a acha—e uma cabeça cahia; e ia sempre—riundo-se—espumando—rangendo os dentes—insensato e doído—saboreando o prazer da sua obra bebendo o sangue com os olhos—aspirando-o, ebrio, possesso, elle tocou a cabeça de seu pai sem a reconhecer. No entanto os Zagalejos urlavam e agoitavam a porta com pancadas fortissimas; e a cada pancada respondia Mathias com um grito e com uma cabeça que cahia, e adiantava-se, e a cada passo o concerto dos Martyres perdia uma voz. Em fim um grito retumbante dos Zagalejos annunciou que a porta se tinha partido, e Mathias estava com a sua ultima victima. Ella levantou-se diante delle, porem Mathias ferio o lugar em que ella devia estar, e não achando resistencia na acha, ferio de novo o espasso, e não encontrando nada ferio ainda sem olhar, sem ver, como uma machina estúpida.

—Mathias, gritou-lhe Constançia, sou eu, sou Constançia, podemos nos salvar ainda.

Porem Mathias alevantava e abaixava compassadamente a sua acha, sem escutar, sem comprehender, sem reconhecer Constançia.

—Oh! clamou ella com desespero, de forte só tinha o braço.

—Os Zagalejos chegaram ao alto da terra e Constançia correu para elles gritando.

—Eu sou Christã, e este homem é um louco.

—Dous titulos que valiam a vida nesta epocha de superstição e de fé. O Senhor de Nogaret, que estava a frente dos Zagalejos, abraçou a sua filha, e a defendeo contra os mais encarniçados; os primeiros, que se tinham lançado sobre Mathias foram repellidos pelo movimento regular e estúpido da sua acha, que subia e descia sem cessar; começaram depois a contempla-la, tão grande e tal era a imbecillidade que se lia no olhar desvairado, na livida pallidez, e nos cabellos hirtos daquelle homem. Constançia, salva da por seu pai, quiz salvar tambem ao seu esposo.

—Deus amaldiçoa o homem, que fere um insensato, disse ella. Os Zagalejos perignaram-se e recuaram; porém na extremidade dessa linha de cadaveres ergueo-se um

homem tolo ensanguentado e disse com voz cavernosa intercortada pela dor.

—Christãos, essa mulher é uma apostata; ella abraçou a nossa religião para seguir o carrasco que ali tendes diante de vós, e que prefez este feito horrivel. Esse homem chama-se Mathias.—Dicto isto elle ajoelhou-se e acrescentou.

Irmãos, elles feriram um primeiro que todos por quem eu me queria fazer Christão.

A taes palavras os Zagalejos lançaram-se sobre Constançia arrancaram-na dos braços de seu pai, e subjugando a Mathias, manietaram-nos a ambos e os lançaram na fogueira que devorava a riqueza dos Judeus. Quando para alli os conduziram, Esaú disse ironicamente a Constançia:

—Mulher, porque me despresaste a mim e ao meu amor? Porque amaste e preferiste Mathias?

—Eu o amei, disse Constançia, porque elle não era um traidor.

—Morre pois com elle, lhe tornou Esaú.

Os Zagalejos entretidos com este supplicio pouparam Esaú, que em breve tornou-se um dos seus chefes, e muito depois morreu Monge na Abbadia de Alby em odor de sanctidade, sob o nome de Jaques-o-Contrverso.

A Gonçalves Dias.

Fim.

M. DE LAMARTINE.

(Conclusão.)

Todos tem lido o conceituoso prefacio, que em forma de carta vem transcripto em frente das *Recopilações poeticas*; ahí M. de Lamartine, tratando um pouco cavalleiramente aquella poesia, que a elle tem dado gloria e a nós praser, declara que ella não é mais que o passatempo de suas horas vagas; que portanto elle a considera como humilde vassalla da politica, e que tem dó daquelles que o querem encerrar em sua inacção poetica, porque o cargo social é o trabalho quotidiano a obrigatorio de todo o homem que está sujeito aos perigos e beneficios da sociedade. Isto posto, o pensamento de M. de Lamartine suscitou no mundo litterario graves questões sobre a missão da poeta nas sociedades modernas. Muito longe nos levaria o exame dessas questões, e sahiriamos dos limites do nosso plano. Contentar-nos-hemos unicamente em

citar aqui a opinião de outro grande poeta,—é ella diametralmente opposta á de M. de Lamartine.

Informaram um dia a Goethe de que Uhland, o Beranger da Alemanha, ácabava de ser eleito membro da camara de Wurtemberg: "Que tome sentido, exclamou o patriarcha da poesia allemã, essa existencia de agitações e contrariedades de todos os dias não se compahece com a natureza delicada e sensível de um poeta!... O seu canto desaparecerá, o que é realmente para sentir-se!—porque a Suabia tem bastantes homens assaz instruidos, distinctos e eloquentes, para os fazer membros da camara; porem não possui um poeta como Uhland"

Como Goethe muitas pessoas tem dito a M. de Lamartine: "Não faltam á França homens politicos; não tem porem um poeta como vós." Ao mesmo tempo que M. de Lamartine encontrava no mundo litterario insolita repugnancia, fazia-se grande na tribuna; a questão do Oriente do-lhe occasião para desenvolver suas ideias sobre as bases de um novo systema europeu; um discurso eloquente e caloroso contra a pena de morte, generosas palavras em favor dos expostos, um excellento improviso com que em favor dos estudos classicos luctou contra um rude lidador, M. Arago, que combatia pela sciencia, o fizeram bem depressa elevar-se ao logar de chefe de columna; em torno delle se veio agglomerar uma pequena phalange de homens escolhidos, e esta aggregação foi decorada com o nome de *Partido social*.

O que é pois partido social? ou antes qual é o pensamento de M. de Lamartine? Colocado fora dos tempos, dos logares, e dos homens de hoje, o systema politico do poeta difficilmente se sujeita a uma analyse succinta e precisa. Aos olhos de M. de Lamartine, nas diversas commoções que por vezes tem agitado a França desde 89, não se tem tratado unicamente de uma revolução politica e local, mas sim de uma revolução social e universal; essas desordens parciais nada são mais que o preludio de uma geral transformação e o mundo lhe parece proximo a uma completa renovação das ideias, nos costumes e nas leis; por este lado a doutrina de Lamartine semelha-se á de Fourier e de Saint-Simon; elle não rejeita similhante afinidade, pelo contrario a proclama.—"Alguna causa tem o Saint-Simonismo, diz elle, de verdadeiro,

de grande, e de fecundo,—a applicação do Christianismo á sociedade politica, e a legislação da fraternidade humana; por este lado eu sou saint-Simoniano; o que tem faltado a esta seita eclipsada não tem sido ideias, não tem sido discipulos, mas sim um chefe, um mestre, um director.

Os directores do Saint-Simonismo tem-se illudido, declarando logo ao principio guerra de morte á familia, á propriedade, e a religião... Não se conquista o mundo pela força de uma palavra, converte-se, agita-se, trabalha-se e se transforma: quando uma ideia não for praticavel, não a devemos apresentar ao mundo social.

Resta agora saber qual é o systema pratico que M. de Lamartine apresenta ao mundo social.—O systema é este:

"Dizeis que tudo morre, que não existe fé, nem crença,—existe uma fé,—é esta fé a razão geral, é seu orgão a palavra, seu apostolo a imprensa; pretende reformar á sua imagem as religiões, as civilisações, as sociedades e as legislações. Em religião quer: Deus unico e perfeito por dogma; a moral eterna por symbolo; a adoração e a caridade por culto.—Em politica a humanidade superior as nacionalidades.—Em legislação o homem igual ao homem, o homem irmão do homem, o *christianismo legislado*."

Taes são em politica as ultimas palavras de M. de Lamartine. Como vemos, o que quer o poeta publicista, isto é, a fraternidade universal e o paraíso terrestre, é justamente o que todo o mundo quer, como elle; a difficuldade porem consiste em saber porque meio pratico deve o mundo ser impellido para essa senda. Bastante pesar temos de annunciar, que M. de Lamartine pára neste ponto, e nos deixa aqui abertos e com os braços estendidos para esse Eden social, confusamente lo-brigado no horisonte.

No que diz respeito á politica exterior, o pensamento de M. de Lamartine não é mais praticavel, porem mais preciso e mais claro: eil-o reduzido a expressão mais simples:

A Europa abunda em forças e capacidades inactivas, que exigem imperiosamente um emprego social; ora na mesma occasião em que entre nós transborda o excesso de vida, no Oriente uma crise de ordem inversa se opéra; um grande vacuo allí se apresenta ao excedente das populações e das faculdades europeas; trata-se pois de derramar na Asia o excedente da Europa. Como poderemos realisar esta ideia? É mister, diz M. de Lamar-

tine, reunir um congresso europeu: decretar que depois da queda do imperio Othomano (M. de Lamartine já o vê por terra) cada potencia se assenhorde de uma parte do Oriente a titulo de protectorado, e se derrame pelas costas das cidades modelas destinados a alliviar a Europa de sua população exuberante, e attrahir os indigenas por meio de uma organização benefica, justa e regular; e chamar insensivelmente a ella a Asia inteira por via da *conversão*.

Em vinte annos, acrescenta M. de Lamartine, a medida, que propohe, terá creado nações felizes e milhões de homens marchando sob a égide da Europa para uma nova civilisação."

Ora, nota-se que esta theoria, apresentada aqui em estado de esqueleto, é ornada de uma magia de estylo tão seductora, que o espirito se deixa molemente arrastar por esse sonho angelico de uma alma candida de poeta: até quasi faz esquecer que para realisar um systema, que se desenvolve em vinte paginas, não é necessario nada menos que mudar com o toque da vara magica os espiritos e os homens, reformar os imperios, avizinhar os continentes, e junctar por laços de uma sympathia mutua e duradoura graças de homens a muitos seculos costumados a inimidades mortaes. Ora M. de Lamartine conseguiu tudo isso em vinte annos e com uma pennada.

Passados dez seculos talvez esta utopia se torne coisa muito commum. Assim vai o mundo. Quando a multidão trabalhosamente se esforça por alargar o carril aberto pelas gerações passadas, esperando ligar ás gerações futuras a continuação de sua obra, o poeta, intrepido luseiro, eleva-se sublime, transmonta os tempos, e grita as turbas: "Segui-me."

Não temos as tuas azas" respondem estas. O poeta sem ser comprehendido torna a vear, e as turbas, que o não comprehendem, continuam no seu trabalho.

Finalmente, na posição excepcional de M. de Lamartine, no meio dos partidos e das ambições que dividem a Camara e o

paiz, existe um character de dignidade e de grandesa, que assenta bem ao poeta; tanto e vaga, indiciosa e mal a proposito a sua linguagem nas questões entricadas e ephemerias, que cada sessão vê nascer e morrer, tanto essa linguagem cresce, fortifica-se e se desliza harmoniosa, colorida, respeitavel, quando se trata de revindicar os direitos da intelligencia, ou de defender os principios eternos da honra, da moral e da caridade, sobre os quaes se bazam todas as sociedades humanas.

Ainda nos recordamos desse dia borrascosa em que o ultimo ministerio quasi isolado tinha de arrostar os esforços reunidos dos mais possantes oradores da Camara. O ministerio ia succumbir; M. de Lamartine julgou lobrigar na energia do ataque um espirito de hostilidade systematica,—de cubica e de rancor; seu espirito de poeta indignou-se; desceo á arena, restabeleceo o combate, e foi preciso appellar para o paiz, afim de decidir-se da victoria.

Esta influencia que M. de Lamartine exerce algumas vezes nos debates da Camara, é menos devida ás eminentes faculdades oratorias, do que á moralidade de sua vida, aos instinctos elevados de sua natureza, e sobre tudo á attitude tranquilla, desinteressada, independente e nobre que tem sempre sabido conservar desde sua entrada na carreira politica.

O cantor de Elvira no todo de sua pessoa tem alguma similhança com Byron. A mesma belleza do semblante, os mesmos habitos de elegancia e de *dandyismo*, o mesmo geito, talvez mesmo um tanto *inglez*, porem perfeitamente nobre e distincto. Se, para completar a similhança, junctardes a isso um luxo de grande senhor, um sumpstuoso palacio, cavallos de pura raça, uma magnifica casa de campo, convencer-vos-heis de que, depois de Tasso e Camões, os tempos tem mudado, e que hoje já é licito ser um grande poeta sem morrer no hospital.

A. F. C.



VARIÉDADES.

—O príncipe Alberto, esposo da rainha Victoria, comprou ultimamente, por 3:800 francos, a farda do almirante Nelson na batalha de Trafalgar. Lembra-nos falar por esta occasião do preço excessivo d'algumas reliquias illustres. A farda de Carlos XII em Pultawa foi vendida em 1825, em Edinburgo, por 560:000 francos; em 1816 comprou lord Shaltesburi por 16:550 francos um dente de Newton.

Outro inglez offereceo 100:000 francos por um dente de Heloisa. O craneo de Descartes, vendeo-se em Stokolmo, em 1820, por 99:000 francos!!

Uma bengala de Voltaire foi vendida por 500 francos; Uma jaqueta de J. J. Rousseau por 959 francos; o seu relógio de cobre por 500 francos; a cabelleira de Kant por 200 francos; a de Sterne por 5:359 francos. O doutor Lacroix deo pelo chapeo de Napoleão na batalha d'Eylau, em 1835, 1:920 francos. Donde se vê que os Inglezes tem sempre se avantajado entre os amadores d'antiguidades

—Trata-se de estabelecer um hospital allemão em Londres. Distinguiu-se o rei da Prussia entre todos os principes reinantes da Alemanha, que concorreram para esta obra com alguns subsidios. Subscreevo elle para este Hospital com 100 libras sterling, emprestando-lhe alem disso sem interesses mais 1:000. Inda não basta isto, pois foram calculadas as despezas a 5:000 libras sterling.

—Morreo á pouco tempo em Paris com cento e onze annos d'idade Mme. de Montgolfier, viuva do illustre inventor dos aerostatos. Casou em 1774 e conhecia todos os homens celebres do seculo passado, sendo testemunha de todos os acontecimentos percursores da revolução de 1789.

Malessherbes, Boissy-d'Anglas, Lavoisier e Monge haviam sido dos seus amigos. Era ella notavel por sua intelligencia e caracter: e a não ser o accidente de ter fracturado uma perna, teria por certo vivido muito mais tempo ainda.

—Um periodico belga refere ter fallecido em Autuerpia um rico cidadão, natural de Liege, que foi casado com treze mulheres. Sua primeira e segunda esposas eram viúvas, e as outras solteiras. A mulher que lhe viveo mais tempo foi a nova, que morreo aos cinco annos de casada. Cinco das outras falleceram aos oito, onze e dose meses. Deve-se notar que este temivel marido tinha viajado muito pelos desertos, onde tambem podia ter contrahido alguns laços matrimoniaes.

—Um dos mais ricos e elegantes da aristocracia franceza relacionou-se com uma linda artista italiana, por nome Brambidella; pouco tempo depois a abandonou. A joven italiana soube occultar o seu despeito, mas não renunciou a sua vingança; e passado tempo, seu ingrato seductor a vio n'um baile em Roma mais bella e mais risonha que nunca; aproximou-se, e Brambidella deo-lhe a mão a beijar, para lhe mostrar que nenhum resentimento guardava. O joven elegante não reparou porem no anel que a artista tinha em um dos dedos, o qual encerrava um desses venenos terriveis, que matam a quem os aspira. Dous dias depois Brambidella estava vingada. Seu antigo amante jazia no Cemiterio.

—E' bom ser anaõ—O celebre anaõ Tom Pouce, cujo lindo retrato já se acha exposto ao publico, chegou a Marselha, donde, segundo se afirma, passará a Bar-

cellona e Madrid. Um periodico francez refere que na occasião que Tom chegara a Marselha, vendo seu tutor, homem bastante alto, o grande concurso de gente que se apinhava á roda do bello anaõ, de maneira que não podia elle desembaraçar-se, agarrara nelle com uma mão, e o metterá n'um bolso do paletó, podendo assim subtrahil-o á importunidade das curiosas.

—*Descoberta litteraria.* O director da bibliotheca ducal de Florença acaba de achar naquelle estabelecimento um manuscripto, que contem a maior parte de um poema epico de Ariosto, de cuja existencia não havia noticia, e que tem o titulo de *Reinaldo o Atrévido*. Esta obra compõe-se de dose cantos, dos quaes falta o primeiro, e principio do segundo e sexto. S. A. o grão-duque de Toscana mandou que se imprima e publique o manuscripto por conta do governo, e que se remetta um exemplar a todas as grandes bibliothecas da Europa, afim de que os bibliotecarios possam proceder á averiguações para encontrar o que falta.

—*Exageração*—Até aqui os Andaluces tinham fama de exageradores, porem os Inglezes parece que tem disputar-lhes nisto a primazia. Num dos periodicos de Londres para se exaltar a admiravel habilidade de um organista, se lê que uma pulga ao passar pela porta de um templo em que o dicto organista executava uma das suas mais bellas inspirações, cheia de respeito e de praser, entrou na igreja, ajoelhou sobre as suas patinhas, e nesta postura ouviu silenciosa as melodias do orgão. O jornalista não declara se a pulga applaudiu o artista.

—Não ha muito que aconteceu em França um desses terriveis crimes que recordam as vinganças de Nero. Um homem, chamado *Civier*, fez perecer sua esposa, e sua sogra, incendiando a casa em que habitavam. Condemnado á morte este grande criminoso, disse aos juizes estas palavras: «É verdade, quiz dar-lhes a morte para gosar de um grande espectáculo; para isso incendiei a casa em que viviam, e em quanto o fogo abrasava suas paredes, fui para certa distancia contemplar d'alli aquelle quadro magnifico. O somno se apoderou de meus sentidos, e sonhei que me havia vingado; ao acordar vi que o sonho era uma verdade, minha mulher adúltera e sua mãe haviam sido devoradas pelas chammas.

—*Revista Therapeutica.*—Acção do assucar sobre o dentes.—Mostra-nos a observação.

—1.º Que o assucar refinado, seja de canna seja de heter raba é sempre prejudicial aos dentes, mais pelo contracto immediato com estes orgãos que pelo desenvolvimento do gaz que tem logar durante a sua demora no estomago.

—2.º Se macerar-mos um dente em um soluto saturado d'assucar altera-se elle por tal modo em sua constituição chimica, que se transforma em substancia gelatinosa, ficando *opaco o seu esmalte*, sponjoso, e delin-do-se com a maior facilidade.

—3.º Não existindo no assucar acido algum livre, não póde por conseguinte ser este causa d'esta modificação, mas deve ser antes ella devida a tendencia que tem o assucar a combinar-se com a base calcarea do dente.

—4.º Se o esmalte do dente não for atacado no mesmo gráo que o parte ossea d'este mesmo orgão, rasaõ é que o phtorureto de calcium resiste mais que o sulfato de cal á acção dos reagentes chimicos.

INDICE.

O Irmão e a irmã.....	Pg	69
Os tumulos—Meditação (Poesia).....	•	75
Empréstimos publicos.....	•	76
Retrato (Poesia).....	•	79
As Rouxinel—Vi Harmonia (Poesia).....	•	80
A Torre de Verdun.....	•	81
M. de Lamartine.....	•	85
Variedades.....	•	88



AVISOS.

—A publicação do *Archivo* será mensal; sahirá á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte a vinte quatro paginas de impressão cada numero; comprehenderá duas secções, uma de litteratura, e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da Sociedade.

A Associação Litteraria Maranhense offerece as columnas do *Archivo* ás pessoas que nellas quizerem imprimir alguma obra respeitante á instrucção, moral, e recreio, sendo approvada pela Commissão Revisora.

Subscreve-se para este Jornal, nesta Cidade em casa do Editor, Travessa do Sincero n.º 4; e em casa dos membros correspondentes, em A'cantara Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupá, Padre Manuel Altino Barbosa, e Antonio Joze de Carvalho Pires Lima; no Meirim, Tenente-Coronel Manuel Lourenço Bogéa; no Codó, Raymundo Joze de Souza Gayoso; no Itapucurú-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova; em Pernambuco (Olinda) Joze Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Joze d'Abrão; no Pará, Joaquim Correia de Magalhães, e André Curcino Benjamin, em Bragança na mesma Provincia, Padre Manuel Joze da Malta; e no Piahy (Pety) Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

PREÇO.

Por anno, 12 numeros—4\$000 }
Por semestre, 6 dictos—2\$400 } pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.

Para o interior, e fora da Proviucia 5\$000 por anno.

O CREPUSCULO.

Subscreve-se para O CREPUSCULO, periodico instructivo e moral do Instituto Litterario da Bahia, publicado duas vezes por mez, em casa do Membro correspondente daquelle Instituto, nesta cidade, Augusto Frederico Collin, Travessa do Sincero n.º 4. Publica-se no dia 10 e 25 de cada mez, constando cada numero de 16 a 20 paginas, formato pouco mais ou menos como o do *Archivo*, nitidamente impresso Preço d'assignatura 3\$000 reis por semestre.

1 8 4 6

J U L H O = N.5

O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

JULHO 31—1846.—VOLUME 1.^o—n. 5.



COLLABORADORES.

Illms. Srs.

Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
A. Curcino Benjamin.
Dr. A. Carneiro H. de Sauto Maior.
Dr. A. Gonçalves Dias.
A. Henriques Leal.
A. B. de Torres Bandeira.
Dr. Antonio Rego.
A. C. dos Reis Raiol.
A. Frederico Colln.

Illms. Srs.

Dr. F. José Corrêa.
Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
J. Teli Ferrão.
J. J. Ferreira Valls.
M. J. Pereira.
M. Benicio Fontenelle.
Dr. F. A. de Carvalho Reis.
Dr. R. J. Faria de Mattos.
R. Augusto Colln.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO, CASA N. 10.

DEBESSE POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros effectivos e funcionarios.

Presidente—	Ilm. Sr. Dr. Meyrinho Machado de Carvalho Leal.
Secretario—	» » Augusto Frederico Colla.
Commissão Revisora	» » Augusto Cesar dos Reis Rabel.
	» » Antonio Domingos Leal.
Thesoureiro	» » Joze Teófilo Faria.
Editor	» » Roberto Augusto Colla.
	» » Dr. Antonio Gonçalves Dias.
	» » Dr. Antonio Bago.
	» » Luiz Antonio Vieira da Silva.

Membros Honorarios.

Ilms. Srs.

Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.
Dr. Antonio Carneiro Homem de Souto Valor.
Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreu.
Dr. Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.
Dr. Domingos Joze Gonçalves de Magalhães.
Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira.
Dr. Francisco Joze Furtado.
Dr. Frederico Joze Corrêa.
Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.
Dr. Isidoro Emilio Baptista.

Ilms. Srs.

Dezembargador João Cândido de Deus e Silva.
Dr. Joze Hermenegildo Xavier de Moraes.
Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
Dr. Joze Ricardo Jauffret.
Conego Luiz Barroso de Bastos.
Dr. Manuel Jansen Pereira.
Dr. Pedro Nunes Leal.
Dr. Raymundo Joze Faria de Mattos.
Dr. Tiberio Cesar de Lemos.

Membros Correspondentes.

Ilms. Srs.

Capitão Alexandre d'Aratijo Costa.
Alvaro Duarte Godinho.
André Curcio Benjamin.
Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.
Antonio Batzel de Torres Bandeira.
Padre Camillo de Lellis Henriques Paccira.
Cypriano Ferréan Guades Alencorado.
Estevão d'Albuquerque e Mello Montenegro.
João Pedro dos Santos.

Ilms. Srs.

Joaquim Corrêa de Magalhães.
Joze Joaquim Ferreira Valle.
Padre Manuel Atino Barbosa.
Padre Manuel José da Motta.
Ex-celente Coronel Manuel Lourenço Bogéa.
Dr. Pedro Joze d'Almeida.
Raymundo Joze de Souza Gayoso.
Thomaz Ferreira Guterres.

LITTERATURA CONTEMPORANEA.

RUSSIA,

Ponchkine—Lermentoff—Gogol.

—Tomando-se em sua legitima accepção, a litteratura na Russia conta apenas quarenta annos de existencia; entretanto o movimento litterario remonta ahí á um seculo. Até ao reinado do creador do Imperio Russo—Pedro o Grande—a mór parte dos poucos livros que a Russia possuía versavão sobre assumptos religiosos, e erão escriptos em Slavo, ou antes em um dialecto do antigo Slavo, tal como o da traducção dos Evangelhos, modificado por influencia das linguas latina, polaca, e o Russo vulgar: este dialecto tornou-se, como o Sanscrito no Oriente, a lingua dos sabios, a *lingua dos livros*; e dormia nos tabernaculos, e bibliothecas, em quanto que a verdadeira lingua russa, a que vivia na boca do povo, essa nenhuns monumentos litterarios possuía, senão os antigos selãos, e os contos do lar guardados fielmente pela tradicção.

Pedro Grande fez triumphar a lingua vulgar, a lingua do povo, mas a expressão de uma vida, que elle ia completamente mudar, não se achava ella ao nivel dos novos elementos introduzidos na sociedade: ignorando suas riquezas naturaes, e carecendo de innumeraveis palavras tornadas necessarias com as coisas, appareceu na lingua russa uma confusão horrivel, porque houve uma irrupção de palavras e phrazes allemans, turcas, francezas, e hollandezas: desfigurárão-se completamente o dialecto dos livros, e a lingua viva—a do povo—; e durante esse conflicto dos elementos, de que mais tarde se formou o russo actual, não era possivel haver litteratura; cria-se um imperio muito menos difficil e lentamente do que uma litteratura, e por isso a Russia só dez annos depois da morte de Pedro Grande produziu Lemonosoff, primeiro escriptor digno deste nome. Não é nossa intenção avaliar aqui os serviços, e a influencia deste homem verdadeiramente notavel, que seguiu exactamente as pegadas do grande Czar, o qual imitando fez-se creador a custa do muito bom senso, ouzadia, tenacidade, e fé em si e em seu povo; pretendemos somen-

te observar que o interesse deste primeiro periodo do desenvolvimento intellectual na Russia não consiste no merito litterario das obras desse tempo, que não passarão em geral de fracas imitações do que se escrevia na Europa, mas sim no rapido aperfeiçoamento, ou melhor, na criação successiva da lingua. Todas as litteraturas dos outros povos da Europa havião produzido obras primas antes da fixação definitiva da lingua russa: e de feito na Europa em cada nação a necessidade de reproduzir os factos, as ideas, as crenças, e as formas da sociedade—a vida humana em uma palavra, esta necessidade, fonte de toda a arte, e de toda a sciencia, fôra sem interrupção sentida sempre.

Sob a influencia da antiguidade á que estava encadeada, atravez dos seculos da barbaria, a vida da Europa Occidental, na infancia das linguas, e da arte, a palavra soube achar accentos energicos, e sublimes, e a mão fórmas verdadeiras e bellas—é porque no Occidente existio sempre—Sociedade—Na Russia pelo contrario afóra os contos e canções populares, nunca se havia manifestado esta necessidade de reproduzir-se a vida nacional; a arte antes de Pedro Grande para lá ia da Italia ou de Byzancio: é porque a Russia apenas existia como povo, e nunca como sociedade. Constituida a nação devêra de obedecer aos grandes destinos que a aguardavão, mas antes de começar o seu movimento, e de caminhar em todas as direcções, era mister que alguns trabalhos preparatorios lhe dessem á ellas a consciencia de si mesma: isso porque na historia politica da Russia as conquistas territoriaes precederão o desenvolvimento social e administrativo; eis porque na sua historia litteraria a formação e o aperfeiçoamento da lingua devêra de preceder á sua litteratura verdadeira.

A lingua Russa está ainda longe do ponto de perfeição, entretanto chegou hoje a um grao de precizão, e universalidade necessario para o escriptor poder formar um



estilo, e o leitor reconhece-o, e avalia-o.

Ao alvorecer do seculo actual appareceu um homem de gosto e de talento—Karamzine—(1) historiador que arrancou da proza russa os pezados tropeços que a embaraçavam; e alguns annos depois—Jonkofski—poeta gracioso, e dotado de fino sentimento muzical prestou os mesmos serviços á poezia: entretanto despidos inteiramente de originalidade, elles ambos não fizeram senão traduzir, e imitar. Não está longe o tempo em que só interessará ao philologo, e ao historiador esta epocha da litteratura russa, que coroa Karamzine e Jonkofski; exceptuando-se com tudo dois escriptores de primeira ordem—Derjavine, (2) natureza imminantemente poetica, audaz, e forte, cujos escriptos respirão todos o genio conquistador do reinado de Catharina, mas peado pelas mesquinhas fórmulas da poezia desse tempo, succumbe muitas vezes á diffi-

(1)—Nicolló Mikailowitch Karamzine nasceu em Simbirsk em 1.º de Dezembro de 1766. A penas appareceram os seus Ensaes Historicos em 1803 acollidos com muito favor, o Imperador Alexandre conferiu-lhe o titulo de Historiographo da Russia. Karamzine, honrado com o titulo de Conselheiro de Estado, tratado pelo Soberano com a mais nobre magnificencia, morreu a 3 de Junho de 1826, deixando imperfeita a segunda parte da sua obra, com que elle chegára á elevação da casa de Romanof. Com as notas recolhidas por elle. Bladof, depois Ministro do Imperio, concluiu esta obra, que chega ao anno de 1618, tempo em que, pelo Tractado de Stolbova, podemos dizer que a Russia foi admittida á grande Associação Diplomatica dos Estados Christãos da Europa. O Imperador Nicoláo, Successor de Alexandre, sentindo tão vivamente como seu irmão que nova e alta gloria cabia a Russia da Historia de Karamzine tratou-o com magnificencia tal, que de outro historiador não ha exemplo na Historia. Durante a sua enfermidade o Imperador o alojou no seu Palacio de Tauride, cercado por um vasto jardim, onde elle podesse respirar o ar livre dos campos e consignou-lhe 50:000 rublos (*) para que logo que a sua saude lho permitisse, viajasse elle pelo meio da França, para onde o devia transportar uma Fragata da Marinha Imperial, e para que depois da sua morte a sua familia não soffresse privações com a sua falta fez-lhe doação de outros 50:000 rublos que lhe deverião ser pagos até ao tempo em que o seu filho mais novo perлизesse a idade de vinte annos. Um character generoso, maneiras cheias de dignidade, uma grande fidelidade para com as suas affeições—uma grande sympathia com tudo que em brece o espirito ou que dissesse respeito a prosperidade da Russia—constituirão Karamzine o centro de uma sociedade influente e escolhida, cujos membros sobreviverão ainda hoje conservam a memoria deste grande escriptor com tal respeito e ternura, que muito se assemelha a veneração.

(2) Gabriel Romanovitch Derjavine nasceu em Kasan a 3 de Julho de 1743. Entrou ao principio para o serviço militar, alistando-se como simples voluntario, e distinguindo-se sobre modo em 1774 contra o rebelde Pougatchef. Neste mesmo anno principiou elle com os seus estudos sobre o Direito Civil, e pela sua vasta capacidade elevou-se em poucos annos aos mais altos

(*) Cada rublo importa em 600 reis da nossa moeda.

culdade de manejar sua lingua rebelde; Kriloff—(3) o La Fontaine Russo personificação bem acabada da bohomia perspicaz, e do bom senso malicioso dos Slavs. A verdadeira litteratura nacional na Russia data de Alexandre Pouchkine, e depois d'elle só tem apparecido dois talentos superiores—Miguel Lermontoff, e Nicolao Gogol.—

Perido no meio de sua carreira por uma deploravel morte (em 1837), Pouchkine começa agora a gozar de nomeada fórra do seu paiz, porem ainda bem longe de ser apreciado em seu justo valor: apenas se conhecem os seus primeiros poemas escriptos sob a influencia de Lord Byron: as duas melhores de suas obras, o romance em verso—Eugenio Oniguine—e o drama—Boris Godounoff—estão traduzidos somente para o Allemão, a cujas traducções bem se pode applicar o dito italiano—traduttore, traditore.—

Nas obras conhecidas de Pouchkine a forma se resente da imitação dos modelos estrangeiros: mas o fondo, o character, a alma de tudo quanto elle produzio é eminentemente russo, e porisso existe uma sympathia profunda entre o povo russo, e Pouchkine: muito de proposito dissemos—povo—porque não ha um só russo que não saiba de cór os valentes e harmoniosos versos de Pouchkine,—do primeiro poeta nacional da Russia.

Não ha em sua poezia uma tendencia pronunciada, e systematica; é a expressão espontanea de uma alma sensivel e generosa, e sobre tudo russa, russá por toda a

parte e sempre, em sua maneira de sentir, de pensar, e de amar.

Nomeado Thesoureiro Geral em 1800 e dois annos depois Ministro da justiça, retirou-se em 1805 da vida politica para applicar-se exclusivamente ás Musas: chegando a ser classificado um dos primeiros Poetas da Russia. As melhores das suas Poemas são duas edes—uma—A Deus, outra—A Cascata—A primeira foi traducida para o latim por Czernsky, e para o Chinez por ordem do Imperador do Celeste Imperio, que a mandou imprimir sobre uma tea de seda em caracteres d'ouro, e collocar ostensivamente em uma das salas do seu Palacio. Derjavine morreu a 8 de Julho de 1816 nas suas terras de Svanka perto de Novgorod; escreveu algumas obras em proza, que denotam muita fecundidade de espirito e algumas composições dramaticas habilmente concebidas.

(3) Ivan Andreievitch Krylof nasceu em Moscow a 2 de Fevereiro de 1768. A ambição modesta desta litterato, tam distincto pelas suas obras, como pelos seus sentimentos, foi amplamente satisfeita com o cargo de Bibliothecario em St. Petersbourg, e com o titulo de Conselheiro; depois foi tambem nomeado Membro da Academia da Russia. A melhor das numerosas edições das suas obras é por certo a que em 1825 foi extrahida em Paris pelo Conde G. Orloff—com duas traducções á par do texto, uma em Francez—outra em Italiano. A traducção de cada Fabula é assignada por um nome distincto em ambas estas litteraturas—Honra pouco vulgar que denota o merecimento das composições de Krylof.

POESIA.

Amor e Saudade.

CANÇONETA.

Uma flor mais delicada,
Que a virginea linda flor
É a que viceja e brilha
Na primavera de amor:

Nasceu casta, e casta existe,
Tem aroma e frescura,
De bellas cores se adorna,
Veste as galas da candura:

Sorriso-se na madrugada,
As outras flores a viram,
Invejaram-lhe a belleza,
E de rubor se cobriram:

Mas a flor singela e meiga
As outras se dirigio,
É um beijinho mui suave
Em cada uma imprimio:

Aviêlta accitou-o,
Respondeo-lhe com um gemido,
É a flor que as outras excede
Esse gemer foi querido:

A mesma resa que intenta
Nos vergeis ter primazia,
Encarando-a mudamente
Abaixou sua ufania:

O lyrio, a flor que desdenha
De quantas ha no pomar,
Em resposta á gentilsinha
Achou melhor se calar.

Foi assim que a natureza
Produzio o terno amor:
E das flores da innocencia
A mais casta e linda flor.

Porém se as irmãs queridas
Em nada a podem vencer,
Só uma dellas—mimosa—
Fôde seus dous merecer,

Avieludada saudade,
A flor da ausencia e tristesa,
Tambem possui mil encantos,
Tem ternura e tem belleza.

Nasceram ambas n'um dia,
Ambas poderam crescer,

parte e sempre, em sua maneira de sentir, de pensar, e de amar.

Sentimento profundo, e verdadeiro, sem exageração nem esforço; colorido seguro sem profusão, nobre simplicidade; e sobre tudo carencia do amor do eu, esse amor que tão fastidiosamente se ostenta em tudo quanto se escreve hoje: eis os distinctos caracteres de sua musa: Pouchkine não arrebatava o leitor pelas ideas grandes, e magnificas descrições, mas abre, e revela o coração, e o espirito do Russo: verdadeiro poeta, na singela accepção desta palavra, elle sabe gravar em seus escriptos a expressão altamente poetica da vida russa, de suas alegrias, e de suas dores: ha na collecção de suas poezias tal pequeno trecho de versos que russo nenhum poderá ouvir sem uma sympathica emoção: nella nada ha de extraordinario, de imprevisito, de fantastico, de exclusivamente pessoal: Pouchkine viveo a vida que todos vivem, e exprimeo o que por todos era sentido. A falta de originalidade egoista, e de cór local o pode fazer parecer um pouco descorado aos estrangeiros que o não lerem em seu idioma: e na verdade Pouchkine não é desses grandes poetas de todos os tempos, e de todos os paizes, desses talentos excentricos que em toda e qualquer traducção conservão o cubro de sua originalidade. Não obstante, Pouchkine é digno por certo de ser conhecido de todos, e temos a profunda convicção de que—Eugenio Oniguine—e alguns dos seus romances, sobre tudo a admiravel—Filha do Capitão—muito agradarão aos leitores, e estes não poderião deixar de tributar suas sympathias áquelle talento firme, ardente, livre, e verdadeiro. Uma morte violenta, e prematura acabava de roubar á Russia o seu poeta, quando appareceu na scena litteraria um rival digno de Pouchkine—Miguel Lermontoff; porem roubado á Russia ainda mais rapidamente que o seu antecessor, Lermontoff, cujos primeiros ensaios apparecerão em 1839, succumbio' deus annos depois, como Pouchkine, em um deplorable duello.

Alguns de seus romances estão traduzidos para o Francez por um seu compatriota, entretanto é na poezia que é mister buscá-lo, e estudá-lo porque foi na poezia que elle se revelou.

(Continua.)

Inseparáveis existem,
Só assim haõ de morrer.

Eu prefiro a todas ellas
A que gera e inspira amor,
Seus effeitos saõ mui doces,
Possuem aroma e sabor:

Mas, se longe de quem amo
Sou condemnado a viver,
A saudade só procuro,
Com ella quero morrer.

Naõ viceja em chaõ esteril,
Nem juncto de penedia;
Apraz lhe um lugar bem ermo,
Uma passagem sombria:—

Se um regatinho deslisa
Pela sua habitaçaõ,
Naõ engeita os seus carinhos,
Nem a sua fresquidaõ.

Quando a noite rebuçada
Nos bosques entrando vem,
E resõa o sino fúnebre
No campanario d'alem;

Quanto é doce n'alameda
Ir colher meiga saudade!...
Quem tem amor sente o peito
Palpitar de anciedade.

Busquem outras flores bellas,
Queiram antes o jasmim,
Só quero a flor da innocencia,
Esta só é para mim.—

Doce amor que tudo vence
Escolheo triste saudade:
Haverá quem naõ a estime
Se tem no peito a amisade?...

Eu prefiro a todas ellas
A que gera e inspira amor;
Seus effeitos saõ mui doces,
Possuem aroma e sabor:

Mas, se longe de quem amo
Sou condemnado a viver,
A saudade só procuro,
Com ella quero morrer.

Feita em Olinda, em 10 de Junho de
1845. (San'Bento.)

A. R. de T. Bandeira.

A POBREZA.

Que uns vivam cheios de mimos e con-
solacões do ceo: outros andem sempre
descosolados, famintos, e desfavorecidos
d'elle...

Fr. Luiz de Souza.

— Ricos da terra, vós que gastais super-
fluamente vossas vidas e haveres em ban-
quetes e festins, e que nunca tenceis uma
lagrima para consolar o desgraçado, fazei
por conservar-vos no pinaculo da grandeza
e da pompa, para não virdes os antrajos
da miseria, nem vos abysmardes na pro-
fundidade da indigencia.

Vós que nascestes na riqueza, vos cri-
astes na opulencia, e viveis na abundancia,
não conheceis as precisões do pobre. A
vossa existencia corre alegre e feliz—vossos
dias passam-se com rapidez e folgança—o
mundo vos accumula de prazeres e encan-
tos, e só encontraes obstaculos aos vossos
gozos, quando a carreira dos vossos dias es-
tá finda, e o tumulto vos chama—para dor-
mirdes o somno de repouzo eterno.

O viver do desgraçado e do pobre pe-
rem é uma cadeia, cujos elos são forma-
dos de angustias e pezares: cuja felicidade
é a campa, em que para sempre descança das
fadigas do dia, e das vigalias da noite.

Se tivesses diante dos olhos as scenas,
que de continuo se passam no centro de
uma familia indigente, cuja unica riqueza
é a honra:

Se houvesseis presenciado os sofrimen-
tos que resignado supporta, para se conter
nos limites da probidade:

Oh! certo: vos condoerieis do pobre,
lhe mitigarieis as dores, e com elle repar-
tirieis o vosso ouro.

Apartai-vos por um pouco dos salões
dos bailes, que doiram a enganoza vida, que
viveis—deixai por instantes a brilhante e
lisonjeira companhia, que incessante vos
rodea—encai o pobre, que vos esmola o
pão, e então conhecereis a compaixão, que
enfunde o desgraçado: as palavras arranca-
das dos seios da alma pelo impulso da ne-
cessidade impressionam tanto os espiritos,
quanto as lagrimas do fingimento e da hy-
poerizia nos agastam e aborrecem.

Se um pae de familia, cujo pelo peso
das fadigas, acabado pelos infatunios da
sorte, sem descançar, trabalhando para com
o suor dos seões alimentar seus filhos e
espoza, vos estendesse a mão, para o soc-

correrdes—se houvesseis envergado a fugi-
tiva lagrima, que vinda d's escaninhos
d'alma involuntariamente se deslizasse pelas
faces magras e macilentas:—se o houvesseis
visto tirar do seu alimento o pouco pão,
que para si ficara, para saciar a fome dos
seus; e entregue ao desespero da necessi-
dade mirrar-se á mingoa de sustento: vós
vos votarieis a auxiliar a pobreza, e a me-
lhorar essa classe tão infeliz.

Se passados annos, quando o vigor da
juventude é enfraquecido pelo quebranta-
mento da velhice, — quando a nitidez do
rosto é substituida pelo franziõ das ru-
gas—quando o ardor das paixões se apaga
com o gelo das cans, o encontrasseis á por-
ta dos vossos palacios, expostos aos ardores
do sol, e aos ditos dos vossos servos, ás
intemperies da atmospheria, rachitico, ardendo
com a febre da desesperação, mendigando
aos que transitam, por amor de um Deus,
que nos rege, uma esmola, afim de conser-
var os poucos dias, que lhe restam, até que
a breve morte lhe arranque os ultimos in-
stantes de vida, que aloda lhe anima o inerte
corpo: — até que este na triste habitaçaõ
dos finados va repouzar de tantos tormen-
tes, que em todas as estações da vida cur-
tio—até que sua alma, acrysolada pela re-
signação e paciencia, suba á uma morada,
aonde só existe innocencia e pureza— se o
escutasseis nas suas necessidades e preci-
sões, doer-vos-hieis do pobre desamparado.

Estes males e dissabores que o vexa-
ram, que o affligiram, que o envelhecera
antes do tempo marcado pela idade, já pas-
saram: porem os que se seguem delles: os
que esperam pela geração do pobre—do ana-
thematisado da fortuna—oh! esses são in-
numeraveis—esses são pavorosos.

E os homens que dirigem o leme dos
Estados nem um volver de olhos para uma
classe de homens, tão digna de compaixão,
e que de tantos soccorros carece!?

E os sabios, que tantos projectos ofe-
recem para o melhoramento da sociedade
nem uma palavra a prol dos necessitados!?

E os ricos, que superfluamente gastam
suas riquezas, que edificam sumptuosos pa-
lacios sem provicito... por vangloria, nem
uma esmola á pobreza!?

E são estes os directores da Sociedade!?

E são estes os amigos dos homens!?

E são estes os possuidores das rique-
zas da terra!?

E são todos estes os chamados philan-
trops!

.....
Sim, os males que se derivam do que
soffre o pae da familia pobre, tornam-se
mais terriveis, porque como por contagio,
percorrem os membros da casa.

Que fará um pae a favor de um filho,
se o que lhe dá o trabalho, é insufficiente
para o sustento da familia.

Que educação dara aos seus, se não
depara meios, e nem o Governo, sob cuja
egide se defende, lhos não subministra?

Que soccorros prestará um filho a bem
de seus paes, se seu trabalho é fraco e
debil—se o Estado o não auxilia!

Lançam-se no caminho do vicio e do
opprobrio, e no patibulo ou nas gallés vão
acabar seus dias.

.....
O ancião que na flor da idade consumi-
o seus dias debaixo do pezo das lidas
e das fadigas, cuja cabeça branquejou au-
tes de tempo, e que encontrastes com a
veneranda calva, exposta ao ar: qual árvore
ressequida pelo gello da velhice, mirra-se,
e pouco e pouco diffinhe-se, exhalando o ul-
timo clarão de vida, que ainda o alenta-
va. Porque é pobre, não ha um sacer-
dote, que lhe encomende o corpo—nem
um coveiro que dê sepultura a seu cada-
ver—Os proprios filhos enterram-no, e cho-
ram a sua perda.

Quando a fome os instiga, abraçam-se,
e por uma vez se despedem.

Uns vão associar-se a um pugillo de
ladrões, que lhes estende os braços, e os
recebe: e em fler acabam seus dias sobre
o cadafalço dos assassinos.

Outros vendem suas vilas e liberda-
des á um Governo, que bem mal renume-
ra seus serviços—e quanto o campo das
batalhas o ha impossibilitado de prestar uti-
lidade e desampara aos caprichos da sorte.

A filha, joven e bella—cheia de vida
e mocidade—a quem o mundo em seus so-
nhos de mininice apresentava quadros tão
prazanteiros, e aquem os dias puros como
o arrebol de estiva manhã se passavam ale-
gres e contentes, porque não avaliava as
necessidades, vai ser victima da seducção
e do engino.

Apresenta-se-lhe um abastado—offere-
ce-lhe um futuro, qual em sua phantazi ha-
via imaginao—l vanta-a do abysmo da hon-
rada pobreza, e colloca-a na summitade da

prostituída grandeza—deshonra-a—e quando seus desejos estão saciados, despresa-a, e a deixa entregue aos remorsos e a dor—Até então sua vida lhe parecia um sonhar delirioso, porque o fogo das paixões havia obumbrado a luz da razão—quando porem se vê isolada no mundo, chovendo-lhe de todas as bocas anathemas e improperios—quando todas a fogem... a repellem—ai da misera! Então rasga-se a funesta venda, que a separava da cruel realidade: acorda do delirio, que a embriagava: e conhece o horror da sua triste situação—Desfinha-se em lamentar seu estado, e cedo vai ao tumulto visitar os seus maiores.

E que dizeis das scena, que vos tracei: Não são brincos de imaginação—são factos que diariamente se presenciavam.—
Reparti com o pobre as riquezas, que possuis, que assim obedecereis aos preceitos do Deus, que vos criou, e granjeareis seus corações.

Olinda 22 de Dezembro de 1845.

J. J. Ferreira Valle.

O SOMNAMBULO.

(POR A. DE VIGNY.)

Vede em espirito estas feridas: quando dormimos, o espirito tem olhos, e quando vemos est' cego.

Eschyle.

•Pois já, meu caro esposo, me abandonas?
Pois a aurora já luz?—ainda eu vejo
A luz a derramar pelo alabastro
Seu morbido clarão, incerto lume.
Toda reina nos céos escura a noite.
A clepsidra, vê lá, não deo tres horas;
De tua Nera em braços te repousa;
Reclina-te em meu seio •

Mas furtivo

Elle do cburaco leito se resvala,
E cauteloso a lampada pegando,
A vacillante luz co'a mão ampara;
O alvo corpo nú, caminha lento.
Os olhos espantados, murmurando:

— Lá diviso a perjura... cessa a festa...
Aos manos um altar... mas pelas fronte
As ramas dos cyprestes se entrelacem.
Abri, abri o tumulo... Quem desce? •

Nera entretanto tremula se arrasta,
Esparsa a coma, ajoelhada:

• Espera,
Escuta, amigo, os nunes te perseguem,
Por piedade, p'ra mim teus olhos volve;
Olha, vê, tua esposa lacrimosa;
Mas tu foges, cruel; as minhas voses
Por teus gritos expiram suffocadas.
Perdoa-lhe Morpheo, Phebe perdoa-lhe.

— Irei... irei feril-a... a espada empunho.
Todos dous... Pollião... joven romano...
Oh deuses!— não resistes, ainda è fraco!
Apenas louro buço ao labio aponta...
Que laxo eacuntador o amor corôa...
O manto retirar, não vejo sangue. •

• Caro amante, He volve a esposa afflieta,
Se dos maternos lares me roubaste,
Tremula, porem cumplice, se os votos
Accenderam de hymen sagrados factos...
Por esse puro amor de novo juro,
Por Vesta, por Cybelle, cujas aras
Abraço reverente; affecto estranho
Jamais do antigo amor quebrou protestos;
Jamais, co'a agulha pudica, Penelope
Guardou, tam para e casta, a fê jurada.
Pollião onde está? •

— Pelos cabellos
Seguro-te, infiel... lagrimas, juras
Despreso. Morrerás, Coriuna... •

• Oh Ceos!
Não sou eu, minha mãe, quem ama o ingrato.
A tua maldição, qual nune em cholera,
Nos tem inexoravel perseguido.
Oxala, minha mãe, eu te escutára!
A espada não fujo; fere, fere...
Vivido tenho assaz, de mim zombaste.
Meu sangue corre, barbaro... Recebe
O meu extremo adeus:—aos Ceos prouvéra
Que jamais acordasses... •

— Justos Deuses!

A. F. Colin.

O ATHEO, E O HOMEM RELIGIOSO.

—De todos os erros que se apoderam do entendimento humano não ha um que seja mais terrivel aos olhos da sã philosophia, e que produza no meio da sociedade consequências mais assustadoras do que o atheismo. Para todos os desvios do razão, contiguo a si mesma no fogo da sua effervescencia calorica ha quasi sempre um pretexto que os pôde desculpar, ha quasi sempre uma idéa que o espirito concebe como capaz de minorar a sua gravidade: encontra-se ordinariamente na boca do criminoso uma palavra que serve de excusa aos seus funestos desagravantes. Mas para colorar este erro enorme, para fazer encardir de um modo menos deslavoravel e prejudicial, ainda se não deparem com um argumento que plante no fundo d'uma a convicção—He a esses legares em que se proclamam as leis mais sagradas da natureza: percorrei esses retiros tenebrosos onde se fogem os projectos mais offensivos da moral politica; se sãis conduzidos pelo espirito de boa fé, e amor da verdade, achareis a cada passo homens que tudo sacrificam ao instincto de suas paixões violentas, que se atrevem a praticar tudo, mas que para tudo encontram—ou creem encontrar—um pretexto que os desculpe. A quelle, porém, que se affasta dos seus semelhantes, e vai com uma vista espantadiga e feroz cerrar-se nos estreitos limites de um gabinete escuro, para não ouvir o som despertador das preces que o povo envia ao Eterno, ou que busca—em vão!—enunciar ao pensamento profundo que reina no espirito de todos, não achou nunca, nem poderá nunca achar, um echo na voz de toda a humanidade, que sabe que existe porque ha um Ente que a criou.— Não é, por certo, a convicção que vai infundir no seu coração essas idéas de terror e de espanto;—o seu coração já se acha empedernido pelo embate revolucionario das negras paixões, que nelle fervilham.— Não é a convicção, porque a convicção nasce da fé, e a fé só a tem o que cre, o que adora:—é a irresolução, a indifferença, o semino lethargico, que desconhece a paz, porque gera o desassociego.— Um homem tal é uma estatua de pedra collocada pela sorte no altar do tempo, mas que não tem movimento, por isso que é a copia, a forma do que já passou:—e uma mentalia esteril,

cercada de urzes e de espinhos, sem uma hervilha, ao menos, que lhe mude a aridez. Elle colhe uma flor, contempla-a mudo, admira, talvez, a delicadesa dos seus matizes, a vivacidade das suas cores; e quando quer passar desse pensamento e concentrar-se n'outro mais visto, forçá per expulso de si, e quando o expulso grita que *nao existe Deus!*

Elle busca inquieto os crimes mais inaccessiveis, as solidões mais profundas, crusa immensas florestas; e em toda a parte o seu espirito sente o pezo de uma idéa grave para elle: encolhe-se no manto da indifferença, e cerra os cuidados á vez da religião:—então elle exclama—“*Nao existe Deus!*”— exclama, e a consciencia sente logo passar o aguilhão do remorso que de todo a trasna: a consciencia não trafica com o crime, porque nella quiz o auctor da natureza collocar o throno de seu culto que e sempre puro e divino.—De-cortina cile o mar? observa as suas ondas n'um barulho contínuo sobre a arêa que lhes quebra as fúrias? Ouve o sem ruído da tempestade com todo o seu estandarte de raios e trovões? Temeroso se agita, quer esquivar-se ao impulso da natureza: mas quando poderia estar mais perto da crença se para elle ainda a podesse haver—fecha os olhos á luz, e já não existe Deus!—

—Systema fatal!—

Apparece na sociedade um homem deses, e ella tem de soffrir um mal procladissimo. Se elle falla, as suas palavras truncadas, e sempre comprimidas nos labios, annunciam um estado de tumulto, de discordia entre as faculdades mentaes; um estado em que tudo é horror e morte: se elle obra, a sua liberdade se desvaira, as suas acções são crimes, e os seus crimes são horribéis.—Vede-o quando caminha nas praças publicas: não tem o ar venerando do honco probro, do cidadão siso, tem, pelo contrario, uma palidez eterna impressa na sua fronte; o silencio marcha a seu lado, a inquietação pinta-se em todos os traços do seu rosto, o terror o assalta a cada momento, luctam dentro do seu coração as paixões e a razão, tudo é tenebroso em torno delle, e em parte nenhuma a paz o acompanha. A procladade esta distante da sua habitação, e nella a heura jamais se poi-

zará um só momento. Se houve antigamente uma sociedade de homens taes, cujas vidas passavam por bem reguladas, cujos costumes pareciam moldados pelo typo da moral mais pura, ella não passava de uma apparencia: o punhal, a espada,— todos os crimes junctos—eram a companhia iuseparavel de taes especuladores, durante o espaço que a noite lhes deixava depois do multiplicado bulicio do dia.—A unica repressão que para elles existe é a das penas humanas; mas que valem estas, quando o gelo da indiferença, ou, disseramos melhor, o gelo da morte, entorpece o sentimento do bem no fundo do coração, e nenhum effeito pôde permittir que entre no meio dos males que já estão practicados? A idéa de Deus seria em tal caso a unica que poderia produzir consequencias favoraveis, mas não a possúe, não a pôde possuir quem não creê em Deus.—Se elle gasta os seus thezouros na fabrica de soberbos palacios, na construcção de casas magnificas, quanto é pobre no intimo do seu coração onde, nem sequer brota uma flor sem aroma, uma flor de singelesa e doçura! No meio das turbas que o cercam, ou nos sumptuosos festins que prepara á sua cobiça, está elle pintado como um cadaver putrido que a mão do artifice vai apenas collocar no espaço de um caixão embalsamado; e o pobre chóra á sua porta, e o paralytico pede-lhe um pão para matar a sua fome, e o ente malaventurado julga que nunca será pobre, desconhece o preceito da caridade, porque desconhece o auctor desse preceito, e despede o pobre com o riso do escarneo na face, e a indiferença no coração!—Olha para a sociedade; olha em roda de si: vê homens como elle, mas que se unem, que se abraçam, que se fraternizam; olha e vê a virgem que ama a Deus, cheia de recato e de modestia, a esposa que tambem o ama, com seu filhinho nos braços, entregue aos seus cuidados de mãe, e essa outra que já vio descer ao tumulo um objecto de sua predilecção; quadros são esses que nada o commovem, porque elle ignora o que seja religião, ou, antes, finge ignoral-a; o que duplica a sua brutalidade, e converte o seu erro deploravel em crime—e crime enorme!—Nem a candura da virgem, nem a magestade da esposa, nem o venerando silencio da viuva, nem o grito afflictivo do miseravel que geme a sua dor, encostado ao muro que ameaça ruina, nem mesmo o

espectaculo pavoroso da natureza quando o bulcão sopra tremendo, e revolve o seio dos mares, pôde fazer com que pense em Deus, ou, antes, pôde fazer com que não afaste o seu pensamento de Deus. E é assim que Deus não existe?! As aves o cantam, os brutos o louvam, as hervas o conhecem, o oceano o bendiz, tudo respira porque elle existe; e o atheo—só o homem!—é frio, é gèlo, é nada diante de tantas provas, quantos são os diversos quadros da natureza!—

E terá elle alivio com a morte?—Terrível quadra ainda aquella em que elle presente que seu fim está proximo: as ancias, as angustias, os medos, os terrores, o espanto, a dor, a confusão, a incertesa, o inferno em braza, se apresentam ao atheo moribundo; travam do seu coração que a indiferença empedernio, cravam-lhe bem no fundo o ferro agudissimo do remorso: cil-o no horror, no meio da amargura, querendo inquieto, desejando ancioso, levantar seus olhos e seu pensamento áquelle de quem sempre os afastou...—E já nesse momento a eternidade o chama, o archanjo da morte echôu-lhe no ouvido, a existencia se esvaece,—e uma campã para elle se abriu—Dorme em descanso?—repoisa em paz?... para que não procurou elle na *doçura immensa do suicidio* ampla colheita de bens e felicidades?... Mas já não existe!

Ha, porém, na sociedade um homem, cujo procedimento é inteiramente diverso, cujas idéas são outras, cheias de pureza e de sanctidade, cujas palavras exprimem um pensamento que tem tanto de elevado como de consolador, e cujas obras são moldadas e dirigidas pelos principios da justiça. Esse homem tem um coração terno, uma alma sensível e propensa ao amor, um semblante em que sempre se vêem pintadas a alegria, a graça e a satisfação; um olhar nobre, mas cheio de bellesa, um olhar que atrahê ao mesmo tempo que induz á veneração. Se falla, não se serve da linguagem para fins que a moralidade repelle e altamente condemna: não censura do seu semelhante, não concorre com o maldizente para enxovalhar o pobre que *pede*, coberto de ruins trapos, nem tam pouco para menoscar do rico, a quem a fartura faz que viva n'um palacio magestoso, rodeado de homens que o *servem*. Conhece um Ente cheio de bondade, de poder e justiça, que quiz e creou essa immensidade de mundos, que pôde mesmo reduzil-os ao nada; mas

não conhece menos o preceito suave da caridade, que é o elemento mais forte, ou, por ventura, o unico que pôde plantar no seio da sociedade o germen do bem, e fazer que nella reine sempre a mais completa harmonia. Á vista deste preceito elle olha para os outros homens com olhos de amor e de profunda attenção; considera-os como ramos de uma arvore grande e frondosa, de que elle tambem faz parte, e que terá de ir dessecando, e desapparecerá da face da terra quando soar a hora extrema da consummação dos seculos. Se elle tem um pão, embora seja pobre, vai repartil-o com aquelle que ainda é mais miseravel, enxuga-lhe as lagrimas, mitiga-lhe as dores do padecer acervo, consola-o na sua desventura, e com elle igualmente experimenta o pezo da infelicidade, mas com resignação para ensinar-lhe a ser resignado. Se é rico, divide a sua riqueza com o que só tem por leito uma pedra dura, e por vestido um panno roto, que apenas pôde resguardal-o das inclemencias do ar: o ouro, a prata, as pedras preciosas, os moveis magnificos, os estofos mais ricos e mais bem trabalhados, abundam no seu palacio, mas de tudo isto elle faz um uzo agradavel aos olhos de Deus e da sociedade; porque sabe que aquelle a quem foi dado o thesoiro das riquezas foi destinado ao mesmo tempo para tutor e amparo do pobre, do miseravel:—*esmolae a quem precisa*—disse o Senhor. A religião faz todo o objecto de suas delicias, e na leitura preciosa e consoladora dos livros sanctos emprega elle uma parte bem consideravel do dia; a oração sempre lhe sahe do peito, e vem poisar nos labios, e d'ahi em hymnos de agradecimento e de doçura se expraia e desenvolve. Recollido em sua caza, pouco lhe importa o que vai pelo mundo, ao mesmo tempo que elle toma o mais vivo interesse pelo bem de todos os seus semelhantes; não examina, não julga as acções de pessoa alguma, porque o juiz de todos é Deus, e este é que tem de julgal-o quando transposer as portas desta vida. Vede-o quando se dirige para o templo: com que devoção, acompanhada da mais pura singelesa e amenidade, elle se prostra ao chegar perto do sanctuario! Ora, e a sua oração, e as suas preces, e as palavras que disse a Deus do fundo de sua consciencia, acham um echo bem fiel na consciencia de todos, acham uma repetição exactissima na opinião de toda a humanidade. Diricis que

elle vive sempre uma vida de solidão e retiro, entregue á meditação mais aturada e profunda; nem sempre assim é: conforme o modo de vida que elle adoptou cumpre os seus deveres com a maior pontualidade e cuidado, mas de maneira que em nada se deslisa dos preceitos da moral; é o mesmo na praça publica, e no mosteiro, no meio do bulicio continuo das cidades, e nos segredos da solidão. Quantas vezes as maiores privações, os mais complicados incommodos, as dores mais cruéis, as afflictões mais penetrantes e violentas, vem perturbar-lhe a paz, a tranquillidade, e offender a sua saúde! e quantas vezes, apesar de tudo isto, elle não muda de semblante, e o riso e a alegria mais pura se veem pintados em todos os seus traços! E' assim que elle soffre, resignado e seguro ao bordo da paciencia, males taes e tam graves, que por si só seriam capazes de desanimar e atormentar o espirito mais tenaz e soffredor: é desta maneira que elle marcha na carreira da vida. E se se aproxima esse momento em que das prizões do corpo tem de se libertar o espirito que o vivifica, não recêa elle o seu fim; não o atemorisa o grito da morte que está prestes a descarregar-lhe o golpe, nem a presença do Juiz Eterno que vai julgar seus actos, e examinar o que elle fez durante o breve periodo desta affadigosa peregrinação. Já tocou-lhe as palpebras o gelo da morte, e o seu coração parou na sua palpação continua; os seus olhos estão embaciados por esse sopro venefico que vem bafejal-os na sua ultima quadra. Tem elle um pensamento consolador e vastissimo que agita o seu espirito: é a idéa de Deus, e esta idéa tam nobre, tam elevada e magestosa, vem alivial-o do peso dos seus soffrimentos, mitigar a sua dôr acervo, e derramar nas chagas vivas do seu coração o balsamo precioso da piedade christã. Seus olhos para Deus se dirigem, seu entendimento só em Deus descansa, e a voz extrema que de seus labios se deslisa vale mais aos olhos da philosophia e da religião do que esses hymnos mentidos, que o aparato e a pompa parecem produzir do meio dos festins do rico.

—Morreo esse homem cuja vida foi uma eschola de moral, e cujos restos a religião recebeu, e sobre elles pronunciou a sua unção e o seu cantico singelo.—

Quam differentes são entre si as vidas do atheo, e do homem religioso! e quam

diversos os fins das suas existencias! A indiferença e o crime de uma parte, a vigilância, o amor e a piedade da outra; para um a morte foi scena tenebrosa, foi um inferno de tormentos, para outro um termo ambicionado a muito, um passamento feliz: o sepulchro se abriu para ambos, porém que monta? A face de Deus só se voltou para o homem religioso.

Olinda 16 de Setembro de 1845.

A. R. de T. Bandeira.

A BRESCELLE.

—Alguns dias depois da entrada de Luiz XVIII em Pariz, em Maio de 1814, dous emigrados, o marquez de Cernau e o joven visconde de Salnois partiram de Londres para França; longe da patria vinte dous annos aportavam a ella com essa illimitada esperanza, que é a herança eterna do partido vencedor. O Sr. de Cernau, de idade de cerca de quarenta e cinco annos, tinha deixado em França magnificas propriedades, que em sua mente lhe fantasiava o valor, o local e a extensão; ia pois entrar em posse de seus bens. Gustavo Salnois, que, havia vinte oito annos e alguns mezes, deixára a França ainda menino, se não podia reclamar os seus bens vendidos, sua dedicação a familia proscripta lhe dava incontestaveis direitos a um regimento, e a todas as mercês da corte, com as quaes devia o rei ser prodigo para com os seus. Entretanto a hospitalidade inglesa lhes havia sido bastante agradável, para fazel-se preferir, depois da directoria, a estada de Londres á de Pariz; quando porém viram fluctuar o estandarte branco por cima de todas as torres, e que era chegada a occasião de apparecer a nobresa franceza, resolveram-se, como muitos outros, de aproveitar a victoria da Europa, e colher em França a messe dos alliados. Os dous viajantes desembarcaram em Clais, e uma carroagem de posta os conduziu a Pariz; ainda que o marquez entrasse em duvida se este modo de viajar estaria em harmonia com os costumes d'outrora, e se não seria melhor dezenbarcarem em Versailles. Tinham já passado Ruad, começava a amanhecer, e elles contavam chegar a Pariz ao cahir da noite,

quando a carroagem, derriando-se para o lado direito, parou, e depois de uma ou duas pequenas oscillações cahiu sobre a estrada. Os dous viajantes não soffreram o menor accidente e saltaram pela portinhola.

—Inbucil, exclama o Sr. de Salnois ao prestilhaõ, que se apejava; deitar-nos por terra em uma estrada tao lisa como o gelo!

—Não posso levar os Srs. senão com quatro rodas, e só vejo tres, diz o postilhaõ.

—Com effeito uma das rodas tinha perdido o circulo de ferro, e seus raios se haviam desconjuntado.

—E uma tomada de posse, exclama rindo-se o marquez de Cernau; de repente depois seu semblante alterou-se e algumas lagrimas lhe rebentaram dos olhos:

—Ah! meu amigo, disse elle, a Breschelle é a Breschelle! vede-a!

—A orla da estrada, em que se achavam, havia um extenso muro, que não se via onde principiava ou finalisava, e por de traz do qual avistavam-se os grandes e espessos ramos das arvores do parque.

—Aqui foi onde eu nasci, meu amigo, diz elle; eis aqui meu lar paterno.

—O marquez discrevia depois todas as bellezas d'aquella terra, magnificencia de vivenda, a extensão dos prados, e do parque, os tanques, e o excellente trigo, cuja messe fazia gemer com abundantes molhos immensos carros, os bois de trabalho, as vacas de leite; finalmente enumerou todos os direitos senhoriaes annexos áquella terra, que lhe pertencia, como patrimonio deixado por seus antepassados, e de que a odiada republica o havia debullhado. O postilhaõ conduziu como pôde a carroagem de posta á vizinha aldeia, e em quanto reparava a roda quebrada, os dous antigos costearam o parque, e tendo encontrado uma porta aberta, entraram nelle.

—Temos de esperar uma hora, disse o marquez a Gustavo; quero fazer-vos as honras da minha casa.

A cada passo o marquez despertava uma lembrança e excitava uma admiracão. Era aqui onde brincava quando criança, acolá o tanque onde correo o primeiro perigo, esta arvore vira o seu primeiro amor; a Breschelle desdobrava na quella occasião o luxo de uma vig rosa vegetação, melhorada artificialmente pela arte; tudo estava em harmonia, não havia uma polegada de terra que estivesse inculta; dirigiram-se para a casa, cujas brancas paredes brilhavam ao sol;—

e pelas janellas e portas pintadas de novo, pelas cortinas de seda, que guarneciam as janellas, hem se via que era o objecto dos desvellos de um proprietario feliz e rico.

A propriedade é sem contradicção uma coisa respeitavel; porem o territorio do paiz não é mais sagrado e mais sancto ainda do que algumas geiras de terra do cidadão? E se quando foi mister salvar a patria, uma classe de Francezes passasse ao inimigo, não teria o paiz direito de apoderar-se dos bens de todos esses transfugas, para crear, armar e sustentar os quatorze exercitos que sahiam da terra como sementes de algum novo Cadmus? o Sr. de Cernau porem não pensava d'essa forma, e não enxergava na venda de seus bens mais que uma espoliação sem outro proveito mais do que o que tivera o comprador, e esquecia principalmente essas faltas para com a patria. Era porem verdade que essas faltas constituíam um merecimento aos olhos do novo soberano; todavia qual-quer que fosse a bõa vontade de Luiz XVIII para com os emigrados, via-se forçado a sancionar a venda dos bens nacionaes. O marquez sabia isto, mas ou porque se quizesse illudir, ou porque contasse com a secreta protecção do governo, ou com a sua influencia pessoal, considerava a Breschelle como que lhe devia em breve ser restituída. Com olhos de proprietario contemplava com praser as compridas ruas do parque o verde tapiz dos prados, e se não entrava no castello para examinar os aposentes, era com receio de encontrar-se com o velho jacobino, que tinha convertido aquelle palacio senhorial em morada do crime ditoso e enriquecido.

—Meu amigo, diz elle a Gustavo, ignoro ainda quem é que insolentemente desfructa os meus bens; porem juro-vos que se for um homem, e um homem moço, com que me possa bater, esquecerei que sou fidalgo, e appellarei para o juizo de Deus, ja que nada tenho que esperar da justiça dos homens.

Não era difficil cousa exaltar o odio de Gustavo de Salnois contra os illegitimos possuidores de bens nacionaes; o visconde achou com effeito mil rasões para arreigar o marquez na sua opinião; e para lhe provar a validade de seus direitos pediu-lhe com instancia que o deixasse ser seu segundo no caso de se effectuar o pretendido duello.

O marquez apertou-o em seus braços com transporte, e mostrando-lhe um pavilhão isolado, rogou-lhe que se considerasse

como proprietario daquelle pavilhão, e que viesse habital-o apenas se tivesse estabelecido de novo no castello.

Foi mister separar-se daquelles lugares encantados; o postilhaõ já tinha annunciado que a roda estava prompta; e os dous amigos, subindo para a sige, antes da noite se acharam em Pariz.—

—A Breschelle valle hoje mil e dusesentos francos, dizia o marquez.—

—Sois unicamente modesto, respondia o visconde, a Breschelle valle muito mais.

A ambição destes dous emigrados não era a mesma: o marquez desejava entrar na administração, em quanto o Sr. de Salnois ambicionava um posto no exercito. Separaram-se pois, e ambos de sua parte faziam as precisas diligencias. E' geralmente sabido como os amigos de Henrique IV censuravam a este principe, depois da conquista de Pariz:—o rei de França esqueceo os companheiros do rei de Navarra, distribuindo mercês e graças a seus antigos inimigos; não aconteceu o mesmo no tempo da restauração, ella encheo de graças e distincções, de que podia dispôr, a nobreza e o clero; mas o numero delles tão grande era que foi mister augmentar regimentos, prefeituras, bispados, para satisfazer todas as fidelidades desvalidas, todos os realistas desinteressados. Os Srs. de Cernau e de Salnois foram esquecidos; um dia encontraram-se em um salão do arrabalde de St. Germano:

—Então! diz Sr. de Salnois a seu amigo, tratam-vos como a mim, Sr. marquez? S. magestade mandou-me ter com o ministro da guerra, e este, oppondo às minhas pretensões os regulamentos, offerece-me um logar de sub-logar-tenente em um regimento de cavallaria, ou a farda azul agaloada de prata de guarda-da-pessoa.

—O meu negocio vae peor, respondeo o marquez, querem-me fazer Juiz de paz!... Um fidalgo Juiz de paz, grande Deus!

—E a Breschelle? perguntou o visconde

—Renovaes todas as minhas dores; imaginae que para cumulo de males, a Breschelle para nas mãos de uma rapariga isolada, sem pãe, sem irmão, sem marido, quasi em minoridade; porem se algum dia....

—Contae então commigo, lhe diz o visconde, sem o deixar concluir a phrase.

—Conto sempre convosco, respondeo o marquez.

Entretanto o Sr. de Salnois não era in-

teiramente infeliz; porque sendo um bello cavalleiro, tendo uma figura elegante, maneiras distinctas, olhar firme e de uma expressão agradável, podia mui bem não dezaruar um ministro, mas podia fazer impressão no espirito de alguma joven; occupava o andar superior de uma bella casa da calçada d'Antin, cujos principaes quartos eram habitados pela mesma proprietaria. O Sr. visconde julgou de seu dever fazer uma vizita a esta Sra; ia apresentar-se-lhe quando atravez de uma porta meio-aberta vio em uma antecâmara o busto do imperador.

—Grande Deus, disse elle fugindo, em que bespeiro me ia eu metter! é uma mulher que pensa erradamente.

Algun tempo depois seu criado lhe disse que essa Sra. era moça e mui linda.

E' preciso, pensou elle, ser pollido com todo o mundo, e foi ter com ella.

A Sra. condessa Bernard tinha sahido; porem tendo sido o sr. de Salnois introduzido no salaõ, pôde admirar a elegante e sumptuosa mobilia; ia retirar-se, quando casualmente volveo os olhos para um quadro, diante do qual involuntariamente parou; representava um homem no vigor da idade, cuja camisa estava meio-aberta no peito, e achava-se vestido de uma *carmaquole*. Este quadro tinha a data de 93.

—Eis aqui um quadro bem pintado, diz elle ao criado que o tinha introduzido no valor.

—E' obra de M. David, respondeo este, é o pãe da Sra. condessa.

—Decedidamente não posso ver essa mulher, pensou elle retirando-se, a filha de um jacobino, de um montanhez.

Ao cabo de dois ou tres dias encontrou-se com a senhora condessa Bernard, que se ia metter na sege; parou involuntariamente para contemplal-a; tinha visto bonitas mulheres, porem não tão lindas como as d'essa formosura hespanhã, que contrastavam com o genero de belleza á que a sua residencia em Inglaterra o tinha accostumado, cabellos negros e lustresos, olhos que brilhavam debaixo de bellas pestanas de azevixe, um semblante de um perfeito oval, uma tez branca e animada, uma figura airosa e delicada, e no andar essa graça simples e natural que faz adivinhar esses costumes elegantes. Desde esse momento o senr. visconde não pensou mais no busto do imperador, nem no retrato do pãe montanhez, nada mais vio que uma mulher seductora

juncto da qual de boa mente esqueceria seus vinte annos de proscricão, a ingratiãdo dos Bourbons e a inflexibilidade dos ministros. O sr. de Salnois teve meios de entrar em casa a condessa; ao principio foram suas vizitas recebidas agradavelmente, porem depois tornavam-se tão frequentes, que quasi não sabia de casa de sua senhoria. O decoro porem reprovava uma semelhante frequencia, a menos que o Sr. de Salnois se não explicasse, elle porem estava tão amoroso que não hesitou em fazel-o, apenas teve boas esperanças do resultado; elle não era rico, por isso bem sabia o que um tal passo apresentava de difficil; a condessa era millionaria e talvez suppozesse no visconde um amor interessado. Entretanto a verdadeira paixão tem uma tal linguagem tão particular, que uma mulher nunca se engana: a condessa não rejeitou aquelle áquem amava, porem explicou-se francamente a respeito de sua familia e opinões.

—Sois de antiga linhagem, lhe disse ella, e pareceis devotado aos Bourbons;—eu sou filha de um convencional; meu pãe era republicano, e se é feito a uma mulher fallar de suas opinões dir-vos-hei que penso como meu pãe. Meu defuncto marido, o conde Bernard, a si e á revolução tudo devia; foi advogado; o imperador o distinguio, fel-o entrar no conselho de estado, e nomeou-o depois senador. Não renego os precedentes de minha familia, e não desejo ligar-me á pessoa que leve isso a mal. Sempre respeitarei as vossas opinões, com tanto que igualmente sempre respeiteis as minhas. Conve-vos isto, senhor visconde?

É bem difficil não acceder á opinão da mulher que se ama; alem disso o esquecimento em que haviam deixado o sr. de Salnois lhe tinham arrefecido o fervor monarchico. Achou que era melhor pôr em pratica a divisa proclamada pelos proprios Bourbons:—*União e esquecimento!*—E tambem não lhe exigiam o sacrificio de suas opinões, mas simplesmente a tolerancia das de outrem:—prometteo tudo.

O casamento foi em breve decedido; os amigos da condessa cercavam o futuro esposo, e encantados de sua moderação approvavam um consorcio em que os esposos para se unirem não lhes fira mister partir dos dous campos. Chegando que fôra o momento da assignatura do contracto o tabellião seguindo o uso, que sóe haver em taes actos, leo as seguintes disposições:

—A senhora condessa viuva Bernard leva para o casal: 1.ª uma casa nobre em Pariz, sita na rua do Monte-Branco, 500:000 francos; 2.ª uma terra na Normandia, a Breschelle, 1,500:000 francos.

—A Breschelle! exclamou o visconde.

—Sim Sr., lhe diz a condessa; uma terra magânica; vós a conheceis?

—Julgo tel-a visto uma vez, Sra. condessa.

—É estaõ como a achaes!

—Excellent, senhora,

Todos assignaram, e o casamento civil ficou para o dia seguinte. Porem antes de levar a condessa a corregeçõia, o Sr. de Salnois teve de fazer uma vizita; correo á caza do Sr. de Cernau:

—Sr. marquez, lhe diz elle, a Sra. condessa Bernard, proprietaria da Breschelle, já pode apresentar-vos um cambeão, pois caza-se—e sou eu quem a esposa.

—Vós, visconde?

—Eu mesmo. Sem dizer-vos se mudei de opinão a respeito do direito sobre as propriedades vendidas nacionalmente, prvine-vos que não está em minhas mãos, nem em minha vontade, o empenhar-me com minha mulher para que se despeje de seus bens. Amadã serei proprietario da Breschelle, e

como estaes resolvido a appellar para o Juizo de Deus, venho reccher as vossas ordens. É singular, acrescentou elle, que nesta questão em que tinha de ser vosso segundo, seja o nosso adversario.... A proposito, avaliastes, ha tres mezes, muito baixo a Breschelle, bem vos dizia eu; no contracto de casamento veio ella por um milheõ e quinhentos mil francos.

Os dous fidalgos crusaram o ferro, e o Juizo de Deus foi favoravel á republica; o Sr. de Cernau ficou gravemente ferido no hombro.

—Sr. marquez, lhe diz Gustavo de Salnois, á minha chegada a Pariz obzequiosamente me offerecestes o mais bello pavilhão da Breschelle, h je eu o ponho á vossa disposiçãõ para nelle conlrecedes.

A condessa Bernard tornou-se viscondessa de Salnois, e o retrato de seu pãe o convencional não decorou mais o seu salaõ. Quanto ao marquez o pavilhão Marson fez parte de um projecto que amadurecia nas trevas, e applicava o seu mão humor. Effectivamente teve alguns annos depois grande parte na empada das reparações.

A. C.

BIOGRAPHIA.

—M. AGOSTINHO THIERRY.—

L'histoire aura son Homère comme la poésie.
Chateaubriand—Pref. des Etud. Historiques.

Si j'avais à recommencer ma route: je prendrais celle qui m'a conduit où je suis. Aveugle et souffrant sans espoir et presque sans relâche, je puis prendre ce témoignage, qui de ma part ne sera pas suspect: il y a au monde quelque chose qui vaut mieux que les jouissances matérielles, à ceux que la santé est—même, c'est le dévouement à la science.

Augustin Thierry.—Dix ans d'Etudes Historiques. Pref. pag. 25.

—D'entre os homens eminentes com quem me tenho encontrado, poucos me tem impressões tão viva e profundamente como M. Agostinho Thierry. Já d'ha muito conhecia os immortaes trabalhos, que o collocaram na plana dos principaes represen-

tantes da moderna eschola historica, e recordava-me do entusiasmo de que todos nos possuimos nos bancos das nossas aulas, quando, enojados das narrações ócas, mentiosas, mesquinhas e monstruosas de Velly, Millot, e d'Anquetil, vimos d'improviso sa-

hir da penna de M. Agostinho Thierry novas e mais dilatadas prespectivas, que se desdobraram deante de nossos olhos admirados e deslumbrados. De ha muito sabia que depois de haver dotado o seu paiz com duas obras primas, aonde a erudição d'um beneditino corre parelhas com o estylo colorido de um poeta, M. Agostinho Thierry perdera a vista exaurido no estudo de velhos alfarrabios, como em recompensa de haver, entre os primeiros, arvorado o estandarte da reforma historica, instruindo a uma geração inteira nas verdadeiras raizes da nossa nacionalidade. Sabia tambem, que mais tarde, como para experimentar este valente campeão da sciencia, o destino se aprouve asoberbal-o de dôres sobre dôres, privando-o do movimento depois de o haver privado da luz, paralyndo-lhe os robustos órgãos, depois de lhe haver extinto a vista perspicaz: e que assim privado dos olhos com que perscrutava todos os monumentos do passado, cujo aspecto e estudo eram a sua alegria e a sua vida, não lhe restava ao menos a faculdade de pegar da penna, mutilada a mão, que a exercia. Mas não me era desconhecido tambem, que M. Thierry sahira victorioso deste combate terrivel, que nunca a luz da sua alma brilhara com tamanha fulgôr, como depois que elle (são suas expressões) teve de estreitar amizade com a escuridão; que nunca fora tam firme e intrepido através das difficuldades historicas, como depois que teve de guil-a sómente pela luz interior; que nunca o auctor das *Relações dos tempos morovingianos* tinha sido tam puro e ameno, e ao mesmo tempo tam vigoroso em seu stylo, como depois que mão alhêia teve de lançar sobre o papel as composições elaboradas e fundidas n'aquella sublime cabeça, como em uma fornalha accessa. Nada disto me era estranho, e eis porque eu tanto ambicionava observar o mais bello de todos os espec-taculos, qual o de uma alma grande em luta com a dôr physica, reduzindo esta á imp-tencia, e descobrindo em um sentimento muito mais elevado do que o orgulho humano de Epicteto, a força e o direito de dizer-lhe: *Oh! dor, tu não és mais do que um nome vão.*

Deparei com esta boa fortuna, e já que não me é possível, nos estreitos limites d'este opusculo analysar, como desejava, as obras de M. Thierry, as quaes além d'isto andam por mão de todos; quero ao menos esfor-

çar-me, antes de narrar succintamente a sua nobre vida, por fazer com que o leitor participe commigo das impressões, que recebi em uma viagem, que ha pouco fiz á habitação do historiador, em companhia de dous amigos, e sob os auspícios e direcção d'uma mulher, cujo nome é um talisman ao qual se abrem todas as portas.

Ao chegarmos de Pariz sobre a collina, que domina o bello valle de Montmorency á pequena distancia do lindo castello de l'Ermitage, immortalizado por João Jacques Rousseau, tomámos á esquerda por erma vereda tortuosa guarnecida de *rillas* á italiana. A meio caminho á direita a nossa carroagem esbarrou deante d'uma portinha, cujos umbraes franqueamos com aquella emoção respeitosa que sempre produz a idea de um grande talento assignalado por uma grande desgraça: pois é esta a habitação de M. Thierry durante a primavera, onde elle vai demandar forças para continuar seus trabalhos, ao ar vivo e puro do valle, na estação dos bellos dias. Achamo-nos em um formoso jardim, defronte d'um tableiro de verdura semeado de flôres em forma de cestas, e descabindo mais ao longe em declives sombrios. A direita havia uma estufa, um lindo pavilhão com suas vidraças pintadas, e um bello cão negro da Terra-Nova, que nos acolheu com ar de benevolencia tranquillamente deitado sobre a arca: á esquerda em frente do pavilhão, e do outro lado do tableiro, erguia-se uma casa rectangular, branca, simples, e de bom gosto, composta do pavimento terreo ao nível do jardim, e de um primeiro andar; a fachada era ornada com uma estatua da Venus de Canova, e outra de Baccho indiano; além d'uma cabeça de Páris e outra d'Helena, todas mettidas em nichos talhados na parede. Deante da porta observei uma segezinha de quatro rodas de puxar á braços pintada de verde, onde levam a passeio o illustre valetudenario por entre as ruas do seu jardim.

Ao entrarmos em uma pequena sala do andar da rua ornada com elegante simplicidade, fomos recebidos por uma Senhora ainda moça, de pequena estatura, vestida de preto, distincta em suas maneiras, e de physionomia viva, intelligente, e triste. Era M. me Thierry, (1) aquella que soube comprehender quanto é bello, e para desejar-se,

(1) Esta illustre escriptora morreu o anno passado (1845); e M. Thierry perdeu nella não só uma esposa desvelada, como tambem o seu secretario.

o associar seu nome a um nome grande, a sua vida á uma vida de gloria e de dôr; desprezar os vão prazeres do mundo para dedicar-se inteiramente ao mister mais digno de admiração, que pôde tocar a uma mulher—o de anjo da guarda ou antes—providencia de uma alma sublime encarcerada em um corpo enfermo.

Se eu não soubesse que M. me Thierry, dotada de faculdades superiores como é, toma uma parte directa e activa em todos os trabalhos de seu espóso; se eu não tivesse lido paginas salidas da sua penna, publicadas na *Revue des deux mondes* sob o título de Philippe de Morville, tambem notáveis por estylo e pensamento; tô a bastante o destino por ella escolhido para testemunhar-me a nobreza do seu coração e do seu espirito. (2) Em quanto estas ideas me assaltavam o espirito, fomos apesentados pela nossa graciosa conductora, e a esperi de M. Thierry assentou-me a um canto da encantadora saleta, d'onde lancei os olhos para uma pequena mesa redonda guarnecida de livros, que me ficava ao lado; sobre estes livros havia um tapete comecado; de um lado um lazar de papel em forma de sphinge; e no meio um vaso cheio de flôres meio abertas. Esta engraçada confusão de cousas heterogeneas agradava-me como uma revelação d'intimidade conjugal a um tempo austera e dôce. Entretanto viámos entrar o irmão de M. Thierry. (3) M. Amadeo Thierry é de mediana estatura e exprime-se com gravidade correspondente á sua physionomia, na qual se pôde ler a dôr profunda de seu coração fraterno. Com a sua chegada a conversação tornou-se mais geral; porem eu apenas ouvia, entreguei todo á expectativa d'aquelle o quem ia ver, como procurando d'ante mão imaginar até que ponto o mal pôde penetrar a alma através do corpo; e respirando a briza, que me vinha do jardim humedecida pela chuva e rescendente de perfumes, perguntava a mim mesmo porque Deus fez a natureza eternamente tam bella, fresca, e nova, e o homem a um tempo tam grande, tam ephimero, e tam mesquinho.

(2) M. me Thierry, antes Julia de Querangal pertence a uma familia distincta da Bretanha. Independentemente dos fragmentos citados, M. me Thierry é auctora d'uma obra cheia d'espirito;—tem por título—*Adelaide ou Memorias d'uma moça.* (Do Auctor.)

(3) M. Amadeo Thierry é, como se sabe, um historiador notavel. Todos tem lido a sua *Historia dos Galeses*, e é para lamentar-se que suas altas funções administrativas o privem de consagrar exclusivamente suas lucubrções em beneficio da sciencia. (Do Auctor.)

Em fim percebi, que alguém se avizinhava, e abrindo-se uma porta a direita appareceu um creado trazendo sobre seus hombros um homem cego, entevado, e paralytico. Levantamo-nos todos; e apertou-se-me o coração ao aspecto d'este ente tam forte pela intelligencia, e tam fraco pelos órgãos. O creado como se comprehendesse o subito prego da carga, que trazia, empregava não sei que esmero respeitoso em todos os seus movimentos, que me interaccò. Curvou se mansamente voltando as costas para uma poltrona onde depez o seu fardo, e envolveu em um cobertor toda a parte inferior d'aquelle corpo inerte. Feito isto mudou-se a scena em um momento, e veio-me a lembrança este trecho do *Ensaio sobre a litteratura ingleza*, em que M. de Chateaubriand relata a visita d'um contemporaneo á Milton. "O auctor do *Paradizo Perdido*, vestido com um gibão preto descaçava sobre uma poltrona; a cabeça estava descoberta; cahiam-lhe os cabellos prateados sobre as espaldas, e seus bellos olhos pretos brilhavam, ainda que cegos, na pallidez do rosto." Excepto os cabellos brancos, eu tinha diante de mim a mesma cabeça, a mesma—porem com mais seiva e mocidade; em uma palavra, a cabeça de cego mais admiravel que se pôde imaginar. Era esta cabeça nobremente assentada sobre largos hombros, e bellos cabellos negros pichosamente separados no meio de espaçosa fronte, cahiam-lhe encaracolados sobre as fentes; por baixo de sobranceiras bem lançadas, viam-se abertos seus olhos pretos, os quaes dir-se-hião animados pela vista, se não fôra a instabilidade de sua direcção; o nariz era de pura forma grega; a boca mediana, e formada de beiços delgados, delicados e moveiços, parecia dotada de toda a susceptibili-tade de que estavam privadas os olhos; a barba bem formada tinha uma pequena cova na extremidade; nos contornos do semblante, e no todo da physionomia havia notavel expressão combinada d'energia, agudeza, e serenidade; o metal de voz era claro e accentuado, ainda que doente; o vestuario era perfeitamente esmerado e elegante; a parte inferior do corpo parecia paralytica, mas tinha livre o movimento do busto e dos braços; as mãos finalmente, que trazia mettidas em luvas, só tinham livres dous dedos—o polgar e o index.

Apenas ouviu o nome da nossa conductora; o interessante cego sorriu-se como

Chactas"—e este sorriso da boca, que não é correspondido pelos olhos, tem seu tanto de mysterioso e de celeste." (4) A Sra. aproximou-se, e o cego beijou com garbo cavalheiresco a mão nevada, que ella lhe estendêo.

Travada a conversação, parecêo-me que esta bella cabeça irradiava o brilho interior de uma intelligencia ainda mais bella. Tenho ouvido a muitas pessoas, que passam praça de fallar bem, e que em verdade fallam bem; mas talvez não tenha ainda ouvido quem iguale em facilidade, simplicidade, e elegancia ao dizer de M. Thierry; e tenho por sem duvida que elle tem adquirido esta conversação, que mais parece estylo, só com o habito de dictar, de modo que sempre se pôde dizer a seu respeito, servindo-nos de uma comparação trivial, que sem o mais pequeno esforço, e sem a minima pretensão"—elle falla realmente como um livro.

Um de nós (M. Ampera) se dispunha a partir para o Oriente, e acerca do Oriente nos fallou M. Thierry com admiravel poesia de pensamento e palavras. Este cego conhece tudo, tudo sabe, e de tudo se recorda; e aquillo que não tem visto com os olhos do corpo, tem visto com os olhos do espirito. Bem como Milton elle conhece quasi todas as linguas da Europa; e disse-me um amigo meu que já o tinha visto algumas vezes por tarde em seu jardim, recitando com sua voz enferma um canto d'amor em grego moderno, sob os frouxos raios do pôr do sol; e n'estes momentos, acrescentava o meu amigo, elle me parecia ainda mais bello do que Homero, e do que o desconhecido Kliphite, por ventura tambem cego, que compozera os versos, que elle recitava. Durante todo o curso da conversação, que eu ouvia attento e silencioso, não me foi possível des-cobrir em M. Thierry a minima preocupação pessoal, a menor reflexão sobre si mesmo; antes elle tam cruelmente mal-tractado pela sorte, fallava acerca dos soffrimentos e misérias alheias com um accento de communicação cheio de affectuosa bõa-fé: assim é que este martyr da sciencia prosegue com intrepidez na tarefa, que se impoz. Consta, todavia, que algumas vezes nas horas mais doloridas e penosas escapa-lhe exclamar—provera Deus, que eu fuisse apenas cego!—e a Providencia, que concede vigorosa saúde a tantos entes, cerra os ouvidos á voz de um

homem, que não lhe pôde mais do que uma enfermidade de menos.

A não ser n'estes momentos de desanimo, raros, passageiros, e conhecidos somente das pessoas que lhe são mais chegadas, M. Thierry parece mais alheio ao seu estado do que aquelles, que o cercam e ouvem. Sciencias—historias—poesias—anecdotas—tudo tracta com a mesma linguagem flexivel, elegante, colorida, vigorosa e nobre; as gradações mais insensíveis do pensamento se reflectem nos seus labios, ora agitados por um sorriso agudo, ora tocados de melancholia, e muitas vezes energeticamente comprimidos. Quando lhe vem um pensamento grave e forte, occorre imprimir-se-lhe um movimento nos musculos dos olhos; então aquelles olhos, cujo negro mal se percebe sobre a cornea, mostram-se grandes e abertos, como se o pensamento, exforçando-se em vão por abrir caminho através das pupillas; se recolhe, desce, e procura os labios, que o recebem, e lhe dão sabida, não só por meio da palavra, se não com a mesma expressão da vista. De quando em quando o cego roça brandamente com a debil mão aquelles labios tam expressivos, como para affagar o órgão precioso que parece enriquecido com tudo quanto os outros tem perdido.

(Continúa.)

ODESSA.

—Entre os phenomenos politicos de que tem sido testemunhas os ultimos seculos, nada ha mais digno de admiração do que os progressos rapidos e quasi maravilhosos que tem feito a Russia na civilisação. É certamente um grande espectáculo o de um homem, a quem o genio apparece em uma das enevoadas e sombrias noites do norte; que atormentado por tal vizão foge á malesa dos reis, deixa a purpura e o throno, e vai, augusto peregrino, qual o Ulysses do velho Homero, tocar a todas as civilisações, para informar-se de seus mysterios; faz-se marinheiro na Hollanda e em Inglaterra, soldado na Allemanha, estudante em França: depois fortificado de tal auxilio e de sua coragem regressa a antiga capital dos Czares, e ali estreja essa terrivel luca do poder contra o prejuizo. É um grande espectáculo o de uma nação, que debaixo de tão poderoso dedo se colloca no primeiro lugar entre as

nações, e estende seu vasto dominio desde as geladas praias, por onde vaga o Laponio com seus hippelaphos, até as planicies que domina o Caucaso; desde as regiões onde só hoje se veem ruínas fumegantes e vestigios de sangue, que as chuvas não tem ainda podido lavar, aonde se elevam as cidades dos valorosos e desventurados filhos da Polonia, até as plagas onde o Kamschadale persegue e devora o navillo marinho.

A um tal povo, tam subitamente engrandecido, era necessario cidades creadas como por uma vara magica. Sem fallar de S. Petersburgo, a soberba rival da cidade de Kremlin, uma das mais bellas creações neste genero é Odessa na Criméa. Esta cidade, que ainda não ha muito tempo não era mais que uma pequena aldeia construida de canas e barro, é hoje uma cidade florescente, habitada por mais de quarenta mil almas; deve sua prosperidade a felizes circumstancias, ajudadas pela habilidade do duque de Richelieu, então governador da Criméa, pelo imperador da Russia. Sua posição a faz necessariamente ser o armazem daquellas regiões; por tanto exporta todos os trigos, cera, madeira, e pelles da Ukraine, tanto russa como polaca. Importa alem disso vinhos e fructas do Mediterraneo, pelles e sedas do Levante, assim como outros artigos permitidos do luxo estrangeiro.—Esta fundada sobre um terreno declive, abaixo do qual está o porto, construido de forma que pode receber até tresentos navios. Entre a cidade formada de casas de pedra e o porto, uma fileira de quarteis lhe dá um aspecto respeitavel. Suas ruas são direitas e bem calçadas, ornadas de passeios e de duas ordens de arvores. Sua principal igreja, o almirantado, a alfandega, a praça do commercio, o theatro e o hospital civil são bellos edificios. É defendida por importantes fortificações. Sobre a esplanada, que domina o porto, elevaram um momento á memoria do duque de Richelieu. Entre os estabelecimentos de instrucção, de que é provida esta segunda S. Petersburgo, devemos citar o lycéo Richelieu, fundado em 1818, e considerado como uma das melhores escholas da Europa; uma eschola militar, instituida pelo imperador Alexandre; muitas escholas elementares, onde são instruidos mais de mil e duscetos mancebos de diversas nações, e um muséo onde se amontoam todos os objectos de antiguidade da Russia meridional. Tambem possui um grande numero de manufacturas de sedas, de lãs, e de sabaõ,

Lancemos agora um olhar alem dos muros que circumdam a cidade; jaz situada no meio de uma vasta planicie, por onde vagam os olhos sobre campos de cevada e de milho. O açafão e a garança ali crescem sem cultura. Nos charcos d'agua produzidos pelas chuvas e inundações crescem muitas de canhão por onde pascem bufalos selvagens, cuja cabeça larga, e retorcidos cornos mostram-se a descoberto quando o vento sopra por sobre aquelle bosque movelejo. A camurça, o lobo, e os viados abundam n'aquelles logares; o cavallo, e o carneiro ali vivem em um estado selvagem, e todos os annos, na epocha das arribações, apparecem bandos de cigouhas, e de grou, das quaes parece ser esse paiz o ponto de reunião. O frio ali chega algumas vezes a vinte quatro grãos, ao passo que o calor do estio chega a dessecar os rios.

Os lagos ou *lanans*, que se acham á embocadura dos rios abundam em peixe, e fornecem grande quantidade de *caviar*, eguaria muito estimada n'aquellas regiões. Este paiz é povoado por colonos tirados de todas as nações, cujos costumes ainda não estão bastantemente nivelados para que não apresentem os mais pictorescos contrastes. Como a madeira de construcção é alli muito rara, a maior parte dos colonos habitam os antigos *tumulus*, pertencentes a colonias gregas, ou talvez aos Tartaros; esses tumulus são conhecidos pelo nome de *kurgans*. Deve ser cousa muito curiosa, e ao mesmo tempo interessante, o ver um velho coberto de cans, rodeado de meninos e de mulheres, cercado de todas as affeições de familia, habitar os logares, que os viajantes evitam em outros paes, e sobre os quaes o povo muitas vezes conta cousas estranhas!

O LAGO DA FADA.

—Em uma das extremidades da Irlanda, desta ilha de vistas tam pictorescas, devisa-se o lago de Killarney. Ha alguns seculos, no mesmo lugar, desdobrava-se um immenso valle. Como o lago substituiu as arvores, cuja folhagem era tam bella, e a fresca verdura dos prados?

—Is-aqui o prodigio:

No meio deste valle, um olho d'agua esguichava de uma cavidade pouco profunda, depois abria caminho por entre uma arca dourada, e corria durante algum tem-

(4) Chateaubriand.—*Reverto*, pag. 139.

po por um doce declive para vir cabir em um tanque do mais alvo marmore, onde, sosegada e tranquilla esta agua parecia dormir. Cahia de noite e de dia, e com tudo nem uma só gota lhe sahia das bordas. Por onde pois ella sahia? Ninguem podia adivinhar; mas o que dizia-se, o que julgava-se saber, era que uma fonte que, sem interrupção, derramava suas aguas em um tanque que nunca vazava, estava encantada.

Vizitavam-na por curiosidade. As raparigas vinham tambem das aldeas vizinhas para d'ahi tirar uma agua clara como o cristal das grutas, em que se divertiam as sylphides; mas ellas appressavam-se em tornal-a a cobrir com uma grande pedra destinada para este fim, tanto respeito e terror lhes inspirava certa tradição antiga. Ainda que parecesse muito pesada, os braços mais fracos podiam levantar-a. Nunca o sol, quando nascia, devia tocar com seus raios as aguas do tanque, alias o valle soffreria uma espantosa catastrophe; era esta uma ameaça da fada. Esta fada, caprichosa, intractavel, e irrosa, tinha um dia bebido na fonte, e tocando-a com sua varinha, a tinha posto sob o maleficio de seus encantos.

Entre as numerosas raparigas, que alegremente corriam á fonte da fada, cantando as melodiosas arias do paiz, distinguia-se Norah, a alva Norah, cujos louros cabellos fluctuavam em aneis por entre uma coroa de flores das campinas. Os meninos admiravam-na; suas companheiras a estimavam tanto que até perdoavam-lhe o ser tam bella. A casa em que ella tinha nascido, e que ainda habitava com seus velhos paes, que eram orgulhosos de possuil-a, ainda que simples, nem por isso deixava de ser a mais elegante de toda a aldeia. Esta elegancia vinha certamente, não da riqueza, mas d'um aceio devido aos cuidados de Norah; até a madre-silva, que crescia ao redor da porta, parecia mais verde, e as flores mais frescas, porque Norah as cultivava com suas lindas mãosinhas.

Sempre tinha a precaução, antes de deixar a fonte encantada, de tornar a cerral-a co'a pedra. Depois sempre cantando, dançando e rindo, entrava em casa sem trazer consigo o menor pesar, o menor cuidado, que podesse um só instante affugentar-lhe o mommo.

Tanta felici lade e innocencia não podia durar por muito tempo: estava proximo o amor. Chegou elle com um joven soldado

armado de aço, que gostava dos combates e delectava-se em narral-os. Bastou apparecer para encantar Norah. O coração da donzella não pôde deffender-se; foi mister entregar-se. E quando á tarde, ao pôr do sol, soava a hora de ir á fonte, já não ia Norah sosinha para lá. Ao principio Owall a seguia de longe, depois de mais perto, até que enfim uma occasião achou-se a seu lado. Algumas vezes assentavam-se no caminho para descansar; Owall com uma voz enternecida então lhe dizia:

• Quando passa Norah, innocente e bella, todas as bocas ficam mudas; e os olhos não se atrevem a levantar-se para ella; a sorpresa faz callar as bocas; o respeito intimidado os olhos.

• Um susurro lisongeiro a acompanha. Sem ornatos e orgulho, sua simplicidade ainda a torna mais bella. Diz-se-hia ser uma creatura baixada do ceo, que tendo tomado uma forma terrestre, tem conservado todo o encanto de sua origem.

• Como são frescas e engraçadas as margaritas na herva; mas uma só dá a idea de todas as outras; em quanto as mais bellas donzellas volteavam a milhares pelo valle, sem que ao vê-las, se podesse fazer uma idea da belleza de Norah!

Seus velhos paes não approvaram este amor. As historias do joven soldado, em que se descreviam as fadigas dos campos, e o perigo das batalhas, não tinham encantos para elles; Norah, pelo contrario, gostava de ouvi-las. Reprehenderam sua filha, prohibiram-lhe que escutasse aquelle que as contava, e até ordenaram-lhe que lhe fugisse.

Debulhada em lagrimas, Norah prometteo obedecer.

Para evitar o encontro de seu amante, nessa tarde tomou um caminho desviado, para ir á fonte do valle. Assentou-se na pedra depois de tel-a tirado do tanque; suas lagrimas correram em abundancia. Passou-se a hora, sem que dissesse fé, o dia acabava-se, e já do alto dos ceos as estrellas deixavam cahir sua frouxa claridade.

De repente appareceu-lhe o seu amante. • Ah! não vinde aqui! exclamou ella, não vinde, en não devo tornar a ver-vos. Porque já não voltei para a aldeia! Eu não tremaria em vossa presença; mas eu chorava. Fostes vós que me ensinastes a chorar, Owall!

— Não falleis assim, Norah; vinde; tome-

mos junctos o caminho da aldeia.

— Nunca, nunca! respondeo ella com vacillidade. Eu que sempre guardei religiosamente minha promessa, estou violando-a, e vós sois a causa. Eu tinha jurado a meu pae que não vos tornaria mais a ver, e entretanto eis-vos ahi!

Dizendo estas ultimas palavras, caminhava agitada; Owall não a deixava, tinha tomado entre as soas as mãos de bella rapariga, procurando sosegal-a. • Se e uma falta o verdes-me, é ella involuntaria, disse elle com um tom cheio de ternura e respeito; vossos paes ignoram nosso encontro, e se por acaso forem delle informados; não vos assustei; ha tanta indulgencia no coração de um pae! E não se deixaria elle dobrar? Porque não consentiria em nossa união? Sera o temor de não vos tornar a ver ao pé de si, de vos perder? Mas eu ficarei aqui, com vosco, com elle; trabalha rei para vós todos. O que eu não facia por vós, Norah, tam cara a meu coração? Mas, ah! é preciso nos separarmos; eis-vos perto de casa. Concedei-me pois um sorriso; acompanhe-me elle e me encante até o instante em que eu poder pedir-vos outro! Consentis nisso, Norah? É uma despedida, não m'a a recuseis.

Não foi recusada.

Neste momento, Norah abriu a porta; voltou a cabeça para Owall, concedeo-lhe esse sorriso tam ardentemente apeteido, e vermelha e tremula retirou-se para o seu quarto, onde o somno veio achal-a no meio dos mais doces pensamentos. Ella julgava, em seus sonhos, ter obtido o consentimento de seu pae; sua imaginação era tam rapida como o seu coração. Já via se ao pé dos altares, onde, depois de ter feito altamente, em presença do ceo, a confissão do seu amor, desde então, não tinha mais necessidade de occultal-o ao mundo.

Depois de ter sido embalada durante toda a noite por estas rissonhas imagens, a corda... de repente em grito de terror lhe escapa do peito. Precipita-se fora do leito. • A fonte! a fonte! Esqueci-me de tornar a pôr a pedra. Mas apenas começa a apparecer o dia; chegarei a tempo. Já ella estava no valle, onde corria arquejando, gritando sempre: • A fonte! a fonte! Neste momento ella avistou, um matiz dourado no cume das montanhas. • Será a aurora, perguntou a si mesma, ou o sol? Não, não, não pode ser; chegarei a tempo!

Tendo dado ainda alguns passos, ficou de repente immovel. Levou uma das mãos á testa e apertou-a em signal de desesperação; a outra mão, estendida, mostrava ao longe a fonte. Ter-se-hia dito, ao ver a donzella assim cheia de assombro, que era uma estatua, mas que por um prodigio inaudito estava gravada em seu semblante de marmore a expressão de uma cor viva. Ah! era o sol, e nesse dia estava elle limpo de nuvens. Seus raios cahiam sobre o tanque, que desta vez derramava agua, e a derramava em abundancia, com uma especie de furor; espalhava-se no valle como uma torrente. Diz-se-hia que a agua junta e reprezada por tantos seculos, escapava impaciente de liberdade.

Os aldeões precipitavam-se em multidão e em desordem, não sabendo para que lado deviam fugir. Nada podia arrancar a pobre Norah de sua espantosa immobillidade; nem a voz dos homens aterrados, nem o rugido das vagas enfurecidas. Seu dedo indicava sempre a fonte, mas ella parecia não comprehender o perigo que a ameaçava, por que já as ondas tocavam seus pés. Seu gesto tinha alguma cousa de machinal. Owall, que corria neste momento, precipitou-se e a arrebatou nos braços. Tornando a si: • Salvai meu pae! salvai minha mãe! exclamou ella com uma voz despedaçadora. Deixai-me morrer, e accudi-os! Mas Owall, tam leve, tam agil com este doce peso, como um caçador carregando um gamo, Owall subio rapidamente uma das montanhas que bordavam o valle, porque já não havia outro caminho possivel. Vão refugio! As ondas o seguiam murmurando; estavam ameaçadoras e como que impellidas pela vingança. Quanto mais Owall subia, mais as aguas se iam elevando. Chegado que foi ao cume, pára fatigado, de põe em terra sua amante, e observa ao redor de si.

() espectáculo horrivel! O valle desaparecera debaixo das aguas. O pequeno espaço em que elles se achavam não formava mais do que uma ilha perdida no meio de um lago immenso como o mar, este espaço vai sempre diminuindo. Acontecia o mesmo com as outras montanhas; seus cumes apresentavam tambem ilhas espalhadas sobre o lago, porem menos altas do que aquella em que Owall tinha achado um refugio momentaneo, abysmaram-se antes da sua, que foi a ultima que se submergiu. () meu unico amor, minha Norah! disse Owall, bei-

gando a fronte pallida de sua amante, que não te possa eu levar pelos ares! Pois já não ha mais vida para nós? E Norah lhe respondia. «Meu pae! miha mae! eu os matei!»

Nos braços um do outro, os dous amantes aguardaram sua sorte inevitavel. As aguas cresciam sempre, em fim a ilha diminuiu pouco; já era só um ponto, depois esse ponto reduziu-se a nada.

A' vista destas duas jovens victimas que fluctuavam, extinguiu-se a colera no coração da fada, e a inundação parou, mas o

valle não tornou a apparecer; ficou no fundo do lago de Killarney.

Assegura-se que em cada anniversario deste funebre acontecimento, um passaro negro, desconhecido, unico talvez no universo vem com o albor da manha sacudir as asas no lugar em que foram submergidos Owall o soldado, e Norah a donzella. Pairando em torno lança gritos lastimosos e doces. Estes gritos, em cima do lago, que serve de tumulo aos dois amantes, tornaram-se uma especie de epitaphio annual e vivo.

R. C.

VARIÉDADES.

—*Theatro Nacional*—Está finalmente a Sra. Margarida Lemos resolvida a trabalhar no nosso Theatro, e no dia 8 de Agosto temos a satisfação de a ver desempenhar o papel de Lucrecia Borgia em seu beneficio: honra muito a intelligencia da Sra. Lemos a escolha que fez do Drama para o seu *debute*, e do seu merecimento artistico tudo se deve esperar, porque já bastantes provas temos delle, durante os seus trabalhos lyricos na companhia Italiana: foi uma excellente aquisição para a companhia Aliança, porque a entrada da Sra. Lemos vai alentar um pouco o nosso pobre Theatro, que estava prestes a delinhar-se.

—Já que fallamos d'artistas, diremos de passagem, que a celebre Eugenia Garcia, que *ha futo furor* na Opera Comique de Paris, e no Drury-Lane de Londres, está actualmente escripturada no theatro di Scala em Milão. Foi a *Somnambula do maestro Bellini* a Opera escolhida para o seu *debute*.

—O celebre auctor do Conde de Monte-Christo, Mr. Dumas, deo principio a edificação de um novo Theatro em Paris, no *Boulevard du Temple*. Affirma-se que é o maior e o mais elegante que até hoje se tem feito nessa Cidade: foi o duque de Montpensier quem obteve o privilegio para Mr Dumas, por isso em reconhecimento será elle denominado—Theatro Montpensier.

—O *Pseudo-Poraque*—Appareceu ultimamente em Paris uma moça de idade de treze annos, que se dizia dotada de propriedades electro-magneticas extraordinarias: fez a sua apparição grande ruído, e disião os jornaes que não era ella nem mais nem menos que uma pilha de Volta em carne e osso, uma machina electrica organizada. Eis o que d'elles extrahimos a cerca de um phenomeno tão singular.

Mlle. Angelica Cottin (este era o seu nome) apresenta no lado esquerdo do corpo uma certa tensão electrica, que lhe faz atrahir, sem contacto immediato, corpos leves como uma folha de papel, uma rama de pena &c. Suspendendo-se-lhe no braço esquerdo uma especie de electrometro composto de duas bólas presas nas extremidades de dois fios parallellos, as bólas afastam-se e os fios tomam uma direcção opposta á vertical. Não se limita a isto somente a potencia electrica de Mlle. Cottin; cadieras, mezas, leitos &c, tudo é repellido no momento em que ella se aproxima a qualquer d'estes móveis, e para isto não é necessario que ella os toque com o seu corpo, é somente bastante que, entre ella e o objecto que se quer mover, haja um fio de seda. servindo neste caso de conductor, (com quanto seja isto um contra senso formal.)

Tem ella demais a propriedade de distinguir pelo simples contacto os dois pólos d'um iman, produzindo nella cada um d'elles uma sensação particular. Dikemos enfim que esta pobre menina é sujeita a accessos caracterisados por movimentos convulsivos, que não parecem susceptiveis de se propagarem visivelmente a outros individuos.

Não quiz a Academia das Sciencias, á vista de tantos prodigios, deixar passar despercebido este phenomeno sem tomar d'elle conhecimento, e nomeou para isso uma commissão, que infelizmente nenhum resultado pôde obter, porque no exame a que procedeo nãta se passou do que se dizia, porque Mlle. Cottin não era mais que uma infeliz affectada de choréa, enfermidade esta que produz muitas vezes phenomenos extraordinarios, bem como outras nevroses taes como a epilepsia, a histeria &c.

—A 19 de Janeiro deste anno, forão proclamados cardaes em sessão do consistorio no Vaticano: o Sr. Guilherme Henrique de Carvalho, Patriarca de Lisboa, antigo Lente de Direito em Coimbra, onde nasceu a 10 de Fevereiro de 1793.

—Il signore Sixto Riario Sforza, Arcebispo de Napoles, onde nasceu a 5 de Dezembro de 1805.

—Mr. Joseph Bernet, Arcebispo de Aix; nasceu em Saint-Flour a 4 de Setembro de 1770.

—Vae-se publicar em França uma nova traducção dos Evangelhos por Mr. Lameauais, com notas e reflexões do traductor. A. Rego.

—*Machinas de vapor*.—O aperfeicoamento ha tanto tempo desejado e procurado das machinas de vapor parece estar a ponto de verificar-se. Um francez, M. Gallard, inventou um systema chamado por elle de *dullice-motor*, que apresenta, segundo se diz, incontestaveis vantagens. Esta nova machina funciona em Pariz publicamente para que todos a possam observar.

A primeira vantagem é a suppressão do fumo: o que contribue para augmentar a força que produz uma engenhosa combinacão de vapor, e de ar dilatado. Se é verdade que a força excede a que o diametro dos pistons poderia prometter que a combustão é menos de metade; a construcção e conservacão menos custosa, pôde-se esperar ver tornar quasi commum o emprego do vapor e que a machina de *dullice-motor* seja preferida dentro em pouco para os caninhos-de-fero, navegacão, e de mais misteres em que até hoje se empregam os systemas tão custosos.

Revist. Univ

INDICE.

Litteratura contemporanea—Russia.....	Pg.	89
Amor e Saudade (Poesia).....	•	91
A pobreza.....	•	92
O somnambulo (Poesia).....	•	94
O atheo e o homem religioso.....	•	95
A Breschelle.....	•	98
Biographia—M. A. Thierry.....	•	101
Odessa.....	•	104
O Lago da fada.....	•	105
Variedades.....	•	108



A V I S O S .

—A publicação do *Archivo* será mensal; sahirá á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte a vinte quatro paginas de impressão cada numero; comprehenderá duas secções, uma de Litteratura, e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da Sociedade.

A Associação Litteraria Maranhense offerece as columnas do *Archivo* ás pessoas que nellas quizerem imprimir alguma obra respeitandó a instrução, moral, e recreio, sendo approvada pela Commissão Revisora.

Subscreve-se para este Jornal, nesta Cidade em casa do Editor, Travessa do Sincero n.º 1; e em casa dos membros correspondentes, em A cantara Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupí, Padre Manuel Altino Barbosa, e Antonio Jozé de Carvalho Vires Lima; no Mearim, Tenente-Coronel Manuel Lourenço B. géa; no Codo, Raymundo Jozé de Souza Gayoso; no Itapucurú-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova; em Pernambuco (Olinda) Jozé Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Jozé d'Abreu; no Pará, Joaquim Corrêa de Magalhães, e André Garcia Benjamin, em Bragança na mesma Provincia, Padre Manuel Jozé da Matta; e no Piauby (Pety) Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

P R E Ç O .

Por anno, 12 numeros—4\$000 }
Por semestre, 6 ditos—2\$400 } pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.
Para o interior, e fora da Provincia 5\$000 por anno.

REVISTA ACADEMICA.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA, jornal litterario e scientifico, publicado em Coimbra, no escriptorio do Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, rua de Sanct'Anna. Consta de 24 numeros por anno, contendo cada numero desesseis paginas em 4.º—Preço d'assignatura 3\$000 reis annuaes.—

O CREPUSCULO.

Subscreve-se para O CREPUSCULO, periodico instructivo e moral do Instituto Litterario da Bahia, publicado duas vezes por mez, em casa do Membro correspondente daquelle Instituto, nesta Cidade, Augusto Frederico Colin, Travessa do Sincero n.º 1. Publica-se no dia 10 e 25 de cada mez, constando cada numero de 16 a 20 paginas, formato pouco mais ou menos como o do *Archivo*, inteiramente impresso. Preço d'assignatura 3\$000 reis por semestre.

O PHILEIDEMON.

Na mesma casa subscreve-se para O PHILEIDEMON, periodico scientifico e litterario, publicado pelos Academicos de Olinda, uma vez por mez, em 4.º tendo principiado em Junho ultimo. Preço d'assignatura 2\$500 reis por semestre.

1 8 4 6

A G O S T O = N.6

O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

AGOSTO 31—1846.—VOLUME 1.^o—N. 6.



COLLABORADORES.

Illms. Snrs.

Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
A. Curcino Benjamin.
Dr. A. Carneiro H. de Scuto Maior.
Dr. A. Gonçalves Dias.
A. Henriques Leal.
A. R. de Torres Bandeira.
Dr. Antonio Rego.
A. C. dos Reis Raiol.
A. Frederico Colin.

Illms. Snrs.

Dr. F. José Corrêa.
Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
J. Tell Ferrão.
J. J. Ferreira Valle.
M. J. Pereira.
M. Benicio Fontenele.
Dr. F. A. de Carvalho Reis.
Dr. R. J. Faria de Mattos.
R. Augusto Colin.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO. CASA N.º 10.

IMPRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros effectivos e funcionarios.

Presidente—	Ilm. Sr. Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.
Secretario—	» » Augusto Frederico Colin.
Commissão Revisora	» » Augusto Cesar dos Reis Balol.
	» » Antonio Henriques Leal.
	» » Joze Tell Ferrão.
Thesoureiro	» » Joze Tell Ferrão.
Editor	» » Roberto Augusto Colin.
	» » Dr. Antonio Gonçalves Dias.
	» » Dr. Antonio Rego.
	» » Luiz Antonio Vieira da Silva.

Membros Honorarios.

Ilms. Snrs.	Ilms. Snrs.
Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.	Dr. Isidoro Emilio Baptista.
Dr. Antonio Carneiro Homem de Souto Maior.	Dezembargador João Candido de Deus e Silva.
Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreo.	Dr. Joze Hermenigildo Xavier de Moraes.
Dr. Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.	Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
Antonio de Vasconcellos Menezes de Drumond.	Dr. Joze Ricardo Jauffret.
Dr. Carlos Fernando Ribeiro.	Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá.
Dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento.	Conego Luiz Barroso de Bastos.
Dr. Domingos Joze Gonçalves de Magalhães.	Dr. Manuel Jansen Pereira.
Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira.	Dr. Pedro Nunes Leal.
Dr. Francisco Joze Furtado.	Dr. Raymundo Joze Faria de Mattos.
Dr. Frederico Joze Corrêa.	Dr. Tiberio Cesar de Lemos.
Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.	

Membros Correspondentes.

Ilms. Snrs.	Ilms. Snrs.
Capitão Alexandre d'Araujo Costa.	Joaquim Corrêa de Magalhães.
Alvaro Duarte Godinho.	Joze Joaquim Ferreira Valle.
André Curcino Benjamin.	Padre Manuel Altino Barbosa.
Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.	Padre Manuel José da Motta.
Antonio Rangel de Torres Bandeira.	Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogéa.
Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova.	Dr. Pedro Joze d'Abreu.
Cypriano Fénelon Guedes Alcantarado.	Raymundo Joze de Souza Gayoso.
Estevão d'Albuquerque e Meilo Montenegro.	Thomaz Ferreira Guterres.
João Pedro dos Santos.	



TÉ-DEUM.

*Nós, Senhor, nós te louvamos;
Nós, Senhor, te confessamos.*

Senhor Deus Sabaoth tres vezes sancto,
Immenso é o teu poder—tua força immensa—
Teus prodigios sem conta; e os céos e a terra
Teu ser e nome e gloria preconizam.

E o Archanjo forte e o Seraphim sem mancha,
E o choro dos prophetas e dos martyres
A turba eleita á ti, Senhor, proclamam,
Senhor Deus Sabaoth tres vezes sancto.

Na innocencia do infante és tú quem fallas,
A belleza, o pudor és tú quem gravas
Nas faces da mulher; és tú que ao velho
Dás prudencia, e o é que verdade e força
Nos severos labios do que é justo ass'ellas.

És tu quem dás rumor á quieta noite,
És tú quem dás frescor a mansa briza,
Quem dás fulgor ao raio—asas ao vento—
Quem na voz do trovão longe rouquejas.

És tú quem do oceano a furia insana
Pões limites e cobro; és tu que a terra
No seu vôo equilibras;—quem dos astros
Governas a harmonia, como notas
Acordes—simultaneas—palpitando
Nas chordas d'Harpa do teu Rei—Propheta,
Quando elle em teu louvor hymnos soltava
Que iam cheios de amor beijar-te o solio.

Sancto! sancto! sancto! Teus prodigios
São grandes como os astros, são immensos,
Como arêa delgada em quadra estiva.

E o Archanjo forte, e o Seraphim sem mancha,
E o choro dos prophetas e dos martyres
A turba eleita a ti, Senhor, proclamam,
Senhor Deus Sabaoth tres vezes sancto.

A. Gonçalves Dias.

LITTERATURA CONTEMPORANEA.

RUSSIA.

Ponchkine—Lermentoff—Gogol.

(CONCLUSÃO.)

O aspecto da realidade phyzica, ou moral produz nas almas das artistas impressões muito diversas, em uns ella se reflecte toda e com todas as suas partes, actua com força, mas tranquillamente, sobre a alma do poeta dirigindo-se somente ao seu talento de reproducção; em outros pelo contrario actuando com mais vigor sobre um ponto mais restricto, e mais especial, ella produz enthusiasmo ou indignação, admiração ou cholera, amor ou odio. Aonde o elemento do lyrico, a personalidade predomina,

ahi a corrente da inspiração pode ser menos vasta, porem é mais profunda, é mais impetuosa: Lermentoff foi uma dessas naturezas, energicas apaixonadas, concentradas, de que Lord Byron é o mais magnifico modelo. Um amor selvagem de sua independencia abrazava sua alma; elle era constantemente devorado pelo fogo de uma impaciencia interna: ninguem na Russia escrevera versos tão energicos em sua simplicidade, em sua nudez, tão rapidos tão desdenhosos de vãos ornatos; toda a sua poezia tem o

TÉ-DEUM.

*Nós, Senhor, nós te louvamos,
Nós, Senhor, te confessamos.*

Senhor Deus Sabaoth tres vezes sancto,
Immenso é o teu poder—tua força immensa—
Teus prodigios sem conta; e os céos e a terra
Teu ser e nome e gloria preconizam.

E o Archanjo forte e o Seraphim sem mancha,
E o choro dos prophetas e dos martyres
A turba eleita á ti, Senhor, proclamam,
Senhor Deus Sabaoth tres vezes sancto.

Na innocencia do infante és tu quem fallas,
A belleza, o pudor és tu quem gravas
Nas faces da mulher; és tu que ao velho
Dás prudencia, e o é que verdade e força
Nos severos labios do que é justo ass'ellas.

És tu quem dás rumor á quieta noite,
És tu quem dás frescor a mansa briza,
Quem dás fulgor ao raio—asas ao vento—
Quem na voz do trovão longe rouquejas.

És tu quem do oceano a furia insana
Pões limites e cobro; és tu que a terra
No seu vôo equilibras;—quem dos astros
Governas a harmonia, como notas
Acordes—simultaneas—palpitando
Nas chordas d'Harpa do teu Rei—Propheta,
Quando elle em teu louvor hymnos soltava
Que iam cheios de amor beijar-te o solio.

Sancto! sancto! sancto! Teus prodigios
São grandes como os astros, são immensos,
Como arêa delgada em quadra estiva.

E o Archanjo forte, e o Seraphim sem mancha,
E o choro dos prophetas e dos martyres
A turba eleita á ti, Senhor, proclamam,
Senhor Deus Sabaoth tres vezes sancto.

A. Gonçalves Dias.

LITTERATURA CONTEMPORANEA.

RUSSIA.

Ponchkine—Lermentoff—Gogol.

(CONCLUSÃO.)

O aspecto da realidade physica, ou moral produz nas almas das artistas impressões muito diversas, em uns ella se reflecte toda e com todas as suas partes, actua com força, mas tranquillamente, sobre a alma do poeta dirigindo-se somente ao seu talento de reproducção; em outros pelo contrario actuando com mais vigor sobre um ponto mais restricto, e mais especial, ella produz enthusiasmo ou indignação, admiração ou cholera, amor ou odio. Aonde o elemento do lyrico, a personalidade predomina,

ahi a corrente da inspiração pode ser menos vasta, porem é mais profunda, é mais impetuosa: Lermentoff foi uma dessas naturezas, energicas apaixonadas, concentradas, de que Lord Byron é o mais magnifico modelo. Um amor selvagem de sua independencia abrazava sua alma; elle era constantemente devorado pelo fogo de uma impaciencia interna: ninguem na Russia escrevera versos tão energicos em sua simplicidade, em sua nudez, tão rapidos tão desdenhosos de vãos ornatos; toda a sua poezia tem o

cunho de sua alma indomável, taciturna, e violenta.

Desconhecerão a verdadeira natureza do seu talento quando o censurarão por ter posto, como que em moda, o desencantamento de Byron: não era a misanthropia de um coração saciado e sem esperanças que o inspirava, era a indignação da inercia forçada, o odio e não o aborrecimento da ociosidade. Lermontoff não era desses escriptores fictícios, que para supprir a falta de genio soccorrem-se de boas e louváveis intuições meio-fingidas meio-reaes, não, Lermontoff era um verdadeiro, um grande poeta: só elle e Ponchkiue souberam fazer falar a mulher russa. Lermontoff tractou admiráveis descripções, creou caracteres vigorosos; e crescento sempre o seu talento se tornava cada dia mais seguro, mais firme, mais eminente, quando a morte lhe cortou a existência ainda no limiar de sua carreira. Com quanto Lermontoff passara de rapto pelo mundo, a sua influencia sera perduravel, porque elle era, como Ponchkiue, iminentemente russo, e foi elle o primeiro poeta de paixão que a Russia possuio.

Ponchkiue desde sua estrêa constituiu-se chefe de uma escola, que produziu distinctos versificadores, mas nem um poeta; elle achou o segredo de fazer versos, os seus imitadores aproveitaram-se de sua descoberta, e de então em diante não houve um só estudante na Russia que não soubesse rimar soffrivelmente; mas sua poezia não tinha uma tendencia fixa, um caracter proprio, e porisso ella não pôde ter uma influencia immediatamente efficaç sobre seus contemporaneos: a poezia tinha entrado na Russia com Ponchkiue — era evidente, ninguém o podia contestar: mas que senda iria trilhar a litteratura? iria ella caminhar a par da vida real, da vida do povo? ou ficaria permanecendo no mundo um pouco ideado onde a collocara Ponchkiue? Note-se que empregando a palavra—ideal—não pretendemos de modo algum dizer que Ponchkiue não tivera o mais vivo sentimento da realidade; porem a limpida simplicidade de suas pinturas, a sobriedade nas particularidades espalham por todas as suas figuras uma belleza severa e antiga, que fez comparar-se o seu talento ao de um sculptor. A questão solveo-se immediatamente: a litteratura seguiu seu pendor natural—reproduzir a vida actual em toda a verdade de seu conjuncto—e tornou-se o alvo commum dos

esforços de todos os escriptores: escreveram logo comedias, dramas, romances de costumes, romances historicos e a grande lucta do classico e do romantico achou echos na Russia, porque, como ja observamos, Ponchkiue não tinha plenamente libertado a litteratura nacional de suas tendencias á imitação. Entretanto esses escriptores que se esforçavam em ter originaes pela pintura da vida presente ou passada do povo, nunca acharam aquella inspiração viva e profunda que alumia e dá vida as obras como o facho de Prometheo. Pode-se citar o Joury Miloslavski de Zagozkiue, e o Ivan Vygi-gline de Boulgarne como os mais afamados exemplos do romance de costumes, e de romance historico desta epocha; entretanto Ponchkiue, apesar do caracter ideal de sua poezia, era mais russo que todos os que pintaram a Russia d'hoje e a d'outro'a. Neste momento de confusão subito brilhou um talento joven, vigoroso, e cheio de futuro, sobre quem se fixou a attenção geral, Nicolao Gogol. Nascido em 1808 na pequena Russia Nicoláo Gogol passou a infancia nos vastos steppes da Ukrania, no meio de uma população sem contacto com a Europa, e que conservara muito melhor que a outra parte da Russia o caracter nativo. As suas primeiras Novellas só tinham de Russo o idioma, e esse carregado de innumeraveis erros de Grammatica e de estylo. Gogol reproduzio completamente a pequena Russia em seus serões de Dikanka; — todos admiraram neste livro o vigor e o natural do colorido, a rica veia epica, a delicadesa de suas observações e sua ingenua originalidade. Gogol não imitou ninguém: — defeitos e bellezas tudo lhe pertence. Fixou sua residencia na Russia e ahí successivamente publicou uma comedia (Revisor) uma outra serie de novellas, scenas dramaticas e a primeira parte de um Romance (*) Meurtvia Douchi, que agora concluiu em Roma. Cada uma destas obras echou longe — e hoje Gogol é em toda a Russia o escriptor mais popular, mais influente e o mais imitado. Ainda que simplesmente prosador, é elle o primeiro escriptor da Russia perfeitamente original; — com o profundo conhecimento do Paiz e do povo que elle pinta, e com singular talento para narrar — possui Gogol um estro comico inexgotavel, o que levava a

(*) As almas mortas; e litteralmente o titulo desta singular composição de Gogol.

Ponchkiue, e uma ironia disfarçada com a sua bohemnia, e muito diferente do sarcasmo desabido de Lermontoff, e certo humor, que lhe era particular impressionado por aquella tristesa profunda, que existe sempre no intimo de um coração slavo. Não há na vida russa segredos para elle, todas as classes da sociedade vão uma á uma prestar-se á sua agudissima observação, e ja grante copia de phrases tiradas dos seus escriptos se tem tornado locuções familiares: as descripções feitas por elle da natureza da Russia são maravilhosamente fieis e poeticas. Gogol tem feito uma revolução completa na Litteratura do seu Paiz; a falta voluntaria do genero Lyrico, uma maneira serena e grande de reproduzir o estado presente da Russia—dizendo o bem sem o entusiasmo, e o mal sem indignação, a muito subida facultade de crear typos—e o dom de dar vida á todas as suas pinturas das cuias e dos homens—estas qualidades diversas—mas irmãs—lhem tem ganhado uma influencia prodigiosa—o primeiro lugar entre os auctores, seus contemporaneos. A importancia sempre crescente, que tem acompanhado este auctor desde a sua estrêa, e o seu merito incontestavel, nos fazem desejar que as suas obras se vulgarizem entre nós.

O PAPEL QUE FEZ A GRECIA NO DESENVOLVIMENTO DA HUMANIDADE.

Unde humanitas, doctrina, religio, fruges, leges ortae, atque in omnibus terris distributae—

Cic. Pro L. Flacco, 26—

—Ao contemplar esse solo erriçado de tantas montanhas, essas costas tam profundamente recortadas, essas ilhas semeadas como postos avançados sobre a derrota maritima da Azia, involuntariamente o nosso espirito se recorda do antigo destino desse canto do mundo e do immortal papel que representou nos caminhos da Providencia. Ahí foi que, ha trinta seculos, os ventos e as ondas trouxeram do Oriente os germens da civilização. Esses germens, vinte vezes fecundados pela influencia do mais bello ceo, nas planicies da Azia, foram vinte vezes desarraigados. Em balde rios candalosos, um solo incomparavel, e a mais ditosa temperatura pareciam concorrer para chamar o homem, nesses encantadores plainos, á cultura das artes, á pollidez dos costumes, ao

desenvolvimento do pensamento, e ao conhecimento de Deus e da natureza. Das montanhas do norte, e dos areaes ardentes do meio-dia successivamente se arrojavam duas raças selvagens e rivaes, que, em suas rapidas intundações varriam todos os seculos essa arena franca e sem defenza. Essas raças inexgotaveis, desligando-se nesse jardim delicioso, vinham por fim a amollecere-se; porem barbaras ao chegarem, cada tribu começava por destruir, e em breve expulsas umas pelas outras, não tinham tempo de passar da mollesa, que abranda as almas, á civilização que as eleva. Estava marcado nos destinos da Asia o despertar no coração do homem o instincto da civilização; era porem mister ao desenvolvimento desse instincto uma segurança que ellas não offereciam. Países menos francos que esse grande caminho dos barbaros foram as primeiras escholas da humanidade nascente. Todavia nem o deserto d'areia, que separa o Egypto da Syria, nem as altas torres da soberba Tyro, nem os baluartes do Taurus, que cingem a Asia-menor como uma muralha, não eram sufficientes trincheiras contra as selvagens agitações do centro da Azia. Cedo ou tarde essas tres barreiras deviam desabar em presença do poder de um desses imperios, que a mão dos barbaros plantava e abatia incessantemente nas ribas do Euphrates. Era mister ás sementes da civilização um asylo ainda mais seguro; era-lhes mister o abrigo mais longiuquo dos rochedos da Grecia, e a protecção dos mares eternamente impollados que a circumdam. Separada da Azia pelo Hellesponto, e pela extensa passagem da Thracia, protegida ao norte por essa alta cordilheira de montanhas, que a separa, bem como a Italia, das francas planicies da Europa septentrional, rodeada de todas as outras partes pelas ondas, a Grecia reúne á todas essas fortificações exteriores a vantagem de ser edificada no interior como um castello da idade-media. Ahí uma muralha succede a outra muralha, uma porta a outra porta; é um labyrintho inextrincavel que offerece sempre uma sahida e um asylo a seus defensores após cada derrota, um laço e um perigo a seus inimigos após cada victoria. Sobre essa terra allumiada por um bello sol, banhada por mares pictorescos, profusamente enfeitada de selvagens ornamentos de uma vigorosa vegetação, a Providencia para engrandecel-a, em bem da humanidade, creára uma raça

de homens não menos admiravelmente organizados; raça activa, valente, de uma imaginação audaz e poetica, amiga das aguas e das montanhas—e por consequente da independência e de aventuras; propria para tudo—tanto para a philosophia como para os negocios—para as artes como para a virtude—para os trabalhos da guerra como para os da paz; raça de genio a que nenhuma outra tem jamais igualado, e cujos deploraveis restos vemos vergonhosamente perecer á nossos olhos. Se povo algum foi jamais predestinado por uma sorte especial, e mereceu o nome de povo de Deus, foi certamente este. Elle o foi durante dez seculos, pois que nesse espaço de tempo marchou á frente da humanidade, apontando-lhe uma senda immortal, elle o foi a cavalleiro mesmo dos que haviam sido escolhidos antes, e dos que o tem sido depois, porque foi por elle, e no seu paiz, que se arreigou definitivamente, no meio da humanidade, essa arvore da civilização, cuja espessa folhagem devia cobrir a terra. Outros dias diversos dos de Marathon, de Salamina, e de Platéa na historia da especie humana! Até então a civilização nascente era sempre suffocada debaixo do poder dos barbaros. Nas ribas do Euphrates, do Tigre, na Syria, no Egypto, sobre as deliciosas praias da Asia-menor, em todas as epochas, e em toda a parte, sempre foi a mais fraca. Nesses tres dias de eterna memoria, teve a superioridade pela primeira vez;—pela primeira vez o numero cahio vencido pela intelligencia, e a força conheceu um freio. Depois da obscuridade que havia envolvido a sua infancia era mister á civilização a independência para chegar á virilidade; ella a obteve na guerra media—devida aos rochedos e ás ondas da Grecia. Fertilisado pelo sangue de seus primeiros defensores, e alem disso ao abrigo do ferro dos barbaros, o arbusto cresceu rapidamente, e por todos os lados seus ramos desfolhados pela tempestade tornaram-se viçosos. Em quanto que no interior a seve se fertilicava no espaço de vinte sete annos da guerra do Peloponeso, as colonias insulares e asiaticas—postos avançados da metropole—elevavam as cabeças e floreciam á sombra do seu poder respeitado. Outras se engrandeciam pela civilização do occidente, e nas costas da Sicilia, sobre as praias dessa Italia—onde, ainda no berço, dormia a futura herdeira da Grecia—onde se preparava a mão possante

e esse novo foco de luz, em torno da qual se deviam reunir tantas nações barbaras. Por esta maneira se desenvolvia de todos os lados, e a pouco e pouco se fortificava, o poderio do povo escolhido. Finalmente quando sua educação esteve bastante adiantada, e que adquirio na solidão dos Dez mil, e sob os estandartes de Agésilao, a consciencia de seus destinos, Deus reuniu todas as forças na mão de Alexandre para que elle os completasse. Depois da guerra media a expedição de Alexandre é o maior acontecimento de que a historia nos conserva a memoria. A guerra media salvou a civilização no berço; a expedição de Alexandre foi o primeiro acto de sua mecidade. Foi a estréa dessa longa lucta da civilização contra a barbaridade, que é o fundo da historia e da humanidade, por isso que o é igualmente do seu destino. Outrora a civilização não ousava entrar em combate; muito feliz em poder salvar a vida, julgando-se independente em um canto occulto do mundo, abandonava á sua rival o imperio. Sahio finalmente de seu retiro, sob o estandarte de Alexandre, entrou na arena, que nunca mais abandonou, e desde então o dominio da terra foi disputado. De sorte que esta expedição foi uma cousa nova no mundo. Não teve os caracteres das barbaras invasões que a haviam precedido. Em lugar de vencer por meio da força, Alexandre venceu por arte; em lugar de destruir, fundou; em lugar de embrutecer, esclareceu. Á excepção de alguns collegios de padres, que escondiam como um mysterio o pouco de sciencia que possuíam, Alexandre não encontrou em seu caminho mais do que uma faustosa barbaridade: ouro e não virtudes; satrapas e escravos e não homens. Em toda a parte a superioridade da raça grega excedeo-se em tudo o que pertencia ao dominio d'alma e do pensamento; por toda a parte tambem os povos se elevaram debaixo de seu jugo. Foi menos uma conquista que uma missão; o general possuia o genio de um apostolo, e á suas victorias succediam felizes dias, em que o discipulo de Aristoteles eclipsava o rei de Macedonia. Até então não havia mundo; só existiam nações isoladas, inimigas ou desconhecidas umas das outras, com genios, costumes, e regimem diferentes; Cyro, como todos os barbaros, só tinha feito um imperio. A expedição de Alexandre poz em contacto, misturou, e unio em um só systema todas as nações do Ori-

ente. Por meio della as ideias de todas as nações se deram a conhecer; comprehenderam-se, examinaram-se, e se ligaram ao facho do espirito grego; e desta coalisao espirital resultou o primeiro mundo civilizado, o mundo grego ou oriental, de cujo seio surgio o Christianismo. Como philosophia o Christianismo foi o resumo popular de tudo o que de verdadeiro achara a sabedoria desse primeiro mundo sobre o destino do homem. As religioes precedentes, originarias dos sentidos e da imaginação, só eram religioes de crianças e de barbaros. Todas procediam de uma data anterior á civilização. O Christianismo foi a primeira religião reflectida, a primeira religião de homens. Foi o primeiro resultado, a expressão, e o complemento da primeira idade da civilização, e por consequente o principio e alma da segunda. Tal foi o importante papel da Grecia nos destinos da humanidade. Dahi para diante a civilização organizou sobre a terra um corpo poderoso e até mesmo invencivel. A bola de neve estava feita, restava-lhe apenas fazer a gyrar debaixo da mão do tempo para reunir a humanidade. Uma filha da Grecia—Roma—reunia então a seu imperio as nações do Occidente. Quando sentio-se grande esse imperio, arremeçou-se sobre o mundo oriental; e dessa amalgama formou-se um mundo mais vasto—o mundo das praias do Mediterraneo—o mundo meridional e romano. Então o meio-dia e o norte principiaram a communicar-se—o meio-dia civilizado e o norte barbaro; e outra nova aglomeração se preparou. Quando se atira um feixe de lenha verde sobre uma fogueira bem accessa, ao principio parece este novo alimento querer suffocal-a; ao fulgor que antes derramava succedem em contiuente turbilhões de fumo; mas afinal a agua se evapora, as fibras seccam e abrasam-se, a chama apparece, e a fogueira brilha com mais novo e alentado clarão. É o que aconteceu quando as populações do norte se arrojaram sobre as policidadas populações do meio-dia. O equilibrio estabeleceu-se por assim dizer entre a barbaridade de umas, e a civilização de outras, e d'elle proveio uma civilização media, que veio ser a da fu-ão. Por esta forma unicamente podiam as novas raças assimillar-se ás antigas, e nivelar-se com ellas. A barbaridade porem é um elemento inerte, ao passo que a civilização é um principio activo. Assim ter-

mentando reunidas, a civilização devia pois a pouco e pouco e com o tempo absorver a barbaridade. Esta operação chimica concluiu-se lentamente pela idade-media, de cujo seio surgio por fim o terceiro mundo civilizado, o mundo europeu, mais vasto que o mundo romano, como este o tinha sido á respeito do mundo grego. Esse terceiro mundo, que se acha apenas completo, começou já a gerar um quarto,—o mundo americano-europeu, que estende seus braços pelo norte e sul da Asia, envolve a Africa, estabeleceu-se na Nova-Hollanda, occupa e protege todas as ilhas da terra, e para o futuro virá a ser o mundo total e definitivo, o verdadeiro mundo, o mundo da humanidade. Eis aqui o immenso horizonte que a civilização esclareceu com suas luses, desde o dia em que bruxuleou como tenue crepusculo sobre as ermas montanhas da Grecia, seus primeiros passos foram lentos e difíceis: foi-lhe mister mil annos para sahir do berço; com o caminhar adquirio forças, e nos tempos modernos tres seculos tem-lhe sido sufficientes para submeter um mundo. Hoje já é um gigante que não tem rival sobre a terra; os barbaros fogem ao seu sopro; e não lhe resta senão fazer conquistas, não tendo serias luctas que sustentar. Entretanto em meio de sua aureola de prosperidades que tem ella feito da Grecia, sua gloriosa patria? Será necessario dizel-o, e repetir o que temos dicto ha seis annos? A Grecia, que foi a primeira a vencer os barbaros, era ha tres seculos sua miseranda captiva. Alfm, apos tanto tempo de servidão, vendo-se cercada de povos civilizados, aquem tinha o direito de considerar como filhos, vendo-os ricos e possantes, em paz entre si e com o mundo, sublevou-se a prol da liberdade, na esperanza de que elles a não abandonariam, e que nada tendo melhor em que se occupar, lembrar-se-hiam de Leonidas e de Themistocles. Arrojado porem foi o seu presumir. Empeñhada em uma lucta desigual, achou-se a sós com a sua desesperação. Saqueada, incendiada, vendida, velipendiada, estendeo-nos os braços; pediu que queria ser a ultima d'entre nós, e sugitou-se a ficar sendo a nossa serva—a nossa escrava; nada pôde, pelo espaço de seis annos, alterar a tibieza de nossos diplomatas, e foi-lhe preciso que a caridade dos artistas lhe fornecesse pão para se alimentar, linho para pensar suas feridas, e algumas armas para vender mais

caro o seu derradeiro suspiro! E entretanto a Grecia está na Europa, e a Europa é christã, um piparote da Europa podia atirar para a Asia os indignos senhores da Grecia. Ah! os reis certamente não sabem historia; alias uma compaixão mais prompta teria quebrado quanto antes a linha ministerial que os prendia. Porem finalmente sahimos dessa vergonhosa indiferença, e melhores conselhos foram ouvidos; a força das cousas triumphou das intrigas de um momento, como tem sempre acontecido,

e esse canto da Europa será restituído á civilisação que delle sahio. (*) Não pôde a Providencia suspender o vasto plano, em que prosegue ha quarenta seculos, por deferência a M. de Metternich e aos jesuitas, que não comprehendem, como ella, os destinos da especie humana. Era mister que o Hellesponto deixasse de correr para que o imbecil Xerxes lançasse em suas ondas algumas bracas de cadeias, e açoitasse com varas seu seio magestoso.

A. C.

RECORDAÇÕES.

O premier promenade de l'amour, il faut que votre souvenir soit bien puissant, puis qu'après tant d'années d'infortune, vous remuez encore le coeur du vieux Chactas.

Chateaubriand—

Por este prado
Com os meus amores
Brincando andava
Por entre as flores

Já mais tratavel
O sol luzente
Sumia ao mundo
Seu vulto ardente

Subtil Favonio
Ledo adejava,
E á Flora beijos
Brincão furtava.

Impido arroio
Do chão verdoso
A face amena
Regava airoso

Fragante lyrio
Com o seu candor
Lindo avivava
Da rosa a côr.

O alado bando
D'entre os raminhos
Cantava em coros
Ao pé dos ninhos.

Canções sonoras
Do verde oiteiro
Saltar se ouvia
O pegureiro.

D'Euzina ao lado
Com taes delicias
Fazer soia-lhe
Então caricias.

De mil boninas
Que amor junctava,
Mimoso ramo
Lhe ofertava.

Ora enlevado
Em seus beicinhos
Libava ardentes
Fieis beijinhos.

Ora em seus olhos
Os meus fitava
E n'elles lia
Que m'ella amava

As mudas provas
Do meu amor
Cessaram feras
Com o seu rigor.

Sosinho agora
Aqui vagando,
Saudoso della
M'estou lembrando.

D'Euzina longe
Dispuz-me o ser;
Meus dias finda
Cruel viver—

F. J. Correia.

(*) O que de feito se realisou; e a Grecia hoje se acha inscripta na lista das nações livres.

À PEDIDO.

TRES VICTIMAS DE UMA IMPRUDENCIA.

(ROMANCE ORIGINAL.)

I.

—Na manhã de um bello domingo do mez de Março de 1843, ao tempo que a tripulação de um brigue Portuquez em destino ao Brasil se dispuinha para levantar ferro, algumas familias se reuniaõ no Caes do Sodrê, procurando hte para as conduzirem a bordo: a uma das arvores que guarnecem a praça dos Romulares estava encostado um joven, que não poderia ter mais de 26 annos, achava-se sobre modo inquieto. A sua presença agradável era realçada pela expressão triste e pensativa de sua physionomia, sua estatura ainda que baixa, nada tinha de extraordinario. Se o seu coração sentia uma occulta saudade, era por uma familia amada que deixava, por uma patria querida de quem nunca se separaria, por sua extremosa e sensivel irmã. Embarcaraõ por ultimo as familias, e o joven que alli se achava para o mesmo fim, tomou duas senhoras pelo braço e as acompanhou até a bordo aonde já o esperavaõ dois amigos para lhe dizerem o a deos da despedida.

Aprôa do navio cortava as entaõ pacificas, e cristalinas aguas do Tejo, e seguia seu rumo por entre as duas margens que o guarnecem, uma enfeitada pela natureza com todas as pompas, e primores da vegetação, outra adornada pela arte com todo o esmero, e bom gosto dos palacios, e casas entre-meadas de parques, quintas e jardins.

Os passagiros, e mais algumas pessoas que vieraõ ao hote-fora, uns tomavaõ chá, outros reunidos em grupos conversavaõ entre si, fixando seus olhos nos immensos edificios que se avistavaõ por cima dos sete montes em que está assentada a encantadora Lisboa, sobressahindo a todos, o soberbo e magnifico Palacio Real d'Ajuda; outros dirigiaõ suas vistas para a Costa, Trafaria, Fonte da Pipa, e outras povoações que ha n'uma, e n'outra margem, banhadas pelas aguas do Tejo, coroadas de sua fortaleza, ou castello, e algumas de gosto e architectura gohica.

Todos contemplaõ, com bastante interesse, taõ bello, e variado panorama, quando chegaraõ á torre de Bethlêm, que marca o limite aquelles que não seguem a viagem, os

dois amigos se despediraõ de—Antonio—pr is era este o nome do nosso joven, e voltaãõ para terra. Uma briza favoravel bem depressa fez com que o navio montasse o cabo de Nossa Senhora, que com o da Roca estaõ como duas sentinellas guardando a entrada do Tejo, franqueando ao nauta accossado do insulto dos tempos, a espaçosa bahia de Cascaes para nella se obrigar.

No fim do terceiro dia de viagem avistaraõ as Ilhas dos Açores: Eraõ as ultimas terras portuguezas, que Antonio via, daqui, disse elle, direi um adeos á Europa, á patria!

—O que se passou em seu peito ninguem o soube.

—Uma lagrima de saudade talvez apenas se deslisou pelas suas faces quando se recolhia para o seu camarote.

II.

Ao despontar o novo dia já se não a vistava terra, e só as preguiças, e azues celestes aguas do vasto oceano formavaõ de quando em quando seus carneiinhos que bem depressa em branca espuma se ronpiaõ. O céu estava limpo, e claro como o céu da primavera, e o navio no meio da liquida planicie era qual mudo monumento no centro de uma grande praça, para attestar ás gerações vindouras a epocha memoravel de algum historico facto; tudo era silencio, tudo mysterio.

Tres compaçadas badaladas em bronzea sineta aprôa se fizeraõ ouvir, a tripulação que estava no convéz, e o official do quarto, se descubriãõ.

—Era o signal, que os convidavaõ a orar ao creador.

—Ao meio-dia o mesmo signal.

—Á meia-noite, um moço do navio pedia em voz alta, a reza que mais era de sua devoção e todos os marinheiros em côro entoavaõ—boa viagem—

A leitura, e a conversação, eraõ o unico entretenimento para matar as horas do dia a 18 passageiros, dos quaes dois com o piloto se uniaõ á noite com uma guitarra, e flauta, e tocavaõ pedaços de musica que despertavaõ saudozas lembranças, e as meninas passageiras cantavaõ, ou dançavaõ conforme a possibilidade do terreno o permittia: estes divertimentos, que quasi sempre eraõ finalizadas com jogos de prendas, preenchiaõ a utilidade do fim, que era tornar menos monotona, e enfadonha a viagem.

Antonio, que estes prazeres da mocidade parecia ter abandonado, conservava-se sempre triste, e melancólico, diz-se-hia que seu coração bastante soffria.

Uma estrella de cauda assáz longa, foi vista no firmamento, n'uma dessas noites de folgado, os receios d'algum flagello, e os presentimentos d'alguma catastrophe bem depressa tomaraõ posse de todos os animos. Mas uma fresca, e consoladora aragem juncto as energicas expressões do capitão, vieraõ como reanimar os espiritos abatidos que em conjecturas, e presentimentos se confundiaõ.

Assim passaraõ mais 12 noites de folgado, sem com tudo a estrella deixar de apparecer, e cada vez mais timoratos,—que terá de acontecer nesta viagem?

Tinha sido ella de rosas até alli, mas o perigo da corõa grande ainda não era passado; o pharol de Sant'Anna estava a muitas milhas de distancia para se poder ver, e só o esperavaõ na madrugada seguinte; dentro em pouco appareceu na escuridaõ do horizonte essa lusinha que pelo movimento de sua rotaçaõ desaparece repentinamente, que tanto impacienta ao cauteloso nauta.

—Pharol, pharol, gritaraõ os mariuheiros contentissimos; a marecaõ do navio, ao mando de seu mestre fez-se logo, e o temor de envolta com a alegria, veio substituir os presentimentos de entaõ:

—Estavaõ com a corõa grande.

—Ouvio-se o toque á proa, e o moço pedir a reza do costume.

—Era meia-noite.

III.

Pelas 2 horas da tarde do dia seguinte sulcava as aguas do Maranhão, cujo porto demandava, um navio mercante que tres semanas antes, havia deixado o de Lisboa: O forte de São Marcos, com seus balões de diferentes cores annunciava aos habitantes do de São Luiz, que um brigue portuguez vinha para a barra;

—Era o brigue Tino.

—O vento, sendo contrario, o impossibilitou de entrar, obrigando-o a fundear na Ponta d'area.

—Reinava o crepusculo.

—O Navio de guerra brasileiro que servia de registro, já tinha dado o tiro das seis horas, que echou por todo o espaço entre Bom-fim e a ponta de São Francisco, os sinos das torres marcavaõ o termo do dia

com o toque das trindades, e dentro do navio só se ouviaõ a felicitações de chegada, que reciprocamente dirigiaõ os passageiros uns aos outros.

Cahia um pequeno orvalho:

Uma lanterna, içada na mezena do brigue, servia de signal aos pescadores para lhes advertir, que alli se achava uma embarcaçaõ.

A chuva parou, e as passageiras debaixo de um alvo e espaçoso toldo, começaraõ a fazer ouvir os harmoniosos accordes de seus instrumentos, annunciando por este modo ás jovens passageiras, qu'inda estavaõ na camera, que hia começar o costumado divertimento.

Estavaõ em meio, quando o vigia do portalo veio dizer ao capitão, que um casco equipado por dois pretos remeiros, e tres individuos procuravaõ por Antonio.

A orchestra parou, e ao convite do capitão para subirem, tres mancebos se apresentaraõ.

—O sino da torre da Cathedral dava nove badaladas.

—Henrique de 28 annos, vinha vestido de branco, e um bonnet de panno azul na cabeça lh'a defendia do rigor da noite.

—João de 25 annos, vestido d'uma alva pantalone, e jaqueta azul, trasia na cabeça um chapeo de palha do Chili.

—José de 26 annos, só se distinguia dos dois companheiros, por uma capa de panno tambem azul escuro, que lhe cubria os hombros, e um chapeo coberto de goma elastica.

—A chegada destes tres jovens foi recebida com alegria por todos os passageiros, pois todos eraõ amigos, e conhecidos, e alguns delles parentes; qual lhe proguntava pelo thio, pelo irmaõ, pelo esposo, cada um questionava os recém-chegados pelas pessoas que lhes eraõ caras. Antonio nos braços d'amizade, neste enlevo d'alma, que caracteriza o homem bom, e sincero reprehendia seu amigo José pela sua imprudencia.

Uma imprecaçaõ se ouviu á chegada destes jovens a bordo; o capitão que lhes exprobrava sua temeridade, por virem n'um fragil casquinho fora da barra.

Henrique, indisposto pelas arfadas que o navio dava, entrou a lançar, pretextando em voltar para terra.

A maré vazava, a corrente d'agua muito forte, a noite escurissima—tudo apresentava um aspecto medonho,

O capitão oppondo-se a sahida destes tres amigos, lhes fez ver que a occasiaõ, e o tempo não eraõ proprios, meia hora mais tarde bastava para tornar a retirada propicia.

A nada quiseraõ attender, sahirãõ, forãõ-se.

—E forãõ-se talvez para sempre!.....

Depois da sua sahida os passageiros, e a mesma tripulaçaõ, ficaraõ mudos, estaticos, cada um reflexionava consigo, segundo as noticias que tinhãõ recebido de terra, dadas pelos amigos,

A conversaçaõ reanimou-se.

—Eraõ 10 horas—

—Um marinheiro da prõa, dá parte que no mar se ouviaõ gritos de soccorro: o susto, e o terror se apoderaõ de todos os corações. Houve um momento solemne, de estupidia indifferença, a que se seguiu um grito de afflicçaõ, um só grito, mas dado por muitas bocas:

Sãõ elles, que estaõ alagados, e talvez persegui los pelo tubaraõ:

—Escaler ao mar, ordena o capitão, e os gritos afflictivos dos infelises, continuavaõ com desespero.

A amolada faca, deixa de apparecer para dezembaraçar o escaller das bocas, que o prendem aos tureos, não ha luz mesmo dentro da lanterna, que o vento por mais de uma vez não apague; abraços que quasi sempre surgem em semelhantes occasiões.

—Lá vão quatro marinheiros, com o competente pharol, que de signal serve aos alagados, para a elle se dirigirem.

—Qual será o resultado?

Os gritos continuãõ, e a afflicçaõ é extrema.

Lá apanhão o quer que foi. talvez só um. lá voltãõ para bordo. as esperanças crescem, o receio existe.

Antonio, agarrado ao brandal da enxarcia de ré, ávido traga com os olhos as arrancadas vogas que oito vigorosos braços puchão, e assim mesmo lhe parece que muito de vagar vem; elle esperava a certeza da vida, ou da morte dos amigos, conjectura pela demora, perder um, qual será? todos lhe saõ caros; chega em fim o escaller a bordo.

—E Antonio nada vio alvejar dentro del-le.

Um grito rapido, o privou dos sentidos, fazendo-o cahir no meio do convéz, ao saber que unicamente os dois pretos estavaõ salvos.

Um quarto d'ora depois tornou a si, perguntou aos remeiros pelos amigos:

—Não existem, lhe responderãõ—e ainda á pouco se congratulava, e abraçava com elles. era a despedida eterna!

Ajoelhou e orou por elles!

No outro dia, não se fartava de olhar, e chorar, vendo o sitio aonde, quasi á sua vista, tinhaõ perecido os amigos, sem lhes poder acudir. Assim acabaraõ tres jovens na flor da idade, victimas de uma fatal imprudencia.

Botes, e lanchas, com proviões, e amigos os procuravaõ por toda a parte, e ao certificarem-se de que já não existiaõ, todos se consternavaõ.

Ninguem soube como isto aconteceu, o mar escondeo em seu seio tão horrivel segredo.

Antonio, ainda hoje chora a perda dos amigos, que tantas provas lhe tinhãõ dado da amizade que os unia.

Nem um cadaver, nem um membro de seus corpos jamais se vio!

DEUS SE LEMBRE DE SUAS ALMAS.

A maior ou menor sahida dos productos de uma Nação, depende da maior ou menor prosperidade nacional, civilisação, e riqueza ou produçaõ.

—Sem certo grão de publica prosperidade a circulaçaõ é nenhuma, ou tão insignificante, que mal merece este nome: com o maximo grão de prosperidade a circulaçaõ recebe o maximo grão de celeridade.

Uma nação tem como os individuos, e as familias, necessidades physicas, e moraes; quando os habitantes d'uma nação saõ instruidos, e os seus costumes saõ puros, ella é civilisada; quando tem aquillo que é mister para supprir suas necessidades physicas, ella é rica: ergo é incontestavel o principio de Mr. Guisot (Hist. du governo represent.). A prosperidade d'um povo resulta de sua civilisação, e de sua riqueza, desenvolvimento do espirito e do corpo, material e immaterial. Tres saõ os systems relativos a riqueza das nações:—Mercantil, Agricola, e Industrial:—Pelo Mercantil o numerario era a unica riqueza d'uma nação, para o que conviãõ exportar muito, e importar pouco; porque o excedente da exportação á importação, vai sempre augmentando o numerario

dessa nação, e por isso enriquecendo-a: daqui nasceu o levantarem-se alfaudegas para prohibirem a importação de certas mercadorias, e outras medidas concernentes ao systema mercantil. Este systema tomou varios nomes:—Regulamentar—em consequencia das medidas tomadas pelo governo;—Prohibitivo—por ser prohibida a importação de certas mercadorias;—Colbertino, do celebre ministro francez Colber, que lhe deo desenvolvimento;—Restrictivo—porque impunha direitos a certas mercadorias; e finalmente—Systema mercantil—por ser fundado no balanço do commercio. O Agricola considera como unica riqueza a quantidade produzida de novo; e o Industrial consistindo toda a riqueza no valor; de modo que todo o resultado do trabalho é a riqueza.

Sem examinar cada um destes systemas, e restringindo-me ao meu principio, só direi, que todos concorrem para felicidade da nação.

Comprará alguém productos, ou serviços, cuja utilidade desconheça, e dos qoques não experimente necessidades? É axiomatico este principio. Como conhecerá essa utilidade? Quem a fará experimentar?—A civilisação.—

Poderá alguém adquirir productos sem outros que dê de volta? É facil provar que não. Quem dará esses valores, meios unicos de regular a acquisição?—a producção, o trabalho, a riqueza.

A civilisação!

Devemos ter em vista, que assim como a verdadeira civilisação concorre para a felicidade d'uma nação, a falsa caminha a passos largos para sua destruição. Ha uma civilisação credora deste nome (diz Silvestre Pinheiro) mas a outra, á qual não é possivel applical-o, sem abstrahir dos excessos e vicios, que forçosamente hade conduzir apoz de si. O que é commum a toda civilisação, é não poder operar-se, senão sob a condição de ver augmentar-se as necessidades do individuo ou do povo, que dizem civilisar-se, de maneira que—o maximo da civilisação é sempre o maximo das necessidades. Entretanto não se segue que o maximo das necessidades seja o maximo da civilisação; esta é a raia da verdadeira, e falsa civilisação.

Todas as veses que os homens contrahem novas necessidades, adquirem meios de satisfazel-as; diremos verdadeira civilisação; se pelo contrario caminham, é verdade, pela carreira da civilisação, por isso que suas

maneiras adoçam-se, mas por extremo dependentes d'outrém, pela razão de não haver productos para satisfazer suas crescentes necessidades, o resultado é corromper-se os costumes; a voz da necessidade clama, tornam-se indifferentes os meios de o obter; calotes, furtos, homicidios & &. As necessidades d'uma nação crescem tanto mais, quanto maior for o numero dos diversos povos de que uma nação depende para o seu consumo, isto é, quanto mais alargar o circulo de suas importações e exportações, tanto mais cresce em civilisação, de modo que se pôde affirmar que—o maximo da dependencia é em tal caso o maximo da civilisação.

A historia das nações provam bastante a theoria da civilisação. Os selvagens ou barbaros, progredem em civilisação, á medida que dependem cada vez mais de seus semelhantes. Para irmos para o caminho d'uma boa e prudente civilisação é mister que uma nação não dependa das outras mais do que estas dependem dellas para satisfazer as suas necessidades: para isto é mister o desenvolvimento de todas as faculdades physicas, moraes, e intellectuaes; no progresso das sciencias e das artes, nosso coração é insaciavel, quanto mais se desenvolvem nossas faculdades, tanto mais commodos apeteçemos, tanto mais ruim nos parece o estado de que sahimos.

Visitai os sertões da Africa, ali vereis o selvagem errando solivago e nã no ultimo grão de bruteza; discorrei d'ahi em diante até o mais alto grão da escala da civilisação; passai das tribus menos barbaças, mas ainda errantes, aos povos estacionados, dos povos menos cultos para aquelles que mais se presão da fama, justamente adquerida, de pollidos e civilisados, por toda a parte vereis a verdade da maxima—o homem culto mais dependente e enleado com os seus semelhantes—a nação civilisada, aquella que maior numero experimenta de necessidades.

A riqueza!

Sendo os productos comprados com outros productos, é claro que se não pôde promover a circulação, na falta de producção; eu posso conhecer a utilidade do objecto que se me apresenta; eu bora um povo veja patentes mercadorias que elle desejava; se nos faltarem productos que dar em retorno, ficaremos sem ella, e se os tivermos satisfaremos a nossa necessidade; por quanto outro não é o fim porque nel-as

apresentam, senão para tomarmos em troca das que precisamos: quando qualquer se dispõe a emprender qualquer industria, deve attender em primeiro lugar á civilisação propriamente dicta do Paiz, em que quer negociar, aliás ficará prejudicado, porque não encontra productos, que receba em troca das suas mercadorias v. gr.—supponhamos que um negociante de vinhos, por saber que em certa povoação ha pedido de vinho, alli corre a expol-os a venda sem attender a carencia de productos, não tendo com que pagar-lhos: perderá a despesa do transporte e terá de repetil-o voltando para onde veio. Mr. de Lamartine tem feito acima de 40:000:000 de reis na venda de suas poesias: supponhamos que em vez de estar em Paris, em uma nação tão amiga de sabios, em que existe tanto amor de engrandecer os seus, fesse Brasileiro; infeliz de Lamartine! triste sorte seria a tua, senão tivesses outros meios de subsistencia, senão o preço dos teus escriptos! E porque? o desamor nosso pelo que é da patria, a cegueira pelo estrangeiro, e mais que tudo a pobreza infelizmente n'um Paiz que tão opulento podia ser, e a falta de civilisação. Ponde-me em uma nação de gente industriosa, activa, e rica; n'uma nação cujo governo promove a felicidade dos seus habitantes, n'uma nação finalmente, em que se observa a lei com todo o rigor, eu serei

industrioso, activo e rico, procurando todos os meios de cada vez mais melhorar minha sorte; porque sei que meus esforços serão galardoados. facil a circulação dos meus pelos productos dos que me cercam. Collocai-me entre miseraveis, n'um paiz, cujo governo sómente attenda a interesses individuaes, desprezando, e calcando todos os meios de fazer a felicidade dos cidadãos, n'um paiz em que não haja segurança de propriedade, n'um paiz em que a lei é um phantasma, n'um paiz em fim em que vigora mais a protecção, os empenhos, que a propria lei!... N'uma tal nação de que me servirá a habilidade e actividade? quem me proverá dos commodos, que eu apeteço? quem pagará os bens que eu offereço? quaes as garantias que tenho da minha industria?

O resultado neste estado de cousas é a industria não poder progredir, não ha confiança n'um tal governo, os productos principiam cada vez mais a carecerem, por consequente a diminuir as relações com as nações, e este paiz ficará sempre n'um estado de brutesa, e nunca se civilisará. É pois incontestavel, quanto maior for a prosperidade nacional, civilisação e riqueza ou producção, tanto maior será a sabida, extracção, consumo, e circulação dos productos,

A. C. H. S. M.

OS TUMULOS CAMPESTRES.

(Por M. de Chateaubriand.)

Da tarde o sino pelos ares oço
Monotono vibrando, preguiçoso.
Pelo prado viçoso erra o gado,
Retira-se o pastor, e a natureza
À noite deixa solitaria, e ás tristes
Meditações que a mente me assoberbam.

No oriente d'asul o astro das noites
Caminha, e todo o ar dorme tranquillo.
Do velho templo apenas pelo musgo
Da noite as aves o silencio quebram.
Tudo jaz em repouso, apenas se ouve
O sussuro do insecto, e os sons campestres
Das choalhas do gado, que descauça
Das collinas longiquas pela encosta.

N'esse campo, em que a herva melancholica
Sobre as ruas dos tumulos fluctua,
Da noite a viração, á sombra triste
Do teixo antigo, das aldeias nossas
Os rusticos avós dormem tranquillos.
Nem de Progne infeliz o canto incerto,
Nem de Zephyro a voz fresca e celeste,
Nem do gallo, que vela, o canto agudo,
Jamais os eguerão da campa agreste.
Juncto do lar ardente a casta esposa
Jamais a refeição ha-de apromptar-lhes;
Jamais o grupo de meninos tenros
Os virão na sua volta disputar-lhes
As caricias, o amor de um pãe querido,
Os passos embagando-lhes travessos.

Muitas vezes p'ra vós, ó lavradores,
Céres nos campos produziu ceáras;
As golpes muitas vezes do machado
Os pinheiros nos bosques desabaram.
Debalde os seus desejos embriaga
A sordida cobiça, despresando
Vossos simples recreios e trabalhos.
Que são as honras pois? Da gloria os filhos,
O innocente mortal que impunha o arado
Todos fenecem; ao tumulto guiando
Os passos do praser e os da victoria.

Que importa que p'ra vós váos panegiricos
De orgulho não venha encher a campá?
Os bustos animados, e as estatuas
Fazem as cinzas fallar frias dos mortos?
Longe dos casos, que a virtude formam,
Talvez pela indigencia perseguidos,
A morte em seu imperio avara guarde
Da terra ignobos Newtons excellentes,
Homens illustres, cujo sacro genio
Os deuses pela lyra comovesses:
Tal no fundo dos mares vive a per'la,
Tal nos campos ephemerás fenecem
As rosas, dos pastores nunca vistas,
Os ares perfumando dos desertos.

Ahi dormem no olvido sem prestigio
Ignotos vates, mudos oradores,
Heróes sem gloria, Titos despresados,
Mas se a sorte occultou tantas virtudes,
Quantos crimes também sob estes choupos
O silencio dos tumulos não traga!
Apartados do mundo estes pastores,
Sós comsigo trazendo altas virtudes,
Sobre o rio dos tempos em silencio,
Os desertos da vida atravessaram.
Uma pedra, que uma lagrima demanda,
A memoria lhes salva. Simple musa
A historia gravou-lhes sobre a campá,
E o sacro texto que ao morrer nos cantam.
Quem p'ra sempre fugindo á luz não volve,
Na hora extrema, para'traz os olhos?
O homem no arquejar do passamento
Soccorre novo busca, e ser-lhe-ha grato,
Que um amigo saudoso venha a pedra
Lhe al'vantar da campá;—não se extingue
O fogo d'amisade em nossas cinzas!

Por mim, que hoje celebrio estes moimentos,
Talvez u u viaj.r. meditabundo,
Algum dia pergunte nestas ribas;
Em resposta talvez um pastor velho,
Seu rebanho guardando, simplesmente
Lhe diga minha historia nestes termos:
• Muitas vezes o vimos, vagaroso,
• Vingar os montes, ao cahir do orvalho,
• Para ao longe avistar o sol nascente.
• Pelas sombras do bosque sobre o musgo,
• Lá em baixo sentado, juncto ao rio,
• Imovel meditava, attento as ondas
• Fugitivas olhando. E algumas vezes
• Seus versos repetia ao som queixoso
• Dos ventos, pelas folhas cicando.
• Uma manhã, debalde o procurámos
• Debaixo da velha arvore do rio.
• A aurora appareceu; arvores, montes,
• E os mesmos brejos solitarios eram.
• N'outro dia um prestito numeroso
• Lentamente seguiu para o templo...
• Attenta, caminhante, lê, contempla
• Gravados estes versos sobre a campá
• Pelo musgo fanada e pelo tempo:

EPITAPHIO.

Aqui dorme, ao abrigo das procellas
Do mundo enganador, um que o ludibrio
Ja foi dos seus baldões. A soledade
Dos bosques procurava; e em seu peito
Dominou a lethal melancholia.
Da amisade adorou doces encantos.
Sagrou aos miseros tudo quanto teve,
Que lagrimas só eram. Ao seu tumulto
Não leves, viajor, facho indiscreto...
Deixa-o pois repouzar sobre ermas ribas,
D'outra borda da campá!

A. F. Colin.

Julho—1846—



NISIDA.

(Por Pier—Angelo Fiorentino.)

1825.

I.

—Se nossos leitores tentados pelo proverbio italiano de ver Naples antes de morrer, desejassem saber de nós qual seria a melhor occasião de vizitar a cidade encantada, aconselhar-lhes-hiamos, que desembarcassem no marachão ou Mergellina em um bello dia de verão, quando alguma solemne procissão estivesse a sahir da cathedral.

Não podemos dar uma idea da profunda e singela emoção desse bom povo, que tem a alma assaz poetica para crer em sua felicidade. Toda a cidade se adereça, e fica bella, como uma noiva em dia de bodas; desaparecem sob armações de seda e festões de flores as sombrias fachadas de mármore e granito; os ricos ostentam brilhante magnificencia, e os pobres trajam arrogantemente seus andrajos. Tudo é luz, harmonia, e perfume; dir-se-ia o zumbido d'immensa colmeia entre-cortado por mil gritos de festa impossiveis de se descreverem. Repetem os sinos suas sonoras escalas em todos os tons, e ao longe pelas arcaças retumba a musica dos regimentos marchas triumphantes, os mercadôres de sorvetes e melancias soam atordoantes tangeres com voz estridente. Uns se formam em grupos, outros, achegados, conversam e gesticulam: observa-se, ora scintillantes olhares, ora eloquentes pantomimas, ou pictorescas attitudes; tudo é geral enlevo, encanto inaudito, embriaguez inexplicavel. A terra está bastante proxima do céu para que se possa facilmente comprehender que, se Deus expulsasse a morte d'este lugar de delicias, os napolitanos não cubicariam para si outro paraíso.

Por um d'esses quadros magicos patentea-se a historia, que vamos referir. Era o dia da Assumpção do anno de 1825; havia quatro ou cinco horas que nascera o sol, e a extensa rua de Forcella, banhada de luz d'um extremo ao outro por seus obliquos raios, cortava a cidade em duas partes como um listão de melania. A cal-

çada de lava, branida com esmero, brilhava como um mosaico. As tropas do rei, soberbamente empenachadas, orlavam as ruas como de duplice sebe-viva. As varandas, as janellas de sacada, os terrados, as tribunas com frageis balaustres, as galerias de madeira improvisadas durante a noite, sobrecarregadas de espectadores, eram um verdadeiro arremedo dos camarotes d'um theatro. Uma enorme chusma, pintada com cores mui vivas, invadia o espaço reservado, e qual torrente que treshorda, fendia em algumas partes os diques militares. Esses intrepidos curiosos esperariam, pregados em seus logares, metade da vida sem darem o minimo signal d'impaciencia.

Ouvia-se emfim ao meio-dia um tiro de peça—signal de que a procissão havia transposto o liminar da egreja—e foi seguido d'um grito de geral satisfação, e no mesmo instante uma arremetida de carabinieri dispersou o povo, que entulhava o meio da rua, as tropas de linha abriram comportas á ardente multidão, e bem depressa foi despejada a calçada, e nada mais restou, senão um ou outro cão que espantado fugia a bom correr, apupado pelo povo, e accuado pelos soldados.

Desembocou o cortejo pela rua de Ves-covati, caminhava em primeiro lugar as confrarias dos mercadores e artifices, chapelheiros, tecelões, padeiros, carneiros, cutileiros, e ourives, todos vestidos em rigor, —casaca preta—calçoens curtos—escarpins—fivelas de prata. Como as figuras d'estes senhores não recreassem a multidão, os espectadores começaram pouco e pouco a cochichar, bem depressa os espiritos fortes attiraram dichotes contra os buiguezes mais barrigudos ou calvos; finalmente os *tazzaroni* mais atrevidos ~~escorregaram~~ ligeiramente por entre as pernas dos soldados para apanharem a cera, que corria das tochas accesas.

Depois dos artifices, desfilavam as ordens religiosas, desde os dominicanos até os cartuchos, desde os carmelitas até os franciscanos: andavam lentamente, co'os olhos baixos, passo austero e a mão sobre o peito: ora viam-se rostos rubicundos e lustrosos, com maçãs salientes, barba redonda, herculeas cabeças postas em pescoços de touros, ora faces magras e lividas, cavadas pelo sofrimento e expiação, phantasmas vivos: em uma palavra o direito e o inverz da vida monacal.

Neste comenos, Nunziata e Gelsomina, duas encantadoras raparigas, aproveitando-se do galanteio d'um velho cabo d'esquadra, adiantaram as formosas cabeças até a primeira fileira. A dissolução de continuidade era flagrante; mas o dissimulado guerreiro parecia um tanto relaxado na disciplina.

—Olha! é o padre Bruno! disse Gelsomina incontinenti. Bons dias, padre Bruno.

—Calla-te, miha prima, na procissão não se falla.

—Essa é boa! É o meu confessor.

Então não posso dar os bons dias ao meu confessor?

—Callai-vos, bacharellas.

—Quem é que fallou?

—Oh! miha cara, foi frey Cucuzza, o feio do peditorio.

—Onde esta elle? onde esta?

—Éil-o um pouco além: é aquelle, que amacia a barba. Forte desavergonhado!

—Ah! meu Deus! se formos pensar n'isso.

Entrementes que as duas primas esgotavam seus comentarios infinitos acerca dos capuchinhos e suas barbas, das capas dos conegos, e sobrepelizes dos seminaristas; os *Teroci* corriam apressados do outro lado, afim de restabelecerem a ordem a custo de corronhadas.

—Pelo sangue de meu patrono, bradava uma voz de Stentor, se te pilho entre o polegar e o index, indireitar-te-hei o corpo para toda a tua vida.

—Com quem é isso, Gennaro?

—É cá com este maldicto carcunda, que ha uma hora me atormenta as costas, como se pedesse entre-ver por ellas.

—É uma infamia redarguido o carcunda com voz dolorosa; desde hontem á noite que aqui estou, dormi ao relento para guardar o lugar, e eis senão quando vem este

abominavel gigante postar-se adeante de mim como um obelisco.

O carcunda mentia como um judeu; porem a multidão em peso se voltou contra o obelisco. Era uma superioridade qualquer, e as maiorias são geralmente compostas de pygmeos.

—Ola! desce dessa base!

—Ola! deixa esse pedestal!

—Fóra o chapéo!

—Fóra a cabeça!

—Assenta-te!

—Deita-te!

Essa recrudescencia de curiosidade, que se exhalava em invectivas, annunciava evidentemente o desfecho do espectáculo. Eram com effeito os cabidos, curas, bispos, pagens, camaristas, eleitores da cidade, fidalgos da camera real, emfim o mesmo rei, seguindo, com a cabeça descoberta, e uma vela na mão, a magnifica estatua da Virgem.

Era notavel o contraste: depois dos encanecidos monges, e pallidos noviços, seguiam a procissão com ar distraído, e interropiam os sagrados canticos com fragmentos d'uma conversação mui pouco orthodoxa, jovens e brilhantes capitães, ameaçando o céu com as pontas dos bigodes, e crivando as gelosias de mortíferas olhaduras.

—Reparasteis, meu caro Doria, com que momices toma a velha marquez d'Acquasparta neve de medronhos?

—Seu nariz empana a neve. Porem qual é o bello passaro que lhe arrasta a aza?

—É o Cyrenéo.

—Faça favor de me dizer quem é? Nunca li semelhante nome no livro d'ouro.

—É o que ajuda o pobre do marquez a levar a cruz.

A profana allusão do official perdéuse em um longo murmurio d'admiração, que repentinamente se levantou na multidão, e todos os olhares se volveram para uma das moças, que lançavam flores ante a sancta *Madona*. Era ella um ente encantador.

Sabia, qual seraphica apparição grande e bella do meio d'aurea nuvem d'incenso, com a cabeça inundada de luz, e os pés occultos em um montão de giestas e rosas.

As madeixas d'um negro aveludado, se debruçavam em anneis pelas espaldas; a fronte, branca como o alabastro, e pallida como um espelho, repercutia o brilho do sol; as sobrancelhas escuras, brevemente arqueadas, iam dissipar-se na opala das fontes; as palpebras estavam baixas, e a franja

negra e curva das pestanas occultava um olhar humido e brilhante d'emoção divina; o nariz, direito e pequeno, cortado por duas ventas cor de rosa, dava ao seu contorno esse character de belleza antiga que dia para dia desaparece da terra. Um calmo e sereno sorriso, um d'esses inefaveis sorrisos, que já partiram da alma e qu'inda não chegaram aos labios, castamente levantava os cantos da boca com expressão d'infinita beatitude e doçura. Nada era mais completo do que o queixo, que terminava o perfeito oval d'esse brilhante rosto; o pescoço de baça brancura, prendendo-se ao collo por deliciosa curva, sustinha com graça a cabeça, como a haste d'uma flôr baluceada por ligeira briza.

Um jaqué de veludo cremesi estrellado de moscas d'ouro desenhava sua curva e delgada cintura, e um bello galão apertava as mil dobras de ampla e fluctuante saia, que lhe cahia aos pés como essas severas vestes de que tanto se apraziam os pintores byzantinos em vestir seus anjos. Era na verdade cousa prodigiosa, e não ha memoria d'antes se ter visto tam rara e modesta belleza.

Contava-se no numero dos que tinham-na observado com mais obstinação, o joven principe de Brancalcone, um dos primeiros senhores do reino: bello, rico, valente, e que de vinte cinco annos ja tinha excedido ás listas de todos os dons Juans conhecidos. As moças da moda diziam couzas horribes d'elle, e adoravam-no secretamente; limitavam-se as mais virtuosas em evital-o, tam impossivel parecia-lhes resistil-o; e quanto aos jovens estouvados tinham-no unanimemente escolbido por modelo; porque seus triumphos impediam, e com toda a rasão, a não poucos Milthiades de conciliar o somno. Em uma palavra para se fazer idea d'este feliz personagem, bastará saber-se que em materia de seducção era tudo quanto o diabo soubera inventar de mais perfeito n'este seculo de progresso.

O principe estava mui grotescamente trajado para este acto, e se revestia de ironica gravidade e parte cavalheiresco: um gibão de setim preto, calções curtos, meias bordadas, sapatos com uvels d'ouro, eis a parte essencial do seu traje; sobre tudo isto vestia comprida opa de brocado forrada d'arminho, com mangas fluctuantes, e cingia-lhe magnifica espada de punho engastado em diamantes. Como rara distin-

ção concedida a sua dignidade, deram-lhe para levar um dos seis varões dourados, que sustentavam o pallio adornado de plumas e bordaduras.

Assim que a procissão proseguio sua marcha, Eligi de Brancalcone olhou arresadadamente para um homenzinho vermelho como um canarão, que caminhava a pouca distancia d'elle, tendo na mão direita o chapéo de sua excellencia com toda a salemnidade de que era capaz.

Todas as costuras do vestuario d'este lacaio estavam agaloadas: e pedimos aos nossos leitores permissão de esboçar em poucas palavras a sua biographia.

Nascéo Trespolo de páes pobres, e ladrões; por cujo motivo ficou muito cedo orphão. Livre de suas occupações, estudou a vida debaixo d'um ponto de vista eminentemente social. Se dermos credito a certo sabio da antiguidade, estamos todos no mundo para resolver um problema; quanto ao seu era o de viver no mundo sem nada fazer. Tendo sido alternativamente sachristão, jogral, rapaz de botica, e *cicerone*, desgostou-se de todos estes officios: parecendo-lhe que mendigar era trabalho mui rude, e que antes seria n'esse caso um ladrão do que homem honrado, resolveo-se finalmente pela philosophia contemplativa. Gestava excessivamente da posição horizontal, e sentia o maior prazer do mundo em ver correr lentamente as estrellas. Infelizmente, de meditação em meditação, este homem honrado, certo dia, esteve apontos de morrer de fome; o que seria pena, porque ja hia accostumando-se a não comer.

Porem, como estava naturalmente predestinado a representar um pequeno papel em nossa historia, perdoou-lhe Deus por esta vez, e enviou em seu soccorro não um de seus anjos, não o merecia um velhaco de tal nota, mas sim um cão da matilha de Brancalcone. Farejou o nobre animal o philosopho, e tam caritativamente rosnou, que seus compauheiros do Monte-San-Bernardo se teriam honrado d'outro tanto obrar. O principe, que velvia triumphante da caçada, e que tinha, n'esse dia, por duplicada felicidade, morto um urso, e perdido uma condessa, teve o singular desejo de querer fazer uma boa obra. Aproximou-se de vilão prestes a reduzir-se ao estado de cada-ver, revolveo-o com os pés, e vendo que tinha ainda alguma esperanza, ordenou aos criados de conduzil-o.

Quasi que Trespolo vio desde esse dia realizar-se o sonho de sua vida. Um pouco mais que lacaio, um pouco menos que mordomo, veio a ser o confidente de seu amo, que tirou grandes vantagens de seus talentos; porque Trespolo era fino como satanás, e quasi tam astucioso como uma mulher. O principe, como homem illustrado, advinhou que o genio é por natureza preguiçoso, e não lhe pedia senão conselhos; quanto a moer de pancadas os importunos, não queria ajudante: em verdade, valia bem por dons na tarefa.

Com tudo, como nada no mundo é perfeito, Trespolo tinha singulares momentos n'essa vida de delicias; de vez em quando era sua felicidade alterada por terrores pánicos, que suamente agradavam ao amo; balbuciava palavras sem nexo, reprimia violentissimos suspiros, e de subito perdia o appetite: e de mais a mais o pobre homem tinha medo de que fosse privado do paraíso. Era a cousa bem simples; além de ter medo de tudo, tinham-lhe pregado que o demonio não deixava em repouso um só momento áquelles, que tinham a mal-aventura de cahir-lhe nas garras.

Estava Trespolo n'um d'esses bellos momentos d'arrepentimento, quando o principe, depois de ter contemplado a moça com a feroz avidéz do abutre prestes a cahir sobre a presa, volveu-se para seu conselheiro intimo com o fito de fallar-lhe. Comprehendêo o pobre creado a abominavel intenção do amo, e não querendo cumpliciar-se n'uma conversação sacrilega, abriu desmarchadamente os olhos, e volveo vistas extaticas para o céo. O principe tossio, batêo com os pés, agitou a espada de modo que desse-lhe pelas pernas, sem poder obter o minimo signal de attenção, de tal sorte dava elle ares d'um homem absorto em celestes pensamentos. Brancaleone desejou torcer-lhe o pescoço; porem segurava o varão do pallio com ambas as mãos, e além d'isso o rei estava presente.

Aproximavam-se enfim da igreja de Sancta-Chiara, sepultura real dos monarchas napolitanos, onde muitas princezas de sangue, trocando cordas por véos, se tem en-

terrado vivas. As religiosas, as noviças, e a abbadessa, occultas pelas gelostas, deitavam flôres sobre a procissão. Cahio um ramalhete aos pés do principe de Brancaleone.

—Levantai esse ramalhete, Trespolo, disse o principe muito alto para que o creado não tivesse mais desculpas. É de soror Theresza, adjuncto em voz baixa; só nos conventos é que ainda existe fidelidade.

Trespolo levantou o ramalhete, e aproximou-se do amo com ares d'um homem, a quem affogam.

—Quem é aquella rapariga? perguntou com rapidez.

—Qual? balbucion o creado.

—Essa é boa! a que caminha por deante de nós.

—Não conheço-a, mosenhor.

—Antes do por do sol, saberás novas suas.

—Ser-me-hia então preciso ir um pouco longe.

—Então conhecê-la tu, insuportavel brcjeiro? Vem-me as vezes o desejo de andar-te degollar como a um cão.

—Por piedade, mosenhor, curai da salvação de voss'alma, e da vida eterna!

—Aconselho-te de curares antes da tua vida temporal. O teu nome?

—Nisida. —É a moça mais bonita da ilha, que lhe deo o nome. É a innocencia em pessoa! Seu pae é um pobre pescador; mas posso asseverar a vossa excellencia, que é respeitado na ilha como um rei.

—Em verdade! Replicou Brancaleone sorrindo-se ironicamente. Confesso-te, corrido de vergonha, que nunca vizitei a ilha de Nisida. Apromptar-me-has um barco para amanha, e depois verem os.....

Parou incontinent; porque o rei o observava, e repetindo as mais sonoras notas de *basso*, que achou no fundo da garganta, continuou com ar inspirado:

—*Genitori genitoque laus et jubilatio!*

—*Amen*, respondeu o creado em voz clara.

(Continuá.)

Antonio H. Leal.



CATALOGO

DOS CAPITÃES-MÓRES, CAPITÃES-GENERAES E GOVERNADORES, JUNCTAS-PROVISORIAS, PRESIDENTES, E VICE-PRESIDENTES, QUE TEM GOVERNADO O MARANHÃO DE 1615 A 1843.

CAPITÃES-MÓRES, SUBORDINADOS AO GOVERNO-GERAL DO BRAZIL.—1615—1626.

—*Jeronymo d'Albuquerque*, fidalgo da casa real, commandante das duas primeiras expedições para conquistar o Maranhão aos francezes, e fundador da sua capital, tomou posse do governo em meados de Novembro de 1615, por nomeação do general da armada e conquistista, Alexandre de Moura.

Digno herdeiro não só do appellido como do valor do grande capitão da Asia, em uma batalha apresentada pelo general Ravardiére a 19 de Novembro de 1614 no forte de Sancta-Maria, (1) ficou victorioso; e a 31 de Julho do seguinte anno em razão d'um tractado celebrado entre elle e o senhor de la Ravardiére tomou posse do forte de San'José do Itapary, que os francezes haviam construido na Ilha do Maranhão. N'este comenos foi substituido no commando em chefe da expedição por Alexandre de Moura, que fora nomeado capitão-mór da mesma conquista com poderes de general de guerra por Gaspar de Souza, governador do Brazil.

Os francezes assignaram a 3 de Novembro um tractado de paz com Alexandre de Moura, obrigando-se elles a entregar a fortaleza de San'Philippe (2) com toda a artilharia, munições e petrechos de guerra, e a retirar-se do Maranhão; feito isto, retirou-se Alexandre de Moura para Pernam-

(1) É incerto o lugar onde ficava o sitio d'esta fortaleza, assim como o nome que hoje deva ter a então bahia de Guaxanduba; porem eis a tal respeito a opinião d'um escriptor de bastante credito: «Esse nome é hoje desconhecido, mas por combinações, julgamos ser onde se chama a *Bahia de Anajatuba*, quasi Norte-Sul com a ponta de S. José, porque existe alli perto uma ponta, ainda chamada de *Sancta Maria*, onde apparecêrão (1822) restos de um forte, e juncto lhe corre o rio Tatuaba, & —*P. do Lago*. — *Estat. Historica-Geographica da Provincia do Maranhão* — 1822, pag. 75.

(2) Ficava onde hoje está situado o *Baluarte*.

buco com Daniel de la Touche, Senhor de la Ravardiére, deixando, como fica dicto, no governo da capitania a Jeronymo d'Albuquerque, que esteve sempre occupado em repellir os ataques dos tupynambás, e o tempo que lhe restava, empregava em melhorar e fazer prosperar a Capitania, que conquistára.

Acrescentou ao appellido de sua casa o de *Maranhão* como para perpetuar a memoria de seus feitos d'armas. Morrêo cheio de gloria e chorado pelos seus compatriotas, no dia 11 de Fevereiro de 1618, tendo 70 annos d'idade.

Antonio d'Albuquerque, capitão d'infanteria, encarregado do governo por seu pae, com assistencia de Bento Maciel Parente, capitão das entradas, e Domingos da Costa Machado, capitão commandante da fortaleza de San'Philippe (*Baluarte*), tomou posse em fins de Janeiro de 1618, desistindo os dons ultimos do emprego d'adjunctos por conhecerem a capacidade d'aquelle. Mas Bento Maciel, que fora o primeiro em approvar a desistencia do logar de adjuncto, invejoso dos louvores, que cabia a Antonio d'Albuquerque pelo seu bem governar, cubiou para si igual gloria, e declarou-lhe, que, tudo quanto havia feito sem a sua approvação, e a de Domingos da Costa, elle considerava nullo, e no caso de continuar na mesma isenção lhe negaria obediencia. Antonio d'Albuquerque mandou-o logo prezo para o forte de San'Philippe, e d'ahi a quatro meses para Pernambuco em companhia de Domingos da Costa. Governava por esse tempo o Estado do Brazil D. Luiz de Souza, e ouvindo as queixas de Bento Maciel, absolvo-o, e ao mesmo tempo confirmou a patente d'Antonio d'Albuquerque mandando por seu adjuncto a Domingos da Costa Machado, porem Antonio d'Albuquerque, como quem estava intimamente convencido de que em cousa alguma havia desmerecido, para que obrassem com elle de tal modo, pediu a sua demissão, allegando, que seus negocios o chamavam para Portugal, para onde com effeito partio.

Governou a Capitania por espaço de 47 meses, e repellio algumas correrias dos tapuyas.

Domingos da Costa Machado, capitão commandante da fortaleza de San'Philippe, succedeo no governo da Capitania a 6 de Abril de 1619.

No anno de 1621 a Capitania soffrêo uma grande peste de bexigas; e por esse tempo Jorge de Lemos Bittancourt e Antonio Ferreira Bittancourt trouxeram da ilha dos Açores ob'a de 250 colonos para a povoação da Capitania.

Nada de mais notavel occorrêo durante o seu governo.

Antonio Moniz Barreiros, entrou a exercer o poder aos 20 d'Abri de 1622.

Devêo a sua nomeação a empenhos do pae, que se obrigou a mandar construir dous engenhos de assucar no rio Itapicuru, um dos quaes levantou elle com effeito n'esse mesmo anno na embocadura do mesmo rio.

Foi decretada em 1624 a união do Maranhão com o Pará sob o titulo de *Estado* e por consequencia separou-se do Estado Geral do Brazil. Foi nomeado por seu primeiro capitão general e governador Francisco Coelho de Carvalho, que desembarcou em San'Joze do Itapary a 22 d'Agosto de 1626.

CAPITÃES GENERAES E GOVERNADORES DO ESTADO DO MARANHÃO E GRAM-PARÁ.

PRIMEIRA UNIAO.

1626—1652.

— *Francisco Coelho de Carvalho*, fidalgo da casa real, senhor d'Ouguella, e commandador d'Itauba na ordem de Christo, assumio o poder no dia 3 de Setembro de 1626.

Assim que chegou, tractou logo de algumas construcções, entre as quaes avultava a da fortaleza de San'Philippe, que sendo até'li de fachina, mandou construir de pedra-e-cal, edificando juncto a ella uma casa para habitação dos generaes.

Visitou a Capitania do Pará por duas vezes: a primeira a 15 de Abril de 1627, deixando no governo da do Maranhão a seu filho Feliciano Coelho de Carvalho; a segunda em meados de Maio de 1636, ficando na administração da Capitania do Maranhão o capitão-mór Antonio Cavalcanti

d'Albuquerque. Mas n'esta segunda visita não se demorou muito na cidade de Belém; porque grave enfermidade o obrigara a ir se tractar na povoação de Cametá, (3) onde fallecêo a 15 de Setembro do mesmo anno.

Durante a sua administração esteve sempre a Capitania do Pará em porfiado e glorioso batalhar afim de repellir uns aventureiros holandeses e inglizes, que pretendiam estabelecer-se na foz do Amazonas.

Jacome Raymundo de Noronha, fidalgo da casa real, e provedor-mór da fazenda real do Estado do Maranhão, foi eleito governador pelo senado da camara e povo a 9 de Outubro de 1636.

Era elle digno de tam alto cargo, já por se ter mostrado bom politico, ja pelas rasgos de gentileza, que obrou no Pará, sob o governo de seu antecessor, nas expedições contra os holandeses e inglizes fortificados na foz do Amazonas.

Dizem que para conservar o poder usou elle de meios despoticos e tyrannos.

Seu successor (*Bento Maciel*) por ordem, que trazia de Portugal, tirou devassa acerca do seu procedimento para ser nomeado governador, e a 10 de Abril de 1638 o syndicante sentenceou-o, depois das testemunhas terem deposto contra elle, por não governador, e julgados nulls todos os seus actos, e remettido prezo para Portugal, onde foi revogada a sentença pelo supremo tribunal.

Bento Maciel Parente, fidalgo da casa real, cavalleiro do habito de Christo, perpetuo senhor e donatario da Capitania do Cabo do Norte, tomou posse do governo a 27 de Janeiro de 1638.

Em diversas expedições, que fizera contra os indios, tinha mostrado grande valor, e bastante intelligencia nos cargos publicos, que exercera, e entre esses o de capitão-mór do Pará.

No dia 22 de Novembro de 1641 foram avistadas vinte e duas embarcações holandesas fundeadas na bahia do Arassagy, e a 25 entraram pela barra de San'Marcos, e foram surgir deante do sitio onde hoje é a igreja do Desterro. João Cornelles, que as commandava, desembarcou no mesmo dia com parte de suas tropas, que saquearam a cidade, sem soffrerem a minima resistencia do governador, porque, dizia elle, ter ordem de fazer guerra so a mouros e castelhanos, e que quanto ao sa-

(3) Hoje—*Ilha de Cametá*.

que o commandante holandez allegára ser devido a pouca disciplina de suas tropas.

O governador abriu-lhe as portas da fortaleza, onde foi immediatamente abatido o pavilhão portuguez e arvorado o holandez.

Entregou João de Cornelles o governo a um Pedro por epitheto o *Politico* a 31 de Dezembro de 1641, e partio para Pernambuco, levando prezo o governador Bento Maciel como alarde de sua conquista.

O Conde de Nassau transferio-o para o forte do Rio Grande, onde morrêo em principios de Fevereiro de 1642 na avançada idade de 75 annos.

É pena que já no fim de sua carreira desmerecesse do alto conceito em que era tido, e que se cobrisse de tam infamante nodosa.

Soffreram ainda os maranhenses dez meses de sustos, violencias, e tudo quanto comsigo acarreta de máo o jugo estrangeiro; ate que emfim raiou o dia 30 de Setembro de 1642, e nas ribas do Itapicuru um punhado d'homens (50) juraram sacudir o iniquo dominio dos holandeses, eligendo por seu commandante a Antonio Moniz Barreiros, homem cheio de bríos e valor.

CAPITÃES-MÓRES DURANTE O DOMINIO HOLLANDEZ.

Antonio Moniz Barreiros tomou posse a 20 de Setembro de 1642 por aclamação dos defensores da capitania.

Tinha exercido o cargo de capitão-mór antes da união das duas capitancias, como acima mencionei, e alem d'este outros cargos militares e civis.

Escolheu por primeiro theatro de suas proezas os cinco engenhos e o forte do Calvario (4) situados na foz do Itapicuru. A meia-noite do dia 30 de Setembro tomou os cinco engenhos, e já ao amanhecer é que atacou a fortaleza fortificada com 8 peças e 70 homens de guarnição: teve bom exito o ataque de viva força, e alcançada esta victoria, marchou para a ilha com o projecto d'atacar o forte de San'Philippe. Assim que tomou terra, enviou 30 homens em avançada afim de descobrir campo, e estes encontraram-se com um corpo de holandeses, que vinham com o mesmo fim; travaram peleja e os portuguezes sahiram victoriosos. Fortificou-se então Mo-

(4) Ainda existe esse forte, se bem que já em parte reconstruido.

noz Barreiros a 3 leguas de distancia da cidade.

Dahi a dias travou-se renhida batalha no Outeiro da Cruz entre holandeses e portuguezes, onde tanto estes como aquelles mostraram-se bravos; porem a victoria decidio-se pelos ultimos.

Em Dezembro de 1642, fortificando-se no Largo do Carmo, disbaratou os holandeses em uma encarnicada lucta, e obrigou-os a retirarem-se para a fortaleza de San'Philippe, e pedirem socorros ao Conde de Nassau.

A 2 de Janeiro (1643) chegaram do Pará os capitães-móres Pedro Maciel e João Velho do Valle com 113 soldados commandados pelos capitães Ayres de Sousa Chicherro, Bento Rodrigues d'Oliveira, e Pedro da Costa Favella, e 700 indios com os seus principaes. Preparou-se Moniz Barreiros, animado com estes socorros, a atacar a fortaleza, quando uma grave molestia veio impedir-lhe os passos.

No dia 16 de Janeiro de 1643 a morte cortou dias tam bellos e cheios de gloria, e o privou da honra de ser o restaurador da Capitania.

Antonio Teixeira de Mello, sargento-mór do Estado, foi declarado capitão-mór no dia 16 de Janeiro de 1643 por morte de Antonio Moniz Barreiros.

Tentou levar d'assalto a fortaleza; porem entraram no dia 15 do mesmo mez 700 holandeses, commandados pelo general Anderson, e por isso ficou frustrada a empreza.

No dia 16 Anderson veio apresentar-lhe batalha, e elle bateu-o completamente.

Por falta de munições e mantimento foi obrigado a abandonar a cidade, e caminhando para o Arassagy, rechaçou 30 holandeses e 150 indios, que vinham observar a marcha de suas tropas.

Retirou-se para o Marcopy, onde demorou-se tres meses, e fez duas entradas, das quaes sahio victorioso. Do alojamento de Marcopy passou-se a 2 de Maio para Tapuytaperá (*Avantara*). Abandonaram-no os auxiliares Pedro Maciel e João Velho do Valle ao chegar alli.

O governador do Estado do Brazil enviou-lhe alguma munição, e então resolveu-se a não partir para o Pará, com o tencionava.

Enviou a Antonio Dias afim de atacar o forte de Calvario, que os holandeses tinham occupado de novo; porem este encontrando-se perto do mesmo com um destacamento, que vinha espiar suas marchas, destroçou-o, e voltou para Tapuytaperá.

Um destacamento, que mandára pos-
tar na ilha, no sitio chamado das Nhaú-
mas, debaixo do commando do capitão Ma-
nuel de Carvalho Moniz, foi agredido no
dia 7 d'Agosto (1643) por um troço de
tropas hollandesas: em principio a victoria
esteve indecisa; porem declarou-se pelos por-
tuguezes. Animado Antonio Teixeira por es-
tas victorias, mandou logo o alferes Manuel
Dornelles com um destacamento, que esca-
lou um reducto, que os inimigos tinham le-
vantado para impedir a entrada da cidade.

Em Outubro do mesmo anno transfe-
rio o seu acampamento para o forte do Cal-
vário, que então se achava abandonado, e
logo que chegou, mandou um indio de no-
me Sebastião com alguns soldados para que
queimassem todos os fructos, que ficassem
perto da cidade, e feito isto, se passou para
a ilha no mez de Fevereiro de 1644.

Reduzio os inimigos a evacuarem o ter-
ritorio a 23 de Fevereiro do mesmo anno
em um navio do Fayal, que havia ancorado
na bahia do Arassagy.

Quanto é para lamentar que tam nobre
vida passada em continuo batalhar acabasse
sem se saber o lugar de sua sepultura e o
dia do seu passamento. (5) E diz Berredo
em seus *Annaes Historicos* ter encontrado
uma filha e neta do mesmo na maior indi-
gencia! (1718)

Pedro d'Albuquerque, fidalgo da casa
real, e cavalleiro do habito de Christo, foi
investido do governo do Estado na cidade de
Belem do Pará a 13 de Julho de 1643.

Servio em Pernambuco por espaço de
sete annos com distincção. Passou-se de-
pois para Portugal onde foi premiado com
o governo d'este Estado. Não podendo sal-
tar na ilha de San' Luiz do Maranhão por
falta de informações do estado das cousas,
foi para o Pará, e d'ahi governou as duas
capitanias, soccorrendo ao capitão-mór An-
tonio Teixeira com tudo o que podia, e se
não veio ao Maranhão guerrear em pessoa
os hollandeses, foi isso motivado pela sua
enfermidade.

Morreo a 6 de Fevereiro de 1644, e seu
corpo foi inhumado na capella-mór do cou-
vento dos religiosos de N. S. do Monte-do-
Carmo no Pará. (6)

Francisco Coelho de Carvalho-o-Sardo,

(5) Conjectura-se ter sido em Junho de 1646.

(6) Governava a capitania debaixo de suas
ordens o Capitão-mór Antonio Teixeira, po-
rem só de 1643 até 44, como se pode col-
ligir do lugar, que lhe diz respeito.

—sargento-mór do Estado, e adjuncto na
Capitania do Pará ao seu capitão-mór Fel-
ciano Corrêa, tomou posse aos 17 de Junho
de 1646, e dá homenagem nas mãos do pre-
zidente do governo municipal, segundo de-
clarava o diploma regio.

Tinha servido por espaço de vinte e qua-
tro annos tanto no Estado do Brasil como
no do Maranhão.

Partio em principios de Janeiro de 1648
para o Pará, já bastante enfermo; e para
que não succedessem perturbações como pela
morte de seu thio e homonymo Francisco Coe-
lho de Carvalho, primeiro governador do Es-
tado, encarregou a Capitania do Maranhão
ao provedor-mór da fazenda real Manuel Pit-
ta da Veiga, e a 10 de Janeiro (1648) no-
meou para a do Pará a Ayres de Sousa Chi-
chorro, com a estipulação de que no caso
d'elle morrer, ficariam as duas capitanias in-
dependentes entre si até resolução do minis-
terio portuguez.

O capitão-mór do Maranhão entrou em
exercício no dia em que elle partio para o
Pará, e ficou governando a Capitania com ge-
ral estima de seus compatriotas até o anno
de 1649.

O governador exhalou o ultimo suspi-
ro aos 15 de Fevereiro de 1648, e jaz na
porta do convento dos religiosos de Sanct' Au-
tonio da cidade de Belem.

Luiz de Magalhães, fidalgo da casa real,
commendador de Sanct' Yago de Gamba na
ordem de Christo, capitão d'infanteria do
exercito, entrou a exercer o poder em 17
de Fevereiro de 1649.

Tinha elle servido com honra a sua pa-
tria por espaço de vinte e tres annos, em
que fez uma viagem á Iudia, embarcou-se
em diversas armadas, achou-se na restau-
ração da Bahia, e na guerra de Pernambuco,
d'onde sahio coberto de feridas e aleijado d'um
braço, e por ultimo governou a praça de Ca-
chêo, d'onde foi transferido para este Esta-
do, como em recompensa de seus serviços.

Expedio a Bartholameo Barreiros d'A-
tahide com uma *Bandeira*, a fim de explo-
rar as minas do rio d'Ouro ou Agariço; fi-
cou porem malograda a empreza, e o gover-
nador perdeu toda a estima que até alli gran-
geára em rasão dos resgates dos indios.

O governo municipal do Pará dirigio a
El-Rei D. João IV uma representação dos
habitantes da mesma cidade, em que mostra-
vam a necessidade de ser o Pará independ-
ente do Maranhão.

(Continúa) *Antonio H. Leal.*

INDICE.

Te-Deum (Poesia)	Pag.	109
Litteratura Contemporanea—Russia	„	„
O papel que fez a Grecia no desenvolvimento da humanidade	„	111
Recordações (Poesia).	„	114
Tres victimas d'una imprudencia.	„	115
A maior ou menor sahida dos productos &.	„	117
Os tumulos campestres (Poesia)	„	119
Nisila	„	121
Catalogo dos Capitães-Móres &.	„	125



ERRATA.

Apesar do cuidado e vigilancia, que sempre temos empregado para que o nosso jornal saia puro de erros, não nos tem sido possível; pela pouca importancia das erratas, e confiados na illustração dos nossos leitores temo'-nos omittido do trabalho de accusal-as; porém como algumas mais importantes, e que podem por ventura aliarar o sentido da oração, appareceram no n.º 5, aqui as apresentamos.

<i>Pag.</i>	<i>Colun.</i>	<i>Linh.</i>	<i>Erros.</i>	<i>Emendas.</i>
99	2	41	Unicamente	nimiamente
100	4	33	valor	salão
101	1	26	com mi—	com minha
„	2	48	convalcerdes	convalecerdes.
„	2	50	menstruosas	menotenas
102	4	9	exaurido	exaurida
„	„	29	alma	grande alma.
„	2	43	erma	uma
103	„	42	susceptibilidade	sensibilidade.
104	1	2	M. Ampera	M. Ampère.
„	„	31 e 35	meu	seu
„	„	54	entes	entes inuteis.
„	2	8	sciencia, historias, poesias	sciencias, historia, poesia



AVISOS.

—A publicação do *Archivo* será mensal; sahirá á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte a vinte e quatro paginas de impressão cada numero; comprehenderá duas secções, uma de Li. e de Ci. e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar á todas as classes da Sociedade.

A Associação Litteraria Maranhense offerece as columnas do *Archivo* ás pessoas que nellas quis-rem imprimir alguma obra respeitanto á instrucção, moral, e recreio, sendo approvada pela Commissão Revisora.

Subscreve-se para este Jornal, nesta cidade em casa do Editor, Travessa do Sincero n.º 1; e em casa dos membros correspondentes, em Acañara Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupá, Padre Manuel Altiño Barbosa, e Antonio Joze de Carvalho Tres Lima; no Meirim, Tenente-Coronel Manuel Lourenço Bógá; no Coto, Baymundo Joze de Souza Gayoso; no Itapirapá-mirim, Padre Ca- milho de Lellis Henriques Paçova; em Pernambuco (Olinda) Joze Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Joze d'Almeida; no Pará, Joaquim Correia de Magalhães, e André Curcio Paçunia, em Bragança na mesma Provincia, Padre Manuel Joze da Matta; e no Piauy (Pety) Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

PREÇO.

Por anno, 12 numeros—4\$000 } pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.
Por semestre, 6 ditos—2\$400 }
Para o interior, e fora da Provincia 5\$000 por anno.

REVISTA ACADEMICA.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA, jornal litterario e scientifico, publi- cado em Coimbrã, no escriptorio de Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, rua de Santa Anna. Consta de 24 numeros por anno, e tendo cada numero desesseis paginas em 4.º—Preço d'assignatura 3\$000 reis annuaes.—

O CREPUSCULO.

Subscreve-se para O CREPUSCULO, periodico instructivo e moral do Instituto Litterario da Bahia, publico duas vezes por mez, em casa do Membro correspon- dente daquelle Instituto, nesta cidade, Augusto Frederico Colin, Travessa do Sincero n.º 1. Publica-se no dia 10 e 25 de cada mez, constando cada numero de 16 a 20 paginas. Formato pouco mais ou menos como o do *Archivo*, lindamente impresso. Preço d'assignatura 3\$000 reis por semestre.

O PHILEIDEMON.

Na mesma casa subscreve-se para O PHILEIDEMON, periodico scientifico e lite- rario, publico pelos Academicos de Olinda, uma vez por mez, em 4.º tendo princi- piado em Junho ultimo. Preço d'assignatura 2\$500 reis por semestre.

1 8 4 6

S E T E M B R O = N.7

O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

SETEMBRO 30—1846.—VOLUME I.^o—N. 7.



COLLABORADORES.

Ilms. Srs.

Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
A. Curcino Benjamin.
Dr. A. Carneiro H. de Scuto Maior.
Dr. A. Gonçalves Dias.
A. Henriques Leal.
A. B. de Torres Bandeira.
Dr. Antonio Rego.
A. C. dos Reis Raiol.
A. Frederico Colim.

Ilms. Srs.

Dr. F. José Corrêa.
Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
J. Tell Ferrão.
J. J. Ferreira Valle.
M. J. Pereira.
M. Benicio Fontenelle.
Dr. F. A. de Carvalho Reis.
Dr. R. J. Faria de Mattos.
R. Augusto Colui.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO. CASA N.º 10.

IMPRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros effectivos e funcionarios.

Presidente—	Ilm. Sr.	Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.
Secretario—	»	» Augusto Frederico Colin.
Commissão Revisora	»	» Augusto Cesar dos Reis Raiol.
	»	» Antonio Henriques Leal.
Thesoureiro	»	» Joze Tell Ferrão.
Editor	»	» Roberto Augusto Colin.
	»	» Dr. Antonio Gonçalves Dias.
	»	» Dr. Antonio Rego.
	»	» Luiz Antonio Vieira da Silva.

Membros Honorarios.

Ilms. Snrs.

Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.
Dr. Antonio Carneiro Homem de Souto Maior.
Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreo.
Dr. Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.
Antonio de Vasconcellos Menezes de Drumond.
Dr. Carlos Fernando Ribeiro.
Dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento.
Dr. Domingos Joze Gonçalves de Magalhães.
Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira.
Dr. Francisco Joze Furtado.
Dr. Frederico Joze Corrêa.
Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.

Ilms. Snrs.

Dr. Isidoro Emilio Baptista.
Dezembargador João Candido de Deus e Silva.
Dr. Joze Hermenigildo Xavier de Moraes.
Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
Dr. Joze Ricardo Jauffret.
Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá.
Conego Luiz Barroso de Bastos.
Dr. Manuel Jansen Pereira.
Dr. Pedro Nunes Leal.
Dr. Raymundo Joze Faria de Mattos.
Dr. Tiberio Cesar de Lemos.

Membros Correspondentes.

Ilms. Snrs.

Capitão Alexandre d'Araujo Costa.
Alvaro Duarte Godinho.
André Curcino Benjamin.
Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.
Antonio Rangel de Torres Bandeira.
Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova.
Cypriano Fénelon Guedes Alcanforado.
Estevão d'Albuquerque e Mello Montenegro.
João Pedro dos Santos.

Ilms. Snrs.

Joaquim Corrêa de Magalhães.
Joze Joaquim Ferreira Valle.
Padre Manuel Alino Barbosa.
Padre Manuel José da Motta.
Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogea.
Dr. Pedro Joze d'Abreo.
Raymundo Joze de Souza Gayoso.
Thomaz Ferreira Guterres.

DESTINO DAS CIDADES.

CONSTANTINOPLA, ALEXANDRIA, VENESA E CORINTHO.



—As cidades também tem seus destinos; a mór parte dellas nascem, vivem e morrem com os povos que as fundaram; outras porem ha que parecem ter uma vida que só a ellas pertencem; sobrevivem aos imperios, que com ellas se estabeleceram, e servem por seu turno de morada a diversas nações. D'onde lhes vem esse privilegio? É bem curioso pesquisar porque os tem, e como também algumas vezes o perdem.

As cidades que dependem dos destinos dos imperios são aquellas que em sua situação nada tem que as sustente e as faça viver, aquellas, cuja fortuna é obra unicamente dos homens, e em que nada tem a natureza. Na antiguidade Babylonia, Ninive, Persepolis eram cidades deste genero. Em quanto existiram os Assyrios e Persas essas cidades tiveram grande poder; porem apenas decahidos esses imperios, suas capitães cabiram ao mesmo tempo, porque o lugar em que o homem as fundou, não era desses lugares que parecem feitos e designados pela natureza para terem uma cidade. Em nossos dias Londres, Vienna, S. Petersburgo, Pariz, são do mesmo genero. Seus destinos dependem do destino dos imperios de que são centro. Desapparecesse do mundo a França, como tem desapparecido tantos outros estados, não haverá mais motivo algum para que Pariz continue a ser uma grande cidade; a não ser que Pariz venha a tornar-se, como Jerusalem ou Roma, uma cidade religiosa, porque a religião faz viver as cidades, mesmo apesar dos lugares.

Vejamos com effeito na carta o sitio em que está Pariz; não é um desses lugares que servem necessariamente de passagem ou de concurso para o commercio de climas oppostos, não é uma das derrotas naturaes do mundo. E alem disso nem ao menos Pariz é o centro da França; é uma capital que podia ser em outra parte, e que alli se acha por occaso, por assim dizer. A velha Lutecia certamente nunca pensou que viria a ser a capital de um grande imperio; não que o acaso, que fez de Pariz o centro politico da França não tivesse pa-

ra o fazer seus motivos historicos; nem que a posição de Pariz não tivesse seus effeitos politicos. Sabemos mui bem como Pariz pouco a pouco se foi tornando a capital da França; igualmente sabemos que tendo esta capital vizinhas as fronteiras do norte, sempre foi com o norte que teve as maiores guerras, porque sempre foi para esse lado que se esforçou por estender-se. Direi mais: estou persuadido que uma das cousas que mais contribuiu para fazer da França um grande imperio, foi o ter tido sua capital perto das fronteiras do norte. Lancemos os olhos sobre a configuração da França: é bem limitada e defendida ao oeste pelo mar, ao sul pelos Pyreneos, a leste pelos Alpes e Jura; porem pelo norte está aberta; não existe por esse lado fronteiras naturaes, porque os rios não são fronteiras. Do lado do norte a França poderia ser limitada pela Sena e mesmo pelo Oise, por este assim como pelo Somme; suppondo por um instante que a capital não era perto das fronteiras, supponde que essa capital era em Orleans ou em Tours; é provavel que a França tivesse recuado até ás margens do Loire ou do Sena. Pariz pelo contrario sendo o centro do governo, está claro que a fronteira a mais franca seria também a mais bem vigiada. Como dessa parte é que estavam os perigos, para essa parte é que se deviam empregar todos os esforços e conquistas. Não creio que seja um mal para um povo o ter sua capital perto de seus inimigos, e de fortificar-se no lugar em que é mais ameaçado. Não é isso um mal, diziamos nós, com tanto que o povo conserve sua força e virilidade; e até disso se pode tirar a vantagem de estar sempre em armas e de entreter o espirito militar e o espirito nacional. Essa vizinhança só se torna um mal quando o povo se enfraquece e se corrompe; porque quando não ha força para bater o inimigo, o que ha de melhor neste caso é estar bem longe.

O que digo a respeito de Pariz poderia dizer a respeito de Londres, Vienna e S. Petersburgo: a natureza não lhes tem designado o lugar para uma grande capital; o homem as poderia collocar neste ou naquell-

le sitio; a capital da Austria podia ser em Linz ou em Presburgo, mais acima ou abaixo sobre o Danúbio, a capital de Inglaterra podia ser em Plymouth em vez de ser em Londres; em nada disto havia necessidade. Porem estando essas capitães nos logares em que existem, tiveram para Austria, Inglaterra e Russia resultados importantes. A capital da Russia transportada de Moscow para S. Petersburgo fez da Russia uma potencia europeá, em logar de a deixar ficar, como até então, uma potencia meio-europeá, meio-aziática; e graças a esse destino europeo, que lhe deu o genio de Pedro-o-Grande, a Russia hoje conquista o Oriente e domina a Europa. A alavanca com que ella ergue a Asia só é forte porque estabeleceu seu ponto de apoio na Europa.

Si a historia das cidades que dependem unicamente dos homens é curiosa para estudar-se, o destino das cidades que derivam sua fortuna da natureza, e mesmo dos logares, ainda mais curiosa é de de observada. Ellas tem um caracter inteiramente do mundo; creadas pela propria natureza, se assim se pode dizer, pertencem mais á geographia physica do que á historia, porque sempre as encontramos no mesmo logar, como os estreitos e istmos sobre os quaes estão ordinariamente situadas. Sua fortuna não partilha os accidentes dos imperios que ali vem estabelecer-se; servem de capital a diferentes povos; e seus conquistadores barbaros ou civilizados não cuidam em destrui-las ou em as abandonar, porque conhecem que essas cidades são um grande instrumento de riqueza e de poder, e aproveitam-n'as. Desta maneira sempre salvas da destruição, parecem ter uma vida immortal, ainda que não tenham nacionalidade, e nem historia que lhes seja proprias, e que pareçam feitas para servir de estalagens ás diversas nações que por seu turno ali se vão hospedar.

O que é preciso notar quando estudamos o destino dessas cidades, a que eu de boa mente chamarei cidades necessarias e naturaes, é que ellas não são todas necessarias e predestinadas no mesmo gráo, e que são mais ou menos duradouras conforme são mais ou menos naturaes. Algumas palavras explicarão o que quer dizer. A força e o poder dessas cidades lhes provem do logar que occupam; porem logo que o logar não subministra á cidade todas as vantagens que pos-

sue, logo que a cidade não encontra nesse logar de predileção a situação que melhor lhe convem, e que essa situação, conforme o tempo torna-se mais ou menos feliz; então a cidade perde sua fortuna porque o mesmo logar perde a sua, por cauza das mudanças que se fazem na navegação e no commercio. Constantinopla, Alexandria, Veneza e Corintho podem servir de exemplo a estas reflexões. Comparando o destino destas quatro cidades, exorcemo'-nos de formar uma ideia exacta do que devemos chamar uma cidade natural e necessaria.

Não quero tambem dizer que o homem nada influe no destino dessas cidades; o homem serve de muito, porque é mister que elle reconheça e encontre o local que convem a uma cidade. Todos não tem a vista boa, nem todos comprehendem os avisos que lhes dá a natureza. Muitos cegos existem para estas cousas, por exemplo: os Chalcedoneos que tinham ante si o porto de Byzancio, a famosa Coroa de Ouro, e nunca comprehenderam que era alli o logar predestinado para uma grande cidade.

Na *Gazeta de Augsburg* de 3 de Fevereiro de 1840 vem um artigo sobre um projecto de canal no istmo de Panamá. No meio deste istmo, no estado de Nicaragua, existe um lago de cento e vinte milhas de comprimento sobre quarenta ou sessenta de largura. O rio S. Joã serve de canal por onde se escôa esse lago no Golpho do Mexico, com um bom porto na foz. Do lago Nicaragua ao oceano Pacifico não existe mais que nove milhas inglesas; porem ha uma montanha que atravessar. Supponhamos um canal praticado sobre o istmo entre o oceano Atlantico e o oceano Pacifico, haverá necessariamente na embocadura do rio S. Joã, ou sobre o lago Nicaragua, uma cidade que deverá servir de ponto de comunicação entre os dous mares. Será essa uma cidade necessaria; porem sua prosperidade dependerá do local que occupar sobre o lago ou sobre o rio, porque haverá sobre o lago ou sobre o rio locais mais ou menos adequados mais ou menos fortes. Aquelle que encontrar o melhor local terá a gloria de ter fundado a capital do novo mundo. Ali é que existe o logar proprio para a situação; porem é mister o homem que a encontre.

O genio do homem bem presentia que no Bosphoro devia haver uma cidade; porem foi-lhe mister tempo para encontrar o local desta cidade, e encontrado elle, ainda

foi necessario muito tempo para conceber que em um certo estado do mundo, ali é que devia ser a capital. Assim é que as colonias gregas se estabeleciam a quem e alem de Byzancio, antes de que se viesse estabelecer em Byzancio (1). Da mesma forma, no tempo do imperio romano, quando o mundo estava reunido debaixo de uma mesma lei, Augusto e seus successores presentiram a necessidade para este imperio de uma outra capital alem de Roma, que bem podia servir de centro a Italia, porem que o não podia ser do imperio romano, e seus olhos se lançaram naturalmente para o estreito que une o mar Negro e o Mediterraneo. Augusto lembrou-se de Troya; ali haviam recordações e tradições, que tinham principalmente o merecimento de ser as recordações da familia de Julio; não ousou porem tentar essa grande transplantação do imperio romano. Algum tempo depois, no governo de Deocleciano, é que o imperio romano se poz em busca, por assim dizer, de uma capital. Lembraram-se da Antiochia, da Nicomedia, que tem a vantagem de ter um golpho no mar de Marmara, á sahita do Bosphoro; lembraram-se mesmo de Troya, que está situada á entrada do Hellesponto. Finalmente Constantino designou Byzancio; consumou-se o destino dessa cidade, e á Constantino coube a gloria de ter fundado sobre as ruínas do velho imperio romano um imperio que tem durado mil e duzentos annos e ainda mais, e isso unicamente porque sua capital foi bem escolhida.

A historia da fundação d'Alexandria não é menos interessante. Era preciso ao commercio das Indias um ponto de comunicação sobre as costas do Mediterraneo; em outros tempos havia sobre as costas da Syria Tyro e Sidon; mais alem, no istmo de Suez, nas embocaduras do Nilo, havia Pelusa, Tanis e Naucratis, fundadas pelos Gregos. Porem Pelusa; Tanis e Naucratis, situadas uma sobre a foz pelusatica, outra sobre a foz tanitica, a ultima finalmente sobre o crusamento das fezes balbitina e canopica, tinham ao mesmo tempo as vantagens e inconvenientes dos rios, isto é podiam obstruir-se com a areia. Alexandre emprehenleo fundar uma cidade

(1) Tacit. *Annal*, lib. XII: «Artissimo inter Europam Asiamque devortio, Byzantium in extrema Europa posuere Graeci, quibus Pythium Apollinem consulentibus ubi conderent urbem, redditum oraculum est quaerent sedem coecorum terris adversam. Ea ambage Chalcedoni monstrabantur, quod priores illic advecti, praevisa locorum vultate, pejora legissent.»

digna de servir de ponto de comunicação e de capital a esse mundo formado do Oriente e do Occidente, que suas victorias iam crear, e fundou Alexandria, não á foz do Nilo, porem muito proximo, e com o qual se podia communicar por meio de um canal que se não obstruiria com a areia. Um sonho maravilhoso, cheio de Homero e de recordações desse pae da poezia grega, consagrou, segundo Plutarco (2), a fundação dessa nova metropole do genio grego. Porem o que tem feito durar a fortuna de Alexandria, o que revela a admiravel sagacidade de seu fundador, é que esta cidade representa e resume, por assim dizer, a posição geographica do Egypto. O Egypto, collocado entre o Mediterraneo e o mar Vermelho, é destinado para servir de laço ao commercio do Oriente e do Occidente, e Alexandria é o ponto de comunicação necessario. Quando reflectimos que foi durante os intervallos do cerco de Tyro que Alexandre fundou Alexandria, não podemos deixar de crer que elle pretendia com a fundação desta nova cidade, consumir a destruição da antiga Tyro. Seu genio de guerreiro não foi menos illudido que seu genio de estadista; Alexandre destruiu Tyro, substituindo-a.

A SALVAÇÃO DE UMA MÃE OU A ULTIMA HORA DE FORT-ROYAL

(Hermance Lesguillon.)

I.

—Sobre uma das eminencias de Fort-Royal elevava-se uma linda habitação, que em nada se assemelhava ás choupanas de pao

(2) Plutarco refere que Alexandre procurava nas embocaduras do Nilo o local mais apropriado para a cidade que pretendia fundar, e já seus engenheiros lhe haviam indicado um, quando de noite teve uma visão maravilhosa: era um personagem coberto de cans, com um aspecto veneravel, que aproximando-se-lhe pronunciou estes versos da *Odyssea*:

Uma ilha ali jaz no mar profundo,
Bem fronteira do Egypto mui fecundo,
Que por seu nome Paros é chamada.

Alexandre ergueo-se de manhã mui cedo e foi ver a ilha de Paros, que naquelle tempo era um pouco acima da foz do Nilo, que chamam canopica, e pareceo-lhe que ali era o local do mundo mais proprio para o que tinha em mente fazer; porque era uma lingua de terra bastantemente larga que dividia um grande lago de uma parte e o mar da outra, e que ia dar a um grande porto; e então disse que Homero era admiravel em tudo, porem que especialmente em engenharia, e ordenou lhe designassem a forma da cidade, segundo a situação do logar. (*Vida d'Alexandre—trad. d'Amoyet.*)

que se via levantar-se de todos os lados dessa parte da colonia; os seus arredores eram de uma riqueza tam natural e pictoresca que não se podia crer que só a natureza a tivesse distribuido.

Grandes arvores de admiravel vegetação a rodeavam. As altas palmeiras, embalçavam seus largos leques fazendo ouvir um susurro prolongado, e protegiam com sua sombra as flores de variadas côres que desabroçavam seus calices embalsamados. O frangipaneiro, no meio deste bosque perfumado, brotava esses lyrios bellos e puros, cuja brancura tanto realce tem juncto dos arbustos carregados de romãs côr de coral. Por entre esses penetrantes perfumes, respirava-se o suave aroma das grandes rosas de musgo, cuja prodigiosa magnificencia só pertence a esse clima encantador.

Era pois no meio de todas estas riquezas que reinava esta fresca habitação, em que fitavam-se os olhos com curiosidade, pois que pensava-se ser uma mulher alli a rainha.

Na verdade, Correa d'Ormières era a reunião perfeita da belleza creoula. Seus cabellos de um negro azevichado davam um maravilhoso realce á sua pelle alva e transparente; seus olhos eram grandes, e sua natural languidez os encobria dando-lhes uma encantadora expressão de melancholica ternura.

Seu pae, em outro tempo, governador da colonia, a tinha prometido a um homem implacavel e cruel, que julgou digno de lhe succeder e de sustentar, como elle dizia, a honra da colonia, isto é, a escravidão absoluta dos milhares de homens de quem era senhor.

Flôr deste clima, Correa já era uma moça na idade em que em França ainda seria uma menina.

Aos dose annos casou-se com M. d'Ormières, que a pediu em casamento, porque ella tinha herdado de sua mãe uma fortuna immensa, que ainda se devia augmentar por morte de seu pae.

Correa ao principio não sentio por M. d'Ormières mais do que uma aversão de creança: ignorante e ingenua como é toda a creoula, ella não comprehendia a causa da aversão que elle lhe inspirava; seu terror para com elle assemelhava-se ao que sentem as creanças com a lembrança do Ogre, do Pequeno-Pollegar, ou do terrivel Barba-Azul. Este homem, cujo dominio se extendia a tam grande distancia pelo paiz, e que á sua von-

tade faria tremer os homens cuja existencia elle comprava e vendia, enchia a sua imaginação de assombro. Quando ella via torturar os escravos, e que homens eram encarrregados de os bater com um azorrague cheio de pontas de aço, que lhes magoava o corpo, seu terror subia de ponto, e ainda que lhe explicassem que essas pobres creaturas tinham merecido o castigo que se lhes infligia, ella nem por isso soffria menos; por que um instincto de justiça lhe respondia que qualquer que fosse a falta não era proporcionada ao castigo; a seus olhos, estas execuções eram vinganças e não direitos.

Tinha ella uma ama europêa que, entretendo-a, lhe fallava da França, que era seu paiz. O que a bôa mulher contava á creança como cousa de nenhuma importancia, fructificava em seu cerebro. Fazia comparação, e a França parecia-lhe o verdadeiro paiz da liberdade.

—Como é boa a França! dizia ella, como é grande! como é altiva! Quanto é generosa por isso que todo o homem desde que nella pisa fica livre.

Correa foi mãe; e desde então sentio nascer em si outras impressões alem das da indiferença ou antipathia; seu marido tornou-se-lhe odioso.

Nada desenvolve tanto a grandesa das mulheres como o sentimento maternal; é raro que aquella que sentio em suas entranhas os caros movimentos do nascimento, não seja capaz de toda a sorte de heroismo. Este novo estado lhe revelou a compassiva fraternidade que germinava em seu coração. As escravas, quando eram mães, tornavam-se-lhe preciosas, á ponto de não exigir dellas trabalho algum.

Este procedimento não agradava a M. d'Ormières, que as tinha accostumado a carregar objectos pesados para estarem afeitas ao trabalho; a venda de seus escravos tornava-se desde então menos facil.

Sabe-se que, quando um negro ou uma negra tem algum defeito aos olhos do senhor que compra sua existencia por quatro, cinco, seis mil francos, pode vendel-o a outro senhor que, algumas veses, ainda o torna a vender.

Este defeito torna-se alguma veses uma qualidade, conforme o character do senhor; então o escravo tem dobrado preço e é uma bôa especulação neste incrível commercio, que os homens fazem de seus semelhantes. Assim como a pobre Correa sentio que lhe era

impossivel viver com seu marido no meio destas crueldades, assim tambem M. d'Ormières entendeu que uma mulher, tam pouco em relação com suas ideas, lhe seria mais nociva do que agradável: concedeo-lhe pois o que ella lhe pedia com instancia: deo-lhe plena liberdade de ir habitar em uma casa de campo que ella possuia em Fort-Royal, todavia com uma condição, porque os despotas sempre as impõe, de que elle casaria sua filha a sua vontade, e tambem que quando quizesse elle tiral-a-lia de sua mãe.

Correa annuo a tudo, sua filha acabava de nascer: não lhe parecia que esse terrivel futuro, de que lhe fallava seu marido jamais chegaria. Os annos são para um espirito juvenil seculos interminaveis!.. pois bem; não podiam ter logar muitos acontecimentos? A terna mãe levou seu caro thezouro, e mudou-se para Fort-Royal, onde á sua vontade entregou-se inteiramente aos excessos apaixonados da maternidade.

Levou algumas negras, e entre outras, uma chamada Kerina, rapariga bella e forte que lhe era inteiramente dedicada.

Quando os escravos negros amam seus senhores, não se sabe até que ponto pôde chegar sua dedicação; se um crime é util aquelles que elles amam, nada lhes obsta a executal-o. Kerina tinha esse character; seu natural apaixonado e intrepido se tinha reunido em um unico amor: o de sua senhora.

As pessoas, que havia na habitação de Fort-Royal, eram inteiramente consagradas a existencia da filha de Correa, bella menina, que se chamava Nucia.

A joven mãe, que assim a podiam chamar, tanto ella era menina, alimentava a querida creança á qual fazia beber seu leite, amor, sua belleza e bondade. Nucia era tam linda que enlevava os olhos de Kerina, e tornava as mães zelosas.

II.

Havia dose annos que nesta casa abençoada só se respirava ternura e preces; havia dose annos que a moça esquecia os prazeres e fri-leiras do mundo para se occupar em amar sua filha, trabalhando por se fazer digna de dirigir sua educação.

A educação entre as mulheres creoulas é cousa muito superficial. Consiste sua unica base nas artes, que cultivam para seus prazeres.

Correa era uma excepção; quando vio-

se só com sua filha, a applicação aos estudos serios tornou-se-lhe uma necessidade. Auxiliada por bons livros, ella apprendeo e accostumou-se a pensar, e aperfeçoou sua educação em que seu pae não tinha tido cuidado algum; foi a directora intelligente do coração e espirito de Nucia, que não só era uma adoravel menina, mas tambem una joven adornada de grandes seducções.

Estavamos em um dos mais bellos meses do anno; nunca a habitação de Fort-Royal tam brillante e alegre estivera, nunca o luxo, de que Correa costumava rodear-se, tinha tocado os olhos de um modo tam suave e perfeito.

Nada desenvolve o gosto como a intelligencia; Correa já era franceza a força de pensar: seus ornatos e mobilia tambem eram franceses, conservando todavia as exigencias do clima.

Redes ricas e brandas embalçavam-se elegantemente em tendas, cujas paredes eram feitas de cassa branca. Suas doces condilações modificavam a luz radiante do sol, e davam um reflexo de opala vantajoso aos matizes de mil flores, que continham os mais bellos vazos: leques de pennas, guarnecidos de pedrarias, agitavam-se ao sopro do vento e afugentavam os numerosos mosquitos que se levantavam como uma poeira doirada; fontes de crystal collocadas de distancia em distancia, lançando seus repuchos scintillantes, espalhavam suave frescura nesta villa divina.

O calor era excessivo; Correa e Nucia, bellas como o dia, passeavam na mais alta varanda da habitação; ellas viam vir Kerina, que como de costume, tinha estado no mercado de S. Pedro. Era o dia da venda dos negros.

Então! Kerina, exclamaram ao mesmo tempo a mãe e a filha, então! fizeste hoje bons negocios?

Era Kerina quem tratava dos negocios de sua senhora: por ella encarregada de socorrer os soffrimentos, resgatava os desgraçados escravos, que ja muito cansados de servir aspiravam ao descanso; resgatava tambem e pagava a peso de oiro aquelles que temiam de pertencer á senhores malvados; e aquelles que desta sorte libertava proporcionava uma condição suave.

—Que fizeste hoje em S. Pedro, minha boa Kerina? Conta-nos isso.

—Paguei bem caro um pobre negro que por muito tempo me disputaram. Estava

elle destinado a uma sorte bem cruel!

—E afinal tu o obtiveste?

—Sim, disse Kerina chorando; é um pobre pae de familia. Oh! senhora! se tivesses visto sua filha verter lagrimas em minhas mãos! mostrava-me tanto reconhecimento, que eu estava envergonhada!

—Ignora-se sempre que sou eu, não é assim Kerina? porque tu o sabes, disse Correa empallidecendo, tu o sabes! si M. d'Ormières desconfiasse de meu commercio, seria capaz de matar-me!

—Oh! boa senhora, replicou Kerina, custa-me muito a fallar nisso; é preciso ter grande coragem para não dizer a todos esses homens, que não sabem d'onde lhe vem a felicidade, que é a vós que elles a devem. Faço o que posso! porem se algum dia se descobrir isto, não será por minha culpa. Julgais, senhora, replicou a boa rapariga em tom de exprobração, que faz-se todo este bem para que não passe d'aquí?

—M. d'Ormières me mataria, Kerina!

—Com tudo é preciso que eu vol-o diga; é me muito custoso desembaraçar-me da curiosidade de muitas pessoas. Todos querem saber onde eu moro, e creio que fui hoje seguida por um homem!

—Oh! meu Deus! exclamou Nucia fazendo-se pallida, era talvez algum enviado de meu pae!

Apenas tinha Correa proferido estas palavras, uma grande aldrabada fez-se ouvir na primeira porta. Kerina foi abrir-a: um homem entregou-lhe uma carta; ella deo-a a sua senhora.

—É de M. d'Ormières, exclamou Correa toda tremula.

Apenas a pobre mulher tinha li'o as primeiras palavras, cahio desmaiada.

Kerina e Nucia apressaram-se em prodigalizar-lhe cuidados. Quando abriu os olhos e pôde fallar, suas primeiras palavras foram: Minha filha! minha filha! minha Nucia! querem separar-nos! Nucia, será possível? haverá sobre uma filha outro poder além do de uma mãe? Trouxe-te juncto de meu coração, alimentei-te com meu sangue e amor! Eis que doze annos se passaram em que meus dias e muitas noites tem sido cheias somente de tua imagem, e tu não és minha! Oh! bubi! bubi! exclamou ella, oh! crueldade! como Deus supporta isto?

Sua dor era tam excessiva que ella já não era a mulher meiga d'outro tempo, que se via embalar-se molle e docemente em

sua ternura: o furor animava todas as suas feições, e a indignação fazia estremecer seus labios; como um tigre, seus movimentos eram violentos e apaixonados.

—Minha filha! dizia ella apertando Nucia contra seu coração; como se nelle quisesse encerral-a inteira; minha filha! querem roubar-te! roubar-te! minha filha, amanhã teu pae vira arrancar-te de meus braços! Pegou na carta, e com o socego que da a desesperação, leu em voz alta a missiva de M. d'Ormières concebida nestes termos:

• Senhora,

• Eis-ahi doze annos que vos não tenho importunado com minhas visitas, nem feito tremar com minhas vontades.

• Hoje quebro esse silencio para satisfazer à nossa convenção. Nossa filha tem doze annos completos, amanhã eu mesmo irei buscá-la. Cazar-se-ha no mesmo dia na igreja de Mornes. Se contudo eu achal-a muito delicada, encerral-a-hei dous annos no convento.

• Preparai-vos para receber-me, e não ponde demora alguma à execução desta minha vontade.

• Este casamento é d'uma vantagem immensa. Facilitar-me-ha o meio de estender-me na colonia, de que eu serei um dos mais importantes lavradores.

• Ah! estarei á duodecima hora do dia.

Ouvindo ler esta carta, o semblante da negra tinha tomado uma expressão horrivel; seus olhos estavam cheios de sangue, e suas ventas abertas inchavam com o sopro da respiração, e davam agudos assobios.

Apesar de sua desesperação, Correa estremeceu ao contemplal-a.

—Nada recêeis, senhora, disse a negra, Kerina ama vossa filha!

Correa, que conhecia a negra, affectou um socego que estava longe della; esta rapariga causava medo. Apesar de suas instancias não pôde conseguir que ella se deitasse.

Nucia, vencida pela fraquesa de sua idade, adormeceu banhada em lagrimas.

As duas pobres mulheres velaram juncto della. Kerina não pronunciou uma só palavra, parecia resoluta.

Correa orou, e vio dormir sua filha.

Ao passo que se adiantava a noite, o semblante da pobre mãe se alterava; cada hora que soava a fazia estremecer.

Ella supplicava ao ceo que retivesse o dia para que não trouxesse os seus raios.

—Se esta noite pudesse durar eternamente! exclamava ella, elle não viria!

III.

O calor que durante todo o dia tinha sido excessivo, tornou-se intoleravel. Havia nos vapores que se respiravam de fora alguma cousa de febricitante e indifinivel.

Até a pequena Nucia parecia dormir debaixo do peso de um somno que não era natural. A hora adiantava-se, e a noite ia-se pouco a pouco afastando; ouviam-se gritos sinistros pelo silencio da noite.

Correa, attribuindo o encommo que sentia a agitação de seu coração, chegou-se a uma galeria exterior. Um espectáculo extraordinario se lhe offerece aos olhos. Grandes nuvens negras amontoavam-se no ceo; pareciam conter fogo; vapores espessos desenvolviam-se na atmosphera. Os passaros procuravam voar e caíam como asphyxiados: as arvores curvavam-se, e toda a natureza estava tocada de um torpor mysterioso.

Correa tornou a entrar para casa. As flores tinham cahido dos vasos; os cães vagavam inquietos sem saber para onde ir.

Seus olhos fitaram-se no fatal relógio: tinha-se passado a noite! Sôu a primeira hora do dia.

—Só temos uma hora! exclamou Correa com o accento da desesperação.

—Kerina, disse ella, Kerina! dentro de uma hora elle hade vir!

—Eu o sei, respondeo a negra sem fazer o menor movimento. Nucia acordou; suas penas voltaram com o despertar.

—Minha mãe, disse a pobre menina, sonhei que nos separavam. Minha mãe oh! eu vos rogo, não me deixeis partir! minha mãe antes quero morrer!

A dor de Nucia fez enlouquecer a pobre mãe. Se tivesse de deixar sua filha para fazel-a feliz ella teria soffrido só, mas a pobre menina ia ser sacrificada a um homem que não conhecia, que nunca tinha visto, e que dentro de algumas horas devia ter sobre ella direitos soberanos e eternos!

Quanto mais se aproximava o momento fatal, mais lhe custava sabir da janella. Parecia-lhe que vendo-o vir, poderia vedar-lhe a entrada.

Kerina estava em um socego assustador.

O ceo, em vez de limpar-se, enchia-se de nuvens inflammadas, o bello campo de

Fort-Royal parecia uma terra devastada. Nunca similhante vista ferio a olhos humanos!

—Oh! minha mãe! disse Nucia, minha mãe! não sei porque hoje tenho medo do ceo! E ella levou sua mãe para a janella. No mesmo instante, Correa lançou um grito agudo: tinha visto M. d'Ormières. Estava rodeado de uma chusma de negros, e dirigiam-se todos para a habitação de sua mulher.

Kerina correo para a porta a recebê-lo. Já não era uma mulher, era um leão que se preparava para o combate; tinha uma das mãos escondida.

Apenas M. d'Ormières tinha passado a primeira porta, e posto nella a mão que devia annunciar sua entrada fatal, Kerina se tinha lançado sobre elle, descobrindo a mão em que brilhava uma faca; ouviu-se um ruido extraordinario, e um violento tremor abalou a terra. Ambos foram derribados.

Apenas este ruido se tinha ouvido, succedeo-lhe outro ainda mais terrivel.

Era um terremoto!

Como descrever este horrivel instante? como exprimir os terrores deste cataclysmo de alguns minutos, em que os elementos rebeldes a ordem do universo, pareciam descer ás mesquinhas revoluções, que perturbam a harmonia dos homens. As arvores; mais fortes, bem como as mais fracas os rochedos, as cavernas, a natureza inteira cedeo a este mysterioso pavor. Na habitação de Fort-Royal as vidraças, as paredes, os quartos, tudo foi quebrado, tudo cahio confusamente no meio dos gritos e lamentações nascidas do terror. A imaginação só pôde fazer uma ideia de taes scenas figurando-se o fim do mundo!

No meio do sangue, das ossadas e das ruínas, uma mulher tinha ficado em pé, e apertava contra o coração uma menina. Estes dois entes, que não formavam mais do que um, tanto o terror os tinha unido, eram Correa e sua filha: a intrepida mãe tinha desafiado a morte roubar-lhe a filha.

A pobre negra estava estendida a seus pés, ensanguentada e moribunda.

Occupava-se ainda em afastar daquelles dois entes, que tam caros lhe eram, os destroços das ruínas que desabavam de todos os lados.

—Minha boa Kerina, exclamou Correa, tu não hade morrer, nós te salvaremos!

—Não é possível, disse a pobre negra

beijando as mãos de Correa; não é possível, replicou ella com uma voz extincta! É chegada a minha hora; mas eu morro contente, minha querida senhora! o bom Deus encarregou-se de vosso tyranno, eu eu lhe rendo graças de todo o meu coração; poupou-me um crime.

—Pois tú o terias assassinado, pobre rapariga.

—Eu o teria matado como um cão, era um malvado! Adeus, minha querida senhora, disse ella dando o ultimo suspiro, eu vos deixo feliz.

O homem, que tinha seguido Kerina, era o escravo que a pobre rapariga tinha resgatado de manhã; quando avistou a habitação de sua bemfeitôra, tinha ido dizer seu nome a todos os que como elle tinham sido resgatados de uma cruel sorte pela generosidade de M^{me} d'Ormieres.

Aosignal do terremoto, todos estes infelizes, só tinham tido um pensamento, o de correr apressadamente à habitação de Fort-Rayal

Pode-se explicar como Correa e sua filha tinham escapado de todos os perigos.

Estes homens, intrepididos quando são animados pelo reconhecimento, lhes tinham feito uma trincheira com seus corpos.

Muitos morreram; os que sobreviveram levaram um triumpho Correa e sua filha.

Lágrimas de reconhecimento e de amor os acolheram em sua volta ao paiz.

Referindo tam horrivel acontecimento, que trago monumentos, hospitaes, exercitos e cidades inteiras, declararam que no meio das ruinas do Carbet, se encontrára morto o governador da colonia.

Esta foi a primeira victima do terremoto.

R. A. C.

MEDITAÇÃO.

A SAUDADE.

Amiga melancholia,
Consumidora saudade,
Vós envolveis os meus dias
N'esta triste suavidade.
—Mugalthães—Susp. Poet.

Em paz os entes repoisam
A natura jaz tranquilla
Da noite o manto estrellado
Por sobre a terra scintila.

Somente a briza sussurra
Suspirando levemente,
E as salsas ondas que as praias
Vão lambendo docemente;

Eternos hymnos entoam
Ao eterno Ser que as creou,
Que aos homens, brutos, e plantas
Coração, vida, outorgou:

Tudo dorme;—só minh'alma
De saudades opprimida
Sente a morte disputar-lhe
A sua mesquinha vida.

Debuxada em vivo esmalte
A imagem sinto adorada
De teu rosto, bella Alzira,
Que n'alma trago gravada.

Arder sinto—devorar-me—
O fogo intenso d'amor,
Que os tristes dias consume
De teu sincero amador.

Entretanto tu a esta hora,
Talvez ao somno cedendo
Em teu leito d'innocencia,
Não pensas que estou gemendo

Sob as azas protectoras
Do teu anjo adormeceste,
Mimosa virgem do céu,
O teu amante esqueceste!....

Os anjos dormem tranquillos,
É tranquillo o teu dormir;
Os anjos riem sonhando,
Sonhando estás a sorrir.

Eu te vejo, ó bella Alzira,
Por entre o veo da saudade,
Atravez mesmo do espaço,
Atravez da eternidade.

Mas quem sabe se a saudade
No teu peito penetrando
Um sonho p'ra mim ditoso
Te vae lenta despertando.

Com a ponta d'aza roçando
Um sonho meigo d'amor,
Te falla do amante ausente,
Te falla da minha dôr.

Uma lagrima te corre
Pelo rosto angelical,
Resaltando, desce, orvalha
O teu seio virginal....

Despertaste co'um suspiro,
E á custo os olhos abrindo
A imagem dos teus sonhos
Rapida vês ir fugindo.

Como a aurora d'entre as trevas
Surge bella e radiante,
Tal do somno resurgiste
Com casto riso ao semblante;

Os teus sonhos pela mente
Inda confusos voando
O teu amante extremoso
Ainda te estão recordando....

Mas, ó louco, onde te arrastas,
Quem te enleva a phantazia?

—É da saudade o tormento
—É da saudade a agonía.

Eis que a facha matutina
Os horisontes clareiam;
Os passarinhos nas ramas
Saltitando já gozeiam.

A natureza desperta
Do seu somno voluptuoso,
Como é linda a natureza
No seu surgir de repouso!

Já descantes pelos montes
Oíço alegres dos pastores,
Os prados vejo esmaltados
De frescas fontes e flores.

Adeus Alzira;—já sinto
Minha voz enrouquecer,
E o peito já de cançado
Estar-me triste a gemer—

A. F. C.

UM EPISODIO DA HISTORIA DA INQUISIÇÃO.

FRAGMENTO.

..... Haverá sete annos, continuou José, que Pedro Arbues foi elevado á dignidade de inquisidor mór de Sevilha. Era elle joven, bello e insinuante: com quanto fosse grande o horror que a inquisição sempre havia inspirado em Hespanha, houve um momento de esperanças que Pedro Arbues fosse menos cruel que os seus antecessores; foi porem esta esperança de bem curta duração.

As perseguições continuaraõ com mais rigor que nunca; e homens que possuiaõ os mais bellos nomes de Hespanha, naõ se corereraõ de exercer o officio d'espídes e de delatores para assegurarem suas fortunas e vidas, como já o haviaõ feito outros nos ultimos annos do governo de Torquemada.

Os mais puros cidadãos estavaõ cada dia a mercê d'um falso testemunho. Os odios, e as inimidades de familia desenvolveã-se em dramas sanguinolentos nos tribunaes da inquisição, com o auxilio das trevas do fanatismo; os roubos e os homicídios adeja-

rão sobre nós como aves de rapina; e um luto immenso se estendeo sobre a Andalusia.

—Accusado, disse o presidente, ultrapassaes os limites.....

—Defendo-me, replicou o monge com altivez, escutae:

Vivia por esses tempos em Sevilha uma familia catholica da mais pura nobresa de Hespanha, cuja mãe, descendente da tribu dos Abencerrages, e morta havia ja bastantes annos, tinha testado uma immensa fortuna. Esta familia compunha-se de dois irmãos... Tres erãõ elles, continuou Joze, abafando um suspiro, tres irmãos nobres e bellos, dos quaes dois haviãõ abraçado a vida ecclesiastica; o terceiro.... era elle bravo como o Cid, e inda mais bello. Chamava-se Fernando, prosequiu Joze parecendo pronunciar este nome com innafavel felicidade d'um pae, um patriarcha, um velho cheio de fé e de virtudes; d'uma irmã inda mui nova, menina ingenua e innocente, cuja vida era taõ pura como a dos an-

jos; e finalmente d'uma orphã, sua parenta remota, moça energica e ativa, que amava a Fernando, e que era por elle amada.

Tinha esta familia mandado edificar uma capella catholica servida por frades jeronymos, em um castello que possuia pouco distante d'Andujar, A mãe que adorava a seu marido e a seus filhos, tinha feito edificar esta capella para lhes servir de sepultura commum; não queria, mesmo depois de morta, separar-se d'aquelles a quem tanto amara em quanto viva. Foi ella bem nova ainda esperal-os nesse funebre logar aprasado.

Já disse que tinha ella testado quando morreo uma fortuna consideravel; a inquisição julgou conveniente que ella revertesse em seu proveito.

Accusaraõ-n'a de ter morrido em heresia, e com sentimentos contrarios á fé catholica, com qnanto não fossem equivocadas as demonstrações que havia dado na sua hora extrema do seu zelo por esta religião que foi sempre a sua.

Mas era mister um pretexto para a sua accusação.

Apresentaraõ falsos testemunhos que tinha vivido e morrido em heresia; e apezar dos protestos de seus filhos, de seus dois filhos homens revestidos d'um caracter sagrado, exhumaraõ o cadaver d'esta mulher, arrasaraõ a sua casa, com expressa prohibição de ser reedificada, e confiscaraõ-lhe todos os bens que tinha deixado.

—Criminoso! interrompeo o presidente, estás tu convencido do que dizes?

—Tinha para isso poderes a inquisição, replicou José com sarcasmo; e continuou sem se perturbar:

O pae morreo em quanto se instrua este processo abominavel.

Os filhos que choravaõ sua mãe, e que ousaraõ indignar-se da profanação de suas cinzas, os filhos foraõ lançados em uma masmorra.

Uma unica pessoa foi poupada.

Era a orphã, a desposada de Fernando.

Essa ficou só com a mulher que a tinha creado, só, a chorar os seus, que nunca mais havia de ver.

—Que foi feito d'elles? perguntou o juiz acometido de terror e piedade, que se hiaõ pouco e pouco augmentando.

—Que foi feito d'elles, senhor? perguntaes o que foi feito d'elles entre as mãos de Pedro Arbues? Foraõ entregues ás chammas sem misericordia. Os dois mais velhos,

Agostinho e Francisco, accusados de dogmatizareu em sentido contrario ao espirito da religião catholica; e sua joven irmã Beatriz, convencida de seguir as doutrinas de seus irmãos, foraõ todos estes justicados no mesmo auto-da-fé.

Agostinho tendo medo dos tratos, não por si, mas por sua irmã inda taõ nova, Agostinho, quando se vio em presença do supplicio, exclamou que pedia perdão, e que queria viver como bom catholico.

—Mente, disse Pedro Arbues, é o medo de morrer quem lhe inspira o arrependimento.

—Arrependo-me! arrependo-me! gritava ainda a pobre victima.

—Seja pois estrangulado antes de ser queimado, disse o inquisidor. (1)

Foi esta a unica graça que lhe concederaõ.

—És um covarde! clamou seu irmão. . . . e subio para a fogueira dando o ultimo adeus a Beatriz, que morreo com a resignação d'um martyr.

José calou-se.

Com quanto estivessem os juizes habituados a estes dramas terriveis, sentirã-se entretanto acometidos d'um terror involuntario.

—Continuae, disse o presidente, continue. Que aconteceu ao terceiro irmão?

Joze estremeceo no logar onde estava assentado, seus dentes batiaõ como se tivera frio.

Era elle escutado com profunda attenção.

—O terceiro, replicou elle com a voz lenta e commovida; o terceiro inda vivia. Era tão novo! não se atreveraõ a matalo com os outros. Pedro Arbues conservava-o para um auto-da-fé real.

Paula, a orphã que o amava, concebeo o projecto de o salvar.

Tinha ella vinte annos. Que mulher ha de vinte annos que não confie na clemencia d'um homem, inda mesmo que esse homem se chame Pedro Arbues, e inda mesmo que seja inquisidor-mór?

Havia seis mezes que a sua desgraçada familia fora queimada; fallava-se d'um novo auto-da-fé que devia ter logar em les-

(1) Acontecia muitas vezes que as victimas votadas á fogueira se reconciliavaõ com a Igreja, isto é confessavaõ crimes e atrocidades, que nunca tinhaõ commetido. Nestes casos a inquisição sentia commoverem-se as suas entranhas de mãe, e concedia aos condemnados a graça de serem estrangulados antes de serem queimados. (Annuales da Inquisição.)

tejo do anniversario do rei, e que tinha sido annunciado pelo tribunal um mez antes.

Accusado, não vos afasteis da questaõ, interrompeo de novo o presidente.

—La vou, respondeo Joze tranquillamente; presta-me attenção, meus senhores.

Formaraõ-se os processos: singulares processos na verdade, conspirações tenebrosas cujos fios tinha o juiz em sua mão movendo-os a seu praser: sinistros problemas que tinhaõ todos a mesma solução. . . . a morte.

Paula, sem socego por amor d'aquelle a quem amava, tomou um dia uma extrema resolução, resolução bem fatal, ides ver, meus senhores.

Revestio-se de sublime exaltação; ponderou todas as probabilidades do passo que ia dar, e com quanto contasse commover o inquisidor, e salvar o seu desposado, disse entretanto consigo que, em ultima analyse, o peor que nesta tentativa obteria seria morrer com elle: ora a morte não a assustava. . . .

Era um desses dias sombrios como ha poucos em Andalusia; e por uma extravagante sympathia, ou por um desses casos que se assemelhaõ á fatalidade, estava o sol coberto de nuvens, e uma larga mancha negra cobria a metade do seu disco; tinha havido um eclipse quasi total.

Era quasi meio-dia, e estavaõ as ruas mui escuras.

Paula silenciosa e resoluta, subtrahio-se á vigilancia da mulher que a tinha creado, unico amigo que lhe restava no mundo. Encoberta com o seu véo tomou o caminho do palacio do inquisidor. Uma tropa feróz de familiares guardava as avenidas.

Quando Paula se encaminhou para a porta, foi-lhe vedada a entrada, e um dos familiares perguntou-lhe o que queria.

—Quero ver monsenhor Arbues, respondeo tremendo: pois não se entra sem tremor no palacio d'um inquisidor.

—Quem sois? proseguio o familiar.

—Uma moça nobre, respondeo Paula com altivez.

—Esperae, disse elle.

E desapareceo por alguns momentos; Paula esperou.

Pouco tardou o familiar em voltar; errava-lhe o sorriso de Judas pelos labios macilentos.

—Segui-me senhora; sua Eminencia consente em receber-vos.

O familiar caminhou adiante, e a moça seguiu-o de perto.

Atravessou muitas salas magnificas, extensas galerias calçadas de marmore, e os tectos semeados d'arabescos; havia um luxo oriental nesse palacio de morte.

Finalmente abrio-se uma porta na mais remota extremidade do edificio, Paula transpoz o limiar. A porta fechou-se por si; o familiar havia desaparecido.

Achou-se Paula em presença do inquisidor mór.

Era immenso o interesse que excitava a narração de Jose.

—Pedro Arbues, continuou o monge, estava assentado em um molle e espaçozo sophá que cercava toda a sala.

Tinha então o inquisidor mór de Sevilla todo o vigor da sua mocidade, e era extremamente bello, apesar da expressão de altiva crueldade que se lhe notava.

Era em demasia nobre o seu perfil d'aguia, magnifica e direita a sua esvelta estatura.

Paula estremeceo achando-se o sós com este homem.

—Aproximai-vos, senhora, disse o inquisidor, impressionado do bello corpo de Paula, de que apenas via os contornos.

Paula deitou para traz o seu véo, e caminhou sem receio para o inquisidor-mór.

Pedro Arbues contemplou-a admirado.

Quando esteve proxima d'elle, lançou-se-lhe aos pés, com as mãos postas implorando:

—Perdão, senhor! perdão para o meu desposado que è innocente; oh! restituim'o, eu vol'o supplico.

O rosto do inquisidor exprimio visivel despraser.

—Como se chama o teu desposado? perguntou elle apressado.

—Fernando de Cazalla, respondeo Paula com voz sumida.

Assustava-a o olhar feróz de Pedro Arbues.

O nome de Cazalla tornou repentinamente sombrio o semblante d'Arbues; contemplava elle com attenção essa moça que, com tanta audacia se atrevia vir aos pés do inquisidor, pedir a vida d'um homem accusado de heresia.

Paula era linda; oh! muito linda, senhores.

O inquisidor olhou para ella alguns momentos.

Depois que com todo o vagar admirou o encantador rosto d'esta moça, a elegancia e robustez do seu corpo que bem podia servir de modelo a Diana caçadora, Pedro Arbues foi pouco e pouco serenando-se, e estendeu a mão para Paula sempre ajoelhada diante d'elle.

Ergue-te, lhe disse, e falla-me sem receio; as leis da inquisição são terríveis, mas sinto-me commovido por ti.

Oh! sede abençoado, senhor! exclamou Paula, concebendo uma vaga esperança.

Fernando será salvo, não é verdade?

—Acaso o disse, moça? respondeu Pedro Arbues com um sorriso de tigre.....

Elle escarnecia da sua presa.

Ah senhor! não retracteis as palavras que me dissestes; compadeceste-vos de mim; haveis de salvar o meu desposado, não é verdade?

E se eu o salvar, que farás tu por mim?

—Ah senhor! a minha vida inteira será vossa; e que pode uma humilde mulher como eu, fazer em favor d'um homem omnipotente como vós.

—Tu és bella, Paula! exclamou Arbues com um olhar que a fez estremecer.

E não se atreveu ella a mostrar que tinha medo.

O inquisidor fez-lhe signal que se aproximasse, e assentou-se junto d'elle.

E ella assentou-se tremendo na borda do sophá de seda.

Pedro d'Arbues tinha de novo o rosto carregado.

—D. Fernando de Cazalla! balbuciou sombrio.... sabes tu, moça, que a infamia de toda a sua familia, convencida de lutheranismo, recahe igualmente sobre os membros que ainda vivem?

—É também minha essa familia de quem fallas, senhor; sou a desposada de D. Fernando por livre consento meu e de seu pai. Se for condemnado, só peço uma graça, a de morrer depois d'elle.

—Eis um amor apaixonado, exclamou o inquisidor; que não daria eu para ter quem me amasse d'essa maneira!...

Abaixou Paula os olhos diante d'esse padre que lhe fallava por tal forma.

—Calumnias a memoria d'um homem revestido d'um caracter sagrado, exclamou o presidente.

—Não calunio, senhor, narro simplesmente o facto, respondeu Joze; digno-se sua senhoria escutar-me até ao fim.

—Podeis fazel-o, disse o juiz, respeitâdo os usos do paiz, auctorisados pela lei, que permittião ao accusado toda a liberdade de se defender.

Joze continuou.

—Sabes tu, proseguio Pedro Arbues, que D. Fernando está designado para o proximo auto-da-fé, e que breve irá soffrer a tortura?

Um grito profundo, doloroso e terrível sahio do peito da desafortunada Paula; a tortura!! era mais horrível que o cada-falso.

—Que tens? perguntou o inquisidor.

—A tortura, senhor! não dissestes que Fernando ia soffrer a tortura?

—Posso evita-la, retrucou Pedro Arbues.

—Paula tomou uma larga inspiração.

—Que não possa eu morrer por vós, senhor!

—Quero-te viva e não morta, respondeu Pedro Arbues pegando nas delicadas mãos de Paula.

—Sabes tu que, a vista do depoimento das testemunhas, D. Fernando, convencido de ter assistido ás predicas dos lutheranos, e adoptado as suas doutrinas, está ja condemnado a ser queimado vivo?

—Mas vós podeis absolvel-o, senhor! exclamou Paula, de novo accomettida dos terríveis tormentos da incerteza, podeis salvá-lo, e salvá-o-heis! Fernando está innocente, e sua alma é tão pura como a de um anjo.

—Só tu podes fazel-o, respondeu Arbues.

—Eu! senhor; e que será mister para isso? oh! meu Deus! dizei, estou prompta para tudo; quereis que morra em seu lugar?

—Louca! para que quero eu a tua vida? és demasiado bella para morreres, proseguio elle com exaltação; e com mão brutal arrancou sem pudor o véo que cobria o seio de Paula!...

Os juizes não poderão deixar de estremecer.

—Oh! graça, senhor! clamou a moça protegendo-se com os dois braços crusados sobre o peito; graça para Fernando, e graça para mim também, senhor! Em nome de Deus, de quem sois o representante sobre a terra, sede clemente e perdoae: tende piedade d'uma pobre mulher que só possui no mundo aquelle a quem ama.... Ja não tenho mãe, senhor, sou orphã, e é Fernando o meu unico apoio.... restituim'o eu vol'o supplico.... oh! restituim'o,

senhor, que as benções do céu recahirão sobre vós.

Copiosas lagrimas corrião pelas faces de Paula; sua phisionomia nobre e altiva tinha, assum angustiada, uma belleza divina. Bem longe de se enternecer, sentio pelo contrario Pedro Arbues exaltarem-se suas paixões brutaes, e bramirem surdamente em seu peito como se fora o mar encapellado.

Saltou sobre Paula como o leão irritado, e carregando-a nos braços, collocou-a sobre o sophá quasi desmaiada.

A desventurada menina deixou-se cair de joelhos diante d'esse homem implacavel.

—Senhor, disse com voz amortecida apertando contra seu peito os joelhos do inquisidor banhando-os de lagrimas, senhor, perdoae, restitui-me o meu desposado.

—Entrega-te, bradou elle com voz sombria, e Fernando será salvo.

Paula impallideceu e ficou fria como o marmore, cobrirão-se-lhe os olhos d'uma sombra mortal. Ergueo-se pouco a pouco, deo alguns passos para sahir, e depois estendeu para o inquisidor a mão pallida e fria, dizendo:

—Sê amaldiçoado! podes matar D. Fernando, eu morrerei com elle....

—Fernando morrerá antes do auto-da-fé, disse Arbues; é inda moço e não poderá resistir á prova da agoa.

Deo Paula um novo grito agudo e terrível. Teve tentação de dilacerar com as unhas este homem atroz; mas a lembrança de Fernando aplacava a sua raiva, e só deixava em sua alma logar para o temor: estava summamente abatida com esta luta.

Então, Pedro Arbues aproximou-se e cercado-a com os braços a reconduzio para o sophá.

Ella o deixou faser sem resistir.

Só a minha vontade poderá salvar Fernando, disse-lhe Pedro Arbues, e por Christo! que o não salvarei senão com uma condição.

Paula olhava para elle espantada e attonita. O rosto d'Arbues era implacavel como a fatalidade.

—Queres que elle morra ou que viva? continuou com impeto; responde, ou vai-te, que a inquisição fará o resto!

Paula já não ouvia, estava como alienada.... Estendeu os braços como quem dá o ultimo suspiro d'agonia.

Cerrarão-se-lhe os olhos, e o seu coração deixou de palpitar....

—Salve-se Fernando!.... balbuciou com voz de mutibundo.....

.....

José cessou de fallar. Sua voz tinha-se gradualmente enfraquecido, e um suor frio cobria sua fronte de marmore.

Os juizes, com quanto fossem naturalmente impassiveis, não poderaõ conter um estremecimento de terror: já não cuidavaõ em interromper a narraçã do accusado; antes esperavaõ com ancia o desfecho deste drama tão horrível.

José foi-se animando pouco a pouco; e continuou a fallar como a voz commovida.

—Um mez depois, estava assentada na porta da prisão do sancto officio uma mulher pallida, extenuada e curvada com o pezo d'uma dor incuravel.

Esta mulher era Paula.

Celebrava-se nesse dia um auto-da-fé real.

O programma sanguinolento, publicado havia um mez, annunciava treze victimas.

Pedro Arbues tinha promettido á moça que só seriaõ doze, e que a decima terceira, fal-a-hiaõ passar por morta, e lhe seria restituida na mesma noite depois do auto-da-fé.

Paula esperava.

Uma immensa multidão caminhava para a praça; e ouvia-se pelas ruas um rumor surdo de vozes; o olhar do povo exprimia susto e espanto. Parecia que estas figuras pallidas, e vestidas de negro, assistiaõ ao enterro de Hespanha.

Alguns detidos nas vizinhanças da prisão, espreitavaõ assustados as negras profundidades d'esse espantoso dedalo, se entre as victimas condemnadas que iaõ apparecer, não encontrariaõ alguma pessoa amada. As mulheres com o rosto coberto de véos, choravaõ abafando os seus suspiros, e ai dellas! se porventura fossem elles ouvidos; e todavia erãõ mais felizes que os homens por que podião chorar; mas elles! coitados! era-lhes mister sustentar com serenidade esse luto profundo da alma que faz empallidecer o rosto; e suas frentes tão tristes, volções que continhão tão tempestuosos pensamentos d'indignação e de revolta, deviaõ ostentar-se serenas e impassiveis como uma pagina em branco onde ninguem pôde ler; porque a cidade estava coalhada de familiares, e a inquisição criminaava os actos, e igualmente as insinuações e os pensamentos.

Abrião-se finalmente as portas da prisão.

ção como se fora as bocas do inferno; a procição do auto-da-fé sahio do palacio da inquisição, e os condemnados começavam a sua triste viagem para a morte.

Nesse momento levantou-se Paula da pedra onde estivera assentada, e aproximando-se do carcereiro, que abria as portas, pediu-lhe que a deixasse ver de mais perto o funebre cortejo.

Mas o carcereiro repilio-a com brutalidade.

Os desgraçados pagavam mui caro as menores condescendencias!

Tornou Paula ao seo logar, e estendeu o pescoço para ver.

A primeira victima que appareceu foi um arcebispo, um sancto padre venerado em toda a Hespanha; caminhava devagar, com a cabeça coberta com a lugubre *coroza*, e revestido do sambenito. Andava com passo firme; e seus olhos cheios de resignação e de fé, exprimiam uma dor profunda. Olhou em torno de si, e levantou depois os olhos para o céu como se quizesse attestar a iniquidade de seus juizes; deixou depois cahir a cabeça sobre o peito, e seus labios eloquentes, que por tantas vezes tinham proferido as palavras de Deus, só exprimiam uma ironia pungente.

Apoz elle vinham duas religiosas, duas moças condemnadas ás chammas por terem abraçado a doutrina de Luther. Estas duas mulheres tinham uma coragem heroica; caminhavam para a morte como para uma festa.

Paula deitou-lhes um olhar de triste sympathia; que ellas lhe retribuiram por um sorriso angelico mostrando-lhe o céu, como se lhe quisessem dizer que todas as victimas da terra tinham appellação para o tribunal de Deus.

O quarto era um joven *marrano* convencido de professar em segredo a religião de seus antepassados. Bastou para o sentenciar ás chammas um exemplar do Alcorão, herança de seus paes, encontrado em sua casa.

Era arrogante e altivo o seu andar. Seus olhos negros e penetrantes, divagando por esta bella cidade de Sevilha, onde tinham os Arabes reinado, parecia comparar em curto resumo a epocha dos Mouros e a da inquisição. Devia a Hespanha nesse momento parecer-lhe uma linda moça creada para viver nas festas, habituada ás noites harmoniosas e alegres, ás meiguices das artes,

da poesia e do amor, a quem tinham subitoamente transformado os vestidos festivos em cilícios, as noites d'amor em noites de lamentações e de lagrimas, cobrindo seu rosto melancolico e pallido, livido já como o dos muribundos, com o sudario funebre que o separa da vida!

Oh! como deveria pulsar o coração d'esse filho dos Abencerrages! como o seu sangue africano deveria agitar-se em suas veias ardentes, elle, cujos paes tinham reinado! Tinha elle soffrido a escravidão não só do corpo mas também a do espirito.

Sua hora d'agonia devia ser horrivel. Passou como os outros.

—É demais! é demais! exclamaram os juizes conselheiros.

—Permitti, disse em voz baixa o presidente, permitti, é o ultimo favor que se concede ao accusado.

—Outras duas victimas desfilarão silenciosas, continuou o joven dominico sem se commover.

Paula, attenta e fora de si, contava-as com uma agonia impossivel de pintar.

Ellas caminhavam lentamente, como sombras que sahião do sepulchro, porque os tratos lhe haviam quebrado os membros, e a custo lhe restavam forças para irem morrer.

Paula contou-as arquejando uma por uma, olhando com avidez para o rosto d'ellas, sem saber se devia esperar ou recuar, apezar da promessa de Pedro Arbues.

O cortejo continuou a caminhar, Paula contou até à duodecima victima.

Exalou depois um longo suspiro; aspirou o ar com sofreguidão; sentia-se aliviada d'um pezo enorme, e o impulso de sua alegria esteve a pontos de trahir-a....

De repente, a poucos passos do duodecimo condemnado, appareceu um spectro pallido e livido, cujos ossos deslocados tinham sido torcidos e quebrados pelas provas.

Dois padres e dois familiares sustentando-o pelos braços, ajudavam-o a arrastar-se para o lugar do supplicio.

Este homem, que apenas contava vinte e quatro annos, tinha sido por tal forma torturado, que os musculos do seu rosto estavam destendidos e deprimidos como se fora elle já velho; tinha a testa e as faces cobertas de rugas; os olhos negros e brilhantes chamejavam coruscantes nas vastas orbitas encovadas pelos padecimentos, e o seu brilho era vacillante e incerto como a chama d'uma vela prestes a apagar-se que cres-

ce e diminue, scintillando raios de luz resplandecentes e fugitivos, fazendo esforços para não morrer.

À primeira vista não reconheceu Paula este mancebo, tamanha era a mudança que nelle se havia operado.

Mas elle, apenas viu a moça que o tinha amado, estendeu para ella os braços mirrados e mutilados, e só então exprimiram seus olhos um pensamento bem formulado, um sentimento vivo e cruel de dor e de ternura.

Paula! Paula! articulou o desgraçado com voz muribunda.

Tornou depois a cahir sem movimento nos braços do familiar que o sustentava.

Deo Paula neste momento um grito surdo de desesperação. Quiz atirar-se para o condemnado, mas os esbirros collocaram-se de permoio, e não pôde ella transpor essa barreira viva e impenetravel.

Então, como se fora arrebatada por uma força invisivel, se precipitou atravez da multidão com a rapidez d'uma leão ferida, atravessou as ruas que a separavam do palacio inquisitorial, e chegou diante da porta principal; e ali como se estivesse alienada, gritou que queria ver o inquisidor-mór,

Não se atrevera a fazer-lhe mal, julgando-a louca; e cedendo a seus rogos repetidos, contentaram-se em responder-lhe que o inquisidor havia sahido a acompanhar a procissão.

Passados porem alguns minutos de inuteis esforços, Paula aproximou-se d'um familiar e reconheceu-o.

Era o mesmo que a conduziu a primeira vez em presença do inquisidor.

Retira-te, disse esse homem em voz baixa, ou serás preza.

Paula ergueo para o Céu os olhos cheios de raiva, e correo depois sem parar até a praça principal de Sevilha.

Quando ali chegou, grandes chammas se elevavam para o Céu, envoltas em turbilhões de fumo....

Tudo estava concluido!....

O inquisidor-mór, tranquillo em seu throno, orava pela alma d'aquelles de quem tinha sido algoz....

Então, Paula levantando para o céu os braços hirtos de desesperação, Paula, sem reparar nos que a cercavam, sem lhe importar essa multidão espavorida e medrosa, que olhava para ella com pavor, ergueo a voz terrivel e queixosa, exclamando:

—Pedro Arbues, sê amaldiçoado! Pedro Arbues acutela-te da minha vingança!

Porem a sua voz foi abafada pela voz da multidão; e aquelles que lhe estavam proximos deram-lhe passagem julgando-a insensata....

José calou-se; seu peito, violentamente opprimido, arquejava com as pulsações fortes e successivas do coração; sua fronte, tão pallida, apresentava então uma vermelhidão ardente, e grossas gotas de suor lhe corrião pelo rosto como perolas brilhantes. Estava elle nesse momento bello como um anjo.

—Então! que foi feito de Paula? perguntou o presidente levado d'uma curiosidade e interesse irresistiveis.

—Paula vingou-se, respondeo José com voz surda; foi ella quem matou a Pedro Arbues....

—Que quer isso dizer? perguntou o presidente; explicae-vos; que ha de commoio entre a moça de quem acabas de contar a historia, e o dominico José?

—Senhor, respondeo José, não vos disse já que Paula jurara ving r-se?

—E então? disse o juiz.

—Seis mezes depois, continuo José, um mancebo se apresentou no convento dos dominicos de Sevilha.

Este moço queria professar. Tinha vinte annos, e não sabia uma palavra do latim; porem sobrava-lhe intelligencia e forte vontade, e em menos de tres annos já sabia o latim necessario para que se lhe ensinasse a theologia. Confiraram-lhe depois as primeiras ordens, entrou no noviciado; passado algum tempo ordenou-se e professou na ordem de S. Domingos.

Em todo este tempo tinha Pedro Arbues, inquisidor-mór de Sevilha, distinguido o noviço, e por uma d'essas *excentricidades* tão frequentes entre os homens de character caprichoso, arrebatado e cruel, tinha-se elle constituido na necessidade de ter constantemente juncto de si este mancebo. Nada fazia sem o consultar; e tinha o noviço empregado tanto ardil e destresa nas suas relações com o inquisidor-mór, que este, fascinado e submisso, não se atrevia a ter uma vontade que não fosse a de José.

—José? exclamaram os juizes immensamente assombrados

—Sim, José, prosseguiu o dominico, José que se tinha feito escravo de Pedro Arbues para depois vir a ser seu senhor; José que, como a mão que atiza o fogo, excitava cons-

tantemente as paixões depravadas de Pedro Arbues para perdê-lo completamente; José que fez um monstro d'um homem cruel e dissoluto, com o fim de que não houvesse para elle perdão possível na terra nem no céu; José que depois de fazer execrado o nome de Pedro Arbues em toda a Andalusia, o ferio mortalmente para que não tivesse elle tempo de se arrepende, e ficasse assim perdido para sempre. . . . José finalmente que vingou Paula !!

E assim fallando, a voz do joven monge vibrava com estrepito; e o seu olhar fulgurante se tinha erguido para o céu com feróz expressão d'alegria.

Os juizes reputarão n'ou louco; ainda elles não tinham comprehendido.

—Foi pois Joze e não Paula quem matou o inquisidor? perguntou o presidente pela ultima vez.

—Um e outro, respondeo o accusado; pois Paula e Jose são uma e a mesma pessoa. Não comprehendéis, senhor, que eu me fiz homem e monge para me vingar?

—Sacrilégio! clamarão ao mesmo tempo todos os juizes, que tinham finalmente percebido este espantoso mysterio; duas vezes sacrilego por ter profanado o sancto nome de padre, e por ter assassinado um padre!

—Não me arrependo do que fiz, respondeo Paula com sombria exaltação. Não foi também profanada por Pedro Arbues a sagrada missão de padre? Todos os vossos inquisidores, algozes iníquos, polluidos de luxuria e de homicidio, não são elles também profanadores e impios? Oh! meus senhores, era ja tempo que a justiça real illuminasse estas trevas profundas; pois, em verdade vos digo, e Deus é testemunha que não quero com isto salvar a minha vida, os tribunaes da inquisição são logares infames que se devião abrasar, e os inquisidores, monstros que devião estar todos nas galés! . . .

—Basta! basta! exclamou o presidente; accusado, a nossa paciência extingue-se. Se sois mulher, maior é ainda o vosso crime; e quer sejas uma ou outra cousa, mereceste a morte.

—Não a temo, pois é justamente o que eu desejo! respondeo Paula, que parecia depois de haver declarado o seu sexo, estar adornada de todos os encantos proprios d'uma mulher.

Os juizes retirarão-se por alguns instantes para deliberarem.

Em quanto la estiverão, esperou Paula serena e tranquilla o resultado de suas deliberações. Acabava ella de desenvolver o triste drama da sua vida, que lhe pesava agora como um fardo.

Voltarão os juizes com os rostos carregados, com quanto sentissem involuntaria piedade.

O presidente levantou-se, e sem olhar para o accusado, leu a sentença que se segue:

• Attendendo que o inquisidor-mór mereo morte violenta.

• Attendendo que esta morte foi commettida por um assassino; e que este assassino confessou o seu crime.

• Attendendo que a chamada Paula, disfarçada com o nome de Jose, monge dominico, official da inquisição, commetten as maiores profanações para perpetrar este crime:

• Attendendo que o accusado declarou e confessou os seus crimes, o tribunal, que cre em Deus Padre, em Deus Filho, e em Deus Espirito Sancto, tres pessoas distinctas em um só Deus verdadeiro, se humilha em presença de Nosso Senhor, implorando-lhe a graça de o illuminar na sentença que vae proferir. Do que resulta estar tranquilla a sua consciencia. Por estes motivos, o tribunal condemna a sobredicta Paula, a ser rodada viva, e depois esquartejada. E por causa do parricidio, a ter a mão direita cortada e queimada pelo algoz.

• Depois da execução d'esta sentença, os membros da supplicada serão expostos nos logares de mais transito, e abandonados a servirem de pasto aos animaes, com expressa prohibição de serem sepultados.

• Feito em Sevilla etc. etc.

Ouvio Paula a sentença sem estremecer; porem nestas palavras seus membros serão espalhados pelas estradas, com prohibição de serem sepultados. Sentio ella enfraquecer a sua coragem, por um profundo sentimento de desgosto, de pudor indignado e de horror instinctivo pelo abandono inda mesmo depois da morte. Poz a mão diante dos olhos como se quizesa evitar a vista d'esse horrivel espectáculo que se representava em seu pensamento; quando se ergueo para ser conduzida a capella da prisão, onde devia passar a noite, agitava-lhe os membros um tremor convulsivo: a custo se sustinha.

Mas quando sahia do tribunal, devisou na multidão uma mulher ja idoza alta e

pallida, que olhou para ella por algum tempo com os olhos humidos como quem queria dizer:

—Eganastes-me, porem aqui estou.

—Oh! disse Paula quando a vio, posso

agora morrer tranquilla; viva ou morta, ella velará por mim.

Esta mulher, era Joanna.

A. Rego.

RECORDAÇÕES DA INFANCIA.

Onde vais—, que assim corres—tão ligeiro,
Que atraz não olhas—, e que á nada attendes!

Espera—, espera—, ó tempo!

Não te vólvas tão rapido—, e veloce—,

Qual do arco fugitiva

A emplumada seta,

Por mão robusta arremessada aos ares!

Espera—, espera—, ó tempo!

Que é da viçoza flôr—, a flor da vida,

Que aurasuave—, que a innocencia espira

Fagueira bafejava?

Tão candida e mimosa

Como o fulgor da estrella, que precorre

Ao accordar da aurora?

Tão amena—tão pura,

Como o Favonio—, que no prado brinca,

Antes que o astro magestoso, e ardente

A face mostre de sublime aspecto!

Que é dessa flor, que eu tinha,

Quando em jogo infantil, em brinco eu via

Fugir as horas—, deslizar-se o dia?

Dias tão doces—, horas deleitosas,

Que apreciar não soube?

Quando no berço os mimos—, e os affagos

Do seio maternal se me corriam

Em doces expressões, que aos labios vinham

Com risos de ternura,

Como aos implumes—, innocentes filhos—

Correm da rôla—, cuidadosa e terna

No mimos arrullhar—, que envida, extremos?

Quando saltos—, e pulos exercia,

Como em planicie rapido cordeiro;

Sem que um só pensamento

De meu peito innocente a paz turvasse?

Espera—, espera—, ó tempo!

Mas ah! que não me escutas, nem me voltas

A enrugada face!

Camiuhas—, corres—, e contigo levas

Ao nada—, que era—, da existencia tudo!

Se o grosso tronco—, que lá fende os ares,

Com o estender das ramas;

Se a rocha altiva—, e dura, onde se quebram

Do mar, que em vão braveja, em lucta insana,

Enfurecidas ondas;

Ao nada, que era da existencia levas;

Como escapar-me a flor pequena e debil

Á campã do passado,

Onde encerras, ó tempo—, tudo—, tudo—,

Que outr'ora o mundo vio, que não vê hoje?!

Mas da mente a memoria,

Que ao carcere do olvido

Para sempre roubar só pôde a morte,

Barbaro tempo, despejar não pôdes!

Ainda a tenho—, e goso

Tão doce—, como do alaúde o accento,

Que a paz altera da calada noite,

Quando em sons de ternura modulando,

As celestes abobadas

Sobe o canto mavioso!

Ó meu patrio Japão (*)! meu sitio ameno,

Que testemunha foste

Desses momentos doces—venturosos!

Margens virentes do Mearim tranquillo,

Que iroso se arrebatã

Quando se encrespa a pororoca altiva,

Que ergue a cerviz—, e rôla estrepitosa,

Vencendo á força em retrocesso ás aguas,

Na placida corrente!

Que vida a minha—, que eu gosei tão bella!

Então apenas fugitiva a noite,

A terra vinha a luz doirar do dia,

Em canticos de jubilo profundo

Saudavam mil formosos passarinhos,

Nos seus delgados ninhos,

O Creador do Mundo!

Então nos bosques de cortadas matas

A pequapã canora

Na ausencia dessa luz, que baça—, e triste

De longe reflectia

Chorava em cantos, que saudosa erguia!

Oh! que saudade o coração me rala!

Mas se geme—, e suspira—, e afflicto arqueja,

Um ai mandando lá do imo aos labios,

(*) Nome de uma fazenda no Mearim, município desta provincia.

E uma lagrima aos olhos,
Que me a face humedece,
Como ao arbusto, que penetra a foice
Do agricola sem dó—, distila o pranto;
Ao recordar sereno
Desses gentis iustantes melindrosos,
Que amenos se moviam,
Como a torrente em limpido regato,
Que não tropeça no mais debil seixo,
Que não se enrugua ao suspirar da briza;
Tambem—tambem no suspirado apêrto,
Sinto banhar-me o peito
Doce prazer—, que mixto se confunde
Nesses ais, que suspiro!

Dias da infancia—! dias fortunosos!
Quando moço e loução suppunha erroneo
O encanecido tempo,
Recebei de meu peito o doce effluvio
Deste prazer, que eu sinto;

Dias da infancia—, recebei meu pranto!
Hoje que embalde o coração resiste
Ao chôque—, à lucta das paixões do mundo,
Que ardendo n'alma o coração retalham;
O sol um apos outro se volvendo
Mostra-me dias todos marulhosos,
Que desenrola-me o tremendo fado;
Tão tristonhos tão pallidos
Como a flor pela sesta emmurhecida,
Que pouco á pouco desfôlhada—expira!
Tibio reflexo lúnebre da lua,
A meia face despontando apenas
Sobre o mar tranquillo
Não é mais triste em socegada noite.

E á cada passo—, que volteja o tempo
Mais perto enxergo a negra sepultura.
Dos meus males tambem mais perto enxergo
O infalivel termo.

A. C. R. Itaiol.

ELLA.

Eu a vi—era um anjo; a Deus orava
Postrada aos pés do altar—como era bella!
Volvidos para a Virgem tinha os olhos
Em extasis de fé, d'amor ardente;
Per entre preces candida subia
Ao Eterno su'alma fervorosa,
Como remonta aos Ceos cheiroso incenso
Do thuribulo sacro, ao som de cantos.

Era um anjo dos ceos baixado á terra
Contemplando saudoso a patria estancia,
Flôr d'innocencia, quadro de belleza,
Typo da creação, obra d'esmero
Das mãos do graõ Artifice divino,
Animada por sopro milagroso.

Briza macia lhe brincava em torno,
Namorando-lhe a coma espessa e negra,
Que as pudibundas faces lhe cercava,
E a transparente cassa, que seus membros
Mimosos—torneados—encobria.
Leve murmurar seus rubros labios
Docemente agitava, qual murmurio
De fonte que entre pedras se revia,
Ou qual em bosque tremulo de nnytos

Sussurra a fresca aragem bemfazeja,
Ao declinar do sol, em dia estivo.
Era um anjo dos ceos baixado á terra
Contemplando saudoso a patria estancia.

De trancelim finissimo pendia
Ao colo de alabastro transparente
Aurea cruz delicada; arfava a seio,
E a branda ondulação brilhar fazia
Das luzes c' o reflexo a cruz sagrada
A espaços sobre o peito, denotando
Como um sancto pharol refugio sacro,
Mansão bemdicta de christans virtudes.

Com a delicada mão traçou devota
O signal dos christãos da frente ao seio.
E cessou de resar—e ergueo-se airosa,
Olhando'inda uma vez a Virgem sancta.
E um riso d'innocencia e de candura
Nos labios assumou de doce enlevo....
Ah! não era mulher ente tam bello
—Era um anjo dos ceos baixado á terra
Contemplando saudoso a patria estancia!

A. Frederico Colin.



BIOGRAPHIA.

MR. AGOSTINHO THIERRY. (*)

—Passadas duas horas, que correram como se fossem dous minutos, despitimo-nos de Mr. Thierry; e para que cousa nenhuma faltasse as emoções d'este dia, mal sahimos d'esta casa onde vimos a historia incarnada em um homem, entrámos para outro logar no qual a historia embebida na pedra nos esmagou sob o peso da sua magestade: era a igreja de San'-Diniz. —O ceo que desde pela manha estava sombrio e pluvioso, achava-se ja um pouco mais claro, o sol dardejava timidos raios ao través das nuvens, e os sinos da igreja dobravam. Penetramos a immensidade da velha basilica, cujos pilares delgados e acanelados se lançam em grupos para se reunirem com pés acima de nossas cabeças, como repuchos d'agua crystalisada: estava ella deserta, e em quanto silenciosos visitavamos esses reaes cadaveres de marmore desformes e nus deitados sobre seus tumulos, ouvindo apenas o roçar de nossos pés sobre a lagea do pavimento, retumbaram por toda a amplitude da nave os magestosos sons d'immenso orgão, tirados por mão occulta, porem habil, tocando uma symphonia do *Juizo final*. O rimbombo do trovão, o estampido do raio, o choque dos elementos, todo esse fragor terrivel do universo expirante, repercutido de todos os angulos da basilica, faziamnos estremecer, até o momento em que pairando sobre o mundo o silencio da morte, harmonias celestes, puras e suaves s'elevaram a Deus como nm canto de supplica, de esperanza, e de amor; e ao mesmo tempo que as voses harmoniosas do orgão se iam extinguindo em longos murmurios, uma luz pallida, penetrando a través das vidraças coloridas, vinha combinar-se com estes ultimos accentos.

Nossos corações palpitarão sob o peso do infinito: e perdidos n'este deserto de pedra e marmore, e debaixo d'estas immensas abobadas seculares, que immoveis tem visto passar ondas de gerações, e tantos mortos coroados sepultar-se em profundos tumulos, para um dia sahirem profanados por um povo furioso, vagavamos silenciosos evocando pelo pensamento esta comitiva de reis desde Da-

goberto até Luiz XVIII, o qual estendido sobre o primeiro degrão espera para descer, que o cadaver de Carlos X, rasgando o prego do seu desterro, o venha empurrar para baixo. E quando assim se me apresentava o phantasma da historia com todas as suas grandezas e miserias, pensava eu na historia viva, que ha pouco havia deixado atrás de mim lançado em uma poltrona, com a vista apagada, mas a cabeça illuminada com uma chama immortal; e ao sahir da igreja por muito tempo se obstinou o meu pensamento phantastico a recompor em um mesmo symbolo de poesia grave e triste—o *Homero* da historia, e a antiga basilica.

Mr. Agostinho Thierry nasceu em Blois em 20 de maio de 1795 d'uma familia pobre e obscura. Frequentou os primeiros estudos com brilho no collegio da cidade natal; e a julgarmos pela notavel vivesa e energia dos primeiros escriptos da sua mocidade, devemos suppor-o dotado pela natureza de extrema sensibilidade, de imaginação vivissima, e de uma organização tam vigorosa que só poderiam ser comprimidas á força de grande e rudes trabalhos. No prefacio da sua derradeira obra (1) conta elle como o auctor do *Poema dos Martyres*, que, por toda a parte assoma qual immenso pharol postado a entrada de todas as ideas d'este seculo, foi de algum modo o primeiro movel da sua vocação futura: achando-se certo dia só em um gabinete-de-leitura, abriu pela primeira vez os *Martyres*, e chegado ao VI.º canto, a esse quadro tam dramatico do combate entre os Frankos e os Romanos nos pantanos da Batavia, sentio-se o joven rhetorico repentinamente tocado como de uma revelação, que lhe patenteava a verdade historica falseada pelos historiadores classicos, e restaurado pelo poder divinal d'um grande poeta. Possuido d'enthusiasmo levantou-se do seu banco atrojando a sala com seus passos, e entoando o cantico guerreiro dos terriveis Frankos de Mr. de Chateaubriand: "Pharamundo! Pharamundo! nós temos combatido com a espada, etc.," e a recordação d'esta impres-

(*) Continuado de pag. 146.

(1) *Récits des temps morovingiens* — Pref-pag. 28.

saõ electrica ficou gravada na sua memoria em characteres indeleveis.

Ao sahir do collegio em 1811, Mr. Thierry entrou para a eschola normal, onde se demorou dous annos, sendo então nomeado professor d'um collegio de provincia, d'onde regressou para Paris em 1814 por occasião da invasão. Achava-se elle então com todo o ardor da mocidade: alimentado com estudos variados, não tinha especial predilecção por algum ramo de sciencia; e suas ideas em materia de politica, posto que ardentes, participavam do vago e da confusão do tempo. Elle pinta o estado de seu espirito n'esta epocha do seguinte modo:

"Ao oíio do despotismo militar, fructo da reacção dos espiritos contra o regimen imperial, renhia em uma aversão profunda a tyrania revolucionaria; e sem opiniao definitiva a favor de qualquer forma de governo, nutria certo desgosto pelas instituições inglezas, das quaes só possuíamos odioso e ridiculo arremêdo. Aspirava com enthusiasmo um futuro que não sei definir bem, uma liberdade, cuja formula, se eu ill'a dêsse, seria esta:—*Qualquer governo que assegurasse a maior somma possivel de garantias individuaes, compativel com a menor acção administrativa possivel.*"

(Continúa.)

VARIÉDADES.

—*Theatros*—O nosso Theatre vai-se fiando lentamente, e é para admirar que lhe reste inda alguma vida, faltando-lhe absolutamente os principaes elementos para a sua sustentação: o Sr. Walter, o *escamoteur*, veio com as suas gentilezas ministrar-lhe os ultimos sacramentos para que tivesse elle uma morte mais suave; já nas ultimas representações que houverão, e a que assistimos, foi este *soi disant*, artista recebido pelo publico como merecia, e nem outro resultado deveria esperar quem como elle se atreve a apresentar-se em publico sem a graça e agilidade necessarias aos da sua profissão. Desculpe-nos o Sr. Walter a opiniao franca e sincera que como scriptor enunciamos, talvez que esteja a sem razão da nossa parte, entretanto não é por ora essa a nossa convicção.

—A proposito de Theatros diremos duas palavras acerca da *Signora Rossi-Caccia*, tão conhecida entre nós pelo *furor que a fato* durante o tempo da sua escriptura no Theatre de S. Carlos em Lisboa: acha-se actualmente esta artista em Paris, e eis o que a seu respeito extrahimos d'um jornal publicado nessa cidade: A Sra. Rossi-Caccia que foi por algum tempo *prima donna no Opera Comique*, e que esteve tres annos em Portugal, Hespanha e na Hollanda, acaba de *debutar* na Academia real de musica no papel de Judia. Tem ella bellissimas qualidades, e grandes defeitos, mas comtudo foi quasi completo o exito da sua tentativa, do que pode o leitor inferir que o merecimento da Sra. Rossi excede muito os seus defeitos: foi por tanto uma excellente acquisição para a Opera, pelo que póde ella desde já aceitar os nossos sinceros parabens.

—Nos fins do anno passado appareceu em Paris uma dessas sublimes intelligencias que fazem epocha, um verdadeiro prodigio; um menino que na idade de doze annos executou no piano com a maior perfeição, acompanhado pela orchestra dos Italiannos as mais difficeis composições de Mozart, Händel, Beethoven e outros mestres d'esta ordem. Não se limita o talento do joven Camillo de Saint-Saëns somente á execução: improvisa e compõe com pasmosa facilidade! Foi tão prematuro o desenvolvimento intellectual d'este menino que já na idade de dois annos lia correntemente e escrevia a musica de sua composição! Deus queira que não tenha elle o mesmo fim que todos esses genios raros e precoces que a Europa por vezes tem admirado, e que tão ephemera existencia tem tido neste mundo.

—O illustre filho de Mehemet-Ali continua as suas

viagens pela Europa: em Paris foi elle recebido com a pompa e enthusiasmo que era devido ao heroe de Nezib: nada escapou á sua curiosidade, visitou todos os monumentos publicos, tribunaes, camaras, theatros, o Hippodromo, e o campo de Marte: conta-se que no Luxembourg, vendo o celebre quadro de Heracio Vernet, —A Mortandade dos Mamelucos— perguntára aos Ciceroni.

« Que representa este quadro?

« Os mamelucos... no Cairo....

« É verdade, reconheço o seu rico vestuario. E quem é esse homem de rosto sombrio e terrivel?

« É... é.....o principe que os mandou.... assassinar?

« Meu pai!.... disse Ibrahim voltando a cabeça....

« Esrenando-se logo, acrescentou com maravilhosa prezença d'espirito:

« Meu pai não se parece com este retrato....

Quería isto diser:—Meu pae não teria hoje um tal procedimento. A committiva do pachá comprehendeo e applaudio o seu nobre pensamento.

E com effeito, soube-se nesse mesmo dia pelos jornaes do Egypto que Mehemet-Ali, esse conquistador que tantas populações tem dezinado com o braço de seu filho, ia conceder a todas as classes do seu imperio a liberdade e a igualdade perante a lei, e mandar reedificar a custa do thesouro real as habitações insalubres dos pobres fellahs.

—*Um instrumento monstro*—É este instrumento uma das invenções notaveis do nosso seculo, chama-se *Panharmonicon* porque por si só produz, sem auxilio humano, uma harmonia semelhante a que produziria uma orchestra de 60 artistas. Depois d'ensaios sem numero, e vencer immensas difficuldades conseguiu o seu author dar ao seu *Panharmonicon* o som natural de cada instrumento de sopro, perfeitamente igual ao que é tirado pela embucadura humana.

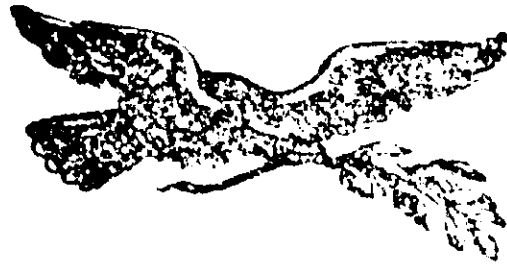
O instrumento montado tem 15 pés d'altura sobre 9 de frente. O teclado é d'aço d'um trabalho admiravel, tem 132 teclas, e faz tocar 20 instrumentos de todas as especies a saber.

150 Flautas.	20 Charamelas.	2 Cymbales Turcos.
150 Clarinetes.	18 Clarins.	1 Triangulo.
40 Flageolets.	5 Trompas.	1 Caixa de rufo.
30 Tromboni.	2 Timbales.	1 Zabumba.

A. Rego.

INDICE.

Destino das cidades.....	Pag.	129
A salvação de uma mãe ou a ultima hora de Fort-Royal.....	„	131
Meditação—A saudade (Poesia).....	„	136
Um episodio da Historia da Inquisição.....	„	137
Recordações da Infancia (Poesia).....	„	145
Ella (Poesia).....	„	146
Biographia—Mr. Agostinho Thierry.....	„	147
Variedades.....	„	148



AVISOS.

—A publicação do *Archivo* será mensal; sahirá á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte a vinte quatro paginas de impressão cada numero; comprehenderá duas secções, uma de Litteratura, e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da Sociedade.

A Associação Litteraria Maranhense offerece as columnas do *Archivo* ás pessoas que nellas quizerem imprimir alguma obra respeitand'o á instrucção, moral, e recreio, sendo approvada pela Commissão Revisora.

Subscreve-se para este Jornal, nesta Cidade em casa do Editor, Travessa do Sineiro n.º 1; e em casa dos membros correspondentes, em A cantara Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupú, Padre Manuel Alino Barbosa, e Antonio Joze de Carvalho Pires Lima; no Meirim, Tenente-Coronel Manuel Lourenç Bogéa; no Codó, Baypundo Joze de Souza Gayoso; no Rapucurú-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova; em Pernambuco (Olinda) Joze Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Joze d'Abreu; no Pará, Joaquim Correia de Magalhães, e André Carneiro Benparão, em Braganca na mesma Provincia, Padre Manuel Joze da Matta; e no Piahy (Poty) Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

PREÇO.

Por anno, 12 numeros—4\$000 }
Por semestre, 6 ditos—2\$400 } pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.

Para o interior, e fora da Proviucia 5\$000 por anno.

REVISTA ACADEMICA.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA, jornal litterario e scientifico, publicado em Coimbra, no escriptorio do Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, rua de Sanct'Anna. Consta de 24 numeros por anno, contendo cada numero deseseis paginas em 4.º—Preço d'assignatura 3\$000 reis annuaes.—

O CREPUSCULO.

Subscreve-se para O CREPUSCULO, periodico instructivo e moral do Instituto Litterario da Bahia, publicado duas vezes por mez, em casa do Membro correspondente daquelle Instituto, nesta cidade, Augusto Frederico Colin, Travessa do Sineiro n. 1. Publica-se no dia 10 e 25 de cada mez, constando cada numero de 16 a 20 paginas, formato pouco mais ou menos como o do *Archivo*, nitidamente impresso. Preço d'assignatura 3\$000 reis por semestre.

O PHILEIDEMON.

Na mesma casa subscreve-se para O PHILEIDEMON, periodico scientifico e litterario, publicado pelos Academicos de Olinda, uma vez por mez, em 4.º tendo principiado em Junho ultimo. Preço d'assignatura 2\$500 reis por semestre.

1 8 4 6

O U T U B R O = N . 8

O ARCHIVO.

JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

OUTUBRO 31—1846.—VOLUME I.^o—N. 8.



COLLABORADORES.

Illms. Srs.

Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
A. Curcino Benjamin.
Dr. A. Carneiro H. de Souto Maior.
Dr. A. Gonçalves Dias.
A. Henriques Leal.
A. R. de Torres Bandeira.
Dr. Antonio Rego.
A. C. dos Reis Raiol.
A. Frederico Colli.

Illms. Srs.

Dr. F. José Corrêa.
Dr. G. de T. O. Maciel da Costa
J. Tail Ferrão.
J. J. Ferreira Valle.
M. J. Pereira.
M. Benicio Fontenelle.
Dr. F. A. de Carvalho Reis.
Dr. R. J. Faria de Mattos.
R. Augusto Colli.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO. CASA N.º 1º.

IMPRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

Membros effectivos e funcionarios.

Presidente—	Illm. Sr.	Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal.
Secretario—	»	» Augusto Frederico Colin.
Commissão Revisora	}	» Augusto Cesar dos Reis Raol.
		» Antonio Henriques Leal.
Thesoureiro	»	» Joze Toll Ferrão.
Editor	»	» Roberto Augusto Colin.
	»	» Dr. Antonio Gonçalves Dias.
	»	» Dr. Antonio Rego.
	»	» Luiz Antonio Vieira da Silva.

Membros Honorarios.

Illms. Snrs.

Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.
Dr. Antonio Carneiro Homem de Souto Maior.
Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreo.
Dr. Avres de Vasconcellos Cardoso Homem.
Antonio de Vasconcellos Menezes de Drumond.
Dr. Carlos Fernando Ribeiro.
Dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento.
Dr. Domingos Joze Gonçalves de Magalhães.
Tenente Coronel Fernando Luiz Ferreira.
Dr. Francisco Joze Furtado.
Dr. Frederico Joze Corrêa.
Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.

Illms. Snrs.

Dr. Isidoro Emilio Baptista.
Dezembargador João Candido de Deus e Silva.
Dr. Joze Hermenigildo Xavier de Moraes.
Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
Dr. Joze Ricardo Jauffret.
Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá.
Conego Luiz Barroso de Bastos.
Dr. Manuel Jansen Pereira.
Dr. Pedro Nunes Leal.
Dr. Raymundo Joze Faria de Mattos.
Dr. Tiberio Cesar de Lemos.

Membros Correspondentes.

Illms. Snrs.

Capitão Alexandre d'Araujo Costa.
Alvaro Duarte Godinho.
André Curcino Benjamin.
Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.
Antonio Rangel de Torres Bandeira.
Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova.
Cypriano Fénicion Guedes Alcanforado.
Estevão d'Albuquerque e Mello Montenegro.
João Pedro dos Santos.

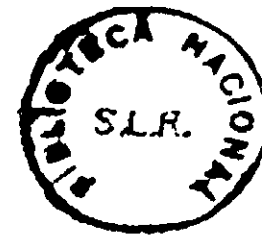
Illms. Snrs.

Joaquim Corrêa de Magalhães.
Joze Joaquim Ferreira Valle.
Padre Manuel Altino Barbosa.
Padre Manuel José da Motta.
Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogéa.
Dr. Pedro Joze d'Abrêo.
Raymundo Joze de Souza Gayoso.
Thomaz Ferreira Guterres.

DESTINO DAS CIDADES.

CONSTANTINOPLA, ALEXANDRIA, VENESA E CORINTHO.

(Conclusão.)



Paulatinamente e com o tempo fez-se a fortuna de Constantinopla; a d'Alexandria foi de subito, pelo genio d'Alexandre; o acaso porem foi quem fez Venesa. Pelo tempo da invasão de Attila alguns habitantes de Frioul vieram refugiar-se sobre os bancos d'areia, que existem á foz do Adige e de outros rios que desaguam no mar (o Brenta, o Piava, o Tagliamento.) Em breve fundou-se uma cidade sobre essas ilhas, á flôr d'agua. Sua segurança constituiu sua fortuna em tempo em que o mundo estava entregue ás funestas consequencias da guerra. A idade media é a epocha dos castellos fortes, e Venesa constituiu-se um castello forte no meio das lagunas. Refugiando-se sobre essas co-roas os Venesianos só pensaram em sua segurança. Em breve comprehenderam a vantagem de sua posição no fundo do golpho do Adriatico. O Adriatico é o caminho certo entre a Allemanha e o Levante. Sobre esse caminho o commercio houve mister de um ponto de communicacão; Venesa entãõ foi esse ponto necessario. Para sel-o ella tinha dous motivos: primeiramente sua posição no fundo do golpho ao contacto com a Italia septentrional e com a Allemanha. Essa posição é verdade que outras cidades podiam tel-a: Trieste a tilha, e alem disso Trieste estava mais proxima d'Allemanha; porem o que faltava a Trieste, o que faltava na idade media a todas as cidades da terra firme, era a segurança. Venesa possuia essa segurança tam necessaria ao commercio. Eis aqui a causa de seu poder commercial na idade media. Em quanto não havia segurança senão á sombra de inexpugnaveis abrigos, Venesa conservou seu poder; quando Venesa, velha e decahida, não pôde já guardar as chaves do Adriatico, e assegurar-se por meio da força do privilegio de ser delle o unico porto; quando a Austria, senhora de Trieste constituiu-se possante imperio ápar de Venesa, que entãõ só era uma republica impotente, entãõ Venesa vio Trieste, sua rival, roubar-lhe a pouco e pouco seu ascendente, porque tambem tinha por si favoravel posição, e quanto á segurança tinha tanta ou ainda mais que Venesa. O que era neces-

sario ao Adriatico era um porto que no fundo do golpho lhe recebesse o seu commercio; quanto ao mais era-lhe indifferente que essa cidade se chamasse Venesa ou Trieste; o commercio afflue ao porto, que tem mais agua, em que o desembarque seja mais facil, e em que os transportes sejam mais rapidos; sem escrupulos pois abandonou os palacios de marmore de Venesa pelas simples casas de Trieste.

Desta forma pois essas cidades necessarias, e que tanto devem ás localidades, perdem algumas veses seu privilegio, quando esse privilegio, isto é, a vantagem de sua situação, pode ser dividida.

Vejamos agora como Corintho, que tambem pela sua posição parecia uma dessas cidades que chamo necessarias, não o era senão em certo estado do mundo, e por um tempo determinado.

Corintho jaz situada entre dous mares, e sua posição parece não poder ser destruida ou substituida. Entretanto não julgo ser Corintho destinada a tornar-se uma cidade poderosa e rica. O seu isthmo com effeito não separa senão duas partes de um mesmo mar, duas porções de um mesmo paiz, e não como o isthmo de Suez e o de Panamá que divide dous mares e dous mundos differentes. O commercio das Indias deve necessariamente passar pelo isthmo de Suez, pelo menos quando não queira fazer a volta da Africa; e notamos que depois da descoberta do Cabo de Boa-Esperança o commercio dá essa volta, sem lhe importar a distancia. Menos ainda se embaraça de dar a volta pela Moréa. A passagem do isthmo de Corintho, ou por terra, ou por via de um canal, que se abrisse, abreviaria uns cinco ou seis dias de viagem. A passagem pelo isthmo de Suez abrevia muitos mezes a viagem das Indias.

Outr'ora porem Corintho era rica e poderosa, e os poetas cantaram o esplendor dessa cidade situada sobre deus mares *Bimarisve Corinthi mcenia*. Provinha a sua riqueza da imperfeição da marinha entre os antigos. Era uma difficuldade para seus navios, que ordinariamente seguiam as costas e temiam o mar alto, dobrar a Peloponeso,

e é sabida a fama dos promontórios de Tenaro e de Moleo. O commercio out'ora atravessando o istmo de Corintho evitava perdas e difficuldades. Alem disso este foi o principal motivo nos tempos antigos da sua prosperidade, Corintho era a porta da Peloponeso; e esse privilegio é o unico que ainda goza nos nossos dias.

A riqueza das cidades, que parecem mais bem situadas, depende muitas vezes da ouzadia ou timidez do commercio e da navegação. Quando o commercio se fazia a pequenas distancias, o istmo de Corintho tinha a importancia do de Suez ou do de Panamá; hoje porem que o commercio faz-se a grandes distancias e de um polo a outro, que é para elle a volta da Moréa de mais ou de menos?

A analyse do destino das quatro cidades, de que tenho fallado, demonstra o que dá a natureza ás cidades as mais favorecidas, e o que lhes addiciona o homem. Corintho por muito tempo pareceo uma dessas cidades predestinadas, a quem sua situação entre dous mares constitue uma fortuna que se lhe não pode tirar. O commercio e a marinha deram um passo e Corintho perdeu a fortuna. Venesa reinava sobre o Adriatico; sua força porem dependia do estado da Europa na idade media. Esse estado mudou, e Venesa decahio. Alexandria finalmente, que representa o Egypto, pôe tambem perder o destino que lhe deo seu fundador. Alexandria não é sobre o Mediterraneo o ponto mais vizinho de Suez sobre o mar Vermelho; e se um caminho de ferro tem algum dia de atravessar o istmo, quem sabe se o homem não escolherá sobre o Mediterraneo um local mais vizinho para ahí situar a cidade destinada a servir de ponto de communicação? De Suez ao Mediterraneo a linha mais curta passa por Pelusa, e talvez que um dia o vapôr, destruindo a obra do genio de Alexandre, transporte a fortuna do Egypto d'Alexandria para os muros da velha Pelusa. Constantinopla unicamente parece estar ao abrigo destas mudanças. Pode florescer mais ou menos, segundo

o genio do povo que a possuir, segundo o gráo de civilisação dos países que unir seu estreito; nunca porem poderá deixar de ser um grande deposito de commercio, porque o Bosphoro é um local unico na Europa, e Constantinopla tambem é um local unico sobre o Bosphoro.

O Bosphoro com effeito é a derrota necessaria e inevitavel do commercio entre o mar Negro e o Mediterraneo; não ha meio algum, ainda mesmo tomando o caminho mais extenso, de evitar o Bosphoro. O commercio, dobrando a Moréa, pôde deixar de atravessar o istmo de Corintho, e dobrando a Africa, de atravessar o de Suez; para entrar no mar Negro é preciso atravessar o Bosphoro, e é este o unico caminho que existe.

Constantinopla tambem é um local unico sobre o Bosphoro. Com effeito, colloquemos Constantinopla um pouco mais acima ou mais abaixo, e veremos que immediatamente perderá algumas de suas vantagens. Constantinopla situada sobre o Bosphoro entre os dous castellos da Europa e da Asia, cu sobre o Hellesponto nos Dardanellos, ainda é realmente a senhora da passagem que conduz ao mar Negro, porem não terá mais esse porto comodo e vasto que lhe dá o golpho do Corno de Ouro, esse porto, que todos os dias é banhado pelas correntes do mar. Colloquemol-a pelo contrario sobre o mar de Marmara, então perdera as chaves do Bosphoro, e nem mais será a porta dos dous mares:

Hic locus est gemini janua vsata maris.

Ovidio.

Assim é, graças á influencia milagrosa dos locaes, que jamais Constantinopla poderá tornar-se inutil como Corintho, nem ser substituida como Venesa ou Alexandria. Sua posição não poderá ser destruida, e de todas as cidades é ella a que mais perfeita ideia apresenta do que chamo cidades necessarias e naturaes.

(Revue des deux mondes)

A. F. C.



MEMORIAS DE AGAPITO.

(ROMANCE INEDICTO CONTINUADO DE PAG. 40.)

CAP. XX.

UMA PAGINA DE ALBUM.

Amor al cor gentil ratto s'apprende.
Dante.

—Estamos em Coimbra. Aqui quasi todas as casas tem uma perspectiva soberba, e os seus habitantes, que não respiram o ar mephitico das suas ruas estreitas e charcosas, desfructam a aragem pura, que vem da Serra da Estrella, os ares ainda mais doces que vem do Oeste, embalsamados com o perfume das lorangeiras e com o aroma das flores dos seus campos. Era em uma das casas da encosta de Coimbra que estava Agapito. No interior da sala estava com elle uma dessas senhoras magestosas que parecem ter sido moldadas pelas formas de Diana-a-caçadora. Do interior da sala via-se a lua que batia de chapa nas agoas e nos areaes do Mondego, e escutava-se a briza murmurando nas folhas dos salgueiros que orlam as suas margens.

Se ja viajastes pelas nossas florestas, tereis ao anoitecer parado muitas veses para restaurar os membros fatigados em algum cabeço pouco elevado. Sentistes a magestade da solidão das selvas no rumurejar crescente—immenso—inexprimivel dos colossos vegetaes, na variedade de folhas, de flores e de arruídos, e na força da vida que ahí se revela debaixo de todas as formas. Tal vez se vos figurasse a cada instante ouvir o som de alguma catadupa como que ella se arrojasse do pincaro de um rochedo ao fundo de um precipicio,—talvez se vos figurasse ouvir a cada instante no rugir compassado e solemne das folhas das palmeiras o arruído de mar longiquo quebrando-se furioso contra os escolhos da praia. Então comprehendestes a poesia das selvas, e a belleza selvagem do viver dos nossos indios; e com tudo ainda não podeis conjecturar que melodia exhalam os salgueiros do Mon-

dego embalados pela viração da Oeste. O sussurrar das nossas matas é forte e magestoso como o rugir do oceano; o ciciar dos salgueiros é doce como um suspiro de virgem.

Agapito estava silencioso, e Julia (assim se chamava a nossa Diana) de impaciente batia com o pé sobre o tapete da sala, em quanto que os seus olhos erravam destrahidos sobre todos os objectos que a cercavam.

—Vosso irmão demorar-se-ha muito, senhora?

O contentamento reluzio-lhe nos olhos, e o pesinho deixou por um instante de abater a frisa do tapete.

—Creio que não:—tendes pressa?

—Oh! não.

Nada mais disse; e o silencio pairou de novo sobre ambos.

Agapito lançou os olhos com indifferença sobre as margens do Mondego, e Julia, que por ventura desejava pratica mais alongada, encolheu os hombros; e o pesinho bateo de novo o compasso de um adagio velocissimo.

Algun tempo se passou.

—Senhor Agapito—disse ella.

—Minha senhora.

Nada mais que estas duas palavrinhas—seccas—concisas—mirradas,—palavras incivis de quem não quer conversar.

Bem sabeis que o cerebro do homem, bem como um cortiço de abelhas, está dividido em pequenos casulos que em vez de terem por letreiro—mel—ambrozia—ou coisa semelhante, dizem simplesmente—intellectualidade—sensibilidade—e outras palavras em *ade*, como bem mostra o Gall na sua *cerebro* ou *craneographia*. No cerebro de

veses: Para que serve um Album? Arrependo-me de o ter perguntado. Nessa Coimbra bella magestosa e risonha, onde os mancebos são lhanos, cortesios e extremos, onde se respira sentimentos nobres e elevados, onde a vida é tranquilla e serena, a alma ingenua e candida, e a amizade indissolvel e sincera; em Coimbra! pesame de não ter tido um Album. Eu amo a pedra onde se gravou uma recordação, amo o tronco onde se entalhou um nome, amo o cimiterio onde descansam tantas creaturas angelicas, amo os Albums onde o coração asselha o sentimento de uma epocha ou de um instante, e onde a mão grava protestos infalliveis, eternos. . . de que a memoria não guarda lembrança!

— Quem se lembra do signal que entalhou na pedra brincando? Quem se lembra do nome que escreveu n'um tronco? Quem se lembra do finado que jaz no cimiterio? Quem se lembra do que escreveu n'um Album—esse outro cimiterio do coração?

— Oh! que mal que eu fiz em não ter um Album, um Album volumoso, que pudesse conter os nomes de todos os meus amigos! A cada sopro da desventura eu viria cheio de curiosidade ver que nome se offuscava pouco e pouco, que nome esmorecia, como a flôr sem os raios do sol; a cada exclamação que a dor me arrancasse, eu queria ver que nome se apagava rapidamente, como foge rapido o passarinho brilhante que presente o açor; a cada lagrima que me cahisse dos olhos, eu queria ver que pagina se reduzia a cinzas, como as entranhas da victima no fogo do sacrificio-impuresas que se sanctificam. Queria os ver, como a phenix, renascer das suas cinzas e arrojar-me baldões á face e cobrir-me de vilipendios! baldões e vilipendios-calumnias innocentemente imaginadas para uma justificação, para dizerem, magestosas na sua integridade: Fugi delle porque era um leproso! Sim desde Job os leprosos são homens impios e máos! cada pustula é uma impiedade, cada postema um vicio, e cada fistula um crime. Sim, eu queria ter um Album para ver no fim de muito pouco tempo quantas folhas me restavam.

— Faze tu a experiencia, meu amigo; é uma experiencia amarga como o homem que pudesse tirar pacientemente com a ponta de um escalpello particulas de veneno engastadas no coração.

(Coimbra 2 de Julho de 18. .)

Agapito acabou de ler, e o livro sem que elle o regeitasse lhe cahio das mãos. Vibrava em sua voz um accento de desespero tão profundo, que todo o amargor da sua ironia não tinha podido disfarçar. Julia correo para elle. Almas ha piedosas que tão espontaneamente correm para a dôr, como o insecto para a luz.

— Oh! senhor, tendes soffrido muito!

A taes palavras sentio Agapito que todo o peso das suas recordações lhe cahia sobre o coração. Foi um instante de dôr;—um instante que foi um seculo,—uma dôr que resumia todas as dores. Uma lagrima lhe entumeceo as palpebras, e uma lucha se travou entre o seu coração, que a queria regeitar, e o seu orgulho, que a queria engulir. Elle tinha os olhos no chão; e a lagrima engrossava pouco e pouco. Então atevantou violentamente a cabeça, e fixou os olhos nos olhos de Julia: a lagrima desapareceo como por encantamento. Bem sabia elle que não lhe era possivel chorar diante de uma mulher que não fosse sua mãe.

— Não senhora, tornou elle passado um momento, é esse um estylo de auctor,—estyllo de quem não soffre o que diz.

— Não, não! para se fallar de coisas tão horriveis n'um estylo tão gracioso, para se comparar coisas tão feias a objectos tão bellos, é preciso dores que se aproximem do delirio; é só o louco que se ri do que soffre.

— E quando o louco se ri, tornou-lhe Agapito com um amargo sorriso, quem se lembrará do que elle soffre?

— Quem o amar! Quem o amar! Agapito, não sejais egoista; a dôr tam bem tem o seu egoismo. Se uma mulher sympathisar comvosco pelo que vós soffreis; se casar a sua vida com a vossa vida por tal modo que as vossas dores sejam as suas; se não vos pedir senão um pouco de amor e a metade dos vossos soffrimentos, tereis vós coragem para regeital-a?

— Não me falleis assim? Bem sei que a dôr é egoista, mas o que vós não sabeis é que quando o soffrimento nos não pode fazer verter mais uma lagrima, ha palavras de commiseração, que de novo nos vem esmagar o coração, e transformar em lagrimas a derradeira gota do nosso sangue. Não me falleis assim! Pois não vedes que eu temo de conversar comvosco,—de estar comvosco—de ouvir a vossa voz? Não vedes que eu me esforço para não cahir n'um abysmo, ou

ao menos para não vos arrastar commigo?—Escutai-me senhora; vede se me comprehendes. Se estivessemos ambos sobre um rochedo, e que eu resvalasse sobre o mar, poderia acontecer que buscando salvar-me vos segurasse pelos vestidos, e vos fizesse baquear nas ondas. Morreriamos ambos; porém o amor da vida, o desespero do homem que se affega poderia talvez remir-me de um crime. Mas se eu mesmo me arrojasse as ondas por brinco,—se me demorasse por querer,—se me afizesse a idéa da morte, se não procurasse salvar-me,—se pressentisse a mão da fatalidade arrastar-me pelos cabellos, seria um crime horivel, eu vol-o asseguro, seria um crime horivel segurarvos pelos vestidos e fazer-vos descer a profundesa do mar. Seria um suicidio e um assassinato.

— E se eu mesmo me arrojasse ao mar para salvar-vos?

— Seria para vós um crime inutil, por que não me poderiais salvar,—e para mim uma dor. . . talvez peor que a morte.

— Mas tentariéis salvar-me, não é assim?—Não vos deixariéis morrer, quando perceberdes que a vossa vida era necessaria a vida de alguém?

— Julia! Julia!

— Oh! continuou ella com um accento de

dedicação sublime,—sou tua!—e cahio de joelhos.

— Escutai-me ainda, disse Agapito tomando-a nos braços e levantando-a: a sua vez era solemne — Attentai bem nas minhas palavras, e possam ellas fazer-vos arrepender da vossa imprudencia. Eu sou cioso—infernalmente cioso; eu o sinto; eu o sei. Se o demonio do ciúme me gravar n'alma um pensamento, uma palavra vossa por indifferente que seja—um gesto insignificante—uma circumstancia pequena, ligeira—quasi nulla,—qualquer coisa emfim que eu veja—escute ou sinta—estais morta.

Foi tão viva a expressão do seu rosto—tão brilhante o scintillar dos seus olhos—tão medonho o seu accento—que Julia recuou aterrada.

— Vede! disse Agapito;—não me podeis ouvir fallar sobre isto sem terror; que fariéis se fosse uma realidade?

— Foi um impulso do sangue; o coração não vacillou;—e lançou-se-lhe nos braços.

— Tu o quizeste, Julia!—disse Agapito, e algumas lagrimas de contentamento lhe correram dos olhos, e banharam as faces pallidas da donzella, que parecia desmaiada em seus braços. Havia bem de tempo que elle não tinha chorado lagrimas daquellas. (1)

A. Gonçalves Dias.

O AMOR.

HYMNO.

AO ILLM. SNR. JOSÉ SEGUNDINO DE GOMENSORO.

EM PENHOR D'AMISADE.

Oh! de ton doux sourire embellis-moi la vie!
Le plus grand des bonheurs est encor dans l'amour,
La lumiere a jamais ne me fut point ravie,
Viens, je suis dans la nuit, mais je puis voir le jour!
V. Hugo—Odes.

Amor meu estro inspira, amor cantemos;
Fragil a minha a voz tanto não póde
Para exprimir d'amor sacros arcanos;
Harmonicos suspiros
Deveram resoar em plectro divo

Quando fervem no peito reluctantes
A dôr, a comoção, o céu, o inferno
—Philtros diversos de que amor se gera.

Ao sussuro da briza vespertina,

(1) O Editor destas memorias declara que os versos latinos, a traducção e a pagina d'Album pertencem realmente aos muy verídicos personagens desta historia.

Ao suavissimo gemer da meiga rola,
Das flores ao perfume, ao vario esmalte
Da leda borboleta,
A' bella e linda côr do ceo ceruleo,
Da verde primavera ao fresco aroma,
Ao rumor do oceano magestoso,
Irei canções pedir de mago enlevo
Para amor debuxar em doces carmes.



Bellesa divinal—mimo celeste—
Genio sagrado que no mundo imperas,
Quem ha que possa um quadro alçar-te digno
Das justas perfeições que te adereçam?

Vede-a—a virgem meiga e pudibunda!
Os negros olhos do diamante os fogos
Parecem disputar—que tanto brilham!
De azeviche lustroso a coma esparsa
Vem descendo beijar-lhe o peito, que arfa
Mollemente, ondulando a tela avara,
Que perfectas as formas seductoras
Encobrimdo, thesouros sonhar fazem
De alabastro e marfim—e a tez morena,
Qual crepesc'lo da tarde—e bella e pura!
E a boca como um cravo rescendendo
Harmonias e cantos,
E a voz como é tam doce—sacros hymnos
Dissereis remontar da terra aos nunes,
Os ares alegrando.

Oh! não me olhes assim que me enfeitças;
Primor de graças—mimo d'innocencia,—
Sonho d'infancia—olympica centelha
Que me o peito incendeias!
D'amor e commoção trauzido morro.
Já não posso fallar...fracos suspiros
Apenas se me escutam;
E a vida n'alma toda se concentra
Febril—ardente—; e chammas a devoram.

Bellesa divinal—mimo celeste,
Meu terno coração sinto abraçar-se,
Como grato holocausto consagrado
As justas perfeições que te adereçam!



Quem no mundo haverá que amor não vença?
—Ama o indio nas selvas vagabundo,
O misero africano em ferros ama,
E grato limitivo á dôr encontra
D'amor nos ternos laços.
Quantas vezes não é sagrado lenho
Ao naufrago do mundo,
Que por sobre o deserto da existencia
Solitario vagueia?
Nas delicias de esposo alegre encontra

Companheira fiel, consolo ás maguas,
A vida, o ar, venturas, e alegria,
Na paternal ternura perpetua
Seu nome—e vida—e sangue.

Quem no mundo haverá que amor não vença?
Longe de mim o misero insensato,
Que não sente d'amor doces transportes.
Ou entranhas de tigre tem cruentas,
Ou a madre natureza, qual madrastra,
No peito lhe soprou veneno acerbo,
Que à tristesa cruel sagra seus dias.
Vegeta mas não vive; desterrado
Em gelo eterno a morte o soprahe.



Pelos ares esento doces cantos,
Melodicos gorgeios.
Como longiqua frauta harmoniosa
No silencio da noite!
O terno sabiã, a meiga rola,
O rouxinol dulcisono, suspiram,
D'amor ao doce influxo;
Na espessura das selva
Brame o tigre feroz, ruge a pantéra.
Sibilam feias, venenosas serpes,
Gritos selvagens pelos ceos resoam
Das carnivoras aves sitibundas.
Tudo d'amor se acurva ao doce jugo!
Os proprios vegetaes ternura gosam:
As flores sobre as hasteas perfumadas
Os calices mimosos desabrocham
Da viração ao sopro melindroso;
E sobre as azas de placido favoneo.
Disfructam doce amor—ternas caricias!...



Oh! ditoso Brasil, ó patria cara!
D'amor mansão perenne!
O ar embalsamado, que em teus climas
Respira todo o ente,
Teu céu azul-setim, florestas virgens,
Copada sombra, mystico murmurio
Das fontes, pelos sexos sussurrando,
De fresquidão amena,
Caudaes formosos rios, doces cantos
Dos amantes aligeros saltando
Pelos das matas tremulos raminhos,
De cocares os montes coroados
Meneiando seus leques,
Da fresca viração ao brando impulso,
Ah! tudo inspira amor, ternura, enlevo!
A virgem brasileira é qual seu clima,
Ternuras inspirando,
Seus olhos são mais bellos que as estrellas,
Que fulguram nos ceos em noite escura,

Morte dardejам—deleitosa morte—
Voluptuoso sentir—delicias gratas:
Sua forma elegante é qual palmeira,
Que os ventos enamora,
Sua voz argentina é canto de anjos,
Seu mimoso sorrir é casto enlevo
De sonhos inefaveis!
Quem soubera exprimir os teus encantos
Bello mimo do ceo?!Pintar-te as graças, desenhar-te as formas,
Sympathica attracção, doces meiguices.
Mortal certo não fôra!

Mas se o estro me falta—amor trasborda
No peito do teu vate,
Que para te adorar se cre' mesquinho!

Tudo o ente d'amor um hymno entôa
Ao Creador Supremo,
—Homenagem devida aos seus influxos,
Que momentos doirados nos concede
No viajar da existencia.
Se a natura negou-me voz canora
Como a da meiga alcyon, ou como o canto
Da rola ao pôr do sol pela espessura,
Saudades arrulhando;
Meu fragil canto soltarei, qual ave,
Pelas sombras da noite divagando
Nas desertas ruinas, gemebunda,
O silencio quebrando das deshoras,
Como as vagas d'oceano murmurando
Dos rochedos na base se quebrando.
A. Frederico Colin.

NISIDA. (1)

(Por Pier—Angelo Fiorentino.)

1825.

II.

Nisida, a filha querida de Salomaõ-o-pescador, era, como ja dissemos, a flôr mais bella da ilha, cujo nome tinha tomado. Esta ilha é o logar mais encantador, o mais delicioso recanto que conhecemos; é um cesto de verdura garbosamente collocado no meio das aguas puras e transparentes do golpho, uma collina coberta de laranjeiras e eloendros, e como que coroada por um castello de marmore. Desenrola-se em derredor a magica perspectiva d'esse immenso amphitheatro, uma das mais poderosas maravilhas da creação. Avista-se d'ahi Napoles, voluptuosa sereia, que se espreguiça a bordo do mar, Portici, Castellimare, Sorrento, cujos nomes por si só despertam na mente mil pensamentos de poesia e amor; Pausilippe, Baja, Pauzoles e esses vastos campos, onde os antigos sonharam o seu elyseo, solidões sagradas, que dir-se-hiam povoadas pelos homens da antiguidade, e a terra alli retine sob os passos, qual vasio tumulto, e onde o ar tem desconhecidos sons e estranhas melodias.

Estava a casinha de Salomaõ edificada n'aquella parte da ilha, que voltando as costas á capital, discortina ao longe as azul-

das cristas de Caprêa. Reinava alli muita simplicidade e alegria; os muros eram de tijolos aleatificados de hera, que excedia em verdor à propria esmeralda, e esmaltados de brancas campainhas: no pavimento-terreo havia um quarto bastante espaçoso, onde dormiam os homens, e a familia tomava refeição, no primeiro andar, o quartozinho virginal de Nisida fresco, sombrio e mysterioso, aclarado por uma unica janella de sacada, que dava para o golpho; acima do quarto um terrado à italiana com pilares cobertos de festões de pampas, sua latada de parras e largo parapeito cheio de musgo e flôres naturaes. Uma pequena sebe d'espinho alvar, respeitada com secular veneração, traçava uma especie de trincheira em torno da propriedade do pescador, e defendia melhor a casa que profundos fossos e muros setteirados. Os mais audazes brigões do logar preferiam de melhor grado disputar juncto ao presbyterio, e no atrio da igreja, do que ante o pateosinho de Salomaõ. Era de mais, o ponto de reuniaõ de toda a ilha. As mulheres da vizinhança todas as tardes, ás mesmas horas sem falta, vinham ahi fazer bonés de lan á agulha.

(1) Continuado do numero—6.º pag.—124.

e dar novidades. Grupos de meninos nús, tismados e travessos como diabretes, dançavam alegremente, revolviam-se na relva, e lançavam punhados d'areia uns nos olhos dos outros, a risco de se cegarem, em quanto suas mães estavam entregues à essa seria tagarellice, que caracteriza os habitantes das aldeas. D'este modo se reuniam todos os dias deante da casa do pescador: era muda, e quasi involuntaria homenagem consagrada pelo costume, e em que ninguem ainda tinha-se dado ao trabalho de pensar: talvez que a inveja, que reina nas pequenas sociedades, lhe fizesse prompta justiça.

A influencia que o velho Salomão exercia sobre seus iguaes, crescêra d'um modo tam simples e natural, que não havia pessoa alguma que n'isso tivesse reparado. Tinha insensivelmente seu poder augmentado de dia em dia, e não o notaram senão quando todos começavam a aproveitar-se d'elle, como essas bellas arvores, cuja elevação não apercebem, se não quando gozam da sombra. Se na ilha havia alguma disputa, antes os dous adversarios queriam submeter-se ao julgamento do pescador, do que pleitear no tribunal; tinha a felicidade ou talento de despedir as partes contentes.

Melhor que qualquer medico sabia elle applicar remedios; porque quasi sempre succedia que elle, ou alguem da sua familia, houvesse soffrido as mesmas enfermidades, e sua sciencia apoiando-se na propria experiencia, obtinha os mais felizes resultados: além d'isso não se interessava, como os medicos vulgares, em prolongar as molestias. Havia muitos annos, que a unica formalidade reconhecida na ilha, para garantir a inviolabilidade d'um contracto, era a intervenção do pescador. As partes tocavam na mão de Salomão, e era isto bastante.

Preferiam lançar-se no Vesuvio em occasião d'alguma grande irrupção à faltar a tam solemne contracto.

Pela época em que começa esta historia, era impossivel achar na ilha uma só pessoa que não tivesse experimentado os effeitos da generosidade do pescador, sem carecerem de patentear-lhe as suas necessidades. Como a pequena população de Nisida costumasse passar as horas de recreio juncto á casinhola de Salomão, o velho, passeando lentamente por entre os grupos, e cantarolando a sua cantiga favorita, durante o transito sorprehendia as infermi-

dades physicas e moraes, estavam certos de ver chegar n'essa mesma tarde elle ou sua filha, com ar mysterioso, afim de deramir um beneficio em cada miseria, um balsamo em cada ferida. Em summa, accumulava todos os misteres destinados para socorrer a humanidade.

Jurisculto, medico, tabellião, em uma palavra, todos os abutres da civilização fugiram por causa da bondade patriarchal do pescador: o proprio cura tinha capitulado.

No dia seguinte ao da Assumpção, Salomão, segundo seu costume, estava assentado em um banco de pedra em frente da porta de sua casa, com as pernas cruzadas, e os braços estirados com deleixo. Quando mui o dar-lhe-lham à primeira vista sessenta annos, ainda que realmente já tivesse dobrado os oitenta. De quando em quando deixa orgulhosamente perceber-se os dentes—tinha os todos—que eram brancos como perolas, e a fronte, pacifica e serena, coroadada de bellas cans, tinha o polido e a rigidez ao marmore, nem uma só ruga fraziálhe os cantos dos olhos, e o diamantino brilho das azuladas pupillas revelava n'elle alma sau e eterna mocidade, como a que a fabula concede aos deuses marinhos.

Deixava ver os braços nús, e o musculoso pescoço com a garridice d'um velho. Nunca um só pensamento triste, preoccupação sinistra, ou pungente remorso alterára tam longa e pacifica existencia. Nunca juncto a si vira uma só lagrima correr, que logo não se apressasse em enxugar; pobre, soube espalhar beneficios, que todos os reis da terra rennidos não poderiam pagar com seu oiro: ignorante, fallou a seus semelhantes a unica linguagem, que podiam comprehender—a linguagem do coração.

Uma só gota de fel mixturou seu amargor a este manancial de felicidades, um só pezar entenebreceo seus dias de sol; foi a morte de sua mulher, e até isso tinha elle olvidado.

Tinha affeição unicamente a Nisida, cujo nascimento causára a morte de sua mãe; amava-a com esse amor louco, que os velhos tem ao filho mais moço.

N'esse momento, a contemplava elle com profundo enlevo, e observava-a ir e vir, mettendo-se ora por entre os grupos dos meninos, e ralhando-os por causa de seus jogos ja mui perigosos, ja mui ruidoso-

so, ora assentando-se na herva ao lado de suas mães, e practicando com grave e reflectido interesse. Estava Nisida então mais bella do que no dia antecedente; porque com a vaporosa nuvem de perfumes, que a involvera dos pés até à cabeça, tinha desaparecido toda essa poesia mystica, que incommodara um pouco aos expectadores, e os obrigara a abaixar os olhos. Tornara se de novo uma filha d'Eva; mas com todos seus encantos. Vestida com simplicidade, como era d'uso em dias de trabalho, não se differencava das companheiras, senão pela prodigiosa belleza, e brilhante brancura da cutis. Seus bellos eabellos negros estavam enrolados em tranças n'esse pequeno punhal de prata ciselado, ultimamente introduzido em Paris pelo direito de conquista, que as formosas parisienses tem sobre as modas de todos os paizes, como os inglezes sobre o mar.

Nisida—a gloria da ilha—era adorada por suas jovens amigas, e todas as mães tinham-n'a adoptado com orgulho. A opinião de sua superioridade se tinha de tal sorte divulgado por todos, que, se algum temerario, olvidando a distancia que o separava d'aquella moça, ousava fallar um pouco mais alto de suas pretenções, era motejado de seus companheiros.

Os mais habeis dançadores de *tarantello* se acanhavam em presença da filha de Salomão, e não se atreviam a convidal-a para dançar. Apenas alguns cantores d'Almati ou de Sorrento, attrahidos pela peregrina belleza d'esta angelica creatura, abalançavam-se a suspirar sua paixão, tendo tento de velal-a com as mais delicadas allusões; porem raramente chegavam á ultima copla: pois que ao menor rumor, paravam incontinenti, lançavam por terra o triangulo e o bandolim e fugiam qual sobresaltado rouxinól.

Sómente um teve ou muita coragem ou muita paixão para arrostar a zombaria; esse era Bastiano o mais formidavel mergulhador da costa.

Tambem cantava; porem sua voz era ôca e profunda; seu canto lugubre, e suas melodias repassadas de tristeza. Não se acompanhava por instrumento algum, e nunca se retirava sem findar seu canto. Mais sombrio que de costume, estava elle em pé, como por encantamento sobre nua e resvaladia rocha, e lançava olhos despreziveis sobre as mulheres, que olhavam-n'o sorrindo-se.

O sol, que se mergulhava no mar, qual globo de fogo, dava em cheio em suas severas feições, e a viração da tarde, enrugando brandamente as ondas, fazia ondejar á seus pés os tremulos caniços. Embevecido em negros pensamentos, cantava as seguintes palavras na melodiosa lingua de seu paiz:

" Ó janella como estás sombria! tu que de noite brilhavas qual olho entre-aberto! Ai! Ai! minha pobre irman está doente!

" Sua mãe banhada em lagrimas para mim s'inclina e diz: Tua pobre irman é morta e enterrada.

" Jezus! Jezus! compadecei vos de mim; pois feristes-me o coração com um punhal.

" Contai-me, meus bons vizinhos como a cousa se passou; repeti-me as suas ultimas palavras.

" Ella tinha sede ardente, e recusou beber; porque allí não estavas para dar-lhe agua com a tua propria mão.

" Ó minha irman! minha irman!

" Recusou o osculo materno; porque allí não estavas para abraçal-a.

" Ó minha irman! minha irman!

" Chorou até ao derradeiro suspiro; porque allí não estavas para seccar seu pranto.

" Ó minha irman! minha irman!

" Cingimos-lhe a fronte com uma corôa de lorangeira, cobrimol-a com um véo branco como a neve; deitamol-a brandamente no ataúde.

" Obrigado, meus bons vizinhos. Irei acompanhál-a.

" Deus anjos desceram do céu, e levaram-na em suas azas. Sancta-Magdalena veio recebê-la na porta do paraizo.

" Obrigado, meus bons vizinhos. Irei acompanhál-a.

" Sentaram-n'a lá em cima em um banco de luz, deram-lhe umas contas de rubim, e canta em seu rosario com a Virgem.

" Obrigado, meus bons vizinhos. Irei acompanhál-a.

Ao findar as ultimas palavras de seu melancolico estribilho, precipitou-se do alto do rochedo no mar, como se de feito n'elle quizesse absorver-se. Nisida e as outras mulheres exhalaram um clamor de medo; porque o mergulhador tardou muitos minutos de baixo da água.

— Estais loucas? exclamou um manco que apparecera repentinamente entre as mulheres, sem que ninguem desse fé d'elle. Que temeis? Bem sabeis que Bastiano sempre faz d'estas.

—Tende em mente que, mais de pressa morreraõ affogados todos os peixes do Me diterraneo, do que lhe succeda alguma desgraça. A agua é o seu elemento natural. Bons dias minha irman; bons dias meu pae.

O joven pescador abraçou a Nisida na testa, depois approximou-se de seu pae, e curvando sua bella cabeça, tirou a carapuça encarnada, e beijou-lhe respeitosa-mente a mão. D'est'arte vinha elle todos os dias pedir-lhe a benção antes de ir para o mar, onde passava a noite muitas vezes a pescar em seu barco.

—Deus te abençoe, meu Gabriel! disse o velho enternecido, correndo leutamente a mão pelos negros e annelados cabellos do filho; uma lagryma assomou-lhe as palpebras.

Depois, levantando-se solemnemente, e enlreçando-se aos grupos, ajunctou com voz cheia de dignidade e doçura.

—Meus filhos, é tempo de separar-nos. Ide trabalhar, ó moços, e vós, ó velhos, tractai de repouso. Eis que sôa Ave-maria.

Ajoelharam-se todos, e depois de breve oração, retiraram-se cada um para seu lado. Nisida, tendo cumprido os ultimos deveres do dia para com seu pae, subio para o quarto, deitou azeite na alampada, que ardia noite e dia ante a Virgem, e encostou-se nos cotovelos sobre a sacada; apartando depois os ramos de jasmim, que formavam perfumadas cortinas, poz-se a contemplar o mar, e parecia mergulhada em doce e profunda melancholia.

Nessa mesma hora, uma pequena barca silenciosamente conduzida por dous remeiros, surgio do lado opposto da ilha. Já era noite fechada. Primeiramente descêo um homemzinho com precaução, e respeitosa-mente estendêo a mão a outro personagem, que, desprezando esse fraco apoio, saltou com desembaraço.

—Então velhaco, bradou elle, achas-me a teu sabor?

—Optimamente, monsenhor.

—Estou satisfeito com isso: mas tambem, para que a methomorphose fosse completa, escolhi eu o fato mais surrado, que podia ornar a logea de trapos de qualquer Judeo.

—Monsenhor dá ares d'um deus-pagaõ indo á cata de aventuras amorosas. Jupiter metteo na bainha o seu raio, e Apollo os seus na algibeira.

—Deixemo'-nos de mythologia; e desde

já te prohibo que me dês o tractamento de monsenhor.

—Sim, monsenhor.

—Se são exactas as informações, que mandei tomar esta manha, deve ficar a casa do outro lado da ilha, em um dos mais desviados e solitarios logares. Caminhei até certa distancia, e não te dê cuidado a meu respeito; porque já sei o meu papel de côr.

O joven principe de Brancalione, a quem os nossos leitores haõ de ter já reconhecido, não obstaute a escuridão da noite, dirigio os passos para a casa do pescador, fazendo a menor bulha possivel; passeou por algum tempo na praia, e depois de summario reconhecimento da praça que desejava atacar, esperou tranquillamente que a lua, empinando-se, viesse allumiar a scena, que tinha preparado. Não exercêo por muito tempo a paciencia; porque desaparecêo gradualmente a sombra, e a casinhõla de Salomaõ foi banhada d'argentea luz.

Aproximou-se entaõ com timidos passos, dirigio para a janella supplicantes olhos, e começou a suspirar com toda a força dos pulmões. A moça, asperamente arrebatada de seus pensamentos por este personagem singular, endireitou-se, e preparou-se para fechar as portas da janella.

—Detende-vos, ó encantadora Nisida, exclamou o principe como um homem dominado de irresistivel paixãõ.

Que pretendeis, *signore*? retrucou a rapariga, toda admirada de terem-n'a chamado por seu nome.

—Adorar-vos como o é a *Madona*, e tornar-vos sensivel aos meus suspiros.

Nisida fitou n'elle os olhos, e depois de ter por alguns momentos reflectido, como se houvesse respondido a um pensamento secreto, repentinamente lhe perguntou:—Sois d'este paiz, ou estrangeiro?

—Cheguei a esta ilha, redarguio o principe sem hesitar, no momento em que o sol escrevia os seus adeuses á terra, melhando os raios, que lhe servem de penna nas sombras, que servem de tinteiro.

—Quem sois vós? proseguio a rapariga, sem ter cousa alguma comprehendido d'essas estravagantes palavras.

—Ah! sou um pobre estudante, mas posso ainda ser um poeta tam grande como Iasão, cujos versos muitas vezes tendes ouvido cantar um pescador, que se affasta, e vos envia sua tocante melodia, como um derradeiro adeus, que vem morrer na praia.

—Não sei se obro mal em fallar-vos; porém serei ao menos franca convosco, disse Nisida corando, sou desgraçadamente a mais rica moça d'essa ilha.

—Vosso pae não será inflexivel, replicou o poeta com ardor; uma unica palavra, luz de meus olhos, divindade de meu coraçãõ, e eu trabalharei dia e noite sem treguas e descanso, afim de tornar-me digno de possuir o thesouro, que Deus revelou a meus deslumbrados olhos, e exforçar-me-hei, de pobre e obscuro que sou, em tornar-me rico e poderoso.

—Longo tempo ha que escuto phrases que não devem ser ouvidas por uma moça; permitti, *signore* que me retire.

—Compadecei-vos de mim, cruel inimiga. Que vos fiz, para que assim me deixeis com a alma pungida de dor? Não sabeis que ha bastantes mezes sigo-vos por toda a parte como uma sombra que de noite vagueia em trono de vossa casa, suffocando meus suspiros para não perturbar o vosso pacifico somno? Temeis acaso de vos enternecer, lo-

go da primeira entrevista, por um desgraçado que vos adora? Ah! Julietta era joven e bella como sois, e não se fez de rogar por muito tempo para compadecer-se de Romeo."

Lançou Nisida triste e meditativo olhar sobre esse bello mancebo, que lhe fallava tam docemente, e retirou-se sem responder-lhe para não humilhar sua miseria.

Exforçou-se o principe o melhor que pôde para cohibir uma estrepitosa risada, e muito satisfeito de sua estrêa endireitou-se para o logar onde deixára o criado.

Trespolo depois de ter bebido uma garrafa de lacryma-christi, que por acaso trouxera, observou por muito tempo em de redor de si até achar um logar onde a herva estava mais alta e espessa, e adormecêo profundamente, murmurando estas sublimes palavras:

—Ó preguiça, serias portanto virtude, se não fosse a culpa de Adaõ!

(Continúa.)

Antonio H. Leal.

BIOGRAPHIA.

M. DE CHATEAUBRIAND.

Chateaubriand a reçu de la nature le feu sacré; ses ouvrages l'attestent. Son style n'est pas celui de Racine, c'est celui du prophète... si jamais il arrive au timon des affaires, il est possible que Chateaubriand s'égare, mais ce qui est certain, c'est que tout ce qui est grand et national doit convenir à son génie.

Napoleon.—Memoires de M. de Montholon, tome 4. pg. 248.

—Nos tempos das borrascas, quando rugem as revoluções, e quando os povos, servindo-nos da expressão de Lamartine *vagam no despenhadeiro dos abysmos como rebanhos sem pastor*, a Providencia, que vela sobre os destinos da humanidade, faz ás vezes surgir do solo dous genios: um armado de uma vigorosa espada, conquista o direito por meio da força, e sobre as ruinas de um monumento desnoronado funda os alicerces de um novo edificio; o outro, missionario de paz, de fé e de poesia, quando todo o laço moral se acha dissolvido, quando todo o sentimento do bello se tem lançado ao contacto impuro da incredulida-

de e do egoismo, vem, qual a pomba depois do deluvio, trazer á terra o raminho de oiro, e soldar a cadeia das tradições religiosas e litterarias. Aos primeiro os povos devem a vida politica e social, ao segundo a vida do coração, os delicados gosos da alma.

O mesmo anno vio nascer Napoleão e Chateaubriand.

Ha alguns dias que nos recreiavamos em seguir sobre o Caes de Voltaire um personagem de pequena estatura a passos lentos, e taciturno, qual Renato, atravez das turbas, *vasto deserto de homens*. Seu semblante era comprido um pouco magro e pal-

lido; suas feições bastantemente expressivas; sob suas sobranceiras proeminentes brilhavam olhos de uma belleza particular, mixto de doçura, de melancolia, de energia e de grandesa; sua testa era de uma extensão olympica, temporas salientes, craneo descoberto para o centro, porem coroada de uma espessa mata de cans; tinha a cabeça pendida para o hombro como assoberbada pelo peso dos pensamentos. Quanto ao mais este velhinho de olhar profundo vestia com uma elegancia perfeitamente juvenil; trajava uma sobrecasaca curta e graciosa, uma gravata bem posta, botas, luvas e uma fina bengala de ebano.

A mais bella e a mais desejada mulher do mundo não poderia, nesse momento, fazer-nos desviar os olhos e os passos uma só linha.

Realmente para o homem que conhece a perfeita solidão em que se apraz engolphar o cantor dos Martyres, gosar de sua vista pelo espaço de uma hora, seguir o passo a passo, notar-lhe os movimentos, faltar-se de sua pessoa, fazer-se, a si pequenino que é, seu companheiro de viagem a sua vontade, é isto uma felicidade, que sem duvida causará inveja á todos aquelles, cujos corações se tenham franqueado ás primeiras revelações do amor chorando sobre Atala ou Renato.

Seguindo assim de perto o patriarcha da litteratura franceza, indignamo'-nos de ver a multidão acotovelar, distrahida e estúpida, esse homem, cujo nome é tão grande como o mundo, e quazi que somos levados a ponto de gritar: chapéus abaixo! praça a Chateaubriand! Depois desejoso de fazer participar a outrem os nossos sentimentos, notamos no nosso caminho a loge de um honesto mercador, nosso conhecido, entramos nella com a rapidez de uma flecha; o digno negociante, assentado por detrás do balcão sommava o seu grande livro; travamol-o do braço, elle seguiu-nos machinalmente, sem saber mesmo se estamos em nós. «Vinde ver passar o primeiro escriptor da epocha! eil-o! vede-o bem! E em quanto com a mão lhe designavamos o velho, articulavamos com uma voz de triumpho o nome de Chateaubriand, bem convencido de que o extasis se ia incontinenti desenhar sobre o semblante que tinhamos diante de nós. «M. de Chateaubriand, murmura o profano entre os dentes, ah! sim, coubeço... é um homem de

muito espirito; fez a *Viagem á Suissa*. É mister dizer-vos que M. de Chateaubriand escreveu com effeito algumas linhas sobre a Suissa, e que o nosso mercador era de origem helvetica. É quanto o pobre homem sabia a seu respeito.

Ficamos confundido: como! um membro dessa classe a que M. Guisot chama o paiz legal, um cidadão que paga direitos, que lê o *Constitutional*, e que váe talvez aos bailes da corte, quando lhe mostramos Chateaubriand responde: «É o auctor da *Viagem a Suissa*» o ultimo dos gondoleiros de Venesa canta versos do Tasso, o mais pobre remendão da Allemanha recita balladas de Burger, e repouza dos trabalhos diurnos lendo á noite juncto do lar as poesias de Goethe ou Schiller!

Mais ficámos convencido de que existe um fundo de utilidade real nestas modestas biographias; que éra util o descrever em resumo, para geral conhecimento, as principaes peripecias de uma nobre e bella existencia; que era util instruir a todos que sangue as produções do genio tem vertido nas mesquinhas veias do corpo social, que sentimentos generosos tem despertado nos espiritos, amparado a fraqueza, sustido o poder em seus desvarios, e reanimado a fé vacillante.

Se as epochas e os homens fazem os livros, tambem os livros, por seu turno, fazem as epochas e os homens.

Francisco-Augusto de Chateaubriand nasceu em S. Malo em 1769, e descende de uma das mais antigas familias da Bretanha. Os primeiros annos de sua vida se passaram no castello de Comburgo, antiga habitação paterna de estylo severo, rodeada de grandes carvalhos, e de verdes urzes. Do alto de uma torre pequena, em que dormia ainda criança, ouvia ao longe o mar bramir quebrando-se sobre a praia, e já então seus olhos se deleitavam com a vista dos sciutillantes lumes das estrellas, seus ouvidos com o sussurro dos ventos, e com os lamentosos gritos do guincho, e sua alma com todas as harmonias da natureza armoricana. Se dermos credito a algumas paginas dessas *Memorias d'alem-tumulo*, funebre legado, cuja apparição a França deseja e receia ao mesmo tempo, o interior da familia era triste e frio: não haviam efusões de ternura juncto da lareira! Austero, impassivel e altivo, como um velho cavalleiro da idade-media, o pae de M. de Chateau-

briand era uma dessas organizações de ferro e de gelo, para quem as mais doces emoções são consas futeis e estranhas.

Essa existencia, principiada no seio de uma natureza selvatica, privada dos prazeres do coração e sobre si mesma dobrada, imprimio felizmente na imaginação de M. de Chateaubriand esse sello do grave e profundo meditar, que jamais desaparece e que ainda tanto influe sobre o resto de sua vida. De sorte que já desde criança achou-se poeta; uma joven irmã, a quem amava, e cuja alma delicada e pura sabia comprehender a sublimidade da sua, parecia derramar sobre a uniformidade de seus dias solitarios um colorido de suavidade melancolica, de graça e de ternura.

Destinado desde criança para a sacerdocio, por ser o mais moço da familia, o joven de Chateaubriand fez fortes e substanciaes estudos, começados no collegio de Dol, e terminados em Renaes, onde teve por condiscipulo a Moreau. Na idade de vinte annos o manrebo entrava no periodo das afficções intimas, dos desejos sem nome, das agitações sem fim. Era Renato com esse germen de tristeza que herdara de Deus ou de sua mãe. Causavam-lhe horror os embarços da vida ecclesiastica; formou uma occazião o projecto de suicidar-se; alguns dias depois preparou-se para uma viagem ás Indias, chegou depois a Paris em 1789 com uma patente de sub-logar-tenente no regimento de Navarra. Seu irmão mais velho acabava de esposar a neta de M. de Malesherbes. O joven official bretão foi apresentado na corte, e teve a honra de subir ás carroças do rei, e de ser admittido ao erguer da cama e ás caçadas reaes, causas estas que mediocrementemente o interessavam.

Uma outra corte havia para a qual seus olhos se dirigiam com maior ardor; era inaccessible ao vulgo, unicamente o espirito tinha direito de lá penetrar. Lá estavam enthronizados os ultimos discipulos da eschola encyclopedica, Delille o discriptivo, Laharpe que depois... mas então não era virtuozo, Chamfort o incisivo, o voluptuoso Parny, Fontanes o academico etc. Esses fracos successores de Voltaire murmuravam madrigaes no meio dos applausos do juramento do jogo da pella, e da tomada da Bastilha, quando então retumbava, como a trombeta do archaujo no dia final, a possante voz de Mi-

rabeau. O nosso futuro monarcha litterario foi timidamente bater a porta do formidavel synedrio que publicava seus decretos no Mercurio de França e no Almanach das Musas. Com o volver do tempo e á força de protecções consentiram em inserir no ultimo desses jornaes um livello assaz insulso, no gosto do dia, intitulado *o Amor do campo*, cuja apparição, dizia elle, o fazia morrer de temor e de esperanza. Concede-se isto facilmente, a gloria altera-se como qual quer outra cousa, e Villars em Denain tinha saudades dos louros do collegio.

Em breve tempo os acontecimentos se tornaram mais graves, o throno vacillou em sua base. De rio que então era a onda revolucionaria tornou-se torrente; a nobresa, em vez de atirar-se á corrente, e de arrostar corajosamente como uma barreira as vagas populares, desamparou o porto, deixou a França, que só tornou a ver depois de inteiramente transformada. Avida de gloria e de perigos, não podendo permanecer em França, a não querer receber a roca que distribuam os heróes de Coblenz, por outro lado não combinando com essa grande dzerção com cujo principio e termo não combinava, M. de Chateaubriand decidio-se sollicitar uma missão perigosa; ia tentar com seus vinte annos descobrir a passagem para as Indias pelo noroeste da America, prompto, dizia elle, *a ir direito ao polo como se vae de Pariz a Saint-Cloud*.

Dois mezes depois o intrepido viajante embarcava em Saint-Malo na primavera de 1791, atravessava o Atlantico, chegava a Philadelphia, e batia a uma pequena porta da modesta casa do Cincinnati Americano, de Washington. Não haviam guardas em torno do presidente dos Estados-Unidos, nem mesmo criados; foi uma criada que veio abrir a porta e apresentou face a face a gloria futura á gloria presente. Muiido de uma carta de recommendação M. de Chateaubriand expoz o seu projecto; Washington escutou-o, admirou-o, e lhe fallou das difficuldades da empresa; "porem, redarguiu vivamente o viajante, é menos difficil descobrir a passagem pelar do que crear um povo, como tendes feito!—Muito bem! manrebo!" lhe diz o heróe estendendo-lhe a mão.

Continúa.

TYRO.

(POR A. MAZUY.)

—Existe na grande historia das nações d'esses nomes immensos, estrondosos, que só em si, resumem uma epocha inteira. O que são nossas cidades modernas a par dessas poderosas cidades do antigo mundo, de Babilonia de cem portas, de Palmyra com suas mil columnatas no meio do deserto, de Persépolis, de Tyro, de Athenas, de Carthago, de Roma, e de tantos outros lugares celebres, que despertam tam magnificas recordações? A historia sagrada, bem como a profana, descreve com enthusiasmo Tyro, essa rainha do mar, que brilhante se elevava na Phenicia não longe da antiga Sidonia. Em que epocha foi Tyro fundada? Ditemos com Quinto Curcio que Sidonia e Tyro tem a mesma origem, ou adoptaremos a opinião de Justino que dá a Tyro os Sidonios por fundadores? Esta ultima hypothese parece a mais exacta; é evidente que Sidonia existia antes de Tyro, no tempo dos patriarchas o seu poder era grande, e até não se faz menção de Tyro no reinado de David; e de mais os poetas antigos, que tem todos cantado Sidonia, apenas se occupam de Tyro; até Homero della não falla. Joseph afirma que Tyro foi edificada no anno do mundo 2700; o testemunho de Herodoto o contradiz: segundo elle a origem de Tyro remontaria ao anno do mundo 4296, seis centos e cincoenta e seis annos antes do deluvio, o que parece impossivel de sustentar-se.

Comtudo tem-se conciliado estas diversas opiniões reconhecendo a existencia de duas cidades de Tyro; uma antiga, conhecida com o nome de Palac-Tyros; outra moderna, chamada simplesmente Tyro. A primeira estava edificada no continente; lá se achava o templo de Hercules, do qual os sacerdotes de Tyro egabaram á Herodoto a antiga fundação. A outra Tyro estava em uma ilha vizinha, e foi para apossar-se della que Alexandre unio, por meio de uma ponte, a ilha á terra firme.

A inaudita prosperidade da antiga Tyro tinha excitado a inveja dos Assyrios e dos Chaldeos; embalde Salmanasar fez guerra aos Tyrios; porem depois de um sitio de trese

annos foram vencidos por Nabuchodonosor, que destruiu a cidade até os alicerces, e expulsou seus habitantes. Esta ruina de Tyro tinha sido predicta pelo propheta Ezechiel; elle exclamára em seu estylo sublime: «Cidade soberba, que repoisas ás bordas dos mares! Tyro, tu, cujo imperio se estende até o coração do mar, ouve o oraculo pronunciado contra ti! Tu estendes teu commercio até as ilhas mais remotas, entre os habitantes de praias desconhecidas. A tua mão converte as faixas de Saniz em navios, os cedros do Libano em mastros, os chopos de Basan em remos. Teus marinheiros assentam-se nos buxos de Chypre, ornados de marfim. Tuas velas e teus pavilhões são tecidos do bello linho do Egypto: teus vestidos são tintos no hyacintho e na purpura do Hellesponto. Sidonia e Arada te enviam seus remeiros, Djebilé seus habéis constructores: teus geometras e teus sabies guiam a proa dos teus navios. Todas as marinhas se empregam em teu commercio: tu tens a teu serviço o Persa, o Lydio, e o Egyptio; tuas muralhas estão decoradas com seus escudos e couraças. Os filhos de Sidonia bordam teus parapeitos, e tuas torres guardadas pelo povo da Phenicia brillam com o fulgor de suas aljavas; todos os povos desejam negociar com teus chefes; Tarso envia a teus mercados prata, ferro, estanho, e chumbo. A Ionia, o paiz dos Moscos e de Teflis, te fornecem escravos e vasos de cobre; a Armenia te envia mulas, cavallos, e cavalleiros; o Arabe do deserto compra tuas mercadorias; ilhas numerosas trocam contigo o ebano e o marfim; os Syrios trazem-te a saphyra, a purpura, os estofos, o linho, o jaspe e os rubins. Os filhos de Israel e de Juda te vendem o trigo, o balsamo, a myrrha e a resina, e Damasco o vinho de Halboun; os Arabes de Oman offerecem a teus mercados o ferro polido e a canna, e o Arabe de Dedan tapetes para teus habitantes se sentarem; os habitantes do deserto pagam com seus carneiros e cabritos tuas ricas mercadorias; os Arabes do Yemen te enriquecem com o commercio de aromas, pedras

preciosas e oiro; os habitantes da Mesopotamia da Syria e da Chaldéa negociam tam-bem contigo, e te vendem chales, capas bordadas, prata, mastros, enxarcias e cedros; enfim os navies tam gabados de Tarso estão a teu serviço, e te obedecem. O Tyro, soberba de tanta gloria e riquezas! em breve as ondas do mar levantar-se-hão contra ti, e a tempestade precipitar-te-ha no fundo das aguas. Então tua fortuna será submergida; contigo percerão teu commercio, teus negociantes, teus marinheiros teus pilotos, teus artistas, teus soldados e o povo de que estão pejudas tuas muralhas. Teus remeiros abandonarão teus navios, teus pilotos sentar-se-hão nas praias com olhos sombrios e eutrestecidos. Os povos que tu enriquecias, os reis que tu saciavas, consternados de tua ruina, lançarão gritos de desesperação; e pejudos de tristeza cortarão os cabellos, lançarão cinza sobre a fronte descoberta, e se revolverão no pó, dizendo: Quem jamais igualou a Tyro, essa rainha dos mares?»

Este precioso documento dá, como se vê, noticias curiosas sobre as transacções commerciaes dos Tyrios. Não se encontra na antiguidade vestigio algum do commercio maritimo antes das navegações de Salomão; é com tudo incontestavel que os Hebreos o tinham posto em pratica, fracamente, é verdade, em relação com seus vizinhos. Os Egyptios e os Phenicios occupam o primeiro logar entre os antigos navegantes. Na enumeração que fizeram os Gregos das nações que tinham obtido o imperio do Mediterraneo, apenas collocaram os Phenicios na septima classe, e os Egyptios na oitava; porem estes dados dos Gregos são inexactos, e sua refutação acha-se na Escripura Sancta.

Os Egyptios e os Phenicios tinham repartido entre si o commercio do mar; os Egyptios negociavam com o Oriente pelo mar Vermelho, os Phenicios com o Occidente pelo Mediterraneo. Os Tyrios, que apenas possuíam uma pequena lingua de terra no continente, fundaram todavia Carthago, Utica, Cadix; o grande poder, a que chegaram, teria jus á nossa admiração si na epocha moderna, não tivéssemos visto os Hollandeses, habitantes de um paiz pantanoso, em parte usurpado ao mar, levar ao longe seu dominio industrial. Tal era a pequenez do reino de Tyro, que Salomão, querendo consolidar sua alliança com o rei Hiram, lhe fez presente

de vinte povoações eguaes em estensão a maravilhosa monarchia, berço do commercio e das artes.

Depois da victoria de Nabuchodonosor, os Tyrios dispersos refugiaram-se na ilha vizinha, ali edificaram uma cidade, e esta nova Tyro cedo excedeo a antiga cidade em esplendor e magnificencia, ate depois das devastações de Alexandre e dos Macedonios. Os habitantes primitivos de Tyro adoravam Baal e Hercules; o Christianismo alli penetrou desde os primeiros tempos de sua pregação, na idade media, mostrava-se aos peregrinos uma pedra sobre a qual, segundo se dizia, Jezus Christo tinha descansado. A religião christã fez tamanhos progressos entre o povo, que, no tempo dos imperadores de Roma, a maior parte dos Tyrios se votaram ao martyrio para não queimarem incenso diante de ridiculos idolos. No tempo das cruzadas, Tyro, então sujeita aos infieis, foi duas vezes sitiada pelos Christãos. A primeira tentativa, no tempo de Balduino I, foi infructuosa; a segunda, em 1124, sortio effeito, depois de quatro mezes e meio de um assedio longo e trabalhoso. A situação da cidade, rodeada por todas as partes de rochedos e de cachopos á flor d'agua, era formidavel; um triplice muro a cingia; do lado da terra, era protegida por altas torres, e um fosso largo e profundo. Os Cruzados a levaram de assalto, fizeram grande mortandade nas tropas egypcias, e nas do sultão de Damasco. Depois da tomada de S. Joã d'Acre, em 1291, os fieis de Tyro, atterrados das crueldades que os turcos lá tinham commettido, embarcaram-se em seus navios e abandonaram a cidade; os Sarracenos demoliram-n'a e não deixaram pedra sobre pedra, um só monumento inteiro.

Hoje o porto de Tyro está de tal sorte obstruido pela areia, que as creanças o atravessam apenas com agua pelo meio da perna; duas torres, que lhe defendiam a entrada, ainda subsistem; destas torres começa uma linha de muros que rodeavam a cidade, e a abrigavam contra qualquer ataque; ainda se vê, na praia, seus antigos alicerces. A população da aldéa consta de sessenta familias pobres, que habitam pardieiros meio-arruinados; vê-se os restos de uma igreja christã e duas bellas columnas de granito, com as quaes Djezzar quiz ornar sua mesquita d'Acre, mas é tal o seu peso que nunca poderam conseguir levá-las, ellas affrontaram seus esforços.

Assim o tempo, em sua marcha inflexível, tudo aniquilou, tudo destruiu; o antigo esplendor de Tyro se escureceu, suas pyramides e seus palacios estão por terra, suas columnas de jaspe e de porfido estão sepultadas na areia; suas fortes muralhas foram derribadas, e os poucos fragmentos, que ainda restam, só servem para estender e secar as redes dos pescadores. Digamos pois de Tyro o que o Tasso escrevia de Carthago:

..... *appena i segni*
Dell'alte sue rovine il lido serba.
Muoiono le città muojono i regni;
Copre i fasti e le pompe arena ed arba;
E l'uom d'esser mortal par che si sdegni:
O nostra mente cupida e superba!

• O chaõ conserva apenas suas nobres ruínas e seus restos. As cidades, os reinos acabam; a herva e a areia tornam a cobrir os pomposos monumentos do fausto; e o homem se envergonha de ser mortal! Egoísmo e orgulho de nosso espirito!

R. A. C.

COSTUMES CORSEGOS.

..... Um assassinato impune era motivo para outros assassinatos; os offendidos, insultados por um inimigo, que com orgulho ostentava o sangue de que se tingira, mutuamente se faziam a justiça que pelo governo lhes era negada. Em breve tempo pagavam-lhe em igual moeda, e depois por seu turno era também pago, de tal sorte que um homicídio impune arrastava após si trinta ou quarenta outros, que tantas outras famílias lançava em consternação.

Um homem que exercia um cargo superior na administração do exercito francez na Corsega, no tempo da guerra de 1738, que por diversas vezes percorrera a ilha em todos os sentidos, e que por mais de dous annos vivera entre seus habitantes, escreveu uma historia pouco conhecida, e que entretanto merece ser-lhe. Essa ocular testemunha pinta com vivas cores as paixões vingativas do Corsego, a educação de seus filhos, alimentados no odio de um inimigo e na sede de sangue, o furor dessas mulheres que, a ponto de perderem um irmão, um amigo, um amante, os instigavam á vingança; dizendo-lhes: " *Non sielè uomo, se non ne fate*

la vendetta." O mesmo historiador affirma que a paixão da vingança não faz commetter ao Corsego uma baixesa, e entregar o seu mais ligadal inimigo a justiça para o fazer enforcar ou açoitar, se estiver no caso de soffrer qualquer desses castigos. Vi offerecer sommas consideraveis, diz elle, a pessoas pobres e miseraveis para lhes fazer revelar o escondrijo de certos bandidos, contra quem tinham alguma *inimicitia di sangue*: repelliam tal proposição como uma affronta. Cheguei mesmo a empregar, em muitos desses casos, toda a minha rhetorica para os convencer (promettendo-lhes grande recompensa) de nos fornecer os meios de capturar certos criminosos, de que queriamos expurgar o paiz, affiançando-lhes inviolavel segredo; e elles respondiam que não o fariam ainda mesmo a troco da mais consideravel fortuna.

Um facto mais curioso, e ainda mais caracterisco, é narrado por um historiador fidedigno. Na epocha em que as tropas francesas se achavam na ilha, auxiliares da republica de Genova, e por conseguinte inimigos dos Corsegos, dous desertores do regimento de Flandres internaram-se pelos bosques para ali procurar azylo. M. de Nozières, seu coronel, que nesse mesmo dia fazia parte de uma caçada, foi pelo acaso conduzido sobre suas pegadas. Os dous desertores que de tal se aperceberam esconderam-se em uma lagõa coberta de arbustos.

Infelizmente porem tinham sido vistos por um pastor da vizinhança, cujos gestos denunciaram o logar de seu retiro. Conduzidos a Ajaccio, e condemnados á pena ultima, foram fusilados. Entretanto o pastor, que recebera quatro luizes em premio de sua denuncia, narrou a aventura, que teve logo em Ajaccio toda a possivel publicidade para inspirar aos soldados um salutar temor, e persuadir-lhes que em sua deserção não seriam favorecidos pelos naturaes do paiz. Grande foi a indignação da familia do pastor sabendo de tal acto de baixesa. Seus parentes reuniram-se e decidiram que não deviam deixar viver um homem, que deshonrou sua nação e sua familia recebendo o preço de sangue.

Pronunciada que foi esta sentença, empenharam-se em prosegui-la, apossaram-se do pastor, conduziram-no até juncto dos muros d'Ajaccio, e depois de haverem-no confiado por alguns instantes aos cuidados de um religioso, que comsigo trouxeram pa-

ra confessional-o, fusilaram-no á maneira dos Francezes, ao mesmo tempo que eram fusilados os dous desertores. Depois da execução entregaram os quatro luizes ao confessor, encarregando-o de restituil-os aos officiaes que os haviam dado. *Julgariamos*, lhe disseram elles, *manchar as nossas mãos e nossas almas, se guardassemos este dinheiro de iniquidade; é mister que elle não sirva a pessoa alguma de nossa nação.*

Similhanes caracteres certamente não pertencem á historia de um povo vulgar, e ao mesmo tempo que desenvolvem uma especie de grandeza d'alma, que sem duvida participa de alguma ferocidade, e apoiam a opinião que temos emitido, de que a vingança corsega é menos a satisfação de um instincto de perfidia, do que uma erronea applicação do principio pelo qual se julgam auctorizados a fazer-se mutuamente justiça. O facto que acabamos de narrar pôde mesmo ser considerado como um principio mais geral, o direito de fazer justiça em todo o caso em que as leis não a fazem.

Diodoro da Sicilia, e depois d'elle Philippini, observaram esta mescla no caracter dos Corsegos, desconhecida ainda depois, porem que não escapou a recentes observações.

«No meio de sua profunda ignorancia, os Corsegos, diz Philippini, tem um respeito religioso pela justiça, principalmente quando é administrada com imparcialidade e sem distincção de pessoas.» Ha tresentos annos um administrador que tinha sido sub-prefeito na Corsega, M. de Beaumont, escrevia: «Se depois de o haver (o Corsego) escutado com attenção, lhe provarmos que errou, submete-se; porque sabe respeitar a lei apenas ella claramente se patenteie aos olhos.» Um antigo conselheiro da Corte real da Corsega, L. Réalier-Dumas, também affirma que um magistrado imparcial não corre o menor perigo na Corsega: «Será sollicitado, importunado, talvez ameaçado, porem se cumpre com seu dever, nada tem que receiar. Presidi por espaço de quatro annos o Tribunal criminal, quando estive na Corsega. Cruzei-a em todos os sentidos, quasi sempre só e sem armas; passei vinte vezes por meio de pessoas, a quem tinha condemnado por contumacia, e nunca aconteceu-me cousa alguma. Em um dos paeses mais perigosos, Olmetto, achava-me em caza de senhor de Pianelli; quando vi chegar-se a mim um ho-

mem acompanhado de muitos outros. «Perdi um processo, disse elle, que me arruinou, e fostes vós que m'o fizestes perder... Porem como só escutestes a vossa consciencia, sois um homem de bem. Eu e os meus parentes vimos offerecer-nos para vos acompanhar.»

O mesmo M. Réalier-Dumas refere o que se segue: «Estava, uma tarde em Ventiserri, em casa de M. Batessi; iam-nos pôr á meza, quando entrou um homem armado dos pés até a cabeça, e lhe disse: De h'je em diante a nossa familia se acha em inimidade com a vossa; tendes oito dias para avizar os vossos parentes, findos os quaes acautelai-vos, que nós também nos acautelaremos.»

Ao nouo dia roubaram a M. Batessi alguns bois.

A vingança corsega não somente se exerce de individuo para individuo, porem de familia para familia, e mesmo de districto para districto, tanto sobre as propriedades como sobre as pessoas. Tem alguma cousa de duelo, alguma cousa de guerra civil: tem a provocação, as emboscadas, as desistencias, as treguas, os tratados de paz. Um corsego que estivesse em *vendetta* contra alguem, julgar-se-hia infamado se o matasse sem o prevenir; seria isso uma vil traição a seus olhos e aos de seus compatriotas. Eis aqui um facto narrado por M. Réalier-Dumas:

Um camponez voltava de Bastia á sua aldeia. Foi sorprendido pelo máo tempo; sobreveio a noite, e elle perdeu-se. Finalmente ao clarão dos relampagos pôde lobrigar uma casa; correo á ella, e batteo, era a de seu mais cruel inimigo. «Entra, lhe disse o dono da casa, serve-te de minha ceia, e de minha cama; amanhã, se o tempo o permittir, proseguirás teu caminho.» Finda a ceia deitaram-se junctos, e no dia seguinte o viajante voltou tranquillamente para sua casa. Alguns dias depois foi assassinado pelo mesmo homem que tam generosamente o hospedara.

Aquelles que attribuem a vingança corsega a uma tendencia innata de ferocidade, enganam-se. Deixam-se levar pela apparencia e não procuram penetrar as cousas profundamente; repetem uma opinião geral e não procuram indagar a natureza de um sentimento, que pode ser o resultado de muitos sentimentos, cuja complicação difficil é deslindar. Por exemplo uma falsa sas-

ceptibilidade de honra cauza a *vendetta* na Corsega, como em qualquer outra parte motiva duelos. Um corsego está convencido de que fica deshonrado aos olhos de seus compatriotas se renuncia á vingança de uma

injuria, que a lei não punio; assassina para conservar a honra.

(Concluir-se-há.)

VARIEBADES.

—*Suicidio de nova especie.*— Alem de tantos outros desastres, que os caminhos de ferro tem trazido consigo, dotou o mundo com um novo genero de suicidio. Em meados de abril duas moças de Berlim, desviavam-se obra de meia legua da cidadela, e quando viram chegar o comboi, collocavam sobre o carril graciosamente as cabeças, que foram immediatamente decepadas pela machina locomotora.

Achia-se hoje na Allemanha muito em moda este meio de suicidio, e tem se verificado vinte suicidios deste mesmo modo, e no mesmo logar!

Estas duas infelizes eram irmans, e havia um mez que um irmão das mesmas se tinha tambem suicidado.

—*Monumentos*—Acaba a cidade de Leipzig de votar a quantia de 15000 thalers para levantar-se uma estatua em memoria do celebre philosopho Leibnitz.

—Tambem falla-se em Amsterdam de levantar outra ao grande Spinoza, creador da philosophia moderna. A universidade de Berlim, e o rei de Hollanda, dizem, que contribuiu para a mesma.

—*Rapidez de communicações.*—Os jornaes estrangeiros dão noticia de tres projectos gigantescos, que ainda mesmo quando não passem de projectos são admiraveis pela idea, e curiosos de saber. Não quero privar os leitores do ARCHIVO da noticia delles. Um desses projectos é-nos communicado pelo *Standart*, e vem a ser a communicação de Londres com Paris por meio de um telegrapho submarino, com o qual estas duas cidades se podessem comunicar instantaneamente. Falla o jornal inglez mui seriamente d'estes projectos de telegraphia

Diz ter-se já procedido á investigações preparatorias; como o de sondar o estreito, que divide estes dous paizes, Inglaterra e Farnça. Sobem-se e descem-se as alturas mais ingremes sem perigo.

Cada roda tem cinco pés de diametro. Este novo systema é util egualmente sobre os carris-de-ferro e pelas estradas ordinarias. O mechanismo com que mr. Bunger governa a sua carruagem, é de tal modo simples que á primeira vista se percebe logo como se ha de fazer para ella avançar, voltar, recuar e parar. Uma d'estas carruagens experimentada já n'um carril de ferro, e que levava 18 quintaes de peso, venceo o espaço de uma milha em 24 minutos.

—Em uma brochura ultimamente publicada pelo Barão Carlos Dupin, membro do concelho do almirantado, intitulada—*Observations d M. M. les deputés sur le nombre des vaisseaux et des fregates qui conviend à la France*—encontraõ se notas importantissimas sobre o estado actual da marinha franceza, comparado com o de epochas mais remotas d'esd'o reinado de Luis XIV:

Em 1680, no tempo de Luis XIV, tinha a França 100 vasos de linha, e 66:000 praças maritimas.

Durante a regencia, com o ministerio Fleury, a decadencia da marinha franceza foi tal, que apenas se contava nos portos militares um só vaso, e esse já velho.

No reinado de Luis XVI, em 1780, havia 81 vasos de linha, e 100:000 praças.

No tempo do Imperio, contava-se 108 navios, e 120:000 homens.

Em 1824, reinando Luiz XVIII, 53 vasos e 65:000 homens.

Em 1836, governando já Luiz-Philippe, 53 navios e 90:000 praças.

Emfim em 1846, contaõ-se 36 vasos, e 113:000 homens.

—O Iodureto de Potassium, esse medicamento hoje tão conhecido, e de tanta utilidade, encontra-se já, como muitas outras substancias, falsificado em consequencia do seu grande consumo, e do subido preço por que se vende: é mais um objecto de que se tem aproveitado os traficantes para saciarem a sua cobiça, especulando por esta forma com a saude de seus semelhantes. O Iodureto Potassico neste estado contem uma proporção notavel de carbonato de potassa, e os seus christaes differem muito dos christaes no estado de pureza, sendo aquelles mui pequenos, e humedecendo mui facilmente só com a exposição ao contacto do ar.

Dissolvida esta substancia, assim falsificada, em agua distillada, dá pela agua de cal um precipitado branco que, posto em contacto com o acido sulphurico, desenvolve uma viva effervescencia. O sulphato de ferro no estado liquido lançado neste soluto dá logar ao apparecimento d'um precipitado abundante.

—Na occasião da morte do Papa Gregorio XVI, compunha-se o Sacro-Collegio de 62 cardeaes, sendo 6 bispos, 48 padres; e 8 diaconos. Dois d'elles inda erão da nomeação de Pio VII, sete de Leão XII, e 53 de Gregorio XVI. Pertenciam aos Estados seguintes.

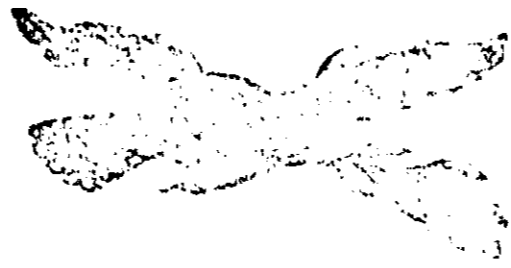
Cardeaes dos Estados da Igreja—31:—Italianos dos Estados da casa d'Austria—7;—Austriacos—2;—dos Estados da Sardenha—7;—das Duas Sicilias—6;—de Toscana—2;—Francezes—3;—Hespanhol—1;—Portuguez—1—Inglez—1;—Belgas—10.

Para a eleição do novo Papa, achavam-se em Roma 33 cardeaes: 29 estavam auzentes.

INDICE.

Destino das Cidades.	Pag.	149
Memorias d'Agapito.	„	151
O Amor hymno (Poesia)	„	155
Nisi ta	„	157
Biographia—M. de Chateaubriand.	„	161
Tyro.	„	164
Costumes corsegos.	„	166
Variedades.	„	168





AVISOS.

—A publicação do *Archivo* será mensal: sahirá á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte a vinte e quatro paginas de impressão, cada numero comprehendendo duas secções, uma de litteratura, e outra de Sciencias, ficando uma pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da Sociedade.

A Associação Litteraria Maranhense offerece as columnas do *Archivo* ás pessoas, que nellas quizerem imprimir alguma obra respeitand'o á instrucção, moral, e recreio, sendo approvada pela Commissão Revisora.

Subscryve-se para este Journal, nesta Cidade em casa do Editor, Travessa do Sineiro n.º 1; e em casa dos membros correspondentes, em Acajutuba Thomaz Ferreira Gateres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupú, Padre Manuel Altino Barbosa, e Antonio Joze de Carvalho Pires Lima; no Marim, Tenente-Coronel Manuel Lourenç Bégua; no Codo, Rymundo Joze de Souza Gayoso; no Itapucú-d-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova; em Pernambuco (Olinda) Joze Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Joze d'Almeida; no Pará, Joaquim Correia de Magalhães, e André Carneiro Benjamina, em Bragança na mesma Provincia, Padre Manuel Joze da Matta; e no Piahy (Pety) Capitão Mexanore d'Ararjô Costa.

PREÇO.

Por anno, 12 numeros—4\$000

Por semestre, 6 dictos 2\$400

pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.

Para o interior, e fora da Provincia 5\$000 por anno.

REVISTA ACADEMICA.

Subscryve-se para a REVISTA ACADEMICA, jornal litterario e scientifico, publicado em Coimbra, no escriptorio do Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, rua de Sanct'Anna. Consta de 24 numeros por anno, contendo cada numero deseseis paginas em 4.º—Preço d'assignatura 3\$000 reis annuaes.—

O CREPUSCULO.

Subscryve-se para O CREPUSCULO, periodico instructivo e moral do Instituto Litterario da Bahia, publicado duas vezes por mez, em casa do Membro correspondente daquelle Instituto, nesta cidade, Augusto Frederico Colin, Travessa do Sineiro n. 1. Publica-se no dia 10 e 25 de cada mez, constando cada numero de 16 a 20 paginas, formato pouco mais ou menos como o do *Archivo*, mudamente impresso. Preço d'assignatura 3\$000 reis por semestre.

O PHILEIDEMON.

Na mesma casa subscryve-se para O PHILEIDEMON, periodico scientifico e litterario, publicado pelos Academicos de Olinda, uma vez por mez, em 4.º tendo principiado em Junho ultimo. Preço d'assignatura 2\$500 reis por semestre.

1 8 4 6

D E Z E M B R O = N . 9

O ARCHIVO.



JORNAL SCIENTIFICO E LITTERARIO.

DA

ASSOCIAÇÃO LITTERARIA MARANHENSE.

DEZEMBRO—1846.—VOLUME 1. —N. 9.



COLLABORADORES.

Illms. Snrs.

Dr. A. Theophilo de Carvalho Leal.
A. Curcino Benjamin.
Dr. A. Carneiro H. de Sampaio Major.
Dr. A. Gonçalves Dias.
A. Henriques Leal.
A. R. de Torres Bandeira.
Dr. Antonio Rego.
A. C. dos Reis Raol.
A. Frederico Colza.

Illms. Snrs.

Dr. F. José Corrêa.
Dr. G. de T. O. Maciel da Costa.
J. Tel. Fegado.
J. J. Ferreira Valle.
M. J. Pereira.
M. Benicio Fontenelle.
Dr. F. A. de Carvalho Reis.
Dr. R. J. Faria de Mattos.
R. Augusto Colin.

MARANHÃO.

TYPOGRAPHIA MARANHENSE, PRAÇA DE PALACIO, CASA N.º 40.

IMPRESSO POR ANTONIO JOSÉ DA CRUZ.

1846.

SOUZA & CO. TI.

Membros effectivos e funcionarios.

Presidente—	Illm. Sr.	Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leah.
Secretario—	»	Augusto Frederico Collin.
	»	Augusto Cesar dos Reis Raioh.
Commissão Revisora	}	Antonio Henriques Leal.
Thesoureiro		Joze Tell Ferrão.
Editor		Roberto Augusto Collin.
		Dr. Antonio Gonçalves Dias.
		Dr. Antonio Rego.
	»	Luiz Antonio Vieira da Silva.

Membros Honorarios.

Illms. Srs.

Dr. Antonio Borges Leal de Castello Branco.
 Dr. Antonio Carneiro Homem de Souto Maior.
 Dr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes d'Abreo.
 Dr. Ayres de Vasconcellos Cardoso Homem.
 Antonio de Vasconcellos Menezes de Drumond.
 Dr. Carlos Fernando Ribeiro.
 Dr. Casimiro José de Moraes Sarmiento.
 Dr. Domingos Joze Gonçalves de Magalhães.
 Tenente Coronel Fernando Luiz Ferrelira.
 Dr. Francisco Joze Furtado.
 Dr. Frederico Joze Corrêa.
 Dr. Gregorio de Tavares Ozorio Maciel da Costa.

Illms. Srs.

Dr. Isidoro Emilio Baptista.
 Dezembargador João Candido de Deus e Silva.
 Dr. Joze Hermenigildo Xavier de Moraes.
 Major Joze Joaquim Rodrigues Lopes.
 Dr. Joze Ricardo Jauffret.
 Dr. João Lustosa da Cunha Paranaguá.
 Conego Luiz Barroso de Bastos.
 Dr. Manuel Jansen Pereira.
 Dr. Pedro Nunes Leal.
 Dr. Raymundo Joze Faria de Mattos.
 Dr. Tiberio Cesar de Lemos.

Membros Correspondentes.

Illms. Srs.

Capitão Alexandre d'Araujo Costa.
 Alvaro Duarte Godinho.
 André Curcino Benjamin.
 Antonio Joze de Carvalho Pires Lima.
 Antonio Rangel de Torres Bandeira.
 Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova.
 Cypriano Fénélon Guedes Alcanforado.
 Estevão d'Albuquerque e Mello Montenegro.
 João Pedro dos Santos.

Illms. Srs.

Joaquim Corrêa de Magalhães.
 Joze Joaquim Ferreira Valle.
 Padre Manuel Altino Barbosa.
 Padre Manuel José da Motta.
 Tenente Coronel Manuel Lourenço Bogéa.
 Dr. Pedro Joze d'Abreo.
 Raymundo Joze de Souza Gayoso.
 Thomas Ferreira Guterrea.

NISIDA.

(Por Pier—Angelo Florentino.)

III.

1825.

—A noite que se seguiu a da conversação, que tivera com o estrangeiro, foi para Nisida uma noite de insomnia. Sua repentina appareição, estranho trajar, e extravagante linguagem, despertaram n'ella um vago sentimento, que lhe dormia no fundo do coração. Estava então em todo o viço da mocidade e de sua corascente belleza. Não era ella equal a essas fracas e timidas naturezas acabrunhadas de soffrimentos, e martyrizadas pelo despotismo. Tudo que a cercava, pelo contrario, tinha contribuido para que o seu destino fosse tranquillo e sereno: tinha se desenvolvido sua candida e terna alma em uma atmospherá de felicidade e paz. Se ainda não tinha amado, não devemos acuzal-a de fria, mas sim aos habitantes de sua ilha de excessivamente timidos. O cego e profundo respeito que acereava o velho pescador, tinha traçado em redor de sua filha um circulo de estima e submissão, que ninguém ousava franquear. Salomão conseguira á força de economia e trabalho uma riqueza, que enrubecia a pobreza dos outros pescadores. Se ainda não tinham pedido a Nisida em casamento, era porque não se julgavam dignos de merecel-a. D'entre todos os seus admiradores o unico, que ousara declarar-lhe a sua paixã d'um modo ostensido foi Bastiano, o mais caro e dedicado amigo de Gabriel; mas esse pouco lhe aprazia. De mais, confiada em sua belleza, e sustentada por essa esperança mysteriosa, que nunca abandona a mocidade, se resignára em a guardar, como a filha d'um rei, que vê chegar o noivo de paiz estrangeiro.

Sahira da ilha pela primeira vez em toda a sua vida, no dia da Assumpção, tendo-a designado a sorte de entre todas as raparigas do reino votadas por suas mães á especial protecção da Virgem. Mas oppressa pelo pezo de papel tam novo para ella, co-

rada e confusa dos olhares da immensa turba, se apenas ousou levantar os espantadiços olhos, as grandezas da cidade certamente passaram-lhe por deante como um sonho, de que só lhe restava vaga lembrança.

Quando notou a presença d'este bello mancebo de tam esbelta e elegante fórma, e de tam nobre e desembaraçado garbo, que contrastava com a timidez e desgeito dos outros seus amantes, sentio-se apoderada de interior perturbação, sem-duvida julgaria que seu principe era chegado, se não fosse dezagradavelmente ferida pela pobreza do seu trajo. Com tudo, deixou-se ficar mais tempo a escutal-o que era precizo, e retirou-se com o peito oppresso; as faces affogueadas, o coração penetrado de surda e pungente dor. Talvez que morresse de temor, se podesse advinhar a verdade.

—Se meu pae não consentir no nosso matrimonio, dizia consigo mesma, agitada pelo primeiro remorso em sua vida, eu terei obrado mal em lhe fallar. Mas é tam bello!

Então ajoelhou-se deante da Virgem, que era a sua unica confidente, porque a pobre rapariga não conhecera sua mãe, e tentou contar-lhe os tormentos de sua alma, porem nunca pôde findar sua oração: as ideas confundiam-se-lhe na mente, e ella admirava-se de pronunciar palavras estranhas. Certamente, a Sancta-Virgem teve compaixão de sua bella protegida; porque ella se levantou com a impressã d'um consolador pensamento, e decidida a confiar tudo de seu pae.

Um só momento não posso duvidar da ternura de meu pae, dizia ella se desatacando. Pois bem! se me prohibir de fallar-lhe; será para meu bem. Na verdade, e a primeira vez que o vejo, accrescentou ella deitando-se na cama, e agora que penso em tal, acho-o bastante temerario de ter ousa-

do fallar-me: quasi que desejo mofar d'elle: com que segurança recitava suas parvoices, e como volvia elle os olhos de uma maneira tam ridicula; porem em verdade são mui bellos, e tambem sua boca, testa e cabellos! Não duvido que eu tenha observado suas mãos, que, na realidade, eram mui brancas, quando as alevantava elle para o céu como um louco, percorrendo a praia. Então não vá elle me roubar o somno! Porque gravou-se assim a figura d'este mancebo em meu espirito? Não quero mais vê-lo! exclamou ella, puxando para cima da cabeça o lençol a modo de ira infantil. Depois, poz-se a rir de vagar do traje de seu noivo, e por muito tempo reflectio sobre o que diriam suas companheiras. Subito sua fronte s'enrugou dolorosamente, um pensamento horroroso se introduzira em sua alma, e toda ella estremeceu de susto. — Se achar outra mais bonita do que eu. São os homens tam tolos! Certamente que faz hoje muito calor, e que não poderei dormir.

Então sentou-se no meio da cama, e continuou até pela manhã o seu monologo, cuja leitura poupamos ao leitor. Apenas o primeiro raio do dia, philtrando por entre os ramos entrelaçados do jasmineiro, vascillava no meio do quarto, deo Nisida pressa a vestir-se, e foi como de costume apresentar a fronte ao beijo paterno. Notou logo o velho o abatimento e a fadiga, que a insomnia produsira no rosto de sua filha, e apartando com atemorizada ancia as bellas madeixas negras, que lhe cobriam as faces:

—Que tens, minha filha? disse-lhe elle, não dormistes bem?

—Nem um só momento; replicou Nisida, sorrindo-se para tranquillizar seu pae; mas passo excellentemente, e quero confessar-te uma cousa.

—Falla de pressa, minha filha; pois que morro de impaciencia.

—Talvez comettesse eu um erro; mas quero que d'antemão promettas, que me não has de ralhar.

—Sei perfectamente que te mal-crio, disse o velho acariciando-a; logo não começarei hoje a fazer-me severo.

—Um mancebo, que não é d'esta ilha, e cujo nome me é desconhecido, fallou-me hontem a noite, em quanto eu tomava ar na saccada.

—E que cousa urgente tinha elle que te dizer, minha cara Nisida?

—Rogou-me que te fallasse em seu favor.

—Escuto-te. Em que lhe poderei ser util?

—Ordenar-me que o espose.

—E de boa-mente obedecer-me-hias?

—Creio que sim, meu pae, disse a moça com candura. De mais, julgaras tu mesmo em tua sabedoria; porque quiz fallar-te antes de conhecê-lo, afim de não prolongar uma practica, que poderias reprovar. Mas ha um obstaculo.

—Sabes que não o noto, quando se tracta de tua felicidade.

—É pobre, meu pae.

—Pois bem, é mais uma rasão para que o estime. Aqui ha trabalho para todos, e bem póde minha meza offerecer logar para terceiro filho. É moço, tem braços; e sem duvida algum estado?

—É poeta.

—Pouco monta; dize-lhe que me venha fallar-me, e, se for rapaz honrado, prometto-te minha filha, que farei tudo quanto puder para apressar a tua felicidade.

Nisida abraçou seu pae com effusão, e não ficou todo o dia possuida d'alegria, esperando com impaciencia a noite para dar tam agradavel noticia ao mancebo. Não agradou a Eligi de Brancaleone, como podeis crê-lo, a magnanimidade do pescador para com elle; mas seductor consumado, mostrou-se maravilhado. Não olvidando o papel d'estudante phanatico e de poeta arruinado cahio a seus pés e declamou um fervente agradecimento ao astro de Venus: e depois, endereçando-se à moça, ajunctou com voz mais serena, que, ia immediatamente escrever a seu pae para que viesse no fim da semana pedil-a formalmente. Que, rogava-lhe encarecidamente, em quanto seu pae não chegasse, não o apresentasse a Salomaõ, nem a outra qualquer pessoa da ilha, pretextando certo pejo, que sentia por causa de seus vestidos velhos, e assegurando a sua noiva, que seu pae lhe trasia uma completa vestimenta para o dia das nupcias.

Em quanto caminhava a infeliz para a borda do abysmo com espantosa confiança, Trespolo, conformando-se à vontade do amo, se introduzira na ilha a titulo de peregrino de Jerusalem. Desempenhando maravilhosamente o seu papel e adubando seus discursos com phrases biblicas, por já ter servido de sachristaõ, distribuia largamente amuletos, pão da verdadeira cruz, leite da Virgem sanctissima, e todos esses enxergoteis thesouros, de que diariamente se nutre a vida da devoção dos pobres credulos. Eram

tanto mais authenticas as suas reliquias, que as não vendia, e, supportando sanctamente sua pobreza, agradecia aos fieis, e recusava as esmólas. Unicamente em attenção á virtude experimentada de Salomaõ, consentira em participar do pão do pescador, e ia comer á sua caza com regularidade de deenobitica. A todos maravilhava sua abstinencia; bastava ao sancto homem para fazel-o viver, isto é, afim d'impedil-o de morrer, uma codêa de pão molhada em agôa. Por cima Nisida divertia-se com suas narrações de viagens e predições mysteriosas. Infelizmente só apparecia de tarde; porque passava a outra parte do dia em orações e macerações; isto é, a consolar-se occultamente da frugalidade, que ostentava em publico, embebedando-se como um turco e roncando como um bufalo.

Na manhã do septimo dia, depois da promessa, que o principe fizera, Brancaleone entrou no quarto do creado, e sacodindo-o asperamente, lhe gritou ao ouvido:

—Levanta-te, vil arganás.

Trespolo, accordado de sobresalto, esfregava com espanto os olhos. Os mortos tranquillamente deitados no fundo dos ataúdes, no ultimo dia não haõ de ser tam contrariados, quando a trombeta do juizo vier arrancar-os do somno. Comtudo, o medo dissipando immediatamente o nevoeiro fuliginoso, que se lhe derramara polo rosto, assentou-se e perguntou d'algum modo perturbado:

—O que acontecêo, excellentissimo?

—O que acontecêo? é que eu mandar-te hei esfolhar vivo, se não perderes esse detestavel habito de dormir vinte horas por dia.

—Eu não dormia, meu principe, bradou o creado com arrogancia, saltando fóra da cama; eu meditava.....

—Escuta-me, disse o principe desabridamente. Tu estivestes, segundo julgo, empregado em uma botica.

—Sim, mosenhor, e abandonei-a porque meu patraõ tinha a insigne barbaridade de por-me a triturar drogas, o que fatigava-me horriavelmente os braços.

—Eis-aqui uma garrafinha, que contem uma dissoluçãõ d'ópio.

—Por piedade! clamou Trespolo ajoelhando-se.

—Levanta-te, imbecil, e attende bem no que vou dizer-te: essa tolinha de Nisida obstina-se em pretender que eu falle a seu pae.

Persuadia que partiria esta noite afim de procurar meus papeis. Não se deve desperdiçar um só momento. Tu és mui conhecido em caza do pescador. Lançarás este licor no vinho; tua vida me garantirá de que não excedas a dóse necessario para causar profundo somno. Terás cuidado de me preparar uma boa escada para esta noite; depois d'isto, me iras esperar no escaler, onde encontrarás a Numa e Bonaroux. Já lhes dei as ordens precisas. Não carecerei de ti para a escalada; porque tenho o meu punhal de Campo-Basso.

—Porem, mosenbor, balbuciou Trespolo aterrorisado.

—Não quero empecilhos, bradou o principe battendo colericamente com o pé, ou senão, pela morte de meu pae, te curarei de todos os escrupulos—E voltou-se para o outro lado como um homem, que tem a convicção de suas ordens serem cuidadosamente cumpridas.

Trespolo executou fielmente as expressas ordens do amo; porque o medo n'elle excedia a tudo mais. Nessa noite foi tristissima a cêa do pescador, e o falso peregrino de balde tentou reanimal-a com sua jovialidade facticia. A partida do noivo tinha preoccupado a Nisida, e Salomaõ, participando da dor da filha sem que ella o soubesse, tragára apenas algumas gotas de vinho para não resistir ás reiteradas supplicas de seu hospede. Gabriel partira com Bastiano de manhã para Sorrento, e não devia estar de volta senão d'ahi a dous ou tres dias; esta ausencia augmentava ainda mais a melancolia do velho. Assim que Trespolo sahio, succumbio logo o pescador á fadiga. Nisida com os braços pendurados, a cabeça pesada e o coração cerrado de triste presentimento, teve apenas força de subir para o quarto, e, depois de ter machinalmente aticado a alampada, cahio no leito pallida e direita como se estivesse morta.

A borrasca rompêo impetuosamente; era uma d'essas terriveis borrascas, que só se vêem no meio-dia, quando as nuvens junctas, abriado-se subitamente, derramam torrentes de chuva e granizo, e fazem reccar novo deluvio. De cada vez se ouvia mais distinctamente o rimbombo do trovão, semelhante ao estampido d'uma descarga d'artilheria. Esse golpho, outr'ora tam sereno e unido, que bem podia a ilha n'elle mirar-se como n'um espelho, repentinamente ennegrecêo-se; as encapeladas e furiosas ondas

abalroavam-se quaes desgadelhados corseis; tremia a terra horrivelmente agitada.

Os mais intrepidos pescadores tinham retirado seus barcos da água; e, fechados em suas cabanas, animavam o melhor possível as mulheres e filhos amedrontados.

Via-se no meio da profunda obscuridade, que reinava no mar, a alampada de Nisida, que ardia defronte da *Madona*, scintillar clara e límpida.

Dous barcos sem lemes, sem velas e sem pás, sossobrados pelas vagas e battidos pela rajada, gyravam em cima do abysmo; n'elles estavam dous homens em pé, com os musculos hirtos, os peitos nus e os cabellos abandonados ao vento. Estavam com as mãos dadas para que seus barcos não se affastassem e olhavam o mar com sobranceira como que desafiando a tempestade.

—Peço-te ajuda uma vez, que me deixeis, Gabriel, exclamava um dos homens; affianço-te que com os meus dous remos quebrados e alguma perseverança chegarei a Torre antes do alvorecer.

—Estás louco, Bastiano; não vês qu'inda não pudemos approximarmo'-nos de Vico, e que tuas destreza e vigor de nada tem servido contra esta horrível tormenta; que nos rechaçou até'qui?

—É a primeira vez que recuzas acompanhar-me, observou o mancebo.

—Oh! Sim, meu caro Bastiano; não sei o que me impelle esta noite para a ilha com irresistível força. O vento sopra com violencia para ahí levar-me máo grado meu; e confesso-te, ainda que me tenhas por louco, que prevejo uma ordem do céu em successo tam simples e ordinario. Vês aquella alampada que allí brilha!

—Conheço-a, retrucou Bastiano abafando um suspiro.

—Foi accessa deante da Virgem no dia em que nasceu minha irman, e ha desoito annos que arde sem cessar noite e dia. Foi uma promessa de minha mãe. Não sabes, nem podes imaginar, meu caro Bastiano, que de pensamentos dolorosos me recorda essa promessa. Minha mãe mantou que me approximasse de seu leito de morte, e contou-me uma história espantosa, um horrível mysterio, que peza sobre o meu peito como um manto de chumbo, e ainda que o confiasse de um amigo, não ficaria aliviado. Quando findou a sua penosa narração, pediu para ver e abraçar minha irman,

que havia apenas nascido, e depois quiz ella mesma com a mão tremula e já congelada pela morte accender a alampada. Recordá-te, estas foram suas ultimas palavras, recordá-te, Gabriel, que tua irman é consagrada á *Madona*. Em quanto brilhar esta luz deante da sancta effigie da Virgem tua irman não correrá risco algum. Podes agora comprehender porque de noite, quando atravessamos o golpho, sempre tenho os olhos fitos n'essa alampada. Tenho uma creança inabalavel que quando essa luz se apagar, a alma de minha irman voará para o céu.

—Pois bem! clamou Bastiano de um modo aspero, que trahia a emoção de seu coração, se preferes ficar irei sosinho.

—Adeus, disse Gabriel saltando a mão do companheiro sem tirar os olhos da saccada para onde se sentia attrahido por uma fascinação que não sabia explicar. Bastiano desapareceu, e o irmão de Nisida, ajudado pelas ondas, approximava-se cada vez mais da praia, quando repentinamente, deo um grito, que dominou o estrepito da procella.

A estrella fenecera: tinham apagado a alampada.

IV.

—Minha irman é morta, exclamou Gabriel, e arremessando-se ao mar, fendêo as ondas com a rapidez do raio.

A tempestade formava-se mais intensa; longos rastilhos de relampagos, rompendo o flanco das nuvens, inundavam tudo com sua cor arruivascada e intermittente. O pescador avistou uma escada juncto á fachada da caza, agarrou-a com mão convulsa, e em tres pulos estava dentro do quarto. Sentio o príncipe singular emoção ao entrar n'este casto e silencioso aposento. O sereno e meigo olhar da Virgem, que parecia proteger o repouso da moça que dormia, esse perfume d'innocencia que todo se diffundia em volta do leito virginal, essa alampada velando no meio das trevas como uma alma em oração, tinham apoderado o seductor de desconhecida perturbação. Irritado do que elle chamava fraqueza absurda, apagára a luz importuna, e caminhando para a cama dirigia a si mesmo mudas censuras, quando Gabriel accometteo-o com o ranger de dentes feroz como o de um tigre ferido.

Brancaleone, com um movimento rapido e audaz; que provava uma bravura e des-

treza pouco communs, forcejando por desvencillar-se dos braços de seu robusto adversario, tirou com a mão direita um longo punhal com folha fina e farpada. Gabriel sorrio-se com desdém, arrancou-lhe a arma, e no entrementes que se abaixava para quebral-a no joelho, deo uma furibunda cabeçada no príncipe, que presto cahio e foi rodar á tres passos d'elle sobre o lagado; depois, debruçando-se sobre sua pobre irman, contemplou-a ao clarão fugitivo d'um relampago com avidos olhos.

—Morta! repetio elle torcendo os braços com desespero, morta!

No medonho paroxysmo que lhe cerrava a garganta, não encontrava outras palavras para saciar a raiva ou comunicar a dor. Seus cabellos, ha pouco collados ás faces pela tempestade, eriçaram-se, elle teve frio no amago dos osses, e sentio que as lagrimas lhe cahiam de novo no coração. Foi um momento terrível; esqueceu-se de que ainda vivia o assassino.

Comtudo, o príncipe, que não deixára de mostrar presença d'espírito um só segundo, se levantára todo ensanguentado e pezado. Pallido e tremulo de colera, procurava de todos os lados uma arma para viogar-se. Gabriel voltou-se para elle mais taciturno e sinistro que nunca, e apertando-lhe o pescoço com mão de ferro, arrastou-o para o quarto onde dormia o aucião.

—Meu pae! meu pae! meu pae! bradou elle com voz despedaçadora, eis o cobarde que acaba d'assasinar a Nisida.

O velho, que apenas hebera algumas gottas da porção soporifera, foi despertado por esse grito, que lhe ecoou na alma; ergueo-se como impellido por uma mola, arremessou para longe de si as cobertas, e com uma promptidão d'acção que Deus dividio com as mães no momento de perigo, subio ao quarto de sua filha, achou luz, ajoelhou-se na borda do leito, começou a interrogar o pulso de sua filha e a espiar sua respiração com mortal anxiedade.

Tudo isto passou-se em menos tempo do que gastamos em referir-o. Brancaleone por um esforço inaudito, se desprendera das mãos do pescador; e cobrando subitamente sua alíveza de príncipe, disse com voz mui accentuada:

—Não me mateis sem primeiro ouvir-me.

Gabriel quiz acabrunhal-o de injurias offensivas, porem não podendo articular uma só palavra, desfez-se em lagrimas.

—Vossa irman não está morta, disse o príncipe com fria dignidade, apenas dorme. Vos mesmo podeis assegurar-vos. disse elle, e prometto debaixo de minha palavra d'honra que durante esse tempo não me arredarei daqui um só passo. Foram pronunciadas estas palavras com tal accento de veracidade, que o pescador ficou surpreendido. Um subito raio d'esperança illuminou repentinamente os seus pensamentos; lançou sobre o estrangeiro um olhar cheio de raiva e desconfiança, e murmurou em voz surda:

Não te lisonjeies, ao menos, de poder escapar-me.

Depois subio ao quarto de sua irman, e approximando-se do aucião, perguntou-lhe tremendo:

—Então! meu pae?

Salomão afastou-o docemente com a mão qual sollicita mãe, que desvia do berço do filho o bulício d'um insecto, e fazendo-lhe signal para que se callasse, ajunctou em som manso:

—Não está morta nem envenenada. Deram-lhe a beber algum philtro com máo desígnio. Sua respiração é regular, e cedo tornará a si do lethargo.

Gabriel, tranquillizado acerca da vida de Nisida, desceo silenciosamente para o quarto terreo em que deixára o seductor. Sua attitude era sombria e grave; d'esta vez não vinha elle dilacerar com as garras o matador de sua irman, mas esclarecer um mysterio de trahição e d'infamia, e vingar sua honra cobardemente attentada. Abrio de par a par a porta d'entrada, que dava claridade ao quarto, onde dormia com seu pae as raras noites que passava em caza. Tinha cessado de chover, um raio de lua rompendo as nuvens repentinamente penetrou no quarto. O pescador concertou seus vestidos molhados, saccudiu os cabellos, endireitou-se para o estrangeiro, que o esperava a pé queto, e depois de o olhar com arrogancia:

—Agora, lhe disse elle, ides me explicar a vossa presença em nossa caza.

—Confesso, disse o príncipe com desembaraço e insolente desgarro, que as apparencias são contra mim. O destino dos amantes é o de serem tractados por ladrões. Mas, ainda que me não conheças, sou o noivo da bella Nisida, com o assentimento de vosso pae, bem entendido. Tenho a desgraça de possuir paes mui duras, que me negaram cruelmente a sua approvação. O

amor enloquecêo-me, e ia commetter um erro, que os mancebos como vós devem desculpar. De mais, não foi senão uma tentativa de roubo, com as melhores intenções do mundo, juro-vos, e eis-me prestes a tudo reparar, se vos aprouverdes de me dar a mão, e chamar-me irmão.

—Apraz-me de te chamar covarde e traidor, redarguiu Gabriel, cujas faces s'inflamaram, quando ouviu tractar de sua irman com tam insolente inconsideração. Se d'esse modo é que nas cidades se vingam as affrontas, nós, os pescadores temos outro systema. Ah! te lisonjeastes d'accarretar para nossa caza a dissolução e a vergonha, de pagar infames sicarios, que vieram participar do pão d'um velho, afim d'envenenar sua filha, de te introduzires de noite como um saltador, armado de punhal, no quarto de minha irman e sahirdes quite para irdes espozar a mulher mais bella do reino!

O principe fez um movimento.

—Escuta, ajunctou Gabriel, podia te quebrar, como'inda a pouco quebrei o teu punhal; mas compadeço-me de ti. Bem vejo que nada sabes fazer com as mãos, nem defender-te, nem trabalhar. Começo a tudo comprehender: te jactastes, meu amo, usurpaste tua pobreza; vestistes esses velhos trajes, mas não és digno d'elles.

Lançou sobre o principe um olhar acabrunhador de desprezo, depois, aproximando-se d'um almario occulto na parede, tirou uma espingarda e um machado.

—Eis-aqui, todas as armas que temos em caza, escolhei.

Um raio de felicidade brilhou na fronte do principe, que até-lí devorara sua colera, apoderou-se avidamente da espingarda, recuou tres passos, e indircitando-se o melhor possivel:

—Melhor farias se me tivesses emprestado esta arma a mais tempo; porque ao menos poupar-me-ias o enojo d'assistir às tuas asna-ticas divagações e phreneticas convulsões.

Arremessou-lhe a sua bolsa, que veio pesadamente cair aos pés do pescador.

—Emprestei-vos essa espingarda para batterde-vos comigo, exclamou Gabriel, immovel d'espanto.

—Arreda-te, rapaz, tu estás louco, disse o principe dando um passo para a porta.

—Então, não queres defender-te? perguntou Gabriel em tom resolutivo.

—Já te disse, que não posso batter-me contigo.

—Porque?

—Porque assim Deus o quiz; porque tu nascestes para andar de rojo, e eu para espesinhar-te; porque todo o sangue que eu derramasse n'esta ilha, não resgataria uma só gotta do meu; porque mil vidas de mizaraveis como tu não valem uma só hora da minha; porque te ajoelharás deante do meu nome, que vou pronunciar; finalmente, porque és um pobre pescador e eu sou o principe de Brancateone.

Ao ouvir este nome, que o principe lhe lançou como para fulminar-o, o pescador saltou como um leão. Respirou largamente como se houvesse erguido um enorme peso, que ha muito lhe opprimia o coração.

—Ah! clamou elle, agora te entregastes a mim, mousenhor. Entre o pobre pescador e o poderoso principe existe uma divida de sangue. Pagarás por ti e por teu pae. Vamos ajustar as nossas contas, excellentissimo senhor, ajunctou elle levantando o machado sobre a cabeça do principe, que lhe apontava com a espingarda. Oh! fosteis mui apressado na escolha, a espingarda não está carregada.

O principe empallidecêo

—Ha entre nossas familias, continuou Gabriel, um mysterio horrivel, que minha mae confiou-me às bordas da sepultura, que meu proprio pae ignora, e que nenhum mortal no mundo ouvirá, excepto tu, porque vás morrer.

Arrastou-o para o pateo.

—Sabes tu porque minha irman, a quem querias deplorar, foi consagrada à *Matona*? Porque teu pae quiz como tu deplorar minha mãe. Ha uma tradição d'infamia em tua maldicta caza. Não sabes quantas torturas lentas e terriveis soffrêo minha mãe, e foram essas torturas que a quebrantaram e mataram ainda moça, e que essa alma angelica não ousou confiar senão de seu filho na hora suprema, e isso para que eu velasse sobre minha irman.

O pescador limpou uma lagryma ardente.

—Um dia, ainda não eramos nascidos, abordou à ilha uma senhora riccamente trajada, e desejou conhecer minha mãe, que era moça e bella, como hoje Nisida o é. Não se cansava d'admirar-a; accusou o cego destino de ter occulto esse bello diamante no seio d'uma obscura ilha, cumulou minha mãe d'elogios, de caricias e de presentes; e de-

pois de muitos rodeios, acabou pedindo-a a seus paes para tel-a em sua companhia. Essa honrada gente, entre-vendo na protecção de tam nobre dama um brilhante futuro para sua filha, tiveram a fraqueza de ceder. Essa dama era tua mãe; e sabes porque ella vinha buscar essa pobre rapariga innocente? Porque tua mãe tinha um amante, e porque queria por este infame meio assegurar-se da indulgencia do principe.

—Calla-te, miseravel.

—Oh! ouvir-me-heis até ao fim, excellentissimo senhor. Minha pobre mãe vio-se nos primeiros dias cercada dos mais ternos cuidados; a princeza não podia separar-se d'ella um só instante; as mais lisongeiras palavras, os mais bellos vestidos, os mais ricos ornamentos lhe eram dados; os creados respeitavam-na como se fosse filha de seus amos. Quando seus paes vieram-na visitar afim de saber se estava saudosa de os ter deixado, acharam-na tam bella e feliz, que abençoaram a princeza como um bom anjo que Deus lhe enviara. Então o principe tomou-lhe singular affeição e suas maneiras tornaram-se mais familiares e affaveis. Finalmente a princeza ausentou-se por alguns dias, sentido não poder levar consigo a sua cara filha, como ella chamava. Então a brutalidade do principe não conheceu limites; não disfarçou mais seus vergonhosos projectos de seducção; poz deante da pobre rapariga collares de perolas e cofres cheios de diamantes; passou da mais ardente paixão á colera mais ferrenha, das mais humildes supplicas ás mais horriveis ameaças. Encer-raram a desgraçada moça em uma adegá onde apenas entrava um fraco raio de luz, e todas as manhans vinha um medonho carcereiro lançar-lhe um pedaço de pão negro, e praguejando repetia-lhe, que estava em suas mãos o mudar d'essa posição, querendo ser amante do principe. Este supplicio durou dous annos. A princeza tinha ido viajar por muito tempo fóra do reino, e os pobres paes de minha mãe julgavam que sua filha continuava a ser feliz juncto de sua protectora. Quando voltou, tendo sem duvida novos erros para serem perdoados, censurou o desazo do principe; mandou tirar minha mãe da masmorra, fingio a mais viva indignação por estes horriveis tratos, que parecia ignorar, enchugou suas lagrimas, e para requinte da abominavel perfidia, recebeu os agradecimentos da victima que ia immolar.

Uma noite—estou a acabar, mousenhor

—a princeza quiz ceiar a sós com sua companheira; as fructas mais raras, os mais esquisitos manjares e delicadissimos vinhos foram servidos a minha pobre mãe, a quem longas privações tinham alterado a saude e enfraquecido a rasão; entregou-se ella a uma jovialidade doentia. Deitaram-lhe na comida philtros diabolicos, ajuia é mais uma tradição em vossa caza. Minha mãe sentia-se exaltada, seus olhos fulguravam com brilho febril, suas faces estavam em fogo. O principe entrou... Oh! ides ver, excellentissimo senhor, como Deus protege os pobres. . . . Minha mãe refugiou-se no seio da princeza como uma pouba espantada, e ella repellio-a sorrindo-se. A pobre rapariga fóra de si, tremula, debullhada em pranto, ajoelhou-se no meio d'esse infame quarto. Era dia de Sanct'-Anna; repentinamente treme a caza, as paredes rasgam-se, resoa na rua gritos de afflicção. Minha mãe saltou-se. Foi esse terremoto, que destruiu a metade de Napotes. Bem o sabeis, mousenhor, porque o vosso antigo palacio está deshabitado.

—Qual é o teu fim? bradou Brancateone na mais terrivel agitação.

—Oh! o meu fim é simplesmente persuadir-vos, que vos deveis batter comigo, redarguiu friamente o pescador atirando-lhe um cartucho de polvera; e agora, ajunctou elle com exaltação, orai, mousenhor; pois, preveno-vos que sereis morto por minha mãe: é necessario que justiça seja feita!

O principe examinou com toda a attenção a polvera e as ballas, e certo do bom estado da espingarda, carregou-a, e, apressado de terminar similhaute contenda, apontou-lha; porem, ou a perturbação que experimentara durante a narração de seu antagonista, ou porque a herva estivesse molhada pela tempestade, quando hia adiantar o pé esquerdo para melhor accertar a pontaria, resvalou e cahio de joelho. Errou o tiro.

—Não valêo, mousenhor, gritou logo Gabriel atirando-lhe outro cartucho.

Ao estampido da explosão, apparecêo Salomão na saccada, e comprehendendo o que se tractava, alçou as mãos ao céu, dirigindo a Deus muda e fervorosa oração. Elogio proferio uma horriveis blasphemia e tornou a carregar apressadamente a espingarda, mas, tocado da intrepidez d'esse mancebo que estava immovel e em pé deante d'elle; d'esse ancião sereno e impassivel que parecia con-

jurar a Deus, em nome de sua auctoridade paterna de se pronunciar pelo innocente, desconcertado por causa da queda, com os joelhos tremul-s, o braço deslocado, sentio correr-lhe nas veias os calafrios da morte: todavia, querendo dominar sua emoção, apontou segunda vez; sibilou a balla ao ouvido do pescador e foi entranhar-se no tronco d'um choupo.

O principe, com a energia do desespero, travou com ambas as mãos do cano da espingarda, mas Gabriel adiantava-se terrivel com o machado, e do primeiro golpe levou-lhe a coronha. Comtudo, ainda vacillou em matar um homem indefenso, quando se mostráram no extremo do caminho dous criados armados. Não os vio Gabriel vir; mas quando os dous trahidores liam no asir pelas espadoas, Salomão deo um grito, e correu para soccorrer seu filho.

—Soccorrei-me, Numa! soccorrei-me Barnaroux! dai morte a estes bandidos que me querem assassinar.

—Mentes, principe de Brancaléone, bradou Gabriel, e de uma só machadada fendêo-lhe o craneo.

Os dous *bravi*, que tinham vindo defender seu amo, vendo-o por terra fugiram; subiram Salomão e seu filho para o quarto de Nisida. Acabava a moça de afugantar seu grave somno, ligeiro suor alfojarava sua fronte, e ella abriu lentamente os olhos ao dia que vinha disportando.

—Porque assim me olhais, meu pae? disse ella com longes de desvario, passando a mão pela fronte.

O ancião abraçou-a com ternura.

—Acabas de passar por um grande perigo, minha pobre Nisida, disse-lhe, levanta-te e agradeçamos a *Madona*. Depois, todos os tres prostrados deante da sancta effigie da *Virgem*, principiaram a recitar a ladainha.

Porem logo arrojado d'armas retinio no pateo, a caza foi cercada por soldados, e um tenente de policia prendendo a Gabriel le disse em alta voz:

—Em nome da lei, prendo-vos, pelo assassinato que comettesteis na pessoa de sua excellencia illustrissima, monsenhor o principe de Brancaléone.

Nisida, ferida por estas palavras, ficou pallida e immovel como uma d'essas estatuas de marmore ajoelhada sobre os tumulos; Gabriel já estava prestes a resistir loucamente, quando foi detido por um gesto de seu pae.

—*Signor tenente*, disse o ancião dirigindo-se ao official, meu filho matou o principe em legitima defessa; porque este ultimo escalou e penetrou em nossa caza durante a noite co'as armas na mão. Tendes as provas deante dos olhos. Eis—allí uma esçada posta em nessa saccada, e aqui, ajunctou elle levantando dous pedaços de lamina quebrada, um punhal com as armas de Brancaléone. Demais, estamos promptos a seguir-vos.

As ullimas palavras do pescador foram cobertas pelos gritos de *fôra os esbirros! fôra a policia!*, que de todas as partes se repetiam. Toda a ilha estava em armas, e os pescadores queriam antes ser esposteja-dos até o ultimo do que consentir que se tocasse em um só cabello de Salomão ou de qualquer de seus filhos.

Mas o ancião mostrou-se na soleira da porta, e, estendendo o braço, com gesto sereno e grave, que fez cessar a colera do povo, disse:

—Obrigado, meus filhos, é necessario obedecer a lei. Saberei sósiinho defender perante os juizes a innocencia de meu filho.

(Concluir-se-ha.)

Antonio H. Leal.

O OUTOMNO.

MEDITAÇÃO DE LAMARTINE.

Salve! bosque de pallida folhagem!
Secas folhas esparsas pela relva!
Salve! dias extremos; da natura
A tristeza me apraz, me encanta os olhos.

Absorto sigo a via solitaria;
Quanto me é doce vêr, pela vez ultima
Esse pallido sol, cuja luz tenue
Do bosque a custo a escuridão penetra!

Sim, nos dias de outomno, a natureza,
Expirando tristonha mais me enleva:
É de um amigo o adeus, último riso
De labios que p'ra sempre vão cerrar-se.

Assim, quasi a deixar o céo da vida;
A esperança chorando de meus dias,
Luda me volto, e avido contemplo
Seus doces bens de que gusar não pude.

Ó terra, ó sol, ó valles, ó natura,
Já nas bordas da canpa inda vos choro!
Tam perfumado é o ar! a luz tam pura!
E aos plhos de quem morre o sol tam bello!

Sorver óra quisera até ás feses
Essa taça de fel e nectar cheia:
Nessa taça, talvez, bebendo a vida,
Melliflua gotta lá no fundo achasse.

Talvez me reservasse inda o futuro
Ditosos dias, de que a esperança é morta,
 Talvez no mundo uma alma, que eu ignoro
 Á minh'alma em harmonia respondesse!

Definha a flôr, e o ar de aromas peja;
É sua despedida ao sol e á vida;
É eu feneco, e minh'alma quando expira,
S'esvae qual sem de triste melodia!

Roberto A. Colin.

DESENVOLVIMENTO LITTERARIO.

—Parece maravilhoso, e digno por sem duvida de admirar-se, a maneira porque ha um anno se tem desenvolvido as letras e o amor da instrucção pelas diversas provincias do Imperio, á quem do Rio de Janeiro, que até então jaziam em um marasmo aniquilador. Alem de alguns jornaes politicos, que ás vezes ainda maior germen de destruição em si continham, nenhuma outra publicação produzia a imprensa, ainda nas mais adiantadas capitães do Imperio; até que desse letrago, em que o espirito publico parecia engolphado, o veio tirar o bom desejo de alguns mancebos emprehendedores e ousados, que superando as maiores difficuldades, saltando por cima de toda a sorte de embaraços — do egoismo, da inveja, do estúpido indifferentismo — se arrojaram a publicar alguns jornaes scientificos e litterarios. Tambem já era tempo; o Rio de Janeiro era que unicamente produzia jornaes deste genero; era pois mister que as outras provincias a acompanhassem neste ramo de publico melhoramento.

Foi na provincia do Maranhão onde se ensaiaram as primeiras tentativas dessa publicação, que tanto instrue e recreia as pessoas dadas a leitura. Pelo principio do anno proximo passado tiveram logar nesta cidade as primeiras sessões da Associação Litteraria Maranhense, que debil ao principio, e encontrando em seu caminho immensos estorvos, que era mister transpor, trabalhou com

affinco e constancia para progredir em seu inabalavel proposito; seus poucos membros, animados por uma constante vontade, e de um desejo invencivel de estimular alguns habeis espiritos a que os imitasse, e assim fizessem ao paiz um verdadeiro serviço, tudo venceram, e em 25 de Fevereiro do mesmo anno deram á luz o 1.º numero do *Jornal de Instrucção e Recreio*, que em Março ultimo, tomando nova forma, e adquirindo consideraveis melhoramentos, tomou o novo titulo de ARCHIVO. A semente era boa, e os esforços desses mancebos não foram baldos, ou infructuosos: já pelo tempo da publicação dos primeiros numeros do *Jornal de Instrucção e Recreio*, um outro periodico litterario appareceu nesta cidade com o titulo de *Almazem*, porem tivemos a magna de o ver perecer á nascença, á mingua talvez de constancia e paciencia.

Em seguida fundou-se a Sociedade Philomathica Maranhense, destinada para grandes cousas, e que muito promette á provincia. Instituiu cursos publicos de Physica, Chymica, Arithmetica e Geometria, a que ao principio affluia numeroso concurso, mas que se foram tornando cada vez menos frequentados, de sorte que já depois ninguem a elles assistia, e até que por ultimo fecharam-se por falta de espectadores. Por algum tempo existio depois sem que della respirasse o menor vestigio de vitalidade, isto

é, sem prelecções, nem jornal, até que finalmente em Outubro passado sahio á luz o primeiro numero do seu periodico, em que ha muito tempo se fallava, enriquecido de bons e uteis artigos sobre diversos ramos de sciencias, elaborados pelas habeis pennas de seus illustrados membros.

Á exemplo do Maranhão instalou-se na provincia da Bahia o Instituto Litterario, que em 2 de Agosto do anno passado publicou o primeiro numero do seu *Crepusculo*, periodico instructivo e moral, muito bem escripto, e de verdadeira utilidade para aquella provincia. Ahí se encontram optimos artigos em proza e em verso.

Seguiu-se a instituição em Pernambuco da Sociedade Phileidémica Olindense, composta pela maior parte dos mais habilitados estudantes da Academia de Sciencias Juridicas e Sociaes, publicando em Junho ultimo o primeiro numero do *Phileidemon*, jornal scientifico e litterario, em cuja redacção se denuncia essa mocidade estudiosa e applicada, que faz as esperanças da patria. Por espirito de emulação na mesma provincia instalou-se o Instituto Litterario Olindense que no mez de Setembro ultimo deo á luz o 1.º n.º do *Polymathico*, dignamente dirigido por alguns outros estudantes não menos habeis da mesma Academia.

Ultimamente tivemos noticia de que na provincia do Pará se inaugurara uma outra Sociedade Philomathica, e que até já publicára o seu jornal. Não o vimos ainda, mas estamos convencido de que será sem duvida um foco de civilização e derramamento de conhecimentos para aquella provincia, ainda tão atrazada n'essa parte, attenta a aptidão de seus membros, que nos consta serem pessoas de instrucção e de gosto.

Taes tem sido as diferentes sociedades que nesta provincia, em Pernambuco, Bahia e Pará, tem tentado espalhar a civilização moral, offerecendo ao espirito publico um novo genero de distracção, em que o cidadão dado á leitura pôde repouzar das diurnas tarefas, e entreter a imaginação com a instrucção e o recreio. Uma publicação hoje periodica, que não seja á respeito de politica, entendemos que e de grande utilidade para o paiz, porque achando-se os espiritos em tão subido grão de exaltação, que em nada mais curam, e nada mais saboreiam que essa mesquinha chicana particular, e individual que embota e entorpece o espirito, ainda o mais illustrado, uma taboa de salvação lhes offe-

rece nessa tempestade de questões particulares e despropositadas polemicas, uma outra sorte de leitura por ventura mais digna, e sem duvida mais interessante.

Se os nossos fracos cabedões não tem sido talvez sufficientes para bem desempenhar toda a extensão do nosso plano, e satisfazer a publica expectativa, ao menos resta-nos o praser e satisfação de termos despertado os amigos das letras a que, melhor e mais adestrados que nós, e mais bem compenetrados dos motivos que nos induziram a publicar um jornal litterario, surtissem em campo, e trabalhassem para propagação das letras no paiz. O que de certo foi o que mais que muito teve em vista, em sua installação, a Associação Litteraria Maranhense.

Concluiremos este pequeno artigo noticiando aos nossos leitores a proxima publicação de um Diario nesta cidade, elaborado por alguns dos nossos distinctos collegas, cujo programma ja tem sido publicado pela imprensa; fallamos do *Progresso*, jornal politico e litterario, que sahirá á luz todos os dias uteis nas semanas em que não houverem dias sanctos, formato grande, e nitidamente impresso. Conterá todo o genero de noticias, quer nacionaes, quer estrangeiras, e tudo quanto for relativo ás sciencias e á litteratura; ás profundas questões sociaes; e todas as descobertas scientificas e industriaes, e os interessantes movimentos commerciaes. Assim pois; o Maranhão que ha muito se resentia da necessidade de um periodico deste genero, vae ser convenientemente satisfeito, e estamos convencido de que bem dignamente. Já se tem obtido sufficiente numero de assignaturas, que podem fazer face ás grandes despesas, e assim o *Progresso* principiará a publicar-se pela maneira acima declarada, com a maxima regularidade possible, do 1.º de Janeiro vindouro em diante.

Em desenvolvimento moral, e a muitos outros respeitoes é o Maranhão uma das primeiras provincias do Imperio, revalidando por isso com as do Rio de Janeiro, Pernambuco e Bahia, onde mais de um diario se publica, e em que se dão com a maior celeridade noticias de mais interesse para todas as classes uteis da Sociedade. Ora faltava pois que o Maranhão as imitasse, e assim preenchesse essa lacuna que nelle existia. Com a publicação do *Progresso*, a nossa Provincia tomará nesta parte o lugar que lhe compete, apár de suas irmanas mais desenvolvidas e civilizadas, e

concorrerá por esta forma, com o seu pequeno contingente para engrandecimento e

futura prosperidade do Imperio de Sancta Cruz.

A. Frederico Colin.

ITAMIRIM E ZILIA.

BALLADA.

I.

De um arroio juncto á margem
Verdejante, delectosa,
Da mangueira á grata sombra,
Joven india mui formosa
Do seu terno, ausente, amante
Se recordava saudosa.

Para a caçada das feras
Em companhia partira
De seu pãe, de seus irmãos,
E volver'inda o não vira....
Como o ferro da saudade
Não ha mal que tanto fira!

Pensava nelle—saudosa!
Com casto amor virginal;
Dentro em breve sua esposa
Ser devia—divinal,
Momento esse, tam grato,
Doce laço conjugal.

A negra coma lustrosa
Da frente aos seios cahia,
Que, descobertos, thesouros
Mostrava de grão valia,
Um saio curto de plumas
Da cintura lhe pendia.

Tinha os olhos cõr da noite,
Os dentes d'alvo jasmim,
Risonha boca engraçada,
Vivos labios de carmim,
Cõr morena—como estatua
Já vetusta de marfim.

Qual palmeira quando as auras
Verdes leques balanceia
É seu corpo airoso e bello
Quando nos campos passeia,
É agil, qual corça, quando
Na carreira se recreia.

Pensava nelle—saudosa....
Um rumor no bosque ouvio;
Será elle?—logo brada;
Mas o rumor se esvaio,
E de novo a bella virgem
Na tristesa recahio.

Pensava nelle—saudosa,
Mas julgava-se sosinha
Uns olhares não notava,
Que da espessa selva vinha
Contemplan-lhe as lindas graças,
E essa tristesa que tinha.

Pensava nelle—saudosa....
Eis que do bosque correndo
Qual relampago um mancebo,
Que de ha muito a estava vendo,
Veio lançar-se nos seus braços,
Resistencia lhe vencendo.

Cobre-lhe as faces de beijos;
Entre seus braços valentes
Os seios lhe aperta ousado,
Que de medo estão trementes,
Todas as graças devassa,
Que traz a virgem patentes.

•Meu amor, não, não me fuja,
Ai de mim!—tem compaixão
De quem te adora, cruel,
Que te deo seu coração;
Não lhe pagues seus affectos
Com tão dura ingratição. •

D'est'arte ousado fallava
O mancebo seductor,
Por tal sorte desejando
Vencer da virgem o pudor,
E dentro em breve obrigar-a
A compensar seu ardor,

—Foge, insensato, atrevido,
Não me venhas ultrajar;
Tenho amante valoroso
Que me pôde inda vingar;
Foge, corre, longe vòa,
Se a vida queres salvar—

•Longe de mim tal fraquesa!
Acaso pensas, ó Zília,
Que o índio temo selvagem...
Itamirim... Não, não temo
Ente tão bruto e vil,
Mas só por ti é que gemo. •

•Meus soldados'stão postados
Perto de mim nesta mata;
Nada temo—sò receio
Teu desdem, que me maltrata,
Essas lagrimas, que choras,
Teu desprezo, bella ingrata. •

•Apenas te vi um dia
Entre os teus n'uma caçada,
Amor senti devorar-me,
Bella Zília idolatrada,
E de render-te homenagem
Minh'alma ardia anciada. •

•Meu amor, não, não me fujas,
Ai de mim! tem compaixão
De quem te adora, e rendido
Já te deo seu coração:
Seus affectos não lhe pagues
Com tão dura ingratição. •

—Vae-te, europeu insolente
Não me venhas ultrajar,
Queres o amor por tal modo
D'uma indiana ganhar;
Foge, atrevido, insensato,
Ah! Foge deste lugar. —

—Tens alvas virgens da Europa,
A quem rendas teu amor,
Que te presem, que t'estimem
Teu affecto, e o teu valor;
Deixa a filha do deserto,
A quem só causas horror. —

—Foge, atrevido insolente,
Não me venhas ultrajar;
Tenho amante valoroso

Que me pôde inda vingar;
Foge, corre, longe vòa
Se a vida queres salvar.

E a virgem que do mancebo
Desprender-se pretendia,
E do mancebo o calor,
Que mais e mais se accendia;
Lucta foi renhida e forte
Entre o pudor e a ousadia....

Uma flecha velozmente,
Pelos ares sibilando,
Cravar-se no tronco veio
Da mangueira, atemorando
O europeu, que a indiana
Dos braços soltou—gritando:

•Soldados, depressa, vinde
Os tapuyas repellir....
E eis que um índio agigantado
Longe vê para elle vir,
Alçada maça na mão,
Nos labios fero bramir.

Pucha da espada o mancebo;
Seus soldados o accudiram,
Mas outros índios feroces
Da mata também surgiram;
Entre elles sangrenta lide,
Dura peleja feriram.

Selvagens gritos dos índios,
D'arma os tiros estrondosos,
Pelos valles, pelos bosques,
Pelos montes alterosos,
Produzem fero rimbombo,
Rudes echos espantosos....

Um grito de dôr se escuta....
Zília cáe desanimada;
Derribou-a fera balla,
Linda flôr—desventurada....
Quem te o peito assim ferio
Joven índia desgraçada?

Mal a fronte sobre a terra
Desmaiada ella inclinou.
Itamirim nos seus braços
Fôra do campo a levou,

Impune, máo grado, ainda
Seu rival abandonou.

II.

N'uma rede mortuaria
Jasia Zília expirando,
Com gritos em torno as índias
Sua morte lamentando;
O pae de um lado a gemer,
E d'outro o amante chorando.

O venerando cacique,
Itajurú, se carpia;
De sua querida Zília
Sentido se despedia;
A essa filha tam presada
O extremo adeus dizia:

•Adeus, Zília; ja das sombras
O lar buscas pressurosa?!...
De teu pae te acorda sempre
N'essa mansão venturosa....
Nos sonhos noticias dá-me
Da vida que lá se gosa. •

Um suspiro solta a virgem
Debil, fraco, vaporoso:
"Adeus, meu pae... meu amante...
Oh! triste instante horroroso!
Que de sandades não levo
Para a patria do repouso!

Qual phanal, que se evapora,
Ultimo sopro exhalou....
Co'a dôr o peito sentido
Do amante s'espedaçou,
E do velho pae querido
A mente se allucinou.

E do furor concentrado
Desabafando a intensão,
O triste pae, sem ventura,
Solta dura imprecação,
Que das entranhas sahia
Do maguado coração:

•Mal haja a raça infame
De oppressores,
Que em nosso fertil sólo
São senhores. •

•Um dia caro a affronta
Pagarão,

E tarde então seus crimes
Chorarão. •

•Té seus filhos verdugos
Lhes serão,
E asylo em parte alguma
Não terão. •

•Raiar lá vejo ao longe
Com fulgor,
Da patria liberdade
Sancto amor; •

•E esses vis foragidos
Morrerão,
E cahirá sobre elles
Maldição. •

•E haverá de seus craneos
Altos montes,
E de seu sangue impuro
Largas fontes. •

•Mal haja a raça infame
De oppressores,
Que em nossa fertil terra
São senhores. •

Tal anathema terrível
O cacique fulminou;
Seus accentos formidaveis
Pelas florestas soou,
E os montes, rios, e valles
De terror tudo abalou.

Itamirim, o infelice,
Nem sequer fallar podia,
De furor assoberbado
Nem uma phrase dizia;
Qual de dôr e desespero
Bronzea estatua parecia.

Derepente do torpor
Furioso se tirando,
Das armas trava terriveis,
E a espessura penetrando,
Tinha os olhos côr de fogo,
Como os d'um tigre brilhando—

III.

Algun tempo depois um cadaver
Juncto a um rio varado se achou
Per certa taquára indiana,
Que n'um tronco espaçoso o cravou.

Pelas vestes sangrentas que o vento
Pelo solo lhe em torno espargio
Ser o cabo europeu seductor
Geralmente se então presumio.

Já corruptos seus membros disformes
De alimento p'ra os corvos servia;
Dir-se-hia que o ceo ao malvado
Gastigar d'est'arte aprasia.

Esse sitio de sangue, deserto
Corre fama que então se tornara;
O selvagem taes bosques deixando
Pelos vastos sertões se internára.

Quando á noite a palmeira rangia,
Quando um ramo por outro roçava,
Ser do cabo o phantasma se cria,
Que no bosque gemendo vagava.

A. Frederico Colin.

VELLEDA.

(Episodio dos "Martyres" de M. de Chateaubriand)

.....
..... O castello donde eu governava a Gallia, situado a algumas milhas distante do mar, era uma antiga fortaleza augmentada por Julio Cesar, quando fez a guerra aos Venetos e aos Curiositas. Era edificado sobre uma rocha, eucostado a um bosque, e banhado por um lago.

Ahi separado do resto do mundo vivi muitos mezes na solidão. Este retiro me foi util; desci á minha consciencia; sondei as ehagas que ainda não tinha ouzado tocar depois que deixei Zacharias; occupi-me do estudo de minha religião. Todos os dias ia perdendo essa amarga inquietação que me produzira o trato dos homens; e já contava com uma victoria, para a qual eram mister forças superiores ás minhas. Minha alma ainda se achava assaz enfraquecida pela minha primeira falta e criminosos habitos, e encontrava mesmo nas antigas duvidas de meu espirito, e fraquesa de sentimentos, um certo encanto que me prendia: minhas paixões eram como mulheres seductoras que com seus carinhos me enlevavam.

Um acontecimento veio então interromper as pesquisas, cujo resultado devia ser para mim de grande importancia.

Os soldados advertiram-me de que, havia alguns dias, uma mulher, ao cahir da noite, sahia dos bosques, entrava sosinha em uma barca, atravessava o lago, saltava na margem opposta e desaparecia.

Eu não ignorava que os Gallos confiam ás mulheres os mais importantes segredos, e que muitas vezes sujeitam a um conselho de

suas filhas, e esposas, negocios que não podem regular entre si. Os habitantes da Armorica conservavam seus costumes primitivos, e com impaciencia supportavam o jugo romano. Valentes até a temeridade, como todos os Gallos, distinguam-se por uma franquesa de character, que lhes é particular, pelos odios e amores violentos, e por uma obstinação de sentimentos que nada pode fazer mudar ou vencer.

Uma circumstancia particular poder-me-hia tranquillisar: na Armorica havia muitos Christãos, e os Christãos são vassallos fieis; porem Claro, pastor da igreja dos Rhedons, homem cheio de virtudes, estava então em Condivincum e só elle me podia dar as luzes que me faltavam. O menor descuido poder-me-hia perder juncto de Deocleciano, e comprometter Constancio, meu protector. Entendi por tanto que não devia desprezar o aviso dos soldados; mas como conhecia a rudeza desses homens, tomei sobre meus hombros o cuidado de observar essa mulher.

Pela volta da tarde, enverguei minhas armas, que cobri de um saio, e secretamente sahindo do castello, fui collocar-me sobre a margem do lago, no sitio que me indicaram os soldados.

Occulto por entre os rochedos esperei algum tempo sem de nada me aperceber. De repente meus ouvidos foram feridos pelos sons que do meio do lago me trouxera o vento. Attento escutei, e distingui os accents de uma voz humana; ao mesmo tempo descobri um barquinho suspenso ao cume de uma vaga; descia, desaparecia entre duas

ondas, depois mostrava-se outra vez sobre um plauo elevado; aproximou-se da margem. Uma mulher o dirigia; cantava luctando com a tempestade, e parecia brincar com os ventos: dir-se-hia que estavam sob seu dominio, tanto parecia que ella os arrostava. Eu a via successivamente, em sacrificio ao lago, lançar-lhe peças de pano, lan de ovelhas, cera, e pedaços de oiro e de prata.

Abicou á margem, saltou em terra, e depois de prender seu batel ao tronco d'um salgueiro, internou-se pelos bosques apoiando-se a um ramo de cheupo, que tinha na mão. Passou juncto de mim sem ver-me. Sua estatura era alta; uma tunica negra, curta e sem ornamento, servia apenas de véo a sua nudez. Trazia uma foice de oiro suspensa a um cinto de bronze, e tinha a cabeça coroada de um ramo de carvalho. A alvura de seus braços e de sua tez, seus olhos azues, seus labios cor de rosa, seus compridos cabellos loiros, que esparsos lhe fluctuavam ao sabor dos ventos, denunciavam uma filha das Gallias, e contrastavam pela sua doçura com o seu ademan altivo e selvatico. Cantava em melodiosa voz terríveis palavras, e seu seio denudado arfava como a espuma das ondas.

Acompanhei-a por algum tempo. Atravessou ao principio um saio, cujas arvores, velhas como o tempo, estavam quasi todas tostadas em seus erguidos cumes. Andámos depois por mais de uma hora sobre uma charneca coberta de musgo e feto. No cabo desta charneca encontramos um bosque, em cujo centro havia um esteval de muitas milhas de circumferencia. O solo nunca tinha áhl sido revolvido, e nelle de proposito haviam espalhado pedras, para que se tornasse inaccessible á enxada e á charrua. Na extremidade dessa arena descobria-se um desses rochedos isolados a que os Gallos chamão *Dolmin*, e que servem para designar o tumulo de algum guerreiro. Algum dia o lavrador, no meio de seus sulcos, contemplará essas informes pyramides, e espantado da grandesa do monumento, attribuirá talvez á potencias inviziveis e funestas o que só será o testimunho da força e rudesza de seus avós.

Era noite cerrada. A joven parou não longe da pedra, bateo tres vezes as palmas, pronunciando tres vezes estas mysteriosas palavras:

"Ao visgo do anno novo!"

No mesmo instante vi na profundesa do bosque brilhar mil luzes; cada carvalho pro-

duzio, por assim dizer, um Gallo; os barbaros sahiram em chusma de seus retiros, uns estavam completamente armados; outros traziam na mão direita um ramo de carvalho, e na esquérda um facho. Pude, graças ao meu disfarce, confundir-me com elles: ao primeiro tumulto da multidão, succedeeo em breve a ordem e o socego, e começaram uma solenne procissão.

Os Eubages marchavam á frente conduzindo dous touros brancos, que deviam servir de victimas; seguiam-se os Bardos cantando sobre uma especie de viola os louvores de Teutates; apos estes seguiam-se os discipulos; vinham acompanhados de um rei d'armas vestido de branco, coberto de um chapeo em cujo vertice haviam duas azas, tendo em uma das mãos um ramo de verbena, em que duas serpentes se enroscavam. Tres Senanis, representando tres Druidas, seguiam logo depois do rei d'armas; um levava um pão, outro um vaso cheio d'agua, e o terceiro uma mão de marfim. Finalmente a Druida (então reconheci sua profissão) vinha por ultimo. Occupava o lugar da Archidruida, de quem era descendente.

Chegaram-se ao carvalho de trinta annos, em que descobriram o sagrado visgo. Firmaram juncto da arvore um altar de relva. Os Senanis ahi queimaram um pouco de pão, e derramaram algumas gotas de um vinho puro. Em seguida um Eubage vestido de branco subio ao carvalho, e cortou o visgo sacro com a foice de oiro da Druida, e um véo branco estendido juncto da arvore recebeu a planta sagrada, os Eubages feriram as victimas, e o visgo dividido em iguaes porções, foi distribuido pela assemblea.

Concluida esta cerimonia voltaram para juncto da pedra do tumulo, plantaram uma espada nua para indicar o centro de Mal-lus ou do concelho; juncto do Dolmin haviam duas outras pedras que sustentavam uma terceira deitada horisontalmente. A Druida subio a essa tribuna. Os Gallos em pé e armados a rodeiavam, em quanto os Senanis e os Eubages levantavam os fachos: os espiritos estavam secretamente exaltados com esta scena que lhes recordava a antiga liberdade. Alguns guerreiros encanecidos deixavam cahir abundantes lagrimas, que em seus escudos resultavam. Todos inclinados para diante e apoiados em suas lanças pareciam preparados para attentamente escutarem as palavras da Druida.

Por muito tempo divagou com a vista sobre esses guerreiros representantes de um povo, que foi o primeiro a dizer aos homens: "Maldição aos vencidos!" Impias palavras, que actualmente lhes cahiam sobre as cabeças! Lia-se sobre o semblante da Druida a emoção que lhe causava esse exemplo das vicissitudes da fortuna. Sahindo finalmente de suas reflexões pronunciou o seguinte discurso:

"Fieis filhos de Teutates, vós, que no meio da escravidão de vossa patria, haveis conservado a religião e as leis de vossos paes, não vos posso ver aqui sem derramar lagrimas. Sois vós o resto dessa soberba nação que dava leis ao mundo? Que é feito desses Estados florescentes da Gallia, desse Concelho de Mulheres, a que se submetteo o grande Annibal? Onde estão esses Druidas que em seus sagrados collegios educavam numerosa mocidade? Proscriptos pelos tyrannos, apenas alguns delles vivem desconhecidos nas cavernas selvagens. Velleda, uma fraca Druida, eis tudo o que resta hoje para consumir vossos sacrificios. O ilha de Sayne, ilha veneravel e sagrada! só eu resto de nove virgens que funcionavam no vosso santuario! Em breve Teutates não terá mais nem sacerdotes nem altares. Mas para que havemos nós perder a esperança? Tenho de annunciar-vos os soccorros de um poderoso alliado; tireis vós necessidade para correr ás armas que vos eu trace o quadro de vossos sohrimentos? Escravos ao nascer, e quando tendes passado a primeira quadra da existencia roubam-vos os Romanos. O que tornaes-vos depois? Não sei. Apenas chegados á idade viril, arremecam-vos ás fronteiras, afim de defender vossos tyrannos, ou rasgar os sulcos para os alimentarem. Condemnados a trabalhos os mais grosseiros, abateis vossas florestas, á custa de inauditas fadigas abris estradas que levam a escravidão até o coração do vosso paiz: a Escravidão, a Oppressão e a Morte correm por esses caminhos, apenas praticados, dando gritos d'alegria. Finalmente se acontece sobreviver a tantos ultrages conduzem-vos a Roma: e então ahi, em um amphitheatro, obrigam-vos a matar-vos mutuamente, para com a vossa agonia divertir uma população feroz. Filhos das Gallias, ha um modo mais digno de vizitardes Roma! Recordai-vos que o vosso nome quer dizer *riador*. Apresentai-vos incontinenti no Capitulio, como esses terriveis viajores vossos avós

e antecessores. Buscam-vos para o amphitheatro de Tito? Parti! Obedecei aos illustres espectadores que vos aguardam. Ide ensinar aos Romanos, porem de uma maneira diversa que não derramando vosso sangue em suas festas; ja tem por muito tempo apprendido a lição, fazei-os praticar-a. O que vos proponho não é impossivel. As tribus dos Francos, que se tinham estabelecido na Hespanha, voltam agora para seu paiz; sua armada está á vista de nossas praias; elles só aguardam um signal para nos vir soccorrer. Mas se o ceo não cordar nossos esforços, se a fortuna dos Cesares tem ainda de triumphar, iremos com os Francos procurar um angulo do mundo, em que nossa escravidão seja desconhecida. Ainda quando os povos estranhos nos recusem uma patria, não nos faltará terra para nella viver ou morrer."

Não vos posso pintar, senhores, o effeito deste discurso pronunciado ao claro dos fochos, sobre urzes, juncto de um tumulto, avista do sangue de touros agonisantes, que mixturavam seus ultimos mugidos ao sibilar da tempestade: taes nos representam esses terriveis congressos dos Espiritos das trevas, que os magicos convocam nos logares selvagens. Escandecidas as imaginações não deixaram a menor auctoridade ao raciocinio. Resolveram, sem deliberar, reunir-se aos Francos. Tres vezes um guerreiro quiz expôr um parecer contrario, tres vezes o obrigaram ao silencio, e pela terceira vez o rei d'armas lhe cortou um pedaço do manto.

Isto não passava de preludio de uma scena espantosa. A multidão pedio em altos gritos o sacrificio de uma victima humana, afim de melhor conhecer-se a vontade do ceo. Os Druidas outr'ora reservavam para esses sacrificios algum malfcitor já condemnado pelas leis. A Druida foi obrigada a declarar, que em falta de uma victima designada, a religião pedia um velho como holocausto mais agradável a Teutates.

Trouxeram então uma bacia de ferro sobre a qual devia Velleda degolar o velho. Puzeram n'a em terra diante della. Ainda não havia descido da funebre tribuna, donde fallára ao povo; porem estava assentada sobre um triangulo de bronze, com os vestidos em desalinho, tendo na mão um punhal, e a seus pés um brandão acceso. Não sei como teria acabado semelhante scena; eu teria talvez succumbido ao feroz dos Barbaros que-

rendo interromper tal sacrificio; o ceo porem na sua bondade ou na sua colera poz termo ás minhas perplexidades. Os astros declinavam para o poento. Os Gallos temeram de ser sorprendidos pela luz. Resolveram-se de esperar, para efferecer a hostia abominavel, que Diz, páe das sombras, trouxesse para o ceo uma outra noite. A turba dispersou-se pelas devezas; os fochos extinguiram-se; apenas algumas tochas agitas pelo vento espalhavam seu funebre reflexo pela intensidade do bosque, e ouvia-se o coro longiuquo dos Bardos que retirando-se cantavam estas tetricas e lugubres palavras:

"Teutates quer sangue; elle fallou juncto ao carvalho dos Druidas. O sagrado visgo foi cortado pela foice de ouro, ao sexto dia da lua, ao primeiro dia do seculo. Teutates quer sangue; elle fallou juncto ao carvalho dos Druidas!"

Apressei-me em voltar para o castello. Convoquei as diversas tribus das Gallias. Apenas se ellas reuniram juncto da fortaleza, declarei-lhes que estava sciente do seu sidicioso congresso, e das conspirações que contra Cesar tramavam.

Os Barbaros ficaram tranzidos de espanto. Cercados de soldados romanos, julgaram tocar o ultimo momento. Derepente ouviram-se gemidos, e uma chusma de mulheres se arremecia ante o congresso. Eram christans, e em seus braços traziam seus filhos novamente baptizados. Prostraram-se aos meus joelhos, e apresentando-me seus tenros filhinhos, pediram perdão para seus esposos e para seus irmãos, supplicando-me, em nome dessa pacifica progenie, que fosse caridoso e clemente.

Ah! como poderia eu resistir a seus rogos? Como esqueceria a caridade de Zacharias? Levantei essas mulheres, dizendo-lhes:

"Minhas irmans, concedo-vos o perdão que pedis, em nome de Jezus Christo, nosso commum senhor. Responder-me-heis por vossos esposos, e tranquillo ficarei se prometterdes que serão fieis a Cesar."

Os Armoricos romperam em gritos de alegria, e exaltaram até ao céo uma clemencia que bem pouco me custava. Antes de os despedir obriguei-os a prometter-me a abjuração dos horrosos sacrificios, que pelo mesmo Tiberio e Claudio tinham sido prescriptos. Exigi entretanto que me entregassem a Druida Velleda e seu páe Segenax primeiro magistrado dos Rhodons. Na tarde desse mesmo dia trouxeram-me os dous re-

fens; dei-lhes o castello por asylo. Fiz sahir uma armada que foi ter com a dos Francos, e os forçou a desamparar as costas da Armorica. Tudo entrou em ordem, e só para mim é que teve esta áventura bem funestas consequencias, que passo a mairar.

(Continuar-se-ha.)

A. F. C.

COSTUMES CORSEGOS.

(Conclusão.)

O auctor de um escripto sobre os costumes *Corsegos*, publicado em 1798, G. Feydel, narra o seguinte: Dous homens sobre uma praça publica tiveram certa pendencia; um lançava em rosto ao outro de ainda não ter vingado a morte de seu irmão. Os municipaes testemunhas do caso conduziram á prisão, não o que fazia a arguição, porem o que a soffria. Taes são os costumes sobre o ponto de honra. Quanto ao sentimento da justiça, eis aqui as terriveis palavras do camponez Franchi, por occasião do julgamento do filho de Bonaldi, juiz de paz, que o ferira com um tiro de pistola: "Os jurados o absolveram, eu porem o condemno." Este facto citado por M. Valery, nos faz voltar ao nosso viajante, que já havíamos quasi esquecido, e com quem agora nos ajunctaremos para não mais o deixar; parece-nos isso importante para bem exprimir o principal traço da physionomia corsega; porque por falta dessa explicação é que muitos erros commettem algumas vezes para com esse povo, os quaes justo é que ractifiquemos.

Não nos podemos dispensar de recordar ainda o seguinte facto, narrado por M. Valery, e que com uma nova testemunha corrobora o testemunho que apresentamos de M. Realier-Dumas. M. Desclaux, presidente da camara da Bastia, se havia perdido na caça pelos arredores daquelle cidade; adiantado e escuro ia o dia, quando foi encontrado por um homem armado até os dentes, de espessa barba e semblante sinistro, entretanto era-lhe ferozmente perguntar pelo seu caminho. Este homem fallava facilmente o francez, e mostrou-se penhorado de guiar M. Desclaux. Chegado avista de Bastia: "Eis aqui vosso caminho, lhe disse elle, porem permiti-me de não acompanhar-vos até mais adiante; talvez que commigo não usséis da mesma generosidade que usei para convosco; eu sou F. . . ."

bandido que fizestes condemnar á morte. Como porem M. Desclaux parecesse embaraçado: «Nada tenho com vosco, perseguição seu guia, vós fizestes vosso dever; e minha vingança só é para as falsas testemunhas que me fizeram condemnar.» E mostrando a carabina: «Ficai certo que elles m'o pagarão.» A estas palavras o bandido retirou-se desapparecendo em um makis.

Sabemos que a palavra *bandido* não tem na Corsega, a mesma significação que entre nós: conservaram o primitivo sentido da palavra italiana *bandido* (banido, proscripto); isto é um contumaz a quem a justiça persegue, e que passa uma vida selvagem. M. Valery em seu capitulo 30 faz uma descripção muito pictoresca de um desses homens, com quem teve uma conversação assaz instruída á respeito do conhecimento dos costumes do paiz.

Um facto ha bastantemente conhecido, que attesta a extrema firmeza de que não é raro achar exemplos entre os Corsegos; é o desse Viterbi que condemnado á morte, passou desoito dias sem comer, redigindo o jornal dos sentimentos physicos, e de seu gradual enfraquecimento.

M. Valery nos dá noticia de uma carta de Viterbi á sua mulher, escripta na vespera de sua morte. Nesta carta, extremamente curiosa, Viterbi faz todas as necessarias recommendações para seus funeraes; estabelece

a ordem; nomeia as pessoas que a elles devem assistir; e lhes designa o logar que devem occupar; quer que cada um de seus parentes e mais intimos amigos, lançando um punhado de terra sobre seu feretro, diga em altas vozes: *Giuro di non dimenticarmi mai della maniera con cui è morto il mio parente et il mio amico Lucantonio Viterbi.* Ordena a sua mulher que faça pronunciar a suas filhas um juramento de odio contra seus perseguidores, e reuna todos os annos a familia no cemiterio, no dia anniversario de sua morte, a fim de perpetuar a memoria do infame proceder de seus inimigos. Conclue por esta phrase: «Pensai muitas vezes em vosso bom marido; incuti em vossas filhas sentimentos de honra e de modestia; união entre si, e estreita intuição entre os verdadeiros e fieis parentes; lealdade e franqueza para com os amigos; paz para com os indifferentes; affeição para com todos; compaixão e sensibilidade para com os infelizes; odio de morte aos inimigos.» Esta energia de sentimento, essas palavras ardentes, essa força moral em um homem cujo coração ia cessando de bater, cuja vida se extinguia á mingua de alimentos, offerecem um notavel exemplo do quanto póde o vigor do caracter; M. Valery bem fez em conservar disto um authentico testemunho.

* * *

BIOGRAPHIA.

MR. AGOSTINHO THIERRY. (1)

Vivia n'este tempo um economista celebre, ainda ignorado, do qual tentaram depois fazer um Deus. A audacia de suas concepções seduzio ao joven Thierry a ponto de abandonar a universidade, e dedicar-se com todo o seu ardor ao estudo dos problemas sociaes mais elevados, reunindo-se a Saint-Simon na qualidade de secretario e discipulo. Cumprê porem dizer que entãõ não se tractava entre o mestre e o discipulo de estabelecer o que quer que fosse semelhante a uma nova religião; pois este capricho não veio a Saint-Simon senão muito posteriormen-

te, se é que não foi um capricho posthumo, que benevolmente lhe attribuiram seus successores. Como quer que fosse, ainda que circumscripto a questões puramente sociaes, industriaes e politicas, esta coadjuvação de Mr. Thierry aos trabalhos de um homem, cujo merito como economista e philosopho é incontestavel, de curta duração foi; porque tudo quanto de ordinario se encerra de mysterioso e despotico na cabeça de um sectario qualquer, não podia deixar de contrariar muitas vezes a um espirito essencialmente dotado de singeleza, precisão, e independência;

(1) continuado de pag—148.

d'aqui veio que o discipulo em muitas occasiões se mostrasse rebelde, e sentindo-se cada vez mais propenso a uma ordem de estudos mais positivos, veio a effectuar-se a separação em 1817, associando-se entãõ Mr. Thierry á redacção do *Censeur européen*. de M. M. Comte e Dunoyer, publicação liberal a mais grave e elevada da epocha.

A moderna eschola historica jazia ainda sepultada em o nada, e reinavam soberanamente Veilly, Garnier, Millot, e Anquetil. A physionomia geral da nossa historia, sobre-tudo dos oito primeiros seculos, achava-se extraordinariamente desfigurada: n'esta arida e discarnada nomenclatura de factos e gestos reaes, o Sycambro Chlodowig apparecia de mangitos e cabelleira á moda de Luiz XIV, os *leudes* de Carlos-Magno assimilavam-se aos freguezes de l'*Oeil-de-boeuf*, Fredegunda trazia *fontanges*, e Hermingarda aquinhas. Todos tinhamos em mente, como diz de Chateaubriand, o typo de uma monarchia grave, sempre o mesmo, marchando em quadrado com as suas tres ordens, e um parlamento togado. Os nossos historiadores não sabiam d'isto, quando Mr. Thierry, condusido accidentalmente a prescruitar na historia do passado, recursos para alientar a polemica quotidiana, foi o primeiro que descêo a arena: moço, fogoso, sem consciencia de sua vocação e do seu destino começou essa grande luta, que mais tarde devia produzir novas doutrinas e novos principios.

Em seu ardor de mancebo, e em seu entusiasmo de plebeo, Mr. Agostinho Thierry começou por transpor as raias da verdade, exagerando-se até ao paradoxo. Assim devia ser; pois que a aristocracia atacada e disimada por Luiz XI, açaimada e vencida por Richelieu e Luiz XIV, deshonrada por Luiz XV, decapitada pela Convenção, e a final atrellada por Napoleão, tentava levantar-se com a restauração; e talvez o tivesse conseguido até certo ponto, se não fosse tam mal servida, e se tivesse sido menos compromettida pela mór parte dos que se constituiram seus orgãos. Quem ouvisse aos seus publicistas, persuadir-se-hia que ella queria passar a esponja sobre quatro seculos de decadencia progressiva; pois já não se limitava a combatter, se não que pretendia negar os factos consumados. Fraca e perdida como estava em a grande unidade social, que brotou da revolução de 89, em vez de collocar-se n'ella francamente, e tra-

ctar de adquirir força, e duração por meio de uma renovação propria, a nada menos tentava do que a anniquilar o passado, e confiar a historia. No meio do seculo XIX levantaram-se voses eloquentes para dizer em face á França regenerada—*Raça de libertos, raça de escravos escapados de nossas mãos, povo tributario, povo recente; outorgou-se-vos licença para serdes livres, mas não para serdes nobres: para nós tudo é direito, para vós tudo é favor.* (2)—*Pretenções d'esta ordem, apoiadas inteiramente no velho direito de conquista, conduziriam naturalmente ao terreno da historia um plebeo ufano de sua origem, e disposto a oppôr orgulho contra orgulho. Um seculo antes, quando o conde de Boulainvilliers pretendêo edificar um systema historico, deduzindo falsas consequencias da distincção entre vencedores e vencidos da Gallia, facto já extincto; levantou-se um homem da classe dos burguezes, o padre Dubos, para combatter um erro com outro erro: em resposta a um livro que abusava do facto da conquista, escreveu outro livro (3) muito erudito para provar que tal conquista nunca existio, e que apenas houve alliança entre duas raças; que só quinhentos annos depois, no seculo X, foi que uma casta dominadora se interpoz entre o rei e o povo, em consequencia do desmembramento da soberania, e da mudança dos cargos publicos em senhorias; e que foi sómente o feudalismo, e não a invasão dos frankos quem escravizou a Gallia.*

Reproduzindo Mr. de Montlosier as doutrinas aristocraticas de Mr. Boulainvilliers encontrou-se para logo com um antagonista muito mais difficil do que o padre Dubos. Longe de negar o pacto da conquista Mr. Thierry o acceitou com ufania para reivindicar os direitos do povo conquistador; nem elle se limitou a restabelecer a iniquidade do facto primitivo, e de suas consequencias fataes, senão que preoccupou-se a ponto de vel-o atravessando quatorze seculos, sempre e por toda a parte subsistente, e de apresental-o como origem não só dos males passados, como das difficuldades presentes. Tomando ao serio as proposições de Mr. de Montlosier, acceitando a sua divisão imagi-

(2) Da—*Monarchie Française* por Mr. de Montlosier.

(3) *Histoire critique de l'établissement de la monarchie française dans les Gaules.*

maria dos Francezes de 1815 em Gallos e Franços, combattendo a ameaça com a ameaça, o paradoxo com o paradoxo, tambem elle exclamou—"Nós julgavamos formarmos uma só nação, e achamo-nos formando duas nações, e no mesmo territorio, duas nações inimigas em as suas recordações, irreconciliaveis em suas pretensões. O genio da conquista tem zombado da natureza e do tempo, e ainda paira sobre esta desditosa terra: elle tem contribuido para que as distincções do sangue fossem substituidas pelas distincções das castas, as das castas pelas das ordens, e as das ordens pelas dos titulos. (4)" Conduzido assim para fora da verdade pelas

necessidades da polemica, Mr. Thierry combattia em vão; e vendo-se empenhado em achar a razão, e a solução de todas as cousas de França no facto permanente da conquista, emprehendo rastreal-o fora de França, e combattel-o em toda a parte. Começou por esboçar no *Censeur Europeen* um quadro das revoluções de Inglaterra desde a invasão normanda até a morte de Carlos I, e não se contentando já de transformar os puritanos e cavalleiros em Saxões e Normandos, estendêo o seu principio mimoso de conquista e escravidão de raças até ao reinado de Carlos II.

(Concluir-se-ha.)

VARIÉDADES.

—A rainha de Hespanha deo ultimamente um magnifico sarão em sua casa de recreio d'El Casino; a illuminação dos jardins e do parque semelhavam a um quadro das *Mil e uma noites*; orquestras occultas por entre bosques de laranjeiras e de jasmineiros enchiam o ar de sons melodiosos. Porem a cousa mais deliciosa, que para os hospedes de S. M. houve, foi um passeio sobre o lago em gondolas venezianas, ao fulgor de innumeraveis balões, illuminados por cores variadas, e que matizavam o lago de luminosos festões. Em quanto as gondolas surcavam por sobre o espelho das aguas, dous coros de marinheiros, uns trajando á hespanhola, outros ao uso dos gondoleiros venezianos, cantavam alternadamente estrophes hespanholas e italianas, de uma suavidade e belleza inexprimiveis. Essa tam deliciosa musica havia sido composta por M. Valdemoso, mestre de musica da rainha Isabel.

—Morreo em Londres, deixando imensos thesouros, Dwarknuth Tayore, o celebre nadab indio, que era ultimamente o leão d's salões parisienses.

—Morreo o principe Luiz Bonaparte (o conde de Saint-Leu) em 26 de julho em Liorne tendo 68 annos de idade.

—O vice-rei do Egypto foi magnificamente recebido em Constantinopla. Consta que voltava para seus estados em 20 de agosto ultimo, Mehemet Ali, que se achava em Pariz.

—Celebrou-se em Florença, nos primeiros dias do mez de Junho o casamento do Conde Alexandre Colona Walski com a senhora Maria de Ricci, neta por parte de mãe de Machiavel, e sobrinha do ultimo rei da Polonia. Seu avô, o principe Stanislaô Poniatowski, sobrinho do rei, depois da terceira divisão da Polonia veio estabelecer-se ao principio em Roma, e afinal em Florença. Toda a alta sociedade de Florença assistio á cerimonia nupcial, que teve logar na capella do Palacio Poniatowski.

—As cousas insuportaveis. Diz Salomão que ha no mundo tres cousas insociaveis, e uma que ainda não disse—basta. Um jornal inglez, provavelmente para imitar a estylo do rei judeo, diz que ha no mundo oito cousas insuportaveis, e uma que absolutamente não é possível

soffrer. As oito cousas insuportaveis são as seguintes: criado ladrão, casa fumosa, bolsa vazia, mulher que remunga, homem que falla sempre, criança que chora, cavallo que se pega, navalha de barba que não corta. Aquella que absolutamente não é possível soffrer, é um assignante que recebe regularmente a sua folha, e que por fim de contas não paga.

—CHARADA.—

D'um animal, d'um vento, ou d'uma planta
Para endicar um attributo ou parte
De mim se uza. (1)
Tambem se la dos ramos
Ave mimosa gemebunda chóra
Do ninho a perda, ou do amante a auzencia;
Costumam ternos vates maviosos
Ao meu pranto egualar o terno pranto
Da triste moça, a quem no intimo d'alma
Encravou-se o punhal d'agra saudade—(2)

Se pois uma ave meiga em mim descobres:
Se do animal, da planta ou rijo vento
A acção designo; quer no chão me firme,
Quer na terra me entranhe, ou força exprima
Do suberbo tufão por esses ares
Varrendo tudo... tambem d'ornato sirvo
A feminil vaidade, e o ser herdando
De fraco tenue arbusto, em mar nascido
Lá nas terras d'Aurora, tambem posso
Dizer, qual Venus, que do mar sou filha.

(4) *Censeur Europeen* du 22 avril—180.

INDICE.

Nisida... (Cantar concluido).....	Pag. 169
O outono. Meditação de Lamartine (Poesia).....	170
Desenvolvimento litterario.....	177
Itamirim e Zilia. Ballada (Poesia).....	179
Velleda.....	182
Costumes Corsegos.....	185
Biographia. Mr. Agostinho Thierry.....	186
Variédaes.....	188

Por inconvenientes da Typographia não pôde o n.º 9 sahir no devida tempo, pelo que esperamos desculpa dos nossos assignantes:



AVISOS.

Carlos

A publicação do *Archivo* será mensal: sahirá á luz no ultimo dia de cada mez, constando de vinte a vinte quatro paginas de impressão cada numero; comprehenderá duas secções, uma de Litteratura, e outra de Sciencias, ficando a pequena parte, com o titulo de Variedades, reservada para a publicação de noticias, que possam interessar a todas as classes da Sociedade.

A Associação Litteraria Maranhense oferece as columnas do *Archivo* ás pessoas que nellas quiserem imprimir alguma obra respeitando á instrucção, moral, e recreio, sendo approvada pela Commissão Revisora.

Subscreve-se para este jornal, nesta Cidade, em casa do Editor, Travessa do Sineiro n.º 4; e em casa dos membros correspondentes, em A'cantara Thomaz Ferreira Guterres; em Caxias, João Pedro dos Santos; em Cururupú, Padre Manuel Altino Barbosa, e Antonio Joze de Carvalho Pires Lima; no Mearip, Tenente-Coronel Manuel Lourenço Bezéa; no Codó, Raymundo Joze de Souza Gayoso; no Itapueuri-mirim, Padre Camillo de Lellis Henriques Pacova; em Pernambuco (Olinda) Joze Joaquim Ferreira Valle; na Bahia, Dr. Pedro Joze d'Almeida; no Pará, Joaquim Correia de Magalhães, e André Curcino Benjamin; em Bragança na mesma Proviucia, Padre Manuel Joze da Matta; e no Piahy (Poty) Capitão Alexandre d'Araujo Costa.

PREÇO.

Por anno, 12 numeros—4\$000 } pagos na recepção do 1.º n.º do semestre.
 Por semestre, 6 dictos 2\$400 }
 Para o interior, e fora da Proviucia 5\$000 por anno.

REVISTA ACADEMICA.

Subscreve-se para a REVISTA ACADEMICA, jornal litterario e scientifico, publicado na Columbia, no escriptorio do Dr. Alexandre Theophilo de Carvalho Leal, rua de Sanct'Anna. Consta de 24 numeros por anno, contendo cada numero deseseis paginas em 4.º—Preço d'assignatura 3\$000 reis annuaes.—

O CREPUSCULO.

Subscreve-se para O CREPUSCULO, periodico instructivo e moral do Instituto Litterario da Bahia, publicado duas vezes por mez, em casa do Membro correspondente d'aquelle Instituto, nesta cidade, Augusto Frederico Colin, Travessa do Sineiro n.º 1. Publica-se no dia 10 e 25 de cada mez, constando cada numero de 16 a 20 paginas, formato pouco mais ou menos como o do *Archivo*, e já publicado. Preço d'assignatura 3\$000 reis por semestre.

O PHILEIDEMON.

Na mesma casa subscreve-se para O PHILEIDEMON, periodico scientifico e litterario, publicado pelos Academicos de Olinda, uma vez por mez, em 4.º tendo principiado em Junho ultimo. Preço d'assignatura 2\$500 reis por semestre.